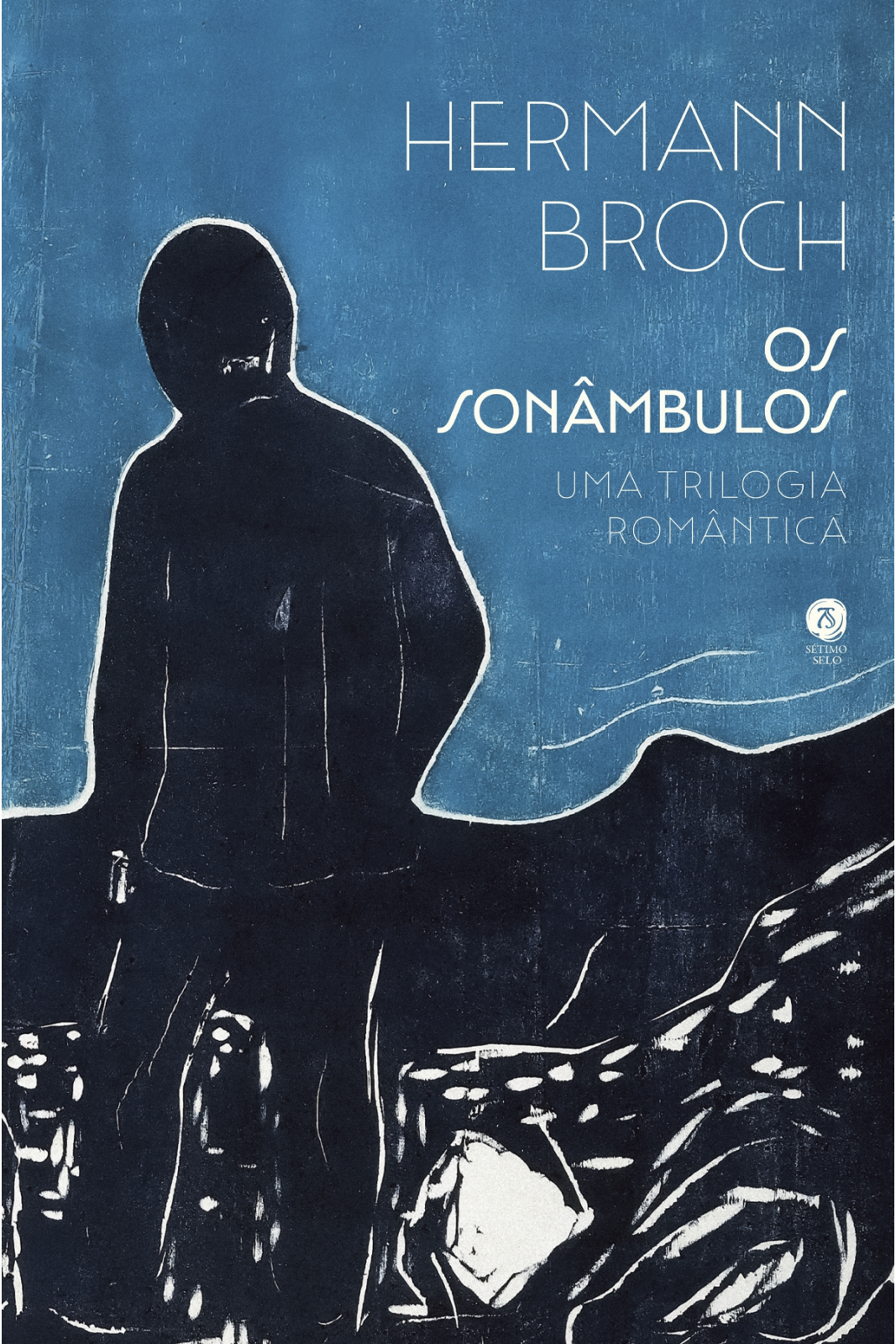




HERMANN BROCH

OS SONÂMBULOS

UMA TRILOGIA
ROMÂNTICA



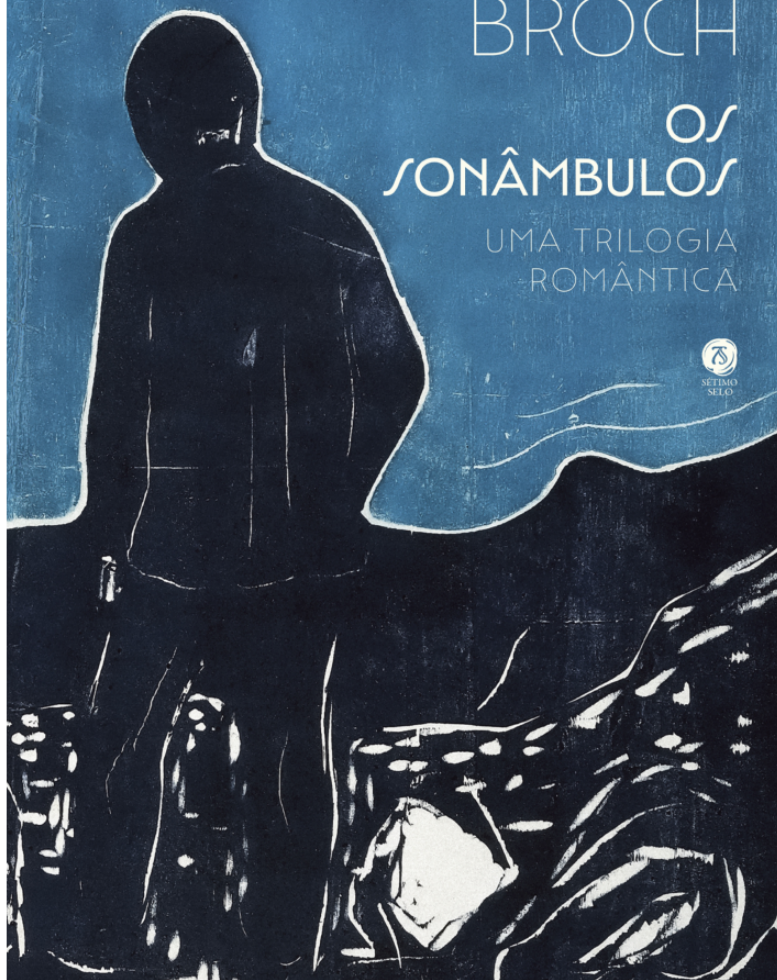
VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

HERMANN
BROCH

OS
SONÂMBULOS

UMA TRILOGIA
ROMÂNTICA



HERMANN
BROCH

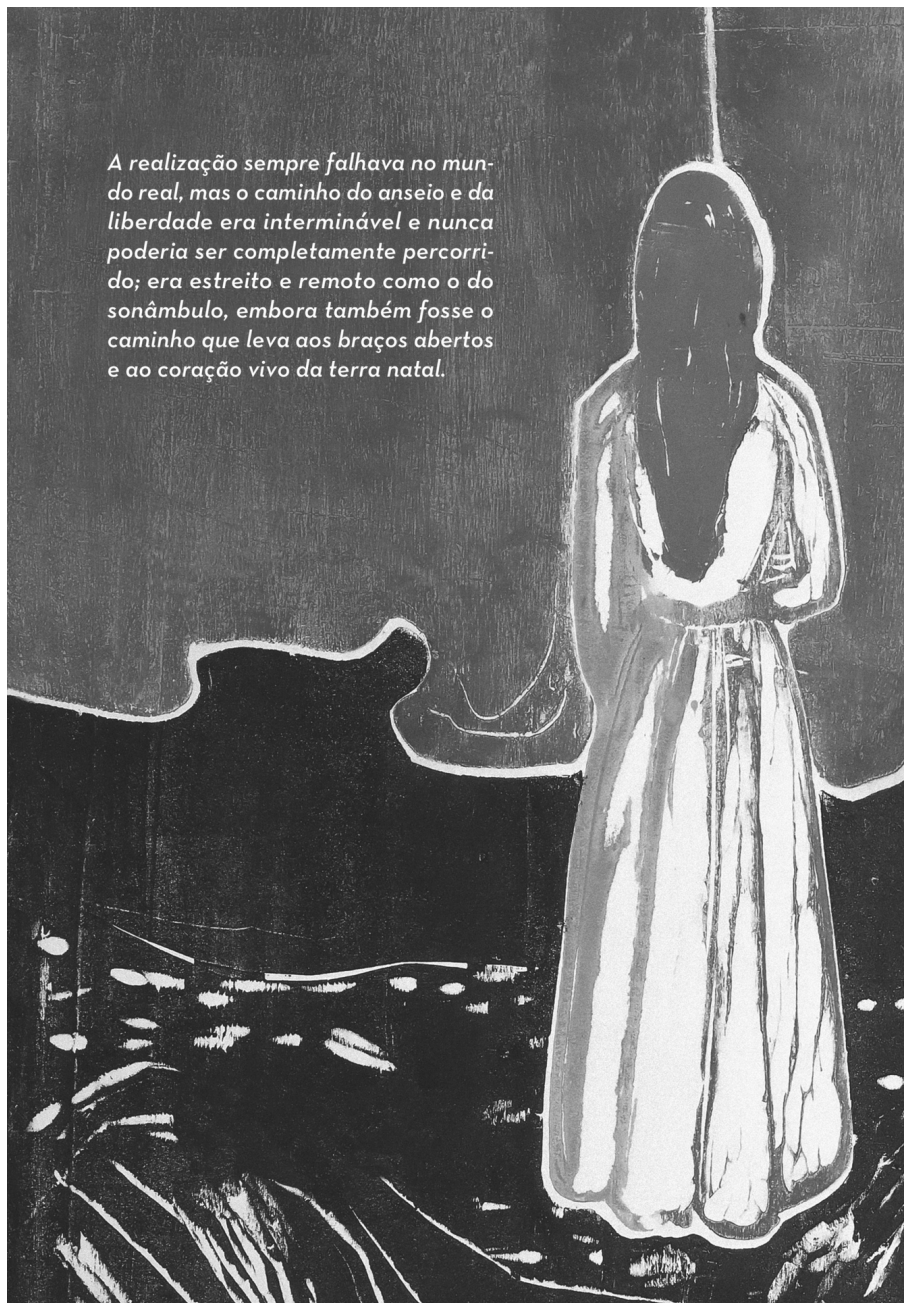
Os
SONÂMBULOS

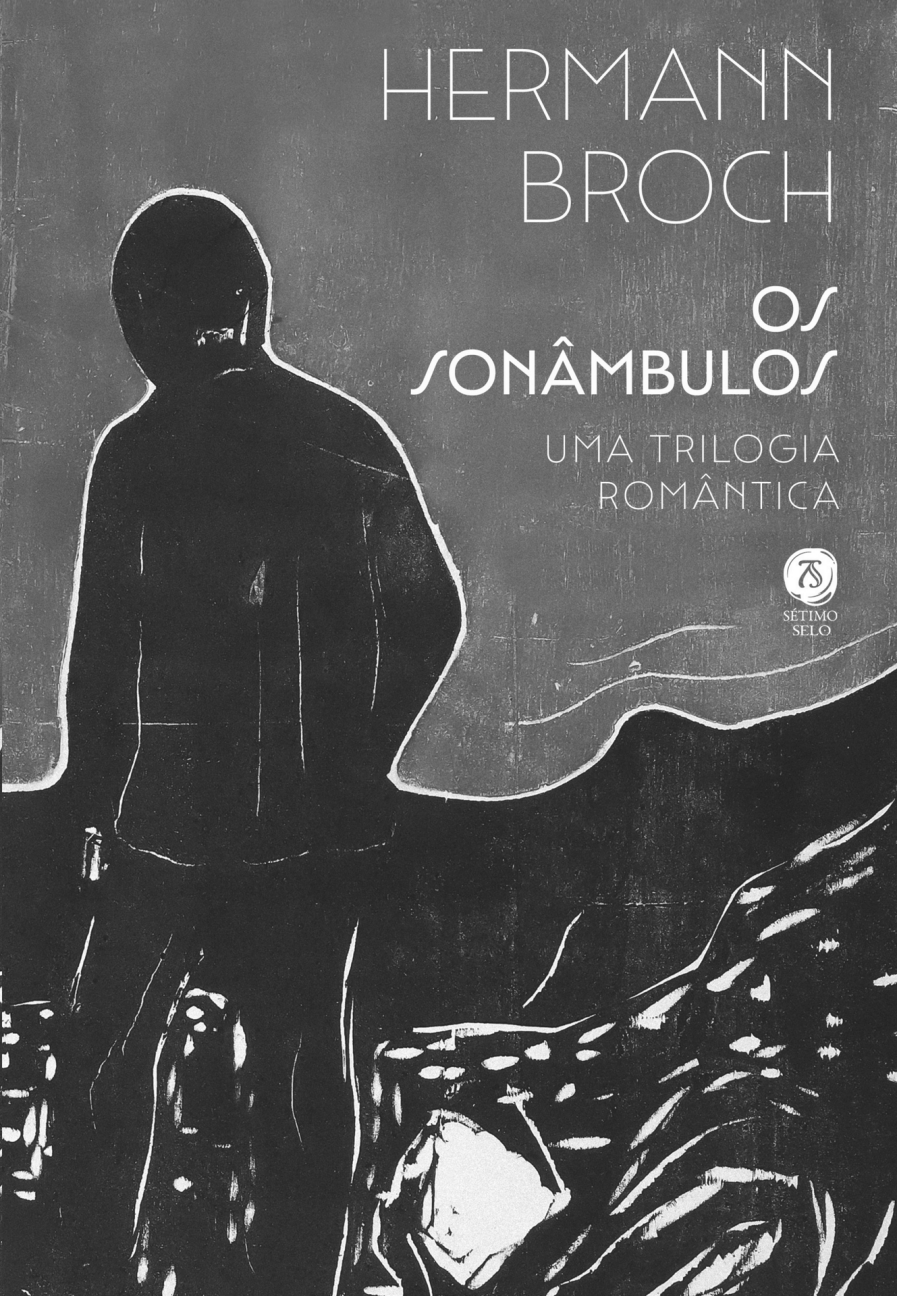
UMA TRILOGIA
ROMÂNTICA

TRADUÇÃO DE
WAGNER SCHADECK



A realização sempre falhava no mundo real, mas o caminho do anseio e da liberdade era interminável e nunca poderia ser completamente percorrido; era estreito e remoto como o do sonâmbulo, embora também fosse o caminho que leva aos braços abertos e ao coração vivo da terra natal.





HERMANN
BROCH

OS
SONÂMBULOS

UMA TRILOGIA
ROMÂNTICA



Os sonâmbulos : Uma trilogia romântica
Hermann Broch
1ª edição — agosto de 2024 — CEDET
Título original: *Die Schlafwandler* (1930 –2).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Av. Comendador Aladino Selmi, 4630 Condomínio GR Campinas 2,
módulo 8
CEP: 13069-096 — Vila San Martin, Campinas/SP
Telefone: (19) 3249-0580
E-mail: livros@cedet.com.br

*CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of
this book*

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

EDITOR:

Ulisses Trevisan Palhavan

TRADUÇÃO:

Wagner Schadeck

REVISÃO:

Leandro Costa

Nelson Carvalho Neto

PREPARAÇÃO DE TEXTO:

Mariana Souto Figueiredo

DIAGRAMAÇÃO:

Virgínia Morais

CAPA:

Nelson Provazi

LEITURA DE PROVA:

Flávia Regina Theodoro

Telma Regina Matheus

Tomaz Lemos Amaral

CONSELHO EDITORIAL:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

QUADRO DA CAPA:

Duas pessoas: os solitários (1899), de Edvard Munch (1863–1944)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Broch, Hermann (1886–1951).

Os sonâmbulos : Uma trilogia romântica/ Hermann Broch; tradução de
Wagner Schadeck — 1ª ed. — Campinas, SP: Editora Sétimo Selo,
2024.

Título original: *Die Schlafwandler*

ISBN: 978-65-5227-000-9

1. Literatura alemã 2. Romance

I. Título II. Autor

CDD 830/ 833

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura alemã — 830

2. Romance — 833



SÉTIMO
SELO

www.editorasetimoselo.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer
reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela
eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio
de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Sumário

- Cronologia de Hermann Broch
- Parte I - Pasenow ou O romantismo (1888)
 - I
 - II
 - III
 - IV
- Parte II - Esch ou A anarquia (1903)
 - I
 - II
 - III
 - IV
- Parte III - Huguenau ou O realismo (1918)
 - I
 - II
 - III
 - IV
 - V
 - VI
 - VII
 - VIII
 - IX
 - X
 - XI - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (1)
 - XII - A decadência dos valores (1)
 - XIII
 - XIV
 - XV
 - XVI - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (2)
 - XVII
 - XVIII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (3)
 - XIX
 - XX - A decadência dos valores (2)
 - XXI
 - XXII
 - XXIII
 - XXIV - A decadência dos valores (3)

- ☐ XXV
- ☐ XXVI
- ☐ XXVII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (4)
- ☐ XXVIII
- ☐ XXIX
- ☐ XXX
- ☐ XXXI - A decadência dos valores (4)
- ☐ XXXII
- ☐ XXXIII - Artigo principal no Correio do Eleitorado de Trier de 1º de junho de 1918
- ☐ XXXIV - A decadência dos valores (5)
- ☐ XXXV
- ☐ XXXVI
- ☐ XXXVII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (5)
- ☐ XXXVIII
- ☐ XXXIX
- ☐ XL
- ☐ XLI - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (6)
- ☐ XLII
- ☐ XLIII
- ☐ XLIV - A decadência dos valores (6)
- ☐ XLV
- ☐ XLVI
- ☐ XLVII
- ☐ XLVIII
- ☐ XLIX - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (7)
- ☐ L
- ☐ LI
- ☐ LII
- ☐ LIII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (8)
- ☐ LIV
- ☐ LV - A decadência dos valores (7)
- ☐ LVI
- ☐ LVII
- ☐ LVIII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (9)
- ☐ LIX - Simpósio ou conversa sobre a redenção
- ☐ LX

- LXI
- LXII - A decadência dos valores (8)
- LXIII
- LXIV
- LXV
- LXVI - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (11)
- LXVII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (12)
- LXVIII
- LXIX
- LXX
- LXXI
- LXXII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (13)
- LXXIII - A decadência dos valores (9)
- LXXIV
- LXXV
- LXXVI
- LXXVII - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (14)
- LXXVIII
- LXXIX
- LXXX
- LXXXI
- LXXXII
- LXXXIII - A história da garota do Exército de Salvação de Berlim (15)
- LXXXIV
- LXXXV
- LXXXVI - A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (16)
- LXXXVII
- LXXXVIII - A decadência dos valores (10)
- Apêndice - Comentários de Hermann Broch
 - O romance Os sonâmbulos
 - Problemática, conteúdo, método de Os sonâmbulos
 - Construção ética em Os sonâmbulos
 - Sobre os fundamentos do romance Os sonâmbulos
 - A decadência dos valores e Os sonâmbulos
 - Notas de fim

Cronologia de Hermann Broch

1886. Nasce a 1º de novembro, em Viena, numa família de judeus austríacos, atuantes no ramo da indústria têxtil. Filho de Josef Broch (1852–1933), “rígido, materialista, irritável, violento e anti-intelectual”, e Johanna Schnabel Broch (1863–1942), “nevrótica e ríspida”, e irmão de Friedrich Broch (1889–1967). Na sua *Autobiografia psíquica*, descreve a própria infância como a de uma criança solitária desprovida de afeto e impregnada de uma culpabilidade que o haveria de marcar para o resto da vida.

1897–1904. Estuda no Ginásio Real.

1904–1906. Entra na Universidade de Viena para estudar engenharia têxtil, desejo da família, mas matricula-se também em cursos de filosofia, matemática e física.

1909. Formado em engenharia, trabalha como assistente de direção da fábrica de tecidos em Teesdorf. Em julho, converte-se ao catolicismo. Casa-se com Franziska von Rothermann (1884–1974), filha de um fabricante de açúcar.

1910. Dedicar ao arquiteto Adolf Loos (1870–1933) um estudo sobre estética, obra esta que seria publicada após sua morte. Nasce seu primeiro e único filho, Hermann Friedrich Broch de Rothermann (1910–1994).

1913. Primeiras publicações na revista *Der Brenner* de Innsbrück.

1914. Começa a dirigir a fábrica de tecidos e um hospital da Cruz Vermelha a título de serviço militar. Frequenta os meios literários de Viena e conhece Robert Musil (1880–1942), Franz Blei (1871–1942) e Ea von Allessch (1875–1953), a famosa “Rainha do Café Central”, que seria sua amante por cerca de dez anos. A partir de contatos do meio intelectual, escreverá em diversas revistas de cultura.

1919. Começa a escrever para a revista *Moderne Welt*, em parte pelo contínuo incentivo de Ea von Allessch. Escreve também para as revistas *Die Aktion* e *Summa*.

1921. Conhece o crítico György Lukács (1885–1971), o sociólogo Karl Mannheim (1893–1947) e o roteirista Béla Balász (1884–1949). Escreve para revistas prestigiadas como *Die Moderne Welt*, *Der Friede*, *Der Neue Tag*, *Die Neue Rundschau*, *Die Rettung* e *Prager Presse*, entre outras.

1922. Escreve resenhas e críticas de livros consagradas à revolução na dialética hegeliana e ao pensamento de Marx e Engels.

1923. Em abril, divorcia-se de Franziska.

1925. Estuda matemática e filosofia (positivismo lógico) na Universidade de Viena. Mais tarde, romperia com o neopositivista Círculo de Viena (Moritz Schlick, Rudolf Carnap, Otto Neurath, Wirtinger e Hans Hahn). Trava amizade com o linguista Karl Bühler (1879–1963) e frequenta alguns salões intelectuais vienenses, como os de Genia Schwarzwald, Bertha Zuckerkandl e Alma Mahler-Werfel. É por volta desse período que, desapontado com a relutância de seus professores em considerar questões metafísicas, abandona seus estudos por sentir a necessidade de se voltar para a literatura e para a possibilidade de exprimir ideias com que a filosofia e as ciências não podem ocupar-se com plena legitimidade.

1927. Após trabalhar por muitos anos na empresa familiar, vende a fábrica de Teesdorf e começa a escrever a trilogia *Os sonâmbulos*.

1930. Publica pela Rhein-Verlag *Pasenow ou O romantismo: 1888*, primeira parte de *Os sonâmbulos*.

1931. Publica pela Rhein-Verlag *Esch ou A anarquia: 1903*, segunda parte de seu romance *Os sonâmbulos*.

1932. Profere a conferência “James Joyce e a atualidade”. Editado pela Rhein-Verlag, publica *Huguenau ou O Realismo: 1918*, terceira parte de *Os sonâmbulos*. Escreve vários artigos críticos para a *Die Literarische Welt*.

1933. Publica a novela *A grandeza desconhecida* [Die unbekannte Größe] pela Rhein-Verlag.

1934. Escreve uma parábola antinazista. Em Zurique, é representada *A expiação* [Die Entsöhnung], peça trágica que descreve os conflitos sociais no período da República de Weimar. Continua a escrever artigos de crítica literária.

1936. Instala-se em Mösern, no Tirol, para escrever *O sortilégio* [Die Versauberung] e traduzir poemas de James Joyce e T. S. Eliot para a língua alemã. Escreve uma nova versão do seu ensaio sobre Joyce e um ensaio sobre Robert Musil. Nunca terminaria *O sortilégio*, publicado incompleto em 1976.

1937. Redige a primeira versão de *A morte de Virgílio*. Conhece a pintora Anne-Marie Maier-Graefe (1905–1994).

1938. Após o *Anschluss*, é preso no dia 13 de maio pela Gestapo em Altaussee. Com a intervenção de James Joyce e Stephen Hudson, é libertado após cinco semanas e parte para a Inglaterra. Com a ajuda de Thomas Mann e Albert Einstein, chega no dia 9 de outubro aos Estados Unidos, onde é acolhido pela Universidade de Princeton, que o abrigaria até a morte.

1939. Encontra Jean Starr Untermeyer (1886–1970), que se tornaria a sua tradutora para o inglês.

1940. Com bolsa da Fundação Guggenheim, termina *A morte de*

Virgílio. Ajuda a organização do príncipe Hubertus zu Loewenstein (1906–1984) a recolher refugiados de língua alemã.

1941. Renova suas relações com Anne-Marie, que se tornaria, mais tarde, a sua segunda esposa.

1942. Johanna Broch, que ficara aos cuidados de Ea, morre no campo de concentração de Theresienstadt. Recebe uma bolsa acordada pela Fundação Rockefeller, que lhe permite prosseguir os seus estudos sobre as manifestações de loucura coletiva.

1944. Torna-se cidadão americano.

1945. É editada pela primeira vez *A morte de Virgílio* pela Pantheon Books em inglês, com tradução de Jean Sparr Untermeyer, que trabalhou cinco anos na tradução. É feita igual tiragem em alemão.

1947. Sai a primeira edição europeia de *A morte de Virgílio* em alemão, editada em Zurique pela Rhein-Verlag. Começa a enfrentar uma série de problemas de saúde.

1949. Casa-se com Anne-Marie Maier-Graefe.

1950. Publica *Os inocentes* [Die Schuldlosen]. Dá cursos de literatura alemã na Universidade de Yale, e o PEN Club austríaco propõe a sua candidatura para o prêmio Nobel.

1951. Em abril, tenta retomar *O sortilégio*. Morre na véspera de uma viagem planejada à Europa, vítima de um ataque cardíaco a 30 de maio, em New Haven, Connecticut, nos Estados Unidos. É enterrado em Killingworth, Connecticut, no cemitério Roast Meat Hill Road.

Para Anja Herzog

PARTE I

Pasenow ou O romantismo

(1888)

I

Em 1888, o Senhor Von Pasenow estava com setenta anos, e havia gente que, quando o via caminhar pelas ruas de Berlim, experimentava uma estranha, inexplicável antipatia, chegando até a afirmar na sua antipatia que não passava de um velhaco senil. De baixa estatura, mas de medidas proporcionais, nem um grisalho raquítico e muito menos um indivíduo pançudo; aparentava ser bem proporcional, e a cartola que costumava pôr durante sua passagem pela cidade não lhe parecia em nada ridícula. Ostentava bigodes ao estilo do Imperador Guilherme I, embora mais curtos, sem que houvesse nas bochechas qualquer indício das brancas costeletas que conferiam ao soberano um aspecto bonachão; sua fronte capilar, um pouco encalvecida, mal exibia tufos brancos; apesar de seus setenta anos, conservara o louro de sua juventude, aquele louro rúbido que recorda palha apodrecida e que, em verdade, não parecia nada adequado a um homem idoso, a quem se preferiria atribuir cabelos mais veneráveis. O Senhor Von Pasenow, porém, acostumara-se com a cor de seu cabelo, e de maneira alguma o monóculo lhe parecia juvenil demais. Quando se olhava ao espelho, reconhecia o semblante que encarava há cinquenta anos. E embora o Senhor Von Pasenow não estivesse descontente consigo mesmo, a aparência de um velhote daqueles proporcionava incômodo a certa gente, que mal conseguia imaginar como houvera uma mulher capaz de contemplá-lo com os olhos cobiçosos e abraçá-lo com desejo, consentindo que, no rol de seus bens, ele não possuísse mais do que criadas polonesas, das quais só pudera se aproximar com aquela agressividade um pouco histérica e, no entanto, dominadora, tão comum em homens baixinhos. De qualquer maneira, certa ou não, era essa a opinião de seus dois filhos; opinião da qual se percebia que ele não compartilhava. Além disso, a opinião dos filhos costumava ser bastante subjetiva, e seria fácil acusá-los de injustiça e implicância, apesar da sensação de algo inconveniente que a visão do Senhor Von Pasenow despertava, uma

estranha inconveniência que aumentava ainda mais quando ele passava e, por acaso, podia-se acompanhá-lo com o olhar. Talvez porque a idade daquele homem fosse completamente incerta, pois não se movimentava como velho, nem como jovem, nem como um homem à flor da idade. E como a dúvida gera contrariedade, não seria improvável que algum dos passantes considerasse como indecorosa a mobilidade daquele homem, nem seria estranho que previamente a julgassem como típica de alguém provido de soberba e vulgaridade, propenso ao desperdício e que se sobressaía pela maneira correta de agir. Naturalmente, tratava-se de uma questão de temperamento; porém, bem se podia conceber que um jovem, cego de ódio, quisesse voltar às pressas para enfiar uma bengala por entre as pernas de quem tivesse um andar daqueles, fazendo com que caísse e quebrasse as pernas, destruindo para sempre tal maneira de andar. No entanto, o Senhor Von Pasenow caminhava a passadas largas e em linha reta, conservando a cabeça erguida, como costumam fazer os baixinhos, e, por se manter ereto demais, sua barriguinha ficava um tanto saliente, de modo que quase se podia afirmar que a carregava à sua frente, pois levava consigo a sua pessoa inteira a qualquer parte, um hediondo presente que ninguém queria. E como nem tudo pode ser esclarecido por meio de uma comparação, aqueles insultos permaneciam infundados; talvez pudessem mesmo levar ao constrangimento, mas só até que fosse encontrada a bengala que lhe ficava junto às pernas. A bengala movia-se com cadência, elevando-se quase até a altura dos joelhos, detendo-se no solo com um impacto firme, até que subia de volta e acompanhava o movimento dos pés. E estes também se erguiam mais alto do que o habitual, o bico do sapato elevava-se um pouco demais, como se quisesse exibir os solados com desprezo por aqueles que encontrasse pela frente, sendo que os saltos eram ponderados no pavimento com uma breve e firme pancada. Assim sendo, as duas pernas e a bengala caminhavam juntas, sugerindo que, caso tivesse nascido como um cavalo, aquele homem teria sido um manga-larga marchador; entretanto, o mais espantoso e abominável é que se tratava de um caminhante com três pernas, um tripóde que se pusera em movimento. E era horrível a ideia de que o propósito daquele andar sobre três pernas devesse ser tão enganoso quanto a retidão e o esforço daquele homem em avançar: a direção do nada! Pois ninguém com sérias intenções andaria daquela maneira e, ainda que por algum momento se pudesse pensar num usurário indo ao aposento de um pobre coitado para lhe cobrar certa dívida, imediatamente perceberia que essa é uma imagem pouco adequada e muito terrena, ficando horrorizado ao se dar conta de que era assim que o diabo claudicava, um cão a mancar sobre três patas, ao descobrir que é uma maneira retilínea de andar em ziguezague e...

basta; pois qualquer um que analisasse as passadas do Senhor Von Pasenow com ódio passional podia verificar tudo isso. Porém, tratava-se em definitivo de algo que podia ser comprovado pela maioria das pessoas. Sempre se descobre algo. E se o Senhor Von Pasenow não levava uma vida agitada — ao contrário, empregava bastante tempo cumprindo com as obrigações decorativas e outras, que correspondem a um ordenado e seguro rendimento —, mesmo assim sempre se encontrava — e isto também correspondia ao seu modo de ser — ocupado com tudo, e não lhe era próprio sair à toa para bater pernas. E quando viajava duas vezes por ano para Berlim, via-se bastante atribulado. Justo naquele momento, ia ao encontro do seu filho mais novo, o Primeiro-Tenente Joachim von Pasenow.

Sempre que Joachim von Pasenow encontrava-se com o pai, despontavam-lhe as recordações da juventude, o que é logicamente compreensível; naquele momento, no entanto, tornaram-se outra vez mais vívidos, sobretudo, os acontecimentos que precederam seu ingresso na escola de cadetes de Culm. Contudo, não passavam de fragmentos de memórias emergindo de maneira fugaz, fazendo com que fluísse em desconcerto o que era significativo com o que era insignificante. Desta forma, é bem provável que fosse completamente irrelevante e supérfluo mencionar Jan, o mordomo, cujo perfil, embora se tratasse de uma figura de todo secundária, sobressaía-se aos demais. Isto talvez por causa do fato de que Jan não fosse propriamente uma pessoa, mas sim uma barba. Podia-se observá-lo por horas, perguntando-se a si mesmo se, por trás daquela paisagem hirsuta, repleta de arbustos impenetráveis, embora macios, habitava um ser humano. Não se podia garantir nem mesmo que Jan falasse, nem se era muito falante, pois as palavras emergiam detrás da barba como se estivessem detrás de um cortinado, podendo muito bem ter sido pronunciadas por outra pessoa. Mas o momento mais emocionante acontecia quando Jan bocejava: em seguida, a superfície pilosa abria-se num ponto predeterminado, evidenciando o fato de este ser o mesmo lugar por onde Jan costumava ingerir a própria alimentação. Quando Joachim correu ao encontro dele para lhe contar que estava prestes a ingressar na escola de cadetes, Jan comia, sentado, cortando fatias de pão e escutando em silêncio, até que, por fim, perguntou-lhe:

— E então o *junker* está mesmo feliz?

Só em seguida Joachim deu-se conta de que não se sentia nem um pouco feliz; sentia-se mesmo com vontade de chorar e, entretanto, como não havia qualquer motivo imediato para tanto, limitou-se apenas a assentir com a cabeça, concordando que se sentia feliz.

E ali, no enorme salão, ficava pendurada numa moldura de vidro a Cruz de Ferro. Ela pertencera a um Pasenow que, no ano de 1813,

ocupara um posto de comando no exército. De qualquer modo, por permanecer afixada à parede, era um tanto inacreditável que se armasse um escândalo quando uma fosse igualmente concedida ao Tio Bernhard. Até então, Joachim sentia-se envergonhado por ter sido tão estúpido. Entretanto, talvez apenas se sentisse amargurado naquele momento, porque quiseram fazer com que a escola de cadetes se lhe tornasse mais atraente com a perspectiva da Cruz de Ferro. De qualquer maneira, essa instituição seria mais adequada ao irmão, Helmuth; e, apesar do longo tempo decorrido desde então, Joachim ainda considerava ridícula a disposição de que o primogênito tivesse que se tornar agricultor e o mais jovem oficial do exército. Ele não se importara com a Cruz de Ferro, mas Helmuth ficou cheio de entusiasmo quando o Tio Bernhard participara do ataque a Kissingen, com a divisão Goeben. Aliás, nem mesmo era seu tio de verdade; não passava de um dos primos do pai.

A mãe possuía uma estatura mais alta do que o pai e era ela quem administrava a fazenda inteira. Era estranho que nem Helmuth nem ele mesmo lhe prestassem muita atenção; na verdade, tinham isto em comum com o pai. Faziam-se de desentendidos ao ouvirem seu obstinado e frouxo “não faça mais isso”, só se irritando quando ela acrescentava: “Ai de vocês se seu pai ficar sabendo!”. E não se sentiam nem um pouco intimidados quando ela recorria à ameaça extrema: “Querem que eu conte para seu pai?”.

E mal se importavam, mesmo quando ela cumpria a ameaça, pois então o pai se limitava a lhes lançar um olhar furioso, continuando seu caminho com passos retilíneos e rígidos. Era como um castigo justo para a mãe, por tentar aliar-se com o inimigo em comum.

Naquela época, o antecessor do atual padre ainda ocupava o seu cargo. Tinha bigodes fulvos e esbranquiçados que mal contrastavam com a cor da pele; quando vinha jantar nas comemorações festivas, costumava comparar a mãe à Rainha Luísa em meio aos vários filhos. Tratava-se de uma comparação um pouco caricata, mas que, ainda assim, deixava qualquer um orgulhoso. Depois o padre adquirira o novo hábito de pôr a mão na cabeça de Joachim e chamá-lo de “jovem guerreiro”, porque todos, até a criada polonesa, já falavam a respeito da escola de cadetes em Culm. No entanto, Joachim ainda esperava para tomar a decisão certa. Certa vez, à mesa, a mãe dissera que não via necessidade de desapegar-se de Joachim, que podia ingressar mais tarde como aspirante; sempre fora assim e continuaria a ser assim. Porém, para o Tio Bernhard, o novo exército precisava de gente capacitada e um rapaz de verdade devia querer ir para Culm. O pai mantinha um incômodo silêncio, sempre que a mãe falava algo. Nunca lhe dava ouvidos. Só no dia do aniversário dela, quando lhe propôs um brinde, tomando emprestada a comparação do padre e chamando-

lhe de Rainha Luísa. Talvez a mãe realmente fosse contrária ao ingresso do filho em Culm, mas não se podia contar com ela, pois, em definitivo, costumava tomar o partido do pai.

A mãe era bastante pontual. Nunca faltava aos estábulos na hora da ordenha, recolhendo os ovos no galinheiro; podia ser visitada pela manhã na cozinha e à tarde na lavanderia, onde ela e as criadas enumeravam as roupas engomadas. Foi então que tomou conhecimento do fato pela primeira vez. Ele estivera com a mãe no estábulo; seu nariz ainda se impregnava do acre odor do lugar, quando saíram ao frio relento de inverno, e o Tio Bernhard atravessou o pátio para cumprimentá-los. O Tio Bernhard ainda usava a bengala; depois de ter sofrido um ferimento, era-lhe permitido andar de bengala; todos os convalescentes andavam de bengala, mesmo que já não claudicassem tanto. A mãe detivera-se e Joachim agarrara a bengala do Tio Bernhard. Até hoje o rapaz recorda com clareza daquele cabo ebúrneo entalhado com um emblema. O Tio Bernhard então exclamou:

— Me dê os parabéns, prima; acabo de ser condecorado como major!

Joachim olhou para o major, que possuía uma estatura ainda mais alta do que a da mãe e recuara um pouco em um gesto que parecia orgulhoso e, no entanto, seguia o regimento, dando a impressão de ser ainda mais cavalheiresco e mais tenso do que o normal, aumentando talvez ainda mais de estatura; de qualquer maneira, aquele homem combinava mais com ela do que o pai do rapaz. Ele exibia uma barba curta, mas dava para lhe ver a boca. Joachim refletiu se não seria uma grande honra poder segurar a bengala de um major, decidindo querer experimentar um pouco de orgulho:

— Sim — continuou o Tio Bernhard —, mas os belos dias em Stolpin já acabaram...

A mãe disse que era, ao mesmo tempo, uma boa e má notícia, e esta era uma resposta complicada que Joachim não conseguia entender direito. Encontravam-se de pé sobre a neve; a mãe do rapaz trajava um casaco de camurça marrom, tão tenro quanto ela própria, e escapavam mechas de seus louros cabelos por baixo do gorro também de camurça. Joachim sempre gostou de ter os mesmos cabelos loiros da mãe, pois também seria mais alto do que o pai, talvez tão alto quanto Tio Bernhard. E quando este último lhe acenou, dizendo:

— Ora, então quer dizer que muito em breve seremos camaradas de uniforme real, hein?

Joachim concordou por um momento. Porém, como a mãe limitou-se a suspirar, sem fazer qualquer objeção, resignando-se como se estivesse diante do pai do rapaz, Joachim largou a bengala e correu até Jan.

O assunto não podia ser discutido diante do irmão; Helmuth invejava-o e falava como os adultos, que afirmavam, todos eles, que um futuro soldado devia ser alegre e orgulhoso. Jan era o único que não se mostrava hipócrita e traidor, limitando-se a perguntar se o *junker* estava contente, sem dissimular a respeito disso. É claro que Helmuth e os demais deviam ter boas intenções e talvez só quisessem apoiá-lo. Joachim jamais superara o fato de sentir-se naquela época secretamente convencido da traição e da hipocrisia de Helmuth; pois, mesmo que logo quisesse consertar tudo e lhe desse todos os brinquedos, não podia carregá-los consigo para a escola de cadetes, o que de fato não constituía uma desculpa. Ele também lhe dera metade do pônei, que pertencia a ambos os filhos, de modo que, a partir daquele momento, Helmuth possuía seu próprio cavalo. Aquelas semanas foram um período impregnado de desgraças e, no entanto, um período favorável; em nenhum outro momento Joachim estivera tão íntimo do irmão. Em seguida, aconteceu o acidente com o pônei: naqueles dias, Helmuth renunciara a seus novos direitos sobre o pônei e Joachim pudera dispor do animal, sozinho. Não era uma renúncia muito significativa, pois, durante aquelas semanas, o solo estivera macio e pesado e havia estrita proibição de cavalgar pelos campos com um solo daqueles. Joachim, no entanto, sentia-se no direito superior de quem logo partiria e, com a anuência de Helmuth, cavalgou campo afora com o pretexto de que o pônei fizesse um pouco de exercício pelo campo. Começara num galope bastante curto, quando o acidente aconteceu: a pata dianteira do pônei caiu num buraco fundo, e o animal não conseguia mais se levantar. Helmuth veio correndo, sendo acompanhado pelo cocheiro. O pônei jazia ali, espojando a fronte hirsuta na lama, com a língua pendendo para fora do focinho. Joachim ainda podia ver como Helmuth e ele mesmo ajoelhavam-se ali, acariciando a fronte do bicho, mas não conseguia mais se recordar como chegaram em casa, sabendo apenas que se encontrava em pé na cozinha, quando de súbito reinou o silêncio e todos o encararam, como se fosse um criminoso. Depois, ouviu a voz da mãe dizer:

— Seu pai vai ficar sabendo!

E em seguida, de repente, encontrava-se no escritório de seu pai, dando-lhe a impressão de que o castigo com que a mãe tantas vezes o ameaçara, com aquela odiosa sentença, depois de ampliada e acumulada, estivesse prestes a desabar sobre a sua cabeça. Entretanto, nada disso aconteceu. O pai do rapaz apenas andava em silêncio de um lado para o outro da sala, enquanto Joachim tentava se endireitar, olhando para a galhada na parede. Como nada acontecia, seus olhos começaram a vagar, detendo-se na areia azulada do papel franzido que recobria a polida escarradeira hexagonal marrom, ao lado da

ladeira. Quase se esquecera de como chegara ali; só se lembrava de que a sala parecia mais ampla do que o normal e que sentia um peso gelado em cima de seu peito. Por fim, o pai colocou o monóculo, dizendo:

— Já está na hora de você sair de casa.

E então Joachim soube que todos o haviam enganado, até mesmo Helmuth, e, naquele momento, sentiu-se contente pelo fato do pônei ter quebrado a perna, pois sua mãe não parava de denunciá-lo para que fosse expulso de casa. Joachim percebeu que seu pai tirava a pistola do coldre. Então o rapaz vomitou. No dia seguinte, soube pelo médico que sofrera uma concussão, da qual se sentira orgulhoso. Helmuth sentou-se ao lado de sua cama e, embora Joachim soubesse que seu pai atirara no pônei, não trocaram uma única palavra a respeito disso, e foi um tempo bem feliz, em que estiveram estranhamente protegidos e isolados de todas as outras pessoas. Mesmo assim, chegara a seu término, e com um atraso de algumas semanas, Joachim foi admitido na instituição em Culm. No entanto, quando se encontrava diante de sua cama estreita, tão distante e tão isolado de seu leito de enfermo em Stolpin, quase lhe parecia ter levado consigo aquele isolamento, o que fez com que, naquele instante, sua estadia se tornasse suportável.

Naturalmente, naquela época, aconteceram muitos outros eventos de que se esquecera; porém, mesmo assim, ficara um remanescente perturbador, e, em seus sonhos, às vezes, lhe ocorria como que se estivesse falando em polonês. Quando condecorado como primeiro-tenente, presenteou o pequeno Helmuth com um cavalo que há muito ele próprio montava. No entanto, não conseguia se livrar da sensação de que lhe devia algo, como se o irmão fosse algum importuno credor. Nada disso fazia sentido, era algo em que raramente pensava, mas que seria recobrado com a chegada do pai em Berlim, pois, quando Joachim lhe perguntou a respeito da mãe e de Helmuth, não se esquecera também de querer saber acerca da saúde do rocinho.

Quando Joachim von Pasenow trajava a sua sobrecasaca à paisana e seu queixo se movia com uma liberdade incomum no colarinho entreaberto, quando vestia a cartola de abas curvas e portava uma bengala com ebúrneo cabo pontiagudo; quando se encontrava a caminho do hotel, aonde ia buscar o pai para um obrigatório passeio noturno, topou de súbito com o vulto de Eduard von Bertrand e deu graças que suas roupas à paisana não lhe assentassem tão óbvias quanto ficavam naquele homem, a quem às vezes em segredo chamava de traidor. Infelizmente, podia-se prever e recluir que encontrasse Bertrand nos locais de vida mundana, que naquela noite devia visitar com o pai, e já durante o espetáculo no Teatro Wintergarten ele o espreitava, preocupando-se em resolver a questão

de apresentar ou não aquele sujeito ao pai.

O problema ainda o cativava quando se encaminharam numa charrete de aluguel pela rua Friedrich até o Cassino Jäger. Recostavam-se eretos e mudos, com as bengalas entre os joelhos, sentados nos assentos de puído couro preto, e quando uma das garotas que passavam por ali gritou algo para eles, Joachim von Pasenow mantivera o olhar fixo para frente, enquanto seu pai, olhando pelo monóculo, murmurava: “Imbecil”. Ora, desde que o Senhor Von Pasenow chegou a Berlim, muitas coisas mudaram e, mesmo se o admitissem, não se podia negar a impressão de que a política do fundador do Reich, ávida por inovação, gerara flores acérrimas. O Senhor Von Pasenow afirmou o mesmo que afirmava todos os anos:

— Paris não é pior do que isso!

E mais ainda lhe aumentava o desgosto, pois uma fileira de reluzentes chamas de gás atraía a atenção dos passantes, fazendo com que se aglomerassem à entrada do Cassino Jäger.

Uma estreita escada de madeira conduzia ao primeiro andar, onde ficava o local, e o Senhor Von Pasenow subira os degraus com aquele ar animado e inabalável que lhe era característico. Aproximou-se deles uma garota de cabelos negros, espremendo-se num canto da escada para dar passagem aos circunstantes e, como ela não deixava de rir da diligência daquele senhor antiquado, Joachim fez um gesto de embaraço e de arrependimento. E outra vez lhe ocorreu a compulsão de imaginar Bertrand como amante daquela garota, ou como proxeneta dela, ou qualquer outra aventura romanesca e, nem bem adentrara o salão, espreitou ao redor à procura dele. No entanto, Bertrand naturalmente não estava ali, mas sim dois oficiais do regimento, e então Joachim deu-se conta de que ele próprio os incentivara a ir ao cassino, para que não precisasse ficar a sós com o pai ou mesmo com Bertrand.

Conforme a sua idade e a sua posição, o Senhor Von Pasenow foi cumprimentado como um superior, com uma leve e enrijecida continência e com uma conjunta batida de calcanhares, e foi com o ar de um comandante geral que ele perguntou se os senhores estavam se divertindo; se os senhores gostariam de lhe acompanhar em uma taça de champagne, o que lhe seria uma honra; em seguida, os senhores lhe manifestaram consentimento com uma nova batida de calcanhares. Trouxera-se uma refrescante garrafa de champanhe. Os cavalheiros sentaram-se tensos e calados em suas cadeiras, brindaram em silêncio, observaram ao redor da sala a decoração alvacentas e douradas, as chamas de gás que, envoltas pela fumaça do

tabaco, bruxuleavam no grande lustre circular, e então fitaram os pares de dança que giravam no meio do salão. Até que enfim o Senhor Von Pasenow disse:

— Ora, meus caros senhores, espero que não estejam abandonando o fascinante mulheril por minha causa! — E inclinou-se, sorrindo: — Este é um lugar frequentado por beldades. Quando subi as escadas, encontrei uma garota bastante atraente, de cabelos pretos e com olhos que, para vocês, jovens cavalheiros, não dá para se jogar fora!

Joachim von Pasenow ficou tão constrangido que gostaria de estrangular aquele velho para calar aquela conversa obscena, mas um de seus companheiros já lhe replicava que obviamente devia se tratar de Ruzena, uma garota de fato excepcionalmente bela, a qual em geral não se podia negar certo charme, embora a maioria das damas ali presentes não fossem o que pareciam, pois a administração fazia uma criteriosa seleção, atentando para transparecer requinte. A essa altura, entretanto, Ruzena reaparecera no salão; vinha de braços dados com uma garota loira e, ao passarem pelas mesas e pelos camarotes com suas eminentes anquinhas e seus tales rendados, davam a impressão de autêntica elegância. Ao passarem pela mesa de Pasenow, perguntaram à Senhorita Ruzena, em tom de gracejo, se não tinha sentido arderem suas orelhas, e o Senhor Von Pasenow acrescentou que, a julgar pelo nome, devia se tratar de uma bela polonesa, ou seja, quase uma conterrânea. Ruzena respondeu que não era polonesa, mas sim boêmia, ou, como dizem neste país, tcheca; porém, o mais certo seria boêmia, pois o nome correto do país é Boêmia.

— Melhor ainda — disse o Senhor Von Pasenow. — Os poloneses não valem nada... não são confiáveis... mas pouco importa!

Entretanto, sentaram-se ali as duas garotas, e Ruzena pôs-se a falar com voz grave, rindo de si mesma por ainda não ter aprendido alemão. Joachim sentiu raiva pelo velho ter evocado lembranças das polonesas, mas ele próprio teve que pensar em uma trabalhadora rural que, quando ele ainda era menino, colocara-o na carroça com as gavelas. Porém, apesar de confundir todos os artigos em uma pronúncia gutural e entrecortada, falando a respeito “da” diretor e “do” cidade, ainda assim era uma jovem senhorita, vestindo um espartilho engomado, numa boa postura ao levar uma taça de champanhe aos lábios, sendo algo muito diferente do que uma mera trabalhadora rural polonesa; fosse ou não verdade, Joachim não tinha nada a ver com os rumores a respeito do envolvimento do pai com as criadas, mas o velho não devia ousar proceder com aquela delicada garota da maneira com que estava acostumado. No entanto, não se podia conceber a vida de uma garota boêmia de modo diverso da vida das criadas polonesas — até entre civis alemães, parecia impossível conceber um ser vivente atrás do fantoche em movimento — e, quando tentou conceber Ruzena vinda de um bom lar, com uma boa mãe matrona, com um bom pretendente a vestir luvas, a imagem não combinava com ela; e Joachim não conseguia se livrar da sensação de

que ali tudo devia ser bárbaro, opressor, tartário. Compadecia-se de Ruzena, embora ela sem dúvida tivesse algo de um animalzinho predador, em cuja garganta está estrangulado o obscuro grito, obscuro como os vales da Boêmia, e lhe agradaria saber se estaria apto a falar com ela como se fala com uma dama, pois tudo aquilo era terrível e, no entanto, atraente, sendo que de alguma maneira dava legitimidade ao pai e às sórdidas intenções deste. O rapaz também receava que Ruzena pudesse se aperceber disso e procurasse uma resposta em seu semblante; ela se dava conta e sorria para ele, embora sua mão, que pendia languidamente no canto do tampo da mesa, cedesse aos tapinhas do velho, e ele o fazia em público, tentando reunir seus restos de polonês, para que assim erigisse um cerco linguístico ao redor de si e da garota. Naturalmente, não se lhe devia conceder algo assim, pois, quando se dizia em Stolpin que as criadas polonesas não eram confiáveis, talvez se tivesse razão. No entanto, quem sabe não passasse de fragilidade por parte dela, e, neste caso, a honra exigiria que a garota fosse protegida das investidas do velho, mas esse seria um serviço para o seu amante; se Bertrand tivesse um pinga de cavalheirismo, teria a obrigação de aparecer de vez para pôr tudo em ordem com bom tato. Então, de súbito, Joachim começou a falar com os colegas oficiais acerca de Bertrand: há muito não se sabia nada de Bertrand, nem o que fazia; sim, Eduard von Bertrand era uma pessoa esquisita e reservada. Porém, como os companheiros já haviam bebido champanhe demais, eles não se espantavam com nada, nem mesmo com a persistência com que Joachim aferrava-se ao tema de Bertrand; e, por maior que fosse a astúcia com que sempre replicasse o nome dele em alto e bom som, as garotas nem pestanejavam, de modo que ele próprio começava a suspeitar que Bertrand tivesse chegado ao extremo da baixaza de transitar por ali com um pseudônimo; e, nesse momento, o rapaz dirigiu-se a Ruzena, perguntando se ela quem sabe não conheceria Von Bertrand... até que o velho, de ouvido atento e diligente, apesar de todo o champanhe, perguntou o que Joachim queria com aquele tal de Von Bertrand:

— Você procura por ele como se o sujeito estivesse escondido aqui.

Joachim negou e ruborizou, mas o velho continuou a tagarelar: sim, ele conhecia bem o pai, o velho coronel Von Bertrand, que já deixara este mundo, sendo bem possível que fosse esse tal de Eduard quem o tenha levado ao túmulo. Dizia-se que as ações do filho pesaram muito no coração do pai; que o vagabundo fugira da escola de cadetes, sem que ninguém soubesse o motivo, nem se por trás daquilo tudo não tinha algo sujo. Revoltado, Joachim protestou:

— Desculpe-me, mas isso não passa de boatos infundados, e a última coisa que Bertrand pode ser chamado é de vagabundo!

— Calma aí! — replicou o velho, voltando-se para a mão de Ruzena,

na qual imprimia um longo beijo; Ruzena permitia-o com indiferença e observava Joachim, cujos cabelos loiros e macios faziam com que a garota se lembrasse dos meninos de sua escola de infância.

— Não estou lhe paquerando — gaguejava ela, dirigindo-se ao velho —, mas seu filho tem um cabelo muito bonito. — E, em seguida, pegou a cabeça da amiga, aproximando-a da de Joachim, ficando encantada ao perceber que a cor do cabelo de ambos combinava:

— Dariam um belo par! — exclamou ela às duas cabeças, tocando os cabelos de ambos. A outra garota gritou, por ficar com o penteado desgrenhado; Joachim sentiu a mão macia em sua nuca, experimentou uma leve sensação de vertigem e inclinou a cabeça para trás, como se quisesse prender aquela mão entre a cabeça e o pescoço, obrigando-a a permanecer ali; porém, nesse instante, a mão por si só lhe descia até a nuca, em uma rápida e delicada carícia.

— Calma, calma! — mais uma vez, escutou a áspera voz do pai e logo percebeu que ele tirava a carteira, escolhia duas notas graúdas, preparando-se para entregá-las às duas garotas. Sim, o velho, quando de bom humor, costumava dar dinheiro às trabalhadoras rurais e, embora Joachim quisesse intervir, não conseguiu impedir que Ruzena premesse cinquenta marcos em suas mãos, nem que ela os guardasse jovialmente em sua bolsa:

— Obrigada, paizinho — disse ela e, depois, corrigiu-se —; sogro — piscando para Joachim. Joachim empalideceu de raiva: o velho seria capaz de lhe comprar uma garota por cinquenta marcos? O velho, de ouvido atento, percebeu a investida de Ruzena e sublinhou:

— Ora, acho que você gostou do meu menino... não vai ficar sem a minha bênção...

“Cachorro”, pensou Joachim. No entanto, a essa altura, o velho já tirava proveito da situação:

— Ruzena, menina linda, amanhã irei visitá-la para acertar o casório, tudo como manda o figurino. O que quer de presente de núpcias? Ah, mas antes preciso que me diga onde fica o teu palácio...

Joachim desviou o olhar, como quem, durante a execução de uma pena, não quer ver a queda do machado, mas Ruzena se enrijeceu de repente, sua visão ficou turvada, seus lábios se contraíram, ela afastou a mão que se estendera como um gesto de ajuda ou de afago e saiu correndo para chorar ao lado da criada do banheiro.

— Dá na mesma! — disse o Senhor Von Pasenow. — E já está ficando tarde. Acho que estamos de saída, cavalheiros.

Embarcando na charrete de aluguel, pai e filho sentavam-se lado a lado, rígidos e contrariados, com as bengalas entre os joelhos. Por fim, o velho disse:

— E ela não pegou os cinquenta? Aí, fica bem fácil dar no pé.

“Miserável de uma figa!”, pensou Joachim.

Quanto ao tema da farda, Bertrand era capaz de afirmar algo como:

— A princípio, a Igreja era a única a reinar suprema como juíza da humanidade, e todos se reconheciam como pecadores. Em nosso tempo, o pecador deve julgar o pecador, para que todos os valores não sucumbam à anarquia e, em vez de chorar com ele, o irmão deve dizer ao irmão: “Você fez algo de errado”. E se outrora bastava o hábito clerical para que se distinguisse o sacerdote das demais pessoas como alguém que está para além da condição humana, ou mesmo o paisano era reconhecível por meio das roupas e por meio do traje profissional, assim sendo, desde que se perdera a grande intolerância da fé, as roupas seculares precisaram substituir as vestes sacras, e a sociedade precisou se dividir em hierarquias e uniformes terrestres e sublimá-los até o absoluto no lugar da fé. E como é sempre romântico sublimar a condição terrena até o absoluto, o estrito e genuíno romantismo dessa época era o do uniforme, como se houvesse uma ideia para além da carnalidade e para além da cronologia em relação à vestimenta; uma ideia que inexistente e que, no entanto, era tão imponente que agarrou as pessoas com mais força do que qualquer profissão secular; uma ideia inexistente e, no entanto, tão fervorosa, que fez da pessoa uniformizada uma posse do uniforme, mas nunca um profissional em sentido civil, talvez justamente porque quem veste o uniforme está cansado de saber que cumpre o modo de vida real de seu tempo, garantindo, com isso, a segurança da sua própria vida.

Assim podia ter falado Bertrand; contudo, mesmo que nem todo mundo que usasse uniforme soubesse disso, pode-se pelo menos ter certeza de que aquele que veste uniforme há muitos anos encontra nele uma melhor ordem das coisas do que a pessoa que simplesmente troca as roupas à paisana que se usam à noite pelas que são usadas durante o dia. Sem dúvida, seria desnecessário refletir a respeito disso, pois uma vestimenta adequada proporciona ao seu usuário uma demarcação clara entre si mesmo e o mundo circundante; é como um rígido invólucro, em que, de maneira estrita e nítida, entrechocam-se e diferenciam-se entre si o mundo e a pessoa; afinal, a verdadeira função do uniforme é manifestar e estabelecer a ordem no mundo e revogar aquilo que há de fugidio e efêmero na vida, assim como esconder a parte frágil e indistinta do corpo humano, cobrindo-lhe as roupas íntimas, a pele, determinando que o vigia de guarda vista luvas brancas. Dessa maneira, logo de manhã, ao encontrar-se com a farda abotoada até o último botão, o homem de fato adquire uma segunda e mais espessa pele, como se voltasse à sua própria e mais firme vida. Encerrado em seu invólucro rígido, atado com tiras e presilhas, começa a esquecer-se das próprias cuecas e da insegurança da vida,

até mesmo da própria vida, e até a vida mesma se distancia. Quando se puxa a barra do uniforme, para que se estenda suavemente e sem vincos sobre o peito e as espáduas, então até a criança, que o homem ama, e até a mulher, com cujo beijo gerara essa criança, perdem-se a uma distância tão remota e civil que ele mal reconhece a boca que ela lhe oferecera na despedida, e seu lar torna-se tão estranho, um lugar que não ousa frequentar vestindo farda. Se for ao quartel ou ao escritório vestindo uniforme, não é o orgulho que o faz ignorar as pessoas que estão vestidas de outra maneira; simplesmente é incapaz de compreender que sob o traje diferente e bárbaro possa se encontrar algo que tenha um pouco em comum com a humanidade real, tal como ele a experimenta em si mesmo. No entanto, isso não significa que o homem de uniforme ficara cego, nem que esteja repleto de preconceitos cegos, como tantas vezes se supõe; continua a ser uma pessoa como você e eu; pensa em comida e em cópula e até lê o jornal no café da manhã; porém, já não está mais apegado às coisas e, como mal lhe dizem respeito, já sabe discerni-las entre boas e más, pois a segurança da vida baseia-se na intolerância e na incompreensão.

Sempre que Joachim von Pasenow via-se obrigado a se vestir à paisana, vinha-lhe à mente Eduard von Bertrand, e sempre se alegrava de que os trajes paisanos não lhe caíssem com a mesma naturalidade com que caíam naquele homem; e, de fato, sempre esteve curioso para saber as opiniões de Bertrand acerca da questão da farda. Pois não restava dúvida de que Eduard von Bertrand tinha motivos de sobra para refletir a respeito dessas questões, já que abandonara a farda para sempre e decidira vestir-se à paisana. Tratava-se de algo estranho demais. Formara-se na escola de cadetes em Culm dois anos antes de Pasenow e, ali, em nada se distinguira de qualquer outro: no verão, vestia as mesmas brancas calças largas como qualquer outro; comia na mesma mesa que os demais como qualquer outro; passava pelos mesmos exames como qualquer outro e, ainda assim, quando fora condecorado como segundo-tenente, ocorreu-lhe algo incompreensível: sem nenhum motivo aparente, desertou do serviço e desapareceu em uma vida insólita; desapareceu nas trevas da cidade grande, como se costuma dizer, na obscuridade da qual só emergia de vez em quando. Caso fosse encontrado na rua, [quem o encontrava] sempre ficava um pouco na dúvida se deveria cumprimentá-lo ou não, pois experimentava a sensação de estar diante de um desertor que se apossara de algo que era de propriedade comum e transferira-o para o outro lado da vida, abandonando-o, a misturar-se com a sensação de encontrar-se ali, exposto, despido e envergonhado, enquanto o próprio Bertrand jamais revelara qualquer um de seus motivos nem nada a respeito de sua vida, mantendo sempre o mesmo amistoso retraimento. Contudo, talvez nada incomodasse mais do que as roupas

paisanas de Bertrand, em que a abertura do colarinho exibia o alvo e engomado peitilho, o que de fato causava constrangimento. O próprio Bertrand explicara, certa vez, em Culm, que um autêntico soldado não deixaria que se vissem os punhos da sua camisa por baixo das mangas do casaco, porque tudo o que nasce, dorme, ama, morre, enfim, tudo o que é civil seria uma questão de roupa de baixo; e ainda que tais paradoxos sempre fizessem parte dos hábitos de Bertrand, não menos que o leve gesto com que de maneira displicente e desdenhosa contradizia aquilo que afirmava, obviamente que já naquele momento ocorria-lhe a questão da farda. Mas é certo que tinha uma parcela de razão a respeito da roupa de baixo e dos punhos da camisa, caso se levasse em conta — Bertrand sempre despertava pensamentos desagradabilíssimos — que todos os homens, incluindo os civis e o próprio pai de Joachim, usavam as camisas enfiadas nas calças; por isso, Joachim não gostaria de ver gente de dólmã aberto na sala do batalhão; havia algo de indecente naquilo, o que levava, ainda que por vias não muito distintas, ao regulamento de que a visita a determinados locais e a outras circunstâncias eróticas exigia o traje à paisana; o que parecia uma violação direta ao regulamento era o fato de que houvesse oficiais e suboficiais casados. Quando o sargento, casado, apresentava-se para o turno da manhã e desabotoava dois botões do dólmã para tirar pela abertura, pela qual se via a camisa xadrez, o grande livro de couro vermelho, Joachim costumava segurar os botões do seu próprio dólmã, para só então se sentir seguro, certificando-se de que todos estavam abotoados. Ele quase desejava que o uniforme fosse como uma emanção direta da pele e, às vezes, refletia que essa era a verdadeira função de um uniforme ou, pelo menos, que a roupa de baixo deveria fazer parte do uniforme por meio de insígnias e distinções. Pois era estranho pensar que cada um carregasse, por baixo do dólmã, o anarquismo comum a todos. Talvez o mundo todo tivesse se desconcertado se, no último piscar de olhos, não tivesse sido inventada para os civis a roupa de baixo engomada, que transforma a camisa num quadro branco, tornando-a semelhante a uma roupa íntima. Joachim lembrou-se do espanto de infância quando observara, no retrato do avô, que este não usava um peitilho engomado, mas sim um jabô franjado. Não resta qualquer dúvida de que as pessoas daquela época professavam uma profundíssima fé cristã, sem que houvesse necessidade de procurar refúgio contra a anarquia em nenhum outro lugar. Para elas, todos esses raciocínios deviam parecer absurdos e, sem dúvida, não seriam mais do que resultado das declarações incoerentes de um tipo como Bertrand; Pasenow quase se envergonhava de sustentar tais elucubrações na frente do sargento e, quando lhe ocorriam, afastava-as, reassumindo uma postura formal.

No entanto, mesmo que descartasse aqueles pensamentos como insensatos e aceitasse o uniforme como uma concessão da natureza, havia aí mais do que um problema de vestimenta, mais do que aquilo que proporcionava à sua vida, se não um conteúdo, pelo menos uma atitude. Muitas vezes, acreditou que fosse capaz de livrar-se desse problema — como do próprio Bertrand — por meio da sentença: “Camaradas de uniforme real”, embora estivesse bastante longe de manifestar com isso alguma reverência extraordinária pelo uniforme real, ou de se entregar a uma vaidade particular; até se cuidou para que sua elegância não excedesse nem ficasse aquém de uma correção prescrita e estritamente observada, e, certa vez, não se dispusera a ouvir quando, em um círculo de senhoras, expressara-se a opinião bem fundamentada de que o longo e rigoroso corte da farda e as cores berrantes do tecido não combinavam com seu semblante, mas que, por outro lado, lhe ficariam bem melhores um casaco de artista em veludo marrom e uma gravata folgada. No entanto, pode-se explicar em parte o fato de que o uniforme significasse muito mais para ele pela obstinação herdada de sua mãe, que costumava se apegar de maneira inabalável aos hábitos adquiridos. E às vezes também parecia que jamais devia haver outra atitude para ele, embora continuasse nutrindo um profundo rancor pela mãe, que se submetera sem objeções às ordens do Tio Bernhard. Entretanto, aquilo já ocorrera; e quando se está acostumado a usar farda desde os dez anos, o traje que se veste já cresceu como uma camisa de Nessus, e ninguém, muito menos Joachim von Pasenow, será capaz de precisar onde fica o limite entre ele e a farda. E, no entanto, era mais do que um hábito. Pois, apesar da profissão militar não ter crescido dentro dele, ou ele nela, para ele a farda tornara-se um símbolo de muitas coisas; ao longo dos anos, o rapaz forrara-a e revestira-a com tantas ideias que, seguro e protegido ali, já não podia mais prescindir dela, isolado do mundo e da casa paterna, tão contente com tal segurança e proteção que mal conseguia perceber que a farda lhe permitia apenas uma estreita faixa de liberdade pessoal e humana, não mais larga do que a estreita faixa de punhos engomados que era permitida à farda dos oficiais. O rapaz não gostava de trajar à paisana e lhe parecia bom que a farda lhe barrasse o acesso a lugares de má fama, onde suspeitava que o paisano Bertrand se encontrasse em companhia de mulheres dissolutas. Pois, muitas vezes, sobrepujava-o um terrível pânico de que também pudesse cair na obscura sina de Bertrand. Por isso, recriminava o próprio pai por ter de acompanhá-lo — justamente vestido à paisana — naquele passeio obrigatório pela noite berlinense, com que devia encerrar tradicionalmente a visita à capital do Reich.

•

No dia seguinte, quando Joachim acompanhou o pai até a estação

ferroviária, este lhe disse:

— Ora, quando você for capitão, vamos ter que pensar em matrimônio. Que tal Elisabeth? Afinal de contas, os Baddensen possuem quinhentos acres em Lestow, e a garota herdará tudo um dia.

Joachim não lhe respondeu nada. Ontem, o velho quase lhe comprara uma garota por cinquenta marcos e, naquele dia, já estava lhe arranjando um casamento legítimo. Ou talvez o velho nutrisse um desejo recalcado por Elisabeth tanto quanto por aquela garota, cuja mão Joachim outra vez sentia na nuca! Porém, seria inconcebível que alguém ousasse cobiçar Elisabeth, e seria ainda menos concebível que alguém quisesse que o próprio filho violasse uma santa porque ele mesmo era incapaz de fazê-lo. O rapaz estava quase a ponto de pedir desculpas ao pai pela monstruosa suspeita, mas o velho era capaz de tudo. Sim, todas as mulheres do mundo deviam ser protegidas dele, refletia Joachim enquanto desciam a plataforma, e, ao olhar para o trem, ainda pensava na mesma coisa. Porém, quando o trem desapareceu, o rapaz começou a pensar em Ruzena.

Mesmo ao entardecer ainda pensava em Ruzena. Há tardes de primavera em que o crepúsculo perdura muito mais do que afirmam as previsões astronômicas. Logo, uma névoa tênue e vaporosa desce sobre a cidade, dando-lhe aquele desvanecer bastante tenso das vésperas de feriados. E ao mesmo tempo é como se a luz estivesse de tal maneira retida naquela névoa cinza-claro que ainda persistem nela fios de claridade até quando já adquirira um tom de aveludado negrume. Esses crepúsculos perduram por tanto, tanto tempo, que os lojistas esquecem-se de fechar as suas lojas; ficam conversando com os clientes em frente à porta até que o policial surja e, com um sorriso no rosto, advirta-lhes quanto à transgressão do toque de recolher. Mesmo assim, as luzes de muitas lojas ainda brilham, pois, nos fundos do restaurante, a família senta-se para jantar; não colocaram a trave em frente à porta de entrada como de costume; apenas colocaram uma cadeira em frente a ela para indicar que não estão mais atendendo os clientes; e, quando terminarem de jantar, sairão, trazendo consigo suas cadeiras, acomodando-se em frente à porta da loja. Os pequenos comerciantes e manufatores que moram em um aposento aos fundos das lojas são invejáveis; invejáveis no inverno, quando colocam as pesadas traves para usufruírem duplamente de proteção e de calor da luminosa sala de estar, de cuja porta de vidro sorri, em época natalina, a decorada árvore de Natal; invejáveis nas noites amenas de primavera e outono, quando se sentam do lado de fora das portas, como no terraço de seu jardim, com o gato no colo ou acariciando com a mão o pescoço macio de um cãozinho.

Joachim, vindo do quartel, desceu a rua do subúrbio. Não lhe convinha fazer esse trajeto, pois os oficiais sempre voltam para casa

nas charretes do regimento. Ninguém jamais andara por ali, nem mesmo Bertrand, e o próprio Joachim ficava bastante perplexo por estar andando por aquele lugar, como se caminhasse em um piso escorregadio. Mas não seria quase como se quisesse se humilhar por Ruzena? Ou devia representar mesmo uma humilhação para a própria Ruzena? Pois, em sua concepção, via-se claramente em casa, num aposento suburbano, talvez até naquela cave, em cuja escura entrada vendiam-se legumes e verduras, enquanto a mãe de Ruzena agachava-se ali tricotando e falando aquela obscura língua estrangeira. Podia-se sentir o odor rançoso das candeias a querosene. Na baixa abóboda da cave bruxuleava uma luz, vinda de um candeeiro preso numa imunda parede de fundo. Ele mesmo poderia ficar ali sentado com Ruzena, com a mão dela lhe afagando a nuca. No entanto, assustou-se ao perceber essa imagem e, esforçando-se por afastá-la, tentou recordar aquele crepúsculo cinza-claro que pairara sobre Lestow. E no ermo e enevoadado parque, que já cheirava a capim úmido de rocio, encontrou Elisabeth, que caminhava devagar para casa, de cujas janelas cintilavam ardentes candeias a querosene através do iminente crepúsculo, e seu cachorrinho também estava com ela, como se já estivesse cansado. Porém, examinando mais de perto e com mais clareza, via-se com Ruzena no terraço em frente à casa e Ruzena colocava a mão em seu pescoço para acariciar-lhe a nuca.

.

Naturalmente, com aquele belo clima de primavera, compreendia-se que as pessoas se sentissem de bom humor e que os negócios fossem bem. Da mesma opinião era Bertrand, que há alguns dias chegara em Berlim. No entanto, no fundo, ele sabia que seu bom humor se devia simplesmente ao fato de ter obtido sucesso em todas as suas transações ao longo de anos e que, por outro lado, precisava desse bom humor para alcançar mais sucesso. Tratava-se de um agradável planar, como se não tivesse que se deslocar em direção às coisas, mas sim como se elas planassem ao seu encontro. Talvez esse também tenha sido um dos motivos de sua saída do regimento: havia tantas coisas que lhe eram oferecidas ao redor e que lhe estavam vetadas na época. O que lhe diziam os emblemas empresariais, bancários, advocatícios e comerciais? Não passavam de letras mortas que foram desprezadas ou que inquietavam. Então, ele sabia tudo a respeito de bancos; sabia o que se passava atrás dos balcões; sim, não só entendia das inscrições nos balcões, dos descontos, da moeda estrangeira, das transações de giro, da casa de câmbio, mas também sabia o que acontecia nos escritórios administrativos; sabia como avaliar um banco por seus investimentos e rendimentos, e as cotas da Bolsa lhe davam informações vívidas. Ele entendia expressões como trâmite e armazém alfandegário, e tudo isso fluía em seu ser com muita

naturalidade; era-lhe tão natural quanto aquela placa de bronze no Steinweg em Hamburgo: EDUARD VON BERTRAND: IMPORTADOR DE ALGODÃO. E o fato dessa placa poder ser vista na rua Roland em Bremen e na Cotton Exchange em Liverpool deixava-o profundamente orgulhoso.

Quando se encontrou com Pasenow na Avenida Unter Den Linden, anguloso em seu longo casaco da farda com dragonas, com ombros angulosos, enquanto movia confortavelmente os seus no terno inglês, sentia-se particularmente alegre e cumprimentou-o com a mesma familiaridade e desprendimento que costumava adotar quando se encontrava com um de seus antigos camaradas; sim, até lhe perguntou sem rodeios se ele já havia tomado o café da manhã e se não gostaria de comer com ele em Dressel.

Com tão repentino encontro e tão inesperada cordialidade, Pasenow esqueceu-se do quanto pensara em Bertrand nos últimos dias; sentiu-se outra vez constrangido, pois trajava sua farda com elegância, enquanto conversava com alguém que, por assim dizer, devia estar praticamente desnudo ao vestir-se à paisana, e teria preferido evitar o convite para jantarem juntos. No entanto, tudo o que lhe ocorreu dizer foi que há muito tempo não via Bertrand. Considerando a vida monótona e sedentária levada por Pasenow, não era de estranhar, opinou Bertrand. Para ele, por outro lado, com sua inquietude e sua pertinácia, dava a impressão de que ainda ontem havia sido a primeira vez que portaram a mesma patente no talim na Avenida Unter den Linden e a primeira vez que jantaram no Dressel — a essa altura, já haviam entrado — e que haviam envelhecido nesse curto intervalo de tempo. Pasenow pensou: “Ele fala demais”. Entretanto, como lhe era agradável que Bertrand tivesse uma característica disforme, ou porque percebia que o mutismo de seu velho amigo sempre o ofendera, perguntou, apesar de sua aversão a qualquer indiscrição, por onde Bertrand andara; este lhe fez um leve gesto de desprezo com a mão, como se afastasse algo irrelevante:

— Ah, em alguns lugares, mais recentemente nos Estados Unidos.

Sim, nos Estados Unidos... para Joachim, os Estados Unidos sempre foram o país dos filhos imprudentes, rejeitados e degenerados, e o velho Von Bertrand deve ter morrido de tristeza! Porém, por sua vez, aquilo não caía bem ao homem gentil, calmo e de boa situação que se sentava à sua frente. Pasenow já ouvira falar de degenerados que enriqueceram como agricultores lá e depois voltaram para a Alemanha em busca de uma noiva alemã, e talvez ele estivesse à procura de Ruzena, só que ela não é alemã, mas sim tcheca, ou falando mais precisamente, boêmia. Entretanto, insistindo em sua ideia fixa, o rapaz perguntou:

— E você vai voltar para lá?

— Não, neste momento não; neste momento, tenho que ir para a Índia.

Ora, tratava-se de um aventureiro! E Pasenow olhou ao redor do restaurante, envergonhado por dividir a mesa com um aventureiro; porém, só lhe restava prosseguir:

— Então você está sempre de viagem.

— Por Deus! Só viajo a negócios, mas gosto de viajar. Como se sabe, devemos sempre nos dedicar àquilo a que nos impulsiona o nosso demônio interior.

E com estas palavras ele descobrira: Bertrand abandonara o serviço militar para fazer negócios, por ganância, por avareza. No entanto, Bertrand, por mais insensíveis que fossem tais oportunistas, não sentiu seu desprezo, continuando a falar livremente:

— Olha só, Pasenow, está se tornando cada vez mais incompreensível para mim como você consegue suportar isto aqui. Por que você não se alista pelo menos para o serviço em colônias, já que o Reich lhe proporcionou essa descontração?

Pasenow e seus camaradas nunca se preocuparam em pensar no problema das colônias; era assunto reservado à Marinha; contudo, ainda assim, o rapaz ficou indignado, e respondeu:

— Descontração?!

Bertrand voltou a ter aquele esgar irônico nos lábios:

— Ora, vamos ver o que sai daí! Um pouco de descontração bélica e de renome na guerra para os diretamente envolvidos. Naturalmente, com todo o respeito ao doutor Peters, mas se ele tivesse aparecido antes, eu realmente teria colaborado com ele, mas o que mais se pode tirar daquilo senão romantismo? Afinal, é tudo romantismo, com a exceção da obra missionária de católicos e de protestantes, sem dúvida, que consiste num trabalho sóbrio e útil. Mas todo o resto... Descontração, nada além de descontração.

Ele falara de maneira tão depreciativa que Pasenow ficou sinceramente irritado, embora se expressasse apenas bastante ofendido:

— Por que nós, alemães, deveríamos ficar para trás em relação a outros povos?

— Vou lhe dizer uma coisa, Pasenow: em primeiro lugar, a Inglaterra é a Inglaterra; em segundo lugar, até mesmo para a Inglaterra, nem tudo está perdido; em terceiro lugar, ainda prefiro investir capital extra em ações das colônias inglesas do que nas ações alemãs, de modo que até se poderia falar de um romantismo colonial econômico; e, em quarto lugar, como já disse, continua a ser a Igreja a única que tem um interesse sensato e verdadeiro na expansão colonial.

O espanto ofendido de Joachim von Pasenow crescia, assim como sua

suspeita de que Bertrand queria cegá-lo com jargões obscuros e pedantes, atraí-lo e arrastá-lo para algo determinado. De alguma forma, aquilo combinava com o cabelo pouco militar e quase crespo de Bertrand. Consistia numa espécie de encenação. Ocorreram a Joachim os termos “cloaca” e “cloaca infernal”. Por que aquele homem sempre se referia à fé e à Igreja? Porém, antes de encontrar a resposta adequada, Bertrand já lhe notara o espanto:

— Sim, olhe só: a Europa tomou uma posição bastante duvidosa para a Igreja. Com a África acontece o contrário! Centenas de milhões de almas como matéria-prima da fé. E você pode ter certeza de que um negro batizado é um cristão melhor do que vinte europeus. É mais do que compreensível que tanto o catolicismo quanto o protestantismo queiram se sobressair um ao outro entre estes fanáticos; é aí que reside o futuro da fé; aí estarão os futuros paladinos da fé, aqueles que um dia vão queimar e matar em nome de Cristo contra a Europa afundada em paganismo e corrupção, para finalmente colocar, em meio às ruínas fumegantes de Roma, um Papa negro no trono de Pedro.

“Isso é o Apocalipse de São João”, pensou Pasenow. “Ele está blasfemando! E por que se importava com as almas dos negros? Já não existem mais traficantes de escravos, embora alguém obcecado pela ganância até fosse capaz disso. E Bertrand acabava de falar de seu demônio. Mas talvez só estivesse brincando; mesmo na escola de cadetes, nunca se sabia quando Bertrand falava a sério”.

— Você só pode estar de brincadeira! E quanto aos Sipahis e Turcos, já nos acertamos com eles.

Bertrand não conseguiu deixar de sorrir, e seu sorriso era tão amistoso e cativante que Joachim teve que lhe retribuir o sorriso. Então ambos sorriram com gentileza um para o outro e suas almas saudaram-se mutuamente através das janelas dos olhos, durante um único instante, como dois vizinhos que nunca se cumprimentaram e que por acaso olham-se pela janela ao mesmo tempo, de uma só vez, alegres e constrangidos por esta saudação inesperada e simultânea. A convenção resgatou-os do constrangimento, e Bertrand, erguendo a taça, disse:

— Olho vivo, Pasenow!

E Pasenow respondeu:

— Olho vivo, Bertrand!

E então ambos não contiveram o sorriso.

Ao saírem do local, detiveram-se na Avenida Unter Den Linden, debaixo de arvoredos imóveis, bastante secos sob a luz cálida do sol vespertino; Pasenow lembrou-se daquilo que se atrevera a dizer durante o café da manhã:

— De fato, não entendo o que você tem contra a fé que temos, nós, europeus. A meu ver, como um cidadão, você não tem a visão adequada à questão. Quando se cresce no campo, como eu, considera-se essas coisas de modo diverso. Até a nossa gente do campo está muito mais vinculada ao cristianismo do que você pensa!

De alguma forma, sentiu-se ousado ao dizer isso diretamente na cara de Bertrand, como um tarimbeiro que quisesse explicar estratégias a um oficial de Estado-Maior, e sentiu-se um pouco receoso de que Bertrand ficasse agastado. No entanto, o colega limitou-se a responder com alegria:

— Ora, então tudo vai acabar bem.

E então trocaram endereços e prometeram manter contato.

Pasenow tomou uma charrete de aluguel até Westend, para ver as corridas. O vinho do Reno, o calor da tarde, e provavelmente também aquele extraordinário encontro, deixaram uma sensação obscura e quebradiça na parte de trás dos ossos craneanos da testa e das têmporas — algo que lhe fazia querer tirar o duro boné. Isso lhe fez pensar no couro do assento, que sentira nas pontas dos dedos, através das luvas brancas, um tanto quanto pegajoso, tal era o calor do sol nele. Lamentava não ter convidado Bertrand para acompanhá-lo, alegrando-se de que, pelo menos, seu pai não estivesse mais em Berlim; pois, caso contrário, não restaria qualquer dúvida de que se sentaria ao seu lado. Em contrapartida, alegrava-se muito de que Bertrand não o tivesse acompanhado à paisana. Mas talvez Bertrand quisesse surpreendê-lo, passaria para pegar Ruzena e todos se encontrariam no hipódromo. Como uma família. Mas todas essas ideias eram absurdas. Nem mesmo Bertrand apareceria no hipódromo assim com uma garota.

.

Quando poucos dias depois Leindorff, seu camarada, recebeu a visita de seu velho pai, Pasenow interpretou esse acontecimento como se fosse uma ordem do Céu para que ele fosse ao Cassino Jäger, a fim de que pudesse se antecipar ao velho Leindorff, que o rapaz já via subindo as escadas estreitas com um andar reto e apressado. Joachim voltou para casa na charrete do regimento, vestindo uma sobrecasaca à paisana. Depois, seguiu o caminho. Na esquina, encontrou dois soldados; estava prestes a alçar a mão à aba do boné em resposta à continência, quando percebeu que eles não o cumprimentaram e que ele usava uma cartola em vez do boné; aquilo tudo era um pouco absurdo, e o rapaz até teve que sorrir, porque era tão absurdo que o velho e meio paralítico Conde Leindorff, que não pensava em nada além de suas consultas médicas, fosse naquele dia ao Cassino Jäger. O mais sensato devia ser dar meia-volta e retornar; contudo, como era

capaz de fazer isso a qualquer instante, sentiu uma leve sensação de liberdade e continuou seu caminho. No fundo, devia ter preferido andar pelos subúrbios a rever aquela cave de verduras com o candeeiro a querosene fixado à parede, mas não podia andar rumo ao Norte de sobrecasaca e cartola. Lá fora, o crepúsculo devia ser tão mágico quanto naquela outra noite, mas ali, bem no centro da cidade, tudo parecia hostil à natureza: além das conturbadas luzes, além das inúmeras vitrines e da vida agitada das ruas, até o céu e o ar pareciam, ao mesmo tempo, tão urbanos e pouco familiares, que sentiu uma sensação de bem-aventurança e de reconforto, embora também de inquietação, ao encontrar uma pequena loja de lenços, que em suas vitrines estreitas expunha rendas, babados, bordados inacabados com estampas azuis, e o rapaz viu uma porta de vidro nos fundos que parecia dar para uma sala de estar. Atrás do balcão, sentava-se uma mulher de cabelos brancos, quase uma senhora, com uma jovem, cujo rosto não conseguia ver; ambas ocupadas com a costura. Ele olhou a mercadoria na vitrine e refletiu se não agradaria Ruzena com esses lencinhos de renda. Até tal ideia parecia-lhe absurda, então prosseguiu; porém, ao chegar à próxima esquina, voltou à loja, impelido pelo desejo de contemplar o rosto oculto daquela moça. Comprou então três lenços delicados, sem que de fato se decidisse a dá-los a Ruzena, de modo bastante aleatório, apenas para agradar a velhinha com aquela aquisição. No entanto, a garota tinha um rosto indiferente, parecia até quase irritada. Em seguida, Joachim encaminhou-se para casa.

.

No inverno, na época das festividades da corte, que representavam uma esperança inconfessada para a baronesa, e na primavera, na época das corridas e das compras de verão, a família Baddensen instalava-se numa bela casa em Westend e, certa manhã de domingo, Joachim von Pasenow decidiu ir visitar as senhoras. Raras vezes ia àquele longínquo vilarejo, que se expandia de maneira rápida, seguindo o exemplo dos chalés ingleses, embora apenas as famílias abastadas, com carruagem à sua disposição, pudessem morar ali, sem terem noção do inconveniente do distanciamento em relação à cidade. No entanto, aos privilegiados que podiam suplantar esse inconveniente particular, aquela estância constituía um pequeno paraíso rural, e Pasenow, ao passear pelas ruas bem cuidadas entre as vilas, sentiu-se imbuído de maneira agradável e calorosa da excelência daquele vilarejo. No decorrer dos últimos dias, sentira-se inseguro a respeito de muitas coisas, o que, de maneira inexplicável, relacionava-se com Bertrand; algum pilar da vida tornara-se instável, e, mesmo que tudo permanecesse em seu lugar anterior, pois as partes sustentavam-se umas às outras, havia um vago desejo de que a

abóbada desse equilíbrio desabasse e soterrasse aquilo que fosse cambaleante e instável; ao mesmo tempo, surgiu o medo de que esse desejo se tornasse realidade, e cresceu nele a saudade de estabilidade, segurança e paz. Pois aquele próspero vilarejo, com os seus edifícios encastelados do mais alto estilo renascentista, barroco ou suíço, circundado de bem cuidados jardins — de onde se ouvia o rastelar dos jardineiros, o esguichar das mangueiras, o murmúrio das fontes —, tudo emanava uma segurança grande e insular, de modo que mal se podia acreditar na profecia de Bertrand de que, mesmo para a Inglaterra, nem tudo estava perdido. Os estudos de Stephen Heller e Clementi ecoavam através das janelas abertas: as filhas dessas famílias podiam continuar seus estudos de piano em segurança; sua existência era segura e tranquila, repleta de amizade, até que a amizade desse lugar ao amor, e o amor morresse outra vez em amizade. Ao longe, mas não muito longe, um galo cantava, como se também quisesse insinuar o caráter rústico daquele bem cuidado vilarejo; sim, se Bertrand tivesse crescido no campo, não semearia insegurança, e se o próprio Joachim permanecesse em sua terra, não se tornaria suscetível à insegurança. Seria esplêndido passear com Elisabeth pelos campos, sentir entre os dedos as espigas de milho maduro e, ao anoitecer, quando se impregna o ar com o acre odor dos estábulos, atravessar o terreiro limpo e recém-varrido para verificar a ordenha. Elisabeth então ficaria ali, entre os grandes animais rústicos, macilenta demais para o peso daquele mundo circundante, e o que com sua mãe era natural e familiar, com ela se tornaria, ao mesmo tempo, familiar e pungente. Porém, apesar de tudo, para ele já era tarde demais; para ele, que se tornara um estrangeiro e — o que acabara de ocorrer-lhe — tão desterrado quanto Bertrand.

Sentia-se então circundado pela segurança do jardim, cujas cercas estavam cobertas por sebes. E o recolhimento da natureza aumentava pelo fato de que a baronesa tivesse mandado trazer ao jardim um dos sofás de veludo da sala de estar: ei-lo, como algo exótico e privado de calor, com suas pernas torneadas e arredondados cascos na gravilha do jardim, louvando a benignidade do clima e da natureza civilizada que lhe deram um lugar para ficar; por outro lado, a sua cor era de um rosa escuro que já desbotava. Elisabeth e Joachim sentavam-se em cadeiras de jardim, cujos assentos de ferro estavam adornados por estrelas que pareciam encaixes fixos de Bruxelas.

Depois de defenderem amplamente as vantagens daquele vilarejo, que beneficiaria sobretudo quem está habituado e gosta da vida rural, questionaram Joachim acerca da sua vida na capital, e ele não pôde deixar de manifestar e justificar a sua saudade do campo. As senhoras concordaram totalmente com ele; a baronesa, nesse particular, assegurou diversas vezes que ela — e ele não devia se espantar —

costumava ficar dias e até semanas sem ir ao centro da cidade, tamanho o pânico que sentia, sim, pânico da agitação, do barulho e do tráfego gigantesco. Pasenow então lhe respondeu que tinham ali um verdadeiro refúgio, e a conversa recaiu por algum tempo nas excelências do vilarejo, até que a baronesa, como se quisesse surpreendê-lo, quase que lhe segredou que lhes havia sido oferecida a oportunidade de comprar a casinha de que ela tanto gostava. E, antecipando a aquisição, pediu-lhe que desse uma olhada na casinha e que fizesse um *tour du propriétaire*, expressão que ela destacou com um pouco de timidez e ironia.

Como de costume, as salas de estar ficavam no térreo e os dormitórios no andar superior. Sim, junto à sala de jantar, que acalentava um obscuro conforto com seus antigos móveis alemães esculpido, eles construiriam um jardim de inverno com uma fonte, e talvez ampliariam também a sala de estar. Depois, subiram as escadas, guarnecidas de cima a baixo por belos reposteiros de veludo, e a baronesa continuou a abrir cada uma das portas, deixando apenas as mais reservadas. Com hesitação e um pouco de rubor, revelou-se o quarto de Elisabeth ao olhar masculino, porém, mais do que aquela alva nuvem de renda que envolvia a alcova, as janelas, o lavatório e o espelho, o quarto dos pais converteu-se numa vergonhosa e embaraçosa experiência para Joachim, que estava prestes a repreender a baronesa por transformá-lo em confidente da casa, obrigando-o a ser cúmplice de seu pudor. Pois, diante de seus olhos, ali, diante dos olhos de todos, nem mesmo escondidos de Elisabeth, a quem ele percebia confusa e violada por ter tal conhecimento, ali estavam duas camas, uma ao lado da outra, prontas para a função sexual da baronesa, que ele então via diante de si, não nua, mas sim com o ar de mulher perdida e vulgar; num piscar de olhos, agora aquele quarto parecia-lhe o centro da casa, com o altar oculto e, no entanto, publicamente visível, em torno do qual tudo o mais fora construído. E subitamente ele percebeu que, em cada uma das casas na longa fileira de vilas pelas quais passara, havia um quarto semelhante como ponto central, e que as sonatinas e os *études* que jorravam através das janelas abertas, atrás das quais soprava suavemente a aragem da primavera, inflando os cortinados de alva renda, serviam apenas para obscurecer os verdadeiros fatos. Por toda parte, ao anoitecer, faziam-se as camas para os patrões com os lençóis que eram dobrados de modo tão hipócrita na lavanderia, e os criados e as crianças sabiam o motivo disso ser feito; por toda a parte, criados e crianças dormitavam, castos e puros, no centro da casa, castos e puros, mas isto ao serviço e sob as ordens dos perversos e desavergonhados. Como ousara a baronesa, ao elogiar as vantagens do local, incluir nesse elogio a proximidade da igreja? Não devia ser ela a última a entrar na igreja, por assim dizer,

descalça? Talvez fosse o que Bertrand quis dizer, quando falou do anticristianismo, e Joachim compreendeu que os negros paladinos de Deus atacariam com fogo e sabre para restaurar a verdadeira castidade e o verdadeiro cristianismo. Ele olhou para Elisabeth e ocorreu-lhe ter visto nos olhos dela que a garota compartilhava da sua indignação. E o fato de que ela estivesse fadada ao mesmo tipo de profanação, sim, e de que fosse ele o homem escolhido para realizar tal profanação, encheu-o de tal compaixão que ele quis raptá-la, apenas para vigiar-lhe a porta, para que ela, imperturbável e imaculada em um sono de alva renda, pudesse continuar sonhando para sempre.

Escoltado de maneira gentil pelas senhoras, despediu-se com a promessa de retornar em breve. Já na rua, tomou consciência do vazio daquela visita; refletiu como aquelas senhoras ficariam horrorizadas se ouvissem Bertrand falando, e até desejou que, pelo menos uma vez, pudessem ouvi-lo.

.

Quando um homem adquiriu o hábito de ignorar seus semelhantes, seja devido ao isolamento de sua casta, seja em decorrência de certa letargia de seus próprios sentimentos, então deve causar-lhe estranheza e espanto que seus olhos sejam atraídos por dois jovens desconhecidos, que conversam perto dele. Isso aconteceu com Joachim certa noite no saguão da ópera. Os dois cavalheiros eram por óbvio estrangeiros, cuja idade não parecia ultrapassar os vinte anos; inclinava-se a considerá-los italianos, não apenas por causa do corte de seus ternos parecer um tanto incomum, mas porque um deles, um sujeito de olhos e cabelos pretos, usava o cavanhaque à italiana. E embora Joachim relutasse em ouvir a conversa alheia, percebeu que falavam uma língua estrangeira, que não era o italiano, e sentiu-se, por isso, obrigado a ouvir com mais atenção, até que, com leve sobressalto, cogitou que aqueles dois rapazes estivessem falando tcheco ou, para ser mais exato, boêmio. Esse sobressalto era infundado, e pareceu-lhe ainda mais infundada a sensação de infidelidade a respeito de Elisabeth, a quem acompanhava. Naturalmente, era possível, embora improvável, que Ruzena estivesse ali no teatro e que aqueles dois rapazes frequentassem o camarote dela, como ele próprio às vezes visitara o camarote de Elisabeth; e talvez o rapaz de cavanhaque negro e negros cabelos excessivamente crespos tivesse de fato muita semelhança com Ruzena, e não apenas devido à cor do cabelo; talvez fosse a mesma boca pequena, cujos lábios se destacavam bastante da pele empalidecida, aquele nariz, muito curto e delicado, e o sorriso que de certa forma era... desafiador — sim, desafiador era a palavra certa — e, ainda assim, era como se essa boca estivesse pedindo perdão. No entanto, tudo aquilo lhe parecia muito absurdo, sendo bem possível que aquela semelhança

não passasse da imaginação de Joachim; pois, se pensasse então em Ruzena, devia então admitir que a imagem dela desvanecera por completo, que certamente não a reconheceria se a reencontrasse na rua, e que só podia vê-la pela máscara e pela mediação daquele rapaz. Aquilo o serenou e, de certa maneira, tornou o assunto seguro, sem que se pudesse agradar com isso, pois, ao mesmo tempo e em outro nível, teve a impressão indescritível e terrível de que a garota estivesse escondida atrás de uma máscara de homem, e não conseguia se livrar desse sentimento mesmo depois do intervalo. Representava-se o *Fausto*, e as dulcíssimas melodias eram tão insignificantes quanto o argumento da ópera, em que ninguém, nem mesmo o próprio Fausto, notava que os amados traços de Margarida escondiam-se atrás do rosto de Valentim e que era por causa disto, e somente por causa disto, que Margarida teve de expiar as suas dores. Talvez Mefistófeles soubesse daquilo, e Joachim sentiu-se contente por Elisabeth não ter nenhum irmão. Quando reencontrou o irmão de Ruzena, depois da apresentação, deu graças que a irmã também estivesse fora de seu alcance e sentiu-se tão seguro de si que, apesar da farda, dirigiu-se à Rua Jäger. E a sensação de infidelidade também desaparecera.

Só depois de dobrar a esquina da Rua Friedrich, lembrou-se de que não podia em definitivo entrar no local uniformizado. Sentiu-se decepcionado e continuou andando pela Jäger. O que podia fazer? Circulou pelo próximo quarteirão, retornou à Jäger e surpreendeu-se espiando por baixo dos chapéus das garotas que passavam, muitas vezes na esperança de ouvir palavras em italiano. Entretanto, quando se reaproximou do Cassino Jäger, não ouviu italiano, mas um cantante entrecortado:

— Mas já não me reconhece mais?

— Ruzena? — disse a contragosto Pasenow, pensando ao mesmo tempo: “Que embaraço!”. Detivera-se em plena rua, ele, fardado, com aquela garota; ele, que há poucos dias sentira-se constrangido de ser visto com Bertrand à paisana; e, em vez de se afastar, esquecendo-se de todos os bons modos, sentiu-se quase feliz, sentiu-se completamente feliz por aquela garota demonstrar vontade de continuar conversando:

— Onde está o paizinho? Ele não vem hoje?

Ela não devia ter se lembrado do pai:

— Não, é impossível, querida Ruzena; além disso — como ela o havia chamado? —, nem aquele senhor poderá vir hoje ao local...

Sim, ele então devia apressar-se. Ruzena olhou para ele, intrigada:

— Então me fizeram esperar à toa...

No entanto, e a face dela se iluminou, ele precisava visitá-la. O rapaz olhou para aquele rosto expectante e inquisitivo, como se quisesse

guardá-lo para sempre na memória, mas ainda tentava descobrir se ele escondia seu irmão sulista de cavanhaque. Havia alguma semelhança; porém, enquanto refletia se uma garota com a fisionomia do próprio irmão poderia lhe prejudicar de alguma maneira, veio-lhe à mente o seu próprio irmão, loiro e viril, com uma barba rala e hirsuta, o que o trouxe de volta à realidade. Naturalmente, era algo muito diverso; Helmuth pertencia ao campo; era caçador; não tinha nada em comum com aqueles sulistas afeminados e, no entanto, sentiu um alívio. Seu olhar continuava a procurar, mas sua aversão acabou e o rapaz experimentou a necessidade de fazer algo de bom para ela, de lhe dizer algo de bom, para que a garota guardasse uma boa recordação dele; porém, ele ainda hesitava; não, pequena Ruzena, não iria visitá-la, mas...

— Mas? — soava algo ansioso e cheio de expectativa... A princípio Joachim não sabia o que deveria acontecer depois daquela adversativa, descobrindo logo em seguida:

— O que acha de a gente sair para comer fora?

Sim, sim, sim, sim, conheço um pequeno restaurante: amanhã! Não, não seria possível amanhã, mas ele não estaria de serviço na quarta-feira e combinaram de se encontrar na quarta-feira. Então a garota ficou na ponta dos pés e sussurrou em seu ouvido:

— Bondoso e gentil, você... — e saiu correndo, desaparecendo porta afora, acima da qual ardiam os candeeiros a gás.

Pasenow viu seu pai subir as escadas com passos rápidos e decididos e percebeu que seu coração se contraía de maneira sensível e muito dolorosa.

•

Ruzena ficou encantada com o estrito convencionalismo com que Joachim a tratara no restaurante, esquecendo-se até da decepção por ele ter vindo à paisana. O dia estava chuvoso e frio; porém, não quisera abandonar os planos, então, depois do almoço, dirigiram-se de Charlottenburg até Havel. Já na charrete de aluguel, Ruzena havia tirado uma das luvas de Joachim, e agora, à medida que caminhavam ao longo da orla, a garota pegou-lhe o braço e colocou-o debaixo do seu. Caminharam devagar, avançando por uma paisagem expectante em sua quietude e que, no entanto, não podia esperar nada além da chuva e do anoitecer. O céu estendia-se suavemente sobre ambos, unindo-se às vezes à terra por um véu de chuva indissolúvel e, também para eles, caminhantes em silêncio, parecia não haver mais nada além de expectativa, como se tudo aquilo que os fizera vivos lhes escorresse pelos dedos, entrelaçados e dobrados como as pétalas de um botão fechado. Apoiados ombro a ombro, ao longe semelhantes a um triângulo, caminhavam ao longo da orla, em silêncio, pois nenhum

dos dois sabia o que os unira. Entretanto, de maneira inesperada, enquanto caminhavam, Ruzena inclinou-se sobre a mão dele, que estava presa à dela, e beijou-a antes que ele pudesse retirá-la. Joachim olhou para aqueles olhos rasos de lágrimas e para aqueles lábios que já se crispravam em soluços e, ainda assim, conseguiu dizer:

— Quando você me encontrou na escada, eu disse para mim mesma: Ruzena, eu disse, ele não é para você, nunca será para você. E agora você está aqui...

No entanto, ela não lhe ofereceu os lábios para o beijo esperado, mas quase avidamente recolocou o rosto na mão dele, e, quando ele não tentou retirá-la, a garota cravou-lhe com força os dentes, não muito, mas com o mesmo cuidado e delicadeza quanto um cãozinho brincando; e, em seguida, olhando para a marca com satisfação, ela lhe disse:

— Ah, vamos continuar caminhando. Pouco importa a chuva.

A chuva caía suavemente no rio, enquanto do mesmo modo molhava as folhagens dos chorões. Um barco jazia, mal imerso na água, perto da margem; sob uma passarela de madeira, um arroio desaguava rapidamente no fluxo plácido do rio, e Joachim também se sentia arrastado, como se o anseio que o impregnava fosse um suave e leve fluir de seu coração, uma inundação que respirava, ansiosa pelo fôlego inspirado pelos lábios da adorada boca, e expirado como em um lago de imensurável quietude. Era como se o verão se dissipasse em orvalho, a água se fizesse amena, molhando as folhas, as gotículas de rocio cobrissem o relvado. Um tênue véu de névoa surgia ao longe e, quando se viraram, notaram que ele também os cingia, de modo que seus passos pareciam um repouso. Quando se intensificou a chuva, refugiaram-se entre as árvores, sob as quais o solo ainda estava seco, uma mancha de seca e não dissoluta poeira estival, quase mísera entre tanta dissolução que os cercava; Ruzena tirou as presilhas do chapéu, não apenas porque os deveres civis a obrigassem, mas também para proteger Joachim das pontas afiadas, tirou o chapéu e apoiou as costas em Joachim como se ele fosse a árvore protetora. A cabeça dela se inclinara para trás e, quando ele abaixou o rosto, seus lábios tocaram a testa dela e os cachos negros que a emolduravam. Ele não viu as tênues e um tanto ridículas linhas de expressão que lhe sulcavam a testa, talvez por estar perto demais para distingui-las, talvez porque toda a contemplação se dissolvesse em sentimento. Entretanto, a garota sentia que os seus braços a envolviam, as mãos dele nas dela, como se estivesse entre os ramos de uma árvore, e o fôlego dele em sua testa era como o gotejar da chuva nas folhas; mantinham-se ambos tão quietos, e o céu cinza tornava-se tão unido com a superfície da água, que os chorões da ilha pareciam flutuar como se estivessem sobre um lago cinzento, não se sabia se suspensos acima ou apoiados

embaixo. Porém, em seguida, ela olhou para as mangas molhadas de sua jaqueta e sussurrou baixinho que eles deveriam voltar. A água batia em suas faces, mas eram incapazes de se apressar, pois isso quebraria o encanto, e só se sentiram seguros novamente quando estavam tomando café no botequim. Agora a chuva escorria cada vez mais copiosa pelas vidraças do rústico terraço, murmurando nas calhas. Quando a senhoria se ausentava da sala, Ruzena largava a xícara, tomava-o pela mão e, segurando a frente dele, aproximava-a bem perto dos olhos dela, tão perto — e ainda sem se beijarem — que as suas visões se dissolveram e a expectativa que sentiam era quase insuportável por sua doçura. Porém, quando se sentaram na charrete de aluguel sob a capota coberta e com a capa de chuva abaixada, como se estivessem no fundo de uma gruta escura, com o brando tamborilar das gotas de chuva no couro esticado, sem contemplar nada além da borda inferior da capa do cocheiro e nada mais do mundo além de duas faixas cinzentas e úmidas de estrada através da abertura da esquerda e da direita, e logo nem mesmo isso viam, então seus rostos se inclinaram um para o outro, vertendo-se e desvanecendo-se um no outro, jacentes e fluidos como o rio, perdidos e irrecuperáveis, perenemente reencontrados e outra vez submersos na suspensão do tempo. Foi um beijo que demorou uma hora e quatorze minutos. Então a charrete de aluguel deteve-se em frente à casa de Ruzena. No entanto, quando o rapaz quis entrar com ela, a garota meneou a cabeça e ele se virou para partir: porém, a dor daquela despedida era tão grande que, depois de alguns passos, ele se virou e tomou-lhe a mão que continuava imóvel e ansiosa, impelido pela própria ansiedade e atraído pela ansiedade dela, como se estivesse em um sonho; subiram como sonâmbulos a escada escura, que rangia sob os pés, atravessaram a antessala escura, adentraram o quarto, que ficava à penumbra do crepúsculo chuvoso, afundaram no tapete áspero que cobria a cama, buscando outra vez o beijo do qual foram arrancados, os rostos molhados de chuva ou de lágrimas, mal sabiam. Contudo, Ruzena desvencilhhou-se, guiou-lhe a mão até as presilhas que prendiam sua cintura às costas, e sua voz cantante ressoou sombria:

— Abra! — sussurrou Ruzena, rasgando de uma só vez a gravata e os botões do colete.

E como num súbito ato de humildade, tanto perante ele quanto em ação de graças a Deus, a garota caiu de joelhos, a cabeça apoiada aos pés da cama, e desamarrou-lhe os sapatos. Ah, como aquilo era temível! Por que não deixar que simplesmente submergissem juntos, esquecendo-se dos invólucros em que estavam presos? E, no entanto, como ele estava grato por Ruzena simplificar de maneira emocionante aquela situação: ah, a liberação de seu sorriso ao descobrir a cama em

que se deitaram. Contudo, ainda a incomodava o engomado e pontiagudo peitilho que a espetava no queixo, e então, abrindo-o e enfiando o rosto entre as pontas pontiagudas, ela ordenou:

— Tira isso!

E então eles sentiram alívio e libertação, leveza corpórea, a respiração a sufocar pela efusão emotiva e o deleite surgindo da ansiedade. Ah, ansiedade vital que emana da carne viva que reveste os ossos, suavidade da pele que, mesmo tensa, estende-se e estica-se sobre essa carne, terrível recordatório da ossatura, da caixa torácica de incontáveis costelas, que tu podes enleiar com teus braços e que, ofegando, pressiona contra ti, com o coração pulsando com o teu... Ah, doce odor da pele, úmida fragrância, sulcos macios sob os seios, escuridão das axilas. Entretanto, Joachim ainda se sentia conturbado demais, ambos se sentiam conturbados demais para saber como estavam felizes; só sabiam que estavam juntos e que, no entanto, deviam procurar-se um ao outro. Nas trevas, ele vislumbrou o semblante de Ruzena, porém, ele parecia estar fluindo, fluindo entre os escuríssimos arbustos da orla do rio de seus cachos, e a mão dele teve que procurá-la, para que se certificasse de que ela estava ali, até que lhe encontrou a testa e as pálpebras, sob as quais repousavam os duros globos oculares; encontrou-lhe as alegres covinhas das bochechas e o contorno da boca aberta ao beijo. Quebravam-se as vagas do anseio; levado pela enchente, o beijo de Joachim encontrou o de Ruzena; e, enquanto os chorões da orla do lago cresciam, esparramando-se de margem a margem, encerrando-os como uma sacra gruta, em cuja profunda paz repousara a quietude do lago eterno, a voz de Joachim ainda falava muito baixo, sufocada e, sem fôlego, procurando pelo sopro do alento dela, irrompendo em um grito:

— Eu te amo!

O que foi ouvido por Ruzena e fez com que ela se abrisse, tal como se abre uma concha marítima, e ele mergulhasse nela, afogando-se.

•

A notícia da morte do irmão chegou de maneira inesperada. Ele morrera em um duelo com um proprietário de terras polônês, em Posen. Se tivesse acontecido algumas semanas antes, Joachim talvez não tivesse ficado tão abalado. Nos vinte anos que passara longe de casa, a imagem do irmão desvanecera cada vez mais e, quando se recordava dele, via apenas o menino loiro com seu terno de menino — ambos sempre se vestiram de maneira idêntica até Joachim ter sido admitido na escola de cadetes — e, mesmo naquele momento, o que primeiro lhe ocorrera foi o caixão de uma criança. No entanto, de repente, surgiu ao lado dessa a imagem de Helmuth com barba loira e

viril, a mesma imagem que lhe aparecera naquela noite na Rua Jäger, quando se sentira receoso de não reconhecer mais a fisionomia de uma garota tal como era: ah, naquela época, os olhos claríssimos do caçador resgataram-no do devaneio para o qual outro queria arrastá-lo e enredá-lo, e agora Helmuth fechara para sempre aqueles olhos que então havia lhe emprestado, talvez para que lhe presenteasse com eles para sempre! Exigira isso de Helmuth? Sentia-se livre de qualquer culpa; porém, era como se aquela morte tivesse sido ocasionada por Joachim, como se fosse por causa dele. Era estranho que Helmuth usasse a barba como a do Tio Bernhard, a mesma barba curta e hirsuta que deixava a boca exposta; e para Joachim, parecia que ele sempre responsabilizara Helmuth por seu ingresso na escola de cadetes e por sua carreira militar, e não o Tio Bernhard, que era o verdadeiro culpado. Mesmo assim, Helmuth pudera ficar em casa, e ele também fora um hipócrita — e podia ser esse o motivo —, mas tudo isso estava tão confuso, tudo tão estranho, ainda mais porque Joachim sabia há muito tempo que a vida de seu irmão não era nem um pouco digna de inveja. Teve outra vez a visão do caixão de criança e a sua amargura contra seu pai aumentou. Então, o velho conseguiu expulsar também o outro filho de casa. Deu-lhe uma sensação amarga de alívio poder responsabilizar o pai pela morte do irmão.

Ele foi ao enterro. Quando chegou a Stolpin, encontrou uma carta de Helmuth:

Não sei se sairei vivo desse negócio um tanto supérfluo. Naturalmente, espero que sim, mas, de qualquer maneira, pouco me importo. Dou graças que exista um código de honra, que nesta vida indiferente é um indício de uma ideia superior à qual é possível se submeter. Espero que você tenha encontrado mais valores em sua vida do que eu na minha; às vezes, invejo sua carreira militar; consiste, pelo menos, num serviço a algo maior do que nós mesmos. Não sei o que pensa a respeito disso, mas escrevo avisando-o para que não desista de sua carreira militar (caso eu perca) para assumir a administração do patrimônio. Mais cedo ou mais tarde, isto será necessário, mas enquanto o pai estiver vivo, seria melhor que ficasse longe de casa, a menos que a mãe precise de você. Aceite os meus muitos votos de felicidade!

Seguiu-se então uma lista de diferentes instruções daquilo que deveria ser providenciado e implementado por Joachim e, por fim, de maneira um tanto inesperada, o desejo de que Joachim não se sentisse tão solitário quanto ele.

Os pais comportaram-se de maneira estranha, até mesmo a mãe. O

pai cumprimentou-o com um aperto de mão, dizendo:

— Morreu pela honra, pela honra de seu nome! — e, com passos firmes e decididos, caminhou em silêncio de canto a canto da sala. Logo em seguida, repetiu: — Morreu pela honra! — e saiu porta afora.

Helmuth fora colocado no grande salão. Na antessala, Joachim já pressentia o acre odor dos crisântemos e das coroas de flores: acre demais para um caixão de criança — uma ideia fixa e absurda — e, ainda assim, Joachim permaneceu hesitante junto à porta bem acortinada, sem se atrever a olhar para o outro lado, com o olhar fixo no piso. Ele conhecia bem aquele parquê, conhecia também as placas triangulares contíguas à soleira, conhecia o ornamento que se prolongava pela sala, e, quando o seguia com os olhos, tal como fizera quando criança, para apreender o traço artístico, chegou até a ponta do tapete preto que se estendia sobre o esquife. Algumas folhas, caídas das coroas, jaziam ali. Ele teve vontade de caminhar outra vez pelo ornamento, deu alguns passos e olhou para o caixão. Não era um caixão de criança, por sorte; porém, ainda evitava olhar com seus próprios olhos videntes para os olhos do morto, para olhos que deviam estar tão opacos que o rosto do menino se afundara neles, talvez arrastando atrás de si seu irmão, cujos olhos lhe foram confiados, e a ideia de que ele... ele mesmo jazia ali deitado se tornou tão intensa que parecia um alívio e um golpe de sorte descobrir, quando se aproximou, que o caixão estava cerrado. Falou-se que o rosto do morto havia sido desfigurado pelo tiro. Assim que o ouviu, deteve-se ao lado do caixão, pôs a mão na tampa do ataúde. E tomado pela estranheza que domina o homem perante um cadáver e perante o silêncio da morte, em que se dissipa e se desfaz tudo o que é real, em que se quebram e se enrijecem os venerandos hábitos, em que o ar torna-se rarefeito e insustentável, parecia-lhe que nunca conseguiria deixar seu lugar junto ao caixão, e foi só com um grande esforço que conseguiu se lembrar de que aquela era a sala de estar, e de que aquele caixão estava no lugar em que costumava ficar o piano, e de que atrás daquele tapete havia um trecho de parquê em que jamais se pisara; caminhou devagar para lá, tateando a parede encoberta de preto, sentindo os porta-retratos e a moldura da Cruz de Ferro sob o pano escuro, e o fragmento de realidade que recuperara transformou a morte, de maneira nova e quase emocionante, em uma questão de tapeçaria, dando um ar quase divertido ao fato de que Helmuth e seu caixão, decorado com todas as suas flores, tinham sido empurrados para aquela sala como uma nova peça de mobiliário, reduzindo o incompreensível de volta ao compreensível e à força da compreensão, tanto que a vivência daqueles poucos minutos — ou seriam apenas segundos? — culminaram em um bom sentimento de serena confiança. O pai apareceu acompanhado de vários senhores e Joachim

ouviu-o repetir várias vezes:

— Ele morreu pela honra!

No entanto, quando os senhores partiram e Joachim pensou que estava novamente sozinho, voltou a escutar:

— Ele morreu pela honra!

E avistou o pai de pé, franzino e solitário, ao lado do caixão. Sentia-se compelido a aproximar-se dele.

— Venha aqui, pai — disse ele, acompanhando-o para fora. À porta, o pai encarou-o, dizendo:

— Ele morreu pela honra! — como se quisesse guardar aquilo na memória e esperasse o mesmo de Joachim.

Em seguida, chegou um grande número de pessoas. O corpo de bombeiros local estava no pátio. As associações militares vizinhas também se reuniram ali e formaram um grupo bem ordenado de cartolas e sobrecasacas pretas, nas quais não raro se via a insígnia da Cruz de Ferro. Chegavam as carruagens dos vizinhos e, enquanto os veículos se dirigiam para um lugar onde pudessem permanecer à sombra, Joachim limitou-se a cumprimentar os cavalheiros e a fazer as honras diante do caixão do irmão. O Barão Von Baddensen viera sozinho, pois a sua senhora e a sua filha ainda estavam em Berlim, e quando Joachim o cumprimentou, foi tomado pela ideia, imediatamente rejeitada com raiva, de que aquele cavalheiro pudesse considerar o único herdeiro de Stolpin como um bom partido para sua filha, e sentiu vergonha por Elisabeth. Na empena da casa, pendia, imóvel, uma bandeira de luto que chegava quase ao terraço.

A mãe desceu as escadas de braço dado com o pai. Os visitantes ficaram boquiabertos com sua firmeza e até mesmo a admiraram. Porém, aquilo talvez não passasse da lerdeza de senso que lhe era peculiar. Formou-se o préstito fúnebre e, quando os coches viraram para a rua da aldeia e a igreja apareceu diante deles, todos se sentiram satisfeitiíssimos de entrarem na amena e branca igreja, livres do sol da tarde, que ardia intenso e poeirento sob os pesados tecidos dos uniformes e trajes de luto. O padre proferiu um sermão em que enfatizou muito a honra, combinando-o habilmente com considerações que exaltavam a honrar ao Altíssimo; ao som do órgão, ouvia-se que é necessário desapegar-se do que mais amamos... “sim, nos separamos”, Joachim esperava sempre pela rima. Em seguida, caminharam a pé até o cemitério, sobre cujo portal reluzia uma placa dourada com a inscrição DESCANSE EM PAZ, e os coches seguiram devagar em uma longa nuvem de poeira. O céu iluminado pelo sol arqueava-se em um azul-púrpura sobre a seca e quebradiça terra, que esperava que o corpo de Helmuth lhe fosse entregue, embora não fosse realmente terra, mas sim a cripta da família, um pequeno porão aberto, que

bocejava de tédio para o recém-chegado. Depois de Joachim ter esvaziado três vezes a pequena pá, olhou para baixo, viu as bordas dos caixões de seu tio e dos avós e pensou que um lugar havia sido reservado para seu pai, e que devia ser por isso que o Tio Bernhard não estava enterrado ali. Então, quando a terra escavada caiu na tampa do caixão de Helmuth, espalhando-se nas pétreas lajes da cripta, despertou, com sua pá de brinquedo na mão, nos dias de infância, na macia areia do rio, e reavistou o irmão como quando criança, vendo-se a si mesmo deitado no esquife, e pareceu-lhe que a aridez daquele dia estival produzira o engano não apenas quanto à idade, mas também à própria morte de Helmuth. Pois, para a sua própria morte, Joachim almejava um dia ameno e chuvoso, em que até o céu descesse para receber-lhe a alma, para que nela flutuasse como nos braços de Ruzena. Tratavam-se de ideias obscenas, impróprias para aquele lugar, mas não era só ele o responsável por elas, mas também todos os outros, a quem ele dera lugar durante a abertura da cripta, e até o pai compartilhava dessa responsabilidade: pois a fé de todos era hipócrita, frágil e empoeirada, à mercê da insolação e da intempérie. Não se deveria desejar que os exércitos dos negros varressem tudo isso e que o Salvador se erguesse em toda a sua Glória e levasse o povo de volta ao Seu Reino? Cristo estava pendurado em uma cruz de mármore sobre o túmulo, vestido apenas com o trapo que lhe encobria a nudez e com a coroa de espinhos da qual caíam gotículas de sangue de bronze, e Joachim sentiu também o gotejar em suas faces; talvez fossem lágrimas que não percebera, mas talvez fosse apenas o calor opressivo; ele não sabia e apertou as mãos que lhe eram estendidas.

As associações militares e o corpo de bombeiros prestaram suas últimas homenagens ao morto com uma parada militar e uma brusca virada de cabeças à esquerda; suas botas ressoavam no cascalho, suas quatro fileiras marchavam a rigor pelos portões do cemitério, acompanhadas pelas lacônicas e abruptas ordens do comandante. De pé no degrau da capela fúnebre, passaram-nos em revista o Senhor Von Pasenow, com chapéu na mão, Joachim, com a mão erguida em continência, e, entre eles, a Senhora Von Pasenow. Os outros soldados presentes ficaram em posição de sentido e também com as mãos erguidas em continência. Em seguida, chegaram as carruagens e Joachim e seus pais embarcaram numa delas, cujas alças e outras peças metálicas, como o metal dos arreios, haviam sido cuidadosamente encobertos com *crêpe* negro pelo cocheiro; Joachim observou que até o chicote estava decorado com uma roseta de *crêpe* negro. A essa altura, a mãe chorava copiosamente, e Joachim, que não sabia o que dizer para confortá-la, já não conseguia entender por que Helmuth, e não ele, fora atingido por aquela bala fatal. No entanto, o

pai permanecia bastante tenso no assento de couro preto, que não era duro e puído como o das charretes de aluguel de Berlim, mas sim flexível e bem costurado com botões de couro. Às vezes, parecia que o pai queria dizer alguma coisa, algo para concluir uma série de pensamentos que obviamente o preocupavam e o absorviam por inteiro, pois começava a falar, mas logo em seguida voltava a ficar tenso e apenas conseguia mexer os lábios mudos, sem proferir coisa alguma; por fim, disse de maneira abrupta:

— Prestaram as últimas homenagens para ele! — com o dedo em riste, como se esperasse por algo ou estivesse prestes a acrescentar alguma coisa, e então recolocou a mão aberta sobre a coxa.

Avistava-se uma peça de pele com uma pelagem avermelhada entre a borda da luva preta e o punho engomado com o grande botão preto.

Os dias seguintes decorreram em silêncio. A mãe cuidava da própria vida: vinha ao estábulo na hora da ordenha, ao galinheiro na hora da recolha de ovos, à lavanderia... Às vezes, Joachim cavalgava pelos campos; montava o cavalo que dera a Helmuth, e isso era como uma obra de caridade para com o defunto. Ao anoitecer, o pátio era varrido e as pessoas sentavam-se nos bancos em frente à casa dos empregados e desfrutavam da aragem refrescante e suave. Certa vez, durante a noite, caía uma tempestade e Joachim percebeu, sobressaltado, que quase se esquecera de Ruzena. Ele tinha visto pouco o pai; costumava sentar-se à escrivaninha para ler as cartas de condolências ou transcrevê-las em papel. Apenas o padre, que vinha visitá-lo todos os dias e muitas vezes ficava para jantar, falava a respeito do morto, mas, como era uma espécie de jargão profissional, quase não era ouvido, sendo que o Senhor Von Pasenow parecia ser o seu único ouvinte, porque às vezes assentia com a cabeça, dando a impressão de que queria dizer algo que lhe era muito querido; porém, sempre limitava-se a repetir uma das últimas palavras do padre com um aceno de afirmação, tal como:

— Sim, sim, senhor padre, pais que foram postos duramente à prova!

Então Joachim precisou partir. Quando se despediu do pai, o velho voltou a andar de um lado para o outro da sala. Joachim recordou-se das inúmeras despedidas semelhantes naquela sala, inóspita e tão familiar, com os seus troféus de caça nas paredes, com a escarradeira ao canto junto ao fogão, com o material de escrita, que já deviam estar ali desde a época do avô, com vários periódicos de caça jazendo sobre a mesa, a maioria sem sequer ter sido aberta. O rapaz esperava que o pai colocasse como sempre o monóculo no olho e o dispensasse com um gesto abrupto:

— Ora, boa viagem, Joachim.

Entretanto, desta vez o pai não disse nada; apenas continuou andando em seu périplo, com as mãos nas costas, de modo que

Joachim repetiu pela segunda vez:

— Sim, pai, eu tenho que partir agora; está na hora do trem.

— Ora, faça uma boa viagem, Joachim! — foi a resposta costumeira. — Mas o que eu queria lhe dizer... acho que você voltará para casa em breve. O lugar ficou vazio... vazio... — e olhou em volta — ... mas nem todos percebem isso... naturalmente que se deve defender a honra... — Ele retomara sua caminhada, falando então em tom confidencial: — E quanto à Elisabeth? Já falamos a respeito dela...

— Pai, já está na hora! — disse Joachim. — Senão vou perder o trem.

O velho estendeu a mão e Joachim apertou-a com certa relutância.

Ao passar pela aldeia, viu no relógio da igreja que ainda havia muito tempo para embarcar; de qualquer maneira, já sabia disso. A porta da igreja estava aberta e Joachim pediu ao cocheiro que parasse. Tinha uma dívida a ser paga, uma dívida com a igreja, que só lhe fora um lugar agradavelmente fresco, uma dívida com o pároco, cujo belo sermão não ouvira, uma dívida com Helmuth, cujo funeral desonrara com pensamentos profanos, enfim: uma dívida com Deus. O rapaz entrou procurando pela atmosfera da infância e das visitas à igreja, quando ele, Joachim von Pasenow, outra vez sobrecarregado, ficava ali a cada domingo perante a própria face de Deus. Naquela época, conhecia diversas antífonas e cantava-as com fervor. No entanto, não seria adequado que começasse a cantar sozinho ali na igreja. Devia limitar-se a reunir seus pensamentos e fixá-los em Deus e em sua pecaminosidade perante Deus, em sua pequenez e miséria perante Deus; porém, seus pensamentos não encontraram a Deus. Apenas as palavras de Isaías, que ouvira certa vez naquele local, vieram-lhe à mente: “O boi conhece o seu senhor, e o asno a manjedoura do seu senhor, mas Israel nada sabe, e o meu povo não ouve”.¹

Sim, Bertrand tinha razão: perderam o cristianismo; e ele então tentou rezar o Pai-Nosso, com os olhos cerrados, tomando cuidado para não pronunciar palavras vãs, mas sim captar o significado de cada uma; e, quando chegou à passagem: “Assim como perdoamos aos nossos devedores”, ressurgiram-lhe os suaves, receosos e, no entanto, confiantes sentimentos da infância; lembrou-se de que sempre aplicara essa passagem a seu pai e tirara a confiança de que seria capaz de perdoar o pai, sim, de lhe proporcionar todo o bem que caberia a um filho; e depois lhe chegaram aos ouvidos as palavras que o velho falara a respeito de uma solidão, uma solidão que obviamente o assustava, e de cujo fardo era necessário aliviá-lo. Ao deixar a igreja, as palavras “exaltado e fortalecido” vieram à cabeça de Joachim, só que essas palavras não lhe pareciam vãs, mas tinham um bom significado, novo. Decidiu então que visitaria Elisabeth.

No coche, ressurgiram-lhe as palavras e outra vez pensou: “exaltado

e fortalecido”, porém, nesse instante, relacionadas com a imagem de um confortável peitilho e uma afortunada saudade de Ruzena.

II

Um passante vinha da Rua König. Tratava-se de um homem corpulento e atarracado, de fato baixinho, e era de todo balofo, de modo que se podia pensar que desde manhã estava enfiado dentro das roupas. Era um pedestre com um ar grave, vestindo um casaco cinza lustroso com calças de pano preto, tendo o peito encoberto por uma barba castanha. Obviamente, caminhava com pressa, mas não era um andar retilíneo e rápido; era uma espécie de grave gingado, como convém a um homem grave e obeso quando está com pressa. Entretanto, não era só a barba que lhe escondia o rosto; também usava um par de óculos, através dos quais o homem olhava com austeridade para os outros pedestres; e de fato era inconcebível que tal homem, gingando com tanta pressa em torno de seus negócios urgentes e que, apesar de sua flacidez, lançava tão austeros e rigorosos olhares, fosse sem dúvida em outros momentos da vida um sujeito gentil, tanto que houve mulheres por quem se apaixonou, mulheres e crianças para as quais sua barba revelara um sorriso amistoso: mulheres que lhe quisessem beijar a rósea carnadura da sombria cova da barba.

Quando Joachim viu esse homem, automaticamente o seguiu. Não importava para onde ele fosse. Desde que soube que havia um representante da empresa de Bertrand em Berlim, e que o escritório ficava em uma das ruas entre a Alexanderplatz e a Bolsa de Valores, às vezes, era levado para aquela região, assim como lhe acontecera em relação ao subúrbio da classe proletária —, e o fato de não ter mais que buscar Ruzena ali representava quase que um avanço para ela. No entanto, ele não viera ali para encontrar-se com Bertrand; pelo contrário, evitava o lugar, quando sabia que Bertrand estava em Berlim, e, na verdade, também não havia qualquer interesse no representante de Bertrand. Era tão estranho que aquela fosse a região em que se devesse conceber a vida real de Bertrand, e quando Joachim andava por aquelas ruas, não só analisava as fachadas das casas como se quisesse descobrir quais escritórios se escondiam atrás delas, mas também acontecia até de ele olhar sob os chapéus dos paisanos como se fossem mulheres. Às vezes, ele mesmo meditava a respeito disso, pois mal sabia que analisava seus rostos para verificar se o rosto daquelas criaturas distinguia-se de todo do rosto dele, e se exibiam qualidades que Bertrand pudesse assimilar, mas ainda assim as mantivesse dissimuladas. Sim, a dissimulação daquelas criaturas era tamanha que nem precisavam de barbas para se esconder. Até pareceriam um pouco mais familiares e menos hipócritas se usassem

barba, e talvez tenha sido esta a razão que o fez andar atrás do homem gordo e apressado. De maneira repentina, teve a impressão de que o homem à sua frente se parecia de maneira estranhíssima com a imagem que sempre tivera do representante de Bertrand. Talvez não passasse de um absurdo, todavia, quando algumas pessoas cumprimentaram o homem, Joachim deu-se por satisfeito que o representante de Bertrand despertasse tanta estima. Afinal, não teria se surpreendido se o próprio Bertrand, transformado teatralmente, viesse até ele como baixinho, corpulento e com uma barba espessa: como Bertrand poderia ter mantido sua aparência, quando se afundara em um mundo completamente diferente? E embora Joachim soubesse que o que ele pensava não fazia sentido, nem apresentava qualquer ordem, era como se essa trama aparentemente confusa tivesse uma ordem oculta: bastaria desembaraçar os fios que ligavam Ruzena àquelas pessoas e encontrar esse profundíssimo e secretíssimo vínculo, e talvez uma ponta desse fio estivesse em sua mão no momento em que suspeitou que Bertrand fosse o verdadeiro amante de Ruzena; porém, tinha as mãos vazias e apenas se lembrou de que Bertrand certa vez se desculpou por ter que passar a noite com amigos de negócios, e Joachim não conseguia deixar de pensar que aquele homem tinha sido aquele amigo de negócios. Ambos devem ter se encontrado no Cassino Jäger e o homem dera cinquenta marcos a Ruzena.

Quando se segue alguém pela rua, mesmo de maneira automática e com aparente indiferença, logo acontecerá de serem atribuídos todos os tipos de desejos, benevolentes e malevolentes, à pessoa que se está seguindo. Talvez Joachim pelo menos quisesse ver-lhe o rosto e desejasse que o homem se virasse, embora desde a morte do irmão acreditasse estar a salvo de ter que procurar o rosto de Ruzena em cada temido rosto. No entanto, não tinha nada a ver o fato de Joachim ter tido a ideia de que a postura ereta de todas as pessoas que andavam por aquela rua fosse totalmente injustificada, incompatível com o seu melhor conhecimento ou fruto de triste ignorância, uma vez que todos aqueles corpos deviam se estender ao morrer. E o homem que caminhava à sua frente não andava com passos rígidos, incisivos e retilíneos, nem muito menos havia qualquer perigo de que caísse e quebrasse a perna, pois era balofo demais para tanto.

Naquele momento, o homem detivera-se na esquina da Rua Roch, como se esperasse alguma coisa; talvez estivesse à espera de que Joachim lhe devolvesse os cinquenta marcos. De fato, Joachim obrigou-se a restituí-lo e, de repente, viu-se acometido pelo ardente rubor da vergonha, pois o rapaz, por mero receio de que se pensasse que comprara uma mulher para si, ou de que ele próprio por tal motivo começasse a duvidar do amor de Ruzena, deixara-a em sua

odiosa atividade de animadora; e era como se escamas lhe caíssem dos olhos: ele, um oficial prussiano, seria o amante secreto de uma mulher paga por outros homens. Uma desonra só se podia lavar com uma bala de pistola, mas antes que pudesse refletir a respeito de todas as terríveis consequências disso, a ideia desvaneceu, desvaneceu como a imagem de Bertrand, pois o homem atravessou a Rua Roch, e Joachim não devia perdê-lo de vista, antes que... sim, antes que... impossível saber. Bertrand teve uma vida fácil; pertencia a este mundo e, ao mesmo tempo, ao outro, mas Ruzena também estava entre dois mundos. Seria esta a razão pela qual os dois pertenciam por direito um ao outro? Porém, como as pessoas na multidão ao redor, seus pensamentos acotovelavam-se, e mesmo que ele visse um objetivo ao qual desejava que seus pensamentos se dirigissem, ainda assim este balançava e flutuava e escorria, como as costas do homem gordo à sua frente. Se roubara Ruzena de seu legítimo dono, seria óbvio que a mantivesse escondida como um roubo. Tentou recobrar a devida postura, rígida e ereta, sem olhar para os civis. O tumulto de gente que o rodeava, o tropel, como a baronesa o chamava, toda a compulsão do comércio repleta de rostos e costas, parecia-lhe uma massa diluída, mole e escorregadia, que não se podia abarcar. Aonde levaria tudo aquilo? E de repente, ao reassumir a postura prescrita, ocorreu-lhe de maneira libertadora que só é possível amar um ser de mundo estranho. Por isso, jamais fora capaz de amar Elisabeth, e por isso Ruzena também tinha que ser boêmia. Amar consiste em refugiar-se do próprio mundo no mundo alheio, e desta forma, apesar do ciúme e da vergonha, abandonara Ruzena no mundo que lhe pertencia, para que a garota fugisse sempre, vindo a se refugiar com ternura no dele. Encontrava-se diante da orquestra do batalhão e ficou ainda mais rígido, tão rígido como durante o ofício religioso dominical para militares. Na esquina da Rua Spandauer, o homem diminuiu o passo, indeciso à beira da estrada; talvez um homem de negócios daqueles tivesse que ter medo de cavalos na rua. Naturalmente, era absurda a ideia de ter que restituir dinheiro àquele homem; porém, era imprescindível que retirasse Ruzena do Cassino. De qualquer maneira, ela continuava a ser uma boêmia, um ser de um mundo estranho. Mas de onde ele era?

Até onde chegara? E quanto a Bertrand? Mais uma vez, encarou Bertrand, surpreendentemente dócil e baixo, olhando com austeridade através dos óculos, estranho para ele, estranho para Ruzena, que é boêmia, estranho para Elisabeth, que passeava por um parque ermo, estranho para todos e, ainda assim, familiar, quando se virou e abriu a barba em um sorriso amistoso, exigindo que as mulheres lhe beijassem a sombria cova; Joachim deteve-se com a mão no cabo da espada, como se a proximidade da orquestra do batalhão pudesse lhe dar força

e proteção contra o Mal. A imagem de Bertrand surgiu, iridescente, medonha. Aparecia e voltava a desvanecer: “Ele desvanecia nas trevas da cidade grande”, ocorreu a Joachim, e as trevas soavam como agonia infernal. Bertrand ocultava-se em cada forma e em cada traição; Joachim, seus companheiros, as mulheres, todo mundo. No entanto, dera-se conta de que o representante de Bertrand cruzara com segurança a Rua Spandauer em um trote curto. Joachim sentiu-se contente, pois, de agora em diante, manteria Ruzena longe daqueles dois. Não, não se podia falar em roubo; pelo contrário, ele tinha o dever de proteger também Elisabeth. Ah, ele sabia que o diabo é dissimulado. Entretanto, a um militar não cabe a fuga. Se fugisse, entregaria a indefesa Elisabeth àquele homem, ele mesmo seria um dos que se escondiam nas trevas da cidade grande e que tinha medo de cavalos, e isso não seria apenas uma admissão de culpa pelo roubo; significaria também desistir para sempre de sua tentativa de arrancar daquele homem o segredo de sua traição. Ele deveria continuar seguindo-o, mas não escondido como um espião, senão erguido, como convém; e ele também não manteria Ruzena às escondidas. E assim, em pleno bairro da Bolsa de Valores, apesar da proximidade da orquestra do batalhão, reinou um silêncio repentino em torno de Joachim von Pasenow, um silêncio tão calmo e transparente quanto o céu azul-claro que se infiltrava pela fenda da rua.

Sentia o desejo um pouco vago e, no entanto, urgente de alcançar o homem e avisar-lhe de que tiraria Ruzena do Cassino e de que, de agora em diante, não guardaria mais segredo a respeito dela; porém, nem bem deu os primeiros passos, percebeu que o sujeito enfiara-se na Bolsa de Valores. Por um momento, Joachim ficou olhando para a porta: seria aquele o lugar da mudança de forma? Quem sairia dali ainda seria o próprio Bertrand? Refletiu se deveria apresentá-lo imediatamente à Ruzena e acusou a ideia: Bertrand pertencia ao mundo das casas noturnas, e era justamente desse mundo que ele deveria arrancar Ruzena. De qualquer modo, se dará um jeito; como seria bom esquecer de tudo aquilo e passear com Ruzena por um parque ermo e um lago calmo. Deteve-se em frente à Bolsa de Valores. Sentia saudade do campo. O tráfego rugia ao redor; acima, atroavam os trilhos do metrô. Já não olhava para os passantes; sabia que tinha uma aparência estranha e horrível. A partir de agora, evitaria passar por aquela região. Joachim von Pasenow manteve-se ereto e rígido, entre o tumulto que circundava a Bolsa de Valores. Ele ainda amará muito Ruzena.

•

Bertrand fez-lhe uma visita de condolências, e Joachim mais uma vez não tinha certeza se aquilo deveria ser considerado como algo gentil ou intrusivo, pois podia ser considerado de ambos os modos. Bertrand

lembrou-se de Helmuth, que visitara Culm algumas vezes, embora raramente, e mesmo assim sua memória era extraordinária:

— Sim, ele era um menino loiro, pacato, bastante introvertido... Acho que ele nos invejava... Não deve ter mudado muito... Era igualzinho a você, por sinal.

Isso soava um pouco íntimo demais, quase parecia que Bertrand queria tirar proveito da morte de Helmuth; além disso, não seria de se admirar que Bertrand se lembrasse tão bem de todos os acontecimentos do início de sua antiga carreira militar; muito se apreciava a recordação dos tempos gloriosos que já se perderam. No entanto, Bertrand não falou de maneira sentimental, mas sim com naturalidade e calma, de modo que, sob o toque de Bertrand, a morte de Helmuth assumiu um caráter mais humano e sóbrio, tornando-se de alguma forma mais objetiva, atemporal e conciliadora. Na verdade, Joachim não pensara muito no duelo do irmão; tudo o que ouvira a respeito desde aquele acontecimento e o que se repetira inúmeras vezes em todas as manifestações de condolências apontava para a mesma direção: Helmuth sofrera de uma irrevogável e inescapável fatalidade determinada pela honradez. Bertrand, por outro lado, falou:

— O mais estranho é que vivemos em um mundo de máquinas e ferrovias e que, ao mesmo tempo que as ferrovias funcionam e as fábricas funcionam, duas pessoas ficam de frente uma para a outra e atiram.

“Ele não tem mais o mínimo senso de honra”, refletiu Joachim e, por outro lado, a opinião de Bertrand lhe parecia natural e plausível. E Bertrand prosseguiu:

— Isso pode muito bem ser por uma questão de sentimentos...

— Sentimento de honra — atalhou Joachim.

— Sim, sentimento de honra, etc.

Joachim fitou-o, pasmo: Bertrand estaria brincando de novo? Teria lhe agradado replicar que não se deve tratar disso apenas do ponto de vista do homem da cidade; lá fora, no campo, os sentimentos são bem mais genuínos e significativos. Na verdade, Bertrand não sabia nada disso; naturalmente, não se podia falar dessas coisas com um convidado, e Joachim estendeu-lhe silenciosamente a cigarreira. No entanto, Bertrand tirou do bolso o cachimbo inglês e a tabaqueira em couro.

— É tão estranho que a coisa mais leve e fugaz seja na verdade a mais persistente. Fisicamente, as pessoas podem se adaptar com incrível rapidez a novas condições de vida. Mas até a cor da pele e a cor do cabelo são mais persistentes do que o esqueleto.

Joachim observou a pele clara e o cabelo excessivamente ondulado de Bertrand e esperou para ver o que ele queria dizer. Bertrand logo

percebeu que não se expressara bem:

— Pois bem, a coisa mais persistente em nós é o que chamamos de sentimentos. Carregamos um fundo indestrutível de conservadorismo. Tratam-se de sentimentos, ou melhor dizendo, de convenções de sentimentos, porque na realidade consistem em coisas inanimadas e atávicas.

— Então você acha que os princípios conservadores não passam de atavismos?

— Ah, às vezes, mas nem sempre. Embora não seja esta a questão, acho que os sentimentos humanos sempre estão atrasados, cerca de meio século ou mesmo um século inteiro, em relação à vida real. Na verdade, o sentimento é sempre menos humano do que a vida que vivemos. Considere que um Lessing ou um Voltaire aceitaram sem revolta em sua época a aplicação da tortura da roda, muito belo visto talvez de baixo, mas inconcebível para nossos sentimentos. Por que acha que para nós seria diferente?

Não, Joachim jamais pensara nisso. Bertrand devia ter razão. Mas por que dizia aquilo tudo? Falava como um jornalista. Bertrand prosseguiu:

— Aceitamos tranquilamente que, certa manhã, dois homens, ambos sem dúvida honrados, pois seu irmão não teria duelado com um homem que não fosse honrado, fiquem frente a frente e atirem um contra o outro. Ambos e mesmo nós devemos estar presos demais ao convencionalismo do sentimento para que possamos tolerar o duelo! Os sentimentos são inertes e, por isso, tão incompreensivelmente cruéis. O mundo é rígido pela inércia sentimental.

A inércia sentimental! Joachim ficou impressionado com a frase; não sofria ele mesmo de plena inércia sentimental? Não seria por acaso uma inércia imperdoável que o impedira de reunir imaginação suficiente para fornecer dinheiro a Ruzena e, apesar de sua relutância, tirá-la do cassino? Perguntou consternado:

— Você quer dizer que a honra consiste numa inércia sentimental?

— Ah, Pasenow! Você faz perguntas muito indubitáveis! — Bertrand voltou a rir com aquele sorriso triunfante com que sempre superava as divergências. — Acho que a honra é um sentimento muito vívido, mas mesmo assim estou convencido de que as formas obsoletas estão repletas de inércia, e de que é necessária uma fadiga infinita para ceder a um convencionalismo romântico e morto do sentimento. É necessário estar muito desesperado e perdido...

Sim, Helmuth estava fatigado. Porém, o que Bertrand queria? Como se livrar desse convencionalismo? Com um calafrio, Joachim percebeu o risco de se rebaixar, tal como Bertrand, caso se quisesse escapar das convenções. Tinha certeza de ter fugido das convenções mais estritas

em seu relacionamento com Ruzena, mas não podia ir mais longe, e a honra viva exigia que ele ficasse com Ruzena! Talvez Helmuth tivesse pressentido quando o advertiu para que, naquele momento, não voltasse para a fazenda. Pois aí então Ruzena estaria perdida. Em seguida, de súbito, perguntou:

— O que você acha da agricultura alemã? — meio que esperando que Bertrand, que sempre teve argumentos práticos à mão, também o advertisse para que não assumisse a fazenda em Stolpin.

— É difícil de responder, Pasenow, especialmente quando alguém sabe tão pouco sobre agricultura quanto eu... todos nós ainda não nos livramos do preconceito feudal de que o cultivo desta terra de Deus pressupõe a garantia de uma existência mais estável.

Bertrand fez um gesto um pouco depreciativo. Joachim von Pasenow sentiu-se decepcionado e, no entanto, também aliviado, por pertencer à casta desses privilegiados, enquanto a incerta existência comercial de Bertrand só podia ser vista como uma etapa preliminar em direção a um modo de vida mais estável. Aparentemente, arrependia-se de deixar o regimento; como oficial da guarda, quão fácil lhe teria sido contrair um bom casamento! No entanto, essa seria uma reflexão digna do próprio pai, e Joachim rejeitou-a, simplesmente perguntando se Bertrand pretendia se estabelecer posteriormente. Não, Bertrand achava que dificilmente seria capaz de fazê-lo; não era o tipo de homem que suportaria permanecer por muito tempo no mesmo lugar. E então conversaram muito a respeito de Stolpin, das possibilidades que proporcionava a caça, e Joachim convidou Bertrand para participar da caçada de outono. E de repente a campainha tocou: “Ruzena!”, foi o que passou pela cabeça de Joachim, que olhou para Bertrand quase com hostilidade. Bertrand já estava sentado ali por duas horas, bebendo chá e fumando; não era mais uma mera visita de condolências. Entretanto, ao mesmo tempo, Joachim teve que admitir que foi ele próprio quem forçou Bertrand a sentar na cadeira e ficou a oferecer-lhe cigarros, embora devesse saber que Ruzena estava prestes a chegar. Naturalmente, já estava feito; não havia como voltar atrás; sem dúvida, teria sido mais apropriado se ele tivesse consultado a Ruzena primeiro. Talvez ela se sentisse incomodada, talvez ela mesma quisesse manter o segredo que ele estava prestes a revelar, talvez, por bondade, até quisesse evitar que se constrangesse por ela, talvez, na verdade, não fosse sociável; porém, Joachim já era incapaz de qualquer raciocínio desses, pois, quando a imaginava, só conseguia ver-lhe a cabeça e os cabelos espalhados no travesseiro ao lado; aspirava o odor de seu corpo, mas mal sabia mais como ela ficava quando vestida. Ora, por fim, Bertrand é um paisano, seu cabelo é muito comprido e nada disso importava. Assim sendo, Joachim disse:

— Ouça, Bertrand, vou receber a visita de uma garota muito querida.

Você gostaria de jantar conosco?

— Ah, que romântico! — respondeu Bertrand; é claro que ele ficaria encantado, se não fosse incômodo.

Joachim saiu para cumprimentar Ruzena e preveni-la a respeito do convidado. Ela ficou visivelmente desconcertada ao encontrar ali um estranho. No entanto, tratou Bertrand com gentileza, e Bertrand, por sua vez, tratou-a com gentileza. Na verdade, Joachim não gostou nem um pouco da maneira amistosa com que os dois se tratavam. Decidiram comer em casa; mandaram o criado buscar presunto e vinho, e Ruzena correu atrás dele: também devia trazer torta de maçã com creme. Sentiu-se contente por poder presidir na cozinha e fazer bolinhos de batata. Mais tarde, chamou Joachim à cozinha; a princípio, ele pensou que a garota só queria se mostrar com seu grande avental branco, colher de pau na mão, pronto para aceitar com grande emoção aquela imagem de bela dona de casa, mas Ruzena estava encostada na porta, chorando; foi quase a mesma cena de anos atrás: ele, um garotinho, tinha ido à grande cozinha da mãe, e ali uma das criadas — talvez a que sua mãe acabara de despedir — soluçava tão amargamente que ele, se não sentisse vergonha, teria chorado também.

— Você não me ama mais! — soluçava Ruzena, abraçada em seu pescoço e, embora eles se beijassem com mais paixão do que nunca, ela não se acalmava — ...acabou, acabou... — repetia. — Mas agora vá! Preciso cozinhar!

Ela enxugou as lágrimas e sorriu. Porém, ele voltou contra a sua vontade, e foi contra a sua vontade que considerou que Bertrand estava na sala; naturalmente, o comportamento dela era infantil; era infantil pensar que terminaram por causa de Bertrand; porém, mesmo assim, era um verdadeiro instinto feminino, sim, um autêntico instinto feminino, não se poderia caracterizá-lo de outra maneira, e Joachim sentiu-se desanimado. Pois, mesmo que Bertrand, à sua maneira cínica, o tenha cumprimentado com as palavras “ela é linda!”, despertando nele o agraciado orgulho do Rei Kandaule, a ideia ameaçadora permanecia inabalável: se voltasse para Stolpin, Ruzena estaria perdida e teriam que terminar. Se ao menos Bertrand o tivesse aconselhado a não se envolver com agricultura! Ou será que Bertrand queria — e talvez até contra suas próprias convicções — empurrá-lo para esse empreendimento apenas para tirá-lo de Berlim e conquistar Ruzena, a quem talvez, apesar de tudo, considerasse como sua propriedade legítima? Isso seria inconcebível!

Ruzena, acompanhada pelo criado, entrou na sala, trazendo uma grande bandeja. Tirara o avental e, sentada entre os dois homens à mesinha redonda, representava o papel de grande dama, conversando em tom cantante e entrecortado com Bertrand, a quem incentivava a

falar de suas viagens. As duas janelas da sala estavam abertas e, apesar da escuridão da noite de verão lá fora, o ocluso candeeiro a querosene sobre a mesa recordava o inverno de Natal e a intimidade das saletas atrás das lojas. Que estranho que pudesse ter se esquecido dos lencinhos de renda que, com uma indefinível saudade, comprara naquela noite para Ruzena! Eles ainda estavam na cômoda, e ele os daria de bom grado a Ruzena se Bertrand não estivesse ali e ela não estivesse ouvindo com tanta atenção aquelas histórias sobre as plantações de algodão e os negros pobres, cujos pais ainda eram escravos, sim, escravos de verdade, que eram vendidos. Como assim? As meninas também eram vendidas? Ruzena estremeceu e Bertrand riu, riu com risada leve e gostosa:

— Ah, não precisa ter medo, pequena escrava, nada vai acontecer com você!

Por que Bertrand dizia aquilo? Acaso insinuava comprar Ruzena ou recebê-la de presente? Joachim limitou-se a pensar na homofonia entre as palavras “escravos” e “eslavos” e refletiu no fato de que todos os negros fossem tão parecidos que dificilmente podiam ser distinguidos, e lhe pareceu novamente como se Bertrand quisesse enredá-lo em suas elucubrações, lembrando-lhe que Ruzena era idêntica ao irmão ítalo-eslavo! Seria por isso que Bertrand tocara no assunto dos exércitos negros? Mas Bertrand apenas lhe deu um sorriso amigável, e ele era louro, quase tão louro quanto Helmuth, embora este não tivesse uma barba espessa, e seu cabelo fosse ondulado, ondulado demais, em vez de penteado; e, por um momento, tudo voltou a confundir-se e não se sabia a quem Ruzena pertencia de direito. Se a bala tivesse atingido Joachim, Helmuth estaria ali agora e teria forças para proteger Elisabeth. Talvez Ruzena estivesse abaixo de Helmuth; no entanto, ele próprio não era mais do que o representante do irmão. Joachim estremeceu quando entendeu aquilo, receoso com a ideia de um indivíduo poder ser representado por outro, porque Bertrand tinha um representante barbudo e flácido, e a partir daí até as opiniões de seu pai eram desculpáveis: por que Ruzena em particular? E por que não Elisabeth? De alguma forma, tudo dava na mesma, e ele compreendia a fadiga que levava o pequeno Helmuth à morte. Mesmo que Ruzena tivesse razão e o amor estivesse acabando, naquele momento, de repente, tudo estava tão distante que os rostos de Ruzena e Bertrand mal podiam ser distinguidos. O convencionalismo do sentimento, como Bertrand havia dito.

Ruzena, por outro lado, parecia ter se esquecido da profecia tenebrosa que tivera. Ela pegou a mão de Joachim debaixo da mesa, e quando ele, em pânico, por boa educação e com um olhar de soslaio para Bertrand, colocou a mão a salvo no âmbito aberto e iluminado da toalha de mesa, Ruzena agarrou-a e acariciou-a; e Joachim, sentindo-

se feliz de novo com aquele toque possessivo, superou o embaraço com um pouco de esforço e manteve a mão dela na sua, de modo que ficou patente que eles pertenciam um ao outro por direito. E ainda assim, não fizeram nada de errado; a Bíblia diz que se um irmão morrer antes do outro sem ter tido filhos, sua esposa não deve se casar com um estranho, mas sim se casar com o irmão de seu falecido marido. Sim, assim devia ser, e era um absurdo que ele pudesse trair Helmuth com uma mulher. Mas então Bertrand bateu na taça e ofereceu um pequeno brinde, e mais uma vez não se sabia se ele falava a sério ou brincava, ou se as poucas taças de champanhe bebidas já lhe foram demais, tão extraordinariamente difícil que era de entender o seu discurso, pois ele falava da dona de casa alemã a qual enquanto imitação é charmosíssima, pois o jogo ainda é a única realidade dessa vida, por isso a arte é sempre mais bela do que a paisagem, uma fantasia carnavalesca é mais bela do que uma verdadeira indumentária, o lar do soldado alemão só se tornará perfeito quando, separado daquilo que tem caráter dubitável, for profanado por um mercador sem tradição, para ser santificado de novo pela mais bela garota da Boêmia, e, por isso, pediu aos presentes que se unissem a ele no brinde à saúde da mais bela da casa. Sim, tudo aquilo era um pouco obscuro e insidioso, e não se sabia ao certo se todas aquelas alusões à imitação e à representação não significariam de alguma forma seus próprios pensamentos a respeito do representante, mas como Bertrand, apesar de continuar sorrindo com sua peculiar ironia, não parava de olhar de maneira amistosa para Ruzena, sabia-se que aquilo havia sido um elogio para ela e que não se podia ignorar obscuras incompreensões, e a refeição terminou num clima de alegria e de descontração geral.

Mais tarde, insistiram em acompanhar Bertrand à hospedaria onde ele se instalara, em parte talvez porque não quisessem demonstrar abertamente que Ruzena passaria a noite com Joachim. Ruzena ia entre os dois; os três caminhavam pelas ruas ermas separados, pois Joachim não se atreveu a dar o braço a Ruzena. Quando Bertrand desapareceu pela porta, entreolharam-se e Ruzena perguntou de maneira bastante séria e resignada:

— Você vai me levar ao cassino?

Percebeu com que gravidade e franqueza aquela pergunta lhe saíra dos lábios, porém, não sentiu nada mais do que uma fatigada indiferença, de modo que quase respondeu de maneira afirmativa àquela pergunta com a mesma seriedade, e até segurara para que não se despedissem de uma vez por todas, e se Bertrand tivesse voltado para levar Ruzena embora, Joachim teria suportado. Porém, a ideia do cassino era insuportável. E envergonhado por necessitar de tal estímulo e, no entanto, quase se alegrando, tomou-lhe pelo braço em

silêncio. Naquela noite, amaram-se mais apaixonadamente do que nunca. Contudo, desta vez, Joachim também se esqueceu de dar a Ruzena os lenços de renda.

.

Diariamente, quando o pequeno coche dos correios, conduzido por um único cavalo, retornava do trem matinal e dirigia-se à agência de distribuição postal do povoado, o carteiro da fazenda já estava apoiado ao guichê; em verdade, tratava-se apenas de um carteiro particular, mas ainda fazia parte da agência dos correios e, por assim dizer, ele próprio havia se transformado em funcionário público, talvez até com um cargo superior ao dos dois funcionários ali presentes, não por causa de seus méritos pessoais, embora tenha ficado grisalho naquele serviço, mas talvez por vir da fazenda e por sua dignidade ser uma instituição que já existia há muitas décadas, naturalmente, desde a época em que ainda não havia qualquer tipo de serviço postal do Reich; mas em raras ocasiões a diligência dos correios passava pelo povoado e entregava sua correspondência na hospedaria. A grande mala postal preta, cujas alças apresentavam uma insígnia diagonal gravada sobre os ombros do casaco, sobrevivera a muitos carteiros, e na certa devia datar daquela época remota e provavelmente mais feliz, pois não havia ninguém tão velho no povoado que não vira, desde a mais tenra infância, a mala postal pendurada no gancho e o mensageiro apoiado ao guichê; e cada um dos velhos talvez se recorde e mesmo seja capaz de enumerar todos os carteiros da casa grande, que, com insígnia diagonal no casaco, tomaram alegremente seu rumo e descansavam fatigados no campo-santo. Portanto, a mala postal era mais antiga e venerável do que a nova agência dos correios inaugurada depois do tumultuoso ano de 1848, mais antiga do que o gancho ali martelado em homenagem à mala postal, ou, por assim dizer, talvez como última homenagem oficial aos senhores da fazenda, quando se construíram os correios, talvez também como advertência de que, apesar do ímpeto do progresso, não se deve esquecer dos antigos costumes. Pois, mesmo na nova agência postal, mantinha-se o antigo costume de dar tratamento preferencial à correspondência da fazenda, o que deve ser mantido até hoje. Assim, quando o cocheiro entrou com a mala postal parda e atirou-a sobre a velha mesa do correio, com aquela atitude de desprezo que uma mala postal deve ter aos olhos de um cocheiro qualquer, o agente dos correios, que conhece melhor a dignidade das instituições humanas e burocráticas, desfez com solenidade mal disfarçada o selo e os cordões e organizou por tamanho as remessas desordenadas, de modo que pudesse folheá-las e classificá-las com maior facilidade; uma vez dada a devida atenção à ordem, a primeira coisa feita pelo agente foi, antes de tudo, separar a correspondência da

fazenda, pegar uma chave da gaveta da escrivaninha e ir até a mala pendurada que, com seu aro de latão fulvo, aguardava em silêncio aquele procedimento; depois, o agente, inserindo a chave no meio da placa de metal, destrancou a mala, que lhe mostrava descaradamente o forro de lona cinza, e, com pressa, como se não suportasse mais a visão daquela boca de lona escancarada, colocou nela as cartas e periódicos e também os pacotinhos, deu uma fraca batida na parte inferior daquela boca da mala para que fechasse e travasse os lábios de latão, girou de novo a chave e guardou-a de volta na mesa. Porém, o carteiro, que até então não passava de um mero espectador, pegou a pesada mala postal, pendurou-a no ombro pela alça dura e desgastada, premeu nas mãos os pacotes maiores e, desta forma, distribuiu a remessa à fazenda em uma ou duas horas mais cedo do que poderia fazer o carteiro estatal, pois este primeiro devia percorrer todo o povoado; uma entrega extraordinariamente rápida, que demonstra, por meio do carteiro da fazenda e da mala postal, não apenas a continuação de uma bela e antiga tradição, mas também o atendimento às necessidades práticas da senhoria e da gente da fazenda.

•

Joachim passou a receber notícias da casa com mais frequência do que antes; na maioria das vezes, o pai escrevia-lhe apenas breves relatos naquela caligrafia cursiva meio inclinada, que fazia lembrar tanto o seu modo de andar que podia mesmo se falar de uma “escrita de três pernas”. Joachim foi informado das visitas que os pais receberam, das condições da caça e das perspectivas para o outono, também de algo a respeito das colheitas, terminando, quase sempre, com informações agrícolas:

Seria conveniente que você logo comesse a se preparar para a mudança, pois seria preferível que se habituassem o quanto antes com o trabalho, e tudo leva tempo.

Com carinho,

Papai.

Joachim costumava sentir uma profunda aversão por aquela escrita e lia aquelas cartas talvez com maior desatenção do que de costume, pois cada advertência para que abandonasse o serviço militar e mudasse para a casa dos pais era como uma tentativa de arrastá-lo a uma vida civil e inconsistente; na verdade, era quase como se lhe roubassem a farda e o jogassem nu nas proximidades da Alexanderplatz, para que qualquer um dos cavalheiros estranhos e ocupados pudesse esbarrar nele. Pode-se chamar de inércia de sentimento; não, ele não era um covarde e enfrentaria com serenidade

o revólver do adversário, ou marcharia no campo de batalha contra o arqui-inimigo francês; porém, os perigos da vida civil eram de um aspecto mais estranho, obscuro e incompreensível. Ali, tudo era desordenado, sem hierarquia, sem disciplina e talvez até sem pontualidade. Quando passava pela fábrica de máquinas Borsig no caminho entre a casa e o quartel, no início ou no final do turno de trabalho, e os trabalhadores paravam em frente ao portão da fábrica, como um povo exótico e enferrujado, não muito diferentes dos boêmios, percebia seus olhares estranhos e, quando um ou outro lhe erguia a mão ao chapéu de couro preto numa continência, não se atrevia a lhe devolver o cumprimento, pois receava marcar aquele homem amistoso como desertor, já que simpatizava com ele. Achava que o ódio dos outros era justificado, talvez em parte porque suspeitasse que odiariam Bertrand, apesar do traje à paisana, tanto quanto ele próprio. Devia haver algo disso na aversão de Ruzena por Bertrand. Tudo isso era opressivo e caótico, e para Joachim, era como se o seu navio estivesse vazando por causa de uma abertura, e quisessem obrigá-lo a ampliá-la. Mas lhe parecia totalmente absurdo que o pai lhe pedisse para abandonar o serviço militar por causa de Elisabeth; pois, se havia algo que poderia tornar um pretendente digno dela, era que este, pelo menos em traje, se separasse de qualquer sordidez e desordem; roubar o uniforme dele seria degradar Elisabeth. Então, ele abandonou, como uma cobrança importuna e perigosa, a ideia da vida civil e do retorno à casa paterna, mas para não ser totalmente desobediente ao pai, apareceu na estação com um ramalhete de flores quando Elisabeth e sua mãe estavam prestes a partir para as férias de verão em Lestow.

O maquinista deteve-se à frente do trem e esperou em posição de sentido ao ver Joachim, estabelecendo-se um tácito acordo entre os dois homens, um acordo no olhar do valente suboficial, que tomava sob sua proteção as damas do superior. E embora fosse um pouco contra as convenções deixar a baronesa sozinha ali no compartimento, onde se instalara com a dama de companhia e com a bagagem, Joachim achou um amistoso sinal de distinção diante da proposta de Elisabeth de percorrer todo o trem até que tocasse a campainha de partida. Subiam e desciam a terra batida entre os trilhos e, quando passaram diante da porta aberta do compartimento, Joachim não deixou de cumprimentar com uma leve reverência, enquanto lhe sorria a baronesa. Mas Elisabeth falava sobre o quanto estava ansiosa para voltar para casa e que contava com a frequente visita de Joachim em Lestow durante as férias, pois, como sempre, e ainda mais naquele ano tão triste, ele passaria suas férias na casa dos pais. Ela vestia um justíssimo traje de viagem inglês de tecido cinza-claro, e o véu de viagem azul, que cobria seu chapeuzinho, e combinava bem com a cor

do tecido. Era quase admirável que um ser de semblante tão grave pudesse reunir interesse e gosto frívolo para selecionar a roupa mais vantajosa, especialmente quando se poderia conjecturar que o cinza do vestido e o azul do véu poderiam ter sido especialmente escolhidos para combinar com a cor de seus olhos, que oscilavam entre um cinza sério e um azul sereno. Mas parecia difícil expressar esse pensamento nas palavras certas, então Joachim ficou contente quando a campainha tocou e o cobrador pediu que os passageiros se sentassem. Elisabeth subiu no estribo e, enquanto continuava a conversa, com o corpo meio virado, evitou habilmente proporcionar o horrível espetáculo de uma senhora que se curvava ao adentrar o compartimento; no entanto, quando chegou ao último degrau, não pôde mais continuar com o corpo virado e teve que se inclinar resolutamente para passar pela porta inferior. Joachim ficou em frente ao vagão com a cabeça erguida, e a recordação de seu pai, com quem falara ainda há pouco, naquele mesmo lugar, misturou-se estranhamente com o pensamento sobre as abas do casaco de Elisabeth e com o plano de casório, que o seu pai insinuara de maneira tão odiosa, de modo que, embora ele estivesse vendo fisicamente diante de si, à porta do vagão, aquela garota de olhos azul-acinzentados e vestido cinza, de repente até mesmo o nome dela mostrava-se algo indiferente e esquecido, estranho e feio, imerso na atônita indignação de que houvesse homens como seu pai que, em sua depravação, permitiam-se entregar uma virgem a um homem qualquer que poderia violá-la e degradá-la pelo resto da vida. No entanto, por mais que a reconhecesse como mulher, naquele momento de seu passo resolutivo ao vagão, reconhecia ao mesmo tempo, de maneira dolorosa, que não podia esperar dela a doçura das noites com Ruzena, nem sua paixão ardente, nem seu devaneio crepuscular, mas que devia ser uma submissão grave, talvez religiosa, inconcebível para ele, não só porque devia acontecer sem trajes de viagem e sem farda, mas também inconcebível porque a comparação com Ruzena, a quem salvara de ser tocada e maculada pelos homens, parecia quase uma profanação. No entanto, a campainha já soara pela terceira vez, e, enquanto ele estava na plataforma, acenando levemente, as damas deixaram seus lenços de renda tremularem até que, por fim, apenas dois pontos brancos ficaram visíveis, e um fio de terna saudade ousou sair do coração de Joachim, estendendo-se e alcançando os pontinhos brancos, no último momento, antes que eles desaparecessem na distância.

Recebendo uma continência militar do porteiro e dos funcionários, Joachim deixou a estação e entrou na Praça Kustriner, que jazia erma e um pouco abandonada, escura, embora por todos os lados estivesse inundada de sol, um sol emprestado, enquanto o autêntico esplendia sobre os campos dourados. E mesmo que isso lhe fizesse se lembrar de

Ruzena de uma forma difícil de entender, era evidente que Ruzena, estranhamente inundada de sol, embora escura e um pouco desgrenhada, estivesse tão intimamente unida a Berlim quanto Elisabeth estava unida aos campos pelos quais atravessava e à casa senhorial, localizada no parque. Houve uma espécie de ordem limpa e tranquilizadora. No entanto, sentiu-se contente por ter resgatado Ruzena da obscura profissão de animadora com seu falso brilho, contente por estar prestes a libertá-la do emaranhado de fios que envolvia toda esta cidade, daquela teia que ele sentia em todos os lugares, na Alexanderplatz e na fábrica com máquinas enferrujadas e no subúrbio com a cave de vegetais, uma impenetrável e incompreensível rede de valores civis, que era invisível e, no entanto, obscurecia tudo. Era importante livrar Ruzena de tal emaranhado, porque também ali era necessário provar que se era digno de Elisabeth. Contudo, aquilo não passava de um desejo muito ambíguo, um desejo que nem ele mesmo queria esclarecer, pois até para ele devia parecer absurdo.

.

Eduard von Bertrand, que estava prestes a expandir seus negócios para o território industrial da Boêmia, lembrou-se subitamente de Ruzena em Praga, sentiu um pouco a saudade dela e desejou dizer algo amigável para confortá-la. E como não sabia o endereço de Ruzena, escreveu a Pasenow, dizendo que se recordava agradecido da última noite em que se encontraram, e que esperava com prazer reencontrá-lo em Berlim em sua viagem de volta a Hamburgo, acrescentando um caloroso cumprimento a Ruzena, a elogiar-lhe a beleza de seu país. Depois, deu um passeio pela cidade.

Após a noite em que se conheceram Bertrand e Ruzena, Pasenow esperava que algo inesperado e solene acontecesse, talvez até algo terrível; por exemplo, que Bertrand pagasse na mesma moeda a honra e a confiança que lhe concedera naquela noite, embora até mesmo o sequestro de Ruzena não estivesse completamente fora de questão; afinal, os homens de negócios não têm escrúpulos. Entretanto, como não aconteceu nem uma coisa nem outra, Bertrand partiu sem qualquer alarde, de acordo com o plano, e não se ouviu mais dele; com isso, Joachim realmente se ofendera. Então, de maneira bastante inesperada, chegaram-lhe as notícias de Praga; e mostrou-as a Ruzena:

— Você parece ter impressionado Bertrand — disse hesitante.

Ruzena fez uma careta:

— Ora essa! Não gosto do seu amigo! É um homem muito feio.

Joachim defendeu Bertrand dizendo que ele não era feio.

— Não sei, não gosto; ele fala certas coisas — decidiu Ruzena — e não devia voltar.

Joachim sentiu-se bastante contente com as palavras de Ruzena, embora agora ele precisasse muito de Bertrand, principalmente quando Ruzena acrescentou:

— Amanhã vou para a escola de teatro.

Sabia que ela não iria a menos que ele a levasse, claro que não, mas como poderia levá-la? Como fazer algo assim? Ruzena queria definitivamente “trabalhar” um pouco, e o planejamento de novos tipos de emprego tornara-se um novo assunto de conversa com o encanto de uma seriedade incomum, embora Joachim estivesse muito desamparado com todas as questões levantadas. Talvez tivesse receio de que uma profissão burguesa tiraria a graça exótica com que Ruzena flutuava entre dois mundos e a devolveria à barbárie, e por isso mesmo sua imaginação não se estendia além da profissão teatral, com a qual Ruzena concordou, com entusiasmo:

— Você vai ver como ficarei famosa. Você vai me amar!

Mas havia um longo caminho a percorrer e nada aconteceu. Bertrand certa vez falou de uma indolência vegetativa em que vivia a maioria das pessoas; deve ter sido algo como aquela inércia de sentimento. Sim, se Bertrand estivesse ali, ele podia ajudar com sua sofisticação e experiência prática. E assim, quando Bertrand chegou a Berlim, encontrou um convite urgente de Pasenow, aguardando-o em resposta ao seu recado de boas-vindas.

Bertrand disse que isso poderia ser feito, para surpresa de ambos, que poderia ser feito, mesmo que não acreditassem que o teatro fosse uma carreira particularmente promissora ou mesmo fácil. Sem dúvida, ele tinha melhores contatos em Hamburgo, mas ficaria contente em fazer o que pudesse ali. E então as coisas ocorreram com maior celeridade do que qualquer um podia esperar; poucos dias depois, Ruzena foi chamada para um teste de canto, no qual foi muito bem, sendo logo depois contratada como corista. A suspeita de Joachim de que a pronta disposição do amigo estaria relacionada com suas intenções a respeito de Ruzena desapareceu perante a atitude amistosa e indiferente, quase médica de Bertrand. Tudo teria sido mais claro se Bertrand tivesse usado seus esforços por Ruzena como uma oportunidade para declarar-lhe abertamente seu amor. No fundo, Joachim estava ressentido com Bertrand, que de fato passara três noites em sua companhia e na de Ruzena conversando sobre vários assuntos, mas que não demonstrava mais do que a conhecida e amistosa descrição, sendo ainda um estranho que, aliás, fizera mais por Ruzena do que o próprio Joachim na inércia de sua imaginação romântica. Tudo era muito constrangedor. O que esse tal de Bertrand pretendia? Por estar de partida e, naturalmente, recusando-se a agradecer Ruzena ou em nome de Ruzena, mais uma vez exprimia a esperança de ver Joachim von Pasenow com urgência. Por que queria

vê-lo novamente? Não seria hipocrisia? E Joachim, sem compreender a si mesmo, respondeu:

— Na próxima vez que estiver em Berlim, você dificilmente me encontrará, Bertrand, já que estou de viagem para Stolpin, onde pretendo passar algumas semanas depois das manobras. Mas se você realmente quiser me visitar lá, eu ficaria muito feliz.

E Bertrand concordou.

.

O Senhor Von Pasenow costumava sempre esperar pela correspondência em seu gabinete. Desde tempos imemoriais, deixava-se um espaço vago na mesa ao lado da pilha de periódicos de caça, e, nesse local, o carteiro devia colocar a bolsa postal diariamente. E apesar do conteúdo ser quase sempre de pouco valor, consistindo muitas vezes em não mais do que um ou dois periódicos, o Senhor Von Pasenow sempre tirava com igual avidez a chave postal da galhada de cervo, onde ficava pendurada, abrindo a alça de latão amarelo da bolsa preta. E enquanto o carteiro esperava, calado, com o boné na mão, cabisbaixo, o Senhor Von Pasenow tirava as cartas, sentava-se com elas à escrivaninha, separava as suas próprias cartas e as remetidas à sua família e, depois de verificar com cuidado os endereços das outras, entregava-as ao carteiro para que este as entregasse aos destinatários entre os criados da casa. Às vezes, tinha que se conter para não abrir uma ou outra carta endereçada às empregadas, pois aquilo lhe parecia um natural *jus primae noctis* do patrão, de modo que o sigilo das correspondências valer também para os subordinados consistia numa disposição moderna a que se opunha. No entanto, havia alguns entre os criados que reclamavam até mesmo da inspeção externa das cartas, até porque o patrão não hesitava em inquirir posteriormente acerca do conteúdo das missivas ou mesmo em escarnecer das criadas. Isso já gerara sérios conflitos, que terminaram com demissões, de modo que os rebeldes não se rebelaram mais abertamente, mas passaram a buscar suas próprias cartas no escritório ou deram instruções secretas aos correios para que as entregassem por meio do carteiro oficial. Sim, até mesmo o falecido jovem patrão era visto apear do cavalo todos os dias em frente à agência dos correios para retirar a própria correspondência; talvez, naquele momento, esperasse cartas de mulheres que queria manter longe das vistas do velho, ou que estivesse fazendo negócios que deveriam permanecer em segredo; contudo, o agente dos correios, que de resto não guardava para si suas observações, foi incapaz de confirmar se se tratava de um ou de outro caso, pois a escassa correspondência que Helmuth von Pasenow recebera não lhe permitia tirar nenhuma conclusão. No entanto, corria o boato de que o velho, por meio de maquinações com os correios, arruinara um noivado e a

felicidade de seu filho. As mulheres da propriedade e do povoado em particular assumiram esse rumor, e talvez não estivessem de todo erradas, pois Helmuth tornara-se cada vez mais indiferente e melancólico, logo parou de cavalgar até o vilarejo e permitiu que sua correspondência fosse levada na grande mala postal até a fazenda, sendo deixada na mesa do pai.

O Senhor Von Pasenow sempre teve paixão pelos correios e, por isso, não era de se admirar que, com o tempo, esse sentimento se intensificasse ainda mais. Ora, costumava organizar sua caminhada matinal ou passeio a cavalo de tal maneira que pudesse encontrar-se com o carteiro, e então podia constatar que, em vez de deixar a chave pendurada na galhada do cervo, carregava-a consigo no bolso, para que pudesse destrancar a mala postal em pleno campo. Ali, dava uma rápida olhada nas cartas, mas guardava-as na mala para não anular o ritual doméstico, que ainda acontecia de maneira habitual. No entanto, certa vez, pela manhã, fora até a agência dos correios, onde o carteiro ainda estava encostado no guichê, e esperara até que se esvaziasse a mala postal na mesa desgastada, e, em seguida, junto com o agente dos correios, verificara e classificara as cartas. Quando o carteiro relatou esse notável incidente na fazenda, a governanta Agnes, conhecida em todos os lugares por sua mordacidade, comentou:

— Agora ele está começando a desconfiar de si mesmo!

Naturalmente, essa afirmação não passava de fofoca, e a obstinação com que ela, mais do que qualquer outra pessoa, culpava o senhorio pela morte do filho, talvez pudesse ser interpretada como uma consequência tardia do ressentimento que guardara durante anos, quando, ainda jovem e formosa, suportara as brincadeiras do velho a respeito de sua correspondência.

Não, o Senhor Von Pasenow sempre esteve preocupado com os correios e, por isso, seu comportamento não era de se admirar. Também não era surpreendente que o reverendo passasse a ser convidado para jantar com maior frequência, nem que o Senhor Von Pasenow, em seus passeios, até visitasse de tempos em tempos pessoalmente o vicariato. Não, não havia nada de surpreendente nisso, e o reverendo considerou isso um fruto do consolo espiritual que lhe fora concedido. Só o próprio Senhor Von Pasenow sabia que havia algum motivo inexplicável e secreto que o impelia ao pároco, mesmo que não suportasse aquele homem; uma vaga esperança de que a voz que pregava na igreja lhe fizesse algo que, apesar de todo o medo de que isso nunca acontecesse, não ousava sequer nomear para si mesmo. Quando o reverendo mencionava Helmuth, o Senhor Von Pasenow às vezes dizia:

— Tanto faz...

E para seu próprio espanto, quase de maneira precipitada, desconversava, como se temesse o desconhecido, embora o invocasse.

Entretanto, às vezes, havia dias em que tolerava que o desconhecido se aproximasse, e então era como um jogo que brincava quando criança: escondia-se um anel, deixando-o à vista de todos, talvez pendurando-o em um lustre ou em uma chave, e quando aqueles que o procuravam afastavam-se, gritava-se “frio”, e quando se aproximavam do objeto escondido, gritava-se “quente” ou mesmo “queimando”. Desta forma, era natural que o Senhor Von Pasenow dissesse de forma clara e nítida: “Quente, quente...”, e quase batesse palmas, quando o reverendo voltava a falar de Helmuth. O reverendo concordou por educação que o dia estava de fato quentíssimo, e o Senhor Von Pasenow caiu na realidade. No entanto, era estranho como as coisas estavam próximas: ainda se pensava estar no meio de uma brincadeira infantil, mas a morte já estava no meio da brincadeira.

— Sim, sim, está muito quente hoje — disse o Senhor Von Pasenow, embora lhe parecesse que estava congelando. — Sim, nestas noites de calor, os celeiros pegam fogo fácil, fácil!

A ideia do calor não o abandonou nem mesmo durante o jantar:

— Deve estar um calor sufocante em Berlim. Joachim não relatou nada a respeito disso... pois é, ele tem escrito tão pouco.

O reverendo aludiu aos esforços do serviço.

— Que tipo de serviço? — perguntou o Senhor Von Pasenow tão abruptamente que o constrangido reverendo não lhe conseguiu responder. A Senhora Von Pasenow então comentou que o pároco dissera apenas que o serviço deixava Joachim com pouco tempo para escrever, principalmente durante as manobras.

— Então ele deveria deixar o serviço militar — rosnou o Senhor Von Pasenow. Depois bebeu alguns copos de vinho, um após o outro, dizendo que já se sentia melhor; em seguida, serviu o copo do reverendo:

— Beba, reverendo; beber vai lhe deixar com mais calor e ver em dobro vai lhe deixar menos solitário.

— Aquele que está com Deus nunca está sozinho, Senhor Von Pasenow — respondeu o reverendo, e o Senhor Von Pasenow interpretou a resposta como uma reprimenda indelicada. Não dera sempre a Deus o que era de Deus e a César, ou melhor dizendo, ao rei, o que lhe era devido? Um filho servia ao rei e não lhe escrevia, e o outro fora levado por Deus, e tudo ao redor estava vazio e frio. Sim, o reverendo bem podia falar com altivez; sua casa estava cheia, cheia demais para as circunstâncias, mas esperava algo mais. Ele quisera dizer que, para o reverendo, era fácil estar com Deus; contudo, não podia gerar qualquer animosidade, pois, se ninguém mais quisesse vê-

lo, quem mais lhe restaria, exceto... então o pensamento que acabava de se manifestar desfez-se e ocultou-se, e o Senhor Von Pasenow disse de maneira terna e sonhadora:

— Deve estar quente demais no estábulo.

A Senhora Von Pasenow olhou consternada para o marido: será que ele bebeu o vinho rápido demais? Porém, o Senhor Von Pasenow erguera-se e estava ouvindo à janela; se o candeeiro não iluminasse apenas a mesa, a Senhora Von Pasenow teria visto a expressão assustada e expectante no semblante dele, expressão que desapareceu quando se ouviram os passos do vigia noturno no cascalho do lado de fora. O Senhor Von Pasenow foi até a janela, inclinou-se e chamou:

— Jürgen!

E quando o passo grave de Jürgen deteve-se em frente à janela, o Senhor Von Pasenow ordenou-lhe para que ficasse de olho nos celeiros:

— Faz apenas doze anos que o grande celeiro pegou fogo em uma noite tão quente quanto esta.

E quando Jürgen lembrou-se das instruções, recomendando que o patrão não se preocupasse, para a Senhora Von Pasenow o incidente voltou a ser habitual e corriqueiro, de modo que lhe chamou a atenção que o Senhor Von Pasenow pedira licença para que pudesse se recolher para escrever outra carta, que deveria ser enviada pelo correio da manhã. À porta, virou-se novamente:

— Diga-me, senhor reverendo, por que temos filhos? Você deveria saber, você já praticou bastante.

E afastou-se às pressas, rindo, mas um pouco como um cachorro que mancasse sobre três patas.

A sós com o reverendo, disse a Senhora Von Pasenow:

— Fico muito feliz quando ele está de bom humor. Desde a morte do nosso pobre Helmuth ele andava sempre deprimido.

•

À medida que agosto terminava, reabriam-se as portas dos teatros. Ruzena tinha cartões de visita que a identificavam como atriz, e Joachim logo devia ir para a Alta Francônia para as manobras. Sentia-se irritado com Bertrand por colocar Ruzena em um emprego que não era, em definitivo, menos vexatório do que seu antigo cargo no Cassino Jäger. Naturalmente, em primeiro lugar, não se podia deixar de atribuir parte da culpa à própria Ruzena por envolver-se em tal profissão, mas talvez ainda mais à mãe por não ter educado melhor a filha. Entretanto, parecia que Bertrand arruinara tudo aquilo que ele pretendia consertar. Talvez as coisas estivessem até piores do que costumavam ser. Pois, no cassino, tudo estava esclarecido, só havia um sim ou um não; o teatro, por outro lado, dispunha de seu próprio

ambiente, um ambiente de homenagens e ramalhetes; e talvez em nenhum outro lugar fosse tão difícil para uma garota permanecer honesta. Isso era de conhecimento geral. Ah, significava um declínio cada vez mais profundo, e Ruzena não queria entender; em vez disso, sentia-se ainda mais orgulhosa de seu novo emprego e de seus cartões de visita. Contava-lhe, com um ar de grande importância, as experiências entre bastidores e todas as fofocas de teatro que ele não queria ouvir, e no crepúsculo da vida a dois, irrompiam incessantemente reflexos de holofotes. Como podia ter acreditado que encontrara o caminho até ela ou que ela lhe pertencera, se estava perdida desde o início? Joachim ainda a procurava, mas o teatro surgia como uma ameaça entre ambos e, quando ela lhe contava com entusiasmo a respeito das aventuras amorosas de suas colegas, ele via naquilo o perigo de que a ambição de Ruzena fosse despertada e de que ela se inclinasse a fazer o mesmo; via que aquilo representava o retorno de Ruzena a uma vida anterior, que talvez não fora vivida de outra maneira, pois o ser humano sempre tende a voltar ao seu ponto de partida. A felicidade despedaçada pela indolência crepuscular, a doçura perdida pelo luto que sem dúvida ainda lhe envolvia o coração, fazendo com que lhe brotassem lágrimas dos olhos, mas que, no entanto, trazia em si o vislumbre de um eterno sepultamento. E a essa altura, reapareceram os desvarios aos quais se julgara imune, e, embora não sentisse mais necessidade de procurar os traços do irmão italiano no semblante de Ruzena, talvez estivesse impresso ali de uma forma ainda pior, impresso como os traços indeléveis daquela vida da qual não conseguiu retirá-la. E mais uma vez, despertara-lhe a suspeita de que fora Bertrand o culpado por aqueles desvarios, fora ele que tramara tudo e que, como Mefistófeles, queria destruir tudo, não poupando nem mesmo Ruzena. Além disso, aproximavam-se as manobras: como ele encontraria Ruzena quando retornasse? Será que ao menos a reencontraria? Ambos prometeram escrever um para o outro com frequência, diariamente; porém, Ruzena tinha todo tipo de dificuldade em escrever em alemão e, além disso, como se sentia orgulhosa de seus cartões de visita e ele não ousava destruir a sua alegria infantil, muitas vezes o carteiro trazia-lhe apenas um daqueles cartões com a odiosa inscrição “Atriz” e as palavras “Envio-te muitos beijinhos”, expressão que parecia profanar a ternura de seus beijos. No entanto, Joachim ficou bastante perturbado quando não teve notícias dela por alguns dias, embora tivesse que admitir que as movimentações da vida em campanha justificavam os atrasos postais; e sentiu-se contente quando um daqueles abomináveis cartõezinhos chegou. E de súbito, inesperadamente, ocorreu-lhe, como uma lembrança, a ideia de que Bertrand também era uma espécie de ator.

Entretanto, Ruzena sentia saudade de Joachim. As cartas dele

continham descrições de manobras e relatos de noites nas cidadezinhas, onde só se sentiria feliz “se você, querida, pequena e doce Ruzena, estivesse comigo”. E quando lhe pediu para que olhasse com ele para a lua às nove horas da noite, de modo que seus olhos se encontrassem lá, ela correu porta afora do teatro durante o intervalo, olhando obedientemente para cima, mesmo que o intervalo fosse às nove e meia. Parecia-lhe que aquela tarde chuvosa de primavera a mantinha presa, como se tivesse algo paralisado dentro de si; a inundação que a submergiu encontrava-se em um demorado refluxo e, embora a vontade da garota não fosse forte o suficiente e ela não dispusesse de qualquer outro meio para erguer diques que retivessem a inundação, mesmo assim, o ar que respirava e exalava continuava impregnado de suave umidade. Naturalmente, invejara um pouco aquelas colegas que recebiam ramalhetes de flores à porta dos camarins, mas na verdade só sentia pena de Joachim, para quem teria desejado como amante uma daquelas célebres divas. E embora uma mulher apaixonada muitas vezes irradiasse em torno de si aquela aura de erotismo, que para muitos é o atrativo mais delicado, os homens que prestavam homenagens às atrizes eram de outro estilo, sendo incapazes de perceber tais sutilezas. E assim foi que Joachim, ao voltar a Berlim depois das manobras, encontrou Ruzena, mais intacta do que nunca, e ambos consideraram isso uma vitória, uma vitória que, no entanto, sabiam que seria seguida por uma derrota, mas de que não quiseram saber e fecharam-se quanto ao reconhecimento disso com abraços.

.

Quando o trem deixou a estação e ela acenou com um lenço de renda em despedida, Elisabeth tentava esclarecer para si mesma se amava Joachim. Foi com uma espécie de alegria que percebeu que aquele sentimento que queria chamar de amor tinha uma aparência tão modesta e civilizada; para notar sua presença era preciso concentrar-se profundamente, pois era uma imagem tão leve e sutil que se tornava perceptível apenas sob um fundo de tédio prateado. Entretanto, os contornos suaves dessa imagem desbotavam, pois o tédio transformava-se em crescente impaciência, à medida que se aproximavam da casa paterna; e como o barão esperava por elas na estação, com uma nova parelha de cavalos, e, ao chegar em Lestow, surgiu a natureza com as frondes verdejantes das árvores do parque, circundadas pela maciça solidez do portão, houve uma primeira surpresa, pois à direita e à esquerda da entrada do parque haviam sido construídos dois novos portões para os guardas, de modo que as senhoras deram gritos animados, que foram apenas o prelúdio dos muitos que pronunciariam nos próximos dias, e era bastante compreensível que Elisabeth não pensasse mais no amor. Pois o barão

aproveitara novamente a ausência de sua esposa e sua filha ou, como às vezes as chamava, para orgulho de Elisabeth, de suas duas mulheres, para fazer várias melhorias e embelezamentos na casa, que deleitaram Elisabeth e sua mãe, fazendo o barão merecedor de muitas palavras de elogio e gratidão. Elas também tinham todos os motivos para se orgulhar dos conhecimentos artísticos do pai, que sem dúvida não demonstrava respeito excessivo pela antiguidade e acrescentara todo tipo de decoração à velha casa senhorial, ainda que de forma alguma se limitasse ao arquitetônico, pois não se esquecia de que sempre havia espaço nas paredes para um novo quadro, um canto que se podia enfeitar com um pesado vaso, um aparador que exige ser mobiliado com um tapete de veludo bordado a ouro, e ele era o homem que se ocupava disso. Desde o casamento, o barão e a baronesa tornaram-se colecionadores, e a decoração constante de sua casa tornou-se uma perpetuação do estado nupcial, mesmo com o nascimento da filha. Não passou despercebido a Elisabeth que a paixão dos pais, celebrando com presentes as várias festas do ano, comemorando aniversários e procurando sempre novas surpresas, tinha um significado mais complexo, uma ligação mais profunda, ainda que difícil de ser compreendida, com a alegria que sentiam; sim, quase se podia dizer que era uma obsessão de sempre estarem cercados de novos objetos; é verdade que Elisabeth não sabia que todo colecionador, em sua absoluta intenção nunca alcançada, nunca alcançável, está sempre à procura de uma coleção sem falhas, que o ultrapassa e alcança até o infinito, e que, misturando-se com sua coleção, acredita que poderá alcançar a própria salvação e a anulação da própria morte. Elisabeth não sabia disso, mas, cercada por todos aqueles belíssimos objetos mortos, que se amontoavam e se empilhavam ao seu redor, cercada por belíssimos quadros, ainda intuía que os quadros pendurados nas paredes serviam como que para reforçá-las, e como se todas as coisas mortas fossem destinadas a abrigar, talvez esconder e proteger algo muito vivo, algo a que ela mesma era tão apegada que às vezes chegava a pensar que era um irmãozinho, quando traziam um quadro novo, algo que queria ser valorizado e que seus pais valorizavam como se todos dependessem disso: desconfiava do medo que estava por trás disso e que tentavam abafar todos os dias da vida, ao envelhecer, com comemorações; medo que necessitava ser reiterado continuamente — sempre uma nova experiência de surpresa — de que estavam vivos e nascidos e definitivamente unidos, e seu círculo estava fechado para sempre. E como o barão continuou a adicionar novas extensões de suas terras ao parque, cujo centro denso e escuro estava cercado de quase todos os lados por amplas áreas de árvores jovens, amigáveis e pálidas, a Elisabeth parecia que ele pretendia, com um cuidado quase feminino,

converter suas vidas em um parque murado, cada vez maior, cheio de graciosas áreas de descanso, e que não alcançaria seu objetivo nem se libertaria de todo medo até que o parque se estendesse pelo mundo, sendo seu próprio objetivo ser um parque, para que Elisabeth pudesse se estabelecer ali para sempre. É verdade que algo nela às vezes resistia a uma obrigação tão gentil e inevitável, mas como a rebeldia raramente era muito aparente, misturava-se com os contornos ensolarados das colinas, que surgiam fora dos muros do parque.

— Ah! — exclamou a baronesa, enquanto admiravam a nova pérgula no jardim de rosas. — Ah, que delicadeza! É como se fosse feita para um casal de noivos.

Ela sorria para Elisabeth, acompanhando o sorriso do pai, mas nos olhos de ambos dava para ler claramente o medo ante aquilo que os ameaçava, ante o que era ineludível, o desamparo, o conhecimento da infidelidade e da traição que, no entanto, perdoaram antecipadamente, pois eles próprios pecaram. Como era triste que a mera cogitação daquele futuro casamento já parecesse oprimir os pais, e Elisabeth afastou todos os pensamentos de casamento para longe de si, tão longe que quase se permitiu ouvir novamente de bom grado quando os pais conversavam de uma possível união, quase uma concessão aos desígnios amorosos da filha, quase como um reconhecimento que elevava a filha à esfera dos adultos, quase a transformando em irmã da mãe, e talvez por isso Elisabeth não pôde deixar de pensar no dia do casamento da Tia Brigitte, quando a mãe beijou-a com força e ternura na bochecha e ela sentiu que esse beijo era também um beijo de despedida, pois foi assim que a mãe beijara a própria irmã, naquela época; beijou-a entre lágrimas, entre lágrimas, embora todos afirmassem que se sentiam muito felizes e que admiravam o novo tio. Entretanto, naturalmente, isso ocorreu há muito tempo; era infantil pensar nisso, e Elisabeth, andando entre os pais, passou-lhes os braços pelos ombros e acompanhou-os até o coreto central da pérgula, onde se sentaram os três.

Os roseirais, separados simetricamente por caminhos estreitos e sinuosos, trespalavam repletos de matizes e aromas, mas as sombras ainda não se haviam dissipado, e o barão disse tristemente, apontando para um grupo:

— E lá também tentei plantar algumas rosas Manetti, mas nosso clima parece ser rigoroso demais para elas. — E, como se quisesse reter a filha com tal promessa, continuou: — Mas se der certo e vingarem, serão de Elisabeth.

Elisabeth sentiu a pressão da mão dele e acreditou poder vislumbrar que havia algo que não se conseguia manter encerrado com força suficiente, algo que se podia pensar que fosse o tempo, enrolado e comprimido como uma mola de relógio, e que ameaçava saltar,

crescia entre os dedos, fazendo-se cada vez maior, uma faixa branca fina e assustadoramente longa que começava a rastejar e apoderar-se deles como uma serpente maligna, ficando gorda, decrepita e horrenda. Talvez a mãe também sentisse isso, pois disse:

— Assim que a menina se separar de nós, vamos sentar aqui sozinhos.

E Elisabeth, consciente de sua culpa, disse:

— Eu sempre vou ficar com vocês!

A garota disse isso culpada e envergonhada, pois nem ela mesma acreditava nisso, e, no entanto, soava como a renovação de um antigo voto.

— Aliás, não vejo por que não poderia morar ao nosso lado com seu marido — sugeriu a baronesa. Mas o pai recusou a ideia:

— Ainda falta muito tempo!

E outra vez Elisabeth teve que pensar em Tia Brigitte, que vivia em Würbendorf e engordara demais, brigando com seus filhos, tendo tão pouco em comum com a encantadora figura de outrora, que não se conseguia imaginar como tinha sido e quase se sentia envergonhada da felicidade que antes irradiava a presença dela. E Würbendorf é mais claro e amistoso do que Stolpin e todos se alegraram por encontrar no Tio Albert um novo parente jovem. Era possível que Elisabeth nem mesmo gostasse tanto da Tia Brigitte, mas a incorporação de um novo parente à família acabou se tornando um fato tanto emocionante quanto deleitoso. Caso todos fossem parentes, o mundo seria como um parque bem cuidado, e conseguir um novo parente equivaleria a plantar uma nova variedade de rosas no jardim. A infidelidade e a traição seriam então delitos mais leves: mesmo assim, ela o deve ter percebido, quando se sentira feliz pelo Tio Albert, e talvez, no mar de injustiças cometidas contra eles, fosse esta a pequena ilha do perdão, em que os pais procuravam se refugiar, pois falavam do possível casamento da filha como de um feliz acontecimento. A baronesa ainda não desistira da ideia; e, como a vida é feita de compromissos, disse:

— Além disso, nossa casa de Westend estará sempre de portas abertas.

Entretanto, a mão de Elisabeth continuava entre as do pai, sentindo-lhe a pressão, e Elisabeth não queria saber nada de compromissos.

— Não, eu vou ficar com vocês — repetiu quase com obstinação, lembrando-se de como era amargo para ela, quando criança, ser deixada fora do quarto dos pais e não observar sua respiração; a baronesa falava com frequência e com prazer da morte repentina que costuma acometer as pessoas durante o sono, e, com isso, ela assustava o marido e Elisabeth, pois, pela manhã, era uma feliz

surpresa comprovar que a noite não os separara para sempre, renovando-se diariamente o desejo impetuoso de segurar as mãos um do outro, mantendo-se unidos, para que nunca fossem separados. E eis-los então sentados ali sob a pérgula, que trescalava à fragrância das rosas; o cachorrinho de Elisabeth corria e a cumprimentava como se a tivesse encontrado para sempre, colocando-lhe as patas sobre os joelhos. As roseiras erguiam-se rígidas e firmes, contra o muro verde do jardim e contra o céu azul-claro. Elisabeth jamais poderia cumprimentar com tamanha alegria um estranho pela manhã, por mais parente que fosse, jamais poderia pensar em seu aniversário com um fervor tão apaixonado e quase devoto que lhe inspirava o aniversário do pai, jamais poderia cingi-lo com aquela angústia incompreensível e ao mesmo tempo sublime que constitui o amor. E ao reconhecê-lo, sorriu de maneira afetuosa aos pais e acariciou a fronte do cachorrinho Bello, que a olhava com olhos medrosos e amorosos.

Mais tarde, ficou entediada e aquele pequeno sentimento de rebeldia voltou. Não lhe parecia desagradável pensar em Joachim, e viu sua figura esbelta, quando permanecera na plataforma, fazendo uma leve reverência, vestindo seu longo casaco quadrado de uniforme. No entanto, a sua imagem misturava-se estranha e inextricavelmente com a da Tia Brigitte quando jovem, e Elisabeth já não sabia se Joachim devia casar com a delicada Brigitte ou se ela própria devia casar com o jovem tio da sua meninice. E embora soubesse que o amor não se representa em óperas e romances, a verdade é que pensava em Joachim sem medo; sim, até quando tentou imaginar que o trem que partia podia tê-lo prendido pela espada, jogando-o debaixo das rodas, a ideia enchia-a de horror, mas não com aquela suave tristeza e temor, aquela sofreguidão, com que a unia à vida dos pais. Quando percebeu isso, foi como uma renúncia, mas também como um pequeno e melancólico alívio. No entanto, decidiu que, na primeira ocasião, perguntaria a Joachim a data do seu aniversário.

•

Joachim retornara a Stolpin. Já a caminho da estação, logo após atravessar o povoado e chegar aos primeiros campos da fazenda, percebeu que brotava dentro de si uma sensação nova e surpreendente; procurou uma expressão e encontrou-a: minha propriedade. Ao descer do coche e instalar-se no casarão senhoril, foi tomado por uma nova sensação de lar.

Sentava-se então junto com o pai e a mãe, e, caso se limitasse ao café da manhã, teria sido bastante tolerável; sentia-se contente por poder sentar-se sob a grande tília, o jardim fresco e ensolarado estendia-se à sua frente; a abundante manteiga amarela, o mel e a cesta de frutas, todo esse consolo era de um agradável contraste com aqueles cafés da

manhã apressados no serviço militar. Entretanto, o almoço, o jantar e a hora do café já eram uma aflição; quanto mais o dia avançava, mais se tornava enfadonha a convivência entre os três, e se pela manhã os pais alegravam-se com o regresso do filho ausente e talvez também esperassem cada dia que dele emanasse algo belo e vivificante, o decorrer do dia, porém — marcado pelas refeições —, transformava-se numa decepção gradual, de modo que já à tardinha a presença de Joachim quase se tornara um agravamento da mútua intolerância; até a expectativa da chegada da correspondência, único raio de luz na monotonia cotidiana, diminuía com a presença do filho, e se, apesar disso, o velho ainda saía todas as manhãs para encontrar o carteiro, era quase um ato de desespero, quase como um pedido velado para que Joachim fosse embora e enviasse algumas cartas. E mesmo assim, o próprio Senhor Von Pasenow parecia saber que esperava algo bastante diferente das cartas de Joachim e que o carteiro a quem fitava não era aquele carteiro com a mala postal.

Joachim fez poucas tentativas de se aproximar de seus pais. Visitava o pai na sala decorada com galhada e perguntava-lhe a respeito da colheita e da caça, talvez à espera de que o velho ficasse satisfeito por ele atender pelo menos parcialmente ao pedido de “ficar a par”. Contudo, ou o pai esquecera-se do pedido ou ele mesmo não sabia nada do que acontecia na fazenda, pois não lhe dera mais do que respostas evasivas e relutantes, limitando-se a dizer, certa vez, de maneira indireta:

— Você por enquanto não precisa se preocupar com isso.

E Joachim, embora se sentisse dispensado de uma obrigação tediosa, teve que pensar na época em que foi levado para a escola de cadetes, quando lhe roubaram pela primeira vez a terra natal. No entanto, retornara e esperava por seu próprio convidado. Experimentava um sentimento agradável que até continha todos os tipos de sentimentos hostis em relação ao pai, mas isto não ocorrera nem sequer ao próprio Joachim, pois até esperava que seus pais se alegrassem com essa interrupção no crescente tédio e aguardassem, com a mesma impaciência que ele, a chegada de Bertrand. Permitira que seu pai vasculhasse sua correspondência e, quando a entregou com as palavras: “Infelizmente parece que ainda não recebeu notícias do seu amigo; será que ele virá?”, Joachim, embora aquilo lhe soasse como alegria pelo mal alheio, só queria ouvir compaixão. Seu mau humor só se manifestou quando viu nas mãos do pai uma carta de Ruzena. Porém, o velho não lhe disse nada, no máximo encaixou a lente do monóculo no olho e advertiu:

— Já passou da hora de você ir para Baddensen!

Aquilo podia ser considerado como alguma indireta ou não, em todo caso foi o que bastou para estragar o reencontro de Joachim com

Elisabeth, pois ele continuou adiando a visita, embora até então levasse fielmente consigo a figura daquela garota e seu esvoaçante lenço de renda; além disso, com uma urgência cada vez maior, sentia-se preenchido pelo desejo, pela concepção de que Eduard von Bertrand deveria estar sentado ao seu lado no assento da carruagem, quando chegasse em frente às escadarias de Lestow.

Porém, não chegou a tanto, pelo menos não ainda, porque, certo dia, Elisabeth e sua mãe fizeram uma visita tardia de condolências ao Senhor e à Senhora Von Pasenow. Elisabeth ficou desapontada e, ao mesmo tempo, aliviada por Joachim casualmente não estar em casa, sentindo-se também um pouco ofendida. Acomodaram-se na saleta, e as senhoras ficaram sabendo pelo Senhor Von Pasenow que Helmuth sucumbira pela honra do nome. Elisabeth teve que pensar que talvez em tempo não muito distante ela também ostentaria o nome por alguém que sucumbiu e, com um acesso de orgulho e espanto amistoso, percebeu que o Senhor e a Senhora Von Pasenow seriam novos parentes. Falou-se ainda a respeito do luto e o Senhor Von Pasenow afirmou:

— É assim quando se tem filhos; sucumbem pela honra ou pelo rei... é ridículo ter filhos homens. — E acrescentou, taxativo e beligerante: — Ah, mas as filhas casam e, sem que se perceba, vão embora.

A baronesa respondeu com um sorriso um tanto quanto alusivo:

— E nós, velhos, acabaremos definitivamente sozinhos.

Entretanto, o Senhor Von Pasenow não lhe replicou, como a rigor deveria, que a baronesa ainda não podia ser contada entre os velhos, mas, com seu olhar e postura rígidos, apenas disse depois de um momento de silêncio:

— Sim, ficamos sozinhos, ficamos sozinhos — e depois de refletir mais um pouco e com muito esforço —; nos resta morrer.

— Mas, Senhor Von Pasenow, não vamos pensar em morrer — replicou a baronesa, em um tom de voz obedientemente jovial. — Ah, ainda vai demorar muito para que pensemos nisso; depois da tempestade vem a bonança, meu caro Senhor Von Pasenow, e sempre devemos ter isso em mente.

O Senhor Von Pasenow reencontrou seu caminho de volta à realidade, reassumindo uma postura de cavalheiro:

— Supondo que os raios solares entrem em nossa casa em sua figura, baronesa. — E sem esperar a resposta lisonjeira da baronesa, continuou: — Mas que estranho... a casa está vazia, nem o correio traz nada. Escrevi para Joachim, mas quase nem responde; está em manobras.

Assustada, a Senhora Von Pasenow voltou-se para o marido:

— Mas, como?... ora, Joachim está aqui.

Um olhar envenenado a puniu por esta retificação.

— Ora, ele escreveu? E onde está agora?

E sem dúvida haveria surgido uma pequena discussão, se o canário Harzer Roller na gaiola não tivesse disparado no ar o fio tênue de notas douradas. No entanto, sentavam-se ali, em torno dele, como em torno de uma fonte, e, por alguns momentos, esqueceram-se de todo o resto: era como se aquele tênue fio de notas douradas que ascendia e descia os envolvesse, unindo-os naquela comunidade em que se estabelecia o consolo de sua vida e de sua morte; era como se esse fio, que brotava e preenchia seu ser e, no entanto, curvava-se e regressava à sua origem, os impedisse de falar, talvez porque fosse um fino ornamento dourado no espaço, talvez porque, por poucos instantes, dava-lhes plena consciência de que pertenciam um ao outro, tirando-os do assombroso silêncio, cujo mutismo e cuja reverberação erguiam-se entre humanos, como um som impenetrável, uma parede através da qual a voz humana não pode penetrar, de modo que o homem devesse estremecer e sucumbir. Entretanto, nesse instante em que o canário cantava, nem mesmo o Senhor Von Pasenow ouvia aquele assombroso silêncio e todos se alegraram quando a Senhora Von Pasenow disse:

— Ora, vamos tomar um café.

E mesmo enquanto caminhavam pelo grande salão, cujas cortinas estavam fechadas para evitar o sol da tarde, ninguém pensou que ali Helmuth havia jazido, amortalhado.

Em seguida, Joachim chegou e Elisabeth ficou novamente decepcionada, pois guardara na memória a imagem de um homem fardado e agora ele estava vestido com uma roupa de caça. Sentiram-se estranhos e constrangidos, e mesmo quando voltaram a juntar-se aos outros na saleta, e Elisabeth detivera-se em frente à gaiola do canário e enfiara um dos dedos entre as grades para que o pássaro bicasse-o com furor, enquanto decidia que em sua própria sala de estar — caso se casasse — teria sempre um passarinho amarelo como aquele, mesmo assim, já não conseguia relacionar Joachim à ideia de casamento. No entanto, isso era realmente bom e reconfortante, de modo que lhe facilitou bastante para que, ao se despedirem, combinassem que deveriam sair o quanto antes para cavalgarem juntos. Antes disso, sem dúvida, primeiramente ele lhes faria uma visita.

.

Bertrand finalmente aceitou o convite de Pasenow e chegou a Berlim no trem noturno para uma estada de dois dias. Entendeu-se que quisesse saber notícias de Ruzena: então, foi direto ao teatro e mandou enviar um bilhete e um ramalhete de flores ao camarim. Ruzena ficou encantada com seu bilhete, encantada com as flores e

lisonjeada por Bertrand estar esperando por ela à porta do teatro ao fim da apresentação.

— Ora, Ruzeninha, como você está?

E Ruzena logo respondeu aos borbotões que estava indo bem, muito bem, ah, não muito bem, porque sentia muita saudade de Joachim, mas claro que estava bem agora, pois se sentia muito feliz que Bertrand a viesse buscar, já que era amigo íntimo de Joachim. Então, quando se sentaram frente a frente, durante o jantar, e conversaram muito sobre Joachim, Ruzena de repente ficou triste, como costumava acontecer:

— E agora você vai encontrar Joachim e eu tenho que ficar aqui; o mundo é injusto!

— É claro que o mundo é injusto e muito pior do que você imagina, Ruzeninha! — parecia apropriado para os dois que ele a tratasse de maneira mais íntima. — E minha preocupação com você me trouxe aqui.

— Como assim?

— Pois não gosto que você esteja nesse negócio de teatro.

— Por quê? É muito bom...

— Eu me precipitei ao ceder a vocês dois... só porque vocês são românticos e formaram Deus sabe qual ideia do teatro.

— Eu não entendo o que quer dizer.

— Não importa, Ruzeninha, mas você não vai mais ficar nisso de jeito nenhum. Afinal, aonde isso vai levar? O que será de você, menina, no final? Deve cuidar de si mesma, pois o romantismo não vai cuidar de ninguém.

Ruzena respondeu com firmeza e orgulho que cuidaria de si mesma; que não precisava de ninguém e que Joachim poderia ir embora, se quisesse abandoná-la, era só ir embora:

— ... e você, homem mau, só veio aqui para falar mal do amigo!

E então chorou, olhando entre lágrimas com hostilidade para Bertrand.

Não foi fácil acalmá-la, pois ela insistia que ele era um homem mau e um amigo mau que queria arruinar sua bela noite. E de repente ela empalideceu e fixou nele seus olhos horrorizados:

— Ele lhe enviou aqui para dizer que acabou?!

— Mas, Ruzena!

— Não, você pode dizer não dez vezes, eu sei o que é! Ah, vocês dois são maus! Você me trouxe aqui para me envergonhar.

Bertrand entendeu que não podia fazer nada por meios racionais; no entanto, talvez em sua tola suspeita houvesse até um vislumbre do verdadeiro estado das coisas e de seu real desespero. Ela parecia

indefesa como um animalzinho que não sabe mais como agir. E, no entanto, talvez fosse bom que ela encarasse o futuro com mais seriedade. Ele apenas meneou a cabeça:

— Diga-me, menina, você não poderia voltar para sua terra natal enquanto Joachim está fora?

Tudo o que ela ouviu foi que ela estava sendo mandada embora.

— Mas, Ruzena, quem aqui quer mandar você embora? Só que, em vez de ficar sozinha aqui em Berlim, com aquela bobagem de teatro, seria melhor se você estivesse com seu povo...

Ela não o deixou terminar:

— Eu não tenho ninguém, todo mundo está com raiva de mim... eu não tenho ninguém e você quer me mandar embora.

— Ruzena, seja mais sensata; quando Pasenow voltar para Berlim, você também retornará.

Ruzena não o ouvia mais; queria ir embora; não queria saber de mais nada. Porém, ele não quis deixá-la ir naquela situação e pensou em como poderia convencê-la do contrário; por fim, teve a ideia de que escrevessem uma carta para Joachim juntos. Ruzena concordou imediatamente; então ele mandou buscar um papel e escreveu ali:

“Como uma cordial lembrança sua, numa noite alegre, envio-lhe os meus melhores votos, Bertrand”, e ela acrescentou, “e com muitos beijinhos de Ruzena”. Ela beijou o papel, mas não conseguia conter as lágrimas.

— Acabou! — ela repetiu, pedindo-lhe uma carona para casa. Bertrand cedeu. Entretanto, para que não tivesse que deixá-la tão cedo naquele desamparo, sugeriu que fossem a pé. Para acalmá-la (as palavras falharam de qualquer maneira), segurou-a pela mão como um bom e honesto médico; ela se aconchegou nele um pouco agradecida e, buscando amparo, deu-lhe um aperto suave na mão. “É um animalzinho”, pensou Bertrand, e tentando contornar a situação disse:

— Ruzena, sou um homem mau e seu inimigo?

Contudo, ela não respondeu. Uma leve e, no entanto, terna amargura pela confusão de pensamentos dela brotou nele, estendendo-se até Joachim, a quem ele culpava por Ruzena e seu destino, e que não parecia menos confuso do que a garota. Talvez tenha sido por sentir o calor do corpo dela que, por um momento, teve o pensamento malicioso de que Joachim merecia ser traído por Ruzena, porém, isso não era grave e logo recuperou a bondosa benevolência que sempre sentira por Joachim. Para ele, Joachim e Ruzena pareciam ter essências que só atingiam uma pequena parte de seu ser no tempo que viveram, na idade que tinham, e a maior parte disso estava em outro lugar, talvez em outro planeta ou em outra época ou mesmo apenas na infância. Bertrand ficou impressionado com o fato de que tantas

pessoas de diferentes idades, e até da mesma idade, pudessem conviver: talvez por isso o fato de todos serem instáveis e de terem dificuldade de se comunicar racionalmente uns com os outros; o estranho era que ainda existisse uma comunidade humana e uma compreensão que estivesse para além do tempo. Provavelmente, para Joachim bastara a carícia das mãos. O que deveria e poderia falar com ele? Afinal, qual era o propósito real daquela visita a Stolpin? Bertrand ficou com raiva, mas então se lembrou de que falaria com Joachim sobre o destino de Ruzena; e isso deu um sentido claro à viagem e à perda de tempo, e, restabelecendo mais uma vez seu bom humor, apertou a mão de Ruzena.

Despediram-se diante da casa, mantiveram-se em silêncio por alguns instantes, frente a frente, e parecia que Ruzena ainda estava à espera de algo. Bertrand sorriu e, antes que ela lhe oferecesse a boca, beijou-a na bochecha de maneira um tanto avuncular. Ela lhe acariciou a mão de leve, tentando entrar furtivamente em casa, mas ele a deteve à porta:

— Ruzeninha, vou embora amanhã de manhã; o que vou falar ao Joachim?

— Nada — disse ela de maneira precipitada e ríspida; porém, logo depois, reconsiderou: — Você é mau, mas eu vou para a estação.

— Boa noite, Ruzena — disse Bertrand, e ressurtiu-lhe aquela leve amargura, porém, como ainda sentia em seus lábios a tenra pele da bochecha dela, como a uma terna penugem, perambulou para cima e para baixo na rua escura, olhando em direção à casa de Ruzena, à espera de que uma luz acendesse atrás de uma janela. No entanto, ou a luz já estava acesa ou o quarto dava para o pátio interno (Joachim bem podia ter encontrado um alojamento melhor!), de qualquer modo, Bertrand esperou em vão e, depois de olhar um pouco a casa, descobriu que já tinha feito o suficiente pela causa do romantismo, acendeu um cigarro e foi para casa.

.

Enquanto as salas de estar tinham piso em parkê, os quartos de hóspedes no segundo andar tinham apenas piso encerado, grandes tábuas de branca e flexível madeira, separadas por molduras mais escuras. Devem ter sido enormes os troncos dos quais se cortaram essas tábuas, e, mesmo que fosse madeira flexível, a regularidade e o tamanho atestavam a riqueza do antigo proprietário. As junções entre tábuas e molduras foram bem encaixadas e, onde mais tarde vieram a alargar devido à secagem da madeira, haviam sido preenchidas com aparas com tal precisão que mal se notava. A mobília deve ter sido feita pelo carpinteiro do povoado e pode datar da época em que as tropas de Napoleão passaram por aquele território; pelo menos era o

que se podia supor, já que, naquela época, fazia lembrar vagamente daquele estilo chamado de Império; no entanto, ainda pode ter pertencido a um período um pouco mais antigo ou um pouco mais recente, pois, com várias formas abobadadas, distanciaram-se do estilo linear daquela época. Ali, havia um guarda-roupa espelhado cujos espelhos estavam estranhamente separados por uma barra vertical de madeira, havia cômodas que contrariavam a arquitetura pura por terem muitas ou poucas gavetas. Entretanto, mesmo que esses móveis estivessem alinhados quase ao acaso ao longo das paredes, mesmo que a cama estivesse posicionada de maneira altamente inadequada entre duas portas, e o grande fogão de azulejos brancos estivesse espremido num canto entre dois armários, ainda assim, o espaçoso aposento, quando o sol reluzia através das cortinas brancas e das janelas com suas cruces refletindo na límpida polidez dos móveis, dava a agradável impressão de bem-estar e aconchego. Desta forma, podia acontecer que o grande crucifixo que decorava o cômodo, pendurado na parede em cima da cama, não fosse mais do que mero ornamento ou uma peça comum do mobiliário, mas transmitia seu significado original: uma advertência e um lembrete para o hóspede, avisando-o de que estava numa casa de comunidade cristã, numa casa que zelava de inúmeras maneiras por seu bem-estar físico e de onde ele podia sair para caçar em grata companhia e voltar para desfrutar de farta refeição de caça e de capitosos vinhos, numa casa em que ainda se admitia que os caçadores fizessem piadas pesadas e onde, naqueles tempos em que se fizeram os móveis, piscava-se ainda o olho caso se gostasse de uma criada, mas uma casa em que era inevitável que o hóspede, por mais modorrento que estivesse por causa do vinho, tivesse que refletir à noite sobre a própria alma e arrepender-se de seus pecados. E correspondia a essa maneira de pensar, no fundo tão rígida, aquela austera e sóbria gravura de aço que ficava pendurada sobre o canapé forrado com tecido verde canelado, uma imagem que despertava em muitos visitantes a recordação da Rainha Luísa, já que representava uma mulher alta em trajes veneráveis — tendo como título do quadro *La mère des Gracques* — e não só esse traje recordava o da rainha, mas também o altar a que se inclinava fazia pensar no altar da pátria. Sem dúvida, a maioria dos caçadores que já haviam dormido naquele quarto levava uma vida mundana, colhendo o que o lucro e o prazer lhes proporcionavam, sem que se envergonhassem de vender a colheita ou os porcos ao negociante por um grande lucro; entregavam-se a uma bárbara caçada em que as criaturas de Deus eram massacradas em massa, e muitos deles também eram ávidos pela carne das mulheres; no entanto, por mais que considerassem a vida pecaminosa e imperiosa que levavam como um bem dado por Deus, aceitando direitos e privilégios, estavam dispostos a sacrificá-la a

qualquer momento pela honra da pátria ou pela glória de Deus, e mesmo que não o pudessem fazer, a disposição de considerar a vida como algo secundário e pouco digno de ser contemplado era tão forte, que a sua condição de pecadores mal pesava sobre a balança. E sentiam-se livres de qualquer culpa, quando caminhavam pela vegetação rasteira que estalava suavemente sob a névoa da manhã, ou quando à noite subiam ao alto posto de caça pela escada estreita e íngreme e fitavam, por cima dos arbustos e clareiras, o local onde ainda dançavam enxames de mosquitos até o limiar do vale; quando o úmido odor da relva e da madeira subia até eles e uma formiga corria ao largo da árida balaustrada do mirante até desvanecer numa ranhura, então poderia acontecer que em suas almas, embora fossem tipos com patas bem firmes e consistentes, despertasse algo que parecia música e concentrava a vida que viveram e deixaram para viver em um único momento, tanto que sentiam a mão de sua mãe ainda sobre os cabelos infantis como se por toda a eternidade, ainda que se erguesse diante deles, sem nenhum lapso de tempo, sem nenhum período de espaço que os separasse, aquela a quem não temiam: a morte. Então, toda a madeira ao redor poderia se tornar a madeira do crucifixo, pois, em nenhum outro lugar, o mágico e o terreno coexistem tão próximos quanto no coração do caçador, e quando o bode aparece à beira da clareira do bosque, a iluminação ainda está presente e a vida ainda parece atemporal, evanescente e eterna, premida à própria mão fechada, de modo que o tiro que mata a vida alheia é como um símbolo e uma necessidade de salvar a própria vida em graça. O caçador continua saindo para ver a Cruz nas galhadas do cervo e, para fins de ilustração, o preço da matança não lhe parece muito caro. E desta forma, ao voltar para o seu quarto, depois de um lauto banquete, ele pode reerguer o olhar ao crucifixo e, embora de mais longe, refletir a respeito da eternidade em que está imersa a sua vida. E talvez em vista dessa eternidade, até a limpeza do corpo não pese mais na balança do que a pecaminosidade de sua vida terrena: no lavatório, há uma bacia cuja pequenez contrasta de maneira estranha com as proporções do caçador e as outras dimensões de sua vida, e o jarro pode conter muito menos água do que o vinho que o caçador possa beber. Mesmo a estreita mesinha de cabeceira, que oferece espaço para pratos em forma de gaveta tampada, atribui apenas pequenas dimensões aos pratos. O caçador usa-a e lança-se à rangente cama.

Nesse quarto, preparado há várias gerações às necessidades do caçador, Bertrand instalou-se quando chegou a Stolpin.

.

Uma das mais estranhas recordações que Bertrand trouxe de sua estada em Stolpin foi um retrato do velho Senhor Von Pasenow. No

primeiro dia, e logo após o café da manhã, o velho pediu que ele o acompanhasse em seu passeio para visitar a propriedade. Era uma manhã monótona e tempestuosa, o ar estava parado, mas o silêncio era abafado pelas pancadas dos manguais que ressoavam em frente às duas eiras. O Senhor Von Pasenow parecia gostar do ritmo, pois deteve-se por diversas vezes e acompanhou o compasso com sua bengala. Então ele perguntou:

— Você gostaria de ver o estábulo? — e partiu em direção ao edifício longo e baixo; porém, deteve-se no meio do pátio, balançando a cabeça:

— Não adianta; o gado está no pasto.

Bertrand perguntou por educação de que raça era a rês; o Senhor Von Pasenow primeiro olhou para ele como se não compreendesse a pergunta, e em seguida disse, encolhendo os ombros, que dava no mesmo, conduzindo o convidado para fora do pátio; ao redor da pequena depressão onde ficava a fazenda, estendiam-se as colinas, campo após campo, e, por toda parte, avançava o trabalho da colheita.

— Tudo pertence à propriedade — disse o Senhor Von Pasenow, orgulhosamente, traçando um círculo com sua bengala; depois, manteve o braço erguido com a bengala em uma direção; Bertrand acompanhou-o com os olhos e viu a torre da igreja erguendo-se atrás das colinas:

— Lá fica a agência dos correios — confidenciou-lhe o Senhor Von Pasenow, indo em direção ao vilarejo.

O mormaço deixava a atmosfera abafada; calava-se o bater dos manguais atrás deles e apenas se ouvia o sibilo dos segadores, o amolar das gadanhas e o rumor de gavela joeirada. O Senhor Von Pasenow deteve-se:

— Você também costuma ter medo?

Bertrand ficou surpreso, mas se comoveu simpaticamente por aquela questão humana:

— Eu? Ah, sim, diversas vezes!

O Senhor Von Pasenow aproximou-se com interesse:

— E quando você sente medo? Quando tudo está em silêncio?

Bertrand percebeu que havia algo de errado ali:

— Não, o silêncio é adorável, às vezes; fico muito contente com esse silêncio nos campos.

O Senhor Von Pasenow parecia incomodado e irritadiço:

— Você não entende... — E depois de um instante: — Você tem filhos?

— Não que eu saiba, Senhor Von Pasenow.

— Ora, então — o Senhor Von Pasenow consultou o relógio e olhou ao longo da estrada; depois, balançou a cabeça, dizendo que aquilo

era incompreensível, e, em seguida, voltou-se para Bertrand: — Quando você se sente de fato com medo?

Porém, não esperou pela resposta; só voltou a olhar para o relógio:

— Ele já deveria ter chegado aqui...

Em seguida, encarou Bertrand:

— Você vai me escrever algumas vezes, durante a viagem?

Bertrand concordou; ficaria contente em fazê-lo, e o Senhor Von Pasenow parecia bastante agradecido.

— Sim, escreva-me; estou interessado, muito interessado... escreva-me também se tiver com medo... mas ele ainda não chegou; veja que ninguém me escreve, nem mesmo meus filhos...

Avistou-se ao longe então um homem com uma bolsa preta.

— Aí está ele! — o Senhor Von Pasenow começou a andar com bengala e pernas, numa passada retilínea e apressada, e quando o homem estava ao alcance da voz, bradou-lhe:

— Onde se meteu esse tempo todo? Hoje você foi à agência dos correios pela última vez... Está demitido, ouviu? Demitido!

Ele tinha as faces ruborizadas e sacudia a bengala na frente do rosto do homem; enquanto este, aparentemente já acostumado a tais encontros, tirava com calma a bolsa do ombro, entregando-a ao patrão, que quase obedientemente tirou a chave do colete e a abriu com a mão trêmula.

Tremendo, o velho enfiou a mão na mala postal, porém, quando acabou de retirar alguns periódicos, pareceu que se repetiria seu surto de raiva, pois, sem dizer uma única palavra, mantinha a correspondência debaixo do nariz do carteiro. Ao que parece, lembrou-se de que tinha um convidado ao seu lado, pois então entregou os periódicos a Bertrand:

— Pronto, veja por si mesmo... — e resmungou, recolocou-os na bolsa, trancando-a. Explicou, enquanto caminhava: — Vou precisar me mudar para a cidade ainda este ano; este lugar está silencioso demais para mim.

Logo que caíram as primeiras gotas da tempestade, chegaram por fim ao povoado, e o Senhor Von Pasenow sugeriu aguardar por algum tempo na casa do reverendo.

— Aliás, você precisa conhecê-lo! — acrescentou.

Ficou furioso por não terem encontrado o reverendo em casa e, quando a esposa do clérigo lhe disse que o marido dela estava na escola, ficou ainda mais enfurecido:

— Você parece achar que pode convencer um velho do que bem quiser, mas ainda não sou tão velho para não saber que é época de férias escolares.

No entanto, ninguém dissera que o reverendo estava na escola dando

aulas e, além disso, ele voltaria imediatamente.

— Perdão! — resmungou o Senhor Von Pasenow, mas a mulher do reverendo não se intimidou e pediu aos cavalheiros que se sentassem, enquanto lhes daria uma taça de vinho. Quando ela saiu da sala, o Senhor Von Pasenow inclinou-se para Bertrand:

— Ele gosta de se esconder de mim, porque sabe que eu o descobri.

— Descobriu o que, Senhor Von Pasenow?

— Ora, na certa que é um reverendo de todo ignorante e incompetente. É uma pena que ainda tenho que manter boas relações com ele. Aqui no campo, dependemos uns dos outros e... — hesitou e acrescentou mais calmo — é ele quem cuida dos túmulos.

O reverendo entrou e Bertrand foi apresentado como amigo de Joachim.

— Sim, uns vêm, outros se vão — disse o Senhor Von Pasenow, refletindo, e os presentes não sabiam se aquela alusão ao pobre Helmuth pretendia significar bondade ou falta de educação para com Bertrand.

— Sim, e este é o nosso teólogo — continuou ele, enquanto o teólogo sorria fracamente.

A esposa do reverendo serviu um pouco de presunto e vinho, e o Senhor Von Pasenow bebeu rapidamente um copo. Enquanto os outros se sentavam à mesa, ele ficou ao lado da janela, tamborilou nas vidraças ao compasso dos manguais e olhou a passagem das nuvens como se mal pudesse esperar para ir embora de novo. No meio da conversa que fluía lentamente, gritou da janela:

— Diga-me, Senhor Von Bertrand, você já viu um teólogo culto que não soubesse nada a respeito da vida após a morte?

— O Senhor Von Pasenow gosta de repetir suas brincadeiras — disse o reverendo, intimidado.

— Por favor, diga você mesmo: como o reverendo de Deus pode ser diferente do resto de nós, se não tem nenhuma relação com o Além?

O Senhor Von Pasenow virara-se, fitando com raiva e agudez o reverendo através de seu monóculo.

— E se aprendeu algo, o que me permite duvidar, que direito ele tem de nos esconder isso?... esconder isso de mim! — o tom de sua voz acalmou um pouco. — Logo de mim, de mim... que sou, como ele próprio o confessa, um pai submetido a duras penas.

O reverendo disse em voz baixa:

— Só Deus pode lhe enviar uma mensagem, Senhor Von Pasenow; por favor, acredite de uma vez por todas.

O Senhor Von Pasenow encolheu os ombros:

— Eu acredito nisso... sim, eu acredito, tome nota disso... — E depois de um instante, de frente para a janela, encolhendo novamente

os ombros: — Dá no mesmo — e, ainda tamborilando nas vidraças, olhou para a rua. A chuva caía mais devagar, então o Senhor Von Pasenow ordenou:

— Já podemos ir embora.

E ao se despedir, apertou a mão do reverendo:

— Nos veremos de novo, então... para jantar, certo? Nosso jovem amigo também estará conosco.

Em seguida, foram embora. Havia poças na rua do vilarejo, mas o campo estava quase seco de novo; a chuva mal havia lavado as rachaduras do solo. O céu ainda estava coberto por uma leve névoa alvacentas, já se sentia o sol penetrante, que logo iria surgir. O Senhor Von Pasenow permanecia em silêncio, sem participar das conversas de Bertrand. Apenas uma vez se deteve e disse, palestrando, com a bengala erguida:

— Você deve ter muito cuidado com esses teólogos. Nunca se esqueça disso.

Consequentemente, as caminhadas matinais foram repetidas e às vezes eram acompanhadas por Joachim. Então o velho ficava carrancudo e taciturno, e até desistia de tentar descobrir qualquer coisa a respeito dos medos de Bertrand. Costumava formular suas perguntas de modo tímido e discreto, mas agora se mantinha em completo silêncio. No entanto, Joachim também estava calado. Pois ele também não tinha permissão para perguntar o que queria saber de Bertrand, e este continuava devendo a ele uma explicação. Assim, os três caminhavam pelo campo, e tanto o pai quanto o filho ressentiram-se de Bertrand por desapontar suas curiosas expectativas. Porém, Bertrand tinha grande dificuldade em sustentar uma conversa.

•

Se Joachim havia inicialmente adiado sua visita a Lestow por ter a ideia fixa de chegar lá com Bertrand, seu leve ressentimento por ele talvez fosse o culpado por ter atrasado a viagem novamente: nutria uma vaga esperança de que, se Bertrand ao menos quisesse conversar, as coisas dariam certo e ele poderia simplesmente levá-lo sem mais demoras para Lestow. Porém, como Bertrand, apesar desse incentivo, do qual não fazia nem ideia, perseverou em seu decepcionante silêncio, Joachim por fim teve que se decidir e partiu sozinho. Certa tarde, foi para Lestow numa carruagem de rodas altas, com as pernas cuidadosamente enroladas no manto do coche, o chicote brandido em ângulo adequado diante dele e as rédeas correndo soltas na luva marrom. Quando se foi, o pai disse:

— Até que enfim!

E Joachim estava cheio de desgosto com o fantástico projeto de casamento.

Em frente, erguia-se o pináculo da igreja do povoado vizinho; uma igreja católica, que o fazia recordar a fé católica-romana de Ruzena; Bertrand falara a respeito de Ruzena com ele. Não seria melhor interromper sua absurda estadia ali e voltar para ela? Tudo ali começava a enojá-lo; a poeira da rua era nojenta, as folhas empoeiradas e murchas das árvores da rua, anunciando o outono, eram nojentas. Desde a chegada de Bertrand, sentia outra vez saudade da farda: dois homens com o mesmo uniforme, era algo impessoal, eram soldados do rei; dois homens igualmente à paisana, era algo indecente, eram como dois irmãos; e sentiu que o casaco paisano curto, que revelava as pernas e a braguilha da calça, era indecente. Elisabeth era digna de pena por ter que olhar para homens de casaco curto e calças expostas — estranho que ele nunca tivesse pensado a respeito disso com Ruzena —; porém, pelo menos para esta visita, ele deveria ter se fardado. A larga gravata branca com alfinete de ferradura cobria toda a abertura do colete; o que era bom. Tomou-a e certificou-se de que estava no lugar. Não é à toa que se coloca um pano sobre o abdômen dos mortos no caixão. Helmuth também passara por aquela estrada a caminho para Lestow; visitara Elisabeth e sua mãe, e aquela poeira da estrada foi derramada sobre seu túmulo. Seu irmão de fato deixara Elisabeth como sua herdeira? Ou Ruzena? Ou mesmo Bertrand? A Bertrand se deveria conceder o quarto de Helmuth em vez do solitário quarto de hóspedes, mas isso não seria adequado. Tudo isto era como um mecanismo inescapável que de alguma forma dependia da sua própria vontade e, por isso mesmo, parecia inescapável e óbvio, certamente mais inescapável do que o mecanismo de serviço militar. No entanto, ele não conseguia mais seguir a linha de raciocínio de que se revelara algo horrível, pois acabara de entrar no vilarejo e tivera que ficar de olho nas crianças brincando; logo atrás do local, entrara no parque entre as casas de ambos os dois jardineiros, à esquerda e à direita do portão.

— Fico alegre de revê-lo, Senhor Von Pasenow — disse o barão, que o recebera no salão, e quando Joachim lhe contou sobre o hóspede, pelo qual adiara a visita, o barão repreendeu-o por não ter trazido Bertrand imediatamente. Nem mesmo Joachim sabia explicá-lo; sem dúvida, não teria sido nenhuma ofensa; porém, quando Elisabeth entrou, achou mais correto que tivesse vindo sozinho. Ele a achava muito bonita, ah, na certa que Bertrand também não poderia escapar do encanto de tal beleza, e na certa que, em sua presença, ele não ousaria manter aquele tom de voz muito descontraído que lhe era habitual. No entanto, Joachim gostaria de ter experimentado isso, por exemplo, como alguém gostaria de ouvir um palavrão na igreja ou mesmo assistir a uma execução.

O chá foi servido no terraço e Joachim, que estava sentado ao lado

de Elisabeth, teve a sensação de ter vivido aquela situação há pouco tempo. Entretanto, quando teria sido? Decorreram quase três anos desde a sua última visita a Lestow e, desta vez, era final do outono e seria impossível sentar-se no terraço. Contudo, enquanto ainda pensava nisso, sentiu como se as luzes do palácio tivessem sido acesas, uma associação de ideias um tanto estranha culminou no absurdo, e a confusão quase se tornou inextrincável, pois seu cúmplice Bertrand — sentiu um pouco de repulsa ao lhe ocorrer a palavra “cúmplice” —, cúmplice e testemunha de sua intimidade com Ruzena, também devia estar ali com ele diante de Elisabeth! Como poderia ter cogitado apresentá-lo aos pais? Voltou a sentir a sensação fatalista de que Bertrand o fizera cometer um deslize e ficou subitamente envergonhado, pois, depois do chá, teve que se erguer vestido à paisana; o rapaz gostaria de deixar o guardanapo sobre os joelhos, mas todos já estavam indo para o parque. Quando apareceram as dependências administrativas, o barão afirmou que Von Pasenow devia voltar logo à agricultura; pelo menos foi o que o velho insinuara. Joachim, com um recém-desperto desgosto contra a tentativa do pai de determinar sua vida, teria gostado de responder que não tinha intenção de voltar para a casa paterna; naturalmente, não podia expressar-se dessa forma; não teria correspondido totalmente aos fatos, nem ao seu redescoberto apego pelo lar e pela fazenda, por isso, simplesmente disse que não lhe era fácil deixar o serviço militar, em especial por estar prestes a ser condecorado como capitão da cavalaria. E não desistiria de uma carreira que tanto o agradara, mesmo que fosse apenas por convenção sentimental; via isso melhor em seu amigo, o Senhor Von Bertrand, aquele que, apesar de sucessos significativos, talvez ainda almejasse retornar ao regimento, mesmo que de maneira latente. E sem se dar conta, começou a falar sobre os negócios globais de Bertrand, suas grandes viagens, cingindo-o, quase de maneira infantil, com a auréola de um explorador por quem as senhoras não podiam deixar de expressar a sua alegria de reconhecer como um homem tão interessante. No entanto, Pasenow ficou com a impressão de que todos tinham medo, não só de Bertrand, mas da vida que ele levava, pois Elisabeth estava quase coibida e afirmou que era absolutamente inimaginável saber de um irmão ou qualquer outro parente próximo que andasse tão longe pelo mundo e não se pudesse garantir onde estava. E o barão apresentou-lhe não só o motivo como ainda acrescentou que apenas um homem sem família podia levar uma vida assim, dando como exemplo a vida de um marinheiro. No entanto, Joachim, não querendo ficar muito por baixo em relação ao amigo e ali se sentindo como o representante dele, contou que Bertrand sugerira que ele se apresentasse para o serviço colonial, e a baronesa replicou com severidade:

— Você não deveria fazer isso com seus pobres pais.

— Não — disse o barão —, o seu lugar é na propriedade de seu pai.

E Joachim sentiu-se bem de ouvir isso.

Depois, deram meia-volta e, acompanhados pelo cachorro de Elisabeth, chegaram à grande clareira em frente à casa. A relva já exalava a umidade e o orvalho, e as luzes da casa já estavam acesas, pois as tardes começavam a ser mais curtas.

Quando Joachim voltou, estava escuro como breu. A última coisa que vira de Elisabeth foi sua sombra no terraço; ela tirara o chapéu de jardineira e, no crepúsculo do dia que se esvaía, destacava-se contra o céu claro, riscado de vermelho. Avistava-se claramente o pesado laço em sua nuca e Joachim se perguntou por que achava aquela garota tão bonita, tão bonita que a doçura de Ruzena queria desaparecer de sua memória. E ainda assim, ansiava por Ruzena e não pela pureza de Elisabeth. Por que Elisabeth era tão bonita? As árvores ao longo do caminho estavam escuras e a poeira tinha um cheiro fresco, talvez como uma cave ou porão. No entanto, a oeste ainda havia uma faixa avermelhada no céu, escurecendo sobre a paisagem ondulante.

•

Naquela tarde, quando Joachim fez a visita a Lestow, logo após sua partida, o Senhor Von Pasenow subiu as escadas até o segundo andar e bateu à porta de Bertrand:

— Eu precisava fazer uma visita para você algum dia... — E com uma arguta cumplicidade: — Eu o dispensei... não foi fácil!

Bertrand disse algumas palavras gentis; ficaria grato em descer.

— Não — disse o Senhor Von Pasenow —, é preciso manter as formalidades. Mas depois do chá, poderemos sair um pouco. Tenho algumas coisas para discutir com você.

E sentou-se um pouco para expressar o motivo de sua visita, porém, com sua habitual inquietação, logo saiu do aposento, para retornar antes mesmo de que se fechasse a porta atrás de si:

— Só quero ter certeza de que você tem tudo de que precisa. Não se pode confiar em ninguém nesta casa.

Ele andou pelo quarto, olhou para *La mère des Gracques*, também olhou para o chão e disse gentilmente:

— Ora, então até a hora do chá.

Acenderam os cigarros e caminharam pelo parque, atravessaram o pomar, onde as árvores frutíferas já estavam amadurecendo, chegando até os campos. O Senhor Von Pasenow estava obviamente de bom humor. Aproximou-se deles um grupo de mulheres coletoras. Para evitar os senhores, elas formaram fila única à beira do campo, cumprimentando-o uma após a outra enquanto eles passavam. O Senhor Von Pasenow olhava cada uma debaixo do lenço de cabeça e,

ao passar pela fila única, disse:

— Raparigas de muita gana!

— Polonesas? — perguntou Bertrand.

— Claro! Quer dizer: a maioria delas... ora, são gente pouco confiável.

Para Bertrand, tudo aquilo era muito bonito, o que o fazia invejar todos os fazendeiros. O Senhor Von Pasenow deu-lhe um tapinha no braço:

— Você também poderia ser um.

Bertrand balançou a cabeça; não era tão fácil e, além disso, era necessário ser instruído para aquilo.

— Vou resolver isso! — foi a resposta, acompanhada de um sorriso discreto.

Depois, calou-se e Bertrand esperou. Mas o Senhor Von Pasenow parecia ter esquecido o que realmente pretendia dizer a ele, até que, depois de muito tempo, disse absorto em seus pensamentos:

— Claro que você deve me escrever... muitas vezes, sim! — E em seguida: — Assim que você vier morar aqui, não teremos mais medo; nós dois não teremos mais medo... hein?

Ele apoiara a mão no braço de Bertrand, olhando-o ansiosamente.

— Sim, Senhor Von Pasenow, por que deveríamos ter medo?

O Senhor Von Pasenow ficou surpreso:

— Mas você disse... — e manteve os olhos fitos. — Ora, dá no mesmo...

Deteve-se, deu meia-volta e parecia que queria ir para casa. Em seguida, mudou de ideia e seguiu em frente acompanhado de Bertrand. Depois de um tempo, perguntou:

— Você já o havia visitado?

— Ahn?

— Ora, o jazigo.

Bertrand ficou um pouco embaraçado; porém, no ambiente da casa, não havia realmente ocasião de manifestar vontade de visitar o túmulo. Quando começou a responder negativamente à pergunta, o Senhor Von Pasenow riu, satisfeito:

— Ora, ainda podemos recuperar o atraso — e, como se fosse uma agradável surpresa para o convidado, apontou sua bengala para o muro do cemitério que tinham diante de si. — Entre, eu lhe espero aqui! — ordenou, e como Bertrand hesitasse um pouco, protestou, indignado: — Não, eu não vou entrar com você!

E então conduziu Bertrand até a porta, sobre a qual reluzia a inscrição em letras douradas “DESCANSE EM PAZ”. Bertrand entrou e, depois de permanecer junto ao túmulo por certo tempo, voltou. O

Senhor Von Pasenow patrulhava ao longo do muro, visivelmente impaciente:

— Conseguiu vê-lo?... E então?

Bertrand apertou-lhe a mão, porém, o Senhor Von Pasenow aparentemente não queria condolências, mas queria ouvir alguma coisa; e fez um gesto como se para ajudá-lo a falar e, como nada aconteceu, suspirou:

— Sucumbiu pela honra do nome... sim, e enquanto isso Joachim tem feito visitas.

Novamente apontou com a bengala, desta vez na direção de Lestow. Mais tarde, complementou o pensamento e riu:

— Eu o mandei lhe fazer a corte — e como se isso o lembrasse de que afinal queria discutir algo com Bertrand: — Isso mesmo, me disseram que você é um especialista em negócios.

Bertrand respondeu afirmativamente, dizendo que apenas dentro de seu ramo.

— Ora, deve servir à nossa causa. Sabe, querido amigo, é claro que necessito de um conselho, depois que ele sucumbiu... — e fez uma pausa, depois prosseguiu em tom grave: — questões de herança.

Bertrand quis dizer que o Senhor Von Pasenow sem dúvida teria um notário de confiança que poderia lhe ajudar naqueles negócios, mas o Senhor Von Pasenow não lhe deu ouvidos:

— Joachim deve garantir sua posição com o casamento; ele pode ser deserdado — e riu de novo.

Bertrand tentou mudar de conversa, apontando para um coelho:

— Em breve chegarão os bons tempos de caçada, Senhor Von Pasenow.

— Sim, sim, ele pode muito bem vir caçar; podemos sempre necessitar dele nesse caso... Vamos convidá-lo, não é? É claro que ele deve nos escrever; já nos explicamos isso, certo?

Como o Senhor Von Pasenow estava rindo, Bertrand também sorriu, por mais incômodo que fosse. Sentia-se um pouco irritado por Joachim lhe ter enviado aquele homem; e o quão desastrado se mostrou Joachim, mesmo naquela ocasião, por deixar que aquele velho gagá estivesse em tal estado de espírito! O miserável também o chamou para colocar em ordem seus negócios? Então ele disse:

— Sim, sim, Senhor Von Pasenow, vamos instruí-lo!

E com isso ele atingiu o tom de voz que o velho queria ouvir. Tomando o braço de Bertrand, caminharam com cuidado para manter seus passos no mesmo ritmo, sem que o velho soltasse o braço de Bertrand, mesmo quando chegaram em casa. Apesar da escuridão reinante, andaram de um lado para o outro no pátio até Joachim chegar. Quando Joachim saltou do coche, o Senhor Von Pasenow

disse:

— Este é meu amigo, o Senhor Von Bertrand — e com um gesto um tanto displicente —, e este é meu filho... ele está vindo da visita à noiva — acrescentou, folgazão.

O odor do estábulo chegou até ali e o Senhor Von Pasenow sentiu-se bem.

.

“Ela de fato não é muito bonita”, Bertrand pensava consigo mesmo enquanto olhava para Elisabeth sentada ao piano, com a boca muito larga e aqueles lábios com uma sensualidade estranhamente suave, quase diabólica. Porém, quando sorria, era adorável.

Joachim e Bertrand foram convidados a um chá musical. Um velho vizinho da fazenda e o pobre professor acompanhavam Elisabeth no trio de Spohr, e Joachim teve a impressão de ser obra de Elisabeth que as notas prateadas e cristalinas do piano caíssem no obscuro fluxo dos dois instrumentos de cordas. Amava a música, embora não a entendesse muito, porém, naquele momento, acreditava ter compreendido seu significado: era algo que flutuava puro e claro acima de tudo, como uma nuvem de prata, deixando cair no reino terrestre gotas frias e límpidas das alturas divinas. E talvez a música só existisse para Elisabeth, até mesmo para Bertrand, por ele saber desde a academia tocar um pouco de violino. Não, não parecia que Bertrand quisesse conquistar Elisabeth por meio da música. Quando questionado a respeito do seu jeito de tocar violino, limitou-se a responder de maneira evasiva e com um gesto de menosprezo, o que pode ter sido pura hipocrisia — o tom soara bastante cínico —, pois, no caminho para casa, não encontrara nada melhor a dizer a não ser que:

— Quem me dera não tivesse que interpretar aquele horrível e maçante Spohr!

Combinaram de ir cavalgar juntos; Joachim e Bertrand foram buscar Elisabeth. Joachim montava o cavalo de Helmuth, do qual retomara a posse. Galoparam pelos campos de restolho, onde ainda havia gavelas, e, em seguida, viraram em um trote curto pelo estreito caminho do vale. Joachim deixou o convidado cavalgar na frente com Elisabeth e, enquanto os seguia, ela lhe parecia ainda mais alta e magra do que o normal, em seu longo traje preto de montar. Ele teria preferido olhar para outro lugar, mas ela não mantinha uma atitude impecável sobre o cavalo, o que o incomodava; encontrava-se um pouco curvada demais e, enquanto ela trotava para cima e para baixo, tocando a sela ao se sentar, pulando novamente para cima e para baixo, ocorreu a Joachim a sua despedida na estação, de modo que, para ele, o desprezível desejo de poder cobiçá-la como uma mulher voltava a se

impor, duplamente desprezível, já que o pai, em presença de Bertrand, havia falado a respeito de sua corte. No entanto, era quase mais terrível o fato de que os pais de Elisabeth, até mesmo sua própria mãe, vissem o rapaz como o objeto dos desejos amorosos de sua filha, pois ofereciam-na a ele, estando todos convencidos de que poderiam dispor desse desejo amoroso, que a seu ver se realizaria e não falharia de modo algum. É verdade que, por trás disso, havia algo mais real, mais profundo, uma vaga ideia da qual Joachim não queria fazer parte, embora sentisse a boca seca e corasse; era confuso e mesmo repulsivo que tais coisas fossem imputadas a Elisabeth; sentia-se envergonhado diante de e por Elisabeth. “Que isso fique para Bertrand”, pensou, esquecendo-se de que, ao fazê-lo, cometia o mesmo pecado que repudiara com tanta indignação. Porém, de repente, isso não importava mais; de repente era como se Bertrand estivesse fora de questão: ele era tão feminino com seu cabelo ondulado, de alguma forma fraterno; tinha uma espécie de cuidado fraternal, a que talvez se pudesse confiar Elisabeth. Evidentemente não era verdade, mas foi por um momento reconfortante. Além disso, por que ela era tão bonita? E observou seu corpo balançar para cima e para baixo, seu centro de gravidade voltando para a sela. E descobriu que não era a beleza, mas sim a falta de beleza que lhe despertara o desejo carnal; contudo, desvencilhou-se do pensamento e, enquanto ainda contemplava aquela cena do embarque na estação, refugiou-se em Ruzena, cujas muitas imperfeições a tornavam ainda mais atraente. Ele largou o cavalo a passo para aumentar a distância entre si e os dois à frente, retirando do bolso do paletó a última carta de Ruzena. O papel exalava o perfume que ele lhe dera, e Joachim inalou o eflúvio da desordenada intimidade de sua união. Sim, aquele era o lugar a que ele pertencia, era aquele o lugar em que queria estar, pois sentia-se voluntariamente excluído da sociedade e, no entanto, rejeitado; sentia-se então indigno de Elisabeth. Bertrand era seu cúmplice, mas suas mãos estavam mais limpas, e quando então Joachim se apercebeu disso, também compreendeu por que Bertrand sempre tratara a ele e a Ruzena de maneira um tanto condescendente, avuncular ou como um médico, escondendo dele seus próprios segredos. Ninguém revela os segredos do pai; era justo que assim fosse, e, por isso, podia e devia cavalgar até lá ao lado de Elisabeth, indigno ele também, mas melhor do que o próprio Joachim. Ele pensou em Helmuth. E como se quisesse pelo menos trazer o cavalo de Helmuth para mais perto deles, pôs-se a trote. Os cascos batiam suavemente no chão do vale e, sempre que atingiam um galho, ouvia-se o agudo estalo de madeira. O couro da sela rangia de maneira agradável e o ar fresco soprava das profundezas escuras da folhagem.

Ele os alcançou na beira de uma longa clareira que se elevava

suavemente. Ali, o frescor da mata era cortado e dava para sentir o odor do mormaço exalando da relva. Elisabeth afugentava com o cabo do fuste as mutucas que se agarraram ao couro do animal, e o cavalo, conhecendo o caminho, demonstrava inquietação, esperando galopar pela clareira. Joachim sentia-se superior a Bertrand; não importava o quão amplos fossem os negócios dele: à escrivadinha, não se adquire a prática necessária para ultrapassar obstáculos. Elisabeth mostrou os obstáculos: uma sebe que costumava saltar, um tronco de árvore caído, uma vala. Não eram difíceis. O cavaliariço estava à beira da clareira; Elisabeth passou à frente e Joachim voltou a ser o último, não só por cortesia, mas também porque queria ver Bertrand saltar. O prado ainda não havia sido segado, e a relva assobiava suave e estridentemente contra as patas dos cavalos. Elisabeth foi a primeira a cavalgar até a vala; era um pouco pequena e não era de se admirar que Bertrand a tenha saltado. Porém, quando Bertrand saltou a sebe também impecavelmente, Joachim ficou irritado de verdade; pois o tronco da árvore era um obstáculo fácil demais, não havia mais expectativa. O cavalo de Joachim, ao tentar alcançar os outros cavalos, tomou-lhe as rédeas, e Joachim teve que se segurar para manter a distância. A essa altura, surgiu o tronco da árvore; Elisabeth e Bertrand saltaram-no com facilidade e quase graça, e Joachim soltou as rédeas para deixar o cavalo correr. Porém, assim que iniciou o salto, deteve-se de maneira repentina, o que era inexplicável, e o cavalo tropeçou no tronco, caiu de lado, rolando sobre a relva. Tudo aconteceu num piscar de olhos, naturalmente, e quando os outros dois se viraram, ele, que não soltara as rédeas, e o cavalo estavam parados pacificamente lado a lado em frente ao tronco da árvore.

— O que aconteceu?

Pois nem ele mesmo sabia; examinou as patas do animal: mancava com a pata dianteira, devia ser levado para casa. Joachim pensou que fosse um sinal de Deus: ele caíra e não Bertrand, e era justo e apropriado que tivesse de ir e lhe deixasse Elisabeth. Quando Elisabeth sugeriu que ele pegasse o cavalo de seu cavaliariço e o enviasse para casa com o cavalo manco, ele, sob a impressão do juízo de Deus, recusou-se, taciturno. Afinal, era o cavalo de Helmuth e o animal não podia ser confiado a qualquer um. Joachim então voltou para casa e decidiu regressar para Berlim o mais rápido possível.

.

Cavalgaram lado a lado pelo caminho da mata. Embora o cavaliariço montado a cavalo os seguisse a uma curta distância, Elisabeth sentiu como se Joachim os tivesse deixado sozinhos, uma sensação que era cheia de apreensão. Talvez notasse os olhos de Bertrand pousados em seu rosto. “A boca dela é estranha”, Bertrand pensou consigo mesmo, “e os olhos dela têm um brilho que eu adoro. Deve ser uma amante

frágil, provocante e de fato problemática. Suas mãos, finas e estreitas, são grandes demais para uma mulher. É um rapaz sexualmente atraente, é isso que ela é. Mas é adorável”. Por apreensão, Elisabeth iniciou uma conversa, embora tivesse dito a mesma coisa um pouco antes:

— O Senhor Von Pasenow nos contou muito sobre você e suas longas viagens.

— É mesmo? Ele me falou bastante sobre sua grande beleza.

Elisabeth não respondeu.

— Não lhe agrada?

— Eu não gosto que as pessoas falem sobre essa suposta beleza.

— Você é muito bonita.

Elisabeth disse um tanto insegura:

— Nunca pensei que você fosse um conquistador.

“Ela é mais esperta do que eu pensava”, pensou Bertrand, e lhe respondeu:

— Eu não permitiria que minha boca pronunciasse essa horrível expressão, mesmo que me quisesse ofender. Mas não pretendo cortejá-la; você sabe muito bem como é bonita.

— Então por que você está me dizendo?

— Porque eu não vou lhe ver de novo.

Elisabeth olhou para ele, surpreendida.

— Claro que você não gosta que as pessoas falem sobre sua beleza, pois você suspeita haver um pretendente por trás de um elogio. Mas se eu for embora e nunca mais ver você, não posso, é claro, cortejá-la e tenho o direito de lhe dizer as coisas mais bonitas.

Elisabeth não conseguiu conter o riso:

— É horrível que só se possa ouvir coisas boas de um completo estranho.

— Pelo menos você só pode acreditar quando são ditas por um completo estranho. Na intimidade encontram-se desde o princípio as sementes da perfídia e da dissimulação.

— Se isso fosse verdade, seria realmente terrível.

— Claro que é verdade, mas isso não o torna terrível. A intimidade é a mais falsa e a mais obscena maneira de cortejar. Em vez de apenas dizer que a desejam porque você é bonita, infiltram-se em sua confiança para se apoderarem, por assim dizer, de você sem que perceba.

Elisabeth pensou por um momento e então disse:

— Não há algo cruel por trás de suas palavras?

— Não, porque eu vou embora... Ao estranho cabe dizer a verdade.

— Tenho medo de todo estranho.

— Porque sucumbe a ele. Você é muito bonita, Elisabeth. Posso chamá-la assim a partir de agora?

Cavalgaram em silêncio lado a lado. Então ela disse de maneira incisiva:

— O que você de fato pretende?

— Nada.

— Então não faz sentido.

— Quero o mesmo que qualquer um que corteje você, dizendo que é bonita, mas eu sou mais sincero.

— Não gosto de ser cortejada.

— Talvez você apenas odeie o jeito insincero.

— Você não é ainda mais insincero que os outros?

— Vou embora.

— O que isso prova?

— Entre outras coisas, apenas minha modéstia.

— ?

— Cortejar uma mulher é oferecer-se a ela como o anelante bípede, e isso é indecente. E ainda é possível, embora não provável, que seja por isso que você odeia qualquer tipo de corte.

— Não sei.

— O amor é algo absoluto, Elisabeth, e quando o absoluto quer se manifestar no terreno, sempre termina em *pathos*, porque não pode ser comprovado. E como tudo o que se torna tão terrivelmente terreno, o *pathos* sempre assume uma forma ridícula, como a do cavaleiro que se ajoelha para que você responda aos seus vários desejos; e se alguém a ama, deve evitá-lo.

Ele queria dizer que a amava? Quando ficou em silêncio, ela o olhou interrogativamente. Ele pareceu compreendê-la:

— Não há outro verdadeiro *pathos* senão o que nomeamos de eternidade. E como não há eternidade positiva para os seres humanos, ela deve se tornar negativa e quer dizer: não se reencontrar nunca mais. Se eu for embora agora, a eternidade estará aqui; então você está longe de mim e posso dizer que a amo.

— Não diga coisas tão sérias.

— Talvez seja uma grande lucidez de sentimento que me obriga a falar com você dessa maneira. Mas talvez também haja um pouco de ódio e ressentimento por lhe obrigar a ouvir tais monólogos, talvez ciúmes porque você ficará aqui e continuará vivendo...

— Com ciúmes, sério?

— Sim, ciúmes e um pouco de orgulho também. Porque é também o desejo de lançar uma pedra no poço da sua alma, para que ela repouse ali sem que pereça.

— Então você também quer invadir minha intimidade.
— Talvez. Mas maior ainda é o desejo de que a pedra se torne para você um talismã.

— Quando?

— Quando aquele de quem já tenho ciúmes se ajoelhar diante de você e lhe oferecer com aquele gesto antiquado a sua proximidade física: então a lembrança de uma, digamos, forma asséptica de amor também poderia lembrá-la de que por trás de todo gesto estético no amor oculta-se uma brutalidade ainda maior.

— Você fala isso para todas as mulheres com quem viaja?

— Todo mundo deveria saber, mas eu costumo ir embora antes que chegue a ocasião.

Elisabeth olhou pensativa para a crina de seu cavalo. E então ela disse:

— Não sei, mas tudo isso me parece estranhamente antinatural e deslocado.

— Se você pensar na reprodução da espécie humana, então não é natural. Mas lhe parece mais natural que um homem ou outro, que more em determinado lugar, que coma e beba em determinado lugar e cuide de seus próprios negócios, encontre-se com você certo dia, por causa de um estúpido acaso, e então, quando se apresentar a oportunidade propícia de lhe dizer que você é bonita, ajoelhe-se diante de você, para que depois, cumpridas certas formalidades, vocês dois possam ter filhos, lhe parece que isso seja natural?

— Cale-se, é terrível... é horrível!

— Sim, é terrível, mas não porque eu o digo, e sim porque é ainda mais terrível que você esteja destinada a viver isso, e não apenas ouvir sobre isso.

Elisabeth conteve as lágrimas; e então conseguiu dizer:

— Mas por que, pelo amor de Deus, eu deveria ouvi-lo...? Por favor, cale-se.

— Do que você tem medo, Elisabeth?

Ela disse em voz baixa:

— Eu já estou com tanto medo.

— De quê?

— Do estranho, do outro, diante do que está por vir... não consigo expressar. Tenho uma vaga esperança de que o que está por vir será tão familiar para mim quanto tudo o que é familiar para mim agora. Meus pais também pertencem um ao outro. Mas você quer tirar essa esperança de mim.

— E você não quer ver isso por medo do perigo. Não devo lhe acordar para que você não deixe que seu destino escape, ou que vire

pó ou se liquefaça ou algo assim, por indiferença, por convenção, por ignorância...? Elisabeth, quero para você algo melhor.

Mais uma vez Elisabeth encontrou as palavras precisas quando disse em voz baixa, relutante e tímida:

— Então por que você não fica?

— Eu só vim até você por acaso, e se eu ficar, seria como se tomasse de assalto os seus sentimentos, justamente aquilo contra o que queria prevenir você; um assalto um pouco mais asséptico, mas mesmo assim um assalto.

— O que devo fazer?

— Isso só pode ser respondido negativamente: nada que não possa ser afirmado até a última fibra de sua experiência de vida. Somente aqueles que se submetem livre e soltamente ao imperativo de seus sentimentos e de sua natureza podem realizar...me perdoe: o *pathos*.

— Ninguém me ajuda.

— Não, você está sozinha, tão sozinha como em sua morte solitária.

— Não é verdade. Não é verdade o que você diz. Eu nunca estive sozinha, e meus pais também não. Você fala assim porque quer ficar sozinho... ou porque gosta de me atormentar...?

— Elisabeth, você é tão bonita, que talvez haja plenitude e perfeição em sua beleza. Como eu seria capaz de atormentá-la?! Mas é tudo verdade, e é muito pior do que isso.

— Não me atormente.

— Em algum lugar dentro de todos nós se esconde a louca esperança de que aquele pouco de erotismo que recebemos possa construir essa ponte. Cuidado com o *pathos* do erotismo.

— Contra o que está me alertando?

— Todo *pathos* finge prometer mistérios e cumprir a promessa com uma mecânica. Eu quero que seja preservada desse tipo de amor.

— Você é pobre demais.

— Porque tenho os meus bolsos vazios!? Cuidado com aqueles que não os têm.

— Não, não é isso, sinto que você é mais digno de pena do que os outros, até mesmo os outros a que se refere...

— Mais uma vez devo prevenir você. Nessas questões, nunca sinta piedade. Um amor por piedade não é melhor do que um amor comprado.

— Ah!

— Sim, você não quer ouvir isso, Elisabeth. Pois, para dizer de outra forma: quem comete um pecado por piedade apresenta depois um impiedosíssimo acerto de contas.

Elisabeth lançou-lhe um olhar quase hostil.

— Não sinto qualquer piedade por você.

— Mas você também não deveria me olhar com raiva, embora talvez fosse mais honesto se o fizesse.

— Por que mais honesto?

Bertrand não disse nada. Depois de certo tempo, falou:

— Escute, Elisabeth, você tem que ser honesta até o fim. Eu não gosto de dizer essas coisas. Mas eu amo você. Falo com toda a seriedade e com toda a sinceridade de que se é capaz nessas questões sentimentais. E eu também sei que você poderia me amar...

— Pelo amor de Deus, cale-se...

— Por quê? Não superestimo de forma alguma esses vagos estados emotivos, nem vou me tornar patético. Mas ninguém pode extinguir essa louca esperança de, um dia, encontrar a ponte mística do amor. É também por isso que devo partir. Só existe um *pathos* verdadeiro, a distância, a dor... se você quer que a ponte seja sustentável, deve atravessá-la, já que não pode colocar peso nela. E quando...

— Fique quieto.

— E quando a necessidade se torna mais forte do que qualquer coisa a que alguém se opõe voluntariamente, quando a tensão do desejo indescritível se torna tão aguda que ameaça cingir o mundo em dois, então há esperança de que os pobres destinos individuais das pessoas surjam da confusão do acaso, de uma melancolia monótona e sentimental, de uma intimidade mecânica e acidental.

E como se falasse consigo mesmo e não mais com Elisabeth, continuou:

— Acredito, e esta é a minha crença mais profunda, que só através de uma terrível superação de si mesma, só quando em certo sentido se torna infinita, é que a estranheza que separa dois seres humanos pode se tornar seu oposto, no reconhecimento absoluto, e deixar que essa coisa floresça a pairar diante do amor como meta inatingível e, ainda assim, eis a sua condição: o mistério da unidade. A habituação gradual de alguém com outro, o aprofundamento gradual da intimidade, não evoca mistério algum.

Elisabeth chorava.

Ele disse em voz baixa:

— Eu quero que você nunca experimente e sofra o amor de qualquer outra forma que não seja esta forma última e inatingível. E se não fosse por mim, eu não sentiria ciúmes. Mas eu sofro e fico com ciúmes e impotente, ao pensar que você sucumbirá por coisas mais inferiores. Você está chorando porque a perfeição é inatingível? Então está certa em chorar. Ah, eu amo você, desejo afundar em sua estranheza, desejo que você seja a mulher definitiva e predestinada...

Então, cavalgaram de novo lado a lado, silenciosamente; os cavalos

saíram da mata e uma trilha levou-os até a estrada de terra que tiveram que pegar para voltar para casa. Vendo a estrada poeirenta, que se estendia branca sob o sol e o céu esbranquiçado, ele parou o cavalo e, para poder dizê-lo ainda à sombra das árvores, falou, novamente muito baixinho e como se se despedisse:

— Eu amo você... eu amo você, isto é incrível.

Mas para ambos parecia impossível que seguissem juntos pela estrada árida e ensolarada, e Elisabeth agradeceu quando ele parou e disse:

— Vou então tentar alcançar nosso cavaleiro que sofreu um acidente... — e mais baixo: — Adeus.

Ela apertou-lhe a mão, ele se inclinou para ela e Elisabeth ouviu de novo:

— Adeus.

Ela não respondeu nada, porém, assim que já se distanciara, gritou:

— Senhor Von Bertrand!

Ele se virou; ela hesitou um pouco e então disse:

— Até mais!

Ela gostaria de ter dito adeus, mas parecia inapropriado e teatral. Ao olhar para trás, depois de algum tempo, ele mal conseguia distinguir qual das duas figuras era Elisabeth e qual era o cavaliário; já estavam longe demais e o sol era ofuscante.

•

O criado Peter estava no terraço da casa senhorial de Lestow e tocou o gongo. Anunciar as refeições com esses tons era costume da baronesa, desde que ela estivera na Inglaterra com o marido. E embora Peter já tocasse o instrumento há vários anos, ainda assim sentia um pouco de vergonha de causar aquele barulho pueril, sobretudo porque os sons penetravam na rua do povoado, o que certa vez lhe rendeu o apelido de batuqueiro. Pois ele tocava o gongo discretamente, fazendo com que apenas alguns tons vagos ecoassem pela quietude do parque, o resto era uma coisa monótona, metálica e nada musical que se extinguia de maneira sutil.

Cavalgando a passo lento pela rua do povoado ao meio-dia, Elisabeth ouviu o criado Peter tocar suavemente o gongo no terraço, avisando-lhe para que trocasse de roupa. Mas não acelerou o passo do cavalo e, se não tivesse pensado tanto, teria percebido que, naquele instante, talvez pela primeira vez na vida, sentia uma espécie de contrariedade por ter que dividir a mesa do almoço, sim, pois o regresso à casa pelo belo e sossegado parque, a entrada entre as duas guaritas, causavam-lhe grande ansiedade. Germinava nela uma inquietante saudade de lugares remotos e, ao mesmo tempo, um pensamento absurdo, duplamente absurdo no calor do meio-dia: de que a vida de Bertrand não vingaria naquele clima inclemente e que, portanto, ele sempre

teria de fugir e despedir-se. Dissiparam-se os clangores do gongo. Elisabeth desmontou no pátio, o cavaleiro segurou o estribo e ela entrou apressada em casa: com a cauda da roupa de montar no braço, subiu os degraus, seguiu o caminho de sempre, mas um pouco como que sonhando. Uma terna coragem apoderara-se dela, uma alegria um tanto triste que a motivava a ir aonde quisesse, a tomar em suas mãos o próprio destino e determiná-lo; contudo, nada disso a levou muito longe, deixando-a presa na reflexão a respeito do que seus pais diriam se aparecesse à mesa vestida para cavalgar. Também Joachim von Pasenow seria alguém que ficaria chocado com tal transgressão. Bello, o cachorrinho, desceu as escadas latindo, entregando-lhe mecanicamente o bastão, mas ela não sorriu por causa do orgulho com que ele o carregava até a *boudoir*, e por mais que Bello tenha colocado o bastão de maneira gentil aos pés dela, olhando-a com devoção, como se ele fosse encontrar plenitude e perfeição em sua beleza, Elisabeth não o acariciou; foi até o espelho, olhou-se por um longo tempo sem se reconhecer, via apenas a estreita e escura silhueta e foi como se o seu reflexo, como se ela mesma se afastasse apressadamente em uma imobilidade, que só se dissolveu lentamente quando a criada entrou para ajudá-la a desabotoar as roupas de montaria, como era de costume todos os dias. No entanto, quando a garota ajoelhou-se na frente dela para tirar as botas de montaria, quando o pé esticado deslizou para fora do tubo laqueado com uma leve sensação de alívio e frescor e, apertado na meia de seda preta, apoiou-se no joelho da garota, fitou-se no espelho para a imagem evadida, evadida, por assim dizer, de alguém que vivera em algum lugar e que talvez um dia se ajoelhasse diante dela. O fuste ainda estava sobre o tapete. Elisabeth tentou imaginar Bertrand na estação, vestido com uma farda comprida e quadrada, uma espada ao seu lado, e que o trem em alta velocidade também poderia arrastá-lo. Havia algo de uma malévola alegria nesse pensamento e, no entanto, um medo angustiante que jamais sentira. Sentou-se com a cabeça inclinada para trás, as mãos nas têmporas, como se nessa posição pudesse se libertar da ordem de alguma pressão desconhecida. “Mas nada aconteceu”, dizia algo dentro dela, e ela não compreendia aquela vaga tensão, que parecia tão estranhamente clara que quase podia ser expressa em palavras: dilacerar o mundo. Sem dúvida, não estava totalmente claro, mas uma linha divisória havia sido traçada, e o que antes constituía uma unidade, este mundo fechado, desmoronou, e os pais ficaram do outro lado da fronteira. Atrás se ocultava o medo, aquele medo do qual seus pais queriam protegê-la, como se disso dependesse a sua vida em comum: irrompera o que era mais temido, de modo estranhamente comovente e inquietante, mas de forma alguma temível. Podia-se tratar um estranho com intimidade; isso era tudo. E isso era tão pouco que

Elisabeth quase ficou triste. Ela se ergueu resolutamente; não, não queria se entregar a uma melancolia monótona e sentimental. Foi até o espelho e penteou o cabelo.

Ao pé da grande escadaria ficava pendurado o gongo de bronze amarelo-fosco em sua moldura de ébano, decorado com planos ornamentos chineses. Uma peça autêntica, comprada pelo barão em Londres. O empregado Peter segurava o martelo com a bola de couro cinza e flexível na mão, olhava para o relógio e esperava. Passaram-se quatorze minutos desde o primeiro sinal e, quando o ponteiro do relógio chegar aos quinze minutos, o empregado Peter dará três pancadas discretas na placa de bronze.

III

No dia seguinte, Bertrand desculpou-se por não poder tomar o café da manhã com a família, depois se encontrou com Joachim e informou-o de que, para seu pesar, fora chamado a negócios e deveria partir na manhã seguinte. A princípio Joachim ficou aliviado:

— Vou viajar com você — disse ele, olhando agradecido para Bertrand, que demonstrava ter desistido de Elisabeth. E para lhe demonstrar que também ele desistira, acrescentou como consolo:

— Não consigo ver o que me mantém aqui.

Joachim foi até o pai para lhe contar a decisão. No entanto, o Senhor Von Pasenow espantou-se e, em sua habitual indiscrição, perguntou desconfiado:

— Como pode? Desde anteontem não recebe nenhuma carta!

E foi então Joachim quem se espantou: sim, como pode? O que pode ter levado Bertrand a desistir? E com a amargura de participar da indiscrição do pai através de tais perguntas, surgiu a visão de uma amistosa vitória: foi por Elisabeth o amar, Joachim von Pasenow, que ela rejeitou Bertrand. É claro que era inacreditável que alguém tivesse a ousadia de pedir uma dama em casamento de maneira tão precipitada, quase num piscar de olhos. Porém, tratando-se de um homem de negócios que pensa ter possibilidade de conquistar uma herdeira rica, tudo era possível. Joachim não chegou a ter maiores reflexões, pois o velho assumira subitamente um aspecto estranho: desabara na cadeira ao lado da escrivaninha, olhava para frente e murmurava:

— Cachorro, cachorro... está quebrando seu juramento.

Depois ele fitou Joachim e gritou:

— Fora daqui, você com seu amigo grã-fino; ... você está tramando com ele!

— Mas, pai!

— Fora daqui, façam suas malas!

Erguera-se de um salto e enxotava o filho a se retirar, conduzindo-o a uma curta distância até a porta. E cada vez que se detinha, estirava a cabeça para frente e sibilava:

— Vão embora!

Quando Joachim estava no corredor, o velho fechou a porta, porém, logo tornou a abri-la e enfiou a cabeça para fora:

— E diga a ele para não se atrever a escrever para mim. Diga a ele que para mim dá na mesma!

A porta fechou-se e Joachim ouviu a chave girar.

Ele encontrou sua mãe no jardim; ela não parecia muito incomodada: — É sempre de poucas palavras, mas nos últimos dias parecia irritado com você. Acho que está ressentido por você não ter deixado o serviço. Ainda assim, é estranho.

Quando chegaram à casa, ela acrescentou:

— Talvez ele também tenha ficado ofendido por logo ter trazido um convidado com você; acho que teria sido melhor se eu tivesse sondado antes.

Joachim acompanhou-a pela escada acima: a porta que dava para o corredor estava trancada e, quando ela bateu, reinou o silêncio. O rapaz não se sentia bem e então os dois foram para o grande salão, pois ainda era possível que o pai tivesse saído do aposento pela outra porta. Através da série de salas vazias, chegaram ao escritório, o qual encontraram aberto; a Senhora Von Pasenow abriu a porta e Joachim viu seu pai sentado à sua mesa, imóvel, com a pena na mão. Nem mesmo se moveu quando a Senhora Von Pasenow aproximou-se e inclinou-se sobre ele. Pressionara a pena com tanta força que o papel rasgou; podia-se ler no papel: “Eu deserdo por desonra...”, e então seguia a mancha de tinta, causada pela pena ao quebrar.

— Pelo amor de Deus, o que aconteceu?

Porém, ele não respondeu. Ela olhou para ele, desamparada; ao perceber que o tinteiro também havia sido derrubado, agarrou rapidamente o mata-borrão e tentou absorver o líquido derramado. O velho a afastou com uma cotovelada, avistou Joachim à porta e sorriu um pouco, tentando continuar escrevendo com a pena quebrada. Quando a pena rompeu-se e outra vez rasgou o papel, ele gemeu, apontou o dedo indicador para o filho e gritou:

— Fora daqui!

Tentou erguer-se. Porém, ao que parecia, não conseguiu, pois logo caiu de novo, e, ao cair sobre a mesa, ignorando a tinta derramada, enterrou a cabeça nos braços como uma criança chorando. Joachim sussurrou para a mãe:

— Vou mandar chamar o médico! — e apressou-se a enviar um mensageiro ao povoado.

O médico veio e fez com que o Senhor Von Pasenow fosse para a cama. Receitou-lhe bromo e falou-lhe de um tratamento à base de água fria; sem dúvida, a morte do filho lhe causara um colapso nervoso. Sim, essa fora a explicação banal do médico. Porém, isso não era uma explicação.

Havia algo mais por trás de tudo aquilo e não podia ter sido uma coincidência: a queda do cavalo de Helmuth fora como uma primeira advertência de que, naquele instante, vislumbrava-se um triunfo sobre

Bertrand, instante em que Elisabeth desprezara Bertrand por ele, e ele decidiu ser infiel a Bertrand e a Ruzena, aparentemente fazendo a vontade de seu pai, instante em que o desastre estava prestes a acontecer. Um cúmplice que trai o próprio cúmplice e é justamente acusado pelo pai de conluio com Bertrand! Toda a trama não deveria se desfazer outra vez, a traição não se dissolveria em contratraição? E Bertrand deveria se reapropriar de Ruzena, demonstrando assim ao pai que não era mais cúmplice do filho, vingando-se por Elisabeth o ter desprezado! E com toda a sórdida e horrível desconfiança com que encarava a viagem de Bertrand a Berlim, Joachim só via a sua própria como algo imprevisível, e isso o atormentava mais do que a preocupação com o pai doente. Ao desemaranhar, segue-se um novo emaranhado. Teria sido essa a vontade do pai, já que ele o pressionara a visitar Lestow? O que acontecera entre o pai e Bertrand permanecia impossível de saber. Talvez tudo fosse esclarecido, se pudesse dizer algo a Bertrand a respeito das alusões confusas do pai, porém, teve que se limitar a lhe contar sobre a doença repentina. Pediu para que explicasse a situação para Ruzena; além disso, em breve, viajaria a Berlim ao fim de poucos dias, para prorrogar a permissão e coisas do tipo.

Bem — disse Bertrand, quando Joachim o acompanhou até a estação —, bem, mas o que aconteceria com Ruzena? Naturalmente, teria de confiar no pleno restabelecimento do Senhor Von Pasenow, porém, se tornaria cada vez mais necessária a presença de Joachim em Stolpin: — Deveríamos — disse ele — arrumar para ela algum tipo de ocupação regular, de que gostasse; algo que a ajudasse um pouco a superar as dificuldades que se aproximam.

Joachim ficou ofendido, afinal era da sua conta; então, disse, hesitante:

— O teatro, onde você próprio a colocou, a deixa feliz.

Bertrand fez um gesto depreciativo com a mão, fazendo com que Joachim o encarasse sem compreender.

— Mas não se preocupe, Von Pasenow, vamos encontrar alguma coisa.

E embora para Joachim essa preocupação acabasse de adquirir forma, sentia-se realmente contente por Bertrand o ter aliviado com um leve gesto.

.

Como o pai estava doente e ainda passava a maior parte do dia na cama, a vida tornara-se estranhamente simplificada; podia-se refletir sobre muitas coisas com mais calma e algumas questões pareciam mais esclarecidas, ou pelo menos parecia possível abordá-las. No entanto, ali residia um problema quase insolúvel e não adiantava

buscar a solução no semblante de Elisabeth; o enigma residia na própria visão. Recostando-se na cadeira, semicerrava os olhos diante da paisagem outonal, e seu rosto lançado para trás, formando quase um ângulo reto contra o pescoço tenso, repousava nele como um telhado irregular. Talvez se pudesse afirmar também que pairava como uma folha no cálice do pescoço, ou que era como uma cobertura plana que lhe cobria o pescoço, pois, na realidade, já não era um semblante, mas apenas uma parte do pescoço, que surgia dele, lembrando vagamente a cabeça de uma serpente. Joachim seguiu a linha do pescoço; o queixo destacava-se como uma colina e atrás dele ficava a paisagem do rosto. As bordas da cratera da boca eram suaves, a cavidade do nariz escura, dividida por uma alva coluna. O vale das sobrancelhas brotava como minúscula barba, e atrás da lacuna na testa, que era cindida por sulcos finos, ficava a orla da mata. Joachim teve que refletir outra vez acerca da questão de por que uma mulher poderia ser desejável, porém, nada lhe indicava uma resposta; a pergunta permanecia insolúvel e confusa. Fechou um pouco as pálpebras e olhou pela fresta a paisagem ampla daquele semblante. Então a face misturou-se com a própria paisagem real: a franja dos cabelos continuando na folhagem amarelada da mata, e as bolas de cristal que adornavam as roseiras no jardim da frente brilharam junto com a pedra que, à sombra das bochechas — ah, seriam ainda bochechas? — brilhavam como um brinco. Era pavoroso e reconfortante ao mesmo tempo e, quando o olhar fundia o que era separado em algo tão estranhamente unificado e indistinguível, alguém podia se sentir estranhamente advertido de algo, transportado para alguma coisa fora do comum, distante, na infância, e a questão não resolvida parecia como algo que surgiu da memória como uma advertência.

Sentavam-se no jardim sombreado da pequena hospedagem; o cavaleiro cuidava dos cavalos na parte de trás do pátio. Em cima deles, podia-se ouvir setembro no farfalhar das folhas. Pois não era mais o tom leve e suave das folhas da primavera e nem mais o som do verão: enquanto as árvores sussurram no verão, como se fossem desprovidas de nuances, nos primeiros dias do outono, misturava-se a esse sussurro uma argêntea agudez metálica, como se um som amplo e uniforme devesse se dissolver em veios. Quando o outono começa, as horas do meio-dia são muito quietas: o sol ainda arde como no verão e, quando uma brisa mais leve e fresca sopra de algum lugar na ramagem, é como uma nesga de primavera no ar. As folhas que caem das copas das árvores sobre a mesa da hospedagem ainda não são amarelas, mas são quebradiças e murchas apesar de seu verdor, e o sol do dia de verão parece duplamente precioso. O barco do pescador jaz na correnteza com a proa voltada contra a corrente; a água desliza

sem ondas, como se fosse empurrada em amplos planos. Esses dias de outono não têm a sonolência de um meio-dia de verão; uma quietude suave e vigilante paira por toda parte.

Elisabeth disse:

— Por que você mora aqui? No Sul, haveria dias assim o ano todo.

Joachim viu o rosto meridional do italiano de cavanhaque negro. No rosto de Elisabeth, porém, não se encontrava mais nem mesmo o de um italiano ou de qualquer outro tipo de irmão, seus traços tornaram-se tão remotamente humanos e pitorescos. Ele tentou recuperar sua forma normal, e quando seu rosto reapareceu de repente, o nariz voltou a ser nariz, a boca voltou a ser boca, o olho voltou a ser olho, a mudança voltou a ser pavorosa, e a única coisa que o acalmou foi que seu cabelo estava alisado e não muito encaracolado.

— Por quê? Você não gosta do inverno?

— Seu amigo está certo; é preciso viajar — foi a resposta.

— Ele então quer ir para a Índia — disse Joachim, pensando no povo cuja pele tem cor de oliva e em Ruzena.

Por que nunca lhe ocorrera ir viajar com Ruzena? Percebeu os olhos de Elisabeth em seu rosto, sentiu-se pego em flagrante e virou a cabeça. Entretanto, se alguém era culpado por aquela urgência de viajar era Bertrand. Sua necessidade de compensar a falta de uma vida ordenada e de aturdir seus arrependimentos por meio de negócios e de viagens exóticas era contagiante, e se Elisabeth ansiasse viajar ao Sul, talvez fosse porque lamentasse — embora tivesse recusado Bertrand — não poder viajar ao lado dele. Ele ouviu a voz de Elisabeth:

— Há quanto tempo nos conhecemos?

Ele fez as contas; era difícil afirmar exatamente: quando tinha doze anos e estava em casa de férias, seus pais às vezes o levavam para Lestow. E naquela época, Elisabeth mal havia nascido.

— Então, na verdade, eu sempre conheci você, toda a minha vida — disse Elisabeth. — Mas talvez nunca o tenha reconhecido; você estava entre os adultos.

Joachim não disse nada.

— Eu acho que você também não me notou — continuou ela. “Ah, sim, claro que sim; naquela época, em que de repente e surpreendentemente ela se tornou mulher”, pensou Joachim. Elisabeth então disse:

— Mas agora temos quase a mesma idade... quando é o seu aniversário? — e sem esperar pela resposta, acrescentou: — Você se lembra de como eu era quando criança?

Joachim teve que refletir; havia um retrato infantil de Elisabeth pendurado na sala de estar da baronesa, antecipando insistentemente memórias vivas.

— É estranho — disse ele —, eu sei muito bem como você era, mas... — queria dizer que não podia encontrar o rosto de criança no rosto dela, embora sem dúvida devesse estar ali, porém quando a olhava, seu rosto deixava outra vez de ser um rosto, sendo apenas colinas e vales cobertos com algo denominado pele. Como para captar seus pensamentos, ela disse:

— Se me esforçar, consigo reconhecer seu rosto de menino apesar do bigode — e começou a rir —, na verdade é engraçado; preciso tentar fazer o mesmo com meu pai.

— Você também consegue me ver como um homem velho?

Elisabeth fitou-o com atenção:

— Estranho, eu não posso fazer isso... espera aí, acho que posso: você vai ficar ainda mais parecido com a sua mãe, vai ter um belo rosto redondo e o bigode vai ser cerrado e branco... e eu como uma velha? Vou transmitir uma impressão muito digna?

Joachim declarou-se incapaz de conceber isso.

— Não seja galante e fale.

— Perdoe-me, mas eu não gosto disso. É estranho de repente parecer com seus pais ou seu irmão ou qualquer outra coisa... Já nada tem sentido.

— É isso que seu amigo Bertrand diz?

— Não, que eu saiba, não: por que você acha?

— Ah, só queria saber o que ele acha.

— Não sei, mas me parece que Bertrand anda tão ocupado com as coisas externas de sua vida atribulada que não presta atenção nisso. Ele nunca é ele próprio.

Elisabeth sorriu:

— Quer dizer que ele vê tudo de uma grande distância? Através dos olhos de um estranho, por assim dizer?

O que ela queria dizer com aquilo? A que se referia? Ele se desprezava por essa curiosidade, sentia-se pouco cavalheiresco, de repente via novamente que era um gesto pouco cavalheiresco deixar uma mulher nas mãos de outra pessoa em vez de protegê-la, protegê-la de todos os outros. Na verdade, ele teria sido forçado a se casar com Elisabeth, afinal.

Elisabeth, por outro lado, não transmitia qualquer impressão de infelicidade, quando disse:

— A conversa está agradável, mas agora precisamos ir comer, meus pais estão nos esperando.

Enquanto cavalgavam para casa e a torre de Lestow assomava à frente deles, Elisabeth pareceu ter refletido a respeito da conversa, pois disse:

— É curioso que não se possam distinguir o íntimo e o estranho. Talvez você esteja certo de não querer saber nada sobre o envelhecimento.

Joachim, preocupado com Ruzena, não compreendeu bem, mas desta vez não pensou naquilo.

.

Se algo poderia contribuir para a recuperação do Senhor Von Pasenow era o correio. Certa manhã, enquanto ainda estava na cama, ocorreu-lhe: “Quem vai levar a correspondência? Talvez Joachim?”. Não, Joachim não se preocuparia com isso. O velho resmungou que Joachim não dava a mínima para nada, mas parecia tranquilo, insistiu que podia se levantar e foi lentamente para o aposento. Quando o carteiro apareceu, começou o ritual usual, passando a ser realizado diariamente. Se a Senhora Von Pasenow estivesse presente, ouviria a reclamação de que ninguém lhe escrevera. O Senhor Von Pasenow sempre perguntava se Joachim estava na fazenda, mas não queria vê-lo. E quando soube que Joachim tinha que ir para Berlim por um tempo, ele disse:

— Diga a ele que eu o proíbo.

Às vezes, esquecia-se e reclamava de que nem mesmo seus próprios filhos lhe escreviam, e então a Senhora Von Pasenow teve a ideia de que Joachim podia escrever uma carta de reconciliação para o pai. Joachim lembrou-se das vontades que ele e o irmão tinham de desenhar em papel ornado de rosas para as festas de aniversário dos pais; aquilo lhe parecia uma nefasta desgraça. O rapaz recusou-se a repetir aquilo e afirmou que estava partindo. Podia-se ocultar essa informação do pai.

Ele partiu sem saudade; se já se revoltara contra a imposição de se casar, agora rebelava-se igualmente pois a estada de três dias em Berlim obrigara-o a três noites de amor com Ruzena. Ele também considerou humilhante para Ruzena. Teria preferido adiar o reencontro e, para que ela ao menos não embarcasse no trem, esquecera-se de lhe avisar a hora da chegada. Durante a viagem, lembrou-se de que tinha que levar um presente para ela; porém, como nem as perdizes nem qualquer outra peça de caça lhe serviria, não haveria escolha a não ser comprá-lo em Berlim de qualquer maneira; ainda bem que Ruzena não pôde vir à estação. Ele se esforçou para conceber um presente adequado, mas sua imaginação estava embotada; não conseguia encontrar nada e hesitou entre perfume e luvas; pouco importava, em Berlim encontraria algo.

Chegando ao apartamento, ele primeiro escreveu um bilhete para Bertrand, informando-o de que sem dúvida ficaria encantado em discutir com ele os estranhos acontecimentos dos últimos dias em

Stolpin. Também escreveu para Ruzena e enviou ambas as cartas por um carteiro, encarregando-o de aguardar uma resposta. Sentia-se bem no apartamento. O verão ainda ponderava, atrás das janelas fechadas. Joachim abriu uma janela, alegrando-se com a rua sossegada; a tarde caía. Esperava-se chuva para a noite, erguia-se a oeste uma parede de nuvens cinzentas. As folhas de videira que cresciam nas cercas do jardim da frente eram vermelhas, as folhas amarelas da castanheira jaziam na calçada, e os cavalos à frente das quatro charretes de aluguel na esquina do outro lado da rua tinham as patas dianteiras arqueadas de maneira triste e pacata. Joachim debruçou-se à janela e viu o ordenança abrir as outras; se ele também tivesse olhado, Joachim teria sorrido para ele e lhe acenado com a cabeça, ao longo da parede da casa. E enquanto o ordenança desfazia as malas, Joachim ficou perto da janela e observou a rua silenciosa e escura. Em seguida, deu um passo para trás; os quartos estavam mais frescos e apenas em alguns lugares ainda se conservava no ar um pouco de verão, preenchendo Joachim de uma agradável melancolia. No entanto, era bom sentir-se vestindo a farda novamente; caminhou entre seus pertences mais próximos e olhou para os objetos e os livros. Sim, queria ler mais neste inverno. Aí então, assustou-se, em três dias deveria abandonar tudo isso de novo. Sentou-se, como se assim pudesse demonstrar que era um residente estável, mandou fechar as janelas e preparar o chá. Demorou um pouco; o ordenança, de que quase se esquecera, voltou: o Senhor Von Bertrand não estava em Berlim, mas era esperado nos próximos dias; e a senhora não dera outra resposta além de dizer que viria imediatamente. Joachim sentiu como se uma pequena esperança tivesse sido frustrada; quase desejou que fosse o contrário e que Bertrand viesse imediatamente. Além disso, devia comprar um presente. Entretanto, depois de alguns minutos, soou a campainha; Ruzena chegara.

Durante as aulas de natação na escola de cadetes, tivera medo de pular do trampolim até que o instrutor de natação empurrara-o para a água; e então sentiu-se bem na água e começou a rir. Ruzena entrou como um furacão e voou ao seu pescoço. Sentia-se bem na água. E sentaram-se de mãos dadas, trocaram beijos e Ruzena continuou contando coisas de que ele desconhecia o contexto. Da inquietação nada restava, e teria sido uma felicidade quase imperturbável, se a raiva pelo presente esquecido não tivesse voltado de maneira súbita e com intensidade renovada. No entanto, como Deus dispunha tudo para o melhor, ou pelo menos para o bem, conduziu Joachim ao armário onde os lenços de renda estavam há meses esquecidos. E enquanto Ruzena preparava o jantar como de costume, Joachim encontrou uma fita azul-claro e um lenço de papel e colocou o embrulho sobre o prato de Ruzena. E antes que percebessem, estavam

na cama.

Até o dia seguinte não lhe ocorreu que devia partir logo. A essa altura, hesitante, contou isso a Ruzena. No entanto, a explosão esperada de infelicidade ou de raiva não veio; Ruzena, em vez disso, simplesmente disse:

— Basta não ir; fique aqui.

Joachim ficou perplexo; ela estava certa, na verdade, por que ele não podia ficar ali? Que fascínio obrigava-o a vagar sem rumo pela fazenda, escondendo-se do pai? Além disso, parecia que era absolutamente necessário esperar por Bertrand em Berlim. Talvez Ruzena o tenha arrastado a cometer algo inadequado, algum tipo de falta de pontualidade civil, mas ela lhe deu um pouco de liberdade. Ele então decidiu dormir sobre o assunto e, como o fez acompanhado de Ruzena, no dia seguinte, escreveu à mãe informando que a situação do serviço o mantinha em Berlim um pouco mais do que esperava; uma carta semelhante, que ele anexou a esta, deveria ser entregue ao pai, caso se considerasse apropriado. Mais tarde, refletiu que tal procedimento não tinha muito sentido, pois o pai teria a correspondência em mãos de qualquer maneira, contudo, já era tarde demais: a carta fora remetida.

.

Apresentara-se para o serviço, na escola de cavalaria. Um sargento e um suboficial, ambos com longos chicotes nas mãos, davam a instrução, e, pelas paredes, faziam avançar a cadeia de cavalos montados por recrutas vestidos com dólmãs de linho grosso. Cheirava a cave, e a areia macia, em que se afundavam os pés, o fez recordar com nostalgiaolicamente de Helmuth e da areia que ele derramara em seu caixão. O sargento estalou o chicote e ordenou um trote. Compassadamente, as figuras vestidas de linho junto à parede começaram a balançar para cima e para baixo. Elisabeth logo teria que ir para Berlim para uma temporada de outono. No entanto, não era verdade: nunca vieram antes de outubro e a casa até então não devia estar pronta. E na realidade ele não esperava por Elisabeth, mas sim por Bertrand; naturalmente, era nisso que ele pensava. Avistou-o cavalgando a trote com Elisabeth balançando para cima e para baixo nos estribos. Era incrível como o rosto de Elisabeth havia se confundido na paisagem e como ele se esforçara para extraí-lo dali. Ele tentou fazer o mesmo com o rosto de Bertrand, tentou imaginar Bertrand cavalgando, subindo e descendo em seus estribos ao longo da parede, mas desistiu; era uma espécie de sacrilégio, e sentia-se contente por não ter visto outra vez o rosto de Helmuth. Então o sargento deu ordem para que fizessem os cavalos avançar, e os trampolins e barreiras brancas foram trazidos para a arena. Ele teve

que pensar em palhaços e de repente compreendeu o que Bertrand já havia dito: a pátria é defendida por um circo. Continuava a ser incompreensível que, daquela vez, ele tivesse caído ao saltar sobre o tronco.

De novo passou de charrete pela fábrica de máquinas Borsig. Os trabalhadores outra vez estavam lá. Na verdade, não queria voltar a ver nada daquilo. Não pertencia àquele mundo e não havia necessidade de se distinguir por meio de um uniforme garrido. Bertrand sem dúvida pertencia àquele mundo, talvez contra a vontade, mas acabaria se adaptando; por outro lado, também não queria saber mais nada a respeito de Bertrand; seria melhor retornar para Stolpin. No entanto, fez com que a charrete parasse em frente à casa de Bertrand e ficou contente de saber que o Senhor Von Bertrand chegaria à noite. Tudo bem, de qualquer maneira, passaria por ali à noite e deixou um bilhete anunciando essa intenção.

Foram ao teatro, em cujo palco encontrava-se Ruzena a fazer pobres gestos de corista. No entreato, Bertrand disse:

— Não é para ela; encontraremos outra coisa.

E Joachim voltou a experimentar uma sensação de segurança. Sentados para o jantar, Bertrand voltou-se para Ruzena:

— Diga-me, Ruzena, você se tornará uma grande e famosa atriz?

Naturalmente que sim; era o que seria!

— Ah, mas e se mudar de ideia e pular fora? Temos batalhado muito para que você se torne grande e famosa, e se de repente você nos deixasse em apuros e nos fizesse de bobos, o que faríamos?

Ruzena ficou pensativa e em seguida disse:

— Ora, resta o Cassino Jäger.

— Não, Ruzena, você nunca deve voltar atrás depois de ter subido mais alto. Deveria ser algo melhor do que teatro.

Ruzena começou a chorar:

— Não me resta mais nada. Joachim, ele é um mau amigo.

Joachim disse:

— Bertrand está brincando, Ruzena.

Mas ele próprio teve uma sensação desconfortável e descobriu que Bertrand ultrapassara os limites da discrição. Bertrand, por sua vez, começou a rir:

— Não precisa chorar; só estamos pensando em fazer Ruzena se tornar famosa e rica. Por isso ela tem que nos suportar.

Joachim ficou pasmo; notava-se como a vida comercial embrutecia o caráter de um homem. Mais tarde, ele disse a Bertrand:

— Por que você a maltrata?

Bertrand respondeu:

— É necessário tomar certas precauções e só se pode operar quando o corpo está saudável. Ainda dá tempo.

Ele falava como um médico.

.

Acontecera em parte aquilo que Joachim receava. A carta caiu nas mãos do pai, que obviamente voltou a ficar furioso, pois a mãe escreveu informando o filho de que ocorrera outro revés ao pai. Joachim ficou surpreso ao perceber como recebeu o fato com indiferença. Não se sentia obrigado a ir para casa, ainda chegaria o tempo. Helmuth pedira-lhe para que ajudasse a mãe, mas pouco se podia fazer para ajudá-la; ela devia suportar o destino que assumira. Ele respondeu que iria logo e que ficaria onde estava, cumprindo seus deveres, sem tomar qualquer medida para mudar o que fosse, e com um medo inexplicável afastou qualquer pensamento que pudesse preocupá-lo. Pois, às vezes, era necessário certo esforço para manter as coisas na sua aparência habitual, e isto podia chegar a ser tão difícil que as pessoas que continuavam manejando as coisas, como se tudo estivesse em ordem, muitas vezes pareciam tacanhas, cegas e quase tolas. A princípio, não se apercebera; porém, ao recobrar a consciência do aspecto de circo do serviço militar, culpou Bertrand. Sim, nem mesmo a farda lhe caía como antes: de repente, incomodavam-no as dragonas sob os braços, incomodavam-no os punhos da camisa, e certa manhã, diante do espelho, perguntou-se por que tinha que colocar o sabre do lado esquerdo. Refugiou-se em pensamentos sobre Ruzena, dizendo a si mesmo que seu amor por ela, o amor dela por ele, era algo que estava além de qualquer convenção ambígua. Quando ele a olhava demoradamente nos olhos e acariciava suas pálpebras com um dedo terno, e ela o aceitava com amor, muitas vezes encontrava-se imerso num jogo agônico, deixando o rosto dela ficar mais obscuro e mais indefinido, até que alcançasse o limiar em que ameaçava perder seu caráter humano, e a face deixava de ter face. Muitas coisas se converteram em uma melodia de que se pensa não ser capaz de se esquecer e de que, no entanto, escapou-se apenas para que se lhe repetisse a angustiada busca. Era um jogo perturbador e desesperado, e ele quisera, com raiva e irritação, que Bertrand também pudesse ser responsabilizado por aquele estranho estado de coisas. Ele não falara sobre seu demônio interior? Ruzena percebera a irritabilidade de Joachim e, devido à desconfiança que ela nutria em relação a Bertrand desde aquela noite, após um longo e enfadonho silêncio, deflagrou de maneira abrupta e desajeitada:

— Você não me ama mais... ou primeiro precisa perguntar ao seu amigo se pode...? Ou Bertrand já lhe proibiu isso?

E embora fossem palavras raivosas e ofensivas, Joachim ficou

contente em ouvi-las, pois eram como uma reconfortante confirmação de sua própria suspeita de que todo o mal tinha a sua origem demoníaca em Bertrand. E até lhe parecia a emanção final de uma maligna, mefistofélica e hipócrita influência, quando Ruzena, apesar da mútua aversão por Bertrand, em vez de se aproximar mais de Joachim, ao deflagrar essas explosões rudes e descontroladas, aproximava-se mais de Bertrand e suas piadas igualmente ofensivas: entre o amigo e a amante, ambos pouco confiáveis, entre esses dois civis, ele se sentia como se estivesse preso e impotentemente esmagado entre as duas mós da falta de jeito. Ele cheirava a má companhia e às vezes não sabia se Bertrand apresentara-o a Ruzena ou se chegara a Bertrand por meio de Ruzena, até que percebeu com um sobressalto que já não era capaz de se apoderar da evanescente e fluida massa da vida, que escoava de maneira cada vez mais rápida em desvarios insanos, e que tudo se tornara incerto. Porém, quando pensou que devia encontrar uma saída para aquele caos na religião, reabriu-se o abismo que o separava dos civis, pois, do outro lado desse abismo, encontravam-se o civil Bertrand, um livre pensador, e a católica Ruzena, ambos para ele inalcançáveis, e quase parecia que exultavam com seu isolamento.

Sentia-se bem pelo culto dominical na igreja. No entanto, mesmo no rito militar, perseguiam-lhe preceitos civis. Pois os semblantes da tropa que, segundo as ordens, marchara em direção à capela em duas colunas paralelas, não diferiam daqueles semblantes que os soldados tinham durante os exercícios e as aulas de equitação; nenhum daqueles semblantes parecia devotado ou contrito. Deviam ser trabalhadores da fábrica de máquinas Borsig; os verdadeiros filhos de fazendeiros não teriam ficado lá tão indiferentes. Com exceção dos suboficiais, que pareciam dedicados a seus deveres, ninguém ouvia o sermão. A tentação de nomear aquilo de circo também estava terrivelmente próxima. Joachim fechou os olhos e tentou rezar como fizera na igreja do vilarejo. Talvez ele também não estivesse rezando, mas quando os soldados entoaram a antífona, sua voz se elevou com a deles, cantando sem que soubesse, pois, com aquela canção que cantara quando criança, surgiu também a lembrança de uma imagem, a lembrança de uma pequena, vívida e sacra imagem, de modo que, uma vez concebida a imagem de maneira cada vez mais clara, lembrou-se também de que tinha sido aquela cozinheira polonesa de cabelos pretos que a cantara: ele ouviu outra vez a sua voz rouca e cantante e viu-lhe o dedo enrugado com a ponta rachada assinalando os matizes, mostrando que ali estava a terra em que as pessoas viviam, e como acima, não muito alto, em uma nuvem de chuva prateada, sentava-se pacificamente a Sagrada Família, retratada em mantos muito coloridos, de modo que o ouro com que se adornavam as vestes

rivalizava com o esplendor das auréolas dos santos. Até então não ousara pensar na bênção que havia sido imaginar a si mesmo como parte daquela Sagrada Família Católica, deitado naquela nuvem prateada nos braços da Virgem Mãe de Deus, ou no colo da polonesa de cabelos negros... isso não podia mais ser determinado com exatidão, mas sabia que o enlevo intercalava-se com o estremecimento perante o arrogante e herético escárnio contra Deus, que comprometia um protestante nato com tal desejo e com tal beatitude imaginada, e que não ousara conceder ao Pai irado um lugar naquela imagem; porém, não O queria ali de modo algum. E enquanto tentava visualizar a imagem com maior atenção e força de vontade, parecia-lhe como se a nuvem prateada subisse um pouco mais alto, como se comesse a desvanecer nas alturas, levando consigo as figuras que repousavam nela, que pareciam se dissolver com facilidade, desaparecendo na melodia do coro, uma suave dissipação, mas que não suponha de forma alguma uma supressão da imagem rememorada, mas sim uma certa iluminação e intensificação dela, de modo que ele, por um momento, até pudesse pensar que se conseguia a necessária dissolução evangélica da sagrada imagem católica: os cabelos da Santíssima Virgem já não pareciam escuros, e ela quase não era mais polonesa, nem Ruzena, mas os cachos ficaram mais claros e dourados, e aquela virgem loira poderia muito bem ser Elisabeth. Tudo aquilo era um pouco estranho e, no entanto, libertador, um raio de luz e um prenúncio da graça vindoura em meio ao caos, pois não foi um ato da graça que permitiu que uma imagem católica se dissolvesse de maneira evangélica? E no fluxo das formas, um fluxo tão suave quanto o gotejamento d'água e a névoa numa tarde chuvosa de primavera, percebeu que a tão temida desintegração do semblante humano no nada de elevações e deprecações em movimento deveria ser a etapa preliminar para uma resplendorosíssima reintegração, não mais mera cópia do semblante terreno, mas a promessa da imagem vívida, uma gota cristalina que cai cantando da nuvem. E mesmo que esse semblante superior não fosse de beleza e confiança terrenas, a princípio devia ser estranho e aterrorizante, talvez até mais aterrorizante do que o desvanecimento de rostos na paisagem, que havia sido a etapa preliminar, um pressentimento do temor divino e, ao mesmo tempo, uma certeza da vida divina, na qual o terreno passa, emergindo no abismo como o rosto de Ruzena ou de Elisabeth, talvez até como a figura de Bertrand. Por isso, a imagem que ressurgia não era bem aquela imagem da infância de outrora, com o pai e a mãe: ainda flutuava no mesmo lugar, flutuava na mesma nuvem prateada, e ele próprio ainda se sentava na mesma posição aos pés da imagem, como uma vez estivera aos pés da mãe, ele mesmo como um menino Jesus, mas a imagem amadurecera, não mais era o desejo da criança,

mas a confiança na meta, e ele sabia que dera o primeiro passo doloroso em direção a essa meta, admitido para a prova, embora estivesse apenas no início da série de provas. Quase experimentou um sentimento de orgulho. No entanto, a imagem beatífica desapareceu, secou-se como a chuva que se extingue devagar, e o fato de Elisabeth fazer parte disso foi como uma última gota do véu de névoa. Talvez aquele fosse um sinal de Deus. Ele abriu os olhos; o coro terminara e pareceu a Joachim que alguns dos jovens, como ele, olhavam para o céu com um sentimento íntimo de confiança e de fervor.

À tarde, ao encontrar-se com Ruzena, disse:

— Bertrand está certo; o teatro não é adequado para você. Você não gostaria de ter uma loja que vendesse coisas bonitas como rendas e bordados bonitos?

E viu uma porta de vidro à sua frente, atrás da qual um candeeiro ardia de maneira familiar. Mas Ruzena olhou para ele em silêncio e, como tantas vezes acontecia, as lágrimas brotaram de seus olhos escuros.

— Vocês são homens cruéis — disse ela, pegando a mão dele.

•

Tendo em vista a recente recaída, o médico solicitara uma consulta, e Joachim viu-se obrigado obviamente a viajar para Stolpin com o neurologista. Ele considerou aquilo como parte da penitência que devia suportar, e essa ideia foi reforçada quando, durante a viagem, o médico lhe fez várias perguntas, com gentil desinteresse, a respeito da natureza da doença, da história e de antecedentes familiares. Pois essas perguntas pareciam a Joachim uma inquisição suave e, no entanto, não menos urgente e arguta, e ele esperava que de repente o inquisidor, com um olhar severo através dos óculos, erguesse contra ele um dedo acusador; já ouvia a palavra acusatória e condenatória: assassino. No entanto, o bom velhinho de óculos não pôde ser persuadido a pronunciar essa terrível e, no entanto, libertadora palavra, mas limitou-se a dizer que as comoções causadas pela morte do filho deviam ter causado esses deploráveis sintomas que afligiam o Senhor Von Pasenow, mesmo que as raízes originárias pudessem ser mais profundas. Joachim começou a olhar para o neurologista com desconfiança e, ao mesmo tempo, com certo alívio, convencido de que um homem que expressava tais opiniões não poderia ajudar o paciente.

Em seguida, a conversa morreu ali e Joachim observou os campos e as árvores familiares passarem. O neurologista adormecera ao compasso da cavalgada, com o queixo entre as abas do colarinho engomado, a barba branca cobrindo a abertura do colete. Era inconcebível para Joachim que ele também pudesse envelhecer tanto,

também inconcebível que tivesse sido jovem e que uma mulher tivesse tentado beijar entre aquela barba; algo ainda devia ser perceptível, preso na barba como uma pena ou um cálamô. Ele enxugou o rosto; era uma impostura para Elisabeth que não restasse nenhum vestígio dos beijos com que Ruzena dera a ele durante a despedida: Deus abençoa o homem ao lhe ocultar o futuro, e amaldiçoa-o ao lhe tornar o passado invisível; não seria então um gesto de misericórdia se estigmatizasse o homem por todos os seus atos? Porém, Deus apenas imprime o estigma nas consciências, o que não pode ser visto nem mesmo por um neurologista. Helmuth recebera seu estigma, portanto, não se podia vê-lo dentro do caixão. No entanto, o pai também estava marcado; qualquer um que andasse como o pai deveria realmente olhar de soslaio.

O Senhor Von Pasenow se levantara da cama, mas encontrava-se num estado de completa apatia; no entanto, esconderam-lhe a presença de Joachim, por receio de novas explosões de raiva. A princípio, recebeu o médico desconhecido com alguma indiferença, contudo, logo em seguida, tomou-o por tabelião e exigiu que seu testamento fosse reescrito. Sim, Joachim, por sua conduta desonrosa, devia ser deserdado, porém, como não era um pai austero, só queria que Joachim lhe desse um neto com Elisabeth. Essa criança devia ser trazida para a casa, tornando-se herdeiro de tudo. Depois de pensar um pouco, acrescentou que Joachim nunca deveria ver a criança; caso contrário, esta criança também seria deserdada. Hesitante, a mãe contou isso a Joachim e, contrariando seu costume, começou a lamentar: onde aquilo ia parar? Joachim encolheu os ombros; sentiu-se envergonhado de novo por ver que alguém ousava falar de que ele devia ter filhos com Elisabeth. O neurologista também encolheu os ombros; não se devia perder toda a esperança, pois o Senhor Von Pasenow ainda tinha um extraordinário vigor; todavia, até aquele instante, isso significaria apenas esperar; o paciente não devia ficar por mais tempo na cama, pois isso podia ser prejudicial, por causa da sua idade avançada. A Senhora Von Pasenow respondeu que o marido sempre pedia para voltar para a cama, que se sentia sempre com frio e que também parecia atormentado por um medo íntimo que só diminuía um pouco no quarto. Sim, o neurologista disse que se devia atentar ao atual estado de espírito do paciente, pois só o que se podia afirmar era que o Senhor Von Pasenow, sob os cuidados de um colega — aqui o médico local agradeceu —, encontrava-se nas melhores mãos.

Já era tarde, o reverendo chegara e serviu-se o jantar. De repente, o Senhor Von Pasenow surgiu à porta:

— Então, há aqui comemorações sem o meu conhecimento; talvez porque o novo dono da casa chegou.

Joachim quis sair da sala.

— Fique aí em seu lugar! — ordenou o Senhor Von Pasenow, que andou de um lado para o outro e sentou-se na cadeira do chefe de família, local mantido vago para ele, embora ele não estivesse presente; ao que parece isso o apaziguara um pouco. Ele exigiu que o servissem:

— A ordem deve ser restabelecida aqui. Senhor tabelião, já lhe serviram? Já lhe perguntaram se prefere beber vinho tinto ou branco? Eu só vejo tinto. Por que não champanhe? Um testamento deve ser feito com champanhe — e começou a rir consigo mesmo.

— E quanto ao champanhe? — gritou para a criada. — Devo ser eu mesmo a trazer?

O neurologista foi o primeiro a recobrar a compostura e, para salvar a situação, disse que aceitaria de bom grado uma taça de champanhe. O Senhor Von Pasenow olhou triunfante ao redor:

— Sim, a ordem deve ser restabelecida aqui. Ninguém tem senso de honra... — e depois, disse com mais calma ao médico: — Helmuth sucumbiu por honra. Mas não me escreve. Talvez ainda esteja ressentido — e então ponderou — ou é esse reverendo que está escondendo as cartas de mim. Ele quer guardar seus próprios segredos, não quer que os leigos olhem atrás das aparências. Mas com a primeira desordem no cemitério, esse homem de Deus vai dar nos calcanhares. Concorro com isso.

— Mas, Senhor Von Pasenow, tudo lá está em perfeita ordem.

— Aparentemente, senhor tabelião, só aparentemente; pura ilusão de ótica. Só que não nos é tão fácil de descobrir porque não entendemos nada da língua usada; estão evidentemente escondidos. O resto de nós apenas ouve quando eles ficam calados, mas continuam reclamando. É por isso que todo mundo está com tanto medo e, quando recebo um convidado, eu mesmo, um velho, devo conduzi-lo à saída — lançou um olhar hostil a Joachim. — Claro, um homem sem honra não tem coragem suficiente; por isso, prefere se esconder no estábulo.

— Ora, Senhor Von Pasenow, o senhor mesmo deve zelar pelos interesses da fazenda, inspecionar os campos, sair de casa.

— Eu bem gostaria, senhor tabelião, e ainda vou fazer. Mas quando se sai pela porta, se costuma barrar o caminho; o ar está tão cheio deles, tão cheio que nenhum som consegue atravessar.

Ele estremeceu e pegou o copo do médico, bebendo-o de um só gole antes que alguém pudesse impedi-lo.

— Você deve vir me ver com mais frequência, senhor tabelião, faremos testamentos. E enquanto isso, você vai me escrever? — implorou. — Ou você vai me decepionar também? — e olhou então para ele com desconfiança. — Talvez vai fazer um conluio com eles

também? ... esse aí já me traiu uma vez antes com alguém que estava lá...

Dera um salto, apontando o dedo para Joachim. Em seguida, pegou um prato e, como se estivesse alçando mira, fechou um dos olhos, logo em seguida, irrompeu num grito:

— Eu mandei que ele se casasse...

Entretanto, o médico pôs-se de pé, colocando-lhe a mão no braço:

— Vamos, Senhor Von Pasenow, ainda precisamos conversar um pouco em seu quarto.

O Senhor Von Pasenow olhou para ele sem compreender; o outro homem não desviou o olhar:

— Venha, vamos conversar em particular.

— A sós? E já nem tenho mais medo...

Ele então sorria com um ar de desamparo, dando um tapinha na bochecha do médico.

— Sim, vamos mostrar que...

Ele fez um gesto de desprezo em direção à mesa e se afastou.

Joachim enterrara o rosto entre as mãos. Sim, o pai estava estigmatizado; por fim, acontecera e, ainda assim, ele se rebelara. O reverendo aproximou-se dele e ouvia de longe as palavras banais de conforto: sim, o pai também parecia ter razão; esse ministro da igreja desempenhava mal seu ofício, senão devia saber que a maldição do pai deve recair inexoravelmente sobre os filhos, devia saber que é a voz do próprio Deus falando pela boca do pai e proferindo a sentença: ah, é por isso que o pai sucumbira à loucura, pois ninguém pode ser impunemente o porta-voz de Deus. E naturalmente, o reverendo só poderia ser um homem vulgar, pois, se fosse de verdade um instrumento de Deus na Terra, também devia falar como um louco. No entanto, Deus mostrou o caminho da graça sem a mediação do reverendo; não se podia rebelar contra isso, era preciso lutar pela graça por si só e no próprio sofrimento. Joachim disse:

— Muito obrigado por suas amáveis palavras, senhor reverendo; precisaremos com frequência do seu consolo.

Em seguida, os médicos chegaram; o Senhor Von Pasenow recebera uma injeção, que fizera com que dormisse.

O neurologista ainda permaneceu na fazenda por mais dois dias. E pouco tempo depois, quando chegou um telegrama muito preocupante enviado por Bertrand de Berlim, o estado de saúde do paciente aparentemente permanecia estável, então Joachim também pôde partir.

.

Bertrand retornara a Berlim. À tarde, quisera visitar Joachim, mas só

encontrou Ruzena no apartamento, que limpava o quarto, e quando Bertrand entrou, ela disse:

— Eu não falo com você.

— Olá, Ruzena, que acolhedor!

— Eu não vou falar com você, já sei o que esperar de você.

— Sou um “mau amigo” de novo, Ruzeninha?

— Não sou sua Ruzeninha!

— Certo, então o que aconteceu?

— O que aconteceu? Sei de tudo. Você o mandou para longe. Foda-se o seu negócio de rendas.

— Certo, eu tenho um negócio importante para o meu proveito, por que não? Mas isso não quer dizer que você não possa mais falar comigo. O que tem a ver isso com meu negócio de rendas?

Sem dizer uma só palavra, Ruzena continuava a guardar as roupas de cama no gaveteiro; Bertrand puxou uma cadeira para se sentar e ficou encantado com o que ainda estava por vir.

— Se fosse meu apartamento, eu lhe botava para fora, não deixaria nem se sentar.

— Olha só, Ruzena, falando sério, o que houve com você? O estado do velho voltou a piorar e Pasenow teve que viajar para lá?

— Não finja que não sabe; não sou tão burra.

— Não acho que seja burra, Ruzeninha.

Ela não se virou e continuou organizando a roupa de cama:

— Não admito que ninguém me faça de boba... Não admito que ninguém me faça de boba...

Bertrand aproximou-se dela, pegou-lhe a fronte entre as mãos para olhar seu rosto. Ela se desvencilhou.

— Não me toque. Primeiro, fez com que ele fosse para longe e depois me faz de boba.

Bertrand compreendeu o que estava acontecendo, exceto a relação com o negócio de rendas:

— Então, Ruzena, você não acha que o velho Senhor Von Pasenow esteja doente?

— Não acredito em nada; todos estão contra mim!

Bertrand começou a ficar um pouco irritado:

— Então o velho também deve morrer logo, porque ele está contra a Ruzeninha.

— Se você o matar, ela vai morrer.

Bertrand gostaria de ajudá-la, mas era difícil; sabia que pouco se podia fazer diante de um estado de espírito desses e então se preparou para ir embora.

— Você é que deveria ser morto — concluiu Ruzena.

Bertrand achou graça:

— Tudo bem — comentou —, não tenho nenhuma objeção, mas será que isso tornaria as coisas melhores?

— Então você não tem objeções, nenhuma objeção? — Ruzena vasculhou numa gaveta com excitação... — Mas me faz de boba, né? — e continuava a procurar —... sem objeções... — até que encontrou o que procurava. Com grande hostilidade, empunhando o revólver do exército de Joachim, ela encarou Bertrand. “Isso não passa de uma bobagem”, pensou Bertrand:

— Ruzena, guarde essa coisa agora!

— Você não tem objeções...

Um pouco de raiva e um pouco de constrangimento impediram Bertrand de simplesmente sair do aposento; ele queria aproximar-se de Ruzena para lhe desarmar, porém, logo ecoou um disparo, seguido de um segundo, e o revólver, largado por Ruzena, caiu no chão.

— Isso de fato é burrice — disse Bertrand, inclinando-se para pegar a arma. O ordenança entrara correndo, no entanto, Bertrand explicou-lhe que o revólver caíra e disparara por si só.

— Diga ao tenente que não se deve guardar as armas carregadas.

O ordenança voltou a sair do aposento.

— Então, Ruzena, você é burra ou não?

Ruzena, pálida e petrificada, apontou para Bertrand e disse:

— Aí! — e o sangue gotejava da manga da camisa de Bertrand. — Prendam-me! — gaguejou ela.

Bertrand tirou o casaco e a camisa; não sentira nada; aquilo não passava de um arranhão em seu braço, mas ele ainda precisava consultar um médico. Gritou então para o ordenança para que mandasse chamar uma caleça. Fez um curativo de emergência com uma tira da roupa de Joachim e disse a Ruzena para que lavasse as manchas de sangue; entretanto, ela estava tão nervosa e confusa que ele mesmo teve que ajudá-la.

— Então, Ruzena, venha comigo, não vou deixar você aqui sozinha. Não vão lhe prender se descobrirem que você é uma garota burra.

Ela o seguiu sem relutar. À porta do consultório médico, pediu-lhe que esperasse na charrete. Explicou ao médico que havia recebido um tiro de raspão no braço por um casual e infeliz acidente.

— Pois você teve sorte! Por outro lado, não considere como algo sem gravidade; é preciso que fique por alguns dias em observação no hospital.

Bertrand achou que era uma precaução exagerada, porém, ao descer a escadaria, sentiu-se mal. E para sua surpresa, não encontrou mais Ruzena no coche. “Nada gentil por parte dela”, pensou. Primeiro ele foi para casa, juntou tudo de que um homem prático e socialmente

consciente necessitaria para um leito de doente e, uma vez instalado no hospital, enviou um bilhete a Ruzena pedindo-lhe que o visitasse. O carteiro voltou com a notícia de que não encontrara a jovem em casa. Isso era estranho e quase desconcertante; contudo, não estava em condições de fazer mais nada naquele dia. Na manhã seguinte, voltou a perguntar por ela: ainda não se encontrava em casa e muito menos fora vista no apartamento de Joachim. Então, decidiu telegrafar a Stolpin e, dois dias depois, Joachim chegou.

.

Bertrand não se sentiu compelido a contar a Joachim a verdade a respeito do acontecido; a história do acidente e a falta de jeito de Ruzena pareciam bastante plausíveis. Ele concluiu:

— E desde então não se ouviu nem falar dela. Pode não significar nada, mas é fácil para uma garota tão fora de si ser capaz de fazer qualquer bobagem!

Joachim pensou: “O que ele fez com ela?”. Porém, depois percebeu com súbito horror que Ruzena costumava ameaçar, às vezes brincando, às vezes seriamente, que se jogaria na água. Viu os chorões cinzentos às margens do Havel, a árvore sob a qual buscaram refúgio naquela ocasião, sim, ela deveria estar ali naquele rio. Por um segundo, sentiu-se fascinado por aquela ideia romântica. No entanto, em seguida, foi dominado novamente pelo horror. Destino inevitável, prova inevitável! Antes de partir, rezara com esperança na igreja para que a doença do pai não significasse a penitência imposta ao filho, mas simplesmente um acaso de vida, e eis que Deus lhe mostrava que aquele simples pensamento era pecaminoso: não se podia duvidar das provas de Deus, não existe acaso; pois, embora Bertrand tivesse se separado do pai em aparente discórdia, reduzindo o incidente com o revólver a um acaso absurdo, ele só queria dissimular que era um emissário do mal, escolhido por Deus e pelo pai, para que preparasse o penitente para a penitência, para tentá-lo e conduzi-lo às pressas à armadilha, para que o tentado, perplexo, admitisse que ele é tão mal quanto o tentador e que estava condenado, desde sempre, a ser aquele funesto instrumento do destino de seu próximo, e que jamais conseguiria arrebatá-lo da presa das garras do tentador. E, para quem já realizara tais coisas, não seria melhor aniquilar-se? O quão melhor não teria sido se a bala o tivesse matado em vez de Helmuth! No entanto, já era tarde demais, pois Ruzena estaria jazendo no fundo do Havel, fitando com olhos vidrentos os peixes que deslizavam sobre ela na água cinzenta. De repente, a imagem dela se confundiu outra vez com a do italiano da ópera; porém, aquilo também esvaeceu, quando Joachim descobriu que o homem na água era ele mesmo. Sim, seus próprios olhos azuis tinham aquele olhar nefasto em que os italianos acreditam, e constituía um simples ato de justiça que os peixes

nadassem sobre aqueles olhos. Bertrand então disse:

— Alguma suposição? Esperemos que ela tenha ido para casa. Tinha dinheiro suficiente, certo?

Joachim ofendeu-se com a pergunta, havia nela algo da indiferença inquisitorial de um médico; o que esse tal Bertrand pensava dele? É claro que Ruzena tinha dinheiro. Bertrand não percebeu a irritação dele:

— Mesmo assim, acho que vamos ter que informar a polícia; não está descartado que a menina esteja vagando por aí.

Naturalmente, era necessário informar a polícia; Bertrand tinha razão; porém, Joachim sentia-se intimidado com tudo aquilo; seria questionado a respeito de suas relações com Ruzena e, embora dissesse a si mesmo que isso não tinha importância, temia, no entanto, as misteriosas e inimagináveis consequências. Talvez Deus quisesse descobrir através da polícia quais eram as suas relações com Ruzena, por muito tempo ocultas pecaminosamente, talvez isso também fizesse parte da série de provas e o implicasse ainda mais o fato de o prédio da polícia estar localizado na Alexanderplatz, onde não estava disposto a entrar. No entanto, pôs-se de pé:

— Vou à delegacia.

— Não, Pasenow, farei isso por você; você ainda está agitado demais e, além disso, esses senhores logo suspeitam de todos os tipos de drama.

Joachim lhe agradeceu com sinceridade:

— Sim, mas seu braço...

— Ah, não importa, vão me liberar logo em seguida.

— Mas eu vou te acompanhar.

— Certo. Espero que pelo menos você ainda esteja sentado na calçada quando eu voltar.

Bertrand recuperara seu otimismo e Joachim sentia-se mais seguro. Na charrete, pediu para que Bertrand não deixasse de informar a polícia para inspecionar as margens do Havel.

— Certo, Pasenow, mas acho que Ruzena está na Boêmia há muito tempo; pena que você não sabe o nome do lugar de nascimento dela, mas vamos descobrir.

Joachim surpreendeu-se por não conhecer a cidade natal de Ruzena; mal lhe sabia o sobrenome. Muitas vezes, ela se divertia fazendo com que ele pronunciasse aquele sobrenome, mas ele mal conseguia pronunciar, sendo incapaz de se lembrar daquelas palavras estrangeiras. Naquele momento, lhe ocorreu que nunca os conhecera realmente e também não quisera guardá-los na memória, como se quase tivesse um pouco de medo daqueles nomes inofensivos.

Ele acompanhou Bertrand pelos corredores do prédio da polícia; teve

que esperar do lado de fora da porta de um escritório. Bertrand logo retornou:

— Já descobrimos — e lhe mostrou o nome do lugar tcheco num pedaço de papel.

— Você falou das margens do Havel?

Sem dúvida de que Bertrand fizera isso:

— Mas você, caro Pasenow, tem uma missão desagradável para cumprir esta noite, algo que infelizmente não posso fazer por você por causa do meu braço.

Vai ter que se vestir à paisana e fazer uma pequena ronda nas casas noturnas. Eu não queria pôr a polícia a par disso; ainda temos tempo; senão a boa Ruzena vai acabar sendo detida no meio de uma pista de dança.

Joachim não havia pensado em uma possibilidade tão vulgar e constrangedora; esse tal de Bertrand não passava de um cínico nojento. Ele olhou para Bertrand: esse sujeito sabia algo mais? Apenas Mefistófeles sabia que Margarida devia oferecer uma expiação. No entanto, Bertrand não deu nenhum sinal. Não havia outra saída senão submeter-se e aceitar as ordens de Bertrand como uma prova.

•

Ele partira em sua jornada humilhante, questionara os garçons e as garçonetes e ficou aliviado quando lhe disseram no Cassino Jäger que Ruzena não havia sido vista. Entretanto, na escada, encontrou-se com uma das artistas gordas:

— Você está procurando sua noiva, querido? Você se mudou? Ah, venha comigo, você logo, logo vai achar outra!

O que aquela mulher sabia sobre o relacionamento dele com Ruzena? Era possível que conhecesse Ruzena, mas ainda assim lhe desagradava interrogá-la, passou por ela e se dirigiu à próxima casa noturna; a atendente do bufê confirmou que ela estivera ali, ontem ou anteontem, isso era tudo o que sabia, mas que talvez a atendente do banheiro pudesse lhe dar alguma informação. Ele teve que prosseguir seu calvário, sempre esmagado pela culpa, interrogando atendentes e balconistas, enquanto ia descobrindo que Ruzena havia sido vista ou não, que se trocara ali, que uma vez saíra com um homem, que tinha um aspecto bastante degradante:

— Todos tentamos convencê-la a ir para casa; uma garota em tal estado desprestigia o lugar, mas ela se sentou, calada.

Algumas dessas pessoas simplesmente se dirigiram a Joachim como senhor tenente, o que o fez suspeitar de que Ruzena confidenciara sobre o amor de ambos para todos, traindo o seu amor com aquela gente, e em particular com as atendentes de banheiro, às quais sempre o remetiam.

E foi por meio delas que ele a encontrou. Sonolenta, sentava-se no canto de uma área de serviço sob um chamejante lampião a gás, a mão com o anel que ele lhe dera repousava caída ali no úmido balcão de mármore da pia. Ela desamarrara os sapatos de salto alto, e a parte aberta do sapato pendia de seu pé, expondo um forro de linho cinza, ficando deformada sobre o pé ao surgir por baixo do vestido. O chapéu caíra um pouco para trás, arrastando com os grampos o penteado. Joachim teria preferido partir dali; ela dava a impressão de estar bêbada. Ele lhe tocou a mão; Ruzena abriu os olhos com dificuldade; quando o reconheceu, fechou-os novamente.

— Ruzena, temos que ir.

Ela balançou a cabeça, com os olhos fechados. Ele ficou na frente dela sem saber o que fazer.

— Por que não lhe dá um beijo carinhoso? — encorajou-o a atendente do vestiário.

— Não! — gritou Ruzena em pânico, tentando erguer-se num pulo para sair porta afora.

Em seguida, tropeçou nos próprios sapatos desamarrados, e Joachim segurou-a para que não caísse.

— Senhorita, você não pode sair na rua com esses sapatos e esse penteado — implorou a atendente —, o tenente não vai machucar você.

— Me solta, me deixa ir! — arqueava Ruzena e, encarando Joachim, murmurou:

— Acabou, você sabe, acabou!

Seu hálito recendia a tresnoitado e fétido. Entretanto, Joachim não a deixou passar; em seguida, Ruzena virou-se, abriu a porta do banheiro e trancou-se lá dentro.

— Acabou! — gritou. — Diga a ele para ir embora, acabou!

Joachim afundara na cadeira ao lado da pia; incapaz de conceber um pensamento, apenas sabia que aquela era também uma das provas enviadas por Deus; e olhou então para a gaveta marrom entreaberta na pia, onde estavam guardados os pertences da atendente do banheiro: toalhas de mão, saca-rolhas, escova de roupas, escondidos numa bagunça enorme.

— Você já está indo? — ouviu-se a voz de Ruzena.

— Ruzena, saia — pediu ele.

— Senhorita, saia — pediu a atendente de vestiário. — Aqui é o banheiro feminino e o tenente não pode ficar aqui.

— Ele vai embora! — foi a resposta de Ruzena.

— Ruzena, por favor, saia — implorou novamente Joachim, mas Ruzena permaneceu em silêncio atrás da porta fechada. A atendente do banheiro puxou-o pela manga para a antessala e sussurrou:

— Ela irá embora quando não lhe ouvir mais, senhor tenente. O senhor tenente pode esperar lá embaixo.

Joachim obedeceu à atendente e esperou durante uma hora à sombra da casa vizinha. Então Ruzena apareceu; ao lado dela caminhava um homem gordo, barbudo e terno. Ela olhou em volta cautelosamente, com um sorriso estranho, rígido e perverso, e depois o homem chamou uma charrete e eles partiram. Joachim teve que combater a vontade de vomitar; arrastou-se até sua casa mal sabendo como chegar lá, e talvez o que mais o atormentasse fosse não conseguir se livrar do pensamento de que aquele homem gordo, na verdade, fosse digno de comiseração, porque Ruzena estava suja e recendia a tresnoitada. O revólver ainda estava na cômoda; examinou-o, restavam duas balas. Premendo a arma entre mãos, começou a rezar:

— Deus, acolhei-me como acolhestes o meu irmão; como fostes misericordioso com ele, sede misericordioso também comigo!

Porém, em seguida, lembrou que ainda tinha que relatar seus últimos desejos; e não podia deixar Ruzena desamparada, senão ela teria motivos em tudo que lhe fizera, por mais incompreensível que fosse. Procurou o tinteiro e o papel. A aurora encontrou-o dormindo sobre uma folha quase em branco.

.

Escondeu de Bertrand o que ocorrera com Ruzena; sentia vergonha dele, não queria lhe conceder o triunfo e, embora odiasse mentir, contou que a encontrara em seu apartamento.

— Ótimo! — disse Bertrand. — Você chamou a polícia? Isso poderia causar-lhe outras adversidades.

Naturalmente que Joachim não pensara nisso e Bertrand enviou um recado à polícia com a referente informação.

— Onde ela esteve durante os três dias?

— Ela não disse.

— Bom!

Essa indiferença e essa objetividade eram irritantes; ele quase dera um tiro em si mesmo e o outro apenas disse: “bom”. No entanto, não se matou porque tinha que cuidar de Ruzena e, para tanto, precisava do conselho de Bertrand:

— Ouça, Bertrand, vou ter que assumir a fazenda; primeiro, pensei em aceitar por Ruzena, que precisa de uma ocupação e de um emprego, uma loja ou algo parecido...

— Aham! — disse Bertrand.

— Mas isso não vai ser possível. Por isso, eu gostaria de lhe dar uma quantia em dinheiro. Como fazer isso?

— Transferindo o dinheiro para ela. Mas seria melhor lhe dar uma

pensão por um determinado período de tempo; caso contrário, ela vai gastar logo todo o dinheiro.

— Sim, mas como é feito?

— Olha, eu faria isso por você de boa vontade, mas é melhor que deixemos o meu advogado tratar disso. Quero marcar uma reunião para amanhã ou depois de amanhã. Mudando de assunto, você está com uma péssima aparência, meu caro.

— Não importa — disse Joachim.

— Mas, o que tanto lhe preocupa? Você deve ter levado isso muito a sério — disse Bertrand, um pouco bonachão.

“Suas indiscrições irônicas e aquela ironia em sua boca são desprezíveis”, pensou Joachim, e de longe lhe surgiu a suspeita de que, por trás do comportamento inexplicável de Ruzena e de sua falta de confiabilidade, encontravam-se, escondidas, as intrigas de Bertrand e alguma sórdida relação que a impelira à insensatez. Era uma pequena satisfação que Ruzena, por assim dizer, estivesse traindo Bertrand com aquele homem gordo. Voltou a sentir aquele asco que o invadira na noite anterior. Em que fossa caíra?

Lá fora, a chuva de outono escorria pelas janelas. Os prédios vizinhos da fábrica de Borsig deviam estar pretos com a fuligem, pretos os paralelepípedos e o pátio da fábrica, que se podia avistar através do portão, um mar de preto e luminoso lamaçal. Aspirou o odor da fumaça que a chuva fazia descer das pontas enegrecidas das longas chaminés vermelhas; tinha um cheiro pútrido, tresnoitado, sulfuroso. Eis a fossa a que o gordo, Ruzena e Bertrand pertenciam; tudo era muito parecido às casas noturnas, com seus lampiões a gás e seus banheiros. Convertera-se o dia em noite, e a noite em dia. Ocorreram-lhe as palavras “albas noturnas”, mas ele não conseguia imaginar muita coisa. Haveria também albas luminosas? Ouviu a expressão “luminosa figura virginal”. Sim, isso era o contrário das albas noturnas. E ele então revia Elisabeth, diferente de todas as outras, flutuando no alto de uma nuvem prateada sobre a fossa. Talvez ele já tivesse pressentido tudo isso quando viu as alvas nuvens da alcova de Elisabeth e quis velar-lhe o sono. Ela então viria logo com sua mãe e se mudaria para a nova casa. Era estranho que houvesse banheiros ali também; parecia-lhe que pensar naquilo não passava de um escárnio contra Deus. No entanto, não significa um escárnio menor contra Deus o fato de Bertrand fazer ali, com cabelos loiros ondulados, numa alva alcova, como uma garota. Assim, as trevas ocultavam sua verdadeira natureza, mantendo seu mistério intacto. Porém, Bertrand continuou, com bondade e preocupação:

— Você parece tão miserável, Pasenow, que deveria pegar férias; uma pequena viagem também lhe faria bem. Poderia espairar as

ideias.

“Ele quer me mandar embora”, pensou Joachim, “já conseguira com Ruzena e agora também quer levar Elisabeth à perdição”.

— Não! — disse. — Agora não posso ir...

Bertrand ficou em silêncio por um momento e, em seguida, como se tivesse percebido as suspeitas de Joachim e se visse forçado a revelar as suas más intenções a respeito de Elisabeth, perguntou:

— As Senhoras Baddensen já chegaram a Berlim?

Bertrand continuou sorrindo com simpatia, com um sorriso quase luminoso, porém Joachim, com rispidez incomum, respondeu de maneira sucinta:

— As senhoras devem prolongar um pouco sua estada em Lestow.

E ele então sabia que tinha que continuar vivendo, que este era seu dever cavalheiresco, para que outro destino não se perdesse por sua culpa e viesse a cair nas garras de Bertrand. Bertrand, porém, limitou-se a dizer em cordial despedida:

— Vou ligar para o meu advogado... E quando o assunto com Ruzena estiver resolvido, saia de férias comigo. Você de fato precisa!

Joachim não disse mais nada; tomou sua decisão e saiu ensimesmado de lúgubres pensamentos. Era sempre Bertrand quem lhe suscitava tais pensamentos. E com um gesto à maneira do regimento, quase como se fosse a ordem com que Joachim von Pasenow tentara se livrar desses pensamentos, de repente pareceu-lhe como se Helmuth estivesse segurando sua mão, como se Helmuth quisesse mostrar-lhe outra vez o caminho, conduzi-lo de volta à convenção e à pontualidade, reabrir-lhe os olhos. O fato de que a ida de Bertrand à delegacia no dia anterior não lhe fizera bem — pois naquela manhã recobrava a sua febre — passou despercebido a Joachim.

•

As informações a respeito do estado de saúde do pai eram invariavelmente ruins. Ele já não reconhecia ninguém; limitava-se a vegetar. Joachim surpreendeu-se com a horrível e, no entanto, agradável ideia de que seguramente se podia remeter qualquer carta para Stolpin; imaginava o carteiro entrando na sala com aquela mala postal e o velho, ao deixar cair carta após carta, sem compreender nada, sem nem mesmo se dar conta de que ali, entre as cartas, havia um convite de noivado; o que consistia numa espécie de alívio e numa vaga esperança para o futuro.

Dava-lhe medo a possibilidade de rever Ruzena, embora, às vezes, ao sair do serviço, lhe fosse incompreensível que não a encontrasse em seu apartamento. É verdade que esperava ter notícias dela todos os dias, pois acertara o assunto da pensão com o advogado de Bertrand e presumia-se que Ruzena já estivesse informada disso. Em vez disso,

recebeu uma carta do advogado, comunicando-lhe que a pensão não fora aceita. Não podia ser. Dirigiu-se para a casa de Ruzena: o edifício, a escada e o apartamento causavam-lhe grande ansiedade, sentia uma saudade quase agonizante. Receava voltar a ficar em frente a uma porta trancada, talvez até mesmo ser enxotado por alguma faxineira; meio relutante em invadir assim o quarto de uma senhora, ele simplesmente perguntou se ela estava em casa, bateu à porta e entrou. Tanto o quarto quanto Ruzena encontravam-se bagunçados e desarrumados, dando a impressão de terem sido barbarizados e esquecidos. Ela se espreguiçou no sofá, fez um gesto de enfado e desprezo, como se soubesse que ele chegara. Com voz lânguida, ela disse:

— Não aceito nada de graça. Vou guardar o anel como lembrança.

Joachim era incapaz de sentir piedade; na escada, pretendia explicar que não entendia bem do que ela o acusava, porém, naquele instante, só sentia-se amargurado; só podia ver naquilo mais obstinação. No entanto, ele disse:

— Ruzena, não sei o que de fato aconteceu...

Ela riu com desprezo, e ele voltou a experimentar um ressentimento diante da obstinação e da desconfiança dela, que o magoavam por serem injustas. Não, não adiantava tentar convencê-la, então limitou-se a lhe dizer que não suportava a ideia do futuro dela ser incerto; que ele já fizera muito por ela, permanecessem juntos ou não, e que, além disso, só era mais fácil para ele porque — acrescentou de propósito — devia assumir a administração da fazenda e, portanto, adquirir dinheiro com maior facilidade.

— Você é um homem bom — disse Ruzena. — Só que tem um mau amigo.

No fim das contas, Joachim acreditava profundamente nisso, porém, sem querer admiti-lo, limitou-se a perguntar:

— Por que Bertrand é um mau amigo?

— Sobram palavras — respondeu Ruzena.

Parecia tentador formar uma frente comum com Ruzena contra Bertrand, contudo, não seria isto também uma tentação do diabo ou uma intriga de Bertrand? Aparentemente Ruzena percebera isso, pois afirmou:

— Você tem que ter cuidado com ele.

Joachim respondeu:

— Eu conheço seus defeitos.

Ela se sentara no canapé com ele, ficando ambos lado a lado.

— Você é um coitado; um bom rapaz; não tem ideia de como as pessoas podem ser más.

Joachim assegurou-lhe que sabia muito bem disso e que não se

deixaria enganar tão facilmente. E assim falaram um pouco de Bertrand sem que lhe fosse pronunciado o nome, e, sem querer parar de falar, continuaram falando até que a insípida tristeza que fluía entre suas palavras aumentava cada vez mais, misturando-se com suas palavras, juntando-se com as lágrimas de Ruzena, formando um fluxo que se tornava cada vez mais lento e caudaloso. Joachim também tinha os olhos imersos em lágrimas. Ambos estavam desamparados à mercê do absurdo da existência, pois perceberam que não podiam mais encontrar mútua ajuda um no outro. Não ousaram encarar-se e, por fim, com a voz melancólica e rouca, Joachim sussurrou:

— Eu lhe imploro, Ruzena, pelo menos aceite a pensão.

Ela não respondeu; só lhe tomou as mãos. Quando se inclinou para beijá-la, ela inclinou a fronte para que seus lábios se detivessem entre os grampos do penteado.

— Vá agora — disse ela. — Depressa!

E em silêncio Joachim deixou o aposento, em que já começava a escurecer.

Informou o advogado para que o documento de pensão fosse novamente redigido; Ruzena devia aceitar desta vez. No entanto, a ternura com que ele e Ruzena haviam se despedido oprimia-o mais do que o impotente ressentimento que sentira perante o incompreensível comportamento dela. E continuava sendo incompreensível e terrível. Seus pensamentos a respeito de Ruzena estavam repletos de uma fastidiosa saudade, cheio daquela contrariada saudade que experimentara pela casa e pela mãe e pelo pai quando era cadete. O gordo ainda estaria com ela? Teve que pensar nas brincadeiras com que o pai brincara com Ruzena, vendo nisto a maldição do pai, o qual, mesmo doente e desamparado, enviara por fim um representante. Sim, Deus executava a maldição do pai, restando-lhe apenas se submeter.

Às vezes, ele fazia uma pequena tentativa de reencontrar Ruzena; porém, quando se encontrava a algumas ruas do apartamento dela, sempre regressava ou desviava para algum lugar, terminando no bairro proletário ou na agitação da Alexanderplatz; uma vez chegou até a estação de trem Küstrin. Mais uma vez, a trama tornou-se inextricável, todos os fios escaparam dela. O único consolo era que pelo menos estava prestes a resolver o assunto da pensão, e Joachim passava muito tempo com o advogado de Bertrand, na verdade mais tempo do que o necessário. Entretanto, as horas que passava ali significavam uma espécie de bálsamo; e mesmo que o advogado não gostasse dessas visitas demoradas e um tanto sem sentido, e mesmo que Joachim não soubesse nada do que esperava descobrir do representante de Bertrand, o advogado não se incomodava em responder às perguntas tímidas e quase privadas do seu distinto cliente, com aquela solicitude profissional que lembrava um pouco a

de um médico e que, no entanto, fazia bem a Joachim. O advogado, um cavalheiro sucinto e imberbe, embora fosse o representante legal de Bertrand, parecia um inglês. Quando recebeu, com um atraso considerável, o documento de anuência de Ruzena, disse o advogado:

— Afinal, conseguimos. Mas, se dependesse de mim, Senhor Von Pasenow, eu recomendaria que desse à senhora titular a opção de sacar o capital em vez de sacar do rendimento correspondente.

— Sim — interveio Joachim. — Mas só falei com o Senhor Von Bertrand da pensão porque...

— Conheço seus motivos, Senhor Von Pasenow, e também sei, perdoe-me a expressão, que não gosta muito de pegar o touro pelos chifres; não obstante, o que proponho é do interesse de ambas as partes: para a senhora, consiste numa boa quantia em dinheiro, que pode lhe dar um sustento melhor do que a pensão; para o senhor, é uma solução definitiva.

Joachim sentiu-se um pouco desnorteado; queria ele uma solução definitiva? O advogado percebeu sua desorientação:

— Se me cabe tratar do lado privado do caso, minha experiência me ensinou que é sempre preferível uma solução que permita que um relacionamento passado seja considerado inexistente — Joachim arregalou os olhos — ... sim, como inexistente, Senhor Von Pasenow. A convenção ainda é provavelmente o melhor guia.

A palavra “inexistente” ficou pairando no ar. Era estranho que Bertrand, pela boca de seu representante, mudasse de opinião e até reconhecesse a convenção de sentimentos. Por que ele havia feito isso? O advogado acrescentou:

— Ora, também leve isso em consideração, Senhor Von Pasenow; além disso, em sua posição, a alienação do capital não possui qualquer relevância.

Sim, na sua posição; o sentimento de lar ressurgiu em Joachim, de maneira calorosa e reconfortante. Desta vez, deixou o escritório do advogado sentindo-se com uma íntima sensação de bem-estar, quase se podia dizer que estava animado e revigorado. Ainda não via com nitidez o caminho a seguir, pois estava confuso pela trama do invisível que parecia ter sido lançada sobre a cidade, de todo o invisível que não se podia apreender e que tornava absurda a fastidiosa e mal resolvida saudade por Ruzena, e preenchia-o de um contentamento angustiado; e, no entanto, unia-o com Ruzena e o mundo citadino de uma maneira tão nova e irreal que a trama de falsa claridade tornou-se uma trama de angústia, cujo enorme emaranhado ao redor ameaçava também Elisabeth, que retornara ao mundo citadino, que não é o dela; Elisabeth também seria apanhada nessa trama, ela, inocente e intacta, apanhada e amarrada no diabólico e

incompreensível, atada por sua culpa, atraída para ele, que era incapaz de libertar-se do invisível cerco do mal: ainda havia a ameaça da união entre a luz e as trevas, embora invisível e distante, embora distendida e indeterminada, no entanto sórdida como aquele comportamento do pai com as criadas da casa da mãe. Apesar de tudo, Joachim sentiu a mudança ao sair do escritório do advogado, pois era como se Bertrand tivesse se desmentido pela boca de seu próprio representante: foi Bertrand, Bertrand, quem o arrastou à trama do invisível e do inabarcável, e nesse instante seu representante devia admitir que a posição de um Von Pasenow era diferente, fora desta cidade e de sua confusão, se quisesse considerar todas aquelas fantasmagorias como inexistentes. Sim, Bertrand lhe dissera isso por meio de seu representante e, desta forma, o mal era finalmente aniquilado, mesmo o mal ainda estava sujeito à vontade de Deus, que pela boca do pai exigira a destruição e inexistência daquilo que o pai amaldiçoara. O Maligno admitira a derrota e, embora não renunciasse expressamente a Elisabeth, ele mesmo havia aconselhado Joaquim a obedecer aos desejos de seu pai. E sem pedir nenhum conselho a Bertrand, Joachim decidiu autorizar ao advogado o pagamento daquela quantia.

E também sem consultar Bertrand, Joachim, quando soube da chegada da família do barão, vestiu seu uniforme de gala, com luvas novas, indo visitar os Baddensens na hora em que esperava encontrar o barão e a baronesa em casa. Os anfitriões logo quiseram mostrar-lhe a nova casa, mas ele primeiramente solicitou ao barão uma conversa em particular e, em seguida, quando ele e o barão se retiraram para conversar, Joachim endireitou-se em uma postura prescrita com um breve movimento regimental, mantendo-se em posição de sentido, como se estivesse diante de um superior, e pediu-lhe a mão de Elisabeth. O barão então disse:

— Muito me agrada, sinto-me muito honrado, meu caro, caríssimo Pasenow! — e chamou a baronesa à sala. A Baronesa disse:

— Ah, eu esperava por isso; mãe vê mais longe! — e enxugou os olhos.

Sim, eles o amavam muito como a um filho querido, talvez não pudessem pensar em outro partido melhor e estavam convencidos de que ele faria todo o possível para fazer a sua filha feliz. Sim, Joachim concordou que assim o faria, em tom viril. O barão apertara-lhe a mão; contudo, nesse instante, o casal devia primeiro falar com a filha; o que era muito compreensível. Joachim respondeu que compreendia, perfeitamente, e, depois disso, mantiveram-se por cerca de quinze minutos em uma conversa um pouco formal, um pouco confidencial, durante a qual Joachim não pôde deixar de mencionar o ferimento de Bertrand; depois, despediu-se de maneira breve e sem ter visto a casa

nova nem Elisabeth, porém, já não importava, pois para isso teria toda a sua vida.

.

Sentia-se espantado por não esperar mais ardor pela confirmação dos votos matrimoniais, pois nada o encorajara a reduzir o prazo de espera e, ao mesmo tempo, estranhava ser incapaz de conceber como seria a sua vida futura: via-se apoiado em uma bengala de ebúrneo cabo alvo, parado em pleno pátio da fazenda, ao lado de Elisabeth, porém, se pensasse nisso, mais de uma vez vinha-lhe à mente a imagem de Bertrand. Não seria nada fácil informar-lhe que se comprometera; em definitivo, era justamente de Bertrand de quem devia proteger Elisabeth e, a rigor, parecia uma espécie de traição, já que, em certo sentido, cedera-lhe Elisabeth anteriormente. E mesmo que Bertrand merecesse, ainda o incomodava machucá-lo. Naturalmente, isso não era motivo para atrasar o matrimônio ou até para fazer concessões; contudo, a essa altura, de repente, parecia-lhe que não se poderia cumprir esse compromisso sem que Bertrand não fosse antecipadamente informado. Naquele momento, sentia-se obrigado a zelar por Bertrand, e Joachim não compreendia como pôde ter se esquecido completamente de Bertrand durante dias, como se ele já estivesse livre de qualquer obrigação. Além disso, Bertrand ainda devia estar convalescendo; Joachim dirigiu-se até a enfermaria. De fato, Bertrand ainda estava internado lá; teve que ser operado; Joachim ficou realmente consternado por ter sido capaz de negligenciar tanto o paciente e, ao se preparar para lhe contar o grande e iminente acontecimento, o fez como uma espécie de pedido de desculpas por tal descuido:

— Mas não posso continuar a incomodá-lo, caro Bertrand, com meus assuntos particulares.

Bertrand sorriu, com um sorriso que esboçava algo de zelo médico ou feminino:

— Vá em frente, Pasenow, não é tão ruim assim; fico feliz em ouvir isso.

E Joachim relatou-lhe o noivado com Elisabeth.

— Não sei se ela aceitará; porém, tão grande quanto meu desejo é o temor de ser rejeitado, pois aí então me sentiria irremediavelmente enrolado em toda a terrível confusão dos últimos meses, que você mesmo testemunhou em grande parte, enquanto ao lado dela espero reencontrar o caminho da liberdade.

Bertrand voltou a sorrir:

— É um belo discurso, Pasenow, mas não é algo que me faria casar com você; não tenha medo; tenho certeza de que, em breve, você vai receber os cumprimentos.

Que cinismo repulsivo; esse homem é de fato um mau amigo; aliás, nem amigo é; ainda que se tenha que admitir os atenuantes do ciúme e decepção. Joachim não quis se ater às palavras cínicas e, limitando-se a continuar em sua linha de pensamento, perguntou:

— O que devo fazer se ela disser não?

E Bertrand respondeu o que queria ouvir:

— Ela não vai dizer não — disse com tanta determinação e certeza que Joachim voltou a sentir aquela segurança que tantas vezes sentira fluindo de Bertrand. Parecia quase injusto a Joachim que Elisabeth se contentasse com ele, o inseguro, e desistisse do guia confiante e incondicional. E como para confirmar a si mesmo, algo dentro de si disse: “Camaradas de uniforme real”.

E de repente vislumbrou Bertrand vestido de major. Porém, onde ele conseguiu tal confiança? Como podia saber que Elisabeth não diria não? Por que sorria tão ironicamente? O que aquele homem sabia? E então Joachim se arrependeu de ter confiado nele.

Bertrand sem dúvida teria motivos de sobra para sorrir com ironia, ou melhor dizendo, para sorrir como quem tem conhecimento de causa; contudo, seu sorriso era simplesmente de benevolência.

Elisabeth visitara-o exatamente no dia anterior. Ela foi até o hospital e perguntou por ele na sala de recepção. Apesar das dores, Bertrand recebera alta de imediato. Era uma visita estranha e sem dúvida não correspondia ao habitual; porém, Elisabeth não se preocupou em amenizar a transgressão das regras sociais; com evidente entusiasmo, disse sem rodeios:

— Joachim me pediu em casamento.

— Se você o ama, não há problema.

— Eu não o amo.

— Então também não há problema, porque então você vai recusar seu pedido.

— Então você não quer me ajudar?

— Receio, Elisabeth, que ninguém possa fazer isso.

— Achei que você pudesse.

— Eu não queria ver você de novo.

— Você não é meu amigo?

— Eu não sei, Elisabeth.

— Joachim me ama.

— É uma pena que o amor necessite de certa prudência, quase mesmo de sabedoria. Então permita que eu ponha um pouco em dúvida esse amor. Já lhe havia avisado antes, não?

— Você é um mau amigo.

— Não, mas há momentos em que se tem que ser absolutamente

honesto.

— É possível ser estúpido demais para amar?

— É o que acabo de dizer.

— Talvez eu seja burra demais para isso...

— Escute, Elisabeth, não devemos nos preocupar com tais elucubrações; não são razões com que se pode decidir a vida.

— Talvez eu o ame... houve um tempo em que não me desagradava a ideia desse casamento.

Elisabeth sentara-se na ampla cadeira que fora colocada naquela pequena sala de visitas e olhava para o chão.

— Por que você veio aqui, Elisabeth? Não é porque precisa de um conselho que ninguém mais lhe pudesse dar.

— Você não quer me ajudar.

— Você veio porque não pode suportar que ninguém escape de você.

— Para mim, isso é muito sério... não banalize ... sério demais para você outra vez aproveitar a oportunidade para falar coisas abomináveis de mim. Queria encontrar algum tipo de proteção em você...

— Mas preciso lhe dizer a verdade. É por isso que eu tenho que lhe dizer. Você veio porque acha que estou, por assim dizer, em algum lugar fora do seu mundo, porque pensa que neste lugar poderia haver uma terceira autoridade para além da alternativa da banalidade: eu o amo, eu não o amo.

— Talvez seja assim mesmo; eu nem sei mais.

— E veio porque sabe que amo você, e lhe disse isso com toda clareza, e porque quer me mostrar até onde a minha maneira um tanto absurda de amor pode me levar — e deu um olhar de soslaio. — Talvez para comprovar a rapidez com que o estranho pode se tornar conhecido...

— Não é verdade!

— Vamos ser sinceros, Elisabeth, esta é uma questão para você e para mim, que consiste em saber se você se casaria comigo. Ou melhor dizendo, se você me ama.

— Senhor Von Bertrand, como se atreve a tirar proveito da situação?

— Ah, você não devia ter dito isso, porque você sabe muito bem que não é assim. Você se deparou com uma decisão de vida, portanto não deve se perder no convencionalismo. É claro que a única coisa que importa é se uma mulher quer o homem como amante e não se ambos querem estabelecer um lar juntos. Se tenho algo de que não posso perdoar nesse tal de Joachim é ele não ter falado francamente com você desse ponto essencial, mas sim que a tenha humilhado ao cortejar seus pais. Tenha cuidado, porque mais tarde logo ele se ajoelhará.

— Você quer me maltratar de novo. Eu não devia ter vindo aqui.

— Não, não devia ter vindo, porque eu não queria mais ver você, mas tinha que vir porque você me...

Ela tapou os ouvidos.

— Ou melhor dizendo, você pensa, por alto, que poderia me amar.

— Não me maltrate; já não sofri o suficiente?

Ela estava recostada na cadeira, com as mãos nas têmporas, a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados; era essa mesma postura que costumava adotar em Lestow, e esse deslize para o habitual o fez sorrir, quase com ternura. Deteve-se atrás dela. Doía-lhe o braço na tipoia, deixando-o um pouco desconfortável. No entanto, conseguiu se inclinar e tocar seus lábios nos lábios dela. E ela protestou:

— Isso é loucura!

— Não, é apenas uma despedida.

Com uma voz não menos pálida que seu rosto, Elisabeth disse:

— Você não devia, você não...

— Quem pode lhe beijar, Elisabeth?

— Você não me ama...

Bertrand andou de um lado para o outro pela sala. Seu braço doía e sentia-se febril. Ela tinha razão: aquilo não passava de uma loucura. De repente, ele virou-se e aproximou-se, deteve-se bem na frente dela, e disse com sua voz involuntariamente ameaçadora:

— Eu não amo você?

Ela permanecia imóvel, com os braços ao lado do corpo, permitindo que ele lhe inclinasse a cabeça para trás. E até mesmo que lhe repetisse na cara de maneira ameaçadora:

— Eu não amo você?

E ela teve a sensação de que ele ia morder sua boca, mas o gesto se tornou um beijo. E de maneira incompreensível a rigidez da boca de Elisabeth converteu-se em um sorriso, desfazendo a imobilidade das mãos, que antes pendiam e que, nesse momento, erguiam-se com facilidade para agarrar-se com força aos ombros de Bertrand e não mais os soltar. Então ele disse:

— Tenha cuidado, Elisabeth, aí está o meu ferimento.

Horrorizada, ela deixou escapar:

— Perdão.

No entanto, em seguida, perdeu as forças: desabou na cadeira. Ele se sentou no apoio de braço, retirou-lhe os grampos do chapéu e acariciou-lhe os cabelos loiros.

— Como é linda e o quanto eu amo você.

Ela não disse nada; deixou que lhe segurasse a mão; sentiu o calor febril da mão dele; sentiu o calor de seu rosto quando ele se

aproximou dela novamente. Quando ele repetiu com voz rouca “eu amo você”, ela balançou a cabeça, mas deu-lhe os lábios. Então ela finalmente pôde chorar.

Bertrand sentava-se no espaldar da cadeira e afagava-lhe delicadamente os cabelos; e, em seguida, disse:

— Quero muito você!

Ela respondeu baixinho:

— Não é verdade.

— Quero muito você!

Ela não respondeu, apenas fitou o nada. Ele não a tocou mais; levantou-se e voltou a dizer:

— Quero você de maneira inexprimível!

Ela então sorriu:

— E mesmo assim vai embora?

— Sim.

Ela ergueu os olhos para ele, incrédula e interrogativa. Ele então repetiu:

— Não, não nos veremos mais.

Ela continuava sem compreender. Bertrand sorria:

— Você é capaz de imaginar que eu pudesse pedir a sua mão ao seu pai? Que eu negasse tudo o que eu havia dito? Seria uma comédia mesquinha; um truque canhestro.

Elisabeth começava a entrever algo, mas não conseguia compreender.

— Mas por quê? Por quê?

— Não posso lhe pedir para que seja a minha amante, para que venha comigo... é claro que eu poderia, e você iria, afinal... talvez, por romantismo... talvez porque você de fato goste de mim... eu tenho... claro... ah, você... — e então se beijaram — ... mas afinal não posso colocar você em uma situação ruim, mesmo que seja mais valiosa para você do que... digamos sem rodeios, o casamento com esse tal de Joachim.

Ela olhou para ele com espanto.

— Como ainda pode pensar que vou me casar com ele?

— Claro — e, para se livrar daquela tensão insuportável, olhou para o relógio —, faz vinte minutos que nós dois não pensamos nisso. Ou o pensamento deveria ter sido insuportável vinte minutos atrás, ou é suportável agora.

— Não deveria brincar com isso — e ansiosa —, ou está falando sério?

— Eu não sei... ninguém sabe disso sobre si mesmo.

— Você é evasivo ou gosta de me maltratar? É um cínico.

Bertrand respondeu com tom sério:

— Quer que eu minta para você?

— Pode estar mentindo para si mesmo... talvez porque você... Não sei por quê... mas algo não é real... não, você não me ama.

— Sou egoísta.

— Você não me ama.

— Eu amo você.

Ela o contemplou com seriedade:

— Como então devo me casar com Joachim?

— Apesar de tudo, não consigo dizer que não.

Elisabeth tirou as mãos das dele e ficou em silêncio por um longo tempo. Depois, levantou-se, procurou o chapéu, preso nos grampos:

— Adeus, vou me casar... talvez seja cinismo, mas isso não deveria surpreendê-lo... talvez nós dois estejamos cometendo o crime mais grave contra nós mesmos... adeus.

— Adeus, Elisabeth, não se esqueça desse momento; é minha única vingança contra Joachim... nunca poderei esquecer você.

Ela passou a mão pela bochecha dele.

— Você está com febre — disse, e saiu rapidamente da sala.

Bertrand pagou por esse acontecimento com um forte acesso de febre. No entanto, parecia-lhe correto e bom; distanciava o ontem do hoje. E permitia que ele olhasse para Joachim, que ora se sentava diante dele ali, na mesma sala — seria a mesma? — com a benevolência de sempre. Não, teria sido grotesco. Desse modo, ele disse:

— Não se preocupe, Pasenow, você já está desembarcando no porto do casamento. E boa sorte com isso.

Joachim não pôde deixar de refletir que se tratava de um homem pouco cavalheiresco e cínico e, ainda assim, sentia-se agradecido e tranquilizado. Talvez fosse a lembrança do pai, ou simplesmente a visão de Bertrand, mas a ideia de casamento misturava-se estranhamente com a imagem de uma enfermaria silenciosa por onde corriam freiras de branco. Elisabeth era delicada e devota, branca em sua nuvem prateada, e ele se lembrou de uma pintura da Virgem, uma Assunção, que lhe ocorreu ter visto em Dresden. Ele tirou o boné do gancho. Joachim sentia-se compelido a esse casamento por Bertrand e concebeu então a estranha ideia de que Bertrand pretendia rebaixá-lo à vida civil, despojando-lhe do uniforme e do lugar no regimento, para ser promovido a major em seu lugar; e, quando Bertrand apertou-lhe a mão na despedida, Joachim não percebeu como ela estava quente pela febre. Entretanto, agradeceu a Bertrand pelas palavras gentis e se afastou, rígido e ereto, em sua longa farda. Bertrand ainda podia ouvir o tilintar suave das esporas na escada e teve que pensar que Joachim passava pela frente da sala de recepção.

Seu pedido fora aceito. No entanto, o barão escreveu que Elisabeth ainda não queria celebrar de maneira oficial um noivado. Ficara um pouco acanhada antes da etapa definitiva; mas Joachim era esperado para o jantar na noite seguinte.

Mesmo que não pudesse ser considerado como um noivado autêntico, mesmo que nem Elisabeth nem os futuros sogros se dirigissem a Joachim de maneira mais íntima, sim, mesmo que o tom da conversa à mesa fosse quase formal, reinava um inconfundível clima festivo no ambiente, em especial quando o barão tilintava na borda da taça, manifestando com muitas palavras bonitas a ideia de que uma família era um todo orgânico, que não admitia facilmente um novo membro em seu círculo; contudo, quando se admite um novo membro, segundo a providência de Deus, então ele deveria ser recebido de todo o coração, e o amor que unia a família também o deveria abranger. A baronesa tinha os olhos imersos em lágrimas e segurava a mão do marido, enquanto este falava do amor, e Joachim teve a sensação de que ele ficaria bem ali “no seio da família”, dizia consigo, e vinha-lhe à mente a Sagrada Família. Sim, Bertrand talvez tivesse sorrido e se pusesse a tirar sarro do discurso do barão, mas quão reais era esse tipo de gozação! A ininteligível verve com que Bertrand animava a conversa à mesa — há quanto tempo isso acontecera! — era sem dúvida mais ofensiva do que o sentimento profundo que inspiravam as palavras do barão. Logo todos bateram as taças num sonoro brinde e o barão exclamou:

— Ao futuro!

Após o jantar, os jovens foram deixados a sós para que pudessem conversar. Sentaram-se à sala de música, renovada recentemente com móveis em seda negra sobre os quais foram costuradas capas de renda feitas pela baronesa e Elisabeth, e, enquanto Joachim ainda tentava encontrar as palavras certas, ouviu que Elisabeth dizia, em tom quase festivo:

— Então você quer se casar comigo, Joachim? Pensou bem?

“Que grosseria!”, pensou. “Ela fala como Bertrand”. No entanto, o que devia fazer? Deveria se ajoelhar e pedir-lhe a mão? Sorria-lhe a sorte, pois o banquinho em que se sentara era tão baixo que, quando se virou para Elisabeth, seus joelhos quase tocavam o chão, de modo que sua postura, caso se quisesse, bem podia ter sido interpretada como se estivesse ajoelhado. Permaneceu nessa posição um tanto forçada e perguntou:

— Devo ter esperança?

Elisabeth não lhe respondeu; ele ergueu os olhos para ela; a garota lançara a cabeça para trás, tendo as pálpebras semicerradas. Ao olhar

para o rosto dela, parecia-lhe desagradável descobrir que um fragmento da paisagem pudesse se transmutar numa casa. Ai! Essa era a lembrança que tanto receava, era o meio-dia sob as árvores outonais, era a imagem desvanecida, para a qual quase desejara que o consentimento do barão se demorasse ainda mais. Pois, mais medonho do que perceber o irmão no rosto da mulher era a paisagem que o encobria, paisagem que se apoderava e absorvia o rosto desumanizado, de tal maneira que nem mesmo Helmuth podia se apoderar daquilo que se dissipava e desvanecia. Ela disse:

— Havia falado sobre a proposta de casamento com seu amigo Bertrand?

Joachim pôde negar sem faltar com a verdade.

— Ele ao menos já sabe?

Joachim respondeu de maneira assertiva, explicando que lhe mencionara a proposta.

— E o que disse?

Ele respondeu que apenas lhe desejara boa sorte.

— Você sente muita afeição por ele, Joachim?

Joachim sentia-se confortado pela voz e pelas palavras dela; elas faziam com que ele se desse conta de que se sentava perante um ser humano e não uma paisagem. Ainda assim, eram inquietantes. O que ela pretendia ao falar de Bertrand? Aonde queria chegar? Era de alguma forma inapropriado falar de Bertrand naquele momento, por mais que fosse um alívio ter encontrado um assunto para conversar. E como não podia deixar passar essa oportunidade e, além disso, como se sentia na obrigação de ser completamente sincero com sua futura esposa, disse hesitante:

— Não sei; na verdade, sempre tenho a sensação de que ele é a parte ativa da nossa amizade, mas muitas vezes sou eu quem o procura. Não sei se isso pode ser chamado de afeição.

— Ele deixa você inquieto?

— Sim, essa é a palavra exata... Ele sempre me inquieta.

— Ele é um homem inquieto e, por isso, também deve ser inquietante — disse Elisabeth.

Joachim concordou, sentiu o olhar de Elisabeth sobre ele e voltou a se admirar de que aquelas estrelas convexas e translúcidas, à direita e à esquerda de um nariz, pudessem emitir algo parecido como um olhar. O que é um olhar? Pressionou os olhos e então era Ruzena que estava ali, eram os olhos de Ruzena que tocara, embevecido, através das pálpebras. Não podia se imaginar alguma vez acariciando as pálpebras de Elisabeth; talvez fosse verdade, como se aprendia nas escolas, que havia um frio que podia causar queimaduras;² “o frio do universo”, vinha-lhe à mente; “o frio das estrelas”. Ali, Elisabeth

flutuava sobre uma nuvem prateada, intangível era o seu rosto flutuante e desvanecido, e pareceu-lhe uma brutal transgressão quando o pai e a mãe a beijaram depois da refeição. No entanto, de que esfera provinha aquele homem de quem Elisabeth quase se tornara escrava e vítima? Se Deus enviara o tentador a ela e a ele, comprovava-se parte das provas impostas para livrar Elisabeth de tal aflição terrena! O trono de Deus assenta-se no frio absoluto e Suas ordens são implacáveis, encaixando-se umas nas outras como as engrenagens das rodas dentadas das máquinas de Borsig, de modo que tudo aquilo era tão coercitivo que Joachim quase se sentiu tranquilizado por perceber que havia um único caminho para a salvação, o caminho reto do dever, embora ele mesmo pudesse se consumir ao segui-lo.

— Ele está de viagem para a Índia — disse Joachim.

— Sim, Índia — respondeu ela.

— Duvidei por muito tempo — disse ele —, porque só posso lhe oferecer uma vida simples no campo.

— Não somos como ele — respondeu ela.

Joachim ficou comovido por ela ter dito “nós”.

— Talvez esteja desarraigado e anseie por retornar.

Elisabeth então disse:

— Cada um responde por si.

— Mas não ficamos com a melhor parte? — perguntou Joachim.

— Não sabemos — disse Elisabeth.

— Sim, sim — disse Joachim indignado —, porque ele vive para os negócios e deve ser frio e insensível. Apenas pense em seus pais, nas palavras de seu pai. Contudo, Bertrand chama isso de convenção; falta-lhe a verdadeira intimidade, o verdadeiro cristianismo.

Calou-se: ah, não expressara o que de fato queria dizer, pois o que esperava de Deus e de Elisabeth não era sinônimo daquilo que lhe ensinaram como o significado dos lares cristãos; porém, precisamente por esperar mais de Elisabeth, queria elevar as suas palavras até a esfera celeste, em que Elisabeth se lhe revelaria como a mais delicada, prateada e flutuante Senhora. Talvez ela tivesse que morrer primeiro para que pudesse falar com ele dessa maneira, pois do modo como se sentara parecia a Branca de Neve em um caixão de cristal, e era tal a suprema ternura e a maravilhosa vitalidade celestial de seu rosto que ele só encontrava semelhança naquele que ele conhecera em vida, antes de se misturar de forma tão terrível e inexorável com a paisagem. O desejo de que Elisabeth morresse e de que sua voz lhe comunicasse de maneira angelical a mensagem de outro mundo tornou-se muito forte, e a tensão extraordinária que ele gerava, ou da qual ele próprio havia surgido, adquiriu tanta força que Elisabeth

também deve ter sido tomada por aquela onda de frio aterrador, quando disse:

— Ele não precisa da calorosa proteção da vida em comum, como nós.

No entanto, decepcionou Joachim com aquelas palavras seculares, embora a necessidade de proteção que ressoava delas o tenha comovido, despertando-lhe a imagem de Maria em sua peregrinação pela terra antes de sua assunção ao céu; contudo, ele sabia que suas forças mal eram suficientes para lhe garantir tal proteção, e, com dupla decepção, desejou duplamente em seu íntimo uma morte terna e pacífica para ambos. E como antes da morte, exposta ao sopro do Eterno, a máscara cai do rosto, Joachim disse:

— Ele sempre teria sido um estranho para você.

E aquilo parecia a ambos uma grande e importante verdade, embora mal soubessem que falavam de Bertrand. Como fulvas falenas, com manchas negras nas serrilhadas e douradas asas, o círculo chamejante de gás ardia na coroa do lampião que pendia sobre a seda negra do catafalco em que Joachim estava sentado, com o torso rígido, virado de lado e com os joelhos dobrados, e as rendas brancas na seda negra pareciam uma imagem de caveira. As palavras de Elisabeth deslizaram pela impassibilidade do gelo:

— Ele é mais solitário do que os outros.

E Joachim respondeu:

— Seu demônio interior o arrasta.

Porém, Elisabeth balançou a cabeça quase imperceptivelmente:

— Ele espera que isso se torne realidade... — e então acrescentou, como se de uma memória enregelada: — Realização e reconhecimento na solidão e na estranheza.

Joachim ficou em silêncio; em seguida, a contragosto, captou a linha de pensamento que flutuava, gélida e incompreensível, entre eles:

— Ele é um estranho... que afasta a todos nós, porque Deus quer que estejamos sós.

— Sim, é isso que ele quer — disse Elisabeth.

E era impossível saber se ela se referia a Deus ou a Bertrand; porém, pouco importava, pois a solidão que pairava sobre ela e sobre Joachim se instalara, fazendo o quarto, apesar de sua nobreza acolhedora, congelar em uma imobilidade cada vez mais angustiante; imóveis, a ambos parecia como se o recinto que os cercava tivesse se expandido, as paredes tivessem retrocedido e o ar tivesse ficado mais rarefeito e cada vez mais sutil e frio, tão sutil que suas vozes mal podiam ser ouvidas. E embora tudo permanecesse enregelado, o mobiliário, o piano, em cuja negra superfície laqueada ainda refletia o círculo das chamas do lampião a gás, tudo não parecia mais no local

onde estivera, mas sim num lugar extremamente remoto, e até os dragões dourados e as mariposas do negro biombo chinês do canto pareciam como se estivessem diluídos, sendo absorvidos do mesmo modo pelas paredes recuadas, envoltas em tecido negro. As luzes zumbiam com um suave sibilo venenoso e, além de sua mínima e mecânica vida, que surgia de maneira escarnecedora pelas rendas indecentemente abertas, não restava vida alguma.

“Ele então morrerá em breve”, pensou Joachim, e foi quase uma confirmação quando ouviu a voz dela no vazio:

— Sua morte será solitária.

Parecia uma sentença de morte e um juramento, um juramento que ele mesmo declarou:

— Ele está doente, e é possível que aconteça em breve; talvez agora mesmo.

— Sim! — disse Elisabeth do além, e foi como uma gota congelando ao cair. — Sim, agora mesmo.

E na enregelada indecisão daqueles segundos em que a morte esteve com eles, Joachim não sabia se a morte rondava os dois, Bertrand ou o seu pai; não sabia se a mãe estaria ali sentada, velando-lhe a morte, da maneira precisa e pacata com que vigiava a ordenha no estábulo ou a convalescença do pai, e, naquele instante, avistou com clareza que o pai sentia frio e ansiava pelo sombrio calor do estábulo.

Não seria melhor então morrer com Elisabeth, para deixar que ela o conduzisse até a claridade diáfana que pairava acima das trevas? Ele disse:

— Uma terrível escuridão cairá sobre ele, e ninguém virá ajudá-lo.

Entretanto, Elisabeth disse com aspereza:

— Ninguém deve vir! — e com a mesma dureza cinzenta e indefinida, ela continuou falando no vazio, acrescentando no mesmo fôlego que ainda não era um fôlego:

— Eu serei tua esposa, Joachim.

E ela própria não sabia se dissera aquilo, pois Joachim permanecia sentado, imóvel e inalterado, com o torso inclinado, sem lhe responder. Não aconteceu nada e, embora não durasse mais do que o instante em que um olho se torna opaco e enregelado, a tensão estava tão repleta de incerteza e nulidade que Elisabeth repetiu:

— Sim, eu serei tua esposa.

Entretanto, Joachim não lhe quis dar ouvidos, pois a voz dela o obrigava a trilhar novamente um caminho sem retorno. Com grande esforço, tentou se virar para ela; mal conseguiu, pois apenas o joelho meio dobrado tocava de fato o chão; inclinou a fronte, coberta de frio suor, e seus lábios, secos e gelados como pergaminhos, roçaram-lhe a mão, tão fria que ele não ousou tocar seus dedos, mesmo quando o

recinto voltou a encolher devagar e os móveis retornaram aos seus lugares habituais.

Assim permaneceram até que ouvissem a voz do barão na sala ao lado.

— Temos que entrar — disse Elisabeth. E, em seguida, entraram na sala bem iluminada e então Elisabeth disse:

— Estamos noivos.

— Minha filha! — exclamou a baronesa e, com os olhos banhados em lágrimas, abraçou Elisabeth. Porém, o barão, cujos olhos não estavam menos úmidos, gritou:

— Vamos nos alegrar e dar graças a Deus por este dia tão feliz!

E Joachim quis bem ao sogro por aquelas afetuosas palavras, sentindo-se sob a sua proteção.

.

Da apática modorra a que sucumbira pela exaustão, sob o barulho das rodas da charrete, a caminho do retorno para casa, surgiu-lhe, com mais clareza, o pensamento de que o pai e Bertrand haviam morrido naquele dia, e quase ficou surpreso por não encontrar na residência nenhuma notícia de morte, o que corresponderia a um retorno da pontualidade à sua vida. Em qualquer caso, não se devia esconder um noivado nem mesmo de um amigo falecido. E aquele pensamento continuou a assombrá-lo, de modo que, na manhã seguinte, adquiriu o nível de certeza, se não uma certeza da morte, pelo menos uma certeza da inexistência: o pai e Bertrand haviam partido desta vida e, mesmo que ele fosse em parte culpado por aquelas mortes, permaneceu absorto em uma taciturna indiferença e nem sequer teve que decidir se era Elisabeth ou Ruzena a mulher que roubara de Bertrand. Confiaram-lhe a tarefa de seguir Bertrand, de vigiá-lo, terminara o caminho ao longo do qual deveria segui-lo, o mistério estava extinto; só faltava despedir-se do amigo morto.

— Uma boa e uma má notícia — disse a si mesmo.

Disponha de tempo; mandou parar a charrete para pedir um buquê para a noiva e para a baronesa, encaminhando-se devagar ao hospital. No entanto, quando entrou no hospital, ninguém lhe falou nada a respeito da desgraça; como se nada houvesse acontecido, conduziram-no, do mesmo modo, ao quarto de Bertrand; soube pela enfermeira, que encontrara no corredor, que a noite fora ruim, mas que Bertrand sentia-se melhor. Joachim repetiu de maneira mecânica:

— Sente-se melhor... sim, que agradável, que agradável.

Era como se Bertrand voltasse a enganá-lo e a defraudá-lo, algo que se tornou uma convicção, ao ser recebido por ele com estas efusivas palavras:

— Acho que hoje você pode receber as felicitações!

“Como sabe disso?”, interrogou-se Joachim e, apesar de sua irritação, sentia-se quase orgulhoso, pois, em sua nova condição de noivo, sua desconfiança ficava, de certa forma, justificada: sim, sentia-se feliz por lhe contar do noivado. Bertrand parecia de bom humor.

— Você sabe que sinto muita estima por você, Pasenow — disse, e aquilo pareceu a Joachim como uma impertinência — e, por isso, eu desejo de todo o coração, a você e a sua noiva, muitas felicidades.

Mais uma vez, suas palavras soaram gentis e sinceras e, ainda assim, como uma gozação: aquele que sempre sabia tudo de antemão, aquele que quis e fez, mesmo que fosse apenas como instrumento de uma vontade superior, escapava ao ver a obra consumada, com uma alegre e cordial felicitação. Joachim sentia-se exausto; sentou-se à mesa no meio do aposento, olhou para Bertrand, que jazia na cama, loiro e quase como uma menina, dizendo de maneira grave:

— Espero que tudo acabe bem.

E Bertrand, cuja desprendida segurança em si costumava cativar Joachim de uma maneira que provocava tanto quietude quanto inquietude, disse:

— Tenha certeza, caro Pasenow, que tudo vai dar certo... pelo menos para você.

Joachim repetiu:

— Sim, vai dar certo... — Mas depois, parecendo perplexo: — Por que só para mim?

Bertrand sorriu e descartou a pergunta com um gesto levemente desdenhoso:

— Ah, nós... nós somos uma geração perdida... — E, no entanto, sem dar mais qualquer explicação, limitou-se a acrescentar abruptamente: — E quando será o casamento?

De modo que Joachim, esquecendo-se da questão anterior, logo respondeu que ainda restava tempo; que antes de tudo teria que levar em conta a doença do pai. Bertrand observava Joachim, sentado, endireitando-se corretamente à mesa à frente dele.

— Não é preciso voltar logo depois do casamento para a fazenda — disse Bertrand.

Joachim teve um sobressalto: tudo acontecera em vão! Bertrand sempre falara a respeito da necessidade de assumir a administração da fazenda, causara a infelicidade de Ruzena, e, naquele instante, dizia que Joachim não necessitava voltar à fazenda, como se quisesse privar-lhe da alegria da propriedade e, além disso, roubá-lo do lar paterno! Com quais ardis Bertrand o arrastara a tudo aquilo, ignorando a responsabilidade e até desprezando o triunfo de tê-lo arrastado para a vida civil, até mesmo nisso! Consistia em fazer o mal pelo mal, e Joachim olhou para ele com espanto e indignação. No

entanto, Bertrand apenas notou seu olhar inquisitivo:

— Pois bem — disse ele —, há pouco você disse que estava a conseguir sua condecoração a capitão da cavalaria; suponho que queira permanecer no cargo até ser promovido. Capitão da reserva soa muito melhor que tenente da reserva — “e agora ele se envergonha de ser subtenente”, pensou Joachim, endireitando-se com um breve movimento regimentar. — E no decorrer desses poucos meses, será possível ver como progride a doença do seu pai.

Joachim gostaria de dizer que lhe parecia estranho que houvesse oficiais casados e que sentia saudades de seu torrão, no entanto, não podia dizer isso, limitando-se a afirmar que a solução sugerida por Bertrand também iria satisfazer a um íntimo desejo de seus futuros sogros, que gostariam de ver Elisabeth vivendo na nova casa em Westend.

— Quer dizer, meu caro Pasenow, que tudo vai de bom a melhor? — interpelou Bertrand, e essas palavras voltaram a transparecer uma despropositada e abominável arrogância. — Além disso, é certo que você pode apressar a condecoração, se informar seu superior de que pretende deixar o serviço ativo depois de receber a patente.

Ele estava certo também nisso, mas era irritante que Bertrand ousasse se intrometer em assuntos militares. Absorto, Joachim tomou a bengala que Bertrand deixara em cima da mesa, examinou o cabo e passou o dedo pela resistente ponta de borracha em sua extremidade: uma bengala de convalescença. O fato de que aquele homem o empurasse para um casamento encheu-o de uma nova desconfiança. O que se escondia por trás das palavras dele? Ao anoitecer do dia anterior, ele e Elisabeth explicaram aos pais que não queriam apressar o casamento, enumerando todos os impeditivos e, naquele instante, esse tal de Bertrand simplesmente queria afastar esses impeditivos com um único sopro.

— Por outro lado, não poderemos apressar o casamento — disse Joachim, de maneira obstinada.

— Pois bem — disse Bertrand —, só lamento ter que lhe enviar um telegrama de felicitações de muito longe, da Índia ou qualquer outro país. Porque, assim que eu estiver de pé, penso em viajar para o exterior... Esse assunto me afetou um pouco. — Que assunto? O pequeno ferimento no braço? Era verdade que Bertrand parecia estar sofrendo; convalescentes sempre andam com bengalas, no entanto, o que aconteceu antes disso? O que Bertrand sabia a respeito daquela noite anterior? Bertrand realmente não podia viajar até que tudo aquilo fosse esclarecido, e Joachim refletiu se Helmuth, que enfrentara abertamente seu adversário, seria de fato muito mais honrado do que ele mesmo: naquele caso, não se trataria também de explicação ou morte? Entretanto, ele queria as duas coisas e, ao mesmo tempo, não

queria nenhuma delas. O pai tinha razão: Joachim era desprovido de honra, tanto como esse tal de Bertrand, um amigo que mal se podia chamar de amigo. E, no entanto, era quase uma satisfação, já que devia consistir em uma das intenções do pai que Bertrand não fosse convidado para o casamento. Apesar disso, Joachim ouviu calmamente Bertrand:

— Mais uma coisa, Pasenow: tenho a impressão de que a fazenda, sem que sua mãe cuide dela e sem funcionar automaticamente, está no mínimo em condição de grande abandono. Enquanto doente, seu pai pode ainda causar prejuízos consideráveis. Perdoe-me se me sinto forçado a lhe chamar a atenção para a possibilidade de interdição. E procure um administrador competente; de qualquer modo, vale a pena pagá-lo. Acho que você deveria conversar a respeito disso com seu sogro; ele também é agricultor.

Sim, parecia falar o mais vulgar *agent provocateur*, no entanto, Joachim teve de lhe agradecer o conselho, cuja boa intenção reconhecia, de modo que até manifestou a esperança de que o voltasse a ver outras vezes antes da recuperação.

— Eu gostaria muito — disse Bertrand. — E transmita os meus mais humildes cumprimentos à sua noiva — em seguida, acomodou-se no travesseiro, exausto.

Dois dias depois, Joachim recebeu uma carta na qual Bertrand informava que seu estado melhorara de maneira considerável e que estava sendo transferido para um hospital em Hamburgo para ficar mais perto da sede de seus negócios. Entretanto, assegurava-lhe de que voltariam a se encontrar antes mesmo que viajasse para o Leste. Tendo em vista a presunçosa naturalidade com que Bertrand previa o próximo encontro, Joachim resolveu evitá-lo a todo custo. Contudo, sofreu por ter que renunciar à sua segurança, influência de contatos e experiência de vida.

.

Atrás da Leipziger Platz fica uma loja que pouco difere exteriormente das vizinhas; o que chama a atenção nela é o fato de que não se vê em suas vitrines qualquer produto exposto, mas painéis de vidro opaco gravados com motivos pompeianos e renascentistas, impedindo que se olhe para dentro. No entanto, a loja compartilha dessa peculiaridade com muitos bancos e agências, e mesmo os anúncios afixados nos painéis, embora tolham de maneira lamentável os ornamentos, não têm nada de mirabolante. Nestes anúncios aparece a palavra “ÍNDIA”, e uma olhada à placa empresarial sobre a porta mostra que se encontra na loja o “PANORAMA IMPERIAL”.

Ao entrar, a pessoa se encontra primeiramente numa sala iluminada, cálida e aconchegante, na qual uma senhora idosa de aspecto

simpático faz uma espécie de serviço de caixa atrás de uma mesa, vendendo ingressos para visitar o estabelecimento. A maioria dos visitantes, no entanto, usa essa caixa apenas para carimbar suas subscrições e trocar algumas palavras amistosas com a senhora idosa. Quando o velho empregado, que surge tacitamente do cortinado preto que fecha o fundo do aposento, pede um pouco de paciência com um pequeno gesto de desculpa, então o visitante, com um suspiro suave, senta-se numa das cadeiras de vime, e continua a conversar. Também observa com receio a porta de vidro que dá para a rua, de modo que, caso apareça algum novo visitante, olha-o com zelosa e envergonhada hostilidade. Logo ouve-se o surdo arrastar de cadeiras por trás das cortinas, e aparece um homem com os olhos semicerrados, cegados pela luz, retirando-se com um breve cumprimento à senhora idosa, apressado e cabisbaixo, sem olhar para nenhum dos que esperam, como se também estivesse com vergonha. O próximo da fila, contudo, põe-se de pé rapidamente para que ninguém tome o seu lugar, e interrompe de súbito a conversa, desaparecendo atrás das cortinas protetoras. É raro que os visitantes conversem entre si, embora muitos deles devam se conhecer de vista há anos, e apenas alguns velhos desavergonhados animam-se a conversar, não só com a senhora idosa, mas também com as outras pessoas que estão à espera, para elogiar as atuações; no entanto, em geral não recebem mais do que respostas monossilábicas.

No interior, porém, reina a escuridão, e pode-se pensar que se trata de uma velha e opressiva escuridão que se acumulou ali ao longo de muitos anos. O empregado segura gentilmente a sua mão, conduzindo-o com cuidado até um assento redondo e sem braços que o espera. Encarando-o, há dois olhos brilhantes que olham para você de maneira um tanto lúgubre a partir de uma tela preta, e, sob esses olhos, há uma boca, cujos traços retilíneos são amenizados pela pálida luz que a ilumina. Neste instante, gradualmente, você percebe que está perante uma estrutura poligonal semelhante a um templo, que inclui a tela à qual você foi conduzido e diante da qual está o seu assento; também vê que à sua esquerda e à sua direita jaz sentado um devoto, que mantém os olhos fixos na tela, e neste momento você faz o mesmo o mesmo, depois de ter lançado uma olhada ao quadrado e transparente vitral e de ter constatado que ele tem a inscrição: “EDIFÍCIO DO GOVERNO DE CALCUTÁ”. No entanto, ao fitar aqueles olhos, o prédio governamental desaparece, com o som de uma delicada campainha e com um tilintar metálico, e você ainda pode vê-lo passar, deslizando devagar; porém, surge outra paisagem deslizando atrás, de modo que você quase se sente enganado, mas então ressoa uma nova campainha, e a paisagem sofre uma pequena sacudida, como se quisesse adaptar-se melhor para que você a possa contemplar,

e congela. Veem-se palmeiras e um caminho bem cuidado; ao fundo, à penumbra, eis um homem de terno claro sentado em um banco; uma fonte lança no ar um forte jorro em forma de látego, mas isso não o satisfaz até que veja o vitral iluminado que diz: “PANORAMA DO PARQUE REAL DE CALCUTÁ”. Segue-se mais uma campainha, um deslizar de palmeiras, bancos, prédios, mastros, uma sacudida, outra campainha, e, sob o irradiar do sol: “PANORAMA DO PORTO DE BOMBAY”. O homem que se sentara no banco do parque real encontra-se então em primeiro plano, vestindo um capacete de piloto, sobre as pedras do molhe. Amparando-se numa bengala, não se move porque os fita, enregelado pelas enxárcias das naus, por suas chaminés e gruas, fascinado pelos montes de fardos de algodão no molhe, sem que se pudesse vislumbrar seu rosto obnubilado. Porém, talvez saia ao espaço mágico que, colorido suavemente sobre o fundo marrom, forma uma caixa abstrata, uma viagem, entre você e a imagem, e então poderá se mover no chão de madeira com maravilhosa liberdade, e reconhecerá que se trata de Bertrand, que lhe recordará, de maneira suave e, no entanto, terrível, de que já não poderá tirá-lo de sua vida, por mais distante que ele esteja. Contudo, talvez não passe do fruto da sua imaginação, pois Deus lhe envia outra vez o sinal da campainha, e ele, sem o cumprimentar, rígido e impassível, sem dar um passo sequer, avança e foge. Você fita seu vizinho a esquerda, para notar se aparecerá ali, mas se pode ler no quadrado luminoso: “EDIFÍCIO DO GOVERNO DE CALCUTÁ”, e, em seguida, quase surge a esperança de que Bertrand aparecera ali só para você, só para cumprimentá-lo. No entanto, não resta mais tempo para refletir a respeito disso, pois, quando volta a olhar rapidamente suas duas lentes oculares, espera-o uma graciosa surpresa: a “MÃE INDÍGENA DO CEILÃO” não está apenas iluminada pelo ameno e áureo resplendor do sol, mas também está representada em suas cores naturais; ela sorri com dentes brancos entre lábios rubros e talvez espere o branco Sahib com que viera do Ocidente por desprezar os europeus. Os “TEMPLOS ERIGIDOS EM DELHI” também fulguram com as cores do Oriente no fundo da caixa marrom: ali, os não cristãos podem aprender que até mesmo as raças inferiores sabem como servir a Deus. Porém, não disse ele mesmo que caberia ao mouro restaurar o reino de Cristo? Assustado, você vê o enxame de figuras de cor marrom e não se importa em escutar o sinal com que são apartadas para dar lugar à “EXPEDIÇÃO DE CAÇA AOS ELEFANTES”. Ali, encontram-se os robustos quadrúpedes e um deles mantém a perna dianteira um pouco dobrada. O lugar está repleto de branca e fina areia e se, cegado, desviar o olhar por alguns momentos, descobrirá, na parte superior da pantalha, um pequeno botão, que você pode pressionar de maneira lúdica. Logo, para o seu deleite, a imagem transforma-se em uma suave paisagem

lunar, de modo que fica ao seu agrado deixar que partam os caçadores de dia ou de noite. Nesse instante em que os raios de sol não mais o ferem, aproveita para observar os semblantes dos caçadores e, se seus olhos não o enganam, é mesmo Bertrand quem se senta na cesta atrás do obscuro condutor do elefante, com o rifle pronto para disparar à destra e prenunciando a morte. Você troca a luz e, neste momento, aquele homem que lhe sorri volta a ser um completo desconhecido, e o condutor do elefante coloca a lança atrás da orelha do animal, para indicar-lhe que cumpra a saída mostrada. Distanciam-se, entrando na brenha; no entanto, você nada ouve do tropel do rebanho, nem o mugido da boiada, pois, com um suave tilintar de campainha e um pequeno tinido mecânico, paisagem após paisagem, ele avança e passa de maneira estranha e repentina, e quando o passante parece ser aquele homem pelo qual eternamente você procura, o homem pelo qual eternamente anseia, ele desvanece enquanto você ainda tenta tomar-lhe a mão; então ressoa o sinal e, antes que perceba, você descobre que o vizinho à sua direita, a quem já olhara com receio, porta a inscrição “PALÁCIO DO GOVERNO EM CALCUTÁ”, e sabe que muito em breve chegará a sua hora. Logo, você lança uma rápida olhada para se certificar de que se sucedem de fato as palmeiras no jardim real, e, enquanto isso ocorre, de maneira rigorosa, você puxa sua cadeira para trás, o empregado aproxima-se correndo e você parte, piscando um pouco os olhos, com a gola erguida, um pobre capturado desfrutando um prazer que desconhece; com um breve cumprimento, entra na sala onde os demais esperam e a senhora idosa despacha as subscrições.

Joachim e Elisabeth estiveram naquele estabelecimento, quando ela, acompanhada pela dama de companhia, fazia compras na cidade para a casa e o enxoval. Pois, embora soubessem que Bertrand ainda estava em Hamburgo e nunca mais falassem dele, a palavra “Índia” tinha um som mágico para eles.

.

Foi um casamento tranquilo em Lestow. O estado de saúde do pai permaneceu estacionário; vegetava, já não reconhecia o que o circundava e era preciso aceitar que podia prosseguir assim por anos. A baronesa afirmava que tanto para ela quanto para o marido era preferível uma simples e íntima festa a uma celebração suntuosa, mas Joachim já sabia da importância que os sogros atribuíam às comemorações familiares e sentia-se responsável caso o pai lhe tolhesse o esplendor. Ele próprio talvez desejasse um ambiente amplo e luxuoso para enfatizar o caráter social desse enlace amoroso. Por outro lado, parecia mais apropriado para o aspecto sério e cristão de tal união que ele e Elisabeth se aproximassem do altar sem qualquer laicidade. Por isso, decidiu-se não realizar o casamento em Berlim,

embora se apresentassem várias adversidades externas em Lestow, que não eram fáceis de superar, em especial por falta do conselho de Bertrand. Joachim recusou-se a levar a noiva para sua casa na noite de núpcias; passar a noite na mesma casa que o enfermo enchia-o de desgosto, contudo, parecia ainda mais impossível que Elisabeth fosse repousar diante dos olhares de seus criados de confiança; então, sugeriu que Elisabeth passasse a noite em Lestow e ele iria buscá-la no dia seguinte; curiosamente, tal proposta encontrou resistência por parte da baronesa, que julgou tal solução inapropriada:

— E mesmo no caso de que concordássemos, o que pensariam os criados, que não têm instrução?

Por fim, decidiu-se planejar a cerimônia mais cedo para que o jovem casal ainda pudesse pegar o trem do meio-dia.

— Assim, vão diretamente ao aconchego da casa em Berlim — disse a baronesa.

No entanto, Joachim também não concordava com nada disso. Não, isso estaria longe demais da realidade, porque queriam partir pela manhã cedo e deviam pegar logo o trem noturno para Munique. Sim, as viagens noturnas eram quase a solução mais simples para o problema matrimonial, uma proteção contra o medo de que alguém pudesse sorrir com cumplicidade quando deveria ir dormir com Elisabeth. Entretanto, naquele instante, duvidava que podia de fato viajar imediatamente para Munique; seria de se esperar que Elisabeth fizesse uma viagem noturna depois dos esforços do dia? E como passaria o dia em Munique antecipando aquilo que estava por vir? Compreendeu-se que também não se podia discutir essas coisas com Bertrand; era preciso resolver isso consigo mesmo; no entanto, algumas coisas seriam muito mais fáceis se Bertrand estivesse presente. Refletiu a respeito do que Bertrand teria feito em tal caso, chegando à conclusão de que não havia nada de mal reservar um quarto no Hotel Royal em Berlim; se Elisabeth assim o desejasse, ainda se podia viajar. E sentia-se de fato orgulhoso de ter encontrado por conta própria essa solução inteligente.

Já era pleno inverno, e as carruagens fechadas usadas para ir à igreja avançavam pouco a pouco sobre a neve. Joachim seguia com a mãe, que se sentava de maneira serena na carruagem, e Joachim ficou irritado quando ela repetiu:

— Seu pai teria ficado tão alegre! Que desgraça!

Sim, era só o que faltava; Joachim sentia-se irritado: ninguém lhe dera tempo para se recuperar, o que era necessário naquela hora solene, duplamente necessário para ele, para quem aquele casamento significava mais do que o casamento de uma família cristã; para ele, significava a salvação da fossa e do lamaçal e a promessa de seguir o caminho de Deus. Elisabeth, em seu vestido de noiva, parecia mais a

Senhora Madonna do que nunca, parecia a Branca de Neve, e ele não deixou de pensar naquela estória da noiva que caíra morta ante o altar, após ter se dado conta de que sob a forma do noivo ocultava-se a morte encarnada.³ O pensamento não o abandonava; sobrepujava-o tanto que não escutou o canto do coro nem o sermão do reverendo; sim, até se impediu de ouvi-los por medo de ter que interrompê-lo, de ter que lhe dizer que ali, diante do altar, encontrava-se alguém que não era digno, um proscrito, alguém que estava profanando o lugar sagrado, e sobressaltou-se de susto quando teve que dizer “sim”, também assustado com a cerimônia, que se supunha seria a revelação de uma nova vida que houvesse passado tão rápida e de maneira quase despercebida. Só lhe parecia reconfortante que Elisabeth, sem o ser de fato, agora seria chamada de sua esposa, mas parecia terrível que esse estado não durasse. No caminho de volta da igreja, ele segurou a mão dela e disse “minha esposa”, e Elisabeth retribuiu-lhe o aperto de mão. No entanto, depois tudo sumiu no tropel dos cumprimentos e dos votos de felicidades ao casal, a apressada troca de roupa e de partida, de modo que só quando chegaram à estação de trem é que perceberam o que acontecera.

Quando Elisabeth subiu ao compartimento, virou-se para não recair em pensamentos impuros. Nesse instante, encontravam-se a sós. Elisabeth recostou-se, fatigada, em um canto e sorriu-lhe um pouco.

— Você está cansada, Elisabeth — disse, esperançoso, feliz de poder cuidar dela, sendo terno com ela.

— Sim, estou cansada, Joachim — mas não se atreveu a lhe sugerir que ficassem em Berlim, com medo de que ele interpretasse como lubricidade. O perfil dela destacava-se nitidamente contra a janela, atrás da qual pairava a tarde cinzenta de inverno, e Joachim alegrou-se por não ter reaparecido aquela opressiva e angustiosa visão em que o rosto dela se transformava em paisagem. No entanto, à medida que a contemplava, viu que a mala, colocada no assento oposto, destacava-se não menos nitidamente no horizonte cinzento, e foi dominado pelo absurdo e exacerbado medo de que ela fosse uma coisa, um objeto morto, nem ao menos uma paisagem. Ele se levantou rapidamente, como se quisesse fazer algo com a mala, mas limitou-se a abri-la e retirou a cesta de mantimentos: tratava-se de um presente de casamento, um pequeno milagre, uma maravilha de elegância que podia ser usada tanto numa viagem quanto numa caçada; os cabos ebúrneos das facas e garfos eram enfeitados com cenas de caça, que continuavam no delicado cinzelado nas lâminas, e nem o fogareiro a álcool estava livre dessa ornamentação; entre os ornamentos, porém, reconheciam-se, em cada peça, os braços entrelaçados de Elisabeth e Joachim. O espaço central da cesta servia para guardar os mantimentos de casamento, que havia sido preenchido pela baronesa

por precaução. Joachim pediu para que Elisabeth se fortalecesse, a qual, como não pudera participar da refeição nupcial, aceitou de bom grado.

— Nossa primeira refeição de casados — disse Joachim e serviu o vinho nas taças de prata e Elisabeth brindou com ele.

Assim, fizeram a viagem, e Joachim reafirmou sua opinião de que o trem oferecia a melhor forma de vida conjugal. Sim, começava até a compreender Bertrand, que passava grande parte do seu tempo em trens.

— E se prosseguíssemos esta noite até Munique? — propôs.

No entanto, Elisabeth respondeu que se sentia bastante exausta e preferia interromper a viagem. Desta forma, ele não pôde deixar de lhe confessar que já previra tal desejo e reservara-lhes um quarto.

Agradeceu a Elisabeth por não ter perdido sua naturalidade, mesmo que fosse apenas uma naturalidade aparente, pois postergou seu repouso noturno; pediu para que fossem jantar e demoraram um longo tempo na sala de jantar; os músicos que tocavam aos comensais já haviam guardado os instrumentos, restavam apenas alguns convidados na sala; e, por mais que qualquer demora fosse agradável para Joachim, ainda sentia aquele frio rarefeito na sala, aquele frio que na noite do noivado se convertera em uma terrível premonição de morte. Elisabeth dava mostras de também o ter sentido, pois disse que era hora de se recolher.

Havia então chegado o momento. Elisabeth despedira-se dele com um amistoso “Boa noite, Joachim”, e ele andava de um lado para o outro no cômodo. Devia ir dormir? Olhou para a cama feita. Jurara vigiar-lhe a porta; lhe guardaria os sonhos celestiais, para que ela sonhasse para sempre em sua nuvem prateada; e aquilo, justo naquele momento, de repente perdera o sentido e o propósito, pois tudo parecia se resumir simplesmente a se manter acomodado ali. Ele olhou para si mesmo e percebeu que a sua longa farda construía uma proteção; era um despudor que os homens fossem ao casamento vestidos de fraque. Ainda assim, teve que recordar que precisava se banhar e, em silêncio, como se cometesse um ato de sacrilégio, tirou a farda e derramou água na bacia que ficava sobre a lustrosa pia marrom. Como tudo aquilo era embaraçante e penoso, que absurdo, a não ser que representassem um elo a mais na cadeia das provas impostas; tudo seria mais fácil se Elisabeth tivesse fechado a porta, porém, certamente não o fez por empatia. Joachim lembrou-se de já ter vivido essa situação, e então surgiu-lhe, com um furor punitivo, a lembrança de uma pia marrom sob um lampião a gás e uma porta trancada: terrível como uma lembrança de Ruzena, não menos terrível do que o problema de se banhar discretamente convivendo com um anjo, em ambos os casos uma degradação para Elisabeth e uma nova

prova. Lavara o rosto e as mãos, com breves e silenciosos movimentos para evitar que houvesse qualquer batida da bacia de porcelana com o tampo de mármore; porém, naquele instante, deparava-se com algo inconcebível: quem ousaria gargarejar perto de Elisabeth? E, no entanto, teria que mergulhar muito mais profundamente naquele límpido e purificador cristal, teria que imergir para ressurgir de uma purificação tão profunda quanto a do batismo no Jordão. Mas de que adiantaria um banho? Ruzena conhecera e sofrera as consequências. Vestiu rapidamente a farda, abotoou-a de maneira regulamentar e continuou andando de um lado para o outro no aposento. Não se ouvia nenhum som vindo do quarto contíguo, e ele sentiu que sua presença devia pesar sobre ela. Por que não gritava, como Ruzena fizera atrás da porta trancada, para que ele fosse embora? Pelo menos naquela época tinha ao seu lado a atendente do banheiro, contudo, naquele instante, encontrava-se sozinho e sem auxílio. Afastara-se cedo demais de Bertrand e de sua ágil segurança, e o fato de ter sido capaz de pensar que devia proteger Elisabeth de Bertrand lhe parecia um pretexto. Irrompeu dele um terrível sentimento de remorso: não era ela a quem quisera proteger e salvar, mas sim a sua própria alma por meio do sacrifício de Elisabeth. Ela estaria lá dentro, ajoelhada, rezando para que Deus a libertasse dos grilhões que assumira por piedade? Não devia lhe dizer que lhe devolvia a liberdade, e que estava disposto, se ela o ordenasse, a levá-la imediatamente para casa no Westend, para sua bela casa nova que a esperava? Cheio de emoção, ele bateu à porta que separava os quartos, embora logo arrependido por ter feito isso. Elisabeth cochichou:

— Joachim — e destrancou a porta.

A garota estava deitada na cama e uma vela ardia em cima do criado-mudo. Joachim manteve-se em pé junto à porta e, assumindo uma postura de maneira regulamentar, disse com voz rouca:

— Elisabeth, eu só queria que você soubesse que estou libertando você; é inadmissível que você se sacrifique por mim.

Elisabeth estava atônita e, entretanto, aliviada por ele não a ter abordado como um marido apaixonado.

— Você acha mesmo, Joachim, que eu me sacrifiquei? — e sorriu um pouco. — Na verdade, você se deu conta um pouco tarde, não?

— Ainda não é tarde demais! Graças a Deus não é tarde demais! Acabei de perceber... Devo levar você para o Westend?

Elisabeth teve que rir, naquele instante, no meio da noite! A gente de fora ficaria de olho!

— Não quer ir para a cama, Joachim? Podemos conversar sobre tudo isso amanhã, com calma. Você também deve estar cansado.

Joachim respondeu, como uma criança contestadora:

— Não estou cansado.

A chama bruxuleante da vela iluminava a pálida face de Elisabeth, que jazia entre os cabelos esparzidos pelo travesseiro branco. Uma ponta da almofada erguia-se no ar como um nariz, projetando na parede uma sombra semelhante ao contorno do nariz de Elisabeth.

— Por favor, Elisabeth, abaixe a ponta esquerda dessa almofada de cima — disse ele, da porta.

— Por quê? — perguntou Elisabeth surpresa, pondo a mão sobre a almofada.

— Projeta uma sombra horrível — disse Joachim.

A essa altura, outra ponta da almofada levantara, projetando outro nariz na parede. Joachim, irritado, queria ele mesmo resolver aquilo e deu um passo para dentro do quarto.

— Mas, Joachim, o que tanto lhe incomoda nessa sombra? Ficou bem assim?

Joachim respondeu:

— A sombra do seu rosto forma na parede como que uma cordilheira.

— Não tem importância.

— Não gosto disso.

Elisabeth sentia-se um pouco receosa de que aquele fosse o momento para apagar a vela, porém, para sua surpresa, Joachim disse:

— Devia colocar duas velas ao seu lado; então não haveria sombras e você pareceria a Branca de Neve.

E, de fato, ele foi ao outro quarto e voltou com a segunda vela acesa.

— Ah, como você é engraçado, Joachim! — teve que lhe dizer Elisabeth. — Onde vai colocar essa outra vela? Não há lugar para isso. E, além disso, eu pareceria uma morta entre as duas velas.

Joachim examinou a situação; Elisabeth tinha razão; ele então disse:

— Posso colocar a vela em cima do criado-mudo?

— Claro que pode... — calou-se um instante e, em seguida, disse hesitante e ao mesmo tempo com um leve sentimento de segurança: — Você é meu marido.

Ele protegeu a chama com a mão e levou a vela até o criado-mudo, contemplou reflexivamente as duas luzes e, recordando do casamento quase sem luzes, disse:

— Três dariam mais solenidade — como se pudesse desculpar-se com Elisabeth e com seus pais pela cerimônia modesta.

Ela também contemplou as duas velas; puxara a colcha para cobrir os ombros e apenas a sua mão, presa pelo pulso por um babado de renda, pendia languidamente na borda da cama. Os pensamentos de Joachim ainda estavam na simplicidade da cerimônia; porém, segurara aquela

mão na carruagem. Sentia-se mais calmo e quase se esquecera do motivo pelo qual entrara ali; naquele momento, lembrou-se e sentiu-se na obrigação de repetir sua oferta:

— Então você não quer mesmo ir para o Westend, Elisabeth?

— Mas você está louco, Joachim? Como posso me levantar agora? Estou muito bem aqui e você quer me expulsar.

Joachim permaneceu indeciso e perplexo ao lado do criado-mudo; de repente, não compreendeu como era possível que as coisas mudassem tanto de natureza quanto de propósito; uma cama era um confortável móvel para dormir; com Ruzena, consistia num lugar de anseio e indescritível doçura; e, naquele momento, era algo inacessível, algo cujas bordas não ousava tocar. A madeira é madeira e nada mais, mesmo assim, evitava-se tocar a madeira de um caixão.

— É tão difícil, Elisabeth — disse de repente —, peço que me desculpe.

No entanto, não apenas lhe pedia desculpas, como talvez ela imaginasse, por querer que ela se levantasse àquela hora tardia, mas por tê-la recém-comparado com Ruzena e por ter quase desejado — admitiu para si mesmo com horror — que Ruzena estivesse ali no lugar de Elisabeth. E deu-se conta do quão profundamente ainda chafurdava na fossa.

— Peço que me desculpe — repetiu ele, ajoelhando-se para lhe dar um beijo de despedida na nívea mão de veias azuis que pendia à beira da cama. Ela não sabia se esse gesto significava aquela temida abordagem e ficou calada. A boca de Joachim pressionava-lhe a mão e ele sentia os próprios dentes pressionando a parte interior de seus lábios, como a borda do ossudo e duro crânio que se escondia em sua própria cabeça e que se estendia por todo o esqueleto. Percebia também o hálito quente na cavidade de sua boca e a língua embutida no oco do maxilar inferior, e compreendeu que devia abandonar aquilo tudo o quanto antes para que Elisabeth não o notasse. Entretanto, não queria conceder aquele rápido triunfo a Ruzena e permaneceu em silêncio, ajoelhado junto à cama, até que Elisabeth, como que o convidando a se despedir, deu-lhe um leve aperto de mão. Talvez interpretasse intencionalmente mal aquele gesto, pois o fizera recordar as carinhosas mãos de Ruzena; não soltou a mão de Elisabeth, embora na verdade estivesse bastante impaciente para sair do quarto. Esperava o milagre, o sinal da graça que Deus lhe daria, e era como se o medo se erguesse ante a porta da graça. Joachim suplicou:

— Elisabeth, diga uma palavra.

E Elisabeth respondeu lentamente, como se não fossem suas próprias palavras:

— Não somos nem muito estranhos nem muito íntimos.

Joachim disse:

— Elisabeth, você quer me deixar?

Elisabeth respondeu baixinho:

— Não, Joachim, acho que vamos continuar juntos nosso caminho. Não fique triste, Joachim, vai dar tudo certo.

Sim, Joachim quis replicar que aquelas seriam as mesmas palavras de Bertrand, mas se deteve, não apenas por ser impróprio mencionar tal coisa, como porque as palavras de Bertrand na boca de Elisabeth soavam como um mefistofélico sinal do demônio e do mal, em vez do sinal de Deus, pelo que esperava, pedia e rogava. Por um momento, a imagem de Bertrand tornou-se visível como que no fundo da caixa marrom, visível e, no entanto, oculta, e tratava-se da morte encarnada, cujo rosto e forma projetaram, ali na parede, a sombra de uma cordilheira. E por mais impassível e enregelado que acontecesse, e de maneira tão rápida, e como se voltasse a desaparecer ao soar de uma campainha, ainda era um aviso, uma advertência de que o mal ainda não havia sido vencido e de que até mesmo Elisabeth ainda estava sujeita ao mal, desde que ela o invocara com suas palavras e não conseguira afastar nem os fantasmas nem a fantasmagoria com a palavra de Deus. E se isso lhe era decepcionante, também era bom, e sentiu-se repleto de afeição pelo ser humano e sua fragilidade. Elisabeth é o propósito do reino no Céu, mas ele mesmo deve encontrar e preparar para ambos o caminho para tal propósito no reino terrestre, apesar de sua grande fraqueza; porém, onde está o guia para esse conhecimento da solidão? Onde se encontra a ajuda? Veio-lhe à mente o aforismo de Clausewitz de que sempre se age a partir de um pressentimento e sentimento da verdade, ele pressentia em seu coração que, num lar cristão, lhes seria concedida a ajuda salvadora da graça, protegendo-os para que não tivessem que caminhar pela Terra sem instrução, desamparados e inúteis, nem tivessem que imergir no nada. Não, não se podia chamar isso de convenção emocional. Ele se endireitou e passou a mão com suavidade sobre a colcha de seda, sob a qual jazia o corpo de Elisabeth; sentia-se quase como um enfermeiro e, à distância, era como se estivesse acariciando seu pai doente, ou alguém que ele enviara.

— Pobre pequena Elisabeth — disse.

Eram as primeiras palavras carinhosas que ele ousava proferir. Com a mão que retirara das mãos dele, ela começou a afagar-lhe os cabelos. “Ruzena também fazia assim”, pensou Joachim. No entanto, sussurrou:

— Joachim, ainda não somos íntimos o bastante.

Ele se aproximara um pouco e, sentado na beirada da cama, afagava-

lhe a cabeça. Em seguida, apoiou-se nos cotovelos, olhou para o rosto dela, ainda pálido e estranho, não o rosto de uma mulher, não o rosto de sua esposa, deitado nos travesseiros, e aconteceu que ele próprio, aos poucos e sem perceber, encontrou-se acomodado ao lado dela. Ela se afastara um pouco e sua mão, a única que ainda se projetava do cobertor com o pulso envolto em renda, repousou na mão dele. Devido àquela posição, a farda de Joachim ficara um pouco amarrotada, as lapelas desabotoadas deixavam à mostra as calças pretas, de modo que, quando Joachim percebeu, arrumou rapidamente aquilo, recobrando o lugar. Além disso, encolhera as pernas e, para que não tocasse nos lençóis brancos com os sapatos de verniz, apoiou os pés, de maneira um pouco forçada, na cadeira ao lado da cama. A chama das velas tremeluzia; primeiro apagou-se uma, depois a outra. Aqui e ali, ouviam-se passos abafados no corredor acarpetado; aqui e ali, fechava-se ou abria-se uma porta e, ao longe, ouvia-se o murmúrio da grande cidade, cujo trânsito gigantesco não cessava totalmente nem mesmo à noite. Jaziam juntos em silêncio e olhavam para o teto do quarto, onde se destacavam feixes de luz amarela que se filtravam pelas frestas das persianas, parecendo um pouco com as costelas de um esqueleto. Então Joachim pegou no sono e, quando Elisabeth percebeu, teve que sorrir. E depois ela mesma adormeceu.

IV

No entanto, após cerca de dezoito meses, tiveram seu primeiro filho. Acabou por acontecer. Já é desnecessário contar o que ocorreu. Depois de fornecido o material da configuração dos personagens, o leitor pode imaginar por conta própria.

PARTE II

Esch ou A anarquia

(1903)

I

Aquele 2 de março de 1903 foi um dos piores dias para August Esch, auxiliar de escritório com 30 anos; discutira com seu chefe e fora demitido antes mesmo que tivesse oportunidade de pedir demissão por conta própria. Por isso, sentia-se mais irritado com a sua falta de perspicácia para responder na hora do que por ter sido demitido. Podia ele ter jogado tantas coisas na cara daquele homem: esse homem que não sabia nem a quantas andava o próprio negócio; que acreditava nas insinuações desse Nentwig, sem que fizesse a menor ideia de que esse mesmo Nentwig embolsava comissões a torto e a direito; e que provavelmente fazia vista grossa de propósito porque esse Nentwig descobrira algum podre seu. E que burrice a sua aceitar ser atacado de surpresa! Lançaram-lhe a infame acusação de ter cometido um erro de lançamento no livro-caixa; agora, porém, quando refletia a respeito do assunto, não conseguia encontrar erro algum. No entanto, os dois berraram com ele de maneira tão arrasadora que aquilo acabou degenerando num discurso ridículo, no decorrer do qual se viu de súbito demitido. Naturalmente, na hora só lhe ocorrera aquela famosa citação de Götz,⁴ enquanto agora lhe vinha à mente todo o tipo de respostas oportunas: “Senhor” — isso mesmo, “Senhor” —, devia ter dito bem assim, encarando-o com desprezo — e agora Esch falava consigo em tom sarcástico: “O senhor não faz a menor ideia do que acontece em seu próprio negócio...”. Isso mesmo, devia ter dito bem assim, mas agora era tarde demais. Depois saía para beber e dormir com uma garota, porém de nada adiantou; continuava com raiva, e Esch ralhava consigo mesmo enquanto margeava o Reno em direção à cidade.

Escutou passos atrás de si e, ao se virar, avistou Martin que, apoiando na madeira a ponta do pé da perna mais curta, balançava-se com pressa entre o par de muletas. Era só o que lhe faltava, a companhia daquele cara chato! Esch teria preferido continuar seu caminho, arriscando-se a receber uma pancada de muleta na cabeça —

realmente merecia ser espancado —, no entanto, pareceu-lhe uma crueldade fazer com que um aleijado corresse atrás de si, e então se deteve. Além disso, precisava procurar outro emprego, e Martin, que conhecia todo mundo, talvez soubesse de algum. O aleijado aproximou-se e, deixando a perna encurvada balançar, perguntou de maneira franca:

— Deditido?

Ele já sabia! Esch exclamou com raiva:

— Deditido!

— Você ainda tem algum dinheiro?

Esch encolheu os ombros, espalmando as mãos, pois tinha dinheiro suficiente para mais alguns dias. Martin refletiu por um momento:

— Conheço um trabalho que pode lhe servir.

— Sim, mas não vou entrar para a organização.

— Eu sei, eu sei, se acha bom demais para isso... ora, vai acabar entrando. Aonde vamos?

Esch não tinha em mente nenhum destino, então foram à taberna da Mãe Hentjen. Na Kastellgasse, Martin deteve-se:

— Você recebeu alguma carta de recomendação decente?

— A princípio, ainda preciso buscá-la.

— Na região central do Reno, em Mannheim, precisa-se de um balconista de embarque ou algo parecido... se você não se importar de sair de Colônia...

Entraram. Era um amplo lugar bastante tosco e lúgubre, que há centenas de anos deve ter servido como taberna para marinheiros do Reno; no entanto, além do teto enegrecido pela fumaça, não havia mais qualquer vestígio de seu passado. As paredes em torno das mesas estavam revestidas até a metade por madeira marrom, ao longo das quais corria um banco fixo por toda a sala. No alto da prateleira, jaziam canecos de cerveja de Munique e ali também se podia avistar uma estátua da Torre Eiffel em bronze. A Torre Eiffel estava decorada com uma bandeira nas cores preta, branca e vermelha, e, caso olhada com mais atenção, podia-se distinguir as letras douradas desbotadas da palavra “mesa reservada”. Entre as duas janelas, ficava um orquestrão com aletas abertas, exibindo os rolos de notas e o mecanismo interior. Na verdade, as aletas deveriam permanecer fechadas, e quem quisesse desfrutar da música deveria inserir uma moeda na máquina. No entanto, a Mãe Hentjen não queria se deixar por menos e, assim sendo, o cliente só precisava enfiar a mão no mecanismo e mover a alavanca; todos os clientes da Mãe Hentjen sabiam como operar o aparelho. Do outro lado do orquestrão, toda a estreita parte dos fundos do local estava ocupada pelo balcão, e atrás do balcão ficava um grande espelho flanqueado de ambos os lados por

dois expositores em vidro, contendo garrafas coloridas de licor. Quando à noite a Mãe Hentjen tomava seu lugar atrás do balcão, ela costumava virar-se e, de tempos em tempos, olhava-se no espelho para arrumar o penteado loiro, que lhe assentava na redonda e robusta cabeça como um pequeno cone de açúcar duro. No próprio balcão, jaziam fileiras de grandes garrafas de vinho e aguardente, já que as garrafas coloridas de licores no armário de vidro raramente eram requisitadas. E, por fim, entre o balcão e o armário de vidro, discretamente embutida na parede, encontrava-se uma pia de zinco com uma torneira.

O local não possuía aquecimento e o frio do ambiente era desagradável. Os dois homens esfregaram as mãos e, enquanto Esch se deixava cair pesadamente num banco, Martin mexeu no orquestrão, que emitiu de maneira ruidosa no ambiente gelado as notas da *Marcha dos gladiadores*. Apesar do barulho, logo puderam ouvir o rangido de passos em uma escada de madeira, e a porta de vaivém ao lado do balcão foi aberta pela Senhora Hentjen. Ela ainda trajava a vestimenta matinal de trabalho, com um grande avental de algodão azul atado sobre a saia, e ainda não havia colocado o espartilho noturno, fazendo com que seus seios pendessem como sacos dentro da blusa quadriculada. Somente o penteado se mantinha erguido, como um rígido pão de açúcar, sobre o rosto pálido e inexpressivo, de idade difícil de precisar. Contudo, todos sabiam que a senhora Gertrud Hentjen tinha trinta e seis anos, e há muito, muito tempo — recentemente haviam calculado que deveriam ter se passado quatorze anos — era viúva do Senhor Hentjen, cuja fotografia amarelada pendia sobre a Torre Eiffel, entre o alvará comercial e uma paisagem lunar, todos em belas molduras negras decoradas com dourado. E, mesmo que o Senhor Hentjen, com aquela barbicha de bode, parecesse um pobre aprendiz de alfaiate, sua viúva lhe manteve fidelidade; pelo menos não se podia dizer nada contra ela, e, caso alguém se atrevesse a se aproximar com intenções matrimoniais, ela replicaria com desdém:

— Pois a taberna lhe serviria. Não, prefiro fazer negócios sozinha.

— Bom dia, senhor Geyring, bom dia, Senhor Esch — cumprimentou a Senhora Hentjen. — Vocês vieram bem cedo hoje.

— Já faz algumas horas que estamos de pé, Senhora Hentjen — respondeu Martin. — Quem trabalha também quer comer.

Martin pediu queijo e vinho; Esch, que ainda sentia o vinho da noite anterior na boca e no estômago, pediu uma dose de aguardente. A Senhora Hentjen sentou-se com eles e quis saber das novidades. Esch estava monossilábico, e, embora não se envergonhasse nem um pouco de ter sido demitido, incomodava-o que Geyring divulgasse o fato tão abertamente.

— Sim, mais uma vítima do capitalismo — concluiu o sindicalista —, mas agora preciso voltar ao trabalho; claro, o barão aqui pode se esparramar à vontade.

Ele pagou e insistiu em pagar pela dose de aguardente de Esch também.

— É preciso auxiliar os desempregados — agarrou suas muletas, que havia apoiado ao lado dele, apoiou a ponta do pé esquerdo na madeira e se balançou porta afora, fazendo um grande barulho.

Depois que ele se foi, os dois ficaram em silêncio por um tempo; então, Esch apontou com o queixo para a porta:

— Um anarquista — disse ele.

A Senhora Hentjen encolheu os carnudos ombros:

— E mesmo que seja, é um homem honesto...

— Muito honesto! — corroborou Esch, e a Senhora Hentjen continuou:

— ... mas logo o pegarão de novo; já o tiveram preso por seis meses uma vez... — e em seguida: — Ora, faz parte do trabalho dele.

Mais uma vez ficaram em silêncio. Esch ponderava se Martin mancava desde a infância; um aleijado de nascença, pensou consigo mesmo, e disse em voz alta:

— Ele gostaria de me integrar em sua agremiação socialista. Mas eu não quero.

— Por que não? — perguntou a Senhora Hentjen sem interesse.

— Não combina comigo. Eu quero alcançar o topo; se você quer chegar lá, é necessário ter ordem.

A Senhora Hentjen não pôde deixar de concordar:

— É verdade, é necessário ter ordem. Bom, agora eu preciso ir para a cozinha. Você vai almoçar aqui hoje, Senhor Esch?

Esch poderia muito bem almoçar tanto ali como em qualquer outro lugar, mas, afinal, por que vagar com esse vento gelado?

— Mesmo que este ano mal tenha nevado — disse ele surpreso com a constatação, — a poeira de neve realmente cega a pessoa.

— Sim, lá fora o tempo está péssimo — corroborou a Senhora Hentjen. — Então, você vai ficar por aqui mesmo.

A mulher desapareceu na cozinha; a porta de vaivém oscilou por um tempo ainda, movimento que Esch acompanhou apaticamente com o olhar até que a porta finalmente parou. Em seguida, tentou dormir. No entanto, agora o frio do local começou a atingi-lo; ele andava de um lado para o outro com passos pesados e um tanto desajeitados, pegou o jornal que estava sobre o balcão, mas não conseguiu virar as páginas com os dedos rígidos; seus olhos também doíam. Assim, decidiu procurar o calor da cozinha; entrou com o jornal ainda nas mãos.

— Você veio cheirar as panelas, não é? — disse a Senhora Hentjen, percebendo de repente que estava frio no local, e, como era seu costume só acender o fogo lá à tarde, e mantendo-se fiel a essa regra, ela permitiu que ele a acompanhasse.

Esch a observava enquanto ela mexia nas panelas e sentiu vontade de tocá-la sob os seios, mas a reputação dela como inacessível cortou aquele desejo pela raiz. Quando a garota que a ajudava nas tarefas da taberna saiu por um momento, Esch disse:

— Isso de você gostar de viver tão sozinha...

— Ah, então você também vai começar com essa ladainha agora?

— Não — respondeu Esch —, é só uma expressão.

A face da Senhora Hentjen adquiriu uma expressão estranhamente congelada; como se algo a enojasse, ela se sacudiu violentamente, fazendo seus seios tremerem, e depois continuou a trabalhar com a cara entediada e vazia com a qual todos estavam familiarizados. Esch sentou-se para ler o jornal junto à janela e, por fim, olhou para o pátio, onde o vento levantava pequenos redemoinhos de poeira.

Mais tarde, chegaram as duas garotas que trabalhavam como garçonetes à noite; ainda não haviam tomado banho e estavam meio sonolentas. A Senhora Hentjen, as duas garotas, a pequena criada e Esch tomaram assento ao redor da mesa da cozinha, com os cotovelos afastados do corpo e as cabeças inclinadas sobre os pratos, e começaram a comer.

.

Esch havia preparado sua candidatura para o cargo em Mannheim; só precisava anexar a carta de recomendação. Na verdade, ficou contente por as coisas terem ocorrido daquela maneira. Não era saudável ficar sempre no mesmo lugar. Sentia que precisava sair de Colônia, e quanto mais longe, melhor. Um sujeito deve manter os olhos abertos; na verdade, ele sempre fizera isso.

À tarde, foi até a empresa Stemberg & Cia., atacadista de vinhos e vinícolas, para buscar sua carta de recomendação. Nentwig o fez esperar junto ao balcão, e sentou-se em sua mesa, gordo e desleixado, fazendo cálculos. Esch batia impacientemente com as unhas no balcão. Nentwig levantou-se:

— Paciência, Senhor Esch. Veio pegar sua carta de recomendação, claro. Mas não era tão urgente. Vamos lá. Data de nascimento? Data de admissão?

Esch, com a cabeça virada para o lado, forneceu essas informações, e Nentwig anotou-as. Em seguida, ditou algo e voltou com a carta de recomendação. Esch leu:

— Isso não é uma carta de recomendação — disse ele, devolvendo o papel.

— O que aconteceu?

— Você precisa recomendar o meu trabalho como contador.

— Você, contador!? Você mostrou o que sabe fazer nessa área...

Chegara o momento de acertar as contas:

— Acredito que, para os seus inventários, precisam de um contador especial!

Nentwig ficou desconcertado:

— O que você quer dizer?

— Quero dizer o que digo.

Nentwig mudou de atitude e disse quase amavelmente:

— Com essa agressividade, só consegue prejudicar a si mesmo. Tinha um bom emprego, e agora está brigando com seu chefe.

— Vou falar com o chefe também.

— Para mim, tanto faz se você falar com o chefe o quanto quiser — disse Nentwig arrogantemente. — Bem, de que tipo de certificado você precisa?

Esch exigiu que o documento dissesse: “zeloso no cumprimento do dever, totalmente confiável, versado em todas as tarefas de contabilidade e escritório”.

Nentwig queria se livrar dele:

— Não há muita verdade nisso, mas, por mim...

Virou-se para o datilógrafo para ditar a nova versão.

Esch se sentiu ofendido:

— Não é verdade, hein...? Então escreva também: “muito recomendável em todos os aspectos”.

Nentwig fez uma reverência:

— Como quiser, Senhor Esch.

Esch leu o novo texto e se sentiu satisfeito:

— Agora a assinatura do chefe — disse imperativamente. Isso pareceu demais para Nentwig, que gritou:

— A minha assinatura não é boa o suficiente para você?

— Se você tem autorização para assinar, para mim tanto faz — foi a generosa e pomposa resposta de Esch.

E Nentwig assinou.

Esch saiu à rua e dirigiu-se à caixa de correio mais próxima. Assobiava consigo mesmo; sentia-se reabilitado. Tinha a carta de recomendação, ótimo; estava dentro do envelope com a proposta para a companhia do Reno Central. O fato de Nentwig ter cedido era prova de que ele tinha a consciência pesada. Portanto, os inventários eram falsos; o homem deveria ser entregue à polícia. Sim, era simplesmente um dever cívico entregá-lo imediatamente. A carta deslizou silenciosa e suavemente para dentro da caixa de correio, e Esch, com os dedos

ainda na abertura, se perguntou se deveria ir diretamente para a delegacia. Indeciso, deu alguns passos. Havia cometido um erro ao enviar a recomendação, deveria tê-la devolvido a Nentwig: chantagear um homem para assinar uma recomendação e, em seguida, entregá-lo à polícia, não era decente. Mas agora estava feito, e, sem essa recomendação, teria sido muito difícil conseguir o cargo na companhia de navegação do Reno Central. Não lhe restaria alternativa senão voltar para o antigo trabalho em Stemberg. E imaginou que talvez o chefe lhe daria o cargo de Nentwig por ter descoberto a fraude, já que Nentwig deveria ficar um tempo na cadeia. Mas e se o próprio chefe estivesse envolvido em algum podre? Em qualquer caso, então, a investigação policial desmoronaria toda a farsa. Isso resultaria em uma empresa falida, e não em uma vaga para um contador. Nos jornais se falaria da “vingança de um funcionário demitido”. E, no final, ele acabaria sendo suspeito de cumplicidade. Ademais, para ele, não haveria nem recomendação, nem a possibilidade de encontrar trabalho em qualquer lugar. Esch ficou satisfeito com a perspicácia com que tirou essas conclusões, mas ainda estava furioso. “Pocilga imunda!”, praguejou consigo mesmo. Parou na praça em frente à ópera, lançando suas maldições ao vento que lhe enchia os olhos com a neve congelante. Não sabia o que fazer. Por fim, decidiu adiar a questão; caso não conseguisse o emprego na empresa do Reno Central, sempre haveria tempo para agir como Nêmesis. Com as mãos nos bolsos de seu desgastado casaco, atravessou a tarde que escurecia. Dirigiu-se, a bem dizer apenas para manter as aparências, até a delegacia de polícia. Observou os guardas por um tempo. Quando um carro cheio de detidos chegou, esperou que todos descessem e, ao ver que o policial fechava a porta sem ter visto Nentwig, sentiu-se decepcionado. Permaneceu ali por mais um momento e, por fim, virou-se em direção ao Mercado Velho. As duas rugas que cortavam suas bochechas tinham então sulcos mais profundos. “Trapaceiro do vinho, vendedor de vinagre”, pensou, resmungando consigo mesmo. Insatisfeito e de mau humor, apesar da vitória que lhe era tão amarga, precisou novamente se embriagar e se deitar com outra garota.

.

Naquela tarde, a Senhora Hentjen, com o traje de seda marrom que normalmente reservava para a noite, passou o dia na casa de uma amiga. Ao retornar, foi novamente invadida por uma onda de raiva ao deparar-se com a vista da casa e da taberna onde era obrigada a passar a vida havia tanto tempo. Sem dúvida, o negócio lhe permitia economizar um pouco aqui e ali, e quando suas amigas a elogiavam por sua habilidade, ela experimentava uma sensação agradável que compensava em parte. Mas por que não poderia ser dona de uma loja de lingerie, um bazar de moda íntima ou um salão de cabeleireiro

para mulheres, em vez de ter que lidar todas as noites com um bando de bêbados? Se não fosse pelo espartilho apertado, teria sentido náuseas ao ver seu restaurante, tal era o ódio que sentia pelos homens que o frequentavam e os quais era obrigada a servir. Embora talvez odiasse ainda mais as mulheres, sempre tão estúpidas e sempre correndo atrás de homens. Não, nenhuma de suas amigas pertencia àquele tipo que se envolvia com homens, mulheres que se misturavam com tais sujeitos, que corriam atrás deles como cadelas. No dia anterior, flagrara a empregada no pátio com um rapaz, e a mão que desferira a bofetada ainda lhe formigava deliciosamente; ela sentia toda a gana de enfrentar a garota de novo. Não, as mulheres talvez fossem ainda piores do que os homens. Ela suportava apenas suas garçonetes e todas as outras prostitutas que desprezavam os homens mesmo quando tinham que ir para a cama com eles; gostava de conversar com essas mulheres, encorajando-as a contar suas histórias em detalhes, consolando-as e mimando-as para compensar seus sofrimentos. Por isso, os empregos na taberna da Mãe Hentjen eram muito disputados, e as garotas os consideravam como algo valioso que deveria ser mantido a todo custo. E a Mãe Hentjen ficava encantada com tamanha devoção e carinho.

No primeiro andar, situava-se o seu belo aposento: imenso, ocupando toda a largura da casa acima do saguão da taberna e do corredor, com suas três vidraças voltadas para a rua estreita; ao fundo, onde abaixo se encontrava o balcão, o quarto formava uma espécie de alcova, separada por uma leve cortina, sempre fechada. Ao afastar a cortina e deixar os olhos se acostumarem à escuridão, podiam-se distinguir as camas de casal. No entanto, a Senhora Hentjen nunca usava esse quarto, e ninguém sabia se ele já havia sido usado. Aquecer um cômodo tão grande era complicado e dispendioso, por isso não era surpreendente que a Senhora Hentjen tivesse escolhido o aposento menor acima da cozinha como seu dormitório e sala de estar, utilizando o salão álgido e sombrio apenas para armazenar alimentos perecíveis. Até mesmo as nozes que a Senhora Hentjen costumava comprar no outono eram guardadas ali, espalhadas em ralas camadas pelo chão, onde duas largas faixas verdes de linóleo se estendiam transversalmente.

Ainda de mau humor, a Senhora Hentjen subiu ao salão para pegar salsichas para as ceias dos clientes, e, como a raiva torna as pessoas descuidadas, ela tropeçou em algumas nozes, que rolaram à sua frente com um som irritantemente alto. Sua irritação aumentou quando uma delas quebrou debaixo de seu pé, e, enquanto pegava a noz para evitar que fosse totalmente desperdiçada, e separava com cuidado o cerne dos pedacinhos esmigalhados da casca, levando os fragmentos brancos com a pele amarelada e amarga à boca, ela continuava gritando pela

cozinheira. Por fim, a impertinente criada a ouviu, subiu as escadas aos tropeços, sendo recebida por uma enxurrada absurda de insultos: claro, uma garota que flerta com rapazes metidos a besta também roubaria nozes. As nozes, que eram guardadas ao lado da janela, estavam caídas bem ali junto à porta; nozes não caminham sozinhas pelo chão. A Senhora Hentjen estava prestes a desferir um tapa, e a garota se encolhia erguendo o braço, quando um pedaço de casca ficou preso nos dentes da senhora, que se contentou em cuspir com desprezo. Em seguida, acompanhada pela garota chorosa, desceu para a cozinha.

Ao adentrar a taberna, onde já pairavam densas nuvens de fumaça de tabaco, ela experimentou, como quase todos os dias, aquela sensação de angustiante torpor quase incompreensível e difícil de superar. Dirigiu-se ao espelho e, de forma mecânica, ajeitou o penteado loiro que cobria sua cabeça como um cone de açúcar, alisou o vestido, e só recuperou a calma ao se certificar de que sua aparência estava impecável. Nesse momento, observava rostos familiares entre os clientes, e, embora obtivesse mais lucro com as bebidas do que com as refeições, tinha mais simpatia pelos comensais do que pelos bebedores. Saiu de trás do balcão e percorreu as mesas perguntando se todos estavam bem atendidos. E, com certa satisfação, chamava a garçonete quando um cliente pedia outra porção. Realmente, a culinária da Mãe Hentjen era algo digno de destaque.

Geyring já estava lá; suas muletas jaziam ao seu lado; cortara a carne em pedacinhos no prato e comia então mecanicamente enquanto segurava com a mão esquerda um daqueles periódicos socialistas, que sempre surgiam aos punhados de sua bolsa. A Senhora Hentjen gostava dele em parte porque, sendo um aleijado, não era considerado um homem completo, e também porque ele não frequentava a taberna para gritar, beber ou assediar as garotas, mas simplesmente porque seu trabalho exigia que ele mantivesse contato com os marinheiros e trabalhadores do porto. E, acima de tudo, ela gostava dele porque, noite após noite, jantava em sua taberna e sempre elogiava sua comida. Ela se sentou ao lado dele.

— O Esch já esteve aqui? — perguntou Geyring. — Conseguiu um emprego na empresa do Reno Central e começa na segunda-feira.

— Ele conseguiu graças ao senhor, Senhor Geyring? — perguntou a Senhora Hentjen.

— Não, Mãe Hentjen, ainda não chegamos ao ponto em que a organização pode fornecer empregos... falta muito para isso... mas chegará a hora. Eu apenas coloquei Esch no caminho. Por que não ajudar um rapaz tão bom, mesmo que ele não seja um de nós?

A Mãe Hentjen não demonstrou lá muito interesse:

— Ora, aproveite sua refeição, Senhor Geyring, e eu vou trazer algo

extra como presente meu — disse ela e foi até o balcão, trazendo um prato com uma rodela de salsicha de tamanho moderado, adornada com um raminho de cheiro-verde. O rosto enrugado de Geyring, um rosto de um garoto de quarenta anos, sorriu para ela com dentes ruins, e ele colocou a mão sobre a dela, branca e gorda, que ela imediatamente retirou com sua habitual frieza.

Mais tarde, Esch chegou. Geyring levantou os olhos do jornal e disse: — Parabéns, August!

— Obrigado — disse Esch. — Então você já sabe? Não houve dificuldade, responderam imediatamente e me deram o emprego. Portanto lhe devo um agradecimento, por ter me indicado.

Mas seu rosto sob os cabelos curtos e escuros tinha a aparência vazia e rígida de um homem desapontado.

— De nada — disse Martin, que então gritou em direção ao balcão: — Aqui está o nosso novo contador.

— Boa sorte, Senhor Esch — respondeu a Senhora Hentjen de maneira ríspida, porém, acabou se aproximando e deu-lhe um aperto de mão. Esch, que desejava mostrar que todo o mérito não era devido a Martin, retirou sua recomendação do bolso do peito:

— Não teria ido tão bem, posso lhe garantir, se eu não tivesse feito Stenberg me dar uma carta de recomendação tão boa — enfatizando com gravidade o “feito”, e então acrescentou: — Um bando de porcos!

A Senhora Hentjen leu a carta de recomendação discretamente:

— Bela recomendação.

Geyring também leu e concordou:

— Sim, a companhia deve estar feliz por ter conseguido um sujeito de primeira classe... Eu realmente vou ter que conseguir do presidente, Bertrand, uma comissão pelos meus serviços de intermediação.

— Um contador excelente, excelente, não é? — gabou-se Esch.

— É bom quando alguém pode ouvir coisas assim sobre si mesmo — concordou a Senhora Hentjen. — Tenho certeza de que está muito orgulhoso, Senhor Esch; e tem todo o direito: gostaria de comer alguma coisa?

É claro que ele queria, e enquanto a Senhora Hentjen observava com satisfação como apreciava a comida, contou que em breve viajaria pelo Reno e que esperava entrar no serviço externo; haveria viagens até Kehl e Basileia. Até então, vários outros conhecidos juntaram-se a eles, o novo contador pediu vinho para todos, e a Senhora Hentjen se retirou. Com desgosto, ela percebeu que Esch não deixava de apalpar a garçonete Hede cada vez que passava pela mesa, e que às vezes a obrigava a se sentar e a beber com eles. A conta ficou alta, e quando os senhores saíram depois da meia-noite levando Hede consigo, ela

discretamente lhe deu um marco.

•

No entanto, Esch não conseguia encontrar satisfação em seu novo emprego. Parecia-lhe que tinha adquirido o cargo ao preço da salvação de sua alma, ou, pelo menos, de sua honra. Já que as coisas tinham chegado tão longe e ele já havia recebido um adiantamento para a viagem na filial da companhia em Colônia, as dúvidas voltaram a assaltá-lo sobre se deveria ou não denunciar Nentwig. Claro que, nesse caso, ele precisaria estar presente durante as investigações policiais, não poderia deixar a cidade, e quase certamente perderia o novo emprego. Por um momento, pensou em resolver aquela situação escrevendo uma carta anônima à polícia, mas descartou esse plano: não se podia apagar uma impropriedade cometendo outra. Mas, sobretudo, ele se irritava com esses remorsos; afinal de contas, ele não era nenhuma criança, estava se lixando para os padres e para a moral; já havia lido de tudo, e quando Geyring o convidou mais uma vez para se juntar ao Partido Social-Democrata, ele respondeu:

— Não, não quero ter nada a ver com vocês, anarquistas, mas para que vocês vejam que cumpro em parte seu desejo, talvez me torne livre-pensador.

O ingrato respondeu que não se importava. Assim são as pessoas; ora, também tanto fazia para Esch.

No final, ele fez a coisa mais sensata: partiu para Mannheim no horário marcado. Porém, sentia-se forçadamente deslocado; a alegria usual de viajar não se manifestava, e, de qualquer forma, deixou parte de suas coisas em Colônia; até mesmo sua bicicleta ficou para trás. No entanto, a quantia recebida para a viagem o deixou de bom humor. E, em pé na plataforma de Mainz, com um copo de cerveja na mão e o bilhete enfiado no chapéu, ele pensou nas pessoas que havia deixado para trás, quis demonstrar carinho por elas, e como passava um vendedor de jornais com seu carrinho naquele momento, comprou dois cartões-postais. Martin merecia uma saudação, mas não se enviam cartões-postais para homens. Então, ele escreveu primeiro um para Hede; o segundo foi destinado à Senhora Hentjen. Depois, refletindo que poderia ser insultante para a Senhora Hentjen receber um cartão-postal ao mesmo tempo que uma de suas empregadas, e como ele não se importava, rasgou o primeiro e enviou apenas para a Senhora Hentjen, com seus cumprimentos calorosos para ela, todos os seus queridos amigos e conhecidos, e para as senhoritas Hede e Thusnelda, da bela cidade de Mainz. Depois disso, ele se sentiu um pouco solitário novamente, tomou mais um copo de cerveja e deixou o trem levá-lo para Mannheim.

Ele deveria se apresentar no escritório central. A Companhia de

Navegação S. A. do Reno Central possuía um prédio próprio não muito longe do porto de Mühlau, uma robusta construção de pedra com colunas na entrada. A rua em que estava era asfaltada, ideal para andar de bicicleta; era uma rua nova. A pesada porta de vidro e ferro forjado, que certamente se moveria suave e silenciosamente em suas dobradiças, estava entreaberta, e Esch entrou. Ele apreciou o mármore do vestíbulo; uma placa de vidro acima da escada indicava “DIREÇÃO” em letras douradas. Ele se dirigiu diretamente para lá. Ao subir o primeiro degrau, ouviu uma voz atrás de si:

— Para onde, por favor?

Ele se virou e viu o porteiro, vestido com uma libré cinza adornada por botões prateados, e o chapéu também ostentava uma faixa de prata. Tudo muito elegante, mas Esch ficou irritado: o que aquele sujeito queria com ele?

— Pediram para que eu me apresentasse aqui — respondeu bruscamente e seguiu seu caminho.

No entanto, o outro não se intimidou:

— Para a diretoria?

— Onde mais? — retrucou Esch com acrimônia.

No primeiro andar, a escada levava a um amplo e escuro vestíbulo. No centro, havia uma enorme mesa de carvalho e algumas cadeiras estofadas ao redor. Obviamente, tudo muito elegante. Apareceu mais um homem com botões prateados e perguntou o que ele desejava.

— Quero ir até a diretoria — disse Esch.

— Os senhores estão em uma reunião do conselho administrativo — informou o porteiro.

— É algo importante?

Pressionado, Esch teve que explicar seu motivo; apresentou então seus documentos, a carta de admissão e a ordem de pagamento do adiantamento para a viagem.

— Tenho também algumas recomendações — acrescentou, preparando-se para apresentar a carta assinada por Nentwig.

Ele ficou um pouco desapontado quando o sujeito nem sequer olhou para os papéis:

— O senhor não tem nada a ver com isso aqui em cima... térreo, no final do corredor, segunda escada... informe-se lá embaixo.

Esch deteve-se por um momento; não queria dar o braço a torcer ao porteiro, e então perguntou de novo:

— Então, não é aqui?

O porteiro já havia se tornado indiferente:

— Não, aqui é a sala de espera do presidente.

Esch sentiu a raiva aumentar; se fazia muito alarde com esse tal

presidente, os móveis estofados e os serviços com botões de prata; Nentwig também devia gostar de algo assim; ora, um presidente como esse talvez não fosse tão diferente de Nentwig. No entanto, querendo ou não, Esch precisou voltar pelo mesmo caminho. Lá embaixo, o porteiro ainda estava no seu posto. Esch olhou para ele para ver se estava irritado, porém, como o porteiro simplesmente o encarava com indiferença, disse:

— Preciso ir ao departamento de pessoal — como se solicitasse ser conduzido até lá.

Depois de avançar alguns passos, virou-se, apontou com o polegar para a escada e perguntou:

— Qual é o nome do seu chefe lá em cima, o presidente?

O porteiro respondeu:

— Presidente Von Bertrand.

Havia algo quase respeitoso em sua voz. E Esch repetiu, também com certo respeito:

— Presidente Von Bertrand.

Ele devia ter ouvido esse nome em algum lugar.

No departamento de pessoal, ficou sabendo que exerceria suas funções como escriturário nos armazéns do porto. Ao sair novamente para a rua, uma carruagem parou em frente ao prédio. Fazia frio; nas guias das calçadas e nos cantos das paredes acumulava-se a neve soprada pelo vento; um dos cavalos batia os cascos no calçamento liso. Dava para ver que estava impaciente, e com razão. “Sem carruagem, o presidente não pode fazer nada”, pensou Esch, “enquanto nós podemos ir a pé”. No entanto, ele gostou daquilo e ficou feliz por fazer parte da empresa. Pelo menos, representava uma vitória sobre Nentwig.

Nos armazéns da Companhia de Navegação do Reno Central, ele exercia seu cargo atrás de uma divisória de vidro, no final de um longo galpão. Sua mesa ficava ao lado da mesa do funcionário da alfândega, e ao fundo brilhava um pequeno aquecedor de ferro. Se alguém se enfadasse com o trabalho ou se sentisse outra vez só e abandonado, sempre encontraria algo para fazer nos vagões e nos trabalhos de carga. A navegação recomençaria em poucos dias, e nas embarcações tudo estava em movimento. Havia guindastes que giravam e desciam como se quisessem pegar algo com cuidado dos porões dos navios, e outros que se inclinavam sobre a água como pontes inacabadas. Naturalmente, tudo isso não era novo para Esch, pois em Colônia havia mais ou menos a mesma coisa; porém, lá a longa fila de armazéns era algo familiar, algo que ele nem percebia, e, se alguém o obrigasse a refletir sobre isso, teria considerado as construções, os guindastes e os cais quase como algo absurdo que

deveria existir para atender a necessidades inexplicáveis dos seres humanos. Naquele momento, no entanto, tudo isso do qual ele fazia parte se transformara em instalações lógicas e convenientes, o que lhe fazia bem. Enquanto antes ficava surpreso, em geral com desgosto, com a quantidade de empresas exportadoras e com o fato de os galpões todos iguais que se estendiam ao longo da margem ostentarem tantas placas de diferentes empresas, cada uma adquiria então sua própria individualidade, individualidade que se reconhecia nas pessoas dos armazenistas, gordos ou magros, e nos contramestres, rudes ou amigáveis. Até mesmo as inscrições dos departamentos aduaneiros da Alemanha Imperial, que ficavam na entrada da área restrita do porto, resultavam agradáveis: faziam com que tomasse consciência de que se movia por terras estrangeiras. Tratava-se de uma vida ao mesmo tempo reclusa e livre que se levava neste refúgio de mercadorias, onde se podiam acumular os produtos sem o pagamento de impostos, e era um ar de fronteira que se respirava atrás das grades de ferro das barreiras alfandegárias. Mesmo que ele não usasse uniforme e fosse, por assim dizer, apenas um funcionário privado, a convivência com os funcionários da alfândega e ferroviários transformara-o quase em uma figura oficial, sobretudo por carregar no bolso as credenciais que lhe permitiam a livre circulação por aquela província exclusiva, e já era cumprimentado com uma mesura amigável pelo guarda no portão principal. Ao devolver o cumprimento, ele jogava o cigarro fora com um gesto nobre, obedecendo à proibição de fumar que estava colada por toda parte, e seguia com passadas longas e importantes — um estrito não fumante pronto a repreender qualquer civil muito familiar por infringir a regra — em direção ao escritório, onde o armazenista já colocara sua lista sobre a mesa. Em seguida, ele vestia as luvas de lã cinza com as pontas dos dedos cortadas, para que suas mãos não congelassem sob a fria atmosfera cinza e empoeirada do galpão, pegava a lista e conferia as caixas e fardos empilhados. Se uma caixa estivesse fora do lugar, não deixaria de lançar um olhar austero ou impaciente para o armazenista, responsável pela supervisão das entregas, para que ele pudesse repreender adequadamente o estivador responsável. E quando, mais tarde, o funcionário da alfândega voltava de sua ronda, entrava na divisória de vidro e elogiava o calor do lugar, desabotoando a gola de sua túnica e bocejando agradavelmente em sua cadeira, naquele momento as listas já estavam conferidas e os conteúdos copiados nos livros, e não havia dificuldades quanto ao restante; os dois homens sentavam-se à mesa e revisavam preguiçosamente os papéis. Então, o funcionário da alfândega, tão rápido como sempre, endossava as listas com seu lápis azul, pegava as cópias e as trancava em sua mesa, e se não havia mais nada a fazer,

prosseguiam juntos para a cantina.

Sem dúvida, Esch tinha feito uma boa troca, mesmo que a justiça tivesse sido prejudicada. No entanto, ele não podia deixar de se perguntar — e isso era a única coisa que lhe perturbava a satisfação — se não haveria alguma maneira de apresentar formalmente uma denúncia conforme seu dever exigia; somente então tudo estaria em ordem.

O inspetor de alfândega Balthasar Korn provinha de uma região bastante sóbria da Alemanha. Nascido na fronteira entre a cultura bávara e a saxônica, ele teve suas primeiras impressões na cidade montanhosa de Hof, na Baviera. Sua mentalidade oscilava entre rudeza e avareza, sempre sóbrias. Após alcançar a patente de sargento no serviço militar ativo, aproveitou a oportunidade oferecida pelo governo paternal aos seus soldados fiéis e transferiu-se para o serviço alfandegário. Solteirão, vivia em Mannheim com sua irmã Erna, também solteira. Incomodado com o quarto vazio que dava para o pátio em sua casa, persuadiu August Esch a abandonar seu quarto caro no hotel e aceitar acomodações mais acessíveis em sua casa. Embora não aprovasse totalmente Esch, já que este, sendo luxemburguês, não podia se orgulhar de ter prestado o serviço militar, não teria ficado descontente em ter em Esch não apenas um ocupante para o quarto sobressalente, mas também um marido para sua irmã. Ele não economizava em insinuações claras, e sua irmã, já madura, as acompanhava com gestos tímidos de negação e risadinhas. Chegava até mesmo a colocar em risco a boa reputação de sua irmã, pois não hesitava em chamar Esch na cantina de “senhor cunhado”, fazendo com que todos pensassem que o assim chamado já compartilhava a cama de sua irmã. Mas se Korn agia dessa maneira, não era exclusivamente por brincadeira; sua intenção era, em parte, pela constante habituação à ideia e, em parte, pela pressão da opinião pública, compelir Esch a transformar em realidade sólida a parte fictícia que era assim instigado a representar.

Esch não se mudou para a casa de Korn de má vontade. Já tendo vagado tanto, sentia-se solitário desta vez. Talvez as ruas numeradas de Mannheim fossem as culpadas, talvez ele sentisse falta dos cheiros da taberna da Mãe Hentjen, talvez fosse o canalha do Nentwig que ainda o incomodava; de qualquer forma, sentia-se solitário, e decidiu ficar com os irmãos, mesmo percebendo há muito tempo para onde soprava o vento dos Korn, e mesmo sem a intenção de ter qualquer envolvimento com aquela mulher um tanto envelhecida; não se impressionou nem um pouco com a grande exibição de lingerie que Erna reunira ao longo dos anos e que ela mostrava com considerável orgulho; nem mesmo o livro de poupança que ela o deixou ver uma vez, ostentando um saldo de mais de dois mil marcos, o atraía.

Contudo, os esforços de Korn para atraí-lo para a armadilha eram tão divertidos que valiam a pena correr o risco; claro, era preciso ficar atento e não se deixar levar. Por exemplo: Korn raramente perdia a oportunidade de pagar pelas bebidas quando se encontravam na cantina antes de irem para casa juntos; e depois de terem amaldiçoado calorosamente a qualidade da cerveja de Mannheim, Korn não se deixava dissuadir de fazer uma parada na Spatenbräu. Então, se o Senhor Esch logo colocasse a mão no bolso, Korn novamente se recusaria a deixá-lo pagar:

— Terá sua oportunidade de retribuir, caro cunhado.

Porém, quando passeavam pela Rua do Reno, o inspetor alfandegário pontualmente parava diante de certas vitrines iluminadas e batia no ombro de Esch com sua grande palma:

— Minha irmã está de olho em um guarda-chuva assim há muito tempo: vou ter que comprar um no aniversário dela. — Ou: — Toda casa deveria ter um ferro a gás como esse. — Ou: — Se minha irmã tivesse uma centrífuga, seria feliz.

E quando Esch nada respondia a todas essas insinuações, Korn ficava tão furioso quanto costumava ficar com os recrutas que se recusavam a entender sobre a manutenção dos rifles, e quanto mais silencioso Esch ficava ao seu lado, mais furiosa era a raiva de Korn pela expressão insolentemente atrevida que Esch adotava.

Contudo, o silêncio de Esch nessas ocasiões não era motivado pela avareza. Apesar de ser econômico e gostar de obter pequenas vantagens, a ideia completa e justa de contabilidade que ele acreditava em sua alma não permitia que aceitasse mercadorias sem pagamento; serviço demandava retribuição, e as mercadorias precisavam ser pagas; no entanto, ele achava desnecessário ser forçado a uma compra apressada; na verdade, lhe parecia quase desajeitado e incon siderado satisfazer os exigentes pedidos de Korn. Então, por ora, encontrara uma curiosa forma de vingança que lhe permitia quitar suas dívidas com Korn e, ao mesmo tempo, mostrar que não tinha pressa em se casar; depois do jantar, costumava convidar Korn para um pequeno entretenimento noturno que os levava aos bares com garçonetes e inevitavelmente terminava nas chamadas ruas de reputação duvidosa da cidade. Às vezes, isso custava um bom dinheiro para pagar a conta dos dois — mesmo que Korn fosse obrigado a pagar por sua garota — mas a visão de Korn a caminho de casa depois, andando carrancudo, mastigando seu bigode espesso, agora caído e desanimado, resmungando que essa vida dissoluta à qual Esch o estava levando deveria ser encerrada: isso valia bem todo o gasto. Além disso, Korn sempre estava de tão mau humor com sua irmã na manhã seguinte que fazia questão de magoá-la em seus sentimentos mais delicados, acusando-a de nunca ter conseguido conquistar um

homem. E quando ela retrucava e listava quantas vezes o havia conseguido, ele a lembrava com desprezo de seu estado de solteira.

•

Certo dia, Esch encontrou uma boa oportunidade para saldar parte de sua dívida. Enquanto percorria os armazéns da empresa, sua curiosidade sempre alerta foi atraída pelas caixas e adereços de um conjunto teatral, que estavam sendo descarregados. Um cavalheiro bem barbeado estava ao lado em grande agitação, gritando que suas propriedades valiosas, que representavam uma riqueza incalculável, eram manuseadas com brutalidade, e quando Esch, que observava com a seriedade de um conhecedor, lançou alguns conselhos supérfluos aos trabalhadores, deixando claro para o cavalheiro que ele estava na presença de um homem de conhecimento e autoridade, a formidável loquacidade do estranho foi direcionada a ele e logo se viram envolvidos em uma conversa amigável. Durante a conversa, o cavalheiro barbeado, levantando ligeiramente o chapéu, apresentou-se como o Senhor Gernerth, Gernerth com *th*, o novo locatário do Teatro Thalia, que ficaria particularmente lisonjeado — enquanto o trabalho de descarregamento era concluído — se o Inspetor de Expedição e sua respeitável família comparecessem à apresentação de abertura, e ofereceu gentilmente fornecer-lhe os ingressos necessários a preços reduzidos.

E quando Esch concordou com entusiasmo, o diretor tirou a mão do bolso e escreveu imediatamente uma ordem para três ingressos gratuitos para ele.

Agora Esch encontrava-se sentado com os irmãos Korn em frente a uma mesa coberta por uma toalha branca no teatro de variedades, cujo programa se iniciou com uma nova atração: as imagens em movimento chamadas cinematográficas. Essas imagens não despertaram grande interesse neles, nem no restante do público; todos as consideraram pouco sérias, vendo-as apenas como uma introdução à verdadeira representação. No entanto, todos ficaram cativados pela forma moderna de arte ao assistir a uma comédia cuja comicidade se baseava nos efeitos produzidos pela ingestão de pílulas purgantes, e os momentos críticos eram sublinhados com redobrar de tambores. Korn batia sonoramente na mesa com a palma da mão, a Senhorita Erna ria, cobrindo a boca com a mão, ao mesmo tempo que lançava olhares sapecas para Esch por entre os dedos, e Esch se sentia tão orgulhoso como se fosse o próprio inventor e autor do espetáculo. A fumaça de seus charutos subia diretamente para a nuvem de fumaça de tabaco, que pairava junto ao teto baixo do salão, sendo atravessada pelos raios de luz dos refletores da galeria que iluminavam a cena. No intervalo que se seguiu à exibição de um artista que imitava assobios de pássaros, Esch pediu três copos de cerveja, embora no teatro tudo

fosse evidentemente mais caro do que em qualquer outro lugar. No entanto, ficou aliviado ao constatar que a cerveja era fraca e insípida. Decidiu não pedir outra rodada e sugeriu ir beber algo na Spatenbräu assim que a representação terminasse. Sentindo-se outra vez generoso, e enquanto a Prima Donna expressava o melhor que podia sua paixão e sua dor, murmurou:

— Sim, o amor, Senhorita Erna.

Assim, quando a cortina se ergueu novamente após os aplausos vibrantes que todo o público dedicou à cantora, tudo brilhava como prata, e lá em cima estavam pequenas mesas folheadas a níquel e outros objetos, também de níquel, pertencentes a um malabarista. Sobre os panos de veludo vermelho que em parte cobriam e em parte enfeitavam o aparato, estavam bolas e garrafas, pequenas bandeiras e mazelas, além de uma enorme pilha de pratos brancos. Em uma escada terminada em ponta e igualmente folheada a níquel e brilhante, pendiam cerca de duas dúzias de facas, cujas lâminas longas não brilhavam menos que todo o metal no cenário. O malabarista vestia um fraque preto e era acompanhado por uma assistente, que claramente estava ali apenas para mostrar sua beleza marcante ao público, pois usava uma malha reluzente muito justa ao corpo, e sua única tarefa era entregar ao malabarista as bandeirinhas ou os pratos, ou lançá-los quando ele os solicitava batendo uma palma durante uma demonstração. Ela realizava essa tarefa com um sorriso gracioso nos lábios, e quando lhe lançava as mazelas, emitia um grito suave e exótico, talvez para chamar a atenção de seu mestre, talvez também para mendigar um pouco do amor que ele, inflexível, lhe negava. E embora o malabarista soubesse muito bem que sua dureza de coração poderia fazê-lo perder a simpatia da massa do público, ele nem ao menos olhava para a bela assistente; apenas, quando chegou o momento de corresponder aos aplausos com uma reverência, apontou com um gesto displicente para sua assistente, indicando que lhe concedia uma porcentagem destes. Em seguida, como se a afronta que acabara de infligir a ela não tivesse acontecido, dirigiram-se amigavelmente para o fundo do palco, levantaram juntos um grande quadro negro que ninguém havia visto antes e o aproximaram da escada folheada a níquel, onde o fixaram. Depois, empurraram-no, incentivando-se mutuamente com gritos suaves e sorrisos, até colocá-lo inclinado como uma rampa, e o amarraram com fios metálicos que surgiam aqui e ali no chão e em meio ao cenário. Feito isso, a bela assistente emitiu novamente seu grito suave e peculiar e saltou com grande solenidade sobre o quadro, que era tão alto que ela mal alcançava a borda superior com os braços estendidos. Na parte de cima do quadro havia dois punhos nos quais a assistente então se segurou, apoiando-se neles com as costas no quadro, e esta postura

forçada e artística, que destacava ainda mais sua figura com o traje reluzente contra o preto do quadro, lhe conferia a aparência de uma crucificada. Contudo, ela mantinha seu sorriso gracioso, mesmo quando o homem, após observá-la com os olhos meio cerrados, aproximava-se e alterava sua posição, modificando-a tão sutilmente que mal era perceptível, é verdade, mas de tal maneira que os espectadores percebem que tudo dependia daqueles milímetros. Tudo isso aconteceu ao som suave de uma valsa, que logo cessou com um leve sinal do malabarista. O teatro jazia em completo silêncio; desprovido de toda música, um isolamento extraordinário dominava o palco lá em cima, e os garçons não se atreviam a chegar às mesas com a cerveja e a comida que carregavam, permanecendo em pé, tensos de excitação, ao lado das portas iluminadas de amarelo no fundo; os clientes que estavam prestes a comer deixavam nos pratos os garfos, nos quais já haviam espetado alguma porção, e apenas o foco de luz, dirigido diretamente para a garota crucificada, continuava a zumbir. No entanto, o malabarista já verificara uma das longas adagas em sua mão assassina; ele inclinou a parte superior do corpo para trás e foi ele então quem soltou um grito exótico e áspero, enquanto a adaga voou assobiando de sua mão, cruzou o palco e cravou-se com um som abafado na madeira negra, ao lado do corpo da garota crucificada. Antes que os espectadores se dessem conta, ele tinha as mãos cheias de adagas reluzentes como espelhos, e enquanto seus gritos se tornavam mais rápidos, mais brutais e verdadeiramente bestiais, as adagas zuniam com uma rapidez crescente, cortando o ar tenso do palco, cravando-se na madeira em uma sucessão vibrante e enquadrando o corpo esguio, os delicados braços nus, enquadrando um rosto que ainda sorria, entorpecido e ao mesmo tempo confiante, apelativo e desafiador, ousado e apreensivo. A Esch faltou muito pouco para desejar estar ali em pé, com os braços erguidos ao céu, crucificado como ela, desejando interpor seu próprio corpo entre as facas ameaçadoras e a delicada jovem; e se o malabarista, como costuma acontecer, tivesse perguntado se algum cavalheiro na plateia gostaria de subir ao palco e se posicionar diante do quadro negro, Esch sem dúvida teria se oferecido. Sim, era quase um pensamento voluptuoso imaginar-se ali, sozinho e abandonado, onde as longas adagas poderiam cravá-lo na tábua como se fosse um besouro; porém, corrigindo, seu rosto deveria estar voltado para a tábua, pois nenhum besouro é espetado pelo lado de baixo: e a ideia de estar com o rosto na escuridão da tábua, sem saber quando as adagas mortais voariam para atravessar seu coração e prendê-lo à tábua, tinha um atrativo tão extraordinário e misterioso, constituía um anseio de tamanha novidade e maturidade, que ele, como se fosse arrancado de um sonho de felicidade, se sobressaltou quando os tamborins, os tambores e as

trombetas da orquestra saudaram com júbilo o malabarista, que acabara de atirar, triunfante, a última adaga, enquanto a moça deslizava para fora da moldura que então se completara, e os dois, de mãos dadas, traçando com o braço livre arcos como saudação e executando uma pirueta simétrica, curvaram-se diante do público aliviado. Eram as trombetas do Juízo Final. O culpado seria pisoteado como um verme; por que não ser empalado como um besouro? Por que a Morte, em vez de carregar uma foice, não pode levar uma longa agulha, ou pelo menos uma lança? Sempre vivemos com medo de ser despertados para o Juízo Final, pois, mesmo que alguém, em algum momento, tivesse quase pensado em se juntar aos livres-pensadores, ainda assim tinha uma consciência. Ele ouviu Korn dizer:

— Isso foi incrível!

E soou como uma blasfêmia; e quando a Senhorita Erna comentou que, se pedissem a ela, tomaria muito cuidado para não ficar ali quase nua e ter facas lançadas contra si diante de toda a plateia, isso foi demais para Esch, e da maneira mais brusca ele afastou o joelho dela, que estava apoiado no seu; não se deveria levar pessoas assim para ver um entretenimento superior; intrusos sem consciência, era o que eram; e ele não ficou nem um pouco impressionado pelo fato de que a Senhorita Erna estava sempre correndo para se confessar; aliás, a vida de seus amigos de Colônia lhe parecia muito mais segura e respeitável.

Na Spatenbräu, Esch bebeu sua cerveja escura em silêncio. Ele ainda estava envolto por uma emoção que poderia ser chamada de nostalgia — em especial, quando essa emoção se transformou em um impulso de enviar um cartão-postal para a Mãe Hentjen. Claro que era natural que Erna acrescentasse uma linha: “Saudações cordiais de Erna Korn”, porém, quando Balthasar também insistiu em contribuir e, abaixo de suas palavras, “Saudações, Korn, Inspetor da Alfândega”, acrescentou uma linha firme e conclusiva em preto, foi como uma espécie de homenagem à Senhora Hentjen, o que amoleceu tanto Esch que ele ficou inseguro consigo mesmo: teria realmente cumprido completamente sua obrigação de retribuir a gentileza dos Korn? Na verdade, para encerrar a noite de maneira apropriada, ele deveria se dirigir à porta de Erna, e se não a tivesse afastado de maneira tão brusca, a porta decerto teria permanecido destrancada. Sim, considerado com rigor, esse deveria ser o final certo e adequado da noite, no entanto, ele nada fez para concretizá-lo. Uma espécie de paralisia o atingiu; não prestou mais atenção a Erna, não procurou por seu joelho, e nada aconteceu nem no caminho de volta para casa nem depois. Contudo, por alguma razão, sua consciência o incomodava, e resolveu mentalmente enfim já ter feito o bastante, e que poderia até causar problemas se mostrasse mais atenção à Senhorita Korn; ele sentiu um destino pairando sobre sua cabeça com uma lança

ameaçadora pronta para atacar se continuasse agindo como um porco, e sentiu que precisava permanecer fiel a alguém, mesmo que não soubesse quem era.

.

Enquanto Esch ainda sentia nas costas a punhalada da consciência, tão palpável que afirmava ter sido atingido por uma corrente de ar frio, e todas as noites se esfregava, até onde conseguia alcançar, com uma pomada quente, a Mãe Hentjen alegrava-se com os dois cartões-postais que ele lhe enviara, colando-os na moldura do espelho atrás do balcão, antes de preservá-los em definitivo em seu álbum de cartões-postais. À noite, ela os tirava e mostrava aos clientes habituais. Talvez ela fizesse isso também para evitar que alguém dissesse que ela mantinha uma correspondência secreta com um homem; pois, ao deixar os cartões circularem pela taberna, estes não eram mais dirigidos apenas a ela, mas ao estabelecimento, que era apenas incidentalmente personificado por ela. Por esse motivo, sentiu-se também feliz por Geyring assumir a tarefa de responder; no entanto, não quis que o Senhor Geyring gastasse dinheiro, então ela mesma providenciou no dia seguinte um cartão particularmente bonito, panorâmico, como era chamado, três vezes o comprimento de um cartão-postal comum, mostrando toda Colônia ao longo das margens azul-escuras do Reno, e deixando espaço para muitas assinaturas. Na parte superior, ela escreveu: “Muito obrigada pelos belos cartões-postais para a Mãe Hentjen”. Então Geyring deu a ordem:

— Senhoras primeiro!

E Hede e Thusnelda assinaram seus nomes. E então seguiram-se os nomes de Wilhelm Lassmann, Bruno May, Hoelst, Wrobek, Hülsenschmitt, John, o mecânico inglês Andrew, o marinheiro Wingast e, por fim, depois de vários mais, que mal podiam ser decifrados, o nome de Martin Geyring. Em seguida, Geyring escreveu o endereço: “SENHOR AUGUST ESCH, CHEFE DE CONTABILIDADE, DEPÓSITO DE REMESSAS, COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO DO RENO CENTRAL LIMITADA, MANNHEIM”, e entregou o produto final para a Senhora Hentjen, que, depois de ler com cuidado, abriu a gaveta do dinheiro para pegar da cesta de arame o selo postal necessário. Naquele instante, para ela, o enorme cartão, com a longa lista de assinaturas, parecia quase uma honra excessiva para Esch, que afinal não tinha sido um dos melhores clientes da taberna. Entretanto, como gostava de fazer com perfeição tudo o que fazia, e como no cartão enorme ainda restava, apesar de todos os nomes, espaço suficiente não apenas para ofender seu senso de proporção, mas também para fornecer a desejada oportunidade de colocar Esch em seu lugar preenchendo-o com um nome de alguém com cargo mais humilde, a Mãe Hentjen levou o cartão para a cozinha para que a empregada

pudesse assinar seu nome, duplamente satisfeita por ainda poder proporcionar à pobre moça uma satisfação sem custos.

Quando ela retornou à taberna, Martin estava sentado em seu lugar habitual, no canto próximo ao balcão, absorto na leitura de um de seus periódicos socialistas. A Senhora Hentjen sentou-se ao seu lado e, como costumava fazer, disse em tom de brincadeira:

— Senhor Geyring, o senhor vai acabar manchando a reputação de minha taberna se continuar usando-a o tempo todo para ler seus jornais sediciosos.

— Já estou bastante desgostoso com esses escrevinhadores de jornais — foi a resposta. — Nós, que fazemos todo o trabalho, enquanto eles enchem papéis com bobagens.

Mais uma vez, a Senhora Hentjen sentiu-se um pouco desapontada com Geyring, pois ela nunca desistira da esperança de que ele ainda expressasse algo revolucionário e cheio de ódio, em que pudesse alimentar seu próprio ressentimento contra o mundo. Ela mesma costumava folhear os periódicos socialistas; porém, na verdade, o que encontrava neles sempre parecia bastante inofensivo, então ela esperava que o discurso vivo de Geyring lhe desse mais do que a palavra impressa. Até certo ponto, ficou satisfeita por Geyring também não pensar muito nos escrevinhadores de jornais, pois sempre se sentia feliz quando alguém não pensava muito em outra pessoa; no entanto, por outro lado, ele continuava a frustrar suas expectativas. Não, não se tinha muito o que fazer com um anarquista desses, que ficava em seu escritório sindical como um sargento de polícia no dele, e a Senhora Hentjen mais uma vez ficou firmemente convencida de que toda a estrutura da sociedade não passava de uma conspiração entre os homens, que se juntavam para prejudicar e decepcionar as mulheres. Ela fez mais uma tentativa:

— O que o senhor não gosta nesses jornais, Senhor Geyring?

— Eles têm muita bobagem — resmungou Martin —; enchem a cabeça do povo com sua retórica revolucionária, e depois nós é que temos que pagar o pato.

A Senhora Hentjen não entendeu muito bem; além disso, ela não estava mais interessada. Porém, por cortesia, suspirou:

— Sim, a vida não é fácil.

Geyring virou uma página e respondeu distraído:

— Não, a vida não é fácil, Mãe Hentjen.

— E um homem como o senhor, sempre na ativa, sempre trabalhando desde cedo até tarde da noite...

— Para nós, ainda vai demorar muito para chegar a jornada de oito horas — disse Geyring quase com satisfação. — Primeiro será para todos os outros.

— E pensar que eles tentam tornar as coisas mais difíceis para você!
— disse a Senhora Hentjen, surpresa, balançando a cabeça e lançando um olhar para o penteado no espelho atrás do balcão.

— Sim, eles podem fazer muito barulho no Reichstag e no jornal, nossos amigos, os judeus — disse Geyring —, mas quando se trata do verdadeiro trabalho de organização, eles desaparecem.

Disso a Senhora Hentjen entendia; concordou indignada:

— Eles estão em todo lugar, esses judeus; têm todo o dinheiro e nenhuma mulher está a salvo deles. São como touros.

A velha expressão petrificada de repugnância espalhou-se de novo por seu rosto. Martin levantou os olhos do jornal e não pôde deixar de sorrir:

— Não são tão ruins assim, Mãe Hentjen.

— Ora, então o senhor está defendendo os judeus? — havia um tom de agressividade histérica em sua voz. — Mas vocês sempre se defendem, vocês homens... — e depois, de forma bastante inesperada:
— Uma garota em cada porto.

— Pode ser, Mãe Hentjen — riu Martin —, mas é difícil encontrar uma culinária tão boa quanto a de Mãe Hentjen em qualquer lugar.

A Senhora Hentjen acalmou-se:

— Talvez nem em Mannheim — disse ela, entregando a Geyring o cartão-postal que ele deveria enviar para Esch.

•

O diretor teatral Gernerth passou a pertencer ao círculo íntimo de amigos de Esch. Pois Esch, um homem impetuoso, já comprara um ingresso para a próxima apresentação no dia seguinte, não apenas porque desejava rever a corajosa garota, mas também para poder procurar, ao final do espetáculo, o um pouco surpreso Gernerth no escritório da administração e se apresentar como um espectador pagante. Além disso, aproveitou a oportunidade para agradecer mais uma vez pela agradável noite do dia anterior. O diretor Gernerth, que receava um pedido de novos ingressos gratuitos e já se preparava para recusá-los, precisou se mostrar, em vez disso, agradavelmente surpreso.

Diante desse acolhimento amigável, Esch permaneceu lá por um tempo e alcançou seu segundo propósito: conhecer o malabarista, Senhor Teltscher, e sua corajosa amiga, a Senhorita Ilona, ambos de origem húngara. Especialmente a Senhorita Ilona, que dominava muito pouco o alemão, enquanto o Senhor Teltscher, que atuava com o nome artístico de Teltini e falava inglês no palco, era natural de Pressburgo.

O Senhor Gernerth, por outro lado, era natural de Cheb, uma circunstância que trouxe grande alegria a Korn quando se

encontraram pela primeira vez. Afinal, Cheb e Hof são cidades tão próximas que Korn considerou uma extraordinária coincidência que duas pessoas quase compatriotas se encontrassem precisamente em Mannheim. No entanto, seus arroubos de alegria e sobressalto eram mais ou menos retóricos, pois o fato de encontrar um quase compatriota o deixaria indiferente em circunstâncias menos oportunas. Ele convidou Gernerth para visitar sua casa e conhecer sua irmã, talvez porque não suportasse a ideia de seu presumível cunhado ter amizades privadas próprias. Por motivos semelhantes, o Senhor Teltscher foi convidado, pouco tempo depois, para um café.

Assim, numa tarde de domingo monótona, todos estavam sentados à mesa redonda, sobre a qual, ao lado do bojudo bule de café, empilhava-se uma pirâmide artística de bolos, trazida por Esch, enquanto a chuva daquela tarde lúgubre de domingo escorria pelas vidraças. O Senhor Gernerth principiou a dizer, tentando engatar a conversa:

— O senhor vive num lugar muito agradável, senhor inspetor da alfândega; um lugar espaçoso, cheio de luz... — e olhou pela janela para a túrbida e tristonha rua da periferia, onde a chuva formava grandes poças d'água. A Senhorita Erna observou que era realmente um imóvel pequeno, conveniente às suas condições, mas um lar próprio era a única coisa que poderia tornar a vida doce. O Senhor Gernerth tornou-se elegíaco: nenhum lugar como o lar, sim, poderia muito bem dizer isso, mas para um artista aquilo consistia num sonho inatingível; não, para ele não existia lar; ele tinha um apartamento, é verdade, um apartamento agradável e confortável em Munique, onde sua esposa vivia com os filhos, porém, naquele momento, era quase um estranho para sua família. Por que não os levava consigo? Não era vida para crianças, sempre de mudança. E além disso... Não, seus filhos nunca seriam artistas, seus filhos não. Evidentemente, ele era um pai carinhoso, e tanto Esch quanto a Senhorita Erna sentiram-se comovidos por sua generosidade. Talvez porque se sentisse solitário, Esch comentou:

— Eu sou órfão, mal conheci minha mãe.

— Coitado! — disse a Senhorita Erna.

Mas o Senhor Teltscher, que não parecia apreciar esse tema lúgubre, fez uma xícara de café girar na ponta do dedo, fazendo todos rirem, exceto Ilona, que permanecia impassível em sua cadeira, como se descansasse dos sorrisos constantes com os quais tinha de embelezar suas noites. Visto de perto, ela não era tão encantadora e frágil quanto parecia no palco; podia até ser considerada um pouco rechonchuda; seu rosto estava levemente inchado, com pesadas bolsas sob os olhos, cobertas de sardas, e Esch, com desconfiança, começou a suspeitar de que aqueles seus lindos cabelos loiros também poderiam ser uma

peruca; no entanto, suas suspeitas desapareciam sempre que ele via facas zunindo ao lado dela. Então, percebeu que os olhos de Korn também estavam acariciando aquele corpo, e ele tentou chamar a atenção de Ilona, perguntando se ela gostava de Mannheim, se já tinha visto o Reno e outras perguntas geográficas. Infelizmente, suas tentativas foram malsucedidas, pois Ilona só respondia de vez em quando e no momento errado: — Sim, obrigada! — e parecia não querer ter nada a ver nem com ele nem com Korn; ela tomava seu café com seriedade, e mesmo quando Teltscher sussurrava algo em seu idioma materno, algo claramente desagradável, ela mal prestava atenção. Entrementes, a Senhorita Erna estava contando a Gernerth que uma vida familiar feliz era a coisa mais bonita do mundo, e ela dava chutes em Esch com a ponta do pé, fosse para encorajá-lo a seguir o exemplo de Gernerth, fosse apenas para desviar sua atenção da húngara, cuja beleza, no entanto, ela elogiava. Pois o desejo ávido com que seu irmão olhava para a garota não escapou ao seu olhar de caninana, e ela achou mais conveniente que aquela encantadora mulher caísse nas graças de seu irmão em vez de nas de Esch. Então, ela acariciou as mãos de Ilona e elogiou-lhe o aspecto níveo, puxou a manga da camisa da garota para cima, comentou que aquela senhorita tinha uma pele muito fina, e que Balthasar deveria confirmá-lo. Balthasar estendeu sua pata peluda. Teltscher riu e disse que todas as húngaras têm uma pele macia como seda, ao que Erna, que também tinha sua própria pele, respondeu que tudo dependia de cuidados e que ela lavava o rosto todos os dias com leite. Gernerth concordou com ela de maneira indubitável, dizendo que ela tinha uma tez maravilhosa, de fato internacional, de modo que o rosto enrugado da Senhorita Erna iluminou-se com um largo sorriso, mostrando dentes amarelados e um espaço entre eles no lado esquerdo do maxilar superior, e ela corou até às têmporas, onde pendiam pequenos fios castanhos um pouco desbotados.

À medida que anoitecia, a mão de Korn apertava com mais firmeza a de Ilona, e a Senhorita Erna aguardava que Esch, ou pelo menos Gernerth, fizesse o mesmo com a dela. Ela hesitou em acender a lâmpada, sobretudo porque temia a reprovação categórica de Balthasar, mas, no final, precisou se levantar para buscar o licor caseiro, orgulhosamente guardado em uma garrafa azul sobre a cômoda. Ao anunciar com orgulho que a receita era um segredo seu, a garota serviu a bebida, que tinha um leve sabor de cerveja choca, mas que, na opinião de Gernerth, era deliciosa, opinião que ele reforçou beijando-lhe a mão. Esch recordou que a Mãe Hentjen não suportava bebedeiras, e isso o encheu de satisfação, pensando que ela teria muitas objeções contra Korn, que entornava um copo atrás do outro, estalando a língua e lambendo o escuro e hirsuto bigode. Korn

também serviu Ilona, e talvez fosse por causa de sua indiferença e imobilidade imutáveis que ela lhe permitiu levar o copo aos seus próprios lábios e não deu a mínima importância quando ele tocou a borda do mesmo copo com os lábios e o bigode, declarando que era um beijo. É possível que Ilona não tenha compreendido, mas Teltscher deveria perceber o que estava acontecendo, e era inacreditável que ele assistisse impassível. Talvez estivesse sofrendo interiormente, contudo, era educado demais para fazer uma cena. Esch sentiu uma grande vontade de intervir em seu lugar, mas então lembrou-se do tom áspero com que Teltscher exigia os serviços da corajosa garota no palco. Será que tentava deliberadamente humilhá-la? Algo precisava ser feito, alguém deveria proteger Ilona! No entanto, Teltscher simplesmente o cumprimentou jovialmente, tocando-o no ombro e chamando-o de colega e confrade, e quando Esch o olhou de modo interrogativo, apontou para os dois casais e disse:

— Nós, solteiros, devemos nos manter unidos.

— Eu preciso me compadecer de vocês — respondeu a Senhorita Erna, mudando de lugar para se sentar entre Esch e Gernerth. Mas Gernerth respondeu com um tom ofendido:

— Claro, os pobres artistas sempre são menosprezados... ah, esses comerciantes!

Teltscher declarou que Esch não deveria permitir aquilo, pois apenas na profissão de comerciante se encontrava solidez e uma visão mais ampla. O mercado teatral em si poderia ser considerado, evidentemente, como um ramo do comércio, e até mesmo o mais difícil de todos, com todo o respeito ao Senhor Gernerth, que não era apenas seu diretor, mas de certa forma também seu parceiro e, claro, um comerciante competente, mesmo que nem sempre soubesse explorar as possibilidades de sucesso de maneira adequada. Teltscher-Teltini podia opinar com conhecimento de causa, pois havia começado como comerciante antes de se dedicar à profissão de artista.

— E como termina essa cantilena? Aqui estou eu, quando poderia ter excelentes contratos nos EUA... ou meu número não é de primeira?

Uma vaga lembrança surgiu na mente de Esch: por que tanto elogio à classe dos comerciantes? A tão alardeada solidez não era tão sólida quanto pensavam. Ele disse isso francamente e concluiu:

— É claro que há uma grande diferença, por exemplo, entre Nentwig e o presidente Von Bertrand, ambos são homens de negócios, mas um é um porco e o outro... ora, é algo diferente, algo melhor.

Korn resmungou com desprezo que Bertrand era um oficial desertor, todos sabiam disso, não podia se orgulhar de nada. Esch não ficou descontente ao ouvir isso: então a diferença não era tão grande afinal! Mas isso não alterava nada; Bertrand era algo melhor, e, de qualquer

forma, essas eram especulações nas quais Esch não tinha o desejo de se aprofundar muito. Entretanto, Teltscher continuava falando a respeito dos EUA: lá, tudo era maravilhoso, poderia se chegar muito longe, sem a necessidade de se matar trabalhando inutilmente como aqui. E ele citou: “EUA, onde tudo é fácil”.

Gernerth suspirou; sim, se pelo menos fosse um empresário melhor, as coisas seriam diferentes: ele já fora muito rico, porém, apesar de todo o seu talento comercial, tinha a confiança infantil de um artista e foi defraudado de todo o seu capital, quase um milhão de marcos, puro golpe. Sim, o Senhor Esch bem poderia olhar para ele: o diretor Gernerth já fora um homem rico! *Tempi passati*. Mas ele se reergueria. Ele tinha a ideia de um monopólio teatral, uma sociedade anônima cujas ações as pessoas lutariam para ter. Só era preciso se adaptar aos tempos atuais, e, claro, angariar o capital. Beijando novamente a mão da Senhorita Erna, ele pediu que enchesse seu copo novamente e disse, lambendo os lábios:

— Delicioso — ainda segurando a mão dela, que permanecia voluntariamente entregue.

Esch, contudo, sobrecarregado pelo que ouvira e absorto em pensamentos, mal percebeu que o sapato da Senhorita Erna pressionava o seu, e só viu como que de longe e na escuridão a mão amarela de Korn repousando sobre o ombro de Ilona, sendo fácil adivinhar que Balthasar Korn envolvera o poderoso braço ao redor do pescoço da moça.

Eventualmente, tiveram que acender a luz, e todos começaram a falar ao mesmo tempo, exceto Ilona, que permaneceu em silêncio. E, como a hora da peça se aproximava e não queriam se separar, Gernerth convidou seus anfitriões a assistir ao espetáculo. Prepararam-se e pegaram o bonde para o centro da cidade. As duas senhoras sentaram-se dentro do bonde, enquanto os cavalheiros ficaram na plataforma fumando seus charutos. Gotas frias de chuva espirravam de quando em quando em seus rostos aquecidos, proporcionando uma sensação agradável.

.

O comerciante de quem August Esch costumava comprar seus charutos a preços acessíveis chamava-se Fritz Lohberg. Era um homem jovem, com aproximadamente a mesma idade de Esch, e talvez por isso Esch, que normalmente lidava com pessoas mais velhas, tratava-o como se fosse um tolo. No entanto, esse tolo lhe devia ter alguma importância, e de fato deveria ter dado a Esch motivos para refletir por que, justamente nesta loja, ele se sentia tão à vontade a ponto de se tornar um cliente regular. Naturalmente, a loja ficava em seu caminho, mas isso não justificava que logo se sentisse tão em casa.

Sem dúvida, era muito organizada, um lugar agradável para passar o tempo: o aroma leve e puro do tabaco que preenchia o ambiente proporcionava uma sensação agradável no nariz, e era agradável deslizar a mão sobre o balcão polido, em que, numa das extremidades, jaziam sempre algumas caixas abertas de charutos de amostra e uma caixinha de fósforos ao lado do caixa automático, lindamente niquelado. Ao fazer uma compra, recebia-se gratuitamente uma caixa de fósforos, um gesto de delicada generosidade. Havia também um enorme cortador de charutos que o Senhor Lohberg tinha sempre à mão, e se alguém quisesse acender logo o charuto, bastava estendê-lo a Lohberg, que cortava a ponta com um breve estalo. Era um bom lugar para passar o tempo; naturalmente ensolarado e agradável atrás de suas vitrines brilhantes, e, nesses dias frios, repleto de um calor suave e agradável que se estendia pelo chão de azulejos brancos, benevolmente diferente da atmosfera excessivamente aquecida e empoeirada da gaiola de vidro do armazém. Tudo isso era suficiente para tornar agradável a visita a este lugar após o trabalho ou durante o intervalo do almoço. Na época, elogiava-se a ordem e reclamava-se da sujeira em que tinham que trabalhar; contudo, isso não era levado muito a sério, pois Esch sabia perfeitamente que a bela ordem que mantinha em seus livros e listas de armazém não podia ser transferida para os montes de caixas, fardos e barris, por mais que o encarregado assim o quisesse. Ali na loja, ao contrário, reinava uma ordem estranhamente tranquilizadora e uma precisão quase feminina, o que parecia ainda mais estranho para Esch, já que era difícil ou, pelo menos, desconfortável imaginar que mulheres pudessem vender charutos; apesar de toda a limpeza, tratava-se de um trabalho masculino, algo que o fazia pensar na boa camaradagem: assim deveria ser a amizade entre homens, e não tão ocasional e grosseira quanto a solidariedade desordenada de um secretário sindical. No entanto, essas questões não ocupavam realmente a mente de Esch; surgiam apenas de modo incidental. Por outro lado, era engraçado e curioso que Lohberg não estivesse satisfeito com a sorte que teve, e que poderia tê-lo deixado feliz, e mais engraçadas ainda eram as razões que Lohberg apresentava e que claramente demonstravam que ele era um idiota. Pois, embora tivesse pendurado um cartaz de papelão no caixa automático dizendo “FUMAR NÃO PREJUDICA NINGUÉM”, e embora anexasse às caixas de charutos belos cartões que, além de indicar o endereço comercial e as especialidades, traziam escritos os versos “QUEM USA FUMO NATURAL, JAMAIS HÁ DE IR A UM HOSPITAL”, ele mesmo não acreditava nisso; fumava seus próprios cigarros apenas por senso de dever e má consciência, e, no constante temor do mal chamado de câncer de fumante, experimentava no coração, no estômago, na faringe, os efeitos nefastos da nicotina. Era

um homenzinho magro, com um escuro esboço de bigode e olhos sem brilho, nos quais o branco se destacava, e tanto seus modos quanto seus movimentos, um pouco sinuosos, contrastavam de maneira tão chocante com todas as suas convicções quanto o negócio que ele tocava e não tinha intenção de trocar por outro: não via apenas no tabaco o envenenamento do povo e o desperdício do bem-estar nacional, repetindo constantemente que era preciso libertar o povo desse veneno, mas também era defensor de uma vida e essência alemãs autênticas, grandiosas e naturais, e sua maior lamentação residia em não poder ostentar uma musculatura e uma loirice retumbantes. Ele compensava um pouco essa desvantagem sendo membro de associações antialcoólicas e vegetarianas, e, por isso, tinha ao lado da caixa registradora um bom número de revistas especializadas que lhe eram enviadas, em sua maioria, da Suíça. Não havia dúvida de que era um idiota.

Pois Esch, que gostava de fumar charutos, comer carne em grandes porções e beber vinho sempre que surgia a ocasião, talvez não fosse tão profundamente impressionado pelos argumentos do Senhor Lohberg, apesar das frases persuasivas sobre salvar o povo que sempre se repetiam, se não tivesse notado um curioso paralelismo com os princípios da Mãe Hentjen. Naturalmente, a Mãe Hentjen era uma mulher sensata, até mesmo excepcionalmente sensata, e, por isso, suas opiniões não tinham nada em comum com a linguagem empregada por Lohberg. No entanto, quando Lohberg, fiel às convicções calvinistas que lhe chegavam da Suíça nos panfletos, insurgia como um pastor contra os prazeres sensuais e, ao mesmo tempo, como um orador socialista dirigindo-se a uma audiência de livres-pensadores, defendia uma vida livre e simples no seio da natureza; quando, de maneira modesta, deixava entender que havia algo de errado com o mundo, um erro flagrante nos livros que só poderia ser corrigido pela introdução de algo novo e maravilhoso — em toda essa confusão, apenas uma coisa era absolutamente clara: a taberna da Mãe Hentjen encontrava-se na mesma situação da tabacaria de Lohberg. Ela dependia para o seu sustento dos homens que bebiam em suas mesas, e ela também odiava o seu negócio e seus clientes. Sem dúvida, era uma coincidência estranha, e Esch chegou a pensar em escrever para a Senhora Hentjen para lhe contar a respeito disso, pois seria do interesse dela. Porém, desistiu da ideia ao refletir que a Senhora Hentjen poderia considerar estranho, talvez até se sentir insultada, ao ser comparada a um homem que, apesar de todas as virtudes, era um idiota. Então, guardou essa informação para quando a visse; de qualquer forma, em breve teria de ir a Colônia a trabalho.

•

Não obstante, o caso de Lohberg ainda valia a pena ser discutido;

numa noite em que Esch compartilhava a mesa com Korn e a Senhorita Erna, não foi possível evitar falar a respeito do assunto.

Os dois irmãos, naturalmente, conheciam o comerciante de tabaco. Korn comprara algumas vezes em sua loja, mas não havia notado nenhuma das peculiaridades do homem.

— Não diria isso só de olhar para ele — expressou, após uma série de pensamentos internos, concordando com a opinião de Esch de que aquele homem era um idiota. A Senhorita Erna, por outro lado, parecia ter uma aversão violenta àquele sócia espiritual da Senhora Hentjen e perguntou bruscamente se a Senhora Hentjen por acaso seria a dona do coração do Senhor Esch, há muito mantida em segredo. Deve sem dúvida ser uma dama muito virtuosa, mas a Senhorita Erna cria ser tão boa quanto. Quanto aos escrúpulos virtuosos do Senhor Lohberg, é claro que não era agradável quando um homem deixava as cortinas fedorentas com seu fumo costumeiro, como era o caso de seu irmão. No entanto, por outro lado, sabia-se pelo menos que havia um homem na casa.

— Um homem que não faz nada além de beber água... — ela procurava as palavras — me causa repugnância.

E então perguntou se o Senhor Lohberg sabia o que era ter uma mulher.

— Garanto que aquele idiota ainda é um virgem — disse Esch, e Korn, prevendo que ainda poderia tirar proveito dele, exclamou:

— Um casto José!

De qualquer forma, fosse por esse motivo, fosse porque queria manter um olho em seu inquilino, ou simplesmente por puro acaso, Korn também se tornou um cliente regular de Lohberg, e Lohberg encolhia-se toda vez que o senhor inspetor da alfândega entrava estrondosamente em sua loja. Não acalentava um medo infundado. Algumas noites depois, pouco antes do horário de fechar, Korn apareceu com Esch e ordenou:

— Prepare-se, rapaz; hoje à noite você vai perder sua virgindade.

Lohberg revirou os olhos impotente e apontou para um homem com farda do Exército de Salvação que estava na loja.

— Um mascarado? — disse Korn, e Lohberg, gaguejando, apresentou o homem:

— Um amigo meu.

— Nós também somos amigos — respondeu Korn, estendendo a mão ao soldado do Exército de Salvação.

Ele era um jovem ruivo, um tanto sardento, que aprendera que é preciso ser amigável com todas as almas; ele sorriu para Korn e tentou melhorar a situação para Lohberg:

— O irmão Lohberg prometeu se engajar em nossas fileiras esta

noite. Vim buscá-lo.

— Ora, se você vai engajar, nós vamos também!

Korn estava entusiasmado.

— Somos todos amigos.

— Todo amigo é bem-vindo — disse o alegre homem do Exército de Salvação.

Lohberg não foi consultado; ele tinha uma expressão de ladrão pego em flagrante e fechou a loja com ar envergonhado. Esch acompanhara os acontecimentos com grande diversão, porém, como a prepotência de Korn o irritava, deu tapinhas benevolentes no ombro de Lohberg, reproduzindo exatamente o gesto que Teltscher costumava fazer consigo.

Dirigiram-se ao bairro Neckar. Na Käfertaler Strasse, já podiam ouvir o som dos tambores e címbalos, e os pés de soldado de Korn, como se lembrassem do tempo no exército, marchavam no ritmo. Ao chegarem ao final da rua, viram sob o fim do crepúsculo o grupo do Exército de Salvação parado na esquina do parque. Caíra uma neve fina e úmida, e, onde se reunia o grupo, esta derreteria em uma lama negra que encharcava as botas. O tenente estava em pé em um banco e gritava na escuridão crescente:

— Venham até nós e sejam salvos, pobres pecadores errantes, o Salvador está próximo!

Porém, apenas alguns responderam ao seu chamado, e quando seus soldados, batendo tambores e címbalos, cantaram a respeito do amor redentor e entoaram o coro: “Senhor Deus dos Exércitos, salva, oh, salva nossas almas do Inferno”, quase ninguém na multidão se juntou, e era óbvio que a maioria estava apenas assistindo ao espetáculo por curiosidade. Embora os honestos soldados continuassem cantando com entusiasmo, e as duas garotas batessem forte nos címbalos, a multidão ia escasseando à medida que a luz diminuía, e logo ficaram sozinhos com o tenente, tendo como única plateia Lohberg, Korn e Esch. Mesmo assim, Lohberg provavelmente gostaria de se juntar ao hino, e de fato o teria feito sem se sentir envergonhado ou intimidado por Esch e Korn se Korn não o cutucasse continuamente nas costelas, dizendo:

— Cante, Lohberg!

Não foi uma situação muito agradável para Lohberg, e ele ficou aliviado quando um policial chegou e ordenou que se retirassem. Todos se dirigiram para a cervejaria Thomasbräu. E no entanto, foi quase uma pena que Lohberg não tivesse se juntado ao canto; sim, então talvez um milagre menor pudesse ter acontecido, pois não teria sido preciso muito para fazer Esch também erguer a voz em louvor ao Salvador e Seu amor redentor; de fato, apenas um leve impulso teria

sido necessário, e talvez o som da voz de Lohberg pudesse ter proporcionado justo isso. Contudo, já era algo do passado.

Esch não compreendia o que acabara de acontecer ali fora: as duas garotas bateram os tambores quando o tenente, de pé no banco, lhes deu o sinal, e isso o lembrava estranhamente das ordens que Teltscher dava a Ilona no palco. Talvez tenha sido a repentina e gelada calma do entardecer, que se silenciava ali nos limites da cidade, assim como a música se silenciava no teatro; ou a imobilidade dos ramos escuros das árvores, que se destacavam rígidos contra o céu cada vez mais escuro, enquanto, atrás deles, acendiam-se na praça as luzes em arco. Tudo permanecia incompreensível. O frio penetrante da neve derretida atravessava seus sapatos, porém, não era apenas por isso que Esch teria preferido estar no banco seco, pregando a redenção e a salvação. Ele sentia dentro de si outra vez aquela estranha sensação de solidão órfã, e de súbito lhe ficou terrivelmente claro que teria de morrer completamente só. Surgiu-lhe uma esperança vaga, porém inesperada, de que as coisas seriam melhores, muito melhores, se ele pudesse estar em cima daquele banco: viu Ilona diante dele, uma Ilona vestida com a farda do Exército de Salvação, olhando para ele à espera de um gesto redentor para tocar o tambor e entoar o hino. No entanto, Korn estava ao seu lado com seu sorriso de coelho, aparecendo entre as grandes golas viradas da capa aduaneira molhada, e essa visão fez com que a esperança se desvanecesse. A boca de Esch torceu-se, sua expressão tornou-se desprezível, e de súbito quase se deu por satisfeito por não existir comunidade. De qualquer forma, também se sentiu aliviado por o policial tê-los dispersado.

Adiante estava Lohberg com o soldado do Exército de Salvação, com manchas de lama, e uma das duas garotas. Esch pisoteava a neve atrás deles. Sim, seja batendo o tambor ou lançando pratos, basta ordenar, é sempre a mesma coisa, e a única coisa que varia é o traje. Eles entoam cânticos sobre o amor em qualquer lugar. “Amor perfeito e redentor”. Esch não pôde conter o riso e decidiu expressar sua opinião à corajosa garota do Exército de Salvação. Quando chegaram perto da cervejaria Thomasbräu, a garota deteve-se, apoiou o pé em uma saliência do muro, inclinou-se e começou a amarrar os cadarços das botas molhadas e disformes. Nessa posição, encolhida, com o chapéu de palha preto inclinado sobre os joelhos, ela parecia uma massa completamente desumana, uma abominação da natureza, embora possuísse, no entanto, certa eficácia mecânica, por assim dizer. Esch, que em outras circunstâncias teria aproveitado essa postura para dar um tapa na parte mais saliente do corpo, assustou-se um pouco ao perceber que não sentia nenhum desejo de fazê-lo, quase lhe pareceu que mais uma ponte havia se desmoronado entre ele e seus

semelhantes, e sentiu nostalgia de Colônia. Naquela ocasião, na cozinha, ele desejara colocar as mãos sob os seios dela; sim, à Mãe Hentjen permitia-se que se curvasse para amarrar os sapatos. Entretanto, como todos os homens têm pensamentos semelhantes, Korn, que quando estava de bom humor tuteava todos, apontou para a garota:

— Acha que ela deixaria?

Esch lançou-lhe um olhar venenoso, mas Korn persistiu em sua ideia:

— Garanto que se aproveitam, os soldados.

Entretanto haviam chegado à Thomasbräu e entraram na clara e barulhenta sala, onde predominava um aroma agradável de assado, cebola e cerveja.

Ali, Korn enfrentou uma decepção, pois os membros do Exército de Salvação não foram persuadidos a se sentarem à mesa. Em vez disso, despediram-se e se reuniram na sala para vender seus jornais. Esch também preferiria não ter ficado sozinho na companhia de Korn. Ainda havia um resquício de esperança em sua alma de que essas pessoas pudessem trazer de volta o que ele sentira debaixo das árvores escuras, algo que ainda não conseguira compreender. No entanto, por outro lado, era bom que estivessem fora do alcance das provocações de Korn. Seria ainda melhor se levassem Lohberg consigo, pois Korn estava ansioso para tirar sarro dele, tentando fazer com que o pobre violasse seus princípios com uma porção de carne com cebola e uma caneca de cerveja. Contudo, o indefeso permaneceu firme, dizendo calmamente:

— Não se brinca com a vida das pessoas — e não tocou nem na carne nem na cerveja.

Korn, mais uma vez desapontado e furioso, precisou resignar-se a consumir tudo aquilo sozinho para que o garçom não os levasse intactos. Esch contemplava o resíduo escuro em sua caneca; era absurdo pensar que a salvação dependia de beber ou não. No entanto, sentia-se quase grato ao gentil e obstinado idiota. Lohberg permanecia sentado, sorrindo, e às vezes parecia que lágrimas poderiam brotar de seus grandes olhos brancos. Quando os membros do Exército de Salvação se aproximaram outra vez, levantou-se e parecia prestes a gritar algo para eles. Contra as expectativas de Esch, ele não o fez; limitou-se a permanecer de pé. De súbito, sem mais nem menos, pronunciou uma palavra sem sentido, incompreensível para todos que a ouviram; em voz alta e clara, disse: “Redenção”, e depois sentou-se novamente. Korn olhou para Esch e Esch olhou para Korn. Porém, quando Korn levou o dedo à testa, indicando com um movimento circular o estado mental de Lohberg, a situação mudou de maneira extraordinária e aterradora. Parecia que a palavra “redenção”, então proferida, pairava sobre a mesa, sustentada — mas, ao mesmo tempo,

livre — por um mecanismo invisível e giratório. E embora o desprezo por Lohberg não diminuísse, parecia que o reino da redenção existia, podia existir, deveria existir, mesmo que apenas porque Korn, aquele pedaço de carne morta com largas nádegas, estava sentado na cave da Thomasbräu, incapaz de pensar além da próxima esquina, quanto mais até os confins da liberdade redimida. E, embora Esch não pretendesse se tornar um modelo de virtude, em vez disso, bateu na mesa com a caneca para pedir outra cerveja, mas ficou em silêncio como Lohberg. No momento que, ao se levantarem da mesa, Korn propôs procurar mulheres com o casto José, Esch se recusou a acompanhá-lo, deixou um desapontado Balthasar Korn plantado na rua e acompanhou o comerciante de tabaco para casa, ouvindo com grande satisfação os impropérios que Korn gritava atrás deles. A neve cessara, e, no sopro suave do vento que se levantara, as palavras desagradáveis flutuavam como vaporosas fitas de primavera.

.

Nessa extraordinária opressão que se abate sobre todo ser humano quando, deixada para trás a infância, começa a perceber que deverá seguir, sozinho e sem pontes, em direção ao seu encontro exclusivo com a morte; nessa extraordinária opressão, que realmente pode ser chamada de temor divino, o homem busca uma companhia para poder, de mãos dadas, avançar em direção ao portal sombrio. E quando a experiência lhe ensina quão indubitavelmente prazeroso é deitar-se com outro ser humano, pensa que essa união íntima da pele pode durar até o túmulo: mesmo que muitas coisas pareçam repugnantes, seja porque acontecem entre lençóis ordinários e mal arejados, seja porque se poderia acreditar que a única preocupação de uma garota é ser protegida por um homem nos últimos anos de sua vida, nunca se deve esquecer de que qualquer ser humano — mesmo de pele amarelada, pequeno, magro, que lhe falte visivelmente um dente na parte superior esquerda — invoca com seus gritos, apesar do espaço dental, aquele amor que deve preservá-lo da morte pela eternidade. Um medo da morte que desce diariamente com a noite sobre a criatura que dorme sozinha, um medo que a lambe e a envolve como uma chama no momento em que ela se despe, como faz a Senhorita Erna: desabotoa a desbotada blusa de veludo vermelho e deixa cair a saia verde-escuro, assim como a anágua. Também tira os sapatos; porém, mantém as meias e o saiote branco; sim, não consegue decidir desabotoar o espartilho. Sente-se angustiada, mas oculta essa angústia por trás de um sorriso astuto e, sob a luz bruxuleante da vela que arde sobre o criado-mudo, desliza na cama sem se despir por completo.

Não demorou muito para ouvir os passos de Esch no vestíbulo; ele fazia bastante barulho, muito mais do que as tarefas de que se

incumbia o exigiam. Talvez essas tarefas em si nem fossem realmente necessárias, afinal, por que ele precisaria buscar água pela segunda vez? E o balde não era tão pesado a ponto de ele precisar deixá-lo no chão com tanto estrondo, sobretudo em frente à porta de Erna. Cada barulho que a Senhorita Erna ouvia, não queria ficar para trás e respondia com outro barulho: ajeitava-se na cama rangente, batia de propósito na parede e, como se estivesse meio adormecida, suspirava: — Meu Deus! — Recorria também à tosse e ao pigarro. Mas Esch era um homem de comportamento impulsivo e, depois de se comunicarem telegraficamente assim por um tempo, entrou decidido no quarto da mulher.

Lá estava a Senhorita Erna deitada em sua cama, sorrindo de forma astuta e travessa, mas ao mesmo tempo amigável, exibindo o espaço onde faltava um dente. Na verdade, ele não gostava muito dela. Mesmo assim, ignorou suas advertências:

— O que é isso, Senhor Esch! Por favor, saia já daqui! — e permaneceu tranquilamente no quarto, não apenas porque era uma pessoa de sensibilidade grosseira, como a maioria dos homens; não apenas porque duas pessoas de sexo oposto que vivem sob o mesmo teto dificilmente podem escapar à mecânica de sua corporalidade e honrá-la irrefletidamente com o pensamento “por que não?”; não apenas porque pressentia o mesmo nela e desconsiderava suas advertências; não o fez apenas para seguir o impulso de seus instintos mais baixos, mesmo que entre eles também estivesse o ciúme, que desperta em qualquer homem ao ver uma garota flertando com alguém como o Senhor Gernerth. Esch o fez porque, para ele, o prazer que todo homem pensa buscar como um fim em si mesmo serve a um propósito superior, algo que ele mal intui, mas que sente a necessidade de obedecer. Não é nada além da compulsão de aliviar aquele medo poderoso que se estende além de si mesmo, ainda que às vezes pareça ser apenas o medo que assombra o viajante de negócios quando se deita em uma solitária cama de hotel, longe da mulher e dos filhos; o medo e o prazer do viajante que se deita com uma camareira feia e envelhecida, às vezes usando obscenidades dolorosas e muitas vezes sentindo remorso. Esch, naturalmente, ao deixar o balde bater violentamente no chão, não pensava na solidão que caíra sobre ele desde que deixou Colônia, nem na solidão que reinava no palco momentos antes de Teltscher fazer suas facas brilhantes assobiarem. No entanto, naquele instante, ao sentar-se na borda da cama da Senhorita Erna e inclinar-se sobre ela com desejo, queria algo mais do que o homem comum quer no calor do momento. Por trás do que aparenta ser tão tangível e vulgar, sempre há a nostalgia, a nostalgia da alma aprisionada que busca a redenção de sua solidão por meio de uma salvação que valeria para ele e para ela, talvez para

todos os homens, e sem dúvida também para Ilona. Uma salvação que a mulher Erna não poderia proporcionar, porque nem ela nem ele sabiam o que ele buscava. Por isso, a raiva que o dominou quando ela não permitiu que ele chegasse ao final e o rejeitou suavemente com as palavras “Quando formos marido e mulher”, não foi apenas a raiva do homem desgostoso, nem o aborrecimento de ter descoberto a farsa de suas roupas; era algo mais, era desespero que transparecia em suas palavras, mesmo que tivessem a aparência de algo nobre, quando, desiludido, respondeu: “Bom, então não”. E mesmo que a recusa tenha sido para ele como um aviso de Deus indicando a castidade, ele saiu de imediato da casa em busca de uma garota mais complacente. Isso magoou profundamente Erna.

•

Desde aquela noite, desencadeou-se uma guerra aberta entre Esch e a Senhorita Erna. Ela não deixava passar nenhuma oportunidade de provocar o desejo de Esch, e ele, com a mesma avidez, aproveitava qualquer pretexto para renovar sua tentativa e atrair a mulher relutante para sua cama sem qualquer promessa de casamento. As hostilidades começavam pela manhã, quando ela trazia o café da manhã para o quarto antes que ele estivesse devidamente vestido, uma atenção materna e lasciva que o enfurecia, e cessava à noite, tanto se ela trancasse a porta como se o permitisse entrar. Nenhum dos dois jamais mencionava a palavra “amor”, e o fato de que o ódio aberto não eclodisse entre eles, mas fosse dissimulado em piadas maldosas, devia-se simplesmente ao fato de que ainda não haviam se possuído mutuamente.

Esch costumava pensar que com Ilona as coisas seriam diferentes e melhores; no entanto, por incrível que parecesse, seus pensamentos não ousavam se elevar a ela. Ilona era algo superior, assim como o presidente Bertrand, de certa forma, também o era. E Esch nem se importava muito que uma das brincadeiras de Erna fosse frustrar qualquer oportunidade de ele se encontrar com Ilona; na verdade, ele ficava até contente com isso, por mais amargas que fossem as tolices e pilhérias irônicas dela. Entretanto, Ilona estava quase todos os dias na casa, e entre ela e Erna crescera uma espécie de amizade, mas o que poderiam ver uma na outra era incompreensível para Esch. Quando ele chegava em casa e percebia o perfume barato e penetrante de Ilona, que sempre o excitava, encontrava as duas mulheres envolvidas em um estranho diálogo, quase mudo: Ilona não aprendera praticamente nenhuma palavra de alemão, e a Senhorita Erna era obrigada a se contentar em acarinhar a amiga, colocando-a diante do espelho e mexendo com admiração em seu penteado e em seus vestidos. Esch se sentia excluído. Erna parecia querer ocultar dele até mesmo a presença da amiga. Certa noite, enquanto estava sentado

inocentemente em seu quarto, a campainha da porta tocou. Ele ouviu Erna abrindo a porta e não teria pensado mais nada sobre o assunto se não tivesse ouvido de repente a chave de sua porta sendo virada. Esch lançou-se em direção à porta: estava trancada! Aquela mulher o trancara! E embora normalmente ele devesse ignorar aquela brincadeira boba, o impulso de rebeldia foi mais forte e ele começou a gritar descontroladamente e a bater na porta, até que enfim a Senhorita Erna a abriu e deslizou para dentro do quarto com um sorriso de coelho. — Agora — disse ela — já posso cuidar de você... Temos uma visita, mas Balthasar está lhe fazendo companhia — Esch saiu furioso dali.

Numa noite em que chegou tarde em casa, sentiu de novo o perfume de Ilona na entrada. Então ela deve ter estado ali de novo, ou ainda deveria estar ali, porque agora ele viu seu chapéu pendurado no gancho. Mas onde poderia estar? A sala estava escura. Korn estava roncando no quarto ao lado. Ela simplesmente não poderia ter ido embora sem o chapéu! Esch escutou à porta de Erna; veio-lhe à mente a ideia perturbadora e opressiva de que as duas mulheres estavam ali deitadas, lado a lado. Experimentou puxar a maçaneta com todo cuidado; a porta não cedeu; estava trancada, como sempre quando a Senhorita Erna realmente queria dormir. Esch encolheu os ombros e foi para seu quarto de maneira ruidosa. Porém, ele não conseguia descansar na cama; espiou no corredor; o perfume ainda pairava no ar e o chapéu ainda estava lá. Algo não estava certo, dava para sentir. E Esch percorreu a casa furtivamente. Parecia-lhe que podia ouvir sussurros no quarto de Korn; Korn não era o tipo de falar sussurrando, e Esch procurou escutar com mais atenção; de repente, Korn gemeu, inequivocamente gemeu, e Esch, um homem que não tinha motivos para ter medo de alguém como Korn, recuou para seu quarto com os pés descalços, como se algo terrível o estivesse perseguindo. Até sentiu vontade de tapar os ouvidos.

Na manhã seguinte, Erna acordou-o de um sono pesado e, antes que ele pudesse fazer qualquer pergunta, ela disse:

— Shh, uma surpresa, levante-se!

Esch vestiu-se às pressas e, ao entrar na cozinha onde Erna estava ocupada, ela o pegou pela mão e o conduziu na ponta dos pés até o quarto dela, abrindo um pouco a porta e indicando para que ele olhasse lá dentro. Lá ele viu Ilona; seu braço alvo e redondo, que ainda não mostrava nenhum ferimento de faca, pendia para fora da cama, as bolsas pesadas sob seus olhos inchados eram distintas, e ela dormia.

A partir desse dia, Ilona aparecia com frequência tarde da noite, e levou algum tempo para que Esch compreendesse que ela passava a noite com Balthasar Korn, e que Erna encobria o caso amoroso de seu

irmão, por assim dizer, com seu próprio corpo.

•

Martin o visitou em seu armazém. Era curioso notar como esse homem condenado ao ostracismo, que parecia destinado a ser expulso por qualquer porteiro que respeitasse as ordens, sempre encontrava uma maneira de entrar e, sem se esconder de maneira alguma, com total tranquilidade, perambulava pelos ambientes de trabalho, balançando sobre suas muletas, sem que ninguém o detivesse, recebendo até mesmo cumprimentos amigáveis de muitos; talvez isso se devesse ao fato de ninguém ter coragem de mexer com um deficiente físico. Esch não estava particularmente feliz em receber a visita de um secretário sindical em seu trabalho; Martin poderia muito bem tê-lo esperado do lado de fora; no entanto, por outro lado, ele era um homem em quem se podia confiar: sabia quando poderia entrar e quando deveria sair; era uma pessoa decente.

— Bom dia, August — cumprimentou-o com simplicidade. — Só queria saber como estão as coisas. O senhor tem um bom emprego aqui, fez um bom negócio.

Será que o aleijado o queria lembrar de que deveria agradecer por estar nessa maldita Mannheim? De qualquer forma, Martin não podia ser responsabilizado pelo caso entre Ilona e Korn, então Esch, embora mal-humorado, respondeu que sim, que tinha sido um bom negócio. E, de certa forma, era verdade. Nesse instante, que Martin lhe fazia lembrar de seu emprego anterior e de Nentwig, Esch ficou contente por ter perdido Colônia de vista. Ele ainda mantinha em segredo o crime de Nentwig, como se fosse cúmplice, e poder encontrar aquele patife em qualquer esquina tirava completamente a vontade de voltar para lá. Colônia ou Mannheim, na verdade, tanto fazia... Onde alguém deveria viver para se ver livre de tanta imundície? No entanto, ele perguntou a Martin sobre as novidades em Colônia.

— Mais tarde — respondeu Martin —, não tenho tempo agora. Onde você vai jantar?

E, logo que soube, afastou-se rapidamente com passos de pato.

Mesmo assim, Esch ficou contente com aquele reencontro, e, sendo um homem impaciente, mal conseguia esperar até a hora do jantar. A primavera chegara durante a noite, e Esch deixou seu casaco no escritório; os paralelepípedos entre os galpões tremeluziam sob o sol fresco, e nos cantos dos prédios, entre as pedras, surgia subitamente uma relva fresca e tenra. Ao passar pela área de carga e descarga, ele passou a mão nas barras de ferro que prendiam a desajeitada estrutura de madeira cinza, e o ferro estava quente. Caso não fosse transferido para Colônia, teria de providenciar um jeito de trazer sua bicicleta em breve. Respirava profundamente, com facilidade, e a comida tinha um

sabor diferente; talvez porque as janelas do restaurante estivessem abertas. Martin contou que tinha vindo a Mannheim por conta de uma greve; caso contrário, teria levado mais tempo. Porém, algo acontecia nas fábricas do Sul da Alemanha e da Alsácia, e essas coisas se espalham rapidamente.

— Podem fazer greve o quanto quiserem, mas agora não podemos ter problemas. Uma greve dos trabalhadores de transporte seria pura loucura no momento... somos um sindicato pobre e a sede não dispõe de dinheiro... seria um desastre completo. Claro que não adianta falar com um estivador: se um burro desse decide entrar em greve, não há diabo que o faça se mexer. Mais cedo ou mais tarde, vão pedir a minha cabeça.

Ele disse tudo isso com indulgência, sem amargura.

— Agora esbravejam de novo comigo porque estou sendo pago pelas companhias de navegação.

— Por Bertrand? — perguntou Esch com interesse. Geyring assentiu:

— Por Bertrand também, claro.

— Um verdadeiro canalha — não pôde deixar de dizer Esch. Martin riu.

— Bertrand? É um sujeito muito decente.

— Ah, então ele é um sujeito decente... É verdade que é um oficial desertor?

— Sim, dizem que abandonou o serviço; isso só fala a favor do homem.

“Ah, isso depõe a favor do homem? Nada é claro”, pensou Esch com raiva, “nada é claro, mesmo em um lindo dia de primavera como esse”.

— Tudo o que eu gostaria de saber é por que você continua nesse trabalho.

— Todo mundo deve ficar onde Deus o colocou — disse Martin, e seu rosto de garoto velho assumiu uma expressão piedosa.

Em seguida, disse a Esch que a Mãe Hentjen mandara saudações e acrescentou que todos estavam ansiosos para que Esch os visitasse logo.

Depois do almoço, dirigiram-se à loja de Lohberg. Não tinham pressa, então Martin descansou na maciça cadeira de carvalho que ficava ao lado do balcão, tão brilhante e sólida quanto tudo mais na loja. Acostumado a pegar qualquer coisa impressa ao seu alcance, Martin deu uma olhada nas revistas suíças antiálcool e vegetarianas.

— Quase sempre — disse ele — surge aqui alguém que pensa da mesma maneira.

Lohberg sentiu-se lisonjeado, mas Esch estragou seu prazer:

— Ah, ele é um dos fracassados irmãos da limonada — e, para

esmagá-lo por completo, acrescentou —; Geyring tem uma grande reunião hoje à noite, mas uma verdadeira, não uma reunião do Exército de Salvação!

— É uma pena! — disse Martin.

Lohberg, que tinha uma grande fraqueza por demonstrações públicas e discursos oratórios, propôs-se a ir imediatamente.

— Fica para a próxima! — disse Martin. — Esch, pelo menos, não deve ir; pode ser ruim para ele se o vissem lá. Além disso, talvez as coisas se compliquem.

Esch não tinha exatamente receio de colocar em risco o seu emprego, mas, estranhamente, comparecer à reunião parecia-lhe um ato de traição a Bertrand. Lohberg, por outro lado, disse audaciosamente:

— De um jeito ou de outro, eu vou!

E Esch se sentiu envergonhado pelo fracote da limonada; não, nunca seria bom deixar um amigo na mão; se o fizesse, nunca teria coragem de encarar a Mãe Hentjen novamente. Entretanto, nada disse a respeito da sua decisão. Martin explicou:

— Acho que as empresas de navegação enviarão alguns agentes provocadores; é do interesse deles que a greve seja a mais violenta possível.

E embora Nentwig não fosse um proprietário de navio, mas apenas o gorduroso chefe de escritório em uma empresa de vinhos, para Esch parecia que o canalha tinha suas mãos sujas naquela perfídia também.

A reunião ocorreu, como de costume, na sala pública de uma pequena taberna. Alguns policiais estavam parados na entrada observando quem entrava, e estes, por sua vez, fingiam não notar os policiais. Esch chegou tarde; quando estava prestes a entrar, alguém deu um tapinha em seu ombro, e, ao se virar, viu que era o inspetor encarregado da vigilância do porto:

— O que o traz aqui, Senhor Esch?

Esch pensou rapidamente. Na verdade, apenas curiosidade; ele soubera que Geyring, o secretário do sindicato, que conhecera em Colônia, ia falar, e como de certa forma pertencia ao ramo, interessava-se por todo o assunto.

— Desaconselho, Senhor Esch — disse o inspetor —, e justamente porque o senhor pertence ao ramo; isso parecerá suspeito, e não lhe trará benefícios.

— Darei uma olhada por um minuto apenas — decidiu Esch, e entrou.

A sala, decorada com retratos do Imperador, do Grão-Duque de Baden e do Rei de Württemberg, estava lotada de gente. No tablado, havia uma mesa coberta com um pano branco, e atrás dela sentavam-se quatro homens; um deles era Martin. Esch, inicialmente um pouco

invejoso por não poder ocupar um lugar tão proeminente, ficou surpreso por ter notado a mesa, dada a grande confusão na sala. Passou um tempo até que percebesse que um homem subira em uma cadeira no meio do salão e estava discursando de forma ininteligível, enfatizando cada palavra — ele parecia gostar sobretudo da palavra “demagogo” — com um gesto amplo, como se as lançasse contra a mesa no tablado. Era uma espécie de diálogo desigual, já que a única resposta da mesa era o tilintar suave de uma campainha que mal se conseguia distinguir em meio ao barulho, mas que acabou prevalecendo quando Martin, apoiando-se nas muletas e no encosto da cadeira, levantou-se e silenciou a multidão. Na verdade, não era muito fácil entender o que Martin, com sua fluência um tanto cansada e irônica de orador experiente, dizia, mas Esch percebeu que ele valia mais do que todos os que gritavam ao seu redor. Quase parecia que Martin não se importava em ser ouvido, pois, com um sorriso leve, emudeceu e deixou ecoar os gritos: “Mercenário capitalista!”, “Porco estatal!” e “Socialista do Imperador!”, até que, de súbito, no meio do alarde, ouviu-se um apito agudo. No repentino silêncio, um policial subiu ao tablado e disse sucintamente:

— Em nome da lei, declaro esta reunião encerrada; a sala deve ser evacuada.

E enquanto Esch era empurrado em direção à porta pelas pessoas que queriam sair, teve tempo de ver o policial dirigindo-se a Martin.

Como se obedecendo a uma ordem, a maioria do público se apinhou à porta lateral do estabelecimento. Contudo, isso não lhes serviu muito, pois, no entretanto, o local inteiro foi cercado pela polícia, e todos tiveram que se identificar ou ir até a delegacia. Na entrada principal, a aglomeração não era tão grande; Esch teve a sorte de reencontrar o inspetor distrital e pôde dizer rapidamente:

— O senhor estava certo; nunca mais! — e escapou assim do interrogatório.

No entanto, o episódio ainda não terminara. A multidão permanecia diante do local, comportando-se com relativa calma e apenas proferindo leves palavrões contra o comitê, o sindicato e Geyring. No entanto, correu o boato de que Geyring e o comitê haviam sido presos e que a polícia estava apenas esperando a multidão se dispersar para levá-los. Então, de repente, o clima da multidão mudou; assobios e vaias ressurgiram, e a multidão se preparou para enfrentar a polícia. O simpático inspetor de polícia, ao lado do qual Esch permanecera, deu-lhe um empurrão:

— É melhor sumir, Senhor Esch!

E Esch, percebendo que não havia mais nada que pudesse fazer ali, retirou-se até a esquina mais próxima, na esperança de encontrar Lohberg em algum lugar.

Diante do estabelecimento, o tumulto persistiu por mais um tempo. Em seguida, seis policiais a cavalo chegaram em trote rápido, e como esses animais, embora dóceis, têm uma espécie de influência mágica sobre muitas pessoas, esse pequeno reforço equestre foi decisivo. Esch observou enquanto vários trabalhadores algemados eram conduzidos em meio ao silêncio aterrorizado de seus colegas, e então a rua ficou vazia. Onde ainda havia duas pessoas juntas, a polícia, rude e impaciente, as dispersava de maneira brusca, e Esch, considerando com boa razão que seria tratado da mesma forma implacável, retirou-se do local.

Dirigiu-se à loja de Lohberg. Ele ainda não havia retornado, e Esch ficou esperando diante da porta na noite morna de primavera. Esperava que não tivessem levado Lohberg algemado. Embora isso teria sido realmente engraçado. Meu Deus, o que Erna diria se visse esse modelo de virtude algemado diante dela? Justo quando Esch estava prestes a desistir de sua vigília, Lohberg chegou em um estado terrivelmente alvoroçado e quase chorando. Aos poucos, e de maneira bastante confusa, Esch conseguiu descobrir que, a princípio, a reunião transcorreria de maneira tranquila, mesmo que a plateia gritasse todo tipo de insulto ao Senhor Geyring, que falara muito bem. Porém, um sujeito se levantara, obviamente um desses *agents provocateurs* mencionados pelo próprio Senhor Geyring no almoço, e fizera um discurso furioso contra as classes ricas, o Estado e até mesmo o Imperador, até que um policial ameaçou encerrar a reunião se algo mais daquele tipo fosse dito. De maneira incompreensível, o Senhor Geyring, que deveria saber muito bem com quem que tipo de pessoa estava lidando, não desmascarou o homem como *agent provocateur*, mas, na verdade, veio em seu auxílio e exigiu liberdade de expressão para ele. Ora, depois disso, as coisas pioraram cada vez mais, e, por fim, encerrou-se a reunião. O comitê e o Senhor Geyring foram detidos; ele podia afirmar isso com certeza, pois tinha sido um dos últimos a sair do salão.

Esch estava desconcertado; na verdade, mais desconcertado do que gostaria de admitir. Tudo o que sabia era que precisava beber algo, beber vinho, para trazer ordem ao mundo outra vez. Martin, contrário à greve, fora preso por policiais que estavam a favor das empresas de navegação e de um oficial desertor; policiais que, da maneira mais infame, tinham prendido um homem inocente — talvez porque Esch mesmo não lhes tivesse entregue Nentwig! No entanto, o inspetor agira de maneira bastante amigável com ele, e até mesmo o protegera. Uma raiva súbita contra Lohberg o dominou; o maldito idiota provavelmente estava tão alvoroçado apenas porque esperava um evento inofensivo e edificante sobre a fraternidade, não entendia que as coisas poderiam se tornar mortais. De repente, toda essa conversa

fiada sobre fraternidade pareceu repugnante para Esch; para que servem todas essas irmandades e associações? Elas só aumentam a confusão, provavelmente são a sua causa; e então ele atacou brutalmente Lohberg:

— Tire essa maldita limonada da minha frente, ou vou arrancá-la da mesa... se ao menos você bebesse vinho honesto, poderia dar uma resposta sensata!

Mas Lohberg apenas o olhou com seus grandes olhos incompreensivos, nos quais apareciam pequenas veias vermelhas, e não estava em condições de resolver as questões de Esch, questões que pioraram no dia seguinte, quando soube que, em protesto contra a prisão de seu secretário sindical, os trabalhadores dos transportes e portuários entraram em greve. Entrementes, Geyring fora acusado pelo Ministério Público pelo crime de sedição.

•

Durante a apresentação, Esch permaneceu sentado com Gernerth na chamada sala da direção, que sempre lhe lembrava sua gaiola de vidro no armazém alfandegário. No palco, Teltscher e Ilona executavam seu número, e Esch ouvia o som das facas assobiando em direção ao quadro negro. Jazia em cima da mesa uma pequena caixa branca marcada com uma cruz vermelha, supostamente contendo bandagens. Havia muito tempo que não continha nada, e ninguém a abria há décadas, mas Esch estava convencido de que a qualquer momento Ilona poderia ser trazida para que seus ferimentos sangrentos fossem tratados. Em vez disso, Teltscher apareceu, um pouco suado e um pouco orgulhoso, limpando as mãos com o lenço, e disse:

— Trabalho real, bom e honesto... deve ser pago.

Gernerth fez alguns cálculos em seu caderno:

— Aluguel do teatro, 22 marcos; imposto, 16 marcos; iluminação, 4 marcos; salários...

— Ah, basta com isso! — disse Teltscher.

— Como queira, já sei de cor... investi quatro mil coroas nesse negócio e nunca mais vou reavê-las... terei que engolir a seco... Senhor Esch, o senhor não conhece ninguém que poderia comprá-lo? Ele pode ter um desconto de vinte por cento, e eu lhe dou dez por cento de comissão.

Esch já tinha ouvido esses desabafos e essas ofertas e não lhes prestava mais atenção, embora gostaria de fechar o negócio ele mesmo com Teltscher, para se livrar tanto dele quanto de Ilona.

Esch estava de mau humor. Desde que Martin fora preso, a vida tornara-se fundamentalmente sombria: o fato de suas brigas com Erna terem se tornado insuportáveis e francamente irritantes era realmente secundário; porém, o fato de Bertrand ter subornado a polícia e de a

polícia ter se comportado de forma abominável era mais do que exasperante, e os encontros de Ilona com Korn, não mais escondidos por eles ou por Erna, eram repulsivos aos olhos de Esch. Eram asquerosos. A simples ideia o repelia: Ilona, afinal, era alguém superior. Sim, o melhor seria se ninguém soubesse dela e ela desaparecesse para sempre. E o presidente Bertrand também, com sua Companhia de Navegação do Reno Central. Isso ficou claro para Esch pela primeira vez quando Ilona entrou vestida com roupas de rua e sentou-se silenciosa e séria, sem receber um olhar sequer dos dois homens. Korn logo voltaria para buscá-la; ele havia saído há pouco. Ilona se apaixonara sinceramente pelo corpulento Balthasar Korn, talvez porque lhe lembrasse de um amor da juventude com algum sargento do exército, ou talvez apenas porque Korn era totalmente diferente do astuto, enfermo, indiferente e ainda assim brutal Teltscher. Sem dúvida, Esch não queria perder tempo pensando nisso; era suficiente que uma mulher, da qual ele próprio abdicara por estar destinada a algo superior, fosse degradada por um homem como Korn. O que permanecia inexplicável era a atitude de Teltscher. O sujeito era um chulo, mas isso não era algo com que se incomodar. Além disso, a situação não poderia beneficiar muito Teltscher: Korn na certa era generoso o suficiente, e, no vestido novo que acabara de dar a Ilona, ela parecia realmente esplêndida, tão esplêndida que a Senhorita Erna já não encarava com a mesma benevolência a custosa paixão do irmão, como no início; mas, apesar de tudo, Ilona não aceitaria um centavo sequer de Korn, e ele tinha que lhe impor à força seus presentes, tamanha era a profundidade de seu amor.

Korn entrou, e Ilona se lançou em seu peito de uniforme com palavras carinhosas do Oriente. Não, aquilo era insuportável! Teltscher riu: — Veja se se diverte! — e, enquanto saíam juntos, ele gritou para ela em húngaro algumas palavras claramente maliciosas, o que lhe valeu não apenas um olhar repleto de ódio de Ilona, mas também uma ameaça de Korn meio brincalhona, meio séria, de que daria uma surra no lançador de facas judeu. Teltscher não deu atenção, voltou às suas amadas especulações comerciais:

— Precisamos oferecer algo que não seja muito caro e que atraia o público.

— Oh, que descoberta revolucionária, Senhor Teltscher-Teltini — disse Gernerth, novamente fazendo cálculos em seu caderno. Em seguida, olhou para cima: — Que tal luta livre feminina?

Teltscher assobiou entre os dentes de maneira absorta:

— Algo a se considerar; claro que isso também não pode ser feito sem dinheiro.

Gernerth rabiscou em seu caderno:

— Vamos precisar de algum dinheiro, mas não muito; as mulheres

não custam muito. Em seguida, as malhas... Também teremos que conseguir alguém interessado nisso.

— Eu me disponho a aprender — disse Teltscher — e também posso ser o juiz. Mas aqui em Mannheim? — e fez um gesto de desprezo. — Não dá para fechar os olhos para o fato de que os negócios não vão bem aqui. O que acha disso, Esch?

Esch não tinha uma opinião definida, mas de repente lhe surgiu a esperança de que, com uma mudança de cenário, Ilona poderia ser libertada das garras de Korn. E, como Colônia era o local mais próximo de seu coração, respondeu que aquela cidade parecia um lugar excelente para realizar eventos de luta livre; no ano anterior, houve lutas sérias no circo, e o local ficava cheio.

— As nossas também serão sérias — decidiu Teltscher. Discutiram o assunto por mais um tempo, e por fim Esch foi encarregado de, em sua próxima visita a Colônia, entrar em contato com o agente teatral Oppenheimer, a quem Gernerth escreveria. E se Esch conseguisse reunir algum dinheiro para o projeto, isso não seria apenas um favor amigável, mas também poderia render-lhe uma comissão.

Esch não conhecia ninguém no momento que pudesse investir dinheiro. Porém em segredo pensou em Lohberg, que quase poderia ser considerado um homem rico. Mas será que um casto José teria algum interesse em luta livre feminina?

•

Embora as prisões preventivas tivessem destituído os trabalhadores portuários e os navegantes de quase todos os seus líderes, a greve persistia há dez dias. Havia alguns voluntários, mas como não eram suficientes para lidar com as tarefas de carga e descarga ferroviária, a navegação estava parcialmente paralisada; eram empregados apenas nas tarefas mais urgentes. Nos armazéns, reinava uma calma dominical. Esch estava de mau humor, pois provavelmente não conseguiria sair de lá antes do fim da greve. Perambulava ociosamente pelos armazéns, encostava-se nas ombreiras das portas e, por fim, sentava-se para escrever para a Mãe Hentjen. Contou os eventos relacionados à prisão de Martin, falou sobre Lohberg, mas omitiu Erna e Korn, pois essa história o repugnava. Em seguida, comprou outra vez vários postais e os enviou a diferentes garotas com quem se relacionara nos últimos anos e de cujos nomes se lembrava. Lá fora, na sombra, ficavam os patrões e os chefes de armazém, e, atrás das portas de correr meio abertas de um *container* de mercadorias vazio, alguns homens jogavam cartas. Esch pensou a quem mais deveria escrever e tentou contar o número de mulheres que já havia frequentado até aquele instante. Como não conseguia, sentiu que tinha em mãos uma lista inútil de armazém e, para esclarecer, começou a anotar os nomes

em um papel, colocando o mês e o ano ao lado. Depois fez a soma e se sentiu satisfeito, sobretudo quando Korn apareceu e, como de costume, começou a dizer que Ilona era uma mulher admirável, uma húngara fogosa. Esch guardou a lista no bolso e deixou Korn falar; afinal, ele não poderia continuar falando por muito tempo. Assim que a greve terminasse, o inspetor alfandegário poderia começar a correr atrás de sua Ilona até Colônia, ou ainda mais longe, até o fim do mundo. E quase teve pena daquele coitado porque não sabia o que o aguardava; Balthasar Korn continuou se vangloriando de maneira despreocupada de sua conquista, e quando já falara o suficiente a respeito de Ilona, tirou um baralho. Com espírito fraterno, procuraram um terceiro jogador e passaram o dia jogando cartas.

Ao anoitecer, Esch foi até a loja de Lohberg e o encontrou sentado, com um cigarro nos lábios, absorto na leitura de suas revistas vegetarianas. Ele as colocou de lado quando Esch entrou e começou a falar sobre Martin.

— O mundo está envenenado — disse ele —, não apenas com nicotina, álcool e alimentação animal, mas com um veneno pior, que mal conhecemos... não é diferente do aparecimento de tumores.

Seus olhos estavam úmidos e febris; dava a impressão de estar doente; era possível que algum veneno de fato lhe minasse o corpo. Esch, magro mas forte, em pé diante dele, com a cabeça vazia de tanto jogar cartas, não compreendia o sentido daquele discurso estúpido. Mal percebeu que se referia à prisão de Martin; tudo estava envolto em uma névoa absurda, e só era clara a necessidade de convencer o outro a participar do negócio do teatro. Esch dispensava rodeios:

— Quer participar do negócio do teatro de Gernerth?

A pergunta pegou Lohberg totalmente de surpresa; com os olhos bem abertos, ele se limitou a dizer:

— Como?

— Sim, se quer fazer parte do negócio do teatro.

— Mas eu já tenho minha tabacaria.

— O senhor já disse várias vezes que não gosta, e por isso pensei que seria mais feliz em outro negócio.

Lohberg balançou a cabeça:

— Enquanto minha mãe estiver viva, tenho que continuar com a tabacaria. Metade da loja pertence a ela.

— Pena — disse Esch. — Teltscher acredita que com espetáculos de luta feminina poderíamos lucrar muito.

Lohberg não perguntou o que era aquilo de “luta feminina”, apenas repetiu:

— Pena.

— Eu também estou cansado do meu trabalho — continuou Esch. —

Agora estão em greve; é nojento vê-los andando como bestas de um lado para o outro.

— E o que o senhor quer fazer? Vai se dedicar ao teatro também?

Esch refletiu; o teatro significava estar sempre com Gernerth e Teltscher em algum escritório empoeirado. Além disso, as atrizes o repugnavam desde que se familiarizou com os bastidores; não eram muito diferentes de Hede ou Thusnelda. Na verdade, em um dia como aquele, tão vazio, ele não sabia o que queria.

— Fugir para longe — disse —, para a América.

Em uma revista ilustrada, vira fotos de Nova York; agora, elas lhe vinham à mente; havia também a foto de uma luta de boxe nos EUA, e isso o fez pensar outra vez nas lutas femininas.

— Se eu pudesse ganhar logo o dinheiro para a viagem, iria já.

Ele próprio se surpreendeu por estar concebendo aquela ideia a sério e, muito a sério, começou a fazer contas: tinha quase trezentos marcos; se os investisse no negócio das lutas, poderia, de fato, aumentá-los, e por que um homem como ele, forte, capaz de trabalhar, com muita prática em contabilidade, não poderia tentar nos EUA o mesmo que ali? Pelo menos veria algo do mundo. Talvez então Teltscher e Ilona conseguissem o contrato nova-iorquino do qual Teltscher sempre falava. Lohberg cortou-lhe a linha de raciocínio:

— O senhor sabe idiomas, coisa que eu não sei — disse Lohberg.

Esch assentiu, satisfeito; sim, em francês ele se defenderia em qualquer lugar, e o inglês não tinha mistérios... mas para participar do financiamento das lutas, Lohberg não precisava saber qualquer idioma estrangeiro.

— Não, claro que não, mas sim para ir para os EUA — opinou Lohberg.

E embora para Lohberg fosse unimaginável que alguém — e ele menos ainda — pudesse viver em uma cidade que não fosse Mannheim, eles foram gradualmente se tornando quase companheiros de viagem, discutindo as despesas da viagem e a maneira de suportá-las. A conversa, por um processo natural e lógico, recaiu outra vez nas lutas femininas e, após toda sorte de reflexões, Lohberg chegou à conclusão de que poderia dispor perfeitamente de mil marcos para investir no negócio de Gernerth sem prejudicar o dele. Naturalmente, isso não seria suficiente para adquirir a parte de Teltscher, mas era um bom começo, sobretudo se fossem adicionados os trezentos marcos de Esch.

O dia terminou melhor do que começou. Voltando para casa, Esch pensava em como poderia conseguir o restante do dinheiro, e de repente lhe veio à mente a Senhorita Erna.

Por mais que a tentação de Erna fosse envolver Esch através de deveres financeiros, ela permaneceu firme em seu princípio de entregar suas economias apenas se fosse assim exigido por seu marido. Quando insinuou isso de maneira maliciosa, Esch ficou indignado: que tipo de homem ela achava que ele era? Será que imaginava que ele queria o dinheiro para si mesmo? Porém, mesmo ao dizer isso, ele percebeu que não se tratava disso; que o dinheiro não era realmente a questão, e que a Senhorita Erna estava muito mais errada do que ela poderia compreender; claro, o dinheiro era apenas um meio de resgatar Ilona, de proteger garotas indefesas de terem novamente facas lançadas contra elas; claro que ele não o queria para si mesmo. No entanto, isso não era tudo, pois não queria nada de Ilona — não ele, não à custa do dinheiro dos outros —, e ficou bastante satisfeito, também, por estar nessa posição; ele não dava a mínima para Ilona, estava pensando em coisas mais importantes, e tinha todo o direito de ficar bravo quando Erna o supunha egoísta, todo o direito de ser rude: ora, ela poderia ficar com o dinheiro dela, então. No entanto, Erna interpretou a rudeza dele como uma admissão de culpa, exultou por tê-lo desmascarado e riu por ter descoberto tudo, lembrando de um caixeiro-viajante em Hof, que não apenas desfrutou de seus favores, mas a envolveu na séria perda de cinquenta marcos.

Sem dúvida, aquele foi um bom dia para a Senhorita Erna. Esch havia lhe pedido algo que ela poderia recusar, e, além disso, estava usando sapatos novos que a deixavam alegre e pareciam adequados em seus pés. Jazia confortavelmente instalada no sofá e, como um gesto atrevido e levemente escarnecedor, deixou os pés aparecerem por baixo da saia, balançando-os para frente e para trás; ela gostava do leve rangido do couro novo e da agradável tensão sobre o peito do pé. Não tinha vontade de abandonar aquela conversa encantadora, e, não obstante a última grosseria de Esch, perguntou-lhe de novo por que queria tanto dinheiro. Esch mais uma vez respondeu que ela poderia ficar com o dinheiro; Lohberg estava bastante satisfeito em participar do negócio do teatro.

— Ah, o Senhor Lohberg! — exclamou a Senhorita Erna. — Ele tem recursos, pode pagar.

E com essa obstinação peculiar que caracteriza o amor em certas ocasiões e que fazia com que a Senhorita Erna se entregasse a qualquer homem em vez do Senhor Esch, que só poderia obtê-la através do casamento, ela sentiu-se ansiosa por irritá-lo oferecendo o dinheiro a Lohberg em vez de emprestar a Esch. Ela balançava os pés para frente e para trás.

— Ora, em parceria com o Senhor Lohberg, isso é outra coisa. Ele é um bom homem de negócios.

— Ele é um idiota! — disse Esch, em parte por convicção e em parte

por ciúmes, ciúmes que agradavam à Senhorita Erna, pois ela contava com isso.

Ela cutucou-lhe na ferida:

— Eu não lhe emprestaria — mas o comentário foi estranhamente ineficaz. O que importava para ele? Ele desistira de Ilona, e era de fato responsabilidade de Korn resgatá-la daquelas facas. Esch olhou para os pés balançantes de Erna. Ela ficaria surpresa se lhe dissessem que, na verdade, o dinheiro seria aplicado para ajudar o caso de seu irmão. Naturalmente, mesmo isso não seria suficiente. Talvez fosse realmente Nentwig quem devesse pagar. Porque, para que o mundo seja redimido, é preciso atacar o vírus em sua fonte, como dizia Lohberg; porém, aquela fonte era Nentwig, ou talvez até algo escondido atrás de Nentwig, algo maior — talvez tão grande e tão bem escondido em sua inacessibilidade quanto o presidente de uma empresa —, algo que ninguém conhecia. Isso deixa um homem furioso, e Esch, que era forte e nada afetado por nervos, sentiu vontade de pisar nos pés balançantes da Senhorita Erna para fazê-la ficar quieta.

Ela perguntou:

— O senhor gosta dos meus sapatos?

— Não — respondeu Esch.

A Senhorita Erna ficou surpresa:

— O Senhor Lohberg gostará deles... quando vai trazê-lo aqui? O senhor simplesmente o tem escondido... por ciúmes, suponho... não é, Senhor Esch?

Ah, Esch observou que poderia trazer o homem imediatamente se ela estivesse tão ansiosa para vê-lo, esperando secretamente que chegassem a um entendimento sobre o negócio do teatro.

— Não há necessidade de ele vir logo — disse a Senhorita Erna —, mas por que não esta noite, para tomar café?

— Tudo bem, providenciarei isso — disse Esch, e se retirou.

Lohberg apareceu. Ele segurava a xícara de café com uma mão e mexia nela mecanicamente com a outra. Deixou a colher na xícara mesmo enquanto bebia, fazendo com que ela batesse em seu nariz. Esch se espreguiçou de maneira insolente, perguntando se Balthasar e Ilona estavam vindo, e fazendo todo tipo de observações desatinadas. A Senhorita Erna não lhe deu atenção. Observava com interesse a cabeça raquítica do Senhor Lohberg e seus grandes olhos brancos; de fato, dava a aparência de que não era preciso muito para fazê-lo chorar. E ela se perguntou se, no calor e fogo do amor, ele seria levado às lágrimas. O que a irritava era pensar que seu irmão a havia empurrado para uma relação claudicante com Esch, um brutamontes que a perturbava, enquanto apenas duas ou três casas mais adiante morava um comerciante bem estabelecido que enrubescia sempre que

ela o olhava. Teria ele alguma vez tido uma mulher, perguntou-se ela, e para satisfazer essas especulações e provocar Esch, ela conduziu habilmente a conversa para o tema do amor.

— O senhor também é um solteirão empedernido, Senhor Lohberg? O senhor vai se arrepender quando estiver velho, doente e sem ninguém para cuidar do senhor.

Lohberg enrubesceu:

— Estou apenas esperando encontrar a mulher certa, Senhorita Korn.

— E ela ainda não apareceu?

A Senhorita Erna sorria de maneira promissora e estendia o pé sob a borda da saia. Lohberg colocou a xícara na mesa e pareceu desamparado. Esch disse sarcasticamente: — Ele apenas ainda não experimentou, é isso.

Lohberg recuperou suas convicções:

— Só se ama uma vez, Senhorita Korn

— Ah! — exclamou a Senhorita Erna.

Aquilo foi claro e inequívoco. Esch quase sentiu vergonha de sua vida impura, e lhe pareceu não ser improvável que esse grande e único amor fosse o que uniu a Senhora Hentjen a seu marido, talvez por isso ela exigisse castidade e contenção de seus clientes. No entanto, deve ser terrível para a Senhora Hentjen ter que pagar pela breve felicidade vivida renunciando a qualquer outro amor no futuro, e assim ele disse:

— Ora, e quanto às viúvas, então? Seguindo essa teoria, nenhuma deveria ter o direito de continuar vivendo... sobretudo se não teve filhos... — E, lembrando-se de coisas lidas em revistas, acrescentou: — As viúvas de fato deveriam ser queimadas, para... para, por assim dizer, serem redimidas.

— O senhor é um bruto, Senhor Esch — disse a Senhorita Erna. — O Senhor Lohberg nunca diria coisas assim.

— A redenção está nas mãos de Deus — disse o Senhor Lohberg. — Aquele a quem Deus concede o grande dom do amor o conservará por toda a eternidade.

— O senhor é um homem inteligente, Senhor Lohberg, e muitos deveriam levar suas palavras a sério — disse a Senhorita Erna. — A ideia de se deixar queimar por um homem! Que impertinência...

Esch afirmou:

— Se o mundo fosse como deveria ser, poderia ser redimido sem essas organizações tolas... sim, podem ambos parecerem incrédulos — quase gritou —, não seria necessário um Exército de Salvação se a polícia prendesse as pessoas que merecem ser presas... em vez de inocentes.

— Eu não me casaria com nenhum homem que não tivesse uma pensão, ou que não pudesse deixar algo para sua viúva, alguma

segurança — disse a Senhorita Erna —; é isso que se espera de um bom homem.

Esch a desprezava. A Mãe Hentjen nunca falaria assim. Mas Lohberg asseverou:

— É um mau provedor quem não coloca sua casa em ordem.

— O senhor fará sua esposa muito feliz — disse a Senhorita Erna. Lohberg continuou:

— Se Deus me abençoar com uma esposa, espero poder dizer com confiança que viveremos em verdadeira união cristã. Nos afastaremos do mundo exterior para viver apenas para nós mesmos.

Esch escarneceu:

— Assim como Balthasar e Ilona... e à noite, podem atirar facas nela.

Lohberg ficou indignado:

— Aquele que se embebeda com bebida barata não sabe apreciar um gole de água cristalina, Senhorita Korn. Uma paixão não é amor.

A Senhorita Erna aplicou a pureza cristalina a si mesma e se sentiu lisonjeada:

— O vestido que ele lhe deu custou trinta e oito marcos. Eu me informei na loja. Explorar um homem assim... Eu nunca me permitiria.

Esch disse:

— É necessário impor ordem. Um homem inocente está na prisão e o culpado anda livre por aí. Deveríamos matá-lo, ou nos matarmos.

Lohberg interveio, conciliador:

— A vida dos homens não deve ser tratada com leviandade.

— Não — disse a Senhorita Erna —, quem deveria ser morta é a mulher que não tem sentimentos pelo homem... Quando tenho que cuidar de um homem, sou uma pessoa com sentimentos.

— Um amor autêntico, como ensina o Evangelho, se baseia no respeito mútuo — disse Lohberg.

— E o senhor respeitaria sua esposa mesmo que ela não fosse tão culta quanto o senhor... sobretudo se ela fosse uma pessoa com sentimentos, como uma mulher deveria ser?

— Apenas uma pessoa que tem sentimentos está preparada e apta a receber a autêntica graça redentora.

A Senhorita Erna então disse:

— O senhor deve ser sem dúvida um bom filho, Senhor Lohberg, um filho que sente gratidão por sua mãezinha.

Essa observação deixou Esch furioso, mais furioso do que ele mesmo se deu conta:

— Um bom filho aqui, um bom filho ali... Eu rio da gratidão. Enquanto injustiças continuarem sendo cometidas, não haverá

redenção no mundo... Por que Martin se sacrificou e está na prisão?

— O Senhor Geyring é vítima do veneno que consome o mundo — respondeu Lohberg. — Até que os seres humanos voltem a encontrar os caminhos da natureza, não deixarão de prejudicar uns aos outros.

A Senhorita Erna afirmou que também amava a natureza e fazia passeios frequentes.

— Os nobres sentimentos da humanidade — continuou Lohberg — só podem despertar e se desenvolver no seio da natureza livre de Deus, uma natureza que nos conforta.

— Com essas ideias, o senhor ainda não salvou ninguém da prisão — disse Esch.

— Isso é o que o senhor diz... — opinou a Senhorita Erna. — Eu, por outro lado, digo que uma pessoa sem sentimentos não é uma pessoa. Um homem tão inconstante como o senhor, Senhor Esch, nem mesmo tem o direito de falar... Ai, todos são iguais.

— Como pode ter uma opinião tão ruim do mundo, Senhorita Korn? — perguntou Lohberg.

A Senhorita Erna suspirou:

— Desilusões da vida, Senhor Lohberg.

— Mas a esperança nos sustenta, Senhorita Korn. — Lohberg olhou pensativo para o vazio: — De fato, se não fosse pela esperança... — e balançou a cabeça. — Os homens carecem de sentimentos, e ter muita inteligência também não é bom.

Esch se perguntou se a Senhora Hentjen e seu marido teriam falado assim quando ficaram noivos.

— Em Deus e na natureza divina reside toda esperança — concluiu Lohberg.

Erna não queria ficar para trás:

— Graças a Deus, eu costumo frequentar a igreja e me confessar... — E acrescentou triunfalmente: — E nossa santa religião católica talvez tenha mais sentimentos do que a luterana. Eu, se fosse homem, não me casaria com uma luterana.

Lohberg era educado demais para contradizê-la:

— Toda forma de se dirigir a Deus é igualmente digna de respeito... Quando Deus une duas pessoas, Ele lhes concede também a possibilidade de permanecerem unidas... O que de fato importa é a boa vontade.

As virtudes de Lohberg outra vez repugnaram Esch, embora ele o tivesse comparado às vezes à Mãe Hentjen por causa dessa mesma virtude.

— Qualquer idiota pode falar isso por falar — disse ele, fervorosamente.

A Senhorita Erna observou com desprezo:

— O Senhor Esch, naturalmente, se contenta com qualquer uma, não se preocupa com sentimentos ou com a santa religião. Basta que ela tenha dinheiro.

Lohberg disse que se recusava a acreditar numa coisa dessas.

— Pois pode acreditar, eu o conheço bem, não tem sentimentos e não raciocina... As ideias que tem, Senhor Lohberg, não são comuns a todos.

Lohberg opinou que, naquele caso, não podia deixar de sentir pena dele, pois toda felicidade lhe seria negada na Terra.

Esch encolheu os ombros. O que aquele coitado sabia sobre o mundo moderno?! E disse, sarcástico:

— Antes restaurem a ordem.

Mas a Senhorita Erna havia encontrado a solução:

— Se duas pessoas trabalham juntas, se, por exemplo, sua esposa o ajuda na loja, então tudo o mais se resolve, mesmo que o marido seja luterano e a mulher católica.

— Sem dúvida — disse Lohberg.

— Ou se duas pessoas têm algo em comum... interesses comuns, digamos, então devem estar juntas, não é?

— Certamente — disse Lohberg.

A Senhorita Erna dirigiu seu olhar de caninana para Esch enquanto dizia:

— O senhor teria algo contra, Senhor Lohberg, se eu também participasse do negócio do teatro do qual o Senhor Esch falou? Agora que meu irmão perdeu o juízo, eu, pelo menos, devo tentar trazer dinheiro para casa.

Como o Senhor Lohberg poderia ter uma objeção? E quando a Senhorita Erna disse que poderia investir metade de suas economias, cerca de mil marcos, ele, muito satisfeito por parte da Senhorita Erna, exclamou:

— Ah, então seremos sócios!

Apesar de tudo, Esch não estava satisfeito. O fato de ter conseguido o que queria de repente deixou de ter importância, talvez porque já tinha desistido de Ilona, talvez porque havia objetivos mais importantes em jogo, mas talvez apenas porque — este era o único motivo do qual ele tinha consciência — de repente teve sérias dúvidas:

— Converse primeiro com Gernerth, o diretor do teatro. Eu apenas chamei a atenção para o negócio, mas recuso qualquer responsabilidade.

A Senhorita Erna concordou que sabia muito bem que ele era um homem que não gostava de se responsabilizar por nada, e que não

precisava ter medo de que lhe pedissem contas. Ele não era mais do que um solteirão infiel, e ela preferia o mindinho do Senhor Lohberg à pessoa inteira do Senhor Esch. E o Senhor Lohberg deveria voltar com mais frequência para tomar uma xícara de café.

Ele faria isso? E como já estava tarde e todos já estavam de pé, ela se amparou ao braço de Lohberg. A lâmpada derramava seus reflexos suaves sobre suas cabeças, e ambos, diante de Esch, pareciam um casal de recém-casados.

.

Esch retirou o casaco e o pendurou no cabide. Em seguida, sacudiu-o um pouco, escovou-o e examinou com atenção o colarinho desgastado. Novamente, algo não estava devidamente calculado. Ele renunciara a Ilona, mas tinha que ver Erna se afastar dele para oferecer seu coração àquele idiota. Isso ia contra todas as regras da contabilidade, que exigem que cada débito seja compensado por um crédito. Por outro lado, sem dúvida — e ele agitou o casaco com um gesto ousado —, se quisesse, um sujeito como Lohberg não poderia superá-lo tão facilmente; com aquele idiota, ele ainda poderia competir vantajosamente; não, August Esch não era de forma alguma um monstro, e começou a caminhar em direção à porta, porém, deteve-se antes de abri-la: ah, na verdade, não estava com vontade. Além disso, a pessoa do outro lado poderia pensar que ele se arrastava até ela em agradecimento por seus miseráveis mil marcos. Esch voltou para sua cama, sentou-se ali e desamarrou os sapatos. Até ali, tudo estava em ordem. E que, no fundo, doesse não poder se deitar com Erna, também se encaixava em uma ordem. Sacrifício é sacrifício. No entanto, havia um erro contábil não esclarecido, e no momento ele não conseguiu identificar qual poderia ser: concordou, não iria ao encontro da mulher, renunciaria ao prazer. Mas por que fazia aquilo? Talvez para evitar o casamento? Ou seja, sacrificar-se em trivialidades para evitar o sacrifício autêntico e não ter que pagar com a própria pessoa. Esch disse: — Sou um porco — sim, era um porco, nem um pouco melhor que Nentwig, que também fugia de toda responsabilidade. Uma desordem em que o diabo poderia andar à vontade!

E se não havia ordem na contabilidade, também não poderia haver ordem no mundo; e enquanto não houvesse ordem, Ilona continuaria à mercê das facas, Nentwig continuaria escapando do castigo com mau-caratismo e falcatuas, e Martin continuaria a definhar eternamente na prisão. Ele refletiu intensamente e, no momento em que deixou cair as cuecas no chão, obteve a resposta: os outros investiram o dinheiro no negócio de lutas, e ele, que não tinha dinheiro, teria que se dar, não exatamente em casamento, mas sim oferecendo-se pessoalmente para a nova empreitada. E como isso, lamentavelmente, não se encaixava com seu

emprego em Mannheim, teria que largá-lo. Só assim poderia pagar. E como se precisasse de uma prova convincente, percebeu neste momento que não deveria ter permanecido por mais tempo numa empresa que havia levado Martin à prisão. E ninguém teria o direito de chamá-lo de desleal por isso; até o senhor presidente teria que admitir que Esch era um sujeito íntegro. Entrementes, Esch não pensou mais em Erna e deitou-se pacatamente na cama. O fato de que seria agradável retornar a Colônia e ao estabelecimento da Mãe Hentjen sem dúvida reduzia o sacrifício, mas mal pesava na balança; afinal, a Mãe Hentjen nem mesmo havia respondido à sua carta. E em Mannheim, havia restaurantes em abundância. Não, o retorno a Colônia, aquela cidade injusta, representava uma redução muito insignificante do sacrifício; consistia, na melhor das hipóteses, numa bonificação no pagamento, e nenhuma lei proibia uma bonificação assim.

O desejo de compartilhar a notícia do sucesso com Gernerth levou-o a encontrá-lo nas primeiras horas da manhã: conseguir dois mil marcos tão rapidamente era uma proeza! Gernerth bateu em seu ombro e o chamou de sujeito extraordinário. Isso reconfortou Esch. A sua decisão de abandonar o emprego e se juntar à nova empresa de lutas surpreendeu Gernerth, mas ele não tinha nenhuma boa objeção.

— Vamos dar um jeito nisso, Senhor Esch — disse ele.

E Esch dirigiu-se à sede da Companhia de Navegação do Reno Central.

Nos andares superiores dos escritórios da sede, havia corredores longos e silenciosos revestidos de linóleo marrom. As portas exibiam placas impecáveis e, ao fundo de um dos corredores, atrás de uma mesa iluminada por um abajur, estava sentado um porteiro que perguntava para onde se queria ir e anotava em um bloco de notas o nome do visitante, bem como o motivo da visita. Esch percorreu todo o corredor e, como era a última vez que o faria, observou atentamente todos os detalhes. Decifrou os nomes nas placas das portas e, ao se deparar, com grande surpresa, com um nome feminino, parou e tentou imaginar a pessoa que estava atrás daquela porta: seria uma funcionária comum, como qualquer outra, que fazia contas inclinada sobre uma escrivaninha, com manguitos pretos para não se sujar ao escrever, e, como qualquer outra, que falava fria e indiferentemente com as visitas? De repente, sentiu-se atraído por aquela mulher desconhecida que estava atrás da porta, e a ideia de um inovador, simplificado, por assim dizer um tipo de amor oficial e profissional, o preencheu por completo, um amor que deveria ser tão suave, calmo, tão amplo e espaçoso quanto aqueles corredores revestidos de linóleo. Mas depois, ao observar a longa fileira de portas com nomes masculinos, não pôde deixar de pensar que aquela mulher, sozinha,

cercada por tantos homens, sem dúvida estava tão enojada quanto a Mãe Hentjen com sua taberna. Experimentou outra vez uma profunda raiva contra os negócios, raiva contra uma organização que, por trás da fachada de uma ordem bonita, de corredores amplos, de livros contábeis bonitos e imaculados, escondia todas as infâmias. E isso era chamado de respeitabilidade! Seja um simples signatário autorizado ou o presidente em pessoa, não havia diferença entre um homem de negócios e outro. E se Esch tinha lamentado por um momento não ser mais membro dessa bela organização, de não fazer parte dos que podiam entrar e sair daqui sem serem interrompidos, questionados ou anunciados por um porteiro, ele não lamentava mais. Via um Nentwig sentado atrás de todas aquelas portas, meros Nentwigs, todos conspirando, preocupados apenas em garantir que Martin continuasse definhando na prisão. Ele gostaria de descer até a seção de contabilidade e dizer aos cegos lá que também eles, por fim, tinham que escapar da escravidão dos números e estatísticas enganosas e se tornar seres livres como ele; sim, deveriam fazer isso, mesmo que isso significasse o risco de ter que emigrar para os EUA como ele.

— Foi uma participação muito breve a sua — disse amigavelmente o chefe do departamento de pessoal quando Esch se apresentou em seu escritório para solicitar uma carta de recomendação. Esch esteve prestes a revelar as verdadeiras razões que o impulsionavam a deixar aquela empresa desprezível. No entanto, precisou resignar-se ao silêncio, pois o amigável chefe já estava dedicando sua atenção a outros assuntos, embora repetisse:

— Uma participação muito breve... muito breve...

Ele repetia a frase saboreando as palavras, como se o termo “participação” lhe agradasse de maneira especial, e como se quisesse insinuar que nem mesmo o negócio do teatro seria muito diferente ou melhor do que a empresa que Esch estava prestes a abandonar. O que aquele chefe poderia saber a respeito disso? Estaria ele pretendendo, afinal, acusá-lo de deslealdade e golpeá-lo pelas costas? Queria desmerecer sua nova colocação? Esch acompanhou com desconfiança os movimentos daquele sujeito e examinou também com desconfiança o documento escrito à mão, embora soubesse bem que, no mundo da luta livre, ninguém lhe pediria uma recomendação. E como a ideia do negócio do teatro não o abandonava, nem mesmo quando se dirigiu à escada pelo corredor revestido de linóleo marrom, não percebeu mais a tranquilidade e a ordem reinantes no prédio, nem observou a porta com um nome feminino, nem viu a placa que dizia “CONTABILIDADE”; sim, até mesmo a direção e a presidência, instaladas com toda a pompa logo em frente, lhe foram totalmente indiferentes. Só quando chegou à rua é que se virou para olhar para trás; um olhar de despedida, pensou consigo mesmo, e sentiu-se vagamente

decepcionado ao constatar que nenhum coche lhe aguardava na entrada principal. Na verdade, teria gostado de ver Bertrand pelo menos uma vez. Ele sempre se esconde, assim como Nentwig. Naturalmente, era melhor não o ver, não ver nada disso, nem Mannheim nem nada relacionado a um ou outro.

— Adeus para sempre — disse Esch.

No entanto, incapaz de se despedir tão rapidamente, permaneceu ali de pé, piscando os olhos porque o sol do meio-dia refletia no calçamento da nova rua; ficou imóvel, esperando talvez que a porta de vidro se abrisse em silêncio para dar passagem ao presidente. Contudo, embora sob a luz brilhante do sol parecesse que as folhas da porta oscilavam, lembrando a porta do balcão da Mãe Hentjen, aquilo não passava de um reflexo, já que as folhas da porta permaneceram firmes e imóveis em suas colunas de mármore. Elas não se abriram, ninguém saiu. Esch interpretou aquilo como uma afronta: ele tinha que estar ali, em pé, sob o sol, porque a empresa havia se estabelecido em uma rua nova, impecavelmente pavimentada, em vez de fazer isso em uma viela fresca e sombreada; veio-lhe à mente a citação de Götz; deu meia-volta, atravessou a rua com grandes passadas um tanto desajeitadas, virou a próxima esquina, e quando colocou o pé no estribo do bonde que chegava rangendo, estava definitivamente decidido a deixar Mannheim na manhã seguinte e ir para Colônia para cuidar das negociações com o agente teatral Oppenheimer.

II

Para Esch, era naturalmente uma decepção que a Mãe Hentjen não tivesse respondido à sua carta. Levando em consideração que na vida comercial é comum responder a cartas dentro de um prazo razoável, seria ainda mais lógico fazê-lo quando se tratava de uma carta pessoal, o que, sem dúvida, exigia esforço, mas não demasiado. No entanto, o silêncio da Mãe Hentjen se explicava perfeitamente conhecendo seu caráter. Era sabido por todos que, se algum homem ousasse tocar em sua mão ou tentar algo mais ousado em relação às curvas de seu corpo, seu rosto assumiria aquela conhecida expressão de frieza e desgosto que lhe era característica e com a qual costumava conter o atrevido; talvez ela tivesse lido sua carta com sentimentos semelhantes. Afinal, uma carta é algo que foi manuseado e sujado pela mão de quem a escreveu, um pouco como roupa íntima usada, e podia-se atribuir à Mãe Hentjen esse modo de pensar sem medo de errar. Afinal, ela era diferente das outras mulheres; não era o tipo de mulher que entraria no quarto dele de manhã cedo sem se sentir incomodada com a bagunça ou por vê-lo em roupas de baixo: não era como Erna; a Mãe Hentjen nunca lhe pediria para pensar nela e escrever-lhe belas cartas sentimentais. Também não era uma mulher capaz de se envolver com um tipo como Korn, embora fosse muito mais mundana que Ilona. Decerto,

a Mãe Hentjen era muito melhor; não obstante, parecia-lhe que precisava defender artificialmente no âmbito mundano o que Ilona tinha por natureza. E se sua carta a tivesse deixado com nojo, ele considerava isso justo e merecido; quase desejava ouvir palavras desagradáveis dela: tinha a impressão de que ela poderia saber que ele aprontara de novo, e sentia aquele olhar fixo nele, aquele olhar que o castigava quando ele saía com Hede. A Mãe Hentjen não suportava essas relações e, afinal de contas, a garota fazia parte de seu estabelecimento. Mas ao chegar em Colônia e dar seus primeiros passos até a casa da Mãe Hentjen, Esch não foi recebido com a confiança desejada nem com o temido desagrado. Ela disse apenas:

— Então, o senhor voltou, Senhor Esch; esperemos que fique por muito tempo.

E ele sentiu como se fosse alguém que não era mais considerado, condenado a vegetar eternamente entre os Korn. E quando mais tarde a Mãe Hentjen se aproximou de sua mesa, sentiu-se ainda mais mortificado ao perceber que ela perguntava apenas por Martin:

— Claro, é isso que o Senhor Geyring conseguiu; já o havia alertado

mais de uma vez.

Esch limitou-se a responder com monossílabos; tudo o que ele sabia já tinha sido revelado por escrito.

— É verdade, e ainda não lhe agradei pela sua carta — disse a Senhora Hentjen; e isso foi tudo.

Apesar de sua decepção, ele tirou um pacote:

— Trouxe uma lembrança de Mannheim.

Era uma reprodução em bronze do monumento a Schiller erguido em frente ao teatro de Mannheim, e Esch indicou a prateleira de onde a Torre Eiffel, com a bandeira preta-branca-vermelha, olhava para baixo: talvez ali em cima ficasse bem. E embora tivesse entregado o objeto sem dar muita importância, a Senhora Hentjen manifestou uma alegria surpreendente e genuína, pois era algo que ela poderia mostrar às amigas:

— Ah, não, aqui ninguém verá; é muito bonito, vou colocar lá em cima no meu quarto... Mas o senhor não deveria ter feito essa despesa por mim.

A cordialidade da mulher trouxe de volta o bom humor a Esch, que começou a contar coisas sobre sua estadia em Mannheim, expressando de vez em quando pontos de vista que na realidade eram do idiota do Lohberg, mas que presumia serem do agrado da Mãe Hentjen. Interrompido por vezes, quando ela tinha que ir ao balcão, exaltou a beleza da natureza, sobretudo a do Reno, e estranhou que ela permanecesse sempre em Colônia sem aproveitar nunca as coisas que estavam ao alcance da mão.

— Isso é bom para os apaixonados — disse com desdém a Senhora Hentjen.

E Esch opinou respeitosamente que ela poderia fazer a excursão, tanto sozinha quanto em companhia de uma amiga. Isso soou mais convincente e tranquilizador aos ouvidos da Senhora Hentjen, que disse que talvez levaria em conta suas observações.

— Além disso — observou com displicência — eu conheço o Reno desde os meus tempos de moça.

Mas mal tinha dito isso, ficou olhando fixamente para o vazio. Esch não se surpreendeu, pois conhecia bem essas mudanças bruscas de humor da Mãe Hentjen. Porém, desta vez, havia uma razão especial que Esch naturalmente não poderia imaginar: era a primeira vez que a Senhora Hentjen mencionava algo de sua vida para um cliente, e isso a assustou tanto que ela foi se refugiar atrás do balcão, para retocar diante do espelho o coque que tinha na cabeça. Ela sentia rancor de Esch por ter arrancado confidências dela, e não voltou ao seu lado, embora tivesse deixado sobre a mesa a reprodução do monumento a Schiller. Ela preferiria mandar que ele a levasse embora, sobretudo

porque um ou dois amigos dele se sentaram ao lado e estavam examinando o presente com olhos e dedos masculinos. Ela fugiu ainda mais para longe, para a cozinha, e Esch sabia que tinha cometido algum erro sem querer. No entanto, quando ela por fim reapareceu, ele se levantou e levou a estatueta para o balcão. Ela a poliu com um pano. Esch, que continuou em pé porque não sabia como se desvencilhar, contou-lhe que no teatro em frente ao memorial tinha acontecido a *première* — uma palavra que ele aprendera com Gernerth — de uma peça de Schiller. Nesse instante, ele tinha vários contatos no teatro e, se tudo desse certo, em breve poderia conseguir ingressos para ela. Mesmo? Ele tinha contatos no teatro? Ora, ele sempre fora um tanto vagabundo. Para a Mãe Hentjen, contatos no teatro simplesmente significavam relações com atrizes vulgares, e ela comentou, com desprezo e indiferença, que não suportava o teatro, pois nele só havia amor, amor, e isso a entediava. Esch não ousou contradizê-la, porém, enquanto a Senhora Hentjen levava o presente para o andar superior em segurança, ele começou a conversar com Hede, que mal o olhara, claramente ofendida porque ele nem se dera ao trabalho de enviar um cartão-postal para ela também. Hede parecia totalmente mal-humorada, e o mau humor parecia impregnar toda a taberna, quando o orquestrião, acionado por um cliente sem escrúpulos, começou a tocar. Hede correu até a máquina para desligá-la, já que música a essa hora da noite ia contra as leis públicas, e todos os homens riram do ocorrido. Através da janela entreaberta, infiltrou-se uma brisa noturna, e Esch, que sentiu um sopro, saiu para a suave frescura da noite, rapidamente, antes que Hede pudesse retornar e antes que ele pudesse encontrar a Senhora Hentjen de novo, pois ela poderia lhe arrancar a informação de que largara o novo emprego: e ela sem dúvida não seria persuadida a acreditar que a promoção de luta livre era uma ocupação respeitável; não acreditaria nas perspectivas, mas com certeza faria comentários maliciosos adversos — talvez com razão. Ainda assim, ele já tinha tido o bastante por uma noite, e assim se retirou.

Nas ruas escuras e úmidas, o cheiro de mofo e umidade pairava no ar, como sempre acontece no verão. Esch estava inexplicavelmente feliz. O ar e as paredes escuras davam uma sensação de lar; não se sentia só. Quase desejava encontrar Nentwig. Adoraria lhe dar uma boa surra. E Esch ficou contente por, às vezes, a vida oferecer soluções tão simples. No entanto, os ganhos na loteria são muito raros, e é por isso mesmo que ele precisava se manter no negócio de promover combates de luta livre.

.

Oppenheimer, agente de teatro, não possuía uma sala de espera com cadeiras estofadas nem um porteiro com um bloco de notas para

registrar as visitas. Isso era completamente esperado. No entanto, ninguém gosta de uma mudança para pior, e Esch mantivera, em algum canto de sua alma, a esperança de encontrar uma empresa semelhante à do Médio Reno, adaptada ao contexto teatral. Não. Era totalmente diferente. Depois de subir por uma escada estreita e escura, e ter encontrado a placa da agência de Oppenheimer, teve de entrar sem ser anunciado, já que ninguém respondeu ao seu chamado. Viu-se em uma sala onde havia um lavatório de ferro esmaltado com água suja e todo tipo de prateleira cheia de papéis. Numa das paredes, havia um calendário publicitário de uma companhia de seguros; em outra, emoldurado, um presente da Companhia Hamburgo-Americana, o navio *Imperatriz Augusta Vitória* reproduzido em cores vivas, cercado por um enxame de pequenas embarcações, no momento em que saía do porto e iniciava sua jornada cortando as espumantes ondas azuis do Mar do Norte.

Esch não se deu ao trabalho de inspecionar o navio de perto, pois estava ali a negócios, e, como a descrição não era precisamente uma de suas virtudes, caminhou adiante, embora com alguma hesitação, em direção a um segundo aposento. Lá encontrou uma escrivaninha em cujo tampo, em contraste com a bagunça prevalecente em outros lugares, não jazia absolutamente nada, nem mesmo vestígios de materiais de escrita; salpicada de tinta, porém, sua madeira marrom estava marcada e riscada com entalhes antigos em cinza e novos em amarelo, e seu pano verde rasgado em muitos lugares. Não havia outra porta. Nesse cômodo, no entanto, também havia notáveis decorações fixadas no papel de parede com alfinetes, uma coleção de fotografias que acenderam o interesse de Esch, pois havia muitas mulheres em *collants* e *paetês*, em poses sedutoras e atraentes, e ele deu uma olhada para ver se Ilona estava entre elas. Entretanto, considerou mais apropriado se retirar e perguntar a alguém onde o Senhor Oppenheimer poderia ser encontrado. Não havia porteiro, então bateu em várias portas até ser informado, com desprezo, que o horário de expediente de Oppenheimer era altamente irregular.

— O senhor pode esperar, se não tiver nada melhor para fazer — disse uma mulher.

Pois bem, agora ele sabia. Não era agradável ser tratado daquela forma, e se esse desprezo fazia parte de sua nova profissão, não era muito encorajador. Porém, nada podia ser feito; aceitara aquilo por amor a Ilona (e esse pensamento lhe proporcionava uma sensação suave e voluptuosa na região do coração); era sua nova profissão, e, por causa disso, Esch esperou. Que hábitos encantadores de escritório esse tal Senhor Oppenheimer tinha adquirido! Esch não pôde conter o riso; sem dúvida, aquele não era um trabalho para o qual se exigiriam recomendações. Ficou em pé diante da porta do aposento, observando

a rua, até que, por fim, um homem insignificante, pequeno, loiro e rosado aproximou-se do edifício e subiu as escadas. Esch seguiu-o. Era o Senhor Oppenheimer. Quando Esch explicou o motivo de sua visita, o Senhor Oppenheimer disse:

— Lutas de mulheres? Eu organizo, eu organizo sim. Mas me diga uma coisa: para que Gernerth precisa do senhor?

Sim, para que Gernerth precisava dele? Por que Esch estava ali? O que o trouxera até ali? Tendo deixado seu emprego na companhia de navegação, sua visita a Colônia não era de forma alguma a jornada oficial que planejava. Por que ele viera para Colônia, então? Não devia ser porque Colônia estava mais perto do mar?

.

Quando um homem honesto emigra para os EUA, seus parentes e amigos ficam no cais acenando lenços. A banda do navio toca a canção “Devo então, devo então, deixar minha cidade natal”, e embora, dada a frequência das viagens, possa parecer um gesto de hipocrisia por parte do maestro, ainda assim muitos dos ouvintes se emocionam. Quando a corda é amarrada ao pequeno rebocador, e o gigante do oceano desliza sobre o espelho escuro e flutuante do mar, ainda ecoam sobre as águas, pobres e perdidas, as suaves melodias com as quais o solícito maestro tenta animar os emigrantes que partem. Então, fica claro para muitos como os seres humanos estão dispersos sobre a superfície do mar e da terra, e como são frágeis os fios que os unem. Deslizando para fora do porto em águas mais claras, onde a corrente do rio já não é discernível e as marés marítimas de fato parecem retroceder para o porto, o grande transatlântico muitas vezes navega em uma nuvem de invisível angústia, tensa, fazendo com que muitos espectadores sintam vontade de detê-lo. Lá vai ele, passando pelos navios ao longo das margens enfumaçadas, onde guindastes rangem de um lado para o outro enquanto carregam e descarregam cargas indefinidas para destinos indefinidos; passa pelas margens abandonadas, que adquirem um aspecto verde empoeirado, em direção à foz fluvial, e terminam em uma paisagem miserável; vai deixando para trás as dunas, onde já se avista o farol. O gigante do oceano está amarrado como um pária ao seu pequeno guia, e, tanto nos navios quanto nas margens, há homens que o veem passar e levantam a mão como se quisessem retê-lo, mas seu gesto não passa de um fraco, duro e desajeitado aceno. Ele continua navegando, sua silhueta quase se perde na linha do horizonte, mal se distinguem suas três chaminés, e se alguém observa o mar a partir da costa, se pergunta se o navio está indo para o porto ou em direção a uma solidão que o homem na costa nem sequer pode conceber. Se aquele que observa vê que o navio se dirige para a costa, se tranquiliza, como se o navio pudesse trazer a pessoa mais querida ou uma carta

esperada por muito tempo sem que ele soubesse. Às vezes, na serena bruma dos limiares do mar, encontram-se dois navios, e é possível ver como deslizam um ao lado do outro. Há um momento em que as duas delicadas silhuetas se confundem em uma só; são momentos comoventes e sublimes, até que suavemente se separam de novo, tão silenciosos e dóceis quanto a bruma distante que os envolve; e cada um segue seu caminho solitário. Doce esperança nunca realizada.

Mas aquele que está no navio não sabe que estávamos preocupados com ele. Mal distingue a ondulante linha da costa, e somente quando divisa vagamente o raio amarelado do farol é que percebe que há alguém em terra que se preocupa com ele e pensa em seus perigos. Não compreende o perigo que de fato o envolve; não está consciente de que uma enorme montanha de água o separa do fundo do mar, que é a terra. Apenas teme o perigo aquele que tem uma meta, pois teme o fracasso. Porém, o passageiro que caminha sobre as pranchas lisas que contornam o convés como uma pista de corrida, mais lisas do que qualquer caminho que já tenha percorrido, o passageiro a bordo do navio não tem uma meta e nunca pode completar seu destino; ele está fechado dentro de si mesmo. Todas as suas potencialidades estão adormecidas. Aquele que o ama só pode amá-lo pelo que promete ser, por tudo o que está dentro de si, não pelo que realizará ou realizou; nunca o realizará. Assim, os homens em terra nada sabem a respeito do amor e confundem seus medos com o amor. O passageiro do mar, no entanto, logo alcança esse conhecimento, e os fios tecidos entre ele e aqueles em terra se rompem antes que a linha costeira desapareça de vista. Para o maestro, é quase vão suscitar-lhe melodias reconfortantes, pois o passageiro se contenta em deixar a mão deslizar sobre o polimento marrom do corrimão e seus anéis de latão cintilantes. O mar brilhante se estende diante de si; sente-se em paz. Poderosas máquinas o impulsionam, e seu ronco molda um caminho que não leva a lugar algum. O olho do passageiro no mar é um olho diferente: é o olho de um homem órfão que já não nos reconhece. Ele esqueceu qual era sua tarefa diária;

não acredita mais na correção dos cálculos de adição, e se seu caminho o levar perto da cabine do operador telegráfico e ele ouvir o tilintar do aparelho, talvez admire o mecanismo, mas não conseguirá se convencer de que o operador está recebendo mensagens da terra e enviando mensagens para a terra; de fato, se não fosse um homem sóbrio, poderia pensar que o operador está falando com o cosmos. Ele ama as baleias e os golfinhos que brincam ao redor do navio, e não tem medo dos *icebergs*. Contudo, se uma costa distante surgir no horizonte, se recusará a olhar para ela e talvez se refugie no ventre do navio até que ela desapareça de novo, pois sabe que não é o amor que o aguarda ali, nem a liberdade, mas a ansiedade tensa e os muros de

sua meta. Pois quem busca o amor, busca o mar; ele pode até falar da terra que fica além do mar, mas não diz o que quer dizer, pois pensa na viagem como interminável, a viagem que nutre em sua alma solitária a esperança de se expandir e se abrir para receber aquele outro que emerge livre como o ar da bruma e entra em si, esse outro que reconhece corretamente como um potencial, ainda não nascido e imortal.

Sem dúvida, Esch não ponderava sobre essas coisas, embora continuasse obcecado com a ideia de emigrar para os EUA e levar consigo os contadores da companhia do Médio Reno. E sempre que entrava no escritório do Senhor Oppenheimer, estudava longa e minuciosamente o *Imperatriz Augusta Vitória* que cortava as ondas com a proa.

.

Ele retomou sua vida anterior, instalando-se em seu antigo quarto e almoçando com frequência na taberna da Mãe Hentjen. Utilizava sua bicicleta com afinco, mas seu trajeto diário levava-o ao escritório do Senhor Oppenheimer, não mais à Stemberg & Cia. A Senhora Hentjen reconheceu a mudança em sua vocação com um olhar que, apesar da habitual indiferença, revelava uma mistura de desprezo, insatisfação e talvez até um toque de escárnio, e embora Esch tivesse que admitir que sua preocupação era justificada, talvez até por causa disso, esforçava-se para pintar em cores favoráveis as perspectivas e vantagens de sua nova profissão. Ele teve algum sucesso. Embora ela fechasse os ouvidos para suas audaciosas descrições da grandiosidade em que ele estava prestes a entrar, abrangendo não apenas os EUA, mas todos os continentes do mundo, a combinação de riqueza deslumbrante, sucesso artístico e alegria de viajar com a qual tentava deslumbrá-la, esse destino que outro alcançaria e não ela, essa grandeza longínqua, despertava a inveja naquela mulher que há quinze anos detestava a estreiteza sórdida de seu destino. Ela estava impregnada, poderíamos dizer, por uma espécie de admiração maliciosa, pois enquanto, por um lado, mantinha teimosamente que suas ambições eram vazias e inatingíveis, por outro, ultrapassava-o em inventividade fantasiosa, dava-lhe conselhos grandiosos e incentivava-o a pensar que poderia ascender a ser o chefe ou, como ele dizia, o presidente de toda a trupe de artistas, intérpretes e gerentes.

— Antes de tudo, eles precisam ser submetidos a uma ordem severa e disciplina rígida — costumava responder Esch. — É do que mais precisam.

Sim, estava convencido disso, e seu profundo desprezo pelos artistas não se baseava apenas na aversão ao caderno sujo de Gernerth e ao caótico escritório de Oppenheimer, mas coincidia tão intimamente

com os princípios da Mãe Hentjen que, num desses momentos de assentimento admirador — um princípio abrangente muitas vezes desemboca em trivialidades domésticas —, ela concedera seu pedido de lhe confiar suas faturas e contas para uma supervisão competente: e concedera com um sorriso condescendente, como se estivesse plenamente convencida de que seus simples livros-caixa eram mantidos de maneira sensata e exemplar. Porém, mal Esch se inclinou sobre as colunas, a Mãe Hentjen gritou que ele não precisava fazer cara de superioridade; ela não estava nem um pouco impressionada com seu conhecimento superficial de contabilidade; era melhor que dirigisse sua atenção para o negócio teatral, que precisava de mais cuidados do que o dela. E ela lhe retirou os livros-caixa.

Ah, o negócio teatral! Dada a natureza aleatória da empreitada, Oppenheimer se acostumou a aceitar os fatos ocasionais sem muita reflexão, e sentia-se indefeso diante da obstinação de Esch; ele ria ao ver um homem de bicicleta aparecendo todas as manhãs, agindo quase como se fosse seu sócio; no entanto, tolerou isso com mais boa vontade ao descobrir que Esch investia dinheiro na luta livre e até engoliu os insultos que Esch lhe dirigia diariamente sobre a desordem no negócio. Juntos, negociaram com o proprietário o arrendamento do Teatro Alhambra para os meses de junho e julho e, como era necessário encontrar um campo de atuação para o zelo de Esch, este recebeu a tarefa de recrutar as lutadoras.

Versado em tabernas, bordéis e mulheres, Esch parecia feito para esse trabalho. Percorreu vários locais e, ao encontrar garotas adequadas que estavam dispostas a se dedicar ao esporte, anotava seus nomes e dados pessoais em um bloco de notas que ele mesmo providenciara para esse fim, sem esquecer de registrar ao lado de cada nome, em uma coluna designada como “Observações”, sua opinião sobre os méritos da candidata, de acordo com uma classificação específica. Dava destaque especial a moças com nomes estrangeiros ou exóticos ou de origem estrangeira, pois o torneio deveria ser internacional, excluindo apenas as húngaras. Às vezes, era divertido examinar os músculos das moças, e de vez em quando ele se deixava seduzir por esses encantos musculares. No entanto, apesar de tudo, não se satisfazia com essa ocupação, e quando falava a respeito do assunto com a Mãe Hentjen, de maneira incidental e desdenhosa, dizia a verdade: ele não conseguia considerar tal ocupação digna e preferia sentar-se diante da escrivadinha nua de Oppenheimer ou ocupar-se do Alhambra.

Com frequência dirigia-se para lá, percorrendo o vazio auditório cinza em cujo piso de madeira ecoavam os passos, atravessando as tábuas oscilantes sobre o poço da orquestra até o palco, cujas gigantescas e nuas paredes cinzentas eram quase pesadas demais para

o leve papel de parede do cenário que logo as encobririam. Ao passar pelo palco a passos largos, experimentava uma sensação de triunfo, pois ali não seriam mais permitidos arremessos de facas, e quando espiava o escritório da direção, considerava se já não deveria instalar-se ali imediatamente. Também refletia que precisava mostrar à Senhora Hentjen seu novo reino. O ar era estranhamente cinzento e fresco, enquanto lá fora a Praça da Restauração brilhava sob um sol radiante, e esse reino contido em si mesmo de estranheza poeirenta era como uma ilha do desconhecido isolada em um mundo do conhecido, uma promessa e também uma indicação do que era estranho e promissor além do imenso mar cinza das paredes. Às vezes, ia ao Alhambra à noite. Nesse momento, a praça estava iluminada e uma orquestra tocava no tablado de madeira, sob as árvores. O teatro permanecia escuro e quase despercebido por trás das luzes, mergulhado nas trevas até o sótão, e ninguém poderia imaginar sua capacidade e suas instalações. Esch gostava de ir ao teatro nessas horas, pois gostava de pensar que estava reservado a ele e a mais ninguém o privilégio de despertar outra vez a vida naquele edifício sombrio.

.

Quando Esch voltou ao Alhambra numa das manhãs seguintes, encontrou o proprietário jogando cartas com amigos no balcão. Juntou-se a eles e jogaram até quase o fim da tarde. Naquele momento, Esch percebeu seu rosto vago e inexpressivo, notando que a vida que levava se assemelhava muito àquela nos armazéns de Mannheim durante a greve. Só faltava Korn aparecer e se gabar das suas aventuras amorosas com Ilona. Qual era o sentido de ter deixado o emprego? Ali estava ele, desperdiçando seu tempo em ociosidade, gastando seu dinheiro, e nem mesmo tinha vingado Martin. Se tivesse ficado em Mannheim, pelo menos poderia tê-lo visitado na cadeia.

Durante o jantar, acusou-se de ter abandonado covardemente Martin, mas quando a Senhora Hentjen respondeu que cada um é o arquiteto do seu próprio destino, e que o Senhor Geyring, a quem ela alertara mais do que o bastante, não podia esperar que um amigo permanecesse em Mannheim por sua causa e renunciasse a uma carreira brilhante, Esch ficou furioso com ela e atacou-a tão veementemente que a mulher se refugiou atrás do balcão e começou a mexer no cabelo. Esch pagou logo e saiu da taberna, indignado por ela ter enaltecido a ociosidade como uma carreira brilhante. No entanto, não queria admitir para si mesmo o motivo da sua raiva, apenas a acusou por sua frieza e dureza de coração em relação a Martin, e passou a noite inteira pensando em maneiras de ajudar o colega.

Pela manhã, dirigiu-se ao escritório de Oppenheimer. Adquirira material de escrita e passou toda a manhã redigindo um artigo

contundente, no qual denunciava claramente que o digníssimo secretário Geyring fora vítima de uma intriga diabólica e demagógica arquitetada pela companhia de navegação do Reno Central e pela polícia de Mannheim. Sem hesitar nem por um momento, levou esse artigo sem demora à redação do jornal social-democrata *Volkswacht*.

O edifício que abrigava o *Volkswacht* não era exatamente um palácio da imprensa. Não havia vestíbulos de mármore nem portões de ferro forjado. Era parecido com o escritório de Oppenheimer, mas com uma atividade mais intensa; aos domingos, quando o pessoal do jornal descansava, deveria ter a mesma aparência. O corrimão preto de ferro da escadaria estava grudento; as paredes descascadas e gastas mostravam vestígios de muitas camadas sucessivas de tinta, e de uma janela podia-se ver um estreito pátio onde um carro estava carregado com pilhas de papel. Máquinas de impressão trabalhavam em algum lugar emitindo ruídos asmáticos. A entrada para a redação era por uma porta outrora branca, que rangia pesadamente devido ao desgaste. Em vez do calendário de seguros, estava pendurado na parede um mapa de ferrovias, e em vez de fotografias de dançarinas, um retrato de Karl Marx. O resto era igual, e de repente pareceu-lhe totalmente absurdo ter vindo até ali; até mesmo o artigo, que momentos atrás parecia vigoroso e ameaçador, tornou-se subitamente sem graça e inútil. “É o mesmo bando em todos os lugares”, pensou Esch com raiva, “um bando de demagogos vivendo na mesma desordem em todos os lugares. Não, é um despropósito colocar uma arma nas mãos destes ou de quaisquer outros; uma arma é inútil em suas mãos, porque nem um sequer sabe o que acontece aqui ou ali”.

Ele foi encaminhado para uma segunda sala. Atrás de uma mesa, que um dia talvez tenha sido coberta com um pano verde, estava um homem usando um casaco de veludo marrom. Esch entregou-lhe o manuscrito. O editor deu uma rápida olhada e o depositou em uma cesta ao lado.

— Mas o senhor nem leu — disse Esch asperamente.

— Sim, sim, eu sei do que se trata... a greve de Mannheim; veremos se podemos usá-lo.

Esch ficou surpreso com a falta de curiosidade do homem sobre o artigo, e por ele agir como se já soubesse tudo sobre o assunto.

— Por favor, são fatos que lançam uma nova luz sobre a greve — insistiu Esch.

O editor pegou de novo o manuscrito, mas o largou em seguida.

— Que fatos? Não vejo nada de novo aqui.

Esch teve a impressão de que o homem queria ostentar saber de tudo.

— Eu fui testemunha ocular; estive presente na assembleia!

— Ah, sim? Nossos informantes também estavam lá.

— Então o senhor já publicou?

— Até onde sei, nada de especial aconteceu lá.

Esch estava tão surpreso que simplesmente se sentou, mesmo sem ter sido convidado.

— Caro senhor e camarada — continuou o editor —, certamente não podemos esperar até que o senhor resolva nos entregar um artigo.

— Sim, claro, mas... — Esch estava completamente confuso. — Por que então os senhores não fizeram nada? Por que permitem que Martin — corrigiu-se — por que permitem que o Senhor Geyring fique na cadeia, mesmo sendo inocente?

— Oh, bem... todo o respeito à sua noção de justiça — o editor olhou para o manuscrito com o nome de Esch —, Senhor Esch. O senhor acha mesmo que com isso poderíamos conseguir a liberdade de Geyring? — e deu uma risada.

Esch não se deixou levar pelo riso:

— São os outros que deveriam estar na cadeia... isso estava mais do que claro para quem estava lá!

— Então o senhor acha que deveríamos mandar prender os diretores da Reno Central em vez de Geyring?

“Que riso desagradável”, pensou Esch, e permaneceu em silêncio. Prender Bertrand? Por que não Bertrand também, além de Nentwig? No final das contas, à luz do dia, não havia uma diferença tão grande entre o presidente de uma companhia e um Nentwig, exceto que o de Mannheim era algo melhor do que Nentwig, e a prisão não lhe bastaria. Distraído, ele repetiu:

— Prender Bertrand.

O editor riu mais do que nunca.

— Isso seria o fim.

— Por quê? — perguntou Esch, irritado.

— Ele é um cara bacana, amigável, acessível — explicou amigavelmente o editor —, um excelente homem de negócios com quem, apesar de tudo, é possível conviver.

— Então o senhor gosta de conviver com alguém que está de mãos dadas com a polícia?

— Pelos Céus, claro que os empresários trabalham com a polícia; se estivéssemos no controle, faríamos exatamente a mesma coisa...

— Bela justiça — disse Esch indignado.

O editor levantou as mãos em divertida resignação:

— O que o senhor quer? Assim é a ordem legal do mundo capitalista. Por enquanto, devemos preferir um conselho administrativo que se esforce para manter a companhia funcionando do que um que a leve à ruína. Se dependesse dos senhores, todos os chefes de indústrias que

são contra nós iriam para a cadeia, e o único resultado seria uma crise industrial. E deveríamos ser felicitados por isso, hein?

Esch repetiu com teimosia e raiva:

— Mesmo assim, ele deveria estar na cadeia.

A alegria do editor tornou-se cada vez mais irritante.

— Ah, agora eu entendo o que o senhor quer dizer: é porque ele é afeminado... — Esch ficou atento, o editor ficou ainda mais amigável.

— Isso lhe incomoda? Ora, posso tranquilizá-lo quanto a isso: ele só faz isso na Itália. E, de qualquer forma, um cavalheiro como ele não é tão facilmente apanhado quanto um social-democrata.

Então era isso: cadeiras estofadas, laçaios prateados, carruagens, e um sodomita — e Nentwig podia correr por aí e fazer o que quisesse! Esch encarou o alegre editor:

— Mas Martin está na prisão!

O editor tinha deixado o lápis em cima da mesa e abriu os braços levemente:

— Meu caro amigo e camarada, nem o senhor nem eu podemos mudar nada. A greve de Mannheim foi uma idiotice completa, não havia outra escolha senão deixar as coisas seguirem seu curso e enfrentar o fracasso, e devemos nos alegrar que os três meses de prisão de Geyring nos proporcionem material para propaganda. Muito obrigado pelo seu artigo, meu caro colega, e se o senhor tiver algo mais, traga mais rápido da próxima vez.

Ele estendeu a mão para Esch e este, apesar de estar furioso, fez um cumprimento desengonçado.

.

Junho estava se aproximando. Esch cuidou, em nome de Oppenheimer, das tarefas na gráfica e no estabelecimento responsável pelos cartazes; tudo estava pronto. Anúncios convincentes surgiram em toda a cidade, em cercas e colunas, anunciando que as mulheres mais fortes de várias nações se reuniriam ali para testar suas forças. Quem duvidasse poderia verificar a veracidade dessa afirmação na lista de nomes: Tatiana Leonoff, a campeã russa; Maud Ferguson, vencedora dos campeonatos de Nova York; Mirzl Oberleitner, detentora da taça do torneio de Viena; sem esquecer a campeã alemã, Irmentraud Kroff. Os nomes eram, em grande parte, invenções fantasiosas de Oppenheimer, para quem os nomes reais das meninas pareciam pouco sugestivos. Esch opusera-se em vão a essa artimanha; afinal, esforçara-se para recrutar garotas de fato internacionais, apenas para que um judeu como Oppenheimer brincasse com os nomes delas. Encarou aquilo como mais um sintoma do estado anárquico do mundo, onde ninguém parecia saber se estava à direita ou à esquerda, na vanguarda ou na retaguarda, e onde, no final das contas, pouco

importava se o Senhor Oppenheimer chamasse alguém por este ou aquele nome. Devia inclusive agradecer por Oppenheimer não ter pensado em um nome húngaro. Afinal, a Hungria não tinha motivo para existir, e era igualmente inadequado Oppenheimer ter incluído a Itália na lista de nações competidoras. Havia mesmo a certeza de que lá embaixo, na Itália, existiam mulheres fortes? Parecia ser um reduto de afeminados. No entanto, não ficou descontente ao olhar para o cartaz com os nomes internacionais: país ao lado de país, o mundo se apresentava como sua própria criação, uma promessa e uma firme esperança para o futuro. Ele levou um dos cartazes para a taberna da Mãe Hentjen e, sem pedir permissão, fixou-o na parede de madeira sob a Torre Eiffel.

Entretanto, a Senhora Hentjen ainda guardava ressentimento pela forma como ele a atacara por causa de Geyring, e gritou do balcão que ele deveria, por favor, afixar seus cartazes apenas onde lhe fosse permitido; era ela quem decidia esse tipo de coisa. Esch, que se esquecera quase por completo do incidente e só se lembrava dele quando via aquele rosto irritado da Senhora Hentjen, agiu como se estivesse prestes a obedecer à ordem. Sua submissão a desarmou; saiu de trás do balcão e se aproximou, resmungando, para olhar o cartaz. Ao decifrar a lista de nomes femininos, ela sentiu nojo e compaixão: essas mulheres mereciam a degradação de se exporem diante dos olhares repugnantes dos homens, e, ao mesmo tempo, sentia pena delas. Esch, como o articulador por trás de tudo aquilo, revelava-se como um paxá no meio de um harém, e essa situação parecia de uma maldade tão refinada, de uma depravação tão profunda, que, em comparação com o restante de seus clientes que ali estavam com seus desejos e vícios mesquinhos, Esch estava em um plano diferente, até mesmo mais elevado. Seu cabelo curto e hirto, sua fronte escura, sua pele bronzeada e avermelhada davam arrepios; não, ela não entendia como suportava o homem e seus cartazes, e assustou-se quando ele a segurou pelo punho. Queria ele dominá-la e deixá-la à sua mercê, adicionando seu nome à lista no cartaz? Ela quase se decepcionou quando nada disso aconteceu; Esch apenas guiou seu dedo obediente de um nome para o outro:

— Rússia, Alemanha, Estados Unidos da América, Bélgica, Itália, Áustria, Boêmia — lia ele em voz alta.

E como sua voz soava grandiosa e nada perigosa, a Senhora Hentjen recuperou a compostura.

— Mas faltam alguns, como Luxemburgo e Suíça — disse ela. No entanto, ela se afastou do cartaz com a lista de nomes femininos como se tivesse um cheiro ruim: — Como pode se envolver com todas essas mulheres?!

Esch respondeu com palavras de Martin, dizendo que cada homem

deve ficar onde Deus o colocou, e que, de qualquer forma, o contato direto com as lutadoras seria tarefa de Teltscher, não dele; ele cuidaria apenas da parte administrativa.

Teltscher veio a Colônia e inspecionou as recrutas de Esch no escritório de Oppenheimer. Ele passou toda a manhã em exame, logo dispensou algumas delas e convocou as outras para encontrá-lo no Alhambra para a primeira lição e um teste de suas habilidades.

Foi uma sessão muito divertida: Teltscher trouxe as malhas e, quando Esch, com a caderneta em mãos, verificou a identidade das presentes, o Senhor Teltini convidou as senhoras a irem ao vestiário para colocarem as malhas. A maioria delas recusou-se a fazê-lo, queriam ver primeiro as outras com aquela vestimenta incomum. Quando as mais decididas saíram dos vestiários praticamente nuas e terrivelmente envergonhadas, todos riram. As portas que davam para a Praça da Restauração estavam escancaradas; o verde das árvores assomava alegremente, e quando uma lufada de ar entrava, sentia-se na sala o calor do sol da manhã. Às portas estavam o proprietário do teatro e as cozinheiras do restaurante, e Teltscher subiu ao palco para fazer uma demonstração das regras da luta greco-romana sobre um colchonete macio lá colocado. Depois, pediu que subissem duas delas para ensaiar, mas nenhuma queria; empurravam-se entre risadas, cutucavam-se, empurravam uma, depois outra, e a empurrada recuava e se refugiava no grupo.

Por fim, duas delas decidiram participar, mas quando Teltscher se preparou para mostrar os primeiros movimentos, elas apenas riram, deixaram os braços caírem e não ousaram tocar uma na outra. Teltscher chamou uma terceira garota, porém, diante da mesma comédia, fez com que Esch lesse os nomes de novo e tentou, com observações jocosas sobre cada um, criar uma atmosfera corajosa e audaciosa. Se o nome fosse francês, ele elogiava a coragem gaulesa e convidava aquela que era o “Orgulho da França” a subir ao palco; o mesmo acontecia com a “Gigante Polonesa”; resumindo, ensaiou todos os títulos honrosos e inspiradores com os quais pretendia apresentar as lutadoras ao público. Algumas das garotas subiram ao palco, mas outras, com gritos de riso, diziam que não queriam mais e que queriam vestir suas roupas, o que Teltscher contrapôs com expressões de pesar e uma pantomima de desespero cômico. O restante da sessão não transcorreu sem contratempos. Em determinado momento, Esch pronunciou o nome de Ruzena Hrushka e Teltscher disse:

— Suba, Lea da Boêmia!

Uma criatura rechonchuda e macia, ainda vestida com suas próprias roupas, avançou até o palco, e, com o tom áspero e cantarolante de sua língua, gritou que ninguém ria dela por qualquer dinheiro sujo.

— Já joguei fora muito dinheiro porque não deixo ninguém rir de

mim! — gritou para Teltscher.

E enquanto ele ainda tentava pensar em uma piada que salvaria a situação, ela levantou o guarda-chuva como se fosse atirá-lo nele. Contudo, ela se calou, seus ombros redondos e macios começaram a se mexer, e dava para ver que ela estava chorando. Quando ela se virou e saiu entre as fileiras silenciosas de garotas assustadas, seu olhar pousou em Esch, que estava sentado à mesa com suas listas. Ela se inclinou em sua direção e murmurou entre dentes:

— Você, você é um péssimo amigo, me trouxe aqui para me envergonhar.

Em seguida foi embora, chorando. Entrementes, Teltscher retomara o controle da situação. O incidente teve seu lado positivo: as garotas, como se envergonhadas de sua frivolidade anterior, mostraram-se então mais dispostas a trabalhar com seriedade; Teltscher as elogiou de maneira entusiasmada, e logo todas esqueceram a indomável tcheca. Mesmo Esch afastou as acusações da mente, embora tivesse de admitir que era um péssimo amigo. No entanto, consolou-se logo: faria com que libertassem Martin. Com pensamentos assim, foi para casa.

•

A Senhora Hentjen assoou com cuidado o nariz e examinou o resultado no lenço. Esch lhe tinha contado a respeito do incidente com a tcheca impulsiva, talvez por remorso, e a Senhora Hentjen o repreendeu, dizendo que ele teria merecido se a pobre mulher maltratada tivesse arrancado seus olhos. Isso era o que acontecia quando se rebaixava ao nível de mulheres desse tipo. Ele não tinha nenhum orgulho próprio? Aquela mulher deveria estar-lhe agradecida por ter recebido a oportunidade de ganhar um pouco de dinheiro. Sim, era assim que se agradecia. Mas aquela mulher tcheca estava absolutamente certa; era assim que se deviam tratar os homens; não mereciam nada melhor. Se divertir vendo pobres mulheres de maiô brigando no palco! As coitadas eram dez vezes melhores que esses homens aproveitadores. E ela ordenou de maneira incisiva:

— Guarde esse cigarro de uma vez por todas!

Esch suportou todas essas reprimendas com respeito, não apenas porque ela lhe proporcionava uma abundante e excelente refeição por uma quantia irrisória, mas também porque reconhecia o direito dela de colocar-lhe o estilo de vida pecaminoso sob a luz, o que ele merecia. Sua situação era complicada: dos trezentos marcos destinados aos combates, restavam apenas duzentos e cinquenta, e, embora devesse participar dos lucros desde o primeiro dia, não sabia ao certo quanto isso representaria. Ele precisava de uma ocupação lucrativa, caso contrário, o sacrifício feito por Ilona, mesmo que ele quase o tivesse esquecido, poderia resultar em uma catástrofe. Ele

gostaria de discutir sobre tudo isso, mas seu orgulho não permitia, pois a Senhora Hentjen não estava em condições de compreender que mesmo as carreiras mais brilhantes podem ter começos difíceis. Depois, limitou-se a dizer:

— Melhor as lutas do que arremesso de facas.

A Senhora Hentjen observou a faca que Esch segurava; ela não entendeu exatamente o que ele acabara de dizer, e isso a deixou desconfortável. Então, ela respondeu simplesmente:

— Talvez.

— Que carne boa! — disse Esch, inclinando-se sobre o prato.

— Alcatra — respondeu ela com ares de perita.

— E pensar na comida que estão dando agora para o coitado do Martin...

— Só dão carne aos domingos — disse a Senhora Hentjen, e com leve satisfação acrescentou: — Nos outros dias, comem principalmente nabos.

Quem era o culpado por Martin ter de comer nabos? Por quem ele se sacrificava? O próprio Martin estaria ciente disso? Martin era um mártir e considerava seu martírio como uma profissão, em parte alegre, em parte amarga; porém, apesar de tudo, era um homem íntegro. A Senhora Hentjen disse:

— Quem não ouve conselho, não chega a velho!

Esch não respondeu. Talvez Martin estivesse guardando algo para si que somente ele sabia; um mártir sempre tem de sofrer por alguma convicção, por alguma ideia que dita sua conduta. Os mártires são pessoas sérias. A Senhora Hentjen especificou:

— A causa está nos jornais anarquistas.

— Sim — concordou Esch —, um bando de porcos; agora o deixaram na mão.

Sem dúvida, o próprio Martin escarnecia dos jornais socialistas, embora fosse lógico pensar que deveriam ser precisamente eles a representar e promover as ideias socialistas. Então, Martin tinha ideias socialistas ou não? Incomodava Esch o fato de Martin estar escondendo algo. Quem detém a verdade, pode redimir os demais; foi o que os mártires cristãos praticaram. E, como se sentia muito orgulhoso de sua cultura, ele disse:

— Na época dos romanos, também havia lutas, mas com leões. Sangue por toda parte. Em Trier, há ainda um circo romano.

— É mesmo? — perguntou a Senhora Hentjen com curiosidade, mas, como não obteve resposta, continuou: — E suponho que queira introduzir isso aqui, não é verdade?

Esch balançou a cabeça negativamente, sem dizer palavra. Se Martin, sem convicções, sem um conhecimento superior aos demais, sem

receber a gratidão de ninguém, sacrificava-se e comia nabos, era porque se sacrificava simplesmente pelo ato em si. Talvez fosse necessário sacrificar-se primeiro para — como era mesmo que aquele idiota de Mannheim dizia? — poder experimentar a graça da redenção. Nesse caso, talvez Ilona também precisasse suportar as facas por amor ao puro sacrifício, quem poderia saber; Esch concluiu:

— Eu não quero nada em absoluto. Talvez todas essas lutas não passem de uma completa idiotice.

— Na verdade, é isso que são — disse a Mãe Hentjen. E ele sentiu novamente aquele profundo respeito por ela que o fazia se sentir protegido.

Cheirava a comida e fumaça de tabaco, com um toque de vinho doce. A Mãe Hentjen estava certa; as mulheres não desejavam que as coisas fossem diferentes. Foi por isso que Ilona se envolveu com Korn. E se o astuto coxo realmente possuía um conhecimento superior, ele não o revelava, não permitia que ninguém compartilhasse disso. Ele corria alegremente como um cachorro de três patas, desaparecia rapidamente em esquinas ou na prisão, e a prisão não o afetava mais do que uma surra afeta um cachorro.

— Talvez até gostem de ser espancados, de se sacrificar... — disse, pensativo.

— Por quem? — perguntou a Mãe Hentjen interessada. — As mulheres?

Esch refletiu:

— Sim, todas elas...

A Mãe Hentjen ficou satisfeita:

— Quer que lhe traga mais um pedaço de carne?

Ela foi para a cozinha. Esch sentiu pena da mulher tcheca; ela chorava com tanta ternura; também aqui a Mãe Hentjen devia estar certa; a tal Hrushka também não queria que as coisas fossem diferentes. E quando a Senhora Hentjen voltou com o prato de Esch, comentou de repente:

— Sem dúvida, a mulher tcheca também está procurando um atirador de facas.

— Ora! — disse a Mãe Hentjen.

— Pobre diabo — disse Esch, sem saber se se referia a Martin ou à mulher tcheca. A Mãe Hentjen, por outro lado, referia-se simplesmente à mulher tcheca e respondeu claramente:

— Ora, se ficar com muita pena dela, pode confortá-la... basta ir atrás dela.

Ele não disse nada; havia comido bem, então pegou silenciosamente o jornal e começou a estudar a seção de publicidade, que se lhe tornara a parte mais importante do jornal desde que surgiram os

anúncios de luta livre. Mas a contabilidade exata de sua alma exigia que a Senhora Hentjen também tivesse uma conta aberta: teria ela menos direito a isso do que Ilona, que desdenha até mesmo quem faz algo de bom para ela? Sua atenção foi atraída para o anúncio de um leilão de vinhos em São Goar, de modo que perguntou a Mãe Hentjen onde ela conseguia o vinho. Ela nomeou um comerciante de vinhos de Colônia; Esch torceu o nariz:

— Então acha que dinheiro dá em árvore? Por que não me perguntou antes? Não digo que tudo é como no comércio de vinagre do venerando senhor Nentwig, mas aposto que paga muito mais caro.

Ela fez cara de ofendida: quem é mulher solteira e fraca tem de aguentar muita coisa. Sugeriu ir em pessoa a São Goar para lhe comprar vinho.

— Dói no meu bolso! — disse ela. Esch estava entusiasmado; os custos da viagem seriam facilmente cobertos pelos preços menores e, se a qualidade fosse boa, o vinho poderia ser misturado com uma variedade mais barata; entendia dessas coisas. E, no final das contas, os gastos não o preocupavam muito; uma excursão pelo Reno — veio-lhe à mente a tagarelice idiota de Lohberg sobre as belezas da natureza — era sempre um prazer. Além disso, ela não precisava reembolsá-lo até que o negócio fosse lucrativo.

— E você vai levar sua tcheca, não? — perguntou a Mãe Hentjen, desconfiada. A ideia não lhe pareceu ruim, mas ele a negou em alta e indignada voz; a Mãe Hentjen poderia convencer-se sozinha, e a melhor coisa que poderia fazer era ir com ele. Afinal, ela expressara recentemente o desejo de desfrutar de novo a natureza; matariam dois coelhos com uma cajadada só, acrescentou Esch entusiasmado. Ela olhou para o rosto dele, aquela pele moreno-amarelada, e afastou-se, encarando-o com dureza:

— E quem vai ficar na taberna?... Não, é impossível!

Pois bem; na verdade, ele não estava tão interessado; além disso, sua situação financeira atual não permitiria uma viagem para dois, então Esch não insistiu no assunto, e a Mãe Hentjen recuperou a confiança nele. Ela pegou o jornal, tranquilizou-se ao ver que o leilão só aconteceria dali duas semanas, e disse que pensaria no assunto. Esch afirmou de maneira ríspida que sim, ela podia pensar, e levantou-se. Ele precisava ir ao Alhambra, onde Teltscher estava ensaiando. Escolheu o caminho que passava pelo local onde a mulher tcheca trabalhava. No entanto, pisou no pedal de sua bicicleta com mais força e seguiu adiante.

.

O diretor Gernerth já havia chegado a Colônia, e Esch, indicado por seus conhecimentos em questões de expedição de mercadorias e

impulsionado por sua ânsia de atividade, ia diariamente ao porto para se informar acerca do material cênico que havia sido despachado pelo Reno. E talvez fosse lá apenas para, diante dos barracões, apreciar o remorso de ter se demitido da Reno Central prematuramente e poder sentir mais uma vez, à vista dos depósitos destinados aos vinhos, como um espinho na carne, a existência de Nentwig. No entanto, não lhe desagradava ver e reviver tudo, pois isso lhe fazia pensar que seu sacrifício poderia se equiparar ao de Martin. Também o fato de Ilona, em vez de ir para Colônia, ter ficado com Korn, encaixava-se na mesma ordem e parecia obedecer a um destino superior. Contudo, não se deve imaginar que Esch se tornara um homem compassivo. De jeito nenhum! Em seus monólogos, ele não hesitava em chamar Ilona de prostituta, e até mesmo de puta imunda, e Teltscher de cafetão e assassino. E se ele tivesse encontrado o canalha do Nentwig entre as montanhas de barris, certamente o teria espancado. No entanto, ao passar pela extensão dos armazéns da Reno Central e ver aquela detestável placa da empresa, erguia-se, acima da suja corja de bandidinhos, uma figura imponente e distinta, a figura de um homem de respeito, uma figura que mal se poderia considerar humana, tão grande e distante, mas que, no entanto, era a figura do bandido maior; erguia-se, inefável e ameaçadora, a figura de Bertrand, o presidente asqueroso da companhia, aquele afeminado que havia levado Martin à prisão. E essa figura expansiva e de fato inefável parecia absorver as figuras daqueles coitados, como se bastasse ferir esse Anticristo para aniquilar todos os bandidinhos do mundo.

Naturalmente, era estúpido se importar com essas questões, pois havia preocupações piores; era ruim o suficiente, com toda a certeza, ficar perambulando por esses cais sem receber pagamento. Um homem sem meios adequados de subsistência merecia morrer. A própria Mãe Hentjen concordaria, e era estranhamente agradável imaginar essa ameaça. Sim, talvez a melhor solução fosse o surgimento de um supremo exterminador que desse cabo de alguém sem rodeios. E quando Esch passeava de novo pelo cais e se deparava mais uma vez com a placa da Companhia de Navegação do Reno Central Ltda., ele dizia em voz alta e clara:

— Ou ele ou eu!

Esch, de pé perto do rebocador, observava o descarregamento do material cênico. Viu Teltscher se aproximando com o enrubescido Oppenheimer: ambos avançavam, por assim dizer, aos solavancos; paravam a cada momento, agarrando-se pelos botões ou pelas bordas dos casacos, e Esch se perguntou o que os dois poderiam estar discutindo tão acaloradamente. Quando ficaram suficientemente próximos, ouviu Teltscher dizer:

— Eu lhe digo, Oppenheimer, esse negócio não é para mim. Espere

só, vou chamar Ilona e, se em menos de seis meses eu não tiver me apresentado em Nova York, podem cortar minha cabeça.

Pois então, Teltscher ainda não desistira de Ilona. Ora, falaria de forma diferente quando as coisas estivessem mais organizadas. E Esch já não encontrava mais prazer na ideia da morte. Ele vociferou para os dois: o que eles queriam aqui? Achavam, talvez, que ele nunca tivesse supervisionado uma operação de descarga antes? Ou talvez pensassem que queria surrupiar alguma coisa? Ou talvez aquele senhor desejasse supervisionar o trabalho dele? Ora, ele lamentava amargamente ter envolvido outras pessoas naquele negócio, sem mencionar o próprio dinheiro.

Ele tinha trabalhado quase um mês de graça para esse empreendimento duvidoso, tinha investido suas últimas economias, e por quê? Porque um tal Senhor Teltscher, que aparentemente estava prestes a dar o fora, convencera-o. Cheio de raiva, começou a imitar de maneira desajeitada as entonações judaicas do Senhor Oppenheimer.

— Ele é um antisemita — disse o Senhor Oppenheimer, e Teltscher opinou que o humor do diretor de cargas e descargas certamente melhoraria depois de dois dias, assim que o primeiro balanço da bilheteria fosse feito. E como ele estava de bom humor e queria provocar Esch, deu a volta em torno do veículo onde os volumes estavam sendo carregados, contou-os com minúcia, e depois se aproximou dos cavalos para dar-lhes um pouco de açúcar que tinha no bolso. Esch, que havia virado as costas para os dois judeus, furioso e ofendido, enquanto fazia anotações nas caixas, viu de relance e ficou surpreso com o gesto generoso de Teltscher; na verdade, recusava-se a acreditar e quase esperava que os animais recusassem o presente. Mas os cavalos, exatamente por serem cavalos, aceitaram alegremente com seus focinhos macios o açúcar da palma da mão de Teltscher, e Esch se irritou: ele também poderia ter pensado em lhes oferecer pelo menos um pedaço de pão. Naturalmente, ao finalizar a atividade, não restou alternativa senão dar um leve tapinha nos flancos dos dois cavalos. Esch o fez e, depois, todos sentados sobre as caixas, voltaram para a cidade no carro. Oppenheimer se despediu na Ponte do Reno; Teltscher e Esch continuaram em direção à taberna da Mãe Hentjen.

Teltscher já estivera algumas vezes na taberna e agia como se fosse um cliente assíduo. Esch sentia certa culpa por trazer um sujeito daquela laia para o estabelecimento da Mãe Hentjen... em vez de algo melhor. Ele jogaria o sujeito para fora do carro com prazer. Um Judas sentado no mesmo lugar que Martin, um grosseiro que não tinha ideia de que existiam homens melhores, mais refinados e respeitáveis neste mundo; que não tinha a menor noção de que Martin fora derrubado pelas mãos de alguém que consideraria abaixo dele até mesmo cuspir

em um simples atirador de facas! E esse trapaceiro, esse cafetão, se dava ares de conquistador, como se o lugar de Martin lhe pertencesse por direito. Truques de ilusionista; simples malabarismos com coisas mortas, um trabalho estéril repleto de mentiras e enganações.

Chegaram à casa da Mãe Hentjen. Teltscher foi o primeiro a desembarcar. Esch gritou atrás dele:

— Ei! Quem vai descarregar essa coisa? Controlar e bisbilhotar, isso você faz muito bem, mas quando se trata de um trabalho real, você some.

— Estou com fome! — limitou-se a responder Teltscher, e empurrou a porta da taberna. De nada adiantava discutir com um judeu; Esch deu de ombros e o seguiu. E para se eximir de qualquer responsabilidade por esse tipo de cliente, ele disse brincando:

— Trouxe-lhe desta vez um cliente fino, Mãe Hentjen, sim, e dos melhores.

Porém, de repente, nada parecia importar: Teltscher podia se sentar no lugar de Martin, e Martin no lugar de Nentwig; não dava para entender direito, e ainda assim, em algum lugar, estava tudo como deveria estar. Em algum lugar não era apenas uma questão de seres humanos, pois todos eram iguais, e nada mudava se um deles se transformasse em outro, ou se sentasse no lugar de outro — não, o mundo não era ordenado de acordo com homens bons ou maus, mas sim de acordo com forças boas ou más de algum tipo. Ele olhou furioso para Teltscher, que fazia truques de mágica com faca e garfo e anunciou que retiraria uma faca do decote da Mãe Hentjen. Ela recuou com um grito, mas Teltscher já segurava a faca entre o polegar e o indicador:

— Mãe Hentjen, Mãe Hentjen, imagine carregar algo assim no decote!

Em seguida, propôs hipnotizá-la, e ela ficou petrificada com a mera sugestão. Aquilo já era demais, e Esch partiu para cima de Teltscher:

— Você deveria ser preso!

— Taí uma novidade! — disse Teltscher.

— O hipnotismo é proibido por lei! — vociferou Esch.

— Que cara interessante! — disse Teltscher, apontando com o queixo para Esch, convidando com seu gesto que também a Senhora Hentjen escarnecesse daquele homem interessante; no entanto, o susto ainda estava nela, e ela apenas mexia mecanicamente no penteado. Esch percebeu que sua intervenção para salvar a Mãe Hentjen havia sido bem-sucedida e ficou contente. Sim, ele deixara escapar um deles, aquele homem, Nentwig, mas isso não aconteceria uma segunda vez; mesmo que não fosse questão do indivíduo, mesmo que as pessoas se fundissem umas nas outras, tornando impossível distinguir um sujeito

do outro; a injustiça existia independentemente do perpetrador, e apenas a injustiça deveria ser expiada.

Mais tarde, quando acompanhou Teltscher ao Alhambra, sentia-se de bom humor. Ele adquirira um novo tipo de conhecimento. Quase sentiu pena de Teltscher. E também de Bertrand. E até de Nentwig.

•

Por fim, por meio de suas artimanhas com Gernerth, Esch conseguiu garantir uma renda de cem marcos por mês por sua colaboração — afinal, como ele sobreviveria? — mas na noite de estreia já obteve uma renda de sete marcos. Se continuasse assim, dobraria sua renda mensal. Não houve como convencer a Senhora Hentjen a assistir à primeira representação, e, durante o almoço, Esch explicou com grande exaltação o sucesso do dia anterior. Quando chegou ao ponto culminante, no qual relatou como Teltscher havia rasgado e depois costurado frouxamente uma das malhas,

de modo que durante a luta ela estourasse no ponto mais proeminente, e assegurou que esse incidente se repetiria todas as noites, rindo tanto ao explicar que, incapaz de continuar falando, teve que fazer gestos que substituíram as palavras, a Senhora Hentjen se levantou e disse que aquilo era demais. Era escandaloso que um homem a quem ela considerava decente e que antes tinha uma profissão respeitável pudesse se rebaixar tanto. E ela então se retirou para a cozinha.

Esch, perplexo, permaneceu onde estava e enxugou os olhos ainda úmidos de tanto rir. Em um recanto de seu coração, a culpa persistia, e nesse canto concordava com a Mãe Hentjen; as malhas que estouravam no palco mantinham uma obscura relação com as facas que já não deveriam ser lançadas ali. Contudo, a Senhora Hentjen sem dúvida não tinha a menor ideia disso, e sua raiva era verdadeiramente incompreensível. Esch tinha respeito por ela, não queria insultá-la como fazia com o idiota do Lohberg; contudo, ela certamente se daria melhor com Lohberg, pois, na realidade, Esch não era tão refinado quanto Lohberg. Então contemplou o retrato do Senhor Hentjen sobre a lareira para ver se tinha alguma semelhança com Lohberg, e quando olhou tempo suficiente para as características do falecido dono da taberna, eles realmente se fundiram com as do tabaqueiro de Mannheim. Sim, para onde quer que olhasse, parecia que uma figura se fundia na outra e que era impossível distinguir os vivos dos mortos. Ninguém era o que pensava ser: um homem imaginava ser um sujeito com os pés firmemente plantados na terra, embolsando seus sete marcos por noite e indo para onde quisesse; na realidade, ele estava apenas às vezes em um lugar e às vezes em outro, e mesmo quando fazia um sacrifício, não era ele mesmo quem o fazia. Foi tomado por um desejo irresistível de produzir alguma prova de que isso não era

assim e que não poderia ser assim; mesmo que fosse impossível provar isso para alguém, ele estava decidido a mostrar para aquela mulher ali que ele não deveria ser confundido nem com o Senhor Lohberg nem com o Senhor Hentjen. Sem mais rodeios, dirigiu-se à cozinha e disse à Senhora Hentjen para não esquecer o leilão de vinhos em São Goar na próxima sexta-feira.

— Você vai encontrar companhia com facilidade — respondeu a Senhora Hentjen, de pé diante do fogão.

A oposição dela o exasperou. O que essa mulher queria dele? Ele só deveria lhe dizer as coisas que ela mesma prescrevia e queria ouvir? Não pôde deixar de pensar no orquestrião, que qualquer um podia colocar em funcionamento. E ainda assim ela não suportava o orquestrião. Se a empregada não estivesse lá, por muito pouco ele simplesmente se sobressairia, lá em pé perto do fogão, para convencê-la de sua existência. Então limitou-se a dizer:

— Eu já arrumei tudo; vamos pegar o trem para Bacharach e depois o barco para São Goar. Chegaremos por volta das onze horas, a tempo do leilão. À tarde, podemos subir até o Lorelei.

Ela se endureceu um pouco diante da firmeza de sua decisão, mas tentou dar à sua resposta uma inflexão irônica:

— Grandes planos, Senhor Esch.

Esch estava seguro de si.

— Apenas o começo, Mãe Hentjen: até o final da próxima semana, espero ter lucrado cem marcos.

Assobiando para si mesmo, ele saiu da cozinha.

Uma vez fora, entreteve-se lendo os jornais que havia trazido e destacou com lápis vermelho os artigos que comentavam a sessão inaugural. Ficou incomodado por não encontrar nada no *Volkswacht*. Permitir que um camarada do partido, um amigo, definhasse na prisão, podiam fazer. Não conseguiam escrever nem um mísero artigo. Também aqui seria necessário impor ordem. Sentiu em seu íntimo que possuía força suficiente para fazê-lo e teve a certeza de que conseguiria atravessar e dominar aquele caos no qual tudo estava oprimido pelo sofrimento, um caos no qual amigos e inimigos se misturavam encarniçadamente, mas sem luta.

•

Ao atravessar a sala durante o intervalo, levou um grande susto, e palavras como “uma ferida no coração” vieram à sua mente: viu Nentwig. Estava em uma mesa com outras quatro pessoas, e uma das lutadoras, com um roupão sobre a malha, estava sentada entre eles. O roupão estava entreaberto e Nentwig tentava abri-lo mais com movimentos astutos de suas mãos gordas. Esch passou por eles com o rosto virado para o outro lado, mas a garota o chamou, e ele teve de

se virar.

— Olá, Senhor Esch, o que o senhor faz aqui? — ouviu Nentwig dizer.

Esch hesitou; disse apenas:

— Boa noite!

Mas Nentwig não compreendeu a repulsa em sua atitude e ergueu o copo para ele; a garota disse:

— Vou lhe dar o lugar, Senhor Esch; tenho que voltar ao palco.

Nentwig, que havia bebido bastante, segurou a mão de Esch e, enquanto lhe servia uma bebida, o olhava com olhos ternos de bêbado:

— Ora, ora, isso sim é uma surpresa inesperada.

Esch disse que também precisava ir ao palco, e Nentwig, sem soltar sua mão, riu alto: — Ao palco, com as mulheres? Eu também vou, eu também vou.

Esch tentou fazê-lo entender que estava ali por motivos profissionais. Por fim, Nentwig entendeu:

— Então você está empregado aqui? É um bom emprego?

A dignidade de Esch não permitia responder afirmativamente à pergunta; não, ele não estava empregado aqui, tinha parte no negócio.

— É mesmo? — disse Nentwig, surpreso. — Você tem um negócio, bom negócio, com certeza é um bom negócio — observou a sala cheia — e se esquece de que existe um velho amigo chamado Nentwig que sempre gostou de participar dessas coisas. — Recuperara totalmente a lucidez: — E como vai o fornecimento de vinhos, Esch?

Esch esclareceu que não tinha nada a ver com o bar, que o dono do local cuidava disso. — Ora, ora, mas com todo o resto — e abarcou com um gesto amplo a sala e o palco —; sim, você precisa ver, não? Ora, beba pelo menos uma taça — e Esch não pôde se recusar a brindar sua taça com a de Nentwig, e teve de apertar a mão de seus acompanhantes e beber com eles. Apesar da armadilha em que Nentwig o colocara, não conseguia sentir o ódio que deveria sentir por ele. Tentou reviver os crimes do chefe de escritório; não conseguiu; havia algo de errado nos balanços, algo muito errado, e Esch se endireitou um pouco para localizar o policial que estava na sala. Mas toda essa questão se tornara de súbito tão estranhamente impalpável e confusa que Esch percebeu imediatamente quão absurda era sua intenção e, um pouco envergonhado e confuso, pegou sua taça com as mãos trêmulas. Entrementes, Nentwig olhava para seu antigo e bom contador com olhos úmidos, e parecia a Esch que, por meio desse olhar úmido, Nentwig pretendia fundir sua figura rechonchuda e transformá-la em algo indiferente e insignificante. Esse vendedor de vinho o acusara traiçoeiramente de cometer faltas na contabilidade;

ele quisesse tirar seu pão e sua existência, e sempre continuaria a apunhalá-lo pelas costas. No entanto, era quase impossível continuar a odiar Nentwig. De toda a confusa rede de eventos surge um braço, um punho que segura uma adaga, e, assim que se descobre que se trata do braço de Nentwig, o fato se torna uma casualidade tola e quase mesquinha. A morte nas mãos de um Nentwig dificilmente poderia ser chamada de assassinato, e um julgamento contra Nentwig seria apenas uma vingança miserável por um erro contábil que não era um erro. Não, de nada adianta entregar um contador à justiça, pois não se trata de arrancar um braço, mesmo que este braço segure uma adaga ameaçadora; trata-se de ferir todo o conjunto ou pelo menos cortar uma cabeça. Uma voz interior disse a Esch: “Quem se sacrifica é um homem decente”!

E decidiu não se preocupar mais com Nentwig. O gordinho recaía no sono e, quando os primeiros acordes da marcha dos gladiadores soaram, ao som da qual as lutadoras subiam ao palco lideradas por Teltscher, Nentwig não percebeu que Esch desaparecera de sua mesa.

Ao entrar no escritório do gerente, Gernerth estava sentado com um copo de cerveja diante de si e lamentava:

— Que vida esta, Deus, isto não é vida!

Oppenheimer ia e vinha movendo a cabeça, e todo o seu corpo se agitava:

— Gostaria de saber o que o deixa tão nervoso.

Gernerth tinha o bloco de notas aberto à sua frente:

— Os impostos simplesmente devoram tudo. Por que estamos nos esforçando tanto aqui? Para pagar os impostos...!

Eles podiam ouvir o som retumbante dos corpos suados de mulheres se chocando no palco, e Esch sentiu indignação ao ouvir esse homem sentado ali falar de trabalho árduo, apenas porque estava fazendo cálculos em um bloco de notas. Gernerth continuou com sua lamentação:

— As crianças devem ir para as férias; isso custa dinheiro... de onde vou tirar?

O Senhor Oppenheimer demonstrou compaixão:

— As crianças são uma bênção, mas também um tormento; não se preocupe demais, tudo vai dar certo.

Esch sentiu pena de Gernerth; um bom sujeito, Gernerth; mesmo assim, os assuntos do mundo se confundiram de novo quando refletiu que lá no palco uma malha deveria em breve se romper para que os filhos de Gernerth pudessem sair de férias. Em algum lugar ou outro havia motivo para o desgosto da Mãe Hentjen com todo o negócio, embora não onde ela imaginava. O próprio Esch não conseguia dizer onde estava; talvez fosse simplesmente a confusão e o caos que o

enchiam de nojo e raiva. Ele saiu; nos bastidores, algumas das lutadoras estavam de pé, com seus corpos cheirando a suor; para abrir caminho, Esch as agarrou por trás pelos braços grossos ou pelos seios, apertando-as contra o seu abdômen, e algumas começaram a rir de maneira lasciva. Então, ele subiu ao palco e ocupou seu lugar no chamado banco do júri. Teltscher, o árbitro com o apito entre os dentes, estava deitado no chão observando atentamente por baixo do corpo arqueado de uma das meninas, que resistia aos esforços da outra para achatar seu corpo, esforços aparentemente grandes, mas apenas aparentemente, é claro, pois a garota por baixo era a representante alemã, que estava obrigada a se libertar imediatamente de um cativeiro humilhante com um patriótico impulso para cima. E embora Esch conhecesse de cor essa farsa premeditada, experimentou um sentimento de alívio quando a lutadora quase derrotada se levantou outra vez; e ainda assim ele estava cheio de piedade indignada por sua oponente quando Irmentraud Kroff se lançou sobre ela e, em meio às aclamações patrióticas da plateia, pressionou os ombros da inimiga contra o tatame.

.

Quando a Senhora Hentjen se levantou, mal havia amanhecido. Ela abriu a janela para verificar como estava o tempo. O céu estava claro e sem nuvens sobre o pátio ainda cinza escuro que se estendia em silêncio imóvel diante dela, um pequeno quadrado entre paredes escuras. As banheiras brilhantes do último dia de banho ainda estavam lá embaixo. Um vento fresco, preso entre as paredes, cheirava a cidade. Ela se dirigiu ao quarto da empregada arrastando os pés e bateu na porta; não pretendia sair sem tomar café da manhã; era tudo de que precisava. Então começou a se arrumar com cuidado e colocou o vestido de seda marrom. Quando Esch foi buscá-la, ela estava sentada, carrancuda, tomando seu café da manhã na taberna. Ela disse mal-humorada:

— Vamos!

Mas ao chegar à porta, ocorreu-lhe que talvez Esch também quisesse tomar café; serviram-no às pressas na cozinha e ele o tomou em pé. O sol já estava alto, mas as faixas brilhantes de sol que se estendiam sobre os paralelepípedos entre as longas sombras das paredes das casas não melhoravam o humor de nenhum dos dois. Esch se limitou a dar algumas indicações curtas e abruptas:

— Eu cuido das passagens. — Ou: — Plataforma cinco.

Sentaram-se lado a lado no vagão, mas, em Bonn, Esch colocou a cabeça para fora, perguntou se havia pãezinhos frescos e comprou um para ela. Ela o devorou com ar mal-humorado e cheio de ressentimento. Depois de Coblença, quando os passageiros, como de

costume, aglomeraram-se à janela para admirar a paisagem da Renânia, a Senhora Hentjen também sentiu o impulso de fazer o mesmo. Esch, por outro lado, não saiu do lugar; conhecia bem a região e também não pretendia mostrar as belezas da natureza para a Senhora Hentjen até que estivessem no barco. Então sentia-se irritado por ela antecipar esse prazer e por ouvir as explicações edificantes das outras pessoas no vagão. Assim, cada túnel que interrompia a vista era um alívio para seu mau humor, e sua irritação aumentou tanto que, em Ober-Wesel, ele a chamou peremptoriamente para longe da janela:

— Estive em Ober-Wesel, em um emprego miserável, mas aguentei dois meses por causa de uma moça do local... chamada Hulda.

— Ora, poderia descer e visitá-la — foi a resposta ríspida da Senhora Hentjen; por ela, ele não deveria se privar de nada.

Chegaram enfim a Bacharach, e Esch, pela primeira vez em sua vida, experimentou a sensação de desamparo do turista que, de pé em uma estação de trem, tem uma hora vazia pela frente. De acordo com seu programa, deveriam tomar café da manhã no pequeno vapor, mas, apenas para cobrir seu embarço, sugeriu entrar em um dos cafés que conhecia. Ao caminharem pelas estreitas ruas da cidade, silenciosas e familiares sob a clara luz da manhã, de repente, em frente a uma casa em enxaimel, a Senhora Hentjen exclamou entusiasmada:

— Eu gostaria de morar aqui; seria meu ideal!

Talvez as flores nas janelas a tenham comovido, talvez tenha sido simplesmente a sensação de liberdade que muitas vezes toma conta das pessoas quando estão diante do desconhecido, ou talvez seu mau humor simplesmente se esgotara — em qualquer caso, o mundo tornara-se mais iluminado; em paz um com o outro, eles olharam para tudo, subiram até as ruínas da igreja; sem saber o que fazer, apressaram-se cedo para o cais com medo de perder o barco, sem que se importassem em esperar meia hora.

Durante a travessia, houve mais de uma discussão, pois o orgulho da Senhora Hentjen não suportava por muito tempo que apenas Esch conhecesse a região. Ela revirava sua memória em busca de nomes de lugares conhecidos, começava a fazer conjecturas e fornecia informações, ofendendo-se profundamente quando ele recusava ignorar qualquer errinho. No entanto, nem isso conseguiu estragar o bom humor deles, e, ao chegarem a São Goar, lamentaram ter deixado o barco; na verdade, por um momento, nem conseguiram entender por que estavam desembarcando. O aspecto comercial da viagem tornara-se de alguma forma indiferente, e quando, nos salões de leilão, descobriram que a venda dos vinhos baratos que os interessavam já havia terminado, isso não apenas não os perturbou, mas foi quase como uma libertação de um dever. Parecia-lhes muito mais importante chegar a tempo para a próxima viagem da balsa, que,

com a vela estendida, dirigia-se para as margens ensolaradas e sedutoras de Goarshausen do outro lado. E quando Esch, imitando a precisão de um metódico homem de negócios, anotou os preços que os vinhos alcançaram no leilão “para referência futura”, como ele disse, essa afetação de zelo comercial era falsa e lhe dava uma espécie de má consciência, fazendo com que ignorasse diligentemente os preços mais favoráveis, e, por outro lado, deprimia-o tão profundamente que, enquanto estava na balsa, de repente adicionou de memória os preços ausentes em sua lista, olhando para a Senhora Hentjen com um olhar hostil.

A Senhora Hentjen, acomodada no ensolarado assento de madeira da balsa, mergulhava tranquilamente um dedo na água, tomando cuidado para não molhar suas luvas de renda cor creme. Se pudesse decidir, teria continuado navegando de uma margem do Reno para a outra, pois era agradável a sensação estranha de leve tontura induzida pela visão da água correndo obliquamente. No entanto, o dia já estava avançado, e era bastante agradável ficar sob as árvores no jardim do restaurante às margens do rio. Comeram peixe, beberam vinho, e, enquanto fumava seu charuto, Esch considerava a necessidade de estabelecer relações mais próximas, ponderando seriamente se a Senhora Hentjen, que estava lá, corpulenta e magnífica, talvez não esperasse por algo assim. Sem dúvida, ela não era como outras mulheres, e assim ele começou muito cautelosamente a falar sobre Lohberg, que de fato o inspirara a fazer aquela adorável viagem, elogiando-o para que, a partir desse exórdio, pudesse abordar, em termos decorosos, a visão vegetariana do verdadeiro amor; no entanto, a Senhora Hentjen, percebendo com ansiedade onde ele queria chegar, interrompeu a conversa, e, embora também estivesse cansada e preferisse descansar, lembrou-o do programa, segundo o qual deveriam subir até o Lorelei. Esch ficou indignado; esforçara-se para falar como Lohberg, mas sem resultado. Evidentemente, ainda não era refinado o suficiente para ela.

Levantou-se e pagou a conta. Enquanto atravessavam o jardim do restaurante, observou os visitantes de verão; entre eles, havia mulheres jovens e bonitas. De repente, Esch não entendia por que estava ligado a essa mulher mais velha, embora ela parecesse majestosa em seu vestido de seda marrom. As jovens usavam vestidos de verão leves, e a seda marrom da Senhora Hentjen estava um pouco empoeirada e desarrumada da estrada. No entanto, havia certa justiça naquilo; afinal, restava a consciência, e se pensasse em Martin, definhando em uma cela sem sol por ter se sacrificado por uma multidão ingrata, então sua própria situação, tudo considerado, ainda era distante demais desse destino! E enquanto caminhava pela poeira da estrada principal com a Senhora Hentjen em vez de deitar na

grama com uma daquelas garotas bonitas, parecia-lhe justo que ela não sentisse qualquer gratidão por seu sacrifício. Um homem que se sacrifica deve ser digno. Ele considerou se poderia lhe informar com propriedade que se tratava de um sacrifício, mas então se lembrou de Lohberg e se conteve: um homem refinado sofre em silêncio. Algum dia, talvez quando fosse tarde demais, ela o perceberia. Uma agitação dolorosa o dominou e, ao andar na frente, tirou primeiro o casaco e depois o colete. A Senhora Hentjen olhou com repulsa para as duas grandes manchas úmidas onde sua camisa grudava nas omoplatas, e quando, ao entrar em uma trilha na floresta, ele parou para esperá-la, ela subitamente sentiu o cheiro quente de seu corpo e recuou assustada. Esch disse com bom humor:

— Ora, o que houve, Mãe Hentjen?

— Coloque a jaqueta — ela pediu de maneira ríspida, mas acrescentou em tom maternal. — Aqui está frio, muito frio, você vai pegar um resfriado.

— Esquenta-se ao caminhar — respondeu Esch —, seria melhor soltar um ou dois botões no pescoço do seu vestido.

Ela balançou a cabeça com o chapéu antiquado; não, de jeito nenhum, que figura ela faria!

— Ora, ninguém olha para nós — disse Esch.

E essa repentina declaração de que estavam sozinhos e juntos, em uma reclusão onde não precisavam se envergonhar um diante do outro porque ninguém podia vê-los, a deixou confusa. De repente, ela achou compreensível que, como que por confiança, ele lhe pudesse expor as manchas de suor; e mesmo que ainda sentisse repulsa, não a sentia mais na superfície; estava amortecida e abafada, como se estivesse escondida; e não sentia sequer o medo de seus fortes dentes brancos, e aceitava isso como parte dessa liberdade estranhamente permitida e sem pudor, quando ele novamente os mostrava rindo:

— Vamos lá, Mãe Hentjen; não adianta dizer que está cansada.

Ela se sentiu ofendida por ele duvidar abertamente se ela conseguiria acompanhá-lo, e, um pouco sem fôlego e apoiada em seu frágil guarda-sol rosa, começou a andar. Esch permanecia ao seu lado e, nos trechos mais íngremes, tentava ajudá-la. Ela o olhou com suspeita no início, temendo uma abordagem atrevida à familiaridade, e somente após alguma hesitação acabou tomando-lhe o braço, apenas para renunciar àquele apoio imediatamente, de fato rejeitá-lo, assim que via outro viajante ou até mesmo uma criança se aproximando.

Subiram com morosidade, e quando pararam para recuperar o fôlego, aos poucos começaram a perceber o que os cercava: a argila clara do caminho na floresta, que, com o calor, rachara e tornara-se esbranquiçada; as plantas, com seu verde pálido sobre o solo

ressecado; as raízes, que estendiam suas fibras empoeiradas sobre o caminho; o seco e murcho odor da floresta, que mal respirava sob o calor; os arbustos, entre cujas folhas se avistavam bagas negras e mortas, prestes a murchar no outono. Percebiam tudo, sem serem capazes de expressá-lo. Ao chegarem no primeiro banco com vista panorâmica, onde a visão do vale se estendia, embora ainda estivessem longe do topo do rochedo Lorelei, quando se sentaram e o panorama se abriu diante deles parecia que já haviam alcançado a meta; e a Senhora Hentjen arrumou com extremo cuidado a parte de trás de seu vestido de seda marrom, para que não se amassasse sob seu peso. O silêncio reinava de tal maneira que dava para ouvir vozes vindas do cais e das estalagens de São Goar, e até o som abafado do barco ao bater contra o cais; e a singularidade dessas impressões os deixou desconfortáveis. A Senhora Hentjen observava os corações e iniciais entalhados no encosto e no assento do banco e, com voz apagada, perguntou a Esch se ele também já imortalizara ali seu nome com o de sua Hulda de Ober-Wesel. Quando, por brincadeira, começou a procurar, ela lhe disse para que esquecesse isso: visível ou não, onde um homem chegava, sempre encontrava vestígios de seu passado sujo. Porém, Esch, que desejava continuar com a brincadeira, disse que talvez encontrasse o nome dela dentro de um coração, o que realmente a irritou; que mais ele ousaria? Graças a Deus, seu passado era puro, e nesse sentido ela poderia competir com qualquer jovem. Claro que, evidentemente, não podia ser compreendido por um homem que passara a vida perseguindo mulheres levianas. Esch, atingido pela censura, sentiu-se vil e vulgar por tê-la julgado inferior às jovens que vira no restaurante, muitas das quais, com certeza, não chegavam aos pés da Senhora Hentjen. Além disso, fazia bem a ele ter alguém ao seu lado que se manifestava com essa clareza e segurança, alguém que sabia perfeitamente onde estava o certo e o errado, onde estava o bem e onde estava o mal. Por um momento, ele teve a sensação de que ali estava o rochedo almejado, erguendo-se claro e firme acima da confusão universal, ao qual poderia agarrar-se com segurança; contudo, a lembrança do Senhor Hentjen e seu retrato na taberna perturbou-o, e ele não conseguia se livrar do pensamento de que em algum lugar devia haver um coração gravado que continha as iniciais dela e do Senhor Hentjen amorosamente entrelaçadas. Ele não ousou tocar no assunto, no entanto, e simplesmente perguntou onde ficava a casa dos seus pais. Ela respondeu secamente que havia nascido na Vestfália e que, além disso, não era da conta de ninguém. E, como não conseguia retocar o penteado, segurou bem o chapéu. Não, a Senhora Hentjen não suportava que as pessoas metessem o nariz na vida dos outros, e era precisamente o que homens como Esch e outros clientes semelhantes faziam, incapazes de imaginar que nem

todo mundo anda por aí arrastando um passado sujo. Quando esses homens não conseguem conquistar uma mulher, tentam inventar uma vida amorosa e um passado puro. Ela se afastou um pouco dele, irritada, e Esch, cujo pensamento ainda estava ocupado com o Senhor Hentjen, teve de repente a certeza de que ela havia sido muito infeliz. O rosto de Esch adquiriu uma expressão de amarga tristeza. Era bem possível que a tivessem forçado àquele casamento. Esch disse que não tinha intenção de incomodá-la. E, acostumado a consolar mulheres que choravam ou pareciam infelizes com o contato físico, pegou sua mão e a acariciou. Talvez devido à extraordinária quietude da natureza, ou talvez simplesmente por puro cansaço, ela não lhe ofereceu resistência. Ela tentara expressar sua opinião, mas as últimas palavras saíram-lhe da boca como plumas desfiadas, e ela mesma mal as reconheceu, sentindo-se então completamente vazia, incapaz de sentir aversão ou repugnância. Olhou para o amplo vale sem enxergá-lo; deixou de saber onde estava. Todos aqueles anos vividos mecanicamente entre o balcão e algumas ruas conhecidas se reduziam a um pequeno ponto, e de repente parecia que ela tinha permanecido fixada desde sempre neste ponto desconhecido. E o mundo inteiro lhe era tão desconhecido que era impossível abraçá-lo, e nada mais a ligava ao mundo, exceto o fino galho de folhas pontiagudas que pendia sobre o encosto do banco e que ela percorria com os dedos da mão esquerda. Esch se perguntou se deveria beijá-la, mas não sentiu vontade, e, além disso, lhe pareceu pouco delicado.

Assim permaneceram, sentados em silêncio. O sol declinava a oeste e reluzia em suas faces, mas a Mãe Hentjen não sentia o calor nem o ardor em sua pele tesa e vermelha, coberta de poeira. E quase parecia que aquele estado onírico, semiconsciente, estava prestes a envolver Esch também, e abraçá-lo, pois, embora visse as sombras da montanha se alongando e alargando no vale como uma promessa atrativa de frescor, ele relutava em se mover, e só com hesitação pegou finalmente o colete que estava ao seu lado, contendo num dos bolsos seu grande relógio de prata. Era hora de partir, e a Senhora Hentjen, completamente sem vontade, obedeceu à sua ordem. Durante a descida, apoiou-se pesadamente em seu braço, e ele carregava sobre o ombro o róseo e frágil guarda-sol, em que balançavam seu colete e jaqueta. Para facilitar-lhe os passos, ele lhe desabotoou dois botões do vestido de gola alta; a Mãe Hentjen o aceitou sem resistência, nem se afastava mais quando outros pedestres se aproximavam; ela não os via. A barra do seu vestido de seda marrom roçava a poeira do caminho, e, quando chegaram à estação, Esch a deixou sentada em um banco enquanto foi beber algo; ela ficou ali, quieta e desamparada, esperando seu retorno. Ele trouxe um copo de cerveja para ela também, que bebeu a seu pedido. No vagão escuro do trem, ele fez um

travesseiro para a cabeça dela em seu ombro. Ele não sabia se a Mãe Hentjen estava dormindo; ela mesma mal sabia. Sua cabeça rolava desajeitadamente para frente e para trás naquele ombro duro. As tentativas de Esch de atraí-la para perto encontravam uma resistência firme daquele corpo robusto em sua carapaça de baleia, e os alfinetes do chapéu que balançava sobre sua cabeça ameaçavam o rosto de Esch. Impaciente, ele empurrou para trás o chapéu que, deslizando para baixo junto com seu penteado, a fez parecer embriagada. A seda do vestido cheirava a poeira e calor; apenas de vez em quando se percebia o sutil perfume de lavanda que ainda permanecia em algumas dobras. Então, ele beijou a bochecha que passava por sua boca e, por fim, segurou com as mãos a cabeça redonda e pesada, virando-a em sua direção. Ela respondeu ao beijo com lábios secos e inchados, como um animal que pressiona o focinho contra uma vidraça.

Somente quando estava parada no corredor é que se encontrou de volta ao seu mundo. Deu um empurrão no peito de Esch e, com passos trôpegos, dirigiu-se ao seu lugar atrás do balcão. Lá, sentou-se e contemplou a taberna, que parecia se estender diante dela como se estivesse envolta em uma espessa névoa. Por fim, reconheceu Wrobek sentado na mesa mais próxima e cumprimentou-o:

— Boa noite, Senhor Wrobek.

No entanto, não viu que Esch a seguira para dentro da taberna, nem percebeu que ele estava entre os últimos a sair. Quando lhe gritou boa noite, ela respondeu de maneira não comprometedora:

— Boa noite, senhores.

No entanto, ao sair do local, Esch sentiu uma sensação estranha e quase orgulhosa: a de ser o amante da Mãe Hentjen.

.

Quando se beija uma mulher uma vez, o encadeamento de consequências ocorre de forma inevitável e irrevogável. Pode-se acelerar ou atrasar, mas não se pode escapar de uma lei da natureza. Esch sabia disso perfeitamente. Porém, ele não conseguia imaginar como seria o curso de seu relacionamento com a Mãe Hentjen, e por isso ficou aliviado que Teltscher o acompanhasse até a taberna no dia seguinte ao meio-dia; dessa forma, seu reencontro com a Mãe Hentjen seria mais leve e, acima de tudo, mais simples.

Teltscher concebera algo novo: deveriam contratar uma mulher negra; isso daria um apelo especial às últimas apresentações da temporada; ele queria chamá-la de “Estrela Negra da África”, e a lutadora alemã, após alguns *rounds* indefinidos, teria de vencê-la. Esch temia que Teltscher expusesse seus planos africanos à Mãe Hentjen, e não estava errado, pois assim que entraram, Teltscher falou de sua

nova ideia:

— Senhora Hentjen, nosso Esch vai nos conseguir uma mulher negra.

Ela, naquele momento, não compreendeu, nem mesmo quando Esch, fiel à verdade, assegurou que não sabia onde encontrar uma mulher negra; não, a Mãe Hentjen se recusava a ouvir e se refugiava em um sarcasmo amargo:

— Uma a mais ou uma a menos, para ele não faz diferença.

Teltscher, muito animado, deu um tapinha no joelho de Esch:

— Naturalmente, com um homem como ele, a quem chovem mulheres, ninguém pode competir.

Esch lançou um olhar para o retrato do Senhor Hentjen: lá estava um homem que havia saído vitorioso.

— Sim, é assim que Esch é — insistiu Teltscher. Para a Senhora Hentjen, tudo isso foi a confirmação da má opinião que tinha de Esch, e ela tentou fortalecer seu vínculo com Teltscher; examinou os cabelos curtos e hirtos de Esch, aquele penteado escuro sob o qual brilhava o couro cabeludo, amarelado, e teve a impressão de que precisava de um aliado. Deixou de lado Esch e elogiou Teltscher; era compreensível que um homem com senso de dignidade não quisesse se envolver com essas mulheres e preferisse deixar tudo nas mãos de Esch. Esch, ferido, disse que muitos lutariam para poder fazer esse trabalho, e que nem todos seriam capazes. E desprezou Teltscher, que nem sequer conseguira manter Ilona consigo. Mas logo aprenderia! Em breve, ninguém poderia ter Ilona.

— Olhe só, Senhor Esch! — exclamou a Senhora Hentjen. — Por que se demora? A negra está esperando; comece já a trabalhar.

Sim, respondeu que era exatamente o que faria, e, assim que terminou de comer, levantou-se e deixou a um tanto desconcertada Senhora Hentjen na companhia de Teltscher.

Ele ficou vagando por um tempo. Não tinha nada para fazer. Irritava-o o fato de ter deixado a Senhora Hentjen sozinha com Teltscher, e por fim foi compelido a voltar. Era pouco provável que Teltscher ainda estivesse lá, mas ele queria ter certeza. O restaurante estava vazio, e ele também não encontrou ninguém na cozinha. Teltscher havia ido embora, e não havia nada que o impedisse de partir também; no entanto, sabia que, nesta hora, a Senhora Hentjen costumava ficar em seu próprio quarto, e de repente percebeu que era por isso que retornara. Hesitou por um momento e, em seguida, subiu em silêncio as escadas de madeira. Sem bater, entrou no quarto. A Senhora Hentjen estava sentada perto da janela, remendando meias; ao vê-lo, ela soltou um grito abafado e ficou petrificada. Ele foi direto até ela, a pressionou de volta à cadeira e a beijou na boca. Ela se contorceu e virou seu corpo pesado em uma tentativa de evitá-lo, e

ofegou roucamente:

— Saia... você não tem nada que fazer aqui!

Mais intensamente do que pela violência, ressentiu-se pelo fato de ele ter entrado em seu quarto, vindo diretamente dos braços de uma tcheca ou negra; em seu quarto, que nenhum homem pisara! Ela lutava por seu quarto. Mas ele a segurou com firmeza, e por fim, com lábios grossos e secos, ela começou a devolver-lhe os beijos, talvez apenas como uma concessão para persuadi-lo a ir embora, pois entre os beijos repetia com os dentes cerrados:

— Você não tem nada que fazer aqui.

Finalmente, limitou-se a implorar:

— Não aqui!

Esch, cansado da luta intensa, lembrou-se de que lidava com uma mulher que merecia consideração e respeito. Se ela queria mudar o local, por que não? Ele a soltou, e ela o instigou em direção à porta. Quando estavam no corredor, ele disse abruptamente:

— Para onde?

Ela não compreendeu, pois acreditava que ele acabaria indo embora. Esch, com o rosto próximo ao dela, repetiu a pergunta:

— Para onde?

E como ela não se mexeu e não deu resposta, ele a segurou para empurrá-la de volta para o quarto. Ela estava ciente apenas de que precisava defender aquele quarto. Desamparada, ela olhou ao redor, viu a porta que levava à sala principal, teve uma esperança súbita de que a formalidade da sala principal o faria recuperar o bom senso e o comportamento decente, e indicou a porta com os olhos; ele fez caminho para ela, mas a seguiu com a mão no ombro, como se estivesse conduzindo um prisioneiro.

Ao entrarem, ela titubeou:

— Ora, seja sensato, Senhor Esch — e tentou se dirigir à janela para abrir as venezianas. No entanto, ele a havia agarrado por trás, e a Senhora Hentjen não conseguia se mover. Ela tentou se soltar, houve tropeços e quase caíram sobre as nozes. As nozes se quebraram sob seus pés, e quando a Senhora Hentjen, preocupada em salvar suas provisões, recuou em direção à alcova para recuperar o equilíbrio, teve um momento de reflexão onírica: não teria sido ela mesma quem o atraía para aquele canto? Mas esse pensamento apenas aumentou sua amargura, e ela silvou com raiva:

— Vá embora com sua negra... não conseguirá me envolver como fez com suas outras mulheres!

Ela tentou se agarrar ao canto da alcova, mas acabou segurando a cortina; os anéis de madeira da cortina tilintaram suavemente, e com medo de danificar a boa cortina, ela se soltou, permitindo que Esch a

forçasse para o canto escuro onde ficavam as camas de casal. Ele ainda estava atrás dela e recapturou suas mãos, puxando-as para perto de si para que ela pudesse sentir sua excitação. Seja por isso, seja porque a visão das camas de casal a reduziu a uma imobilidade indefesa, cedeu-lhe à agressividade apaixonada. E enquanto ele arrancava impacientemente suas roupas, com receio de ter a roupa íntima rasgada, ela mesma o ajudou, como um criminoso que colabora com seu carrasco. Aquilo o encheu de um quase horror ao notar como as coisas se desenrolavam suavemente e de que maneira a Senhora Hentjen, quando caíram na cama, deitou-se serenamente de costas para recebê-lo. E o horror se aprofundou ainda mais ao vê-la deitada rígida e imóvel, como se estivesse se submetendo a um dever familiar, como se estivesse apenas recapitulando um antigo e familiar ato de submissão, sem interesse, sem prazer. Apenas sua cabeça redonda rolava de um lado para o outro sobre o lençol como numa negação persistente. Ele sentiu o calor do corpo dela e intensificou seu prazer para que pudesse despertar esse prazer nela e vencê-la. Ele segurou a cabeça dela entre as mãos, apertando como se quisesse extrair os pensamentos que estavam escondidos e não lhe pertenciam, e percorreu com os lábios a superfície feia e gordurosa de suas bochechas inchadas, bem como sua testa afundada, mas a pele dela permaneceu surda e imóvel, tão imóvel e surda quanto as massas pelas quais Martin se sacrificara sem redimi-las. Talvez Ilona sentisse da mesma forma o peso gordo de Korn, e por um momento ele sentiu alegria ao pensar que seu sacrifício era o mesmo que o dela, e que era justo, e que fazia aquilo por ela e pela redenção, até à justiça. Ah, extinguir-se, tornar-se para sempre um órfão, aniquilar-se com toda a injustiça que se suporta e se acumula, mas aniquilar também a mulher cujos lábios se busca, aniquilar o tempo, tempo que também foi dela, tempo depositado naquelas bochechas envelhecidas, desejo de exterminar a mulher que viveu no tempo para fazê-la ressuscitar renovada e atemporal, entregue e dominada nesta íntima união! Naquele instante, a boca daquela mulher unira-se à sua, como o focinho de um animal pressionado contra uma vidraça, e Esch ficou furioso, porque ela, para evitar que a roubasse, mantinha a alma prisioneira atrás dos dentes cerrados. E quando ela, com um grunhido rouco, acabou abrindo os lábios, Esch sentiu uma felicidade que nenhuma outra mulher jamais lhe causara, que fluía interminavelmente nele, e desejava possuir aquela mulher que deixara de ser ela mesma para se tornar uma vida recebida de novo, maternal, arrancada do seio do mistério, aniquiladora do eu, que quebrara suas fronteiras, mergulhada e afogada em sua própria liberdade. Porque o homem que quer o bem e a justiça quer o absoluto, e Esch compreendeu pela primeira vez em sua vida que isso não depende do

prazer, mas de uma união que está acima de qualquer motivação casual, triste ou mesmo mesquinha, e que reside em uma extinção unitiva, que, ela mesmo atemporal, anula o tempo; compreendeu que o renascer do ser humano é algo tão sereno como o universo, que, no entanto, é capaz de tornar-se pequeno e se restringir ao homem, quando a vontade extasiada o conquista, a fim de que seja para ele o que só a ele pertence: a redenção.

•

Que grande coisa, ser amante da Mãe Hentjen! Muitos homens acreditam que o ápice da vida está na existência de uma mulher em particular. Esch sempre soubera libertar-se desses preconceitos. Não, mesmo que, de vez em quando, a Senhora Hentjen estranhamente ocupasse seus pensamentos. Não mesmo. Sua vida estava direcionada para metas mais elevadas e grandiosas.

Parou diante de uma livraria perto do Mercado Novo. Seus olhos se fixaram em uma reprodução da Estátua da Liberdade, estampada em dourado sobre linho verde; abaixo estava escrito “EUA HOJE E AMANHÃ”. Ele não tinha comprado muitos livros ao longo de sua vida e ficou surpreso consigo mesmo por entrar naquela loja. Os balcões lisos e a ordem dos livros retangulares lembravam vagamente uma tabacaria. Ele gostaria de ter ficado para conversar, mas, como ninguém o encorajou, apenas pagou pelo livro e saiu com um pacote na mão, sem saber o que fazer com ele. Um presente para a Senhora Hentjen? Sem dúvida, ela não teria o menor interesse, mas ainda assim havia uma relação inexplicável entre ela e a compra. Em sua perplexidade, deteve-se de novo diante da loja. Atrás da vidraça, pendurados em uma corda, estavam os livrinhos coloridos para aprender idiomas, com as bandeiras de suas respectivas nações em cada lombada, como um estímulo alegre para quem deseja aprender. Esch dirigiu-se à taberna para almoçar.

Quando alguém carrega consigo um presente inadequado, tem receio de mostrá-lo, e Esch levou seu livro até a janela; era ali que costumava ler o jornal após o jantar, então por que não poderia fazer o mesmo com o livro? Não demorou muito para que a Mãe Hentjen o chamasse através da sala vazia:

— Ora, Senhor Esch, parece que tem tempo até para ler livros em pleno dia.

— Sim — respondeu ele animado. — Vou lhe mostrar — levantou-se e levou o livro até o balcão.

— É sobre o quê? — ela perguntou quando ele lhe entregou o livro; ele indicou com um gesto que desse uma olhada; ela virou algumas páginas, examinou algumas ilustrações com mais atenção e simplesmente devolveu o livro dizendo:

— Bem bom.

Esch ficou decepcionado; de fato, ele já suspeitava que ela não teria interesse; afinal, o que uma mulher como ela saberia sobre os grandes e elevados objetivos da vida? No entanto, ele permaneceu de pé, esperando que algo mais acontecesse... mas tudo o que aconteceu foi um comentário da Mãe Hentjen:

— Você deve estar pensando em passar a tarde toda com essas coisas. Esch retrucou:

— Não estou pensando em nada — e, sentindo-se ofendido, levou o livro para casa para lê-lo sozinho. E ele decidiu emigrar sozinho. Completamente sozinho. No entanto, não conseguia deixar de pensar, uma e outra vez, que estudava a obra norte-americana não apenas para si mesmo, mas também para a Mãe Hentjen.

Cada dia lia um pouco. No início, limitava-se a contemplar as ilustrações, e depois, quando pensava nos EUA, tinha a impressão de que as árvores já não eram verdes, as pradarias não eram multicoloridas e o céu não era azul, mas sim que a vida nos EUA se desdobrava em sombras brilhantes e matizadas, refletindo as fotografias em tons acinzentados ou nos delicados desenhos a pena. Depois, concentrou-se no texto. Os números infinitos das estatísticas o entediavam, mas era muito diligente para pular essas partes, e conseguiu memorizar muitos deles. As organizações policiais e judiciais norte-americanas, as quais, segundo afirmava o livro, estavam a serviço da liberdade democrática, despertaram nele um grande interesse, e deixavam claro para qualquer pessoa que soubesse ler que nos EUA não se costumava prender aleijados a pedido de empresários corruptos; portanto, seria bom para Martin ir com ele. Esch virou as páginas ao acaso, e, estranhamente, a fotografia do gigante oceânico atracado no cais de Nova York revelou a Mãe Hentjen em seu vestido de seda marrom, o guarda-sol rosa claro em suas mãos, inclinada sobre o corrimão observando a multidão de estranhos, enquanto Martin, com suas muletas, sentava-se sobre um baú, e ao seu redor ecoava o idioma inglês.

E, sendo Esch tão minucioso, decidiu, após alguma hesitação, voltar à livraria onde se sentira tão à vontade. Desconsiderando a despesa adicional, comprou o livro de frases em inglês com a convidativa Union Jack e logo começou a aprender as palavras em inglês, atrás de cada uma das quais ele via a palavra “liberdade” nos elegantes tons acinzentados de uma fotografia sedosa e brilhante, como se nesta única palavra tudo o que existira no passado e fosse expresso na antiga língua devesse ser resolvido e redimido. Até decidiu que deveriam falar inglês entre si, e que a Mãe Hentjen deveria ser instruída em inglês para esse fim. Porém, com seu saudável desprezo por tudo o que é devaneio, não se limitou a desejar a liberdade: seus

lucros estavam se acumulando, e embora as arrecadações da luta livre tivessem diminuído um pouco nos últimos dias, ele tinha, de qualquer forma, um excedente claro de cerca de duzentos marcos, que então destinava em definitivo como núcleo de suas despesas de viagem; assim ele poderia agir, escapar de sua prisão, começar sua nova vida. Ultimamente, costumava ser atraído pela Catedral. Quando estava nas escadas com vista para a Praça da Catedral, e turistas de língua inglesa apareciam, era como um sopro de liberdade que o revigorava e acariciava sua testa enquanto ficava com a cabeça descoberta ao vento quente do verão. As próprias ruas de Colônia começaram a assumir outro aspecto, quase se poderia dizer um aspecto mais inocente, e Esch as contemplava com bondade e quase com um toque de triunfo malicioso. Uma vez do outro lado, através do mar, elas também teriam uma aparência diferente. E se voltasse algum dia, deixaria o guia que fala inglês mostrar-lhe a Catedral.

Depois do espetáculo, esperou por Teltscher; andaram pela noite envolta em um ar suave e úmido. Esch parou de repente:

— Olha só, Teltscher, você sempre tem se vangloriado de um contrato americano: está na hora de fazer algo a respeito.

Teltscher adorava discutir suas grandes perspectivas:

— Se eu tiver vontade, posso conseguir tantos contratos lá quantos quiser.

Esch discordou:

— Com seu espetáculo de arremesso de facas... hum, olhe... você não acha que combates de luta livre ou algo do tipo teriam mais sucesso por lá?

Teltscher riu com desprezo:

— Você não está pensando em levar nossas garotas, está?

— Ora, e por que não?

— Você é um idiota, Esch, se pensa em levar esse tipo de coisa. De qualquer forma... lá eles esperam apresentações esportivas de verdade, e o tipo de coisa que nossas garotas fazem... — e riu novamente.

Esch sugeriu:

— Mas não poderíamos reunir uma boa equipe?

— Bobagem, as pessoas de lá não vão esperar por nossa chegada — disse Teltscher —, e onde você encontraria garotas treinadas aqui? — refletiu ele. — Se pelo menos essas nossas garotas tivessem algo para mostrar, talvez pudéssemos fazer alguma coisa. Claro, talvez no México ou na América do Sul.

Esch não entendeu a princípio, e Teltscher ficou irritado com sua estupidez:

— Eles sempre têm falta de mulheres lá... e se a luta livre não

agradar, pelo menos as garotas estariam garantidas, e poderíamos manter todas as despesas de viagem no bolso.

Isso parecia óbvio. Afinal, por que não América do Sul ou México? E as fotografias em meio-tom na mente de Esch assumiram um colorido e brilhante do Sul. Sim, era um esquema convincente. Teltscher disse:

— Você acertou dessa vez, Esch. Faça disso sua missão, prover o circo com novas garotas que valham a pena serem vistas. Conheço um ou dois caras que poderiam organizar uma turnê para nós lá. E então partiremos com todo o carregamento.

Esch sabia que toda a proposta tinha um ar diabólico de tráfico de mulheres. Mas não precisava se importar; as lutas eram um negócio legal e, mesmo que adquirissem uma aparência suspeita, não importava muito: equilibraria um pouco as contas com uma polícia que prendia os inocentes. Uma polícia que estava a serviço da liberdade e não aceitava dinheiro dos donos de navios não esperaria por esse tipo de ajuste. Sem dúvida, o tráfico de mulheres não era um negócio refinado, mas, afinal, até a Mãe Hentjen possuía um negócio que ia contra seus princípios. Nem Lohberg gostava de sua loja. E, de qualquer forma, era melhor levar Teltscher para os EUA com o circo do que deixá-lo aqui arremessando facas. Passaram por um policial entediado que fazia sua ronda na chuva, e Esch gostaria de assegurar-lhe que, apesar de tudo, a polícia não teria do que reclamar: ainda entregaria Nentwig! Esch era um homem que mantinha a ordem e cumpria com suas obrigações, mesmo que os outros fossem porcos.

— Porcos policiais — resmungou.

O asfalto molhado brilhava como um filme fotográfico, marrom escuro à luz das lâmpadas amarelas, e Esch viu diante de si a Estátua da Liberdade, cuja tocha consumia e redimia tudo o que ficara no passado, tudo o que fora e tudo o que morrera, e se isso era assassinato, era um tipo de assassinato além da jurisdição da polícia: um assassinato em prol da redenção. Sua decisão estava tomada, e quando Teltscher o aconselhou na despedida: — E não esqueça, lá eles querem loiras, sempre loiras! — ele aceitou o fato de que teria de procurar e fornecer garotas loiras. Só precisava acertar suas contas antigas, e então partiriam com sua carga loira. Do alto convés do transatlântico, observariam a multidão de barcos menores. Despedir-se-iam do Velho Mundo, um adeus final. Talvez as loiras no navio entoassem uma canção de despedida em coro, e quando o navio, puxado por cabos tensos, deslizesse ao longo das margens, talvez então Ilona, também loira, passeasse pela costa e acenasse com a mão, ela mesma livre de todo perigo, e a superfície da água se alargaria cada vez mais.

Na verdade, ele deveria admitir que sua amante lhe era uma igual: uma vez consumado o amor, a Mãe Hentjen o ignorava. Nisso, ela era como ele, embora movida por considerações diferentes. Ela via o amor como algo tão profundamente secreto que mal se atrevia a pronunciar a palavra. Esquecia-se repetidamente da existência daquele amante, a quem não conseguia impedir de se infiltrar durante a sesta ou à noite, quando seus últimos clientes haviam partido. E, mais uma vez, a aproximação dele a deixava completamente petrificada, um estado que apenas começava a se dissipar gradualmente quando a sala escura e a alcova os recebiam: então, dissolvía-se em uma sensação de isolamento desapegado, e a familiar alcova escura onde ela se deitava, olhando para o teto, começava a flutuar até que logo não parecia mais fazer parte de sua casa, mas sim de um veículo pairando em algum lugar no espaço infinito e na escuridão. Somente então percebia que havia alguém ao lado dela, ocupado com ela, e já não era Esch, nem mesmo um homem que ela conhecia; era alguém que havia se introduzido estranha e violentamente em sua solidão. No entanto, não podia ser culpado por sua violência, pois fazia parte da solidão, e só podia ser encontrado em meio a ela; um alguém silencioso e ameaçador, que exigia que sua violência fosse aliviada. Por isso, tinha de jogar o jogo que ele exigia, e embora fosse um jogo compulsório, era estranhamente isento de culpa, pois estava envolto na solidão, e até Deus fechava os olhos para aquilo. Porém, o homem com quem dividia a cama mal suspeitava da natureza daquela solidão, e ela vigiava estritamente para que ele não a violasse. Um silêncio profundo a envolvia, e ela não permitia que esse silêncio desconcertante fosse atacado, mesmo que ele o confundisse com insensibilidade ou estupidez. O silêncio abolia a vergonha, pois a vergonha nascia apenas da palavra. O que ela sentia não era volúpia, mas libertação da vergonha: estava tão solitária que, como se estivesse solitária para toda a eternidade, não conseguia mais se envergonhar de nenhuma parte de seu corpo. Ele não compreendia seu silêncio, e mesmo assim ficava desanimado com o silêncio sem vergonha que o convidava e submetia-se-lhe em imobilidade brutal. Mal lhe entregava um suspiro, e ele estava todo em expectativa angustiante e esperança de que ela enfim soltasse a voz em um grito de prazer animal saciado. Com muita frequência, esperava em vão, e então odiava o gesto apaziguador com que ela o convidava a deitar a cabeça e dormir em seu ombro carnudo e imóvel. No entanto, quando ela despedia seu amante, era com uma rígida brevidade, como se de repente quisesse aniquilá-lo, a ele e ao conhecimento que compartilhava com ela. Ela o empurrava para fora da porta, e enquanto ele descia a escada, podia sentir sua aversão às suas costas. Isso lhe dava uma ideia de que ele estivera em uma terra estranha, e, apesar de si mesmo, o conhecimento sempre o impelia de

volta com tormento e desejo crescentes. Pois mesmo na felicidade de se perder, de afundar em um transe inominável na falta de vergonha do sexo, o desejo de superar a mulher permanecia em vigilância teimosa, o desejo de forçá-la a reconhecê-lo, de fazer o momento presente se inflamar nela como uma tocha que queimava tudo o mais, para que, em seu fulgor, ela tomasse consciência de seu companheiro, e do silêncio da noite que envolvia tudo, deixasse sua voz soar apaixonadamente, e o tuteasse, e apenas a ele, como se ele fosse seu filho. Ele já não sabia como ela era, estava além da beleza e da feiura, da juventude e da velhice; ela era apenas um problema silencioso que ele precisava dominar e resolver.

Embora em muitos aspectos Esch não pudesse desejar algo melhor, e até mesmo precisasse admitir que era um tipo de amor elevado, que transcendia os padrões comuns e que lançava um feitiço sobre ele, sempre o irritava, repetidas vezes, quando entrava na taberna e a Mãe Hentjen, preocupada com a possibilidade de os outros clientes suspeitarem de algo, o tratava de maneira tão fria que, contra a vontade dela, o tornava visível. Se não fosse pelo fato de ele querer evitar maior atenção e até mesmo escândalo, e se não estivesse em jogo o seu almoço barato e abundante, apenas teria evitado o local. Tal como era, esforçava-se para ser complacente e encontrar um meio-termo em suas visitas; no entanto, não conseguia, não podia agradar a Mãe Hentjen, não importava o que fizesse: se aparecesse na taberna, ela fazia cara feia e claramente desejava que ele fosse embora; se não aparecesse, ela perguntava, de maneira venenosa e insinuante, se ele talvez estivesse escondido com sua negra.

•

Teltscher acreditava que, por uma questão de decência, deveriam oferecer a Gernerth a oportunidade de participar no projeto sul-americano. Com isso, aos olhos de Esch, o projeto ganharia solidez. No entanto, Gernerth recusou, mencionando sua família, que ele planejava trazer consigo no outono, assim que conseguisse acomodação. Portanto, o tagarela Teltscher permaneceu como o único associado de Esch. Sem dúvida, não era alguém em quem se pudesse confiar muito, mas o projeto não deveria ser adiado por causa disso; Esch começou imediatamente sua campanha e iniciou a busca por lutadoras adequadas para serem exportadas. Talvez, durante esse processo, eles realmente encontrassem a negra sobre a qual haviam falado; isso, naturalmente, seria um divertimento adicional.

Ele voltou a percorrer os bordéis e bares, e se por vezes sentia um leve remorso, era apenas porque, caso a Senhora Hentjen descobrisse, nunca admitiria que ele se dedicava a tais tarefas por meras razões comerciais. Como uma espécie de prova de seu desinteresse erótico e, de certa forma, como um álibi moral, embrenhou-se em suas pesquisas

comerciais nos refúgios homossexuais, lugares que até então evitara com receio. No entanto, ele tinha a sensação de que talvez outro motivo o levasse a esses lugares. O que acontecia ali deveria, logicamente, deixá-lo indiferente; no entanto, era curioso o horror que sentia ao ver homens dançando juntos, bochecha contra bochecha. Não conseguia deixar de lembrar da primeira vez que esteve em um desses lugares sórdidos, e como ele, um jovem jogado no mundo sem mal ter conhecido sua mãe, sentiu uma terrível vontade de fugir e se refugiar junto a ela quando viu, pela primeira vez, um afeminado vestido com um longo traje de seda e corpete, cantando canções obscenas em voz falsete. Ao revisitar tais lugares e engolir as náuseas que lhe causava a visão daqueles homossexuais, pensava que a Mãe Hentjen, aquela mulher astuta, poderia realmente compreender o quão pouco prazer ele retirava de suas atividades comerciais. Deus sabia que ele preferiria mil vezes refugiar-se junto a ela em vez de andar por aí procurando algo semelhante à inocência perdida. Era completamente ridículo imaginar que alguém pudesse encontrar, nessa sociedade, o presidente de uma companhia náutica, considerando que tais homens não eram de forma alguma mercadoria adequada para um presidente. De qualquer forma, nesse círculo, era preciso estar preparado para qualquer surpresa. E como o ser humano em situações audaciosas precisa de um absoluto controle sobre si mesmo, Esch evitava a todo custo desferir um soco na cara pintada desses homenzinhos quando lhe dirigiam a palavra; ao contrário, mostrava-se amigável, oferecia licores doces, perguntava como estavam e — caso revelassem confidências — interessava-se por suas fontes de renda e pelos patronos que os pagavam. Sem dúvida, muitas vezes, surpreendia-se ouvindo absurdos, mas ficava à espera do momento em que surgiria o nome do presidente Bertrand. Então, a imagem que tinha daquele homem elegante, de contornos finamente desenhados, uma imagem quase inatingível e sobrenatural, adquiria lentamente matizes de cor, uma tonalidade estranhamente suave e que diminuía ligeiramente ao tornar-se mais intensa e concreta: aquele homem navega pelo Reno em um iate a motor, e tem os marinheiros mais bonitos; tudo é branco e celeste naquele barco dos sonhos; em certa ocasião, chega a Colônia e o pequeno Harry tem a sorte de poder se jogar em seus braços; navegam até Antuérpia no iate encantado e em Ostende vivem como deuses; porém, em geral, ele não dá atenção a pessoas como nós; seu castelo ergue-se em um enorme parque perto de Badenweiler; veados pastam nos campos e as flores mais exóticas exalam seu perfume. Lá ele reside, quando não está em um país distante; não recebe ninguém, e seus amigos são ingleses ou indianos indescritivelmente ricos; possui um carro tão grande que pode usá-lo para dormir durante a noite. Ele é mais rico que o imperador.

Pouco faltou para que Esch se esquecesse de suas próprias tarefas, tal era a intensidade de seu desejo de encontrar Harry Köhler; e quando conseguiu, seu coração bateu tão rápido, e ele se portou com o mais absoluto respeito, como se não soubesse que o rapazinho era pouco mais que um garoto de rua. Esqueceu-se de seu ódio, esqueceu-se de que Martin tinha de sofrer para que esse rapazinho pudesse levar uma vida boa; sim, sentiu-se quase com ciúmes porque para esse garoto, acostumado a companhias finas e abastadas, ele não podia oferecer nada além de uma visita a uma luta livre, que, no entanto, ele prontamente colocou à disposição do Senhor Harry. Mas o rapaz, nada impressionado, simplesmente recusou com um “Arre!” tão nojento que Esch se sentiu envergonhado por ter sugerido algo tão impróprio; no entanto, como também estava irritado, disse rudemente:

— Sim, não posso convidar o senhor para o meu iate.

— Como assim? O que quer dizer com isso? — foi a resposta suspeita, mas estranhamente gentil.

Alfons, o músico gordo e loiro que estava sentado à mesa sem casaco e com uma camisa de seda florida, exibindo saliências que davam a impressão de seios femininos, riu mostrando seus dentes brancos:

— Ele fala a verdade, Harry.

Harry mostrou-se ofendido:

— Espero que não pretenda insultar ninguém, meu caro senhor.

— Deus me livre — respondeu Esch de súbito, pois era algo completamente distante de seus pensamentos; ele apenas lamentava porque sabia que o Senhor Harry estava acostumado a coisas mais refinadas.

Com um sorriso de resignação, Harry acenou a mão languidamente:

— Isso já passou.

Alfons acariciou o braço dele:

— Não se preocupe, meu garoto, há muitos aqui dispostos a lhe consolar.

Harry balançou a cabeça com melancolia suave:

— Só se ama uma vez na vida.

“Esse sujeito fala como Lohberg”, pensou Esch, e disse: — É verdade.

— Pois embora o idiota de Mannheim raramente estivesse certo, neste caso parecia estar, e Esch repetiu: — Sim, é verdade.

Harry sentia-se obviamente satisfeito por encontrar alguém que o entendesse e olhou agradecido para Esch, mas Alfons, que não queria ouvir tais sentimentos, ficou indignado:

— E toda a amizade que oferecemos, Harry, não significa nada?

Harry balançou a cabeça:

— O que é esse pouquinho de intimidade que vocês chamam de

amizade? Como se o amor tivesse algo a ver com amizade e intimidade!

— Ora, meu garoto, você tem suas próprias visões sobre o amor — disse Alfons ternamente.

Harry falou como se lembrasse de alguma coisa:

— O amor é uma grande distância.

E Alfons retrucou:

— Isso é muito profundo para o coitado de um músico, meu garoto. — Esch não pôde deixar de pensar no silêncio da Senhora Hentjen.

A banda fazia um grande barulho, e Harry, inclinando-se sobre a mesa para não precisar gritar, disse misteriosamente e em voz baixa:

— O amor é uma questão de distância; aqui estão duas pessoas, e cada uma está em uma estrela separada, e nenhuma pode saber nada da outra. E então, de repente, a distância é aniquilada e o tempo é aniquilado, e elas voam juntas, de modo que não têm consciência separada uma da outra ou de si mesmas, nem sentem necessidade disso. Isso é amor.

Esch pensou em Badenweiler; em um amor remoto naquele castelo remoto; algo desse tipo talvez estivesse predestinado para Ilona. Porém, enquanto ainda refletia, uma pontada de raiva e dor o atravessou ao pensar que nunca seria capaz de descobrir se tinha sido por esse nobre caminho de amor ou outro que o Senhor e a Senhora Hentjen haviam se amado. Harry continuou como se estivesse recitando um versículo da Bíblia:

— Apenas em uma intensificação terrível da estranheza, apenas quando a estranheza se torna, de certa forma, infinita, pode acontecer o milagre, o objetivo inatingível do amor: o mistério da unidade... sim, é assim que acontece.

— Saúde! — disse Alfons sombriamente, mas para Esch parecia que esse garoto tinha recebido conhecimento de coisas mais elevadas, e ele teve a esperança de que esse conhecimento também pudesse conter a resposta para suas próprias perguntas.

E embora seus pensamentos não estivessem de modo algum em harmonia com os de Harry, ele disse, como já dissera a Lohberg:

— Mas, nesse caso, ninguém poderia continuar vivendo após a morte do outro.

E ele estava cheio da certeza meio alegre, meio amarga, de que a viúva Hentjen, vendo que ainda estava viva, não poderia ter amado o marido. Alfons sussurrou para Esch:

— Pelo amor de Deus, não diga tais coisas na frente do garoto.

Mas era tarde demais, pois Harry olhava para Esch horrorizado e dizia sem entonação, apenas um pouco mais monótono do que o necessário:

— Eu realmente não estou vivendo.

Alfons empurrou uma dose dupla de licor em sua direção:

— Coitado, desde aquela história, ele fala assim... aquele homem fez com que ele enlouquecesse por completo.

Esch se sentiu bruscamente trazido de volta à realidade; fingiu não saber de nada:

— Quem?

Alfons deu de ombros:

— Ora, ele mesmo, o grande Deus, o anjo da pureza...

— Cale a boca, ou arranco seus olhos! — vociferou Harry, e Esch, sentindo pena do rapaz, disse imperiosamente a Alfons:

— Deixe-o em paz.

De repente, Harry desatou a chorar histérico:

— Eu realmente não estou vivendo, eu não...

Esch se sentiu bastante impotente, pois não podia recorrer aos mesmos métodos que costumava usar com as garotas que choravam. Parecia que aquele homem também havia arruinado a vida desse garoto; Esch queria fazer algo para confortar Harry e disse abruptamente:

— Vamos dar um tiro naquele Bertrand.

Harry gritou:

— Você não fará nada disso!

— Por quê? Você deveria ficar feliz; ele merece.

— Você não vai, não vai fazer isso... — ofegou o garoto, encarando-o — não ouse tocar nele.

Esch ficou irritado com o garoto por entender tão estupidamente suas boas intenções.

— Um porco desse tipo merece ser eliminado — insistiu.

— Ele não é nenhum porco — disse Harry suplicante —; ele é o mais nobre, melhor e mais lindo homem do mundo.

Em certo sentido, o garoto estava sem dúvida certo; não se podia machucar um homem assim. Esch estava prestes a empenhar sua palavra.

— Sem esperança — disse Alfons desanimado, bebendo seu licor.

Harry apoiou a cabeça entre as mãos e, balançando como um fantoche, começou a rir:

— Ele, um porco! Ele, um porco!

Então seu riso de súbito mudou para soluços de novo. Quando Alfons tentou puxá-lo para seu peito gordo e sedoso, Esch teve que intervir para evitar uma briga. Mandou Alfons embora e disse a Harry:

— Vamos embora. Onde você mora?

Perdendo a vontade, o rapaz obedeceu e forneceu a direção. Na rua,

Esch segurou-o pelo braço como se estivesse com uma mulher, e ao oferecerem e receberem proteção mutuamente, ambos se sentiram quase felizes. Um vento suave soprava do Reno. Diante da porta de sua casa, Harry se agarrou a Esch e parecia prestes a oferecer o rosto para ser beijado. Esch o empurrou para dentro. No entanto, Harry voltou e sussurrou:

— Você não vai fazer nada a ele — e, antes que Esch pudesse reagir, o rapaz o abraçou, beijou desajeitadamente sua manga e desapareceu dentro da casa.

.

A afluência de público nos espetáculos de luta livre estava claramente diminuindo, e algo precisava ser feito em termos de publicidade. Sem consultar os outros, Esch decidiu, por conta própria, pedir que fosse inserido um relato do espetáculo no *Volkswacht*. No entanto, ao se deparar com a suja porta branca da redação, percebeu claramente que algo diferente o havia levado até ali. Em si, essa visita era completamente sem sentido e fútil: todo o negócio da luta livre havia se tornado indiferente para ele, pois nem mesmo estava alcançando algo para Ilona. Algo mais significativo, mais decisivo, precisava ser feito por ela, e ele compreendia claramente que o *Volkswacht* não publicaria um relato, se até então já não o tivesse deixado de fazer devido a algum preconceito proletário. Fundamentalmente, a atitude do jornal socialista era louvável: pelo menos lá havia uma distinção clara entre a visão burguesa e a visão proletária do mundo. Dever-se-ia de fato chamar a atenção da Mãe Hentjen para tal força de caráter: ela poderia não mais desprezar essas pessoas que, embora socialistas comuns, condenavam os combates tanto quanto ela própria, e talvez não olhasse torto para Martin por ser socialista. Esch ficou perplexo ao pensar em Martin; só o diabo saberia o que ele, August Esch, estava fazendo ali naquela redação! Era evidente que não tinha nada a ver com as lutas. Ele ainda refletia a respeito disso quando entrou, e só quando foi forçado a lembrar o editor mencionando a greve — pois o editor, de maneira muito desagradável, não o reconheceu — só então Esch percebeu que tinha vindo ali por causa de Martin. Ele explodiu:

— Tenho uma notícia muito importante para você.

— Ah, a greve! — o editor tentou desvalorizar o assunto com um gesto displicente. — Isso já é história antiga.

— Certamente — respondeu Esch irritado —, mas Geyring ainda está na cadeia.

— Sim, e daí? Ele pegou três meses, não foi?

— Mas é preciso fazer algo — Esch ouviu-se dizendo, em um tom de voz mais alto do que pretendia.

— Certo, não grite comigo assim. Não fui eu quem o colocou na

prisão.

Esch não era homem de ceder facilmente:

— É preciso fazer algo — repetiu impaciente e teimoso. — Conheço os rapazes com quem o nosso incólume Bertrand se relaciona... Eles estão em Colônia, não na Itália! — concluiu triunfante.

— Nós os conhecemos há muitos anos, caro amigo e camarada. É esta a novidade que você quer nos contar?

Esch percebeu que estava perdendo terreno:

— Então, por que vocês não agem? Martin se sacrificou.

— Meu camarada — disse o outro —, parece que você tem ideias um tanto pueris. Além disso, deveria saber que vivemos em um estado de direito.

Ele esperava que Esch fosse embora, mas Esch não se moveu, e os dois homens ficaram sentados por um tempo, um diante do outro, sem saber o que fazer ou dizer, sem se compreenderem, contemplando apenas a nudez e a feiura moral mútua. Manchas vermelhas de indignação surgiram nas bochechas de Esch e se espalharam pela pele morena. O redator, com seu casaco de veludo marrom e aquele rosto um pouco cheio com um bigode castanho caído, era, como o veludo de seu casaco, suave e forte ao mesmo tempo. Nessa harmonia, havia certa coqueteria, e Esch lembrou-se da forma afetada de se vestir dos rapazes nos estabelecimentos homoafetivos. E se sentiu agressivo:

— Então vocês estão protegendo aquele afeminado, não é? Enquanto isso, Martin pode apodrecer na cadeia — torceu a boca com uma expressão de nojo, mostrando seus dentes fortes.

O redator perdeu a paciência:

— Diga-me, caro senhor, o que é que isso lhe importa?

Esch perdeu a cabeça:

— Vocês estão evitando intencionalmente tudo o que poderia salvá-lo... Não publicaram o meu artigo e protegem aquele sujeito, o tal Bertrand, que o levou para a cadeia... E ainda querem se passar por defensores da liberdade! — riu amargamente. — Com vocês, a liberdade está em boas mãos!

“Evidentemente, não passa de um louco”, pensou o redator, e por isso respondeu com calma:

— Escute, do ponto de vista jornalístico, não é possível publicarmos como uma notícia o que você nos comunica com semanas ou meses de atraso; isso seria apenas...

Esch levantou-se de um salto:

— Vocês ainda terão notícias frescas minhas! — gritou, e saiu batendo a suja porta branca, que não se fechou direito e ficou oscilando e batendo.

Na rua, deteve-se, perplexo. Por que havia reagido daquela maneira?

Poderia mudar o fato de que aqueles socialistas eram uns porcos? Mais uma vez, a Senhora Hentjen mostrara estar certa ao desprezar toda aquela turma.

— A imprensa corrupta — repetia para si mesmo. E ele tinha ido lá com as melhores intenções, queria lhes dar a oportunidade de se justificarem aos olhos da Senhora Hentjen. As coisas como eram e como deveriam ser recomçaram a se emaranhar de maneira irritante e confusa. Apenas uma coisa era certa: o editor se comportara como um porco, primeiro por sua atitude em geral, e segundo porque tentava proteger aquele tal de Bertrand com todos os recursos de uma imprensa corrupta, sim, uma imprensa corrupta. E esse tal presidente era um autêntico porco, mesmo que o garoto Harry se recusasse a admitir, e não havia nada que se pudesse fazer para detê-lo. Por outro lado, o que o garoto dissera sobre o amor estava absolutamente certo. Nada era simples! No máximo, apenas uma coisa ficara clara: a Senhora Hentjen não podia ter amado o marido; ela deve ter sido forçada a se casar com aquele porco. E à medida que os pensamentos de Esch se enchiam de ódio pelo mundo ao seu redor e pelos porcos que deveriam ser eliminados, como os porcos merecem ser eliminados, começava a odiar cada vez mais explicitamente o presidente Bertrand, odiava-o por seus vícios e por seus crimes. Tentou imaginar Bertrand sentado confortavelmente em uma cadeira após o jantar em seu castelo, cercado por luxo, um charuto grosso na mão, e quando aquela figura elegante por fim emergiu como de uma nuvem de fumaça de tabaco, era algo semelhante a um alfaiate afetado, bastante parecido com o retrato do Senhor Hentjen que pendia sobre a lareira na taberna.

•

Para o aniversário da Mãe Hentjen, uma celebração anual realizada com devida pompa pelos frequentadores assíduos da taberna, Esch escolheu uma pequena Estátua da Liberdade em bronze como presente. Essa escolha lhe parecia significativa, não apenas por fazer alusão ao futuro nos EUA, mas também por formar um par harmonioso com a figura de Schiller, que já havia sido um grande sucesso. Ao meio-dia, apareceu com a estatueta.

Infelizmente, o presente não teve o efeito desejado. Se ele o tivesse entregue em absoluto sigilo, talvez ela pudesse apreciar a beleza da escultura. No entanto, o pânico que a acometia diante de qualquer demonstração pública de familiaridade a deixou tão cega que ela não demonstrou alegria alguma. Nem mesmo se mostrou mais receptiva quando, como se se desculpasse, ele observou que a estátua poderia combinar bem com o monumento a Schiller.

— Ora, se você acha... — disse ela indiferente; e foi isso.

Naturalmente, o novo presente também serviria para enfeitar o quarto dela, porém, para deixar claro que ele não devia imaginar que tudo o que trazia merecia um lugar de destaque, e para mostrar de uma vez por todas que ela ainda preservava a pureza de seu quarto, subiu para buscar o monumento a Schiller e o colocou na prateleira ao lado da nova Estátua da Liberdade, próxima à Torre Eiffel. Ora, estavam ali juntos o bardo da liberdade, a estátua americana e a torre francesa, como símbolos de uma postura que a Senhora Hentjen não compartilhava, e a estátua estendia o braço, elevando sua tocha na direção do Senhor Hentjen. Esch sentiu que seus presentes foram profanados pelo olhar do Senhor Hentjen e gostaria de exigir que, ao menos, o retrato fosse afastado; no entanto, qual seria a utilidade disso? O estabelecimento onde o Senhor Hentjen deixara sua marca continuaria o mesmo, e quase preferia que tudo permanecesse no lugar de maneira franca e honesta. Para que tentar, de maneira desonesta, ocultar algo que era impossível esconder? Esch descobriu que o que o atraía ali não era apenas a economia com a refeição, que recebia em abundância sob o olhar do Senhor Hentjen, mas também que precisava de alguma forma misteriosa da presença daquele rosto, como se fosse um estranho e amargo tempero para aquela refeição: era a mesma dose amarga e inevitável que ele aceitava diante do comportamento mal-humorado da Mãe Hentjen, e se sentiu irremediavelmente vinculado a ela quando esta murmurou carrancuda que ele poderia visitá-la naquela noite.

Ele passou toda a tarde absorto em pensamentos lascivos sobre os rituais amorosos práticos da Mãe Hentjen. Outra vez foi atormentado por essa objetividade, que contrastava tão abertamente com sua aversão habitual. Em quais abraços noturnos ela teria adquirido aqueles hábitos? Uma esperança, na qual ele mesmo não acreditava, começou a surgir vagamente, prometendo que tudo aquilo desapareceria assim que estivessem nos EUA, e o conforto dessa esperança se misturou à exultação que o dominou ao sentir a chave da porta dela em seu bolso. Esch retirou a chave, segurou-a na palma da mão e sentiu o metal suave da alça. É verdade que ela se recusara a aprender inglês, mas o vento do futuro soprava mais uma vez pelas ruas. “A chave para a liberdade”, pensou Esch. A catedral se erguia cinza no crepúsculo tardio, as torres se destacavam em cinza-ferro, e um sopro do novo e do desconhecido as acariciava. Esch contou as horas até a noite. Era mais importante encontrar garotas para a viagem à América do Sul do que ir ao Alhambra. Cinco horas completas, então estaria à porta da casa. Esch visualizou o recanto, avistou-a deitada na cama; e a ideia de se aproximar dela, a ideia de que com o toque de seu corpo excitado no corpo dela fizesse com que este mesmo corpo palpitasse, tornou-lhe a respiração difícil e a boca

seca. Pois mesmo na semana passada, como em todas as semanas anteriores, ela o recebera com uma impassibilidade entediante, e embora aquele breve e involuntário palpitar fosse insignificante em si mesmo, ainda era um ponto em que o enorme peso morto do hábito fora revivido, um ponto pequeno, é verdade, mas virginal, e isso era um prenúncio de esperança e do futuro. E para Esch, parecia desonroso frequentar locais de prostituição na noite do aniversário da Mãe Hentjen, então dirigiu-se ao Alhambra.

Quando mais tarde retornou à taberna, avistou à distância o resplendor amarelo projetado sobre as pedras irregulares. As janelas com vidros de olho de boi estavam abertas, e lá dentro ele podia ver a homenageada, rígida em seu vestido de seda, cercada por clientes ruidosos; uma tigela de ponche jazia na mesa. Esch permaneceu à penumbra; a ideia de entrar o repugnava. Virou-se de novo, mas não para cumprir com afinco a busca por garotas naqueles locais; percorreu furiosamente as ruas. Na Ponte do Reno, apoiou-se na grade de ferro, contemplou a água negra e os galpões do outro lado. Seus joelhos tremiam, tamanho era seu desejo de romper o rígido espartilho em que aquela mulher estava envolta; as barbatanas das baleias teriam estalado na luta selvagem que inevitavelmente ocorreria. Com o rosto sem expressão, retornou mecanicamente à cidade, deslizando a mão ao longo das barras da grade da ponte.

A casa estava escura. A Mãe Hentjen, com um castiçal na mão, aguardava-o no alto da escada. Ele simplesmente apagou a vela e a abraçou. Mas ela já havia tirado o espartilho, e não só não ofereceu resistência, como também lhe deu um beijo terno. E embora esta saudação o tenha surpreendido e talvez fosse tão inusitada quanto aquele palpitar que ele aguardava com impaciência, o beijo, no entanto, deixou claro, terrível e inegavelmente, que uma de suas antigas práticas era encerrar as celebrações de seu aniversário com um rito de amor carinhoso. Quando o momento tão esperado chegou e um palpitar de felicidade percorreu o corpo dela, o pensamento de que o toque do corpo do Senhor Hentjen, que na posição atual Esch não desejava imaginar, também a fez palpitar assim, tornou-se uma dor furiosa; o fantasma que ele imaginara ter afastado ressurgia, mais escarnecedor, mais invencível do que nunca, e para vencê-lo e mostrar àquela mulher que só ele estava lá, sobrepujou-a com furor e cravou-lhe os dentes no ombro rechonchudo. Deve ter doído, mas ela suportou em silêncio, embora fizesse uma careta como se tivesse mordido algo azedo, e quando ele, extenuado, tentou se afastar, ela o envolveu com seu pesado e desajeitado braço, como em agradecimento, mas tão fortemente que ele mal conseguia respirar, e tentou se libertar com raiva. No entanto, ela não cedeu e falou — era a primeira vez que ela falava com ele na alcova — com sua voz

habitual e comercial, na qual, se Esch fosse mais sensível, teria notado um tom quase de angústia:

— Por que você chegou tão tarde?... porque estou um ano mais velha?

Esch ficou tão impressionado com esse discurso incomum que não entendeu o significado das palavras; na verdade, nem tentou entender, pois o som inesperado de sua voz foi para ele como a conclusão de algo, como uma súbita iluminação após um longo e doloroso processo de pensamento, um sinal de que as coisas poderiam assumir uma perspectiva diferente. Ele disse:

— Estou cansado, vamos terminar com essa farsa.

O sangue da Senhora Hentjen congelou; ela mal teve forças para desvencilhar o braço que o envolvia; sentia-se pesada e gélida, e seu braço ficou sem forças. Tudo o que ela sabia era que não deveria mostrar seu desânimo diante de um homem, que deveria lhe dar a ordem de partir antes que ele fosse embora por conta própria, e, reunindo todas as suas forças, conseguiu dizer fracamente:

— Claro, para mim tanto faz.

Esch não deu atenção a isso e continuou:

— Na próxima semana, irei para Baden.

Por que ele precisava contar aquilo também? Ela se sentiu lisonjeada de alguma forma, pois a ideia de terminar parecia impactá-lo tanto que o estava afastando de Colônia para o mundo. No entanto, ele estava novamente pressionando os lábios contra o ombro dela, e isso era, sem dúvida, uma maneira estranha de mostrar que ele queria terminar tudo. Ou será que ele apenas queria satisfazer seu desejo até o último minuto? Dos homens, podia-se esperar qualquer coisa! Mesmo assim, ela recuperou as esperanças e, embora ainda lhe fosse difícil falar, perguntou:

— Por quê? Há outra garota lá como a de Ober-Wesel?

Esch riu:

— Sim, ela é daquele tipo de garota.

A Senhora Hentjen ficou indignada com o sarcasmo, e isso a deixou ainda mais irritada:

— Não há mérito em ridicularizar uma mulher fraca.

Esch continuava pensando na mulher de Badenweiler, o que aumentava seu riso:

— Ah, não, ela não é tão fraca assim.

A desconfiança da Senhora Hentjen aumentou:

— Quem é ela?

— Segredo — respondeu ele.

Ela se manteve calada, ressentida, suportando suas carícias

renovadas. Entre um e outra, perguntou:

— Por que precisa de outra?

Mesmo contra sua vontade, ele não podia deixar de admitir secretamente que aquela mulher, com sua entrega realista, quase impessoal, e no entanto estranhamente reservada e casta, lhe proporcionava mais prazer e despertava mais intensamente seu desejo do que qualquer outra, e que na verdade ele não queria mais ninguém. Ela repetiu:

— Por que você precisa de outra mulher? Basta me dizer se não sou jovem o suficiente para você.

Esch não respondeu, pois de repente ficou emocionado e feliz que ela estivesse falando, ela que, até então, tinha permanecido em silêncio em seus braços, movendo a cabeça, tão silenciosa, tão imutavelmente silenciosa como se aquele silêncio fosse uma herança da época do Senhor Hentjen. Ela percebeu sua felicidade e acrescentou com orgulho:

— Você não precisa dessas jovens; posso competir com qualquer uma delas...

“Isso é loucura”, pensou Esch, dolorosamente, “ou ela está mentindo”. E se lembrou dolorosamente das palavras de Harry: “Só se ama uma vez”, e quando a Senhora Hentjen apenas confirmou que “sim”, como se quisesse indicar que era a ele que ela amava, ficou claro que ela realmente mentia: fingia sentir nojo dos homens, sentava-se para beber com eles e permitia que brindassem à sua saúde; naquele instante, fingia amá-lo, apenas a ele, quando na verdade era fria e mecânica. Mas talvez nada fosse verdade; ela não tinha filhos. Novamente, seu desejo por clareza e absoluto esbarrou em uma parede intransponível. Se ao menos tudo já tivesse passado, se tivesse terminado! Nesse momento, a viagem a Badenweiler lhe pareceu um prelúdio necessário, um exercício indispensável antes da viagem para os EUA. Ela, evidentemente, percebeu seus pensamentos sobre viagens, pois perguntou:

— Como ela é?

— Quem?

— Ora, a garota de Baden.

E Bertrand, como era? E mais claramente do que nunca, reconheceu que só conseguia imaginar Bertrand com a figura de Hentjen. Ele respondeu de maneira brusca:

— Aquele retrato precisa ser removido.

— Que retrato? — ela não compreendia.

— Aquele lá embaixo — Esch não conseguiu pronunciar o nome —, aquele sobre a Torre Eiffel.

Ela começou a entender, mas se opôs por princípio, porque ele

tentava se intrometer em suas coisas:

— Nunca incomodou ninguém.

— Justamente por isso — ele persistiu, e enquanto via cada vez mais claramente que precisava acertar as contas com Bertrand para resolver seu problema com Hentjen, continuou com sua ideia: — Temos que colocar um fim em todos os sentidos.

— Ora... — disse ela indecisa, e depois, com sua capacidade de compreensão obscurecida pela rebeldia, acrescentou: — Pôr fim a quê?

— Nós vamos para os EUA.

— Sim — disse ela —, eu sei.

Esch se levantou. Ele teria gostado de passear pelo quarto, como costumava fazer quando algo o preocupava, mas não havia espaço na alcova, e na sala estavam as nozes. Então, sentou-se na beira da cama. E mesmo querendo repetir exatamente as palavras de Harry, as palavras sofreram uma modificação em seus lábios:

— O amor só é possível em um país estrangeiro. Se você quer amar de verdade, precisa começar uma vida nova e destruir tudo o que é antigo. Somente em uma vida nova, totalmente estranha, onde tudo do passado esteja tão morto que nem precise ser esquecido, duas pessoas podem se unir a ponto de o passado e até o próprio tempo deixarem de existir para elas.

— Eu não tenho passado — disse a Mãe Hentjen, ressentida.

— Só então — Esch fez uma careta perversa que, felizmente, a Senhora Hentjen não viu na escuridão —, só então não haverá mais necessidade de negar nada, pois então existirá a verdade, e a verdade é atemporal.

— Eu nunca neguei nada — defendeu-se a Mãe Hentjen.

Esch não se deixou confundir:

— A verdade não tem nada a ver com o mundo, não tem nada a ver com Mannheim — quase gritava —, não tem nada a ver com este velho mundo.

A Mãe Hentjen suspirou. Esch a olhou intensamente:

— Não há motivo para suspirar; é necessário libertar-se do velho mundo para se libertar.

A Mãe Hentjen suspirou de novo e, em tom preocupado, disse:

— E o que será da taberna? Vamos vendê-la?

— Deve haver algum sacrifício — respondeu Esch com firmeza —, pois sem sacrifício não há redenção.

— Se formos embora, teremos que nos casar... — e a voz da Mãe Hentjen refletiu outra vez certa angústia. — Eu sou velha demais para você? Para que se case comigo?

Esch, sentado na beira da cama, a contemplou à luz oscilante da vela. Desenhou com o dedo o número 37 sobre a colcha. Ele poderia ter dedicado um bolo com trinta e sete velas; porém, era melhor assim, ela escondia a verdadeira idade, só ficaria chateada. Esch observou seus traços pesados e inertes e, de repente, desejou vê-la ainda mais velha. Parecia-lhe mais seguro, embora não soubesse por quê. Se ela, de repente, recuperasse a juventude e estivesse ali deitada com o vestido dourado da adolescência, o sacrifício seria arruinado. E tinha que haver sacrifício, o sacrifício tinha que ser cada vez maior com sua dedicação àquela mulher que envelhecia, para que o mundo pudesse ser colocado em ordem e Ilona estivesse a salvo das facas, para que o estado de inocência pudesse ser devolvido a todos os seres vivos, para que nunca mais uma alma precisasse definhar na prisão. Ora, era absolutamente certo que a Mãe Hentjen ficaria velha e feia. O mundo se apresentava a ele como um corredor liso, polido e infinito. Pensativo, ele disse:

— Deveríamos revestir o local com linóleo marrom; ficaria bonito.

A Mãe Hentjen sentiu renascer suas esperanças:

— Sim, e também pintar; toda a casa já está em mau estado... nada foi feito todos esses anos... mas se você quiser ir para os EUA...

Esch repetiu as palavras:

— Todos esses anos...

A Mãe Hentjen sentiu que precisava se justificar:

— É preciso economizar, e a gente vai adiando de um ano para o outro... e assim o tempo passa... — e depois acrescentou: — ... e a gente vai envelhecendo.

Esch estava irritado:

— Quando não se tem filhos, é ridículo economizar... ninguém economizou para mim.

Mas a Mãe Hentjen não estava ouvindo. Ela só queria saber se valia a pena pintar a taberna; ela perguntou:

— Você vai me levar para os EUA? Ou vai levar uma jovem?

Esch respondeu bruscamente:

— O que significa essa eterna conversa sobre juventude e velhice? Não haverá jovens nem velhos... não haverá nem mesmo o tempo...

Esch ficou em silêncio. Os velhos não podem ter filhos. Isso talvez fizesse parte do sacrifício. Mas, no estado de inocência, ninguém tem filhos. Virgens não têm filhos. E enquanto ele se acomodava na cama outra vez, concluiu:

— Então tudo será sólido e seguro. E o que você deixou para trás não poderá mais causar nenhum prejuízo.

Ele arrumou o lençol adequadamente e, com muito cuidado, cobriu também os ombros da Mãe Hentjen. Em seguida, pegou o abafador de

latão que pendia do castiçal, e que o Senhor Hentjen também teria usado em ocasiões semelhantes, e o colocou sobre a vela bruxuleante.

III

Mannheim fica no caminho para Baden. E Esch lembrou-se de que existem obrigações de amizade. Há muito algo o incomodava, e, naquele momento, sabia o que era: num negócio tão instável, não se podia deixar o dinheiro dos amigos à mercê do acaso. Até então, lograram mais de cinquenta por cento de lucro no investimento, o que era bom, porém, naquelas circunstâncias, precisava-se garantir esse lucro. Era hora de sair do negócio. Diferente era a situação de seus próprios trezentos marcos. Se os perdesse, seria apenas justo. Pois auferir cinquenta por cento de lucro e poder viver por dois meses, e não viver mal — onde estava o sacrifício que deveria redimir Ilona? E financiar sua fuga para os EUA e a liberdade com dinheiro desonesto seria outra falsificação: era hora de cancelar os combates de luta livre, lucros e tudo mais. A Mãe Hentjen estava certa em sua profecia de que ele e toda a sua trupe de mulheres acabariam em desgraça e escândalo.

Mas agora se tratava do dinheiro de Lohberg e Erna. Não foi fácil abordar o assunto com Gernerth: à noite, o senhor diretor reclamava da sala vazia e, durante o dia, era difícil encontrá-lo; nunca estava no Alhambra; parecia nunca frequentar seu próprio apartamento, e no escritório de Oppenheimer havia apenas duas salas sujas e sem sinal de pessoas. Além disso, à pergunta sobre onde costumava fazer as refeições, Gernerth respondia:

— Ah, eu me contento com um sanduíche! Um chefe de família não pode se dar ao luxo de esbanjar muito!

Algo que, é claro, não era verdade. Em um dia em que turistas ingleses atravessavam a Praça da Catedral, quem saiu do vestibulo de mármore do Hotel da Catedral senão o próprio Senhor Gernerth, bem alimentado e com um charuto grosso na boca?

— Publicidade, meu caro amigo, publicidade! — dissera, e sumiu, como se alguém pudesse ficar ofendido se ele tivesse vivido esse tempo todo no Hotel da Catedral, talvez com toda a sua família.

Naquele dia, de qualquer forma, ele não escaparia: Esch se encarregaria disso!

À noite, Esch abriu a porta do escritório do diretor, trancou-a atrás de si, sorrindo amplamente, colocou a chave no bolso da calça e, com o mesmo sorriso, apresentou ao prisioneiro Gernerth um impecavelmente elaborado extrato de lucros devidos ao senhor Fritz Lohberg e à Senhorita Erna Korn por seu investimento de 2000 marcos, totalizando 1123 marcos, que, somados ao principal,

resultava em 3123 marcos a serem reembolsados, e deixou subscrito: “Quitado em nome das partes mencionadas, August Esch”. Ademais, ele mesmo exigiu o dinheiro. Gernerth gritou: “roubo” e “assassinato”! Em primeiro lugar, Esch não tinha poder legal para assinar um acordo, e, em segundo lugar, as lutas ainda estavam em andamento, e o dinheiro não poderia ser retirado de um negócio em andamento. Eles discutiram por algum tempo, até que, por fim, com muitas lamentações, Gernerth concordou em pagar a Esch a metade da quantia devida a Lohberg e Erna, enquanto a outra metade permaneceria investida e teria direito a quaisquer lucros futuros que surgissem. Para si mesmo, Esch conseguiu extrair apenas um adiantamento de cinquenta marcos. Talvez tenha sido muito condescendente. De qualquer forma, era o suficiente para a viagem.

A Senhora Hentjen veio para a estação trajando seu vestido de seda marrom e espiou com cautela ao redor para ver se havia algum conhecido que pudesse vê-la e fofocar; apesar de ser muito cedo, reunia-se muita gente ali. Na outra plataforma, compunha-se um trem que partiria na direção oposta, e alguns vagões para emigrantes, tchecos ou húngaros, estavam sendo engatados nele, enquanto alguns membros do Exército de Salvação se ocupavam dos seus afazeres. Que a Mãe Hentjen o tivesse acompanhado era apenas certo e apropriado; já era hora de ela desistir das suas absurdas afetações de segredo. Contudo, diante dos emigrantes e dos membros do Exército de Salvação, Esch sentiu remorsos.

— Associações de idiotas — resmungou.

Só Deus sabia por que ele estava tão irritado. Quando uma das garotas do Exército de Salvação passou perto, Esch olhou para o outro lado. A Senhora Hentjen percebeu:

— Você tem vergonha de eu estar aqui? Talvez tenha outra mulher viajando com você? — Esch, com certa grosseria, pediu-lhe que não dissesse bobagens. Era só o que lhe faltava: — Então é isso que se ganha ao se comprometer por um homem... quem se deita com cachorros, acorda com pulgas.

Esch mais uma vez não conseguia entender o que o mantinha vinculado àquela mulher. Enquanto ela estava ali diante dele, à luz do dia, a lembrança de sua submissão sexual e da alcova escura, as imagens que o assombravam assim que se afastava dela, desapareciam como se nunca tivessem existido. Eles tinham viajado juntos para Bacharach nesse mesmo trem; fora o início do caso; talvez neste instante fosse o seu fim. Claramente, ela sentia o seu afastamento, pois disse de repente:

— Se você me for infiel, logo vai ver...

Ele se sentiu lisonjeado e queria que ela continuasse; ao mesmo tempo, sentia a tentação de machucá-la:

— Está bem, hoje mesmo vou sair de perto de você... o que será que eu vou ver?

Ela ficou rígida e não respondeu. Isso o amoleceu, e ele segurou a sua mão, que permaneceu pesada e desajeitada entre as dele.

— Ora, ora, o que vai acontecer?

Ela disse com um olhar vago:

— Eu vou matar você.

Era como uma promessa e uma esperança de redenção; no entanto, Esch se forçou a rir. Ela não permitiu que ele a desviasse de seus pensamentos.

— O que mais eu poderia fazer? — E, depois de uma pausa: — Você deve ir até Ober-Wesel, não?... ver aquela pessoa?

Esch ficou impaciente:

— Bobagem, eu lhe disse cem vezes que preciso resolver meus negócios com Lohberg em Mannheim... não estamos indo para os EUA?

A Senhora Hentjen não se convencia:

— Seja franco.

Esch esperava impacientemente o sinal para a partida do trem; de jeito nenhum poderia revelar suas intenções de visitar Bertrand:

— Eu não a convidei para vir comigo?

— Você não falava sério.

No entanto, quando o sinal estava prestes a ser dado, parecia a Esch que ele realmente fizera o convite a sério, e enquanto segurava o braço rechonchudo dela, quis lhe dar um beijo; ela o afastou:

— Como? Aqui, na frente de tanta gente?

E, naquele momento, ele teve de entrar no trem.

Ele tinha, na verdade, a intenção de ir diretamente para Badenweiler, e foi só ao ver a placa da estação de São Goar que decidiu em definitivo parar em Mannheim ainda naquele dia. Sim, e de Mannheim até escreveria para ela, o que a acalmaria; e Esch sorriu com ternura ao pensar que ela queria matá-lo; na verdade, ele poderia se arriscar. No entanto, a visita a Badenweiler era como um perigo, algo em que tudo estava em jogo, e era um dever de decência entregar o dinheiro alheio antes. A frase “Não se brinca com a vida das pessoas” veio-lhe à mente, e se entrelaçou no ritmo daquelas rodas giratórias. Ele viu a Mãe Hentjen erguendo um revólver com delicadeza, e então ouviu Harry repetir:

— Você não vai fazer nada a ele.

Naquele instante, Lohberg, Ilona, a Senhorita Erna e Balthasar Korn também se alinharam diante dele, e ele se surpreendeu com o tempo que não os via; talvez nesse ínterim nem sequer tivessem existido.

Levantavam os braços ritmicamente para cumprimentá-lo, e parecia como se um marionetista invisível e elegante os movesse por fios que surgiram de repente. Um vagão de terceira classe é como uma cela de prisão, e lá no alto, no lado esquerdo do palco, ali onde ao homem normalmente lhe falta um dente, um pano cinza se adiantou, um pano de cartolina, atrás do qual não havia nada além das empoeiradas e cinzentas paredes do palco. Escrito sobre o pano, porém, estava a palavra “prisão”, e, embora se soubesse que não havia nada ali atrás, também se sabia que na prisão havia alguém, alguém que não existe e, no entanto, é o protagonista. Todavia, o palco, no qual o pano da prisão se projeta como um dente, tem ao fundo um enorme painel no qual está pintado um belo parque. Veados pastam sob árvores imponentes, e uma garota com um vestido cintilante de paetês colhe flores. O jardineiro, com um chapéu de palha de abas largas, tesouras brilhantes na mão e acompanhado por um cachorrinho, está em pé ao lado do lago sombrio, cuja fonte lança um jato branco ao ar como um cintilante e refrescante látego. Bem ao longe, podem-se avistar as luzes e os ornamentos de um suntuoso castelo, onde a bandeira preta, branca e vermelha flutua nas ameias. E isso o preenchia novamente de incerteza.

.

À medida que se aproximava de Mannheim, ocorreu-lhe que Erna certamente dormia com o casto José. Na verdade, não havia dúvida, era tão óbvio que nem era preciso pensar a respeito, tão óbvio quanto o nariz que alguém tem no rosto ou os pés com os quais anda. Nada nem ninguém poderia fazê-lo mudar de ideia. O que mais poderiam fazer os dois? Entretanto, ele estava enganado. Pois, embora os conteúdos da vida sejam mesquinhos e não seja necessário haver concordância entre duas pessoas de sexo oposto, muitas coisas são bem menos óbvias do que se pensa. Quem, como Esch, vive diariamente o prosaico da vida ou se elevou muito pouco acima dela, esquece com facilidade que existe um reino de redenção, cuja existência torna incerto tudo aquilo que é mundano, a ponto de, em dado momento, tornar-se pouco claro se alguém está ou não sobre seus próprios pés, e, portanto, ainda menos claro se duas pessoas estão deitadas juntas ou não. No caso presente, também ocorria o seguinte: Lohberg, por um lado, devido à sua timidez, não ousara ultrapassar a fronteira de uma nobre e íntima amizade; por outro lado, era contido por sua eterna e suscetível desconfiança em relação ao sexo feminino, sobretudo desde que, após uma experiência horrível, aprendera a temer o veneno das doenças venéreas, e, principalmente, ao pensar que Erna estivera exposta, de porta em porta, a todas as insinuações de um libertino! Assim era Lohberg. Com a Senhorita Erna Korn, ele apenas passeava, tomava café, e considerava tudo isso como um

período de purificação e penitência, que só terminaria quando um sinal viesse do alto, por assim dizer, o sinal da verdadeira graça redentora.

Esch, de fato, conhecia a virtude do idiota, mas não conseguia imaginar a extensão dessa virtude e muito menos suspeitava de que ele próprio não tinha deixado de inquietar a Senhorita Erna. Mesmo que não permanecesse em seu coração, estava presente em seu sangue, e talvez por esse motivo ela não se apressasse em dar a Lohberg o sinal da graça redentora. Pelo contrário, talvez o atrasasse intencionalmente, pois via nesse adiamento uma preparação adequada para o casamento. Esch não podia imaginar nada disso, e muito menos que os dois se divertiam descobrindo traços desfavoráveis de caráter. De acordo com sua inclinação romântica, acreditavam até mesmo possuir, nesse interesse mútuo por falhas, uma boa base para uma parceria de vida.

Desconhecendo todas essas circunstâncias, Esch esperava uma alegre e festiva recepção. Em vez disso, a Senhorita Erna assustou-se quando ele apareceu no batente da porta. — Ah! — disse ela, rapidamente se recompondo: seria bom que o Senhor Esch se dignasse a reaparecer, seria muito gentil da parte do Senhor Esch lembrar-se que não se deu ao trabalho de nos enviar sequer um bilhete. E então disse: — Olha só, quem paga o pão, pede a canção — com muitas outras observações mordazes, de modo que Esch nem conseguiu entrar no aposento. No entanto, Korn, que ouvira as vozes, saiu da sala de estar de mangas arregaçadas. Como sua sensibilidade era mais rude do que a de sua irmã e, nos últimos dois meses, não pensara uma única vez em Esch, não se ofendeu com o silêncio deste, mas teria ficado surpreso se Esch tivesse pensado em lhe escrever. Korn sentiu grande satisfação em vê-lo, pois não apenas permanecia vinculado a tudo o que conhecera, mas também via no recém-chegado Esch uma fonte de divertimento e uma bem-vinda fonte de renda pela residência vaga. E ele precisava de dinheiro para Ilona. Por isso, apertou a mão do hóspede com efusivos cumprimentos e o convidou a entrar imediatamente em seu antigo quarto, que estava exclusivamente à espera dele. Tal cordialidade faz muito bem a uma pessoa desanimada, e Esch começou a levar suas coisas para o quarto que o aguardava, quando a Senhorita Erna o deteve e, meio voltada para o irmão, disse que não sabia se aquilo seria possível.

— Ora! — bramiu Korn. — E por que não seria possível? Se eu digo que é possível, é possível!

Sem dúvida, fosse Esch um homem com tato, deveria ter se retirado com termos obsequiosos, mas mesmo que fosse uma pessoa de tato, o que ele não era, estava vinculado demais à família para não priorizar a curiosidade em relação ao tato; o que havia acontecido ali na sua

ausência? Ele simplesmente ficou parado, surpreso. Entrementes, a Senhorita Erna, que também não estava acostumada a se conter, logo satisfez sua curiosidade, sussurrando para o irmão que uma mulher prestes a se casar não podia ser obrigada a dividir o teto com um estranho; em sua situação, ela já tinha o suficiente de desgraça para suportar naquela casa, e se o futuro marido dela não fosse tão generoso, ele já teria desaparecido. Korn, à sua maneira vulgar, retrucou:

— Basta, cale a boca! Esch fica.

Mas as insinuações da Senhorita Erna fizeram com que Esch esquecesse tudo o mais, pois ele exclamou:

— Ora, que surpresa! Meus mais sinceros parabéns, Senhorita Erna! Quem é o felizardo?

A Senhorita Erna não teve outra opção senão aceitar as felicitações e indicar que estava prestes a chegar a um acordo com o Senhor Lohberg. Ela segurou o braço de Esch e o conduziu para a sala de estar. Sim, pois, em breve, o noivo dela também faria companhia a eles. E enquanto falavam de Lohberg, Korn teve a brilhante ideia de esconder Esch em um canto escuro para que o desavisado Lohberg levasse um susto quando Esch, de repente, como um fantasma, se intrometesse na conversa.

Quando a campainha soou no aposento e Erna foi abrir, Esch, obediente, dirigiu-se a um canto escuro. Korn, que permaneceu à mesa, fez gestos imperiosos para que se encolhesse ainda mais, pois Korn era alguém que dava grande importância à perfeição técnica e ficava zangado se algo falhasse na execução. No entanto, Esch não permaneceu tão quieto no canto pelo receio de causar raiva em Korn; não, não era de forma alguma alguém que se pudesse facilmente acossar, e aquele não lhe era um lugar de castigo e humilhação; por iniciativa própria, encolheu-se mais na parede, sem se importar se a manga encostava na tinta fresca ou não, pois, naquele canto sombrio, sentiu de maneira súbita e estranha o desejo de aumentar a distância entre si e os outros à mesa. Os poucos minutos que se passaram até a entrada de Lohberg não foram suficientes para que lhe clareassem as ideias, embora lhe parecesse que estava mergulhando outra vez naquela curiosa solidão que, de alguma forma, estava vinculada a Mannheim e que o impedia de se reunir com os outros; uma solidão exigente que, no entanto, lhe era tão agradável que não poderia ser solitária o bastante. Se ele pudesse se afundar ainda mais em seu canto, teria se tornado um eremita redimido e nobre, retirado do mundo, um espírito comandando a companhia à mesa, relacionada à carne. Essa situação não poderia perdurar muito, pois tais reflexões são feitas apenas quando o tempo não permite que sejam pensadas até o final, para não dizer postas em prática, e Esch já as tinha esquecido

no momento em que Lohberg entrou conforme o planejado e ficou tão espantado que até se sentiu contente em ver o recém-chegado. Sem dúvida, Esch não pertencia completamente ao grupo, assim como Ilona, mas quando todos estavam sentados à mesa, eram quase como uma família e faziam perguntas uns aos outros acerca de muitos assuntos. E, uma vez que essas perguntas logo se voltaram para assuntos financeiros, Esch orgulhosamente tirou sua carteira e colocou 1561 marcos e 50 pfennigs sobre a mesa. A Senhorita Erna estendeu a mão com alegria para pegar, pensando que aquilo era o capital investido mais os lucros, porém, quando Esch explicou que ela receberia o mesmo montante no final, mas que, por enquanto, teria de dividir essa quantia com Lohberg, já que metade do dinheiro ainda estava investida, ela gritou que aquilo era perda em vez de lucro. E mesmo quando ele tentou explicar, ela não aceitou o raciocínio, continuou gritando que não se deixaria enganar, que sabia contar tão bem quanto qualquer um: por favor — ela pegou papel e lápis — duzentos e dezenove marcos e vinte e cinco pfennigs era o que ela estava perdendo, estava ali, claro como água, e continuou resmungando enquanto agitava o papel diante do nariz preocupado de Esch. Lohberg não abriu a boca, embora, como homem de negócios, devesse ter entendido bem a situação. Não queria arrumar confusão com sua amada, o covarde idiota. Esch retrucou de maneira rude:

— Tenho meus próprios princípios... mais, ao que parece, do que alguns que estão calados.

E agarrou o braço de Erna, não por amor, mas com raiva, e de maneira muito ríspida, entregou o braço dela, junto com o papel, à mesa. Talvez ela tenha entendido a questão desde o início, ou talvez tenha sido a firmeza do aperto de Esch: em resumo, a Senhorita Erna calou-se. Korn, até então um espectador indiferente, limitou-se a observar que Teltscher, o judeu, não passava de um vigarista. Esch retrucou então que ele prestasse queixa, todo vigarista deveria ser denunciado ao invés de prenderem homens inocentes. E como a atitude covarde e desonesta de Lohberg exigia punição, ele o humilhou com as palavras:

— Quanto aos inocentes, eles são esquecidos. Por exemplo, o Senhor Lohberg já visitou o pobre Martin?

Erna, que ainda estava acuada, mas cheia de um saudável ressentimento, respondeu que conhecia outras pessoas que esqueciam os amigos, sim, até os arruinavam, e que era incumbência do Senhor Esch se preocupar com o Senhor Geyring.

— Foi para isso que eu vim — disse Esch.

— Aham! — disse a Senhorita Erna. — Se não fosse por isso, nunca mais o teríamos visto — e hesitante, quase timidamente, como se apenas por ver-se forçada a não abandonar uma boa disputa,

acrescentou: — Nem o nosso dinheiro.

Mas Korn, que pensava devagar, disse:

— Você deveria mandar prender aquele judeu.

Em seu quarto, Esch andava de um lado para o outro, como era seu hábito quando estava agitado. Então começou a assobiar uma melodia, para que os outros não pensassem que ele estava irritado, e talvez também por se sentir solitário. Logo ouviu Erna e Lohberg no corredor. Sussurravam; evidentemente, Lohberg, covarde como era, ainda temia sua fúria, movendo os olhos pálidos de um lado para o outro, desamparado. Como tantas vezes, a imagem de Lohberg se misturou com a da Mãe Hentjen. Naquele momento, ela também estava desamparada; não podia evitar o curso dos acontecimentos, coitada. Esch escutou para ver se Erna e Lohberg criticavam-no. Que situação agradável a Mãe Hentjen criara para ele com seus ciúmes bobos; nada disso seria necessário, ele poderia estar em Badenweiler há horas. No corredor, reinava o silêncio; Lohberg devia ter ido embora; e Esch sentou-se e escreveu com sua caligrafia clara: “Ao senhor Alfred Gernerth, Diretor Teatral, Teatro Alhambra, Colônia. Peço que transfira meu saldo de 780,75 marcos, e enviarei uma nota de quitação final. Atenciosamente...”. Com a carta em uma mão e o tinteiro e a pena na outra, foi direto para o quarto de Erna.

Erna, arrastando os pés com pantufas de feltro, acabava de arrumar a cama, e Esch ficou surpreso por ela ter trocado de calçados tão rapidamente. Ela estava prestes a se irritar com a intromissão quando notou o que ele trazia na mão:

— O que você quer com esse papel?

Ele ordenou:

— Assine aqui.

— Não assino mais nada para você...

No entanto, ela havia lido a carta e foi até a mesa: — Por mim... não vai adiantar de nada; o dinheiro se foi, dissipado, desperdiçado, temos que aceitar isso, embora a um tal Senhor Esch isso não importe.

Diante dessas repreensões, Esch sentiu novamente aquela sensação de culpa que às vezes experimentava em relação a ela; nada disso serviria para que ela recuperasse seu dinheiro, e então lhe segurou a mão para mostrar onde ela deveria assinar. Quando ela fez um gesto para se soltar, ele se irritou outra vez; segurou-lhe firmemente a mão, conduziu-a sem suavidade, e então, pela segunda vez, a Senhorita Erna ficou quieta e submissa. No princípio, ele não percebeu e simplesmente lhe guiou a mão para a assinatura, mas depois encontrou o olhar oblíquo e provocador dela, como o de uma lagartixa. E quando a abraçou, ela encostou a bochecha em seu peito. O fato de ela fazer isso não o preocupou nem um pouco; consistia

simplesmente numa reminiscência do antigo amor que sentira por ele, ou talvez ela quisesse vingar-se da falta de masculinidade de Lohberg, ou talvez — e essa teria sido a ideia mais provável para Esch — ela simplesmente permitia que acontecesse por estar ele ali, por ter que acontecer, por não ser mais necessário brigar pelo casamento. As coisas acabaram de se esclarecer: Erna tinha um admirador, e ele próprio iria para os EUA com a Mãe Hentjen; até mesmo a raiva contra Lohberg se aquietou, e ele quase sentiu uma espécie de ternura por aquele idiota que se parecia tanto com a Mãe Hentjen; a Senhorita Erna, devido à convivência íntima com o noivo, deve ter adotado muitas de suas características; abraçar Erna era, de certa forma, embora distante, como abraçar um pedaço da Mãe Hentjen, o que não poderia ser chamado de infidelidade. No entanto, a lembrança das antigas brigas ainda não tinha desaparecido por completo; ambos hesitaram por um momento; foi como um instante de castidade hostil; Esch esteve prestes, como outrora, a voltar para seu próprio quarto sem conseguir nada. Então ela disse de repente:

— Xiu! — e se afastou dele: a porta principal lá fora rangera; Esch percebeu que Ilona chegara.

Eles ficaram imóveis. Mas quando os passos lá fora se apagaram e a porta para a sala de estar, atrás da qual ficava o quarto de Korn, foi trancada, eles também se enlaçaram nos braços um do outro.

Quando mais tarde ele se acomodou na cama, não pôde deixar de pensar na Mãe Hentjen, e que havia parado em Mannheim apenas para acalmar as suspeitas ciumentas dela. Foi só isso que ela conseguiu com seus ciúmes tolos. Naturalmente, aquela ameaça de lhe ser infiel até então não passara de uma brincadeira. E aconteceu de fato, e não foi culpa dele. Além disso, na verdade, nem era uma verdadeira infidelidade; não é fácil ser infiel a uma mulher como aquela. Mesmo assim, foi uma sujeira. E por quê? Porque ele deveria ter acertado as contas imediatamente, porque, honestamente, ele deveria estar em Badenweiler, em vez de se preocupar com um ciúme tão tolo. Foi isso que ele conseguiu. Uma bela situação; mas não havia nada a ser feito. Esch virou-se para a parede.

•

Ao abrir os olhos, reconheceu seu antigo quarto; a clara luz da manhã penetrava pelas cortinas, e como uma lança a ansiedade o atravessou: não deveria estar atrasado para o armazém? Mas então se lembrou de que não tinha mais nada a ver com a Reno Central, e uma agradável sensação de liberdade e férias o envolveu. Ninguém mais tinha o poder de acordá-lo para julgamento. Permaneceu na cama, embora já não lhe proporcionasse prazer, simplesmente porque podia ficar deitado o tempo que quisesse. Era muito provável, também, que a Mãe

Hentjen quisesse matá-lo, pois ela nunca entenderia que, afinal de contas, ele lhe tinha sido fiel; ela queria matá-lo, e isso também trazia uma segurança reconfortante e livre. Aquele que está prestes a morrer é livre, e aquele que é redimido para a liberdade aceitou a morte. Ele viu as ameias de um castelo onde uma negra bandeira tremulava silenciosamente, mas poderia ser também a Torre Eiffel, pois quem pode distinguir o futuro do passado? No parque há um túmulo, o túmulo de uma garota, o túmulo de uma garota apunhalada. Sim, diante da morte, tudo é permitido ao homem, tudo se torna livre, gratuito, por assim dizer, e estranhamente descompromissado. Estava permitido abordar qualquer mulher na rua e convidá-la para dormir com ele, e isso não implicaria compromisso algum, assim como a posse de Erna, que ele deixaria hoje ou amanhã quando partisse para as trevas. Ele a ouvia do lado de fora, ocupada, se movimentando de um lado para o outro, essa pequena cabra ossuda, e esperava que ela entrasse como costumava fazer, pois é preciso aproveitar enquanto ainda se vê o sol. Sem dúvida, a Mãe Hentjen não era o tipo de pessoa capaz de entender que a permissão para ser infiel só pode ser comprada por meio de uma infidelidade, tampouco que alguém, apesar de tudo, deseje ser morto por isso; o que ela saberia sobre uma contabilidade tão complicada? Ou como poderia ela detectar as falsificações que são insinuadas tão astutamente no mundo, de modo que somente um habilidoso contador poderia se atrever a morrer uma morte de redentor? O menor descuido, se negligenciado, poderia fazer toda a estrutura da liberdade vacilar. Nesse ponto, ele ouviu a voz da Senhorita Erna vinda da cozinha:

— Posso levar agora o café para o distinto senhor?

— Não! — gritou Esch. — Já estou indo.

Saltou da cama, vestiu-se num piscar de olhos, tomou o café e já estava na parada do bonde em pouco tempo, surpreendido com a rapidez com que tudo havia acontecido. Somente quando o bonde que ia até o presídio atrasou, ele pensou se fora a ideia de visitar a cadeia ou a voz de Erna que o tirara tão rapidamente da cama; claro que não era uma voz bonita, sobretudo quando ela resmungava como na noite anterior. No entanto, nunca ninguém havia feito Esch sair correndo por causa de resmungos. Por isso, não era a voz; aliás, nesse caso, a voz o teria expulsado de casa muito antes, como, por exemplo, daquela vez em que ela o chamou para a cozinha para ver Ilona dormindo. Além disso, ele não precisava mais ver Ilona, nem aqui nem em nenhum outro lugar. O melhor era se manter afastado dessas coisas, não saber de nada, ignorar que provavelmente se tratava de uma fuga de Erna e seus maus desejos, uma fuga desse prazer sem compromissos, em que tudo deveria acontecer de agora em diante, mas que temia a luz do dia, pois somente a noite é o tempo da

liberdade.

No presídio, soube que só havia visitas três vezes por semana; teria que voltar no dia seguinte. Esch refletiu. O que fazer? Seguir logo para Badenweiler? Começou a praguejar porque sua liberdade de ação estava sendo perturbada. Por fim, disse:

— Ora, prazo final!

E a expressão “prazo final” ficou em sua mente, alojada em seus ouvidos, e até lhe proporcionou uma sensação agradável de camaradagem orgulhosa com um homem tão poderoso quanto o presidente Bertrand, pois esse “prazo final” havia sido concedido tanto a ele quanto àquele homem. Não, não podia partir, não podia ir à escuridão sem antes ter visto Martin, e também seria ridículo, até indigno, se esta estadia breve em Mannheim não significasse nada mais do que uma noite com Erna. Quando se embarca em uma longa jornada, não se deixa nada desordenado para trás; era preciso saudar as pessoas e se despedir. Então, ele foi primeiro para o porto, para procurar seus conhecidos nos armazéns e na cantina. Sentia-se quase como um parente que retorna de uma distante América para seus entes queridos e que, então com a barba crescida, teme não ser reconhecido. Por exemplo, era possível que o guarda na entrada não o deixasse passar. No entanto, as coisas se desenvolveram com grande cordialidade, principalmente porque todos com quem se encontrava sabiam que ele ali não representava mais nada; os fiscais o cumprimentaram logo com uma cordialidade hesitante, e uma conversa leve se desenvolveu entre eles. Riram e disseram que ele, como não trabalhava mais na companhia de navegação, não tinha mais nada a fazer ali, e Esch respondeu que mostraria o que tinha a fazer. Não fizeram o menor movimento para impedi-lo, então ele continuou. Ninguém o impediu de observar à vontade os armazéns, guindastes, depósitos e vagões de mercadorias, e quando gritou para as pessoas nos armazéns, os mestres de carga e os trabalhadores vieram cumprimentá-lo e ficaram ao seu redor como irmãos. No entanto, não se arrependeu de deixar tudo aquilo; apenas gravava em sua mente todos os detalhes e, às vezes, tocava um vagão ou uma plataforma de carga, para que a sensação da madeira seca permanecesse na palma de sua mão. Somente na cantina houve uma decepção; procurou Korn com os olhos, mas Korn não estava ali; Korn era tolo e estava com medo, e Esch não pôde deixar de rir, pois ele não guardava mais rancor por causa de Ilona; de qualquer forma, Ilona seria levada do mundo e desapareceria em um castelo inacessível. Dessa forma, ele apenas tomou um gole de conhaque com os policiais e depois seguiu o caminho habitual, que já não era mais tão habitual, mas, mesmo assim, parecia mais familiar do que nunca. Chegou a uma esquina onde a tabacaria o espreitava, como se Lohberg

estivesse esperando por ele com grande ansiedade, pronto para bater um papo.

Lá estava de fato Lohberg atrás da caixa registradora, com o grande cortador de charutos na mão, e quando Esch entrou, colocou o aparelho de lado com amabilidade, pois tinha muitas desculpas a pedir a Esch, porém, nenhum deles fez menção disso, pois Esch estava disposto a perdoar e não queria que Lohberg chorasse. Talvez tenha ido contra o espírito do acordo o fato de Lohberg começar a falar a respeito de Erna, mas era uma violação tão insignificante que Esch mal percebeu. Quem poderia acordá-lo antes que ele quisesse? Ele era livre!

— Ela é uma companheira excelente — disse Lohberg — e temos muitos interesses em comum.

E como Esch estava livre para dizer o que quisesse, disse:

— Sim, ela nunca o mataria.

E olhou para o rosto preocupado de Lohberg, que a Mãe Hentjen poderia esmagar apenas com o polegar; sentiu pena de Erna porque ela nem sequer era grande o suficiente para esmagá-lo. Lohberg, porém, sorriu timidamente, estava um pouco assustado com a piada macabra, e sob os olhos de seu sombrio visitante, encolheu-se e diminuiu. Não, ele não era um oponente à altura para um homem como Esch; só os mortos são fortes, embora em vida possam parecer figuras miseráveis.

Esch andava pela loja como um fantasma, cheirando o ar, abrindo gaveta após gaveta e deslizando a palma da mão sobre o balcão polido. Ele disse:

— Quando você estiver morto, será mais forte do que eu... Mas você não é do tipo que pode ser eliminado — acrescentou com desdém, pois lhe ocorreu que, mesmo morto, Lohberg seria negligenciável; ele conhecia muito bem aquele sujeito, que seria eternamente um idiota, e só aqueles que não conhecemos, aqueles que nunca viveram, são os mais poderosos. Lohberg, ainda desconfiado quando se tratava de mulheres, disse:

— O que você quer dizer? Está se referindo à pensão para a viúva? Eu fiz um seguro de vida.

— Essa de fato seria uma boa razão para envenenar um homem — disse Esch, e não pôde deixar de rir tão alto que o riso de alguma forma ficou preso em sua garganta e o machucou.

A Mãe Hentjen, essa sim era uma mulher. Ela não usava veneno; simplesmente espetaria um homem como Lohberg com uma agulha, como se fosse um besouro. Era uma mulher para ser tratada com consideração e respeito, e Esch ficou surpreso por ter pensado em compará-la a Lohberg. E ele ficou um pouco comovido, porque, apesar

de ela aparentar fragilidade, provavelmente era daquele jeito mesmo. A pele de Lohberg arrepiou, e ele revirou os olhos pálidos:

— Veneno? — disse ele, como se fosse a primeira vez que ouvia a palavra, embora estivesse sempre na ponta da língua, ou pelo menos como se fosse a primeira vez que realmente a entendia.

A risada de Esch tornou-se condescendente e um pouco desdenhosa:

— Ah, ela não vai envenenar você, Erna não é desse tipo.

— Não! — disse Lohberg. — Ela tem um coração de ouro; não faria mal a uma mosca...

— Nem espetaria um besouro com um alfinete — acrescentou Esch.

— Tenho certeza de que não — disse Lohberg.

— Mas se você for infiel, ela vai lhe matar mesmo assim — ameaçou Esch.

— Eu nunca serei infiel à minha esposa — declarou o idiota.

E de repente Esch percebeu, e foi uma agradável e esclarecedora revelação, por que tinha pensado em comparar Lohberg e a Mãe Hentjen: Lohberg era apenas uma mulher, afinal, uma espécie de aberração natural, e era por isso que não importava se ele dormisse com Erna; até Ilona tinha dormido na cama de Erna. Esch levantou-se, firme e robusto sobre suas pernas, e estendeu os braços como alguém que acaba de acordar ou como um crucificado. Sentia-se forte, firme e bem disposto, um sujeito que valia a pena matar.

— Ou ele ou eu — disse, e sentiu que o mundo lhe pertencia. — Ou ele ou eu — repetiu, enquanto percorria o local com passadas largas.

— O que você quer dizer? — perguntou Lohberg.

— Não estou falando de você — respondeu Esch, arreganhando os dentes como os de um cavalo:

— Você... você ficará com Erna!

E era justo que assim fosse: aquele homem tinha uma loja bonita e bem arrumada, além de um seguro de vida; receberia a pequena Erna e poderia viver sem sofrimento e sem se preocupar; ele, por outro lado, não podia dormir em paz, e assumira uma missão. E como Lohberg continuava elogiando Erna com palavras apaixonadas, Esch disse o que Lohberg queria ouvir, o que esperava há muito tempo como um sinal do alto:

— Ah, você com suas tolices do Exército de Salvação... Se continuar de braços cruzados por muito tempo, essa garota escapará de você. Já passou da hora de você se decidir. Você, paladino da limonada.

— Sim — disse Lohberg —, sim, acredito que chegou o tempo da purificação.

À luz daquele dia de verão um tanto cinzento, a loja parecia clara e agradável; seus móveis de carvalho-amarelo transmitiam uma impressão de solidez, e ao lado do caixa ficava um livro com colunas

de cifras cuidadosamente somadas. Esch sentou-se à mesa de Lohberg e escreveu para a Mãe Hentjen, contando que chegara bem e estava prestes a resolver seus assuntos.

.

Ele considerou a segunda noite com Erna como uma formalidade à qual um homem livre tinha o direito de usufruir. Tinham conversado amigavelmente sobre o casamento dela com Lohberg e fizeram amor quase com ternura e melancolia, como se nunca tivessem brigado. E depois dessa longa noite insone, ele se levantou da cama com a sensação agradável de ter contribuído para a felicidade de Erna e Lohberg. O ser humano, com efeito, carrega consigo diversas possibilidades, e a depender da cadeia lógica que cria em torno das coisas, pode convencer-se a si mesmo de que são boas ou más.

Logo após o almoço, dirigiu-se ao presídio. Na loja de Lohberg, comprou alguns cigarros para Martin; nada mais lhe ocorreu. O calor estava sufocante, e Esch não pôde deixar de se lembrar daquela tarde em Goarshausen em que teve pena de Martin por causa do calor. No presídio, foi conduzido à sala de visitas, cujas janelas gradeadas davam para o pátio vazio da prisão, sobre o qual os edifícios amarelo-esbranquiçados projetavam nítidas sombras recortadas. O pátio parecia ser o local onde um cadafalso poderia ser montado, onde o criminoso teria de ajoelhar à espera da lâmina afiada de um machado que lhe cortaria a cabeça. Quando Esch chegou a essa conclusão, não quis mais olhar para o pátio e se afastou da janela. Examinou a sala. No centro, ficava uma mesa pintada de amarelo com manchas de tinta que indicavam que tinha sido trazida de algum escritório; também havia algumas cadeiras. A sala estava abafada, embora estivesse na sombra, pois o sol da manhã entrara com seus raios ardentes e as janelas permaneciam fechadas. Esch começou a sentir sono; estava sozinho e se sentou; deixaram-no esperando.

Então, ouviu passos no corredor pavimentado e o som das muletas de Martin. Esch levantou-se como se estivesse prestes a receber um superior. No entanto, Martin entrou na sala da mesma maneira que entrava na taberna da Mãe Hentjen. Se houvesse um orquestrão ali, teria se aproximado e o teria colocado em funcionamento. Ele percorreu o aposento com os olhos e pareceu satisfeito ao perceber que Esch estava sozinho; dirigiu-se a ele e apertou-lhe a mão:

— Oi, Esch, que bom que você veio me ver! — apoiou as muletas na mesa, como sempre fazia na taberna da Mãe Hentjen, e sentou-se. — Ora, sente-se também, Esch.

O guarda que o acompanhava se parecia com Korn devido à farda; de acordo com as normas do centro, permaneceu em pé ao lado da porta.

— Não quer se sentar também, senhor inspetor? Não virá mais

ninguém e pode ter certeza de que não vou fugir.

O homem murmurou algo sobre o regulamento, mas se aproximou da mesa e colocou seu grande molho de chaves sobre ela.

— Assim estamos melhor — disse Martin, e os três homens permaneceram em silêncio, sentados ao redor da mesa, observando os entalhes na madeira.

Martin estava mais amarelado do que nunca; Esch não ousava perguntar como ele estava. Mas foi Martin quem, diante do silêncio constrangedor, disse:

— Bem, e as novidades de Colônia? Como está a Mãe Hentjen e os outros?

Esch, apesar de já ter as bochechas vermelhas pelo calor, sentiu-se enrubescer, pois de repente teve a sensação de ter aproveitado a ausência do prisioneiro para roubar-lhe os amigos. E também não sabia se poderia mencioná-los na presença do guarda. Afinal, ninguém gosta de ser associado a um criminoso na sala de visitas de um presídio. Ele se limitou a afirmar:

— Todos estão bem.

Martin provavelmente compreendeu sua descrição, pois não insistiu em uma resposta mais detalhada; só perguntou:

— E quanto a você?

— Estou a caminho de Badenweiler.

— Para um tratamento?

Esch sentiu que Martin não tinha motivo para escarnecer dele. Então respondeu secamente:

— Para ver Bertrand.

— Puxa, você está progredindo! Aquele é um sujeito fino, o Bertrand.

Esch não estava certo se Martin ainda estava de gozação ou sendo de alguma forma irônico. Bertrand era um homem fino e afeminado, sem dúvida. Mas ele não podia dizer isso na frente do guarda. Então resmungou:

— Ora, se ele fosse tão legal, você não estaria sentado aqui.

— ?

— Pois, você é inocente, não é?

— Eu? Mas se tenho comigo, preto no branco, e de acordo com a legislação do tribunal, que já perdi várias vezes a minha inocência!

— Ah, pare com essas piadas bobas! Se Bertrand é de fato um cara fino, basta contar a ele exatamente o que aconteceu com você. Então ele vai cuidar para que você seja libertado.

— É você que vai falar com ele? É por isso que está indo para Badenweiler? — Martin riu e estendeu a mão sobre a mesa para Esch: — Mas, August, o que você tem na cabeça? Será a sua sorte se o

homem não estiver lá...

Esch disse rapidamente:

— Onde ele estaria?

— Ah, está sempre viajando, pelos EUA ou em qualquer outro lugar.

Esch ficou perplexo: então Bertrand estava nos EUA! Tinha se adiantado a ele, chegara antes, desfrutando da esplendorosa liberdade. E embora Esch sempre tivesse suspeitado de que a grandeza e a liberdade daquele país distante tinham uma conexão muito significativa, embora não completamente compreensível, com a grandeza e a liberdade do homem inatingível, parecia a Esch então que os próprios planos de emigração estavam destruídos para sempre devido à viagem de Bertrand para os EUA. E como era assim, e como tudo era tão distante e inacessível, ele ficou furioso com Martin:

— Um presidente pode ir facilmente para os EUA... mas a Itália também serviria.

Martin disse pacificamente:

— Por mim, que esteja na Itália, tanto faz!

Esch refletiu sobre se deveria perguntar no escritório central de informações da Reno Central a respeito do paradeiro de Bertrand. Porém, de repente, isso lhe pareceu desnecessário, e então disse:

— Não, ele está em Badenweiler.

Martin riu:

— Pois você pode estar certo, mesmo assim não vão deixar você entrar... há alguma garota por trás de tudo isso, não é?

— Vou dar um jeito de ser recebido — disse Esch, em tom ameaçador.

Martin pressentiu problemas:

— Não faça besteira, August, não incomode o homem; ele é um sujeito decente e deve ser respeitado.

“Obviamente, Martin não tem ideia do que se esconde por trás de Bertrand”, pensou Esch, mas não ousou mencioná-lo e apenas disse:

— Todos são decentes o suficiente; até mesmo Nentwig — e depois de alguma ponderação acrescentou: — Os homens mortos também eram decentes, claro, mas só podemos descobrir o valor dessa decência olhando para as heranças que deixaram.

— O que você quer dizer?

Esch encolheu os ombros:

— Nada, eu só quis dizer que... sim, que, no final das contas, não importa se alguém é decente ou não; ele só é decente de um lado; isso não importa; a questão é, o que ele fez? — E acrescentou com raiva: — Essa é a única maneira de não ficar perdido e confuso.

Martin balançou a cabeça entre divertido e preocupado:

— August, você tem um amigo aqui em Mannheim que está sempre falando sobre veneno. Tenho a impressão de que ele o envenenou...

Mas Esch continuou imperturbável:

— Porque não sabemos mais o que é branco e o que é preto. Tudo está de cabeça para baixo. Você nem sabe o que aconteceu e o que ainda acontece...

Martin riu novamente:

— E sei ainda menos o que vai acontecer.

— Leve as coisas a sério de uma vez. Você se sacrifica pelo futuro; você mesmo disse isso... isso é a única coisa que resta: sacrificar-se pelo futuro e expiar o passado. Um homem decente se sacrifica, porque, do contrário, não há ordem no mundo.

Despertaram-se as suspeitas do guarda do presídio:

— Você não pode fazer discursos revolucionários aqui.

Martin disse:

— Esse homem não é um revolucionário, senhor guarda. Será mais fácil você ser um.

Esch ficou atônito ao ver a maneira como seus comentários foram interpretados. Então, passou a ser considerado um social-democrata!? Ora, que seja! E teimosamente acrescentou:

— Por mim, que seja revolucionário. Aliás, você mesmo sempre pregou que não importa se um capitalista é decente ou não, porque ele deve ser combatido como capitalista e não como ser humano.

Martin disse:

— Veja só, senhor chefe, será que devemos receber visitas? Esse homem ainda vai envenenar toda a minha alma com suas declarações, quando acabo de me redimir. — E voltando-se para Esch, acrescentou: — Você continua o mesmo cabeça-dura de sempre, caro August.

O guarda disse:

— O dever é o dever — e, como já estava muito quente, olhou para o relógio e anunciou que o tempo de visita havia terminado.

Martin pegou suas muletas:

— Tudo bem, levem-me novamente. — Estendeu a mão para Esch: — E deixe-me repetir, August, não faça nenhuma bobagem. E muito obrigado por tudo.

Esch não estava preparado para uma despedida tão abrupta. Então segurou a mão de Martin na sua e hesitou sobre apertar a mão daquele guarda hostil. No entanto, estendeu a mão ao homem, porque haviam sentado à mesma mesa, e Martin confirmou com um aceno. Então Martin partiu, e Esch ficou de novo surpreso, pois parecia que Martin acabava de sair da mesma maneira como saía da taberna da Mãe Hentjen, quando, na verdade, estava indo para a cela daquele

presídio! Parecia, de fato, que nada do que acontecia no mundo importava. No entanto, nada era insignificante: era preciso forçar que assim fosse.

Ao chegar à porta da prisão, Esch respirou fundo; sacudiu-se como se quisesse se certificar de sua própria presença, encontrou os cigarros destinados a Martin em seu bolso e, mais uma vez, sentiu aquela raiva inexplicável e terrível contra ele. Novamente, sua boca se encheu de maldições. Chegou a chamar Martin de orador popular ridículo, um demagogo, como se costuma dizer, embora, na realidade, não houvesse nada do que pudesse acusá-lo; no máximo, que ele se comportava como se fosse uma figura principal, quando, na verdade, havia outras muito mais importantes... Mas era assim que os demagogos eram.

Esch voltou à cidade, irritou-se porque o cobrador do bonde estava uniformizado e foi buscar suas coisas na casa da Senhorita Erna, que o recebeu com manifestações efusivas de afeto. E, em sua raiva contra a confusão do mundo, Esch permitiu que ela agisse, por desdém. Em seguida, despediu-se de maneira breve e dirigiu-se às pressas à estação para pegar o trem noturno para Müllheim.

Quando se consolidam desejos e objetivos, quando o sonho avança para as grandes reviravoltas e abalos da vida, estreita-se o caminho em galerias mais escuras, e o sonho que antecede a morte paira sobre aquele que até então caminhara sonhando: tudo o que passou, desejos e objetivos, deslizam outra vez diante dele, como diante dos olhos de um moribundo, e quase se pode considerar um acaso se isso não levar à morte.

O homem que, estando distante, sente nostalgia de sua esposa ou mesmo da casa da infância, está no início do sonambulismo.

Muitas coisas talvez já estivessem se preparando dentro dele, mas ele ainda não havia percebido. Por exemplo, quando, a caminho da estação, nota que as casas são compostas por fileiras regulares de tijolos, as portas feitas de tábuas serradas e as janelas têm vidros retangulares. Ou quando se lembra dos editores e dos demagogos, que agem como se soubessem a diferença entre direita e esquerda, embora isso seja conhecido apenas pelas mulheres, e nem por todas, de fato. Mas nem sempre se pode pensar nessas coisas, e, mesmo assim, com a mente serena, ele bebe uma cerveja na estação.

No entanto, quando vê o trem para Müllheim rugindo em sua direção, aquela grande e longa serpente que se move de maneira tão certa em direção ao seu destino, ele é outra vez atingido, subitamente atingido pela dúvida acerca da confiabilidade da locomotiva, pois ela poderia seguir o caminho errado; atingido pelo medo de que ele, com deveres evidentes e importantes a cumprir na

Terra, possa ser desviado dessas obrigações e lançado talvez até mesmo para os EUA.

Em suas dúvidas, teria preferido se aproximar de algum oficial fardado, como fazem os viajantes inexperientes, e fazer uma pergunta, mas a plataforma é tão extensa, tão inconcebivelmente longa e vazia, que mal consegue percorrê-la, e deve se considerar sortudo, talvez sem fôlego, mas ainda assim sortudo, por alcançar o trem, seja qual for o destino. Naturalmente, esforça-se para identificar os nomes das cidades afixados nos vagões, mas logo percebe que é um esforço inútil, pois os nomes não passam de palavras. E o viajante incerto hesita um pouco diante do vagão.

A indecisão e a falta de fôlego são certamente suficientes para fazer um homem de temperamento irritadiço praguejar, ainda mais quando, assustado pelo sinal de partida do trem, ele tem de subir às pressas, a toda velocidade, os degraus inconvenientes até o vagão e bate a canela em um deles. Ele pragueja, pragueja contra os degraus e sua construção desajeitada, pragueja contra o destino. Porém, por trás dessa grosseria há um reconhecimento mais relevante e ainda mais irritante, que o homem poderia formular se sua mente estivesse alerta: tudo isso são meras criações humanas, esses degraus adaptados à flexão e extensão da perna humana, essa plataforma imensamente longa, essas placas com palavras escritas, e o apito da locomotiva, e os trilhos de aço cintilantes — não há fim para as criações humanas, sendo elas todas geradas da esterilidade.

O passageiro percebe vagamente que, por meio dessas reflexões, eleva-se acima da trivialidade cotidiana, querendo gravá-las em sua mente para o resto da vida. Pois, embora reflexões desse tipo possam ser consideradas humanas em termos gerais, são mais acessíveis aos passageiros, sobretudo àqueles de temperamento impulsivo, do que aos caseiros que não pensam em nada, mesmo que subam e desçam suas escadas várias vezes ao dia. O caseiro não percebe que está cercado por coisas feitas pelo homem e que seus pensamentos não passam de fabricações humanas. Envia seus pensamentos como se fossem representantes comerciais confiáveis e capazes em uma jornada ao redor do mundo, e imagina que, assim sendo, trazem o mundo de volta para sua sala e para seus próprios negócios.

No entanto, o homem que, em vez de enviar seus pensamentos, se envia a si mesmo, perde essa segurança precipitada; sua raiva se volta contra tudo que é obra humana, contra os engenheiros que projetam os degraus exatamente dessa maneira e não de outra, contra os demagogos que falam sobre justiça, ordem e liberdade como se pudessem rearranjar o mundo de acordo com suas próprias ideias; a ira desse homem também se dirige aos sabichões, quando lhe começa a clarear o conhecimento da ignorância.

Uma liberdade dolorosa se manifesta, sugerindo que tudo poderia ser diferente. Inadvertidamente, as palavras com as quais as coisas são rotuladas escorregam para a incerteza; é como se as palavras estivessem órfãs. O passageiro avança pelo longo corredor do vagão, um pouco perplexo ao ver vidraças como nas casas, e toca a superfície fria com a mão. Assim, o homem que está em uma jornada facilmente cai em um estado de irresponsabilidade descomprometida. E quando o trem está em plena velocidade, aparentemente avançando em direção a um objetivo, aparentemente se lançando na irresponsabilidade, e sua corrida desenfreada só pode ser interrompida pelo freio de emergência, quando o passageiro está sendo levado rapidamente sob seus pés, ele, que não perdeu sua consciência sob a liberdade dolorosa da luz do dia, tenta virar e caminhar na direção oposta. No entanto, não chega a lugar algum, pois ali tudo é futuro.

Rodas de ferro separam-no da boa e firme terra, e o passageiro no corredor pensa em navios com longos corredores, onde se alinham beliche ao lado de beliche, flutuando no cimo de uma montanha de água muito acima do fundo do mar, que é a terra. Doce esperança nunca realizada! De que serve se arrastar para dentro do ventre de um navio se apenas o assassinato pode trazer liberdade? Ah, nunca, nunca o navio ancorará ao lado do castelo onde reside a amada. O passageiro no corredor desiste de suas caminhadas, e enquanto finge estar admirando a paisagem e as montanhas distantes, pressiona o nariz contra o vidro da janela, como costumava fazer quando criança.

Liberdade e assassinato, tão intimamente relacionados quanto nascimento e morte! E aquele que é lançado à liberdade está tão órfão quanto o assassino que, a caminho do cadafalso, grita por sua mãe. No trem em alta velocidade, tudo é futuro, porque a cada momento já se está em outro lugar, e as pessoas nos vagões sentem-se contentes, como se soubessem que serão arrebatadas durante a expiação. Aqueles que ficaram para trás na plataforma da estação fazem um último esforço, gritando e acenando lenços, para mudar a cabeça dos que fogem e fazê-los retornar a cumprir com suas obrigações, mas os passageiros não renunciam à irresponsabilidade: fecham as janelas com o pretexto de evitar um torcicolo devido à corrente de ar e desembalam os mantimentos que já não precisam mais compartilhar com ninguém.

Muitos deles colocam o bilhete na aba do chapéu, para que sua inocência seja reconhecível de longe, porém, a maioria procura às pressas pelo bilhete quando ressoa a voz da consciência e aparece o funcionário uniformizado. Aquele que pensa em assassinato é logo descoberto, e de nada lhe adianta comer, de maneira desordenada, como uma criança, uma variedade de alimentos e doces; continua a ser esta a última refeição escolhida antes da execução da pena.

Sentam-se em bancos cujos engenheiros, de maneira vergonhosa e talvez até precipitada, adaptaram à forma duplamente curva do corpo sentado; sentam-se em filas de oito, apertados em sua gaiola de madeira; balançam as cabeças e ouvem o rangido da madeira e o leve chiado das rodas que rolam e batem sobre os trilhos. Aqueles que estão virados para a frente desprezam os outros que olham para trás; têm medo da corrente de ar e, quando se abre abruptamente a porta, têm medo de que alguém possa entrar e tenham de virar suas cabeças. Pois a quem tal coisa ocorre já não sabe nada acerca da justiça entre pecado e expiação; duvida que dois mais dois sejam quatro, duvida de que o filho seja da própria mãe e não uma aberração. Por isso, até mesmo as pontas de seus pés estão cuidadosamente direcionadas para frente, indicando os negócios que se devem realizar. Sua comunidade reside nos negócios que realizam. Uma comunidade sem força, e repleta de incerteza e má vontade.

Apenas a mãe pode tranquilizar a criança e assegurar-lhe de que não é uma aberração. Os passageiros e os órfãos, por outro lado, todos aqueles que queimam as pontes atrás de si, não sabem mais qual será o destino. Lançados à liberdade, precisam reconstruir a ordem e a justiça; já não querem mais deixar-se enganar por engenheiros e demagogos, odeiam a atividade humana em suas esferas estatal e técnica, mas não ousam se rebelar contra esse mal-entendido milenar nem evocar a terrível revolução do conhecimento que reconheceria que já não se somam mais dois e dois. Pois não há ninguém presente para garantir-lhes a inocência antes perdida e agora recuperada, ninguém em cujo colo possam descansar a cabeça, fugindo para o esquecimento da liberdade diária.

A raiva aguça os sentidos. Os passageiros organizam com cuidado suas bagagens nas redes e então se envolvem em conversas críticas e enfurecidas a respeito das instituições políticas do Império, da ordem pública e da natureza da lei; criticam as coisas e instituições com precisão, embora usando palavras nas quais já não podem confiar por completo. E, com a má consciência de sua nova liberdade, temem ouvir o terrível estrondo de um acidente ferroviário, que poderia perfurá-los com as barras de ferro do vagão. Sempre se lê sobre esse tipo de coisa nos jornais.

No entanto, são como pessoas que foram despertadas prematuramente do sono em direção à liberdade, chamadas para alcançar o trem a tempo. Assim, suas palavras tornam-se cada vez mais incertas e sonolentas, e logo toda a conversa se dissipa em um murmúrio indistinto. Um ou outro observa, de fato, que preferiria fechar os olhos a continuar a encarar a paisagem em alta velocidade, mas seus companheiros de viagem, refugiando-se nos sonhos, recusam-se a ouvir. Adormecem com os punhos cerrados e os casacos

puxados sobre o rosto, e seus sonhos estão cheios de raiva contra engenheiros e demagogos que, com a ciência da maldade, chamam as coisas por nomes falsos, tão descaradamente falsos que o irascível sonho precisa dar novos e ambíguos nomes a tudo, mas cheios de desejo de que a mãe dê os nomes certos e faça do mundo um lugar tão seguro quanto um lar estável.

As coisas estão próximas e distantes demais, como para uma criança, e o passageiro que embarcou no trem e sente nostalgia de sua esposa ou de sua terra natal, mesmo que só de longe, é como alguém que começa a perder a visão e de repente sente uma leve apreensão de que esteja ficando cego. Muitas coisas ao seu redor se tornam confusas, pelo menos é o que pensa logo que cobre o rosto com o casaco, e ainda assim nele surge uma ciência que talvez já possuísse, mas à qual ainda não prestara atenção. Ele está no início do sonambulismo. Ainda segue pela estrada preparada pelos engenheiros, mas agora caminha apenas pela margem, com receio de precipitar-se. Ainda ouve a voz dos demagogos, mas para ele já não é mais um linguajar. Estende os braços para os lados e para a frente, como o triste equilibrista na corda bamba que se sustenta melhor quanto mais longe está da terra firme. Enregelada e dominada, a alma cativa flutua no vazio, e o adormecido flutua para cima, onde as asas dos amantes tocam-lhe o alento como a penugem que é colocada nos lábios dos mortos, e deseja, como se fosse uma criança, que lhe perguntem o nome, para que possa afundar sem sonhos nos braços da mulher, enquanto aspira o ar da terra natal. Ainda não está de todo sublimado, mas já se encontra no pequenino primeiro escalão da nostalgia, pois não sabe mais qual é o seu próprio nome.

Que alguém venha e aceite a morte em sacrifício, redimindo o mundo para um novo estado de inocência: esse eterno anseio da humanidade pode se elevar até o homicídio, esse eterno sonho pode se elevar até a clarividência. Todo conhecimento oscila entre o desejo sonhado e o sonho pressentido, entre o saber do sacrifício e o reino da redenção.

Esch passou a noite em Müllheim. Ao embarcar no pequeno trem local para Badenweiler, a clara névoa da manhã ainda pairava sobre as colinas verdes da Floresta Negra. O mundo parecia claro e próximo como um brinquedo perigoso. A locomotiva tinha o fôlego tão curto que parecia ser possível desabotoar alguns botões em sua gola; no entanto, era impossível dizer se ela puxava o trem rápida ou lentamente. Apesar disso, Esch confiava nela sem pensar. Quando parou, as árvores o cumprimentaram com uma amizade maior do que nunca, e, afagado por suaves e perfumados ares, um quiosque surgia ao lado dos edifícios da estação, oferecendo uma grande variedade de

bonitos cartões-postais. Qualquer um deles teria ficado bem na coleção da Mãe Hentjen, e Esch escolheu um: um belo cartão mostrando o Schlossberg; colocou-o no bolso e procurou um assento à sombra para escrever em paz. Não escreveu, porém. Permaneceu sentado com calma, como alguém que não tem mais com o que se preocupar, e suas mãos descansaram placidamente sobre os joelhos. Ficou assim por um longo tempo, olhando através das pálpebras entreabertas para as folhas verdes das árvores; ficou sentado tanto tempo que, quando por fim andou pelas ruas tranquilas e viu seres humanos indo e vindo, em seu espanto não conseguiu dizer como chegara lá. Diante de uma casa havia um iminente automóvel, e Esch o observou de perto para ver se era grande o suficiente para dormir. Olhou com preguiça ao redor de tudo, pois sentiu a segurança e a descontração do cavaleiro que alcançou seu objetivo e, virando-se na sela, vê os outros ainda muito distantes; toda a tensão se dissipou dele; e, completamente à vontade, quase hesitante, dirigiu-se ao último trecho, ansiando ardentemente, de fato, por algum obstáculo inesperadamente alto e difícil antes que sua meta fosse alcançada e pudesse agarrar sua triunfante segurança. Assim, para ele foi quase um motivo de pesar — e, sendo o dia tão propício, era desfavorável à tristeza — que estivesse se dirigindo à casa de Bertrand com tanta certeza: sem conhecer o lugar e sem perguntar, sabia todos os caminhos a tomar. Subiu pela avenida suavemente sinuosa; o alento das árvores o envolveu, acariciou sua testa, tocou sua pele sob o colarinho e as bocas das mangas, e para receber a frescura, tirou o chapéu e abriu os botões do colete. Ele então entrou por um portão do parque, quase sem se surpreender com a descoberta de que a propriedade não se assemelhava em nada à grandiosa visão que flutuava diante dele em suas imagens de sonho. E embora em nenhuma das janelas altas se pudesse avistar Ilona em lantejoulas cintilantes, como uma bela peça de espetáculo de bela cena, já em seu objetivo e descansando despreocupada lá... — oh, embora fosse profundamente decepcionante, o castelo dos sonhos permanecia incólume, e era como se o que via concretamente diante de si não passasse de uma representação simbólica erguida para um propósito momentâneo e prático, um sonho dentro de um sonho. No cimo da suave ladeira de um verde profundo, que se encontrava na sombra da manhã, erguia-se a casa, executada ao estilo sóbrio e sólido, e como se a frescura caprichosa e evanescente da manhã, como se o simbolismo da cena quisesse mais uma vez se duplicar, no final da ladeira surgia uma fonte quase silenciosa, e suas águas eram como um gole cristalino que se desejava beber simplesmente por serem tão límpidas. Da casa do porteiro, coberta de madressilva e situada atrás do portão, surgiu um homem em traje cinza que perguntou o que Esch desejava. Os

botões prateados em seu casaco não eram distintivos de uma farda ou uniforme, pois brilhavam de maneira suave e tênue, como se alguém os tivesse costurado especialmente para combinar com aquela manhã cintilante. Se no dia anterior Esch ainda sentia por um momento sua autoconfiança diminuindo e duvidava se conseguiria mesmo encontrar o presidente, naquele instante todas as dúvidas desapareceram, e Esch quase poderia afirmar que pertencia àqueles que podiam entrar e sair dali sem ser questionados. Assim, não se surpreendeu quando o porteiro deixou de anotar seu nome e motivo da visita em um bloco de notas, nem lhe ocorreu que talvez teria sido mais apropriado esperar na entrada; acompanhando o homem, posicionou-se ao seu lado, e o outro permitiu que ele o fizesse em silêncio. Entraram em um vestíbulo fresco e sombreado, e enquanto o homem desaparecia por uma das muitas portas envernizadas de branco, que se abriu de maneira suave e fechou atrás dele, Esch sentiu o tapete macio ceder sob a pressão das solas de seus sapatos e aguardou ansioso o mensageiro, que o conduziu através de vários aposentos até outra porta, diante da qual se despediu do visitante com uma reverência. E embora não precisasse mais de um guia, parecia-lhe que teria sido mais apropriado e até mais desejável se a sucessão de salões tivesse se estendido por um longo caminho ainda, talvez até a eternidade, para uma eternidade inatingível, antecipando o santuário mais interno, antecipando, por assim dizer, a sala do trono, e quase imaginou que, de alguma maneira miraculosa e indecente, havia de fato percorrido uma série interminável de aposentos infinitos quando se viu diante do homem que lhe estendia a mão. E embora Esch soubesse que era Bertrand, e não houvesse mais dúvidas, nem aqui nem em qualquer outro lugar, achou que aquele homem era apenas o símbolo visível de outro, a imagem refletida de alguém mais essencial e talvez maior, que permanecia oculto; tão simples, tão sem esforço a maneira como tudo se desenrolava. Naquele instante, encarava aquele homem, barbeado como um ator e ainda assim não era ator; o rosto daquele homem era jovem, e seus cabelos ondulados eram brancos. Havia muitos livros no quarto, e Esch sentou-se ao lado da mesa de escrita, como se estivesse na sala de um médico. Ouviu a voz daquele homem, simpática como a de um médico:

— O que o traz até mim?

E o sonhador ouviu sua própria voz dizendo baixinho:

— Eu vou entregá-lo à polícia.

— Ah, que pena! — foi a resposta tão suave que Esch também não se atreveu a levantar a voz, mas quase para si mesmo repetiu:

— Eu vou entregá-lo à polícia.

— Ora, mas por quê? Você me odeia?

— Sim — mentiu Esch, e envergonhou-se da mentira.

— Isso não é verdade, meu amigo, você gosta muito de mim.

— Um homem inocente está na prisão em seu lugar.

Esch sentiu que o outro estava sorrindo, e ele viu Martin diante de si, falando e também sorrindo. E esse sorriso estava na voz de Bertrand:

— Mas, meu caro, nesse caso você deveria ter me denunciado há muito tempo.

Não se podia fazer nada com aquele homem. Esch disse com ar de desafio:

— Não sou um assassino.

Então Bertrand realmente riu, embora suave e inaudível, e talvez porque a manhã estava tão adorável, sim, porque a manhã em si parecia tão adorável, Esch não conseguiu reunir a irritação natural de alguém que está sendo ridicularizado; esqueceu-se de que acabara de falar de assassinato, e se as circunstâncias permitissem, teria gostado também de se juntar à suave risada de Bertrand. E embora as duas ideias que tinha na cabeça não se coadunassem muito bem uma à outra, ou, se o fizessem, seria apenas por alguma relação difícil de entender, convocou toda a sua seriedade e continuou:

— Não, eu não sou um assassino; você precisa libertar o Martin.

Bertrand, que evidentemente entendia tudo aquilo, parecia também compreender; sua voz, mais séria, ainda mantinha o tom de alegria tranquilizadora:

— Mas, Esch, como alguém pode ser tão covarde? Será que é preciso um pretexto para um assassinato?

A palavra então havia sido pronunciada de novo, mesmo que apenas fluísse como uma silenciosa e escura borboleta. E Esch pensou que realmente não havia necessidade de Bertrand morrer naquele momento, já que Hentjen já estava morto de qualquer maneira. Porém, como uma suave e clara iluminação, veio então o pensamento de que um ser humano poderia morrer duas vezes. E Esch disse, maravilhado por não ter tido esse pensamento antes:

— Você está livre para fugir, é claro — e acrescentou de maneira tentadora: — para os EUA.

Era como se Bertrand não estivesse falando com ele:

— Você sabe, meu caro, que eu não vou fugir. Esperei tempo demais por este momento.

E naquele instante Esch sentiu um fluxo de amor por aquele homem que lhe estava tão acima e mesmo assim falava com ele sobre a morte como se fosse um amigo, a ele, um desconhecido funcionário da empresa e órfão. Esch ficou feliz por ter mantido os livros da empresa tão bem e prestado fiel e honesto serviço. E sentiu medo de dizer que entendia como as coisas estavam com Bertrand, ou de pedir a Bertrand para fazer aquilo; limitou-se a assentir com a cabeça

compreensivamente. Bertrand disse:

— Ninguém está tão acima que se possa permitir julgar seus semelhantes, e ninguém é tão degradado que sua alma eterna perca o direito ao respeito.

Naquele momento Esch viu tudo mais claramente do que nunca, percebeu também que havia enganado a si mesmo e enganado aos outros, pois foi como se tudo quanto Bertrand sabia dele agora refluísse de volta nele: não, nunca acreditara que aquele homem libertaria Martin. Porém, Bertrand, juiz e réu, disse com um gesto levemente desdenhoso da mão:

— E se eu cumprisse sua esperança covarde e sua condição impossível, Esch, não nos envergonharíamos ambos? Você, que nesse caso não passaria de um chantagista ordinário, e eu, por me entregar nas mãos de tal chantagista?

E embora nada escapasse a Esch, o sonhador desperto, nem o gesto um tanto desdenhoso da mão, nem a ironia que podia ser vista ao redor da boca de Bertrand em seu sorriso, ainda assim a esperança não o abandonava de que, apesar de tudo, Bertrand cumpriria a condição ou pelo menos fugiria: Esch nutria essa esperança, pois de repente foi acometido pelo temor de que, com a segunda morte do Senhor Hentjen, seu desejo pela Mãe Hentjen também pudesse morrer. Mas isso era questão particular sua, e tornar o destino de Bertrand dependente disso lhe parecia tão indigno quanto extorquir dinheiro dele; e, além disso, não condizia com a pureza da manhã. Então disse:

— Não há outra saída: eu preciso denunciá-lo.

E Bertrand respondeu:

— Cada um deve realizar seu sonho, seja ele maligno ou sagrado. Do contrário, nunca participará da liberdade.

Esch não compreendeu completamente; para se certificar, disse:

— Eu preciso denunciá-lo. Caso contrário, as coisas vão piorar cada vez mais.

— Sim, meu caro, caso contrário as coisas vão piorar cada vez mais, e devemos tentar evitá-lo. Eu tenho, dos dois, a parte mais fácil; eu só preciso ir embora. O estranho nunca sofre, ele está livre de tudo: é aquele que permanece preso que sofre.

Esch pensou ver novamente o sorriso irônico nos lábios de Bertrand: fatalmente enredado nas malhas daquela distância fria, Harry Köhler não podia deixar de perecer miseravelmente; no entanto, Esch não conseguia sentir raiva do homem que causava tamanha ruína aos outros. Na verdade, também teria gostado de encerrar o assunto com um gesto desdenhoso da mão, e foi quase como uma confirmação das palavras de Bertrand quando disse:

— Se não houvesse expiação, não haveria passado, presente ou

futuro.

— Ah, Esch, você pesa no meu coração. Espera demais. Nunca se calculou o tempo após a morte: sempre o nascimento esteve em seu início.

Esch também estava com o coração pesado. Aguardava que aquele homem desse a ordem para hastear a bandeira negra nas ameias, e pensava: deve dar lugar para aquele após o qual o tempo será contado. Mas Bertrand não parecia entristecer-se, pois disse por acaso, como se fosse um comentário à parte:

— Muitos devem morrer, muitos devem ser sacrificados, para que haja espaço para o redentor que conhece e ama. E somente sua morte em sacrifício pode libertar o mundo, devolvendo-o ao estado da nova inocência. Mas primeiro deve vir o Anticristo, o insensato, o sem sonhos. Primeiro o mundo deve ficar completamente vazio, esvaziado como sob uma campânula de vácuo... o nada.

Aquilo era esclarecedor, como tudo o que Bertrand dizia, tão claro e familiar que o desafio de imitar sua expressão irônica quase se tornava uma obrigação, quase um sinal de concordância:

— Sim, é preciso estabelecer a ordem, para que se possa começar do início.

No entanto, ao dizer isso, Esch já sentia vergonha; envergonhava-se do tom sarcástico da sua voz; temia que Bertrand risse dele novamente, pois sentia-se nu diante dele, e ficou grato quando Bertrand apenas o corrigiu com voz suave:

— Sua ordem, Esch, é apenas assassinato e contra-assassinato: a ordem da máquina.

Esch pensou: “Se ele me mantivesse aqui, haveria ordem; tudo seria esquecido, e os dias fluiriam em paz e clareza; mas ele me rejeita”. E, é claro, teria de partir se Ilona estivesse ali. Por isso, afirmou:

— Martin se sacrificou, e, no entanto, não redimiou ninguém.

A mão de Bertrand fez um pequeno gesto, um tanto desdenhoso e desesperançoso.

— Ninguém vê o outro na escuridão, Esch, e a claridade fluida é apenas um sonho. Sabe que não posso manter-lhe comigo, por mais que tema a solidão. Somos uma geração perdida. Eu também só posso cuidar dos meus negócios.

Era natural que Esch se sentisse profundamente magoado, e disse:

— Cravado na cruz.

Então Bertrand sorriu de novo, e, como se sentira rejeitado, Esch quase desejou a morte para Bertrand naquele momento, não fosse o sorriso tão amigável, amigável e silencioso como o discurso de Bertrand que tudo revelava:

— Sim, Esch, cravado na cruz. E na última solidão, atravessado por

uma lança e reconfortado com vinagre. Somente então pode aquela escuridão avançar, na qual o mundo deve se desintegrar para que possa se tornar de novo claro e inocente, aquela escuridão na qual o caminho de um homem não encontra o caminho do outro... E mesmo que caminhemos lado a lado, não nos ouvimos e nos esquecemos uns dos outros, assim como você também, meu querido e último amigo, esquecerá o que estou lhe dizendo agora, esquecerá como se esquece de um sonho.

Ele apertou um botão e deu ordens. Em seguida, foram para o belo jardim que se estendia infinitamente atrás da casa, e Bertrand mostrou a Esch suas flores e seus cavalos. Entre as flores, borboletas escuras voavam silenciosamente, e os cavalos não relinchavam. Bertrand tinha um passo leve ao caminhar por suas terras, e, no entanto, às vezes parecia a Esch que aquele homem de passos leves deveria estar caminhando com muletas, pois no alto do céu havia um eclipse solar. Em seguida, sentaram-se juntos à mesa; prata, vinho e frutas enfeitavam a mesa, e eles eram como dois amigos que sabiam tudo um sobre o outro. Quando terminaram a refeição, Esch soube que o momento da despedida estava próximo, pois a noite poderia chegar inesperadamente. Bertrand o acompanhou até os degraus que levavam ao jardim, e lá já estava esperando o grande automóvel vermelho com os assentos de couro vermelho, ainda quentes do sol do meio-dia. E quando seus dedos se tocaram na despedida, Esch sentiu um desejo avassalador de se curvar sobre a mão de Bertrand e beijá-la. Mas o motorista do automóvel tocou a buzina com força, e o visitante teve que embarcar rapidamente no veículo. Mal o carro entrara em movimento um vento forte e quente se levantou, tão intenso que parecia apagar a casa e o jardim, e esse vento só se acalmou em Müllheim, onde um trem iluminado aguardava bufando pelo passageiro. Foi a primeira viagem de Esch em um automóvel, e foi muito agradável.

Grande é o medo daquele que desperta. Ele retorna com menos certeza para sua vida desperta e teme a força de seu sonho, que, embora talvez não tenha se concretizado em ação, transformou-se em um novo conhecimento. Exilado do sonho, vagueia no sonho. E mesmo que carregue no bolso um cartão-postal que possa contemplar, isso não o beneficia: diante do tribunal, permanece como uma falsa testemunha.

Com frequência, o ser humano não percebe que sua nostalgia mudou de aspecto ao longo de algumas horas. Talvez sejam apenas certas distinções sutis, meras nuances de iluminação, que o viajante comum negligencia, enquanto a nostalgia da terra natal se transforma inadvertidamente em nostalgia pela terra prometida. Mesmo que em

seu coração reine uma escura apreensão, temendo a noite da terra que o espera, seus olhos já estão repletos de uma luminosidade invisível, proveniente de algum lugar, embora se pressinta que seja a luminosidade além dos oceanos, onde as densas brumas se dissipam. Assim que as brumas se dissipam, tornam-se visíveis as fileiras amplas e desobstruídas dos campos, assim como prados verdes suavemente inclinados, uma terra envolta numa manhã tão eterna que o apreensivo começa a esquecer as mulheres. É uma terra quase despovoada, e os poucos colonos que a habitam são estrangeiros. Não mantêm qualquer tipo de comunicação entre si; cada um vive solitário em seu castelo. Ocupam-se de seus negócios, cultivam os campos, semeiam e segam. O braço da justiça não pode alcançá-los, pois não precisam de direito nem de leis. Em seus automóveis, percorrem as estepes e as terras virgens, que ainda nunca foram atravessadas por estradas, e sua única orientação é sua nostalgia inalcançável. Mesmo quando os colonos se estabelecem, ainda se sentem estrangeiros; sua nostalgia é uma dor de distância, uma distância cuja luminosidade aumenta constantemente sem nunca se tornar alcançável. E o mais surpreendente é que são pessoas ocidentais, ou seja, aquelas cujo olhar está voltado para o ocaso, como se ali não estivesse a noite, mas sim a porta da luz. Não se sabe ao certo se buscam essa luminosidade com tanto empenho porque pensam de forma aguçada e determinada, ou simplesmente porque temem a escuridão. Só se sabe que se estabelecem em locais onde há pouca floresta, ou a desmatam para criar uma clareira iluminada; pois, embora apreciem a frescura da floresta, afirmam que precisam proteger seus filhos da sua terrível escuridão. Se é verdade ou não, indica, pelo menos, que os colonos não possuem o temperamento áspero com que se costumam imaginar os colonos e pioneiros, mas se assemelham mais às mulheres, e sua nostalgia corresponde à nostalgia que as mulheres sentem, uma nostalgia que aparentemente se refere ao homem amado, mas que, na realidade, é uma nostalgia pela terra prometida para onde ele deve conduzi-las, tirando-as das trevas. Contudo, é preciso ser cauteloso com tais generalizações, pois os colonos se ofendem com facilidade, e então se retraem para uma solidão ainda mais impenetrável. Nas estepes, porém, nos campos cobertos de relva, coroados por colinas infinitas e regados por rios frescos, áreas preferidas pelos colonos, são alegres, embora sejam tímidos demais para cantar. Assim é a sua vida, afastada do sofrimento, pois buscam-na além do oceano. Morrem facilmente e ainda jovens, mesmo que seus cabelos já estejam grisalhos, pois a sua nostalgia é um eterno ensaio de despedida. São orgulhosos como Moisés quando avistou a terra prometida, ele sozinho em sua nostalgia divina, e ele sozinho proibido de entrar. E às vezes pode-se ver entre eles o mesmo gesto um tanto desesperado e

um tanto desprezível da mão, como de Moisés na montanha. Pois irrevogavelmente atrás deles está a terra de sua raça, e inacessivelmente diante deles se estende a distância, e o homem cuja nostalgia foi transformada sem que saiba, por vezes, sente-se como alguém cujos sofrimentos foram apenas amortecidos e que nunca pode esquecê-los por completo. Vã esperança. Afinal, quem pode dizer se ele se dirige para o reino da bem-aventurança, ou se vaga como um órfão perdido? Mesmo que o pesar pelo irreparável diminua à medida que se avança na terra prometida, mesmo que muitas coisas se dissolvam na luminosidade crescente, e o sofrimento também se torne mais leve, mais transparente, talvez até invisível, ainda assim não desaparece, tal como a nostalgia do homem, em cujo sonambulismo o mundo passa, desfazendo-se em uma lembrança da noite da mulher, nostálgica e maternal, onde, no final, não passa de eco doloroso do que já foi. Vã esperança e às vezes arrogância infundada. Uma geração perdida. E assim muitos dos colonos, mesmo quando parecem alegres e tranquilos, têm a consciência pesada e estão mais inclinados ao arrependimento do que muitos que levam vidas mais pecaminosas. De fato, é possível que haja alguns que não consigam mais suportar a paz e a clareza a que se entregaram, e embora se possa supor que a sua nostalgia insaciável por coisas distantes tenha crescido tanto que, por necessidade, precisem se voltar para o oposto, para o que pode ter sido o seu ponto de partida original, ainda assim é igualmente crível que os colonos tenham sido vistos soluçando com as mãos sobre o rosto, como se sofressem a nostalgia pela terra natal.

Esch afundava-se cada vez mais em angústia dolorosa à medida que se aproximava da cidade de Mannheim na cinzenta e nebulosa manhã. Mal sabia se o trem não o acabaria levando diretamente para o bar em Colônia, ou se a Mãe Hentjen, esperando conceber um filho dele, o aguardaria em Mannheim. Ele ficou desapontado ao encontrar apenas a carta que já esperava, e preferiria nem lê-la. Ainda mais porque podia perceber na maldita carta que ela fora escrita sob o retrato do Senhor Hentjen. Talvez por essa razão, ou talvez também por temor, a mão de Esch tremia quando, apesar de tudo, pegou a carta.

.

Mal prestou atenção em Erna, ignorou sua expressão magoada e foi imediatamente para a cidade, pois sabia que precisava apresentar uma denúncia na delegacia de polícia. Estranhamente, no entanto, acabou primeiro na loja de Lohberg, com quem trocou algumas palavras, e então considerou se deveria ou não visitar o porto. Mas não tinha mais vontade e preferiria ter ido de bonde para o presídio, embora soubesse muito bem que não permitiam a entrada até a tarde. A solidão começou a se manifestar de longe, e por fim viu-se diante do monumento a Schiller; teria ficado satisfeito se tivesse encontrado ao

lado dele a Torre Eiffel e a Estátua da Liberdade. Talvez não passasse da diferença de dimensões: o monumento em tamanho real não lhe dizia nada, e, naquele instante, não conseguia mais sequer imaginar a taberna da Mãe Hentjen. Assim, desperdiçou a manhã e lutou com sua memória; sim, queria fazer uma denúncia na polícia, mas não conseguia formular o conteúdo dessa denúncia. Com uma sensação de grande alívio, por fim desistiu do plano quando percebeu que a polícia de Mannheim, que havia prendido Martin, não era digna de receber tal denúncia, enquanto ele, de qualquer maneira, ainda devia a Colônia um substituto para Nentwig. Irritou-se consigo mesmo: poderia ter pensado naquilo antes, mas naquele momento estava tudo certo, e almoçou com bom apetite na companhia de Lohberg.

Em seguida, pegou um bonde até o presídio. Era outro dia escaldante, outra vez viu-se sentado na sala de visitas — será que alguma vez a deixara? Pois tudo permaneceu igual e nada pareceu transcorrer entre aquela visita e esta — outra vez Martin entrou com o guarda, outra vez Esch sentiu aquela sensação agonizante de vazio na cabeça, outra vez lhe parecia incompreensível por que deveria estar sentado naquela sala oficial, incompreensível mesmo que estivesse acontecendo para um fim definido e após uma longa premeditação. Felizmente, sentiu os cigarros no bolso, e desta vez tomaria o cuidado de entregar a Martin, para que pelo menos a visita pudesse compensar uma antiga omissão. Mas “era um pretexto, sim, um pretexto”, pensou Esch, e então: “Se a cabeça não funciona, as pernas têm de trabalhar”. Tudo o irritava, e enquanto estavam sentados os três à mesa de novo, desta vez era a atitude ironicamente amigável de Martin que o irritava em particular; ela o lembrava de algo que ele se recusava a admitir a si mesmo.

— Então, de volta do tratamento, August? Você está realmente muito bem. Encontrou todos os seus antigos conhecidos?

Esch não mentiu ao afirmar:

— Não encontrei ninguém.

— Ah, então você nem esteve em Badenweiler?

Esch não conseguiu lhe responder.

— Esch, você fez alguma besteira?

Esch continuou calado e Martin ficou sério:

— Se você aprontou alguma coisa, acabou entre nós.

Esch disse:

— Tudo está muito estranho. O que eu poderia fazer?

A isso, Martin respondeu:

— Ora, não está certo! Você tem a consciência tranquila?

— Sim, tenho a consciência tranquila.

Martin continuou observando-o inquisitivamente, e Esch se lembrou

daquele dia em que Martin o seguiu pela rua como se quisesse agredi-lo por trás com a muleta. Mas Martin recuperou sua amabilidade e perguntou:

— E o que você ainda faz em Mannheim?

— Lohberg vai se casar com Erna Korn.

— Ah, Lohberg... Eu me lembro dele, o comerciante de tabacos. E é por isso que você está aqui?

O olhar de Martin voltou a ser desconfiado.

— De qualquer forma, vou embora hoje... No máximo, amanhã.

— E o que pretende fazer?

Esch gostaria de estar o mais longe possível.

— Vou para os EUA — disse ele.

Martin sorriu com aquela expressão de criança envelhecida:

— Sim, sim, você tem essa ideia há muito tempo... Ou há algum novo motivo especial que o está impelindo a ir?

Não, apenas achava que tinha boas perspectivas ali.

— Ora, Esch, espero ver-lhe de novo antes. Melhor ter boas perspectivas lá do que ser obrigado a ir embora daqui... mas, se for diferente, não verá mais a minha cara, Esch!

Aquilo soou quase como uma ameaça, e o silêncio mais uma vez se abateu sobre os três homens sentados à mesa manchada de tinta na sala quente e sem ventilação. Esch levantou-se e disse que precisava se apressar se ainda quisesse pegar o trem naquele dia, e quando Martin mais uma vez o encarou com olhar interrogativo e desconfiado ao se despedir, Esch entregou-lhe os cigarros, enquanto o guarda fardado agia como se não visse nada, ou talvez realmente não tivesse visto nada. Depois, Martin foi conduzido para longe.

No caminho de volta para a cidade, as palavras ameaçadoras de Martin ecoavam nos ouvidos de Esch, e talvez essa ameaça já tivesse se concretizado, pois de repente ele não conseguia mais imaginar Martin, nem seu andar manco, nem seu sorriso, nem que o deficiente voltaria a entrar na taberna. Martin tornara-se um estranho para ele. Esch marchava com passos longos e desajeitados, como se precisasse aumentar o mais rápido possível a distância entre ele e o presídio, a distância entre ele e tudo o que ficava para trás. Não, aquele homem nunca mais o perseguiria para golpeá-lo pelas costas com a muleta; nenhum deles poderia realmente correr atrás do outro, nem o outro poderia afastá-lo, pois cada um estava condenado a seguir seu próprio caminho solitário, alheio a toda companhia: o que importava era libertar-se do emaranhado do passado, para não sofrer. Era apenas necessário caminhar rápido o suficiente. A ameaça de Martin havia estranhamente surtido pouco efeito, como se fosse uma cópia desajeitada e mundana de uma realidade mais elevada com a qual já

estava familiarizado há muito tempo. E se deixasse Martin para trás, se o sacrificasse, por assim dizer, isso também era apenas uma versão ordinária de um sacrifício mais elevado; seria, porém, necessário, se o passado precisasse ser finalmente destruído. É verdade, as ruas de Mannheim ainda eram familiares, mas ele estava se dirigindo para uma terra estranha, em direção à liberdade; caminhava como em um plano superior, e quando chegasse no dia seguinte a Colônia, não se sentiria mais envergonhado diante da cidade e das cenas que lhe apresentava; ele as encontraria submissas e humildes, prontas para a transformação. Esch fez um gesto de desdém com suas mãos oscilantes e até conseguiu uma careta irônica.

Ele estava tão absorto em seus pensamentos que passou pela porta da casa de Korn sem perceber; apenas quando chegou à porta do sótão percebeu que tinha que descer um andar de novo. E se assustou quando a Senhorita Erna abriu a porta. Ele a tinha esquecido por completo, e lá estava ela, olhando pela porta entreaberta, mostrando seu sorriso amarelado e reivindicando sua parte. Era como se o próprio diabo do passado estivesse obstruindo o portão da nostalgia, careta mundana, mais invencível e zombeteira do que nunca, exigindo que voltasse eternamente para a confusão do que já havia sido. E não adiantava ter a consciência tranquila, não adiantava ser livre para, a qualquer momento, continuar a viagem para Colônia e para os EUA; por um instante, o tempo de um batimento cardíaco, parecia até que Martin o havia alcançado afinal, como se fosse a vingança de Martin que o empurrasse para baixo, em direção à Senhorita Erna. A Senhorita Erna, por outro lado, parecia saber que não havia escapatória para ele, pois sorria com a mesma expressão de superioridade que Martin, como se possuísse um conhecimento secreto de uma obrigação mundana ainda obscura, mas ameaçadora e inevitável, e de suma importância. Ele observou atentamente o rosto da Senhorita Erna: era o rosto murcho de um Anticristo e não continha resposta.

— Quando Lohberg chega? — Esch fez a pergunta abruptamente e como se, com uma vaga esperança, a resposta resolvesse seu problema.

E quando a Senhorita Erna insinuou com astúcia que tinha se abstido intencionalmente de convidar seu noivo, isso era indiscutivelmente um sinal lisonjeiro de preferência, mas que ainda assim o deixou furioso. Sem se importar com a expressão ofendida dela, ele saiu correndo da casa para convidar Lohberg para jantar naquela noite.

E de fato, Esch se sentiu reconfortado ao encontrar o idiota, tão reconfortado que o levou consigo imediatamente e comprou não apenas todo tipo de comida, mas também dois buquês de flores, dos quais entregou um a Lohberg. Não surpreende que, ao vê-los, a

Senhorita Erna tenha juntado as mãos e exclamado:

— Esses sim são dois cavalheiros!

Esch respondeu orgulhosamente:

— Uma festa de despedida — e enquanto ela arrumava a mesa, ele se sentou com seu amigo Lohberg no canapé e cantou: — Vou-me embora, vou-me embora para a cidade — o que lhe rendeu olhares desaprovadores e melancólicos da Senhorita Erna. Sim, talvez fosse realmente uma festa de despedida, uma festa de libertação daquela comunidade mundana, e ele teria gostado de proibir que ela colocasse talheres para Ilona na mesa. Ilona também deveria estar liberta e já ter alcançado o objetivo. E esse desejo era tão forte que, com toda a seriedade, Esch esperava que Ilona não aparecesse, que não aparecesse nunca mais. E, incidentalmente, ele se sentia um pouco animado com a decepção de Korn.

Ora, Korn de fato mostrou-se decepcionado; no entanto, sua decepção se manifestava em imprecações grosseiras contra a mulher húngara e em impaciência furiosa por alimentação imediata. Ao mesmo tempo, movia sua grande massa com uma agilidade surpreendente pela sala; dirigia-se à garrafa de licor, depois à mesa, da qual pegava com seus dedos grossos algumas fatias de linguiça, e como Erna proibisse, virou-se para Lohberg e o enxotou do sofá, que reivindicava como seu lugar habitual, com punhos erguidos. O barulho causado por Korn era extraordinário; seu corpo e sua voz enchiam cada vez mais o espaço, enchiam até às bordas; tudo que era mundano e carnal no comportamento ávido e desmedido de Korn fluía pela sala e transbordava dela ameaçando encher o mundo; o passado e o inalterável transbordavam, afastando tudo o mais e sufocando a esperança; a escuridão começava a reinar no palco elevado e iluminado; talvez nem mesmo existisse.

— Ora, Lohberg, onde está agora o teu reino de redenção? — gritou Esch, como se pudesse assim abafar seus terrores; gritou por raiva, porque nem Lohberg nem ninguém podia dar uma resposta: por que Ilona precisava descer para entrar em contato com o mundano e o morto? Mas Korn, sentado sobre suas largas nádegas, ordenou com voz estridente:

— Tragam comida!

— Não! — protestou Esch aos berros. — Só quando Ilona chegar!

Pois embora quase tivesse medo de rever Ilona, tudo estava em jogo, e de repente Esch estava cheio de impaciência para que Ilona aparecesse, como se fosse uma pedra de toque da verdade.

Ilona entrou. Mal percebeu os presentes, apenas seguiu o gesto do silencioso Korn, que mastigava; sentou-se ao lado dele no sofá e, obedecendo a um comando silencioso, passou seu braço suave de

forma displicente por seus ombros. Porém, no mais, ela só via as coisas boas que teria para comer. Erna, que observava tudo, disse:

— Se eu fosse você, Ilona, eu soltaria a mão do Balthasar enquanto comemos.

Claro, suas palavras caíram no vazio, pois Ilona evidentemente ainda não entendia nada de alemão, e provavelmente nunca entenderia, tanto quanto não saberia dos sacrifícios feitos por ela. Desprovida de qualquer idioma, ela mal podia ser considerada uma comensal na mesa dos ligados à carne, mas sim como uma visitante na prisão do mundano ou uma prisioneira voluntária. E Erna, que então parecia saber muitas coisas, não mencionou mais nada sobre assuntos mundanos; foi como o testemunho de uma compreensão mais elevada quando ela pegou o buquê da mesa e o segurou sob o nariz de Ilona:

— Aí, cheire isso, Ilona — disse ela, e Ilona respondeu:

— Sim, obrigada — e soou como se viesse de uma distância que o mastigante Korn nunca poderia alcançar, como se viesse de um plano superior pronto para recebê-la, desde que não se desista do sacrifício. Esch sentia-se leve. Cada um deve realizar seu sonho, seja ele bom ou sagrado, e então participará da liberdade. E, por mais que fosse uma pena que o virtuoso ficasse com Erna e que Ilona nunca pudesse suspeitar que estava sendo traçado o ponto final de uma conta, era uma conclusão e uma mudança, um testemunho e um novo entendimento quando Esch se levantou, brindou ao grupo e, após felicitar brevemente os noivos, propôs um brinde à saúde deles, de modo que todos, exceto Ilona, para quem aquilo realmente era feito, ficaram bastante espantados. Porém, como expressava os desejos secretos deles, a próxima emoção foi de gratidão, e Lohberg, com olhos úmidos, apertou muitas vezes a mão de Esch. Então, a pedido de Esch, o casal feliz trocou o beijo de noivado.

No entanto, o que havia acontecido não lhe pareceu ainda definitivo, e quando a festa estava se dispersando, Korn se retirado com Ilona, e a Senhorita Erna estava prestes a colocar o chapéu para acompanhar Esch e seu noivo recém-prometido até sua casa, Esch se recusou: não, não achava adequado que ele, um solteirão, passasse a noite na casa da noiva de Lohberg; estaria muito disposto a se hospedar na casa do Senhor Lohberg naquela noite ou a trocar de quarto com ele; deveriam pensar melhor, pois, como recém-noivos, teriam muitas coisas para conversar. E com essas palavras, empurrou os dois para dentro do quarto de Erna e dirigiu-se ao seu próprio quarto.

Dessa forma terminou o primeiro dia de sua libertação, e a primeira noite de renúncia não habitual e desagradável começou.

O insone

Aquele que, sem conseguir conciliar o sono, apaga com a ponta dos dedos úmidos a vela quieta ao lado de sua cama e aguarda no quarto, então mais fresco, o alívio do sono, vive a cada batida de seu coração em direção à morte, pois, por mais estranhamente que o frescor tenha se expandido ao seu redor, tão quente, sufocante e apressado tornou-se o tempo dentro de sua cabeça, tão sufocante que começo e fim, origem e morte, ontem e amanhã desmoronam e se fundem em um presente único e isolado, preenchendo-o até a borda e quase o fazendo explodir.

Esch considerara por um momento se Lohberg não o buscaria afinal para irem juntos para casa. Porém, com uma careta irônica, decidiu que podia ir dormir, e ainda sorrindo de forma zombeteira, começou a se despir. À luz da vela, releu a carta da Mãe Hentjen; as muitas informações sobre a taberna eram entediantes; no entanto, havia um trecho que o alegrava: “E não esqueça, querido August, que você foi e será meu único amor no mundo, e que eu não posso viver sem você, e que não descansaria na fria sepultura sem você, querido August”. Sim, isso o agradava, e, naquele instante, por causa da Mãe Hentjen, ficou ainda mais satisfeito por ter enviado Lohberg para Erna. Então, umedeceu a ponta do dedo, apagou a vela e se esticou na cama.

Uma noite sem dormir começa com pensamentos banais, algo como um malabarista exibindo inicialmente truques fáceis e sem graça antes de passar para os mais difíceis e emocionantes. Na escuridão, Esch não pôde deixar de sorrir ao pensar que Lohberg se enfiaria sob os lençóis com Erna, que ria como uma coelhinha, e ficou feliz por não precisar sentir ciúmes do virtuoso. Na verdade, sua volúpia por Erna havia desaparecido por completo, mas isso era bom e como deveria ser. Na realidade, ele só pensava nas coisas que aconteciam na outra sala para demonstrar quão indiferente isso o deixava, quão indiferente era para ele o fato de Erna estar acariciando com as mãos o pobre corpo daquele idiota, e suportando a presença de uma aberração daquelas em sua casa, e o quão totalmente indiferente era quanto às impressões, às imagens fálicas — ele usou uma expressão diferente — que ela carregava em sua memória. Era tão fácil para ele imaginar tudo aquilo, que parecia sem importância; além disso, tratando-se do casto José, nem mesmo estava certo de que as coisas aconteceriam daquela maneira. A vida seria fácil se coisas desse tipo o deixassem igualmente indiferente no caso da Mãe Hentjen...! Mas apenas o impacto desse pensamento foi tão doloroso que tomou um susto, não muito diferente da Mãe Hentjen em certos momentos. Ele gostaria de procurar refúgio em Erna, para si mesmo e seus pensamentos, se algo não obstruísse o caminho, algo invisível, do qual só sabia que era a presença ameaçadora e inevitável da tarde anterior. Então ele voltou seus pensamentos para Ilona; tudo o que era necessário para

estabelecer a ordem ali era apagar as facas zumbidoras de sua memória. Como um ensaio preliminar, por assim dizer, para tarefas mais difíceis, tentou pensar nela, mas não teve sucesso. No entanto, quando por fim conseguiu imaginar, com raiva e repulsa, que naquele momento ela estava suportando passivamente a presença de Korn, aquele pedaço morto de carne, sem se importar consigo mesma, assim como ela sorria no meio das facas, esperando que uma delas a atingisse no coração — ah, então ele viu subitamente o fim de sua tarefa: pois era um suicídio que ela estava cometendo de maneira tão estranhamente complicada e feminina, um suicídio que a arrastava para o contato com coisas mundanas. Disso ela deveria ser salva!

Sua tarefa estava definida, mas tornou-se uma nova tarefa! Na verdade, se não fosse por algo ameaçador obstruindo o caminho, ele apenas tiraria Ilona de seus pensamentos, iria até o quarto de Erna, pegaria Lohberg pela gola e ordenaria bruscamente que ele se retirasse. Depois disso, seria capaz de dormir tranquilamente e sem pesadelos.

No entanto, justamente quando está prestes a imaginar quão pacífico seria o mundo e já sente ressurgir nele o desejo mais elementar por uma mulher, o insone é tomado por um pensamento que é ao mesmo tempo um pouco engraçado e um pouco terrível: ele não poderia voltar para Erna, pois já não ficaria claro quem seria o pai da criança. Este era o elo inexplicável, profundo e mundano! Este era o muro ameaçador que o havia feito recuar assustado diante de Erna! A conta poderia estar certa; alguém havia se retirado para dar lugar a outro, a partir de quem o tempo começaria a contar, e provavelmente era também justo que o pai de um redentor fosse um casto José. O insone tenta refazer sua careta irônica, mas já não consegue; suas pálpebras estão muito cerradas e ninguém pode rir no escuro — porque a noite é o tempo da liberdade, e o riso é a vingança do cativo. Ah, sim! Era justo que estivesse deitado em sua cama, insone e expectante, com uma excitação fria e estranha que já não era fruto do desejo; ele jazia como um morto em sua tumba, pois o outro jazia insone e rígido na sua. No entanto, como poderia se admitir que o outro havia sido sacrificado para que uma nova vida brotasse no receptáculo mesquinho e mundano chamado Senhorita Erna? O insone profere maldições, como costumam fazer todos os insones, mas enquanto amaldiçoa e blasfema, ocorre-lhe que aquilo não estava certo, se a mágica hora da morte deve coincidir com a hora da procriação. Não é possível estar ao mesmo tempo em Badenweiler e em Mannheim; ele havia tirado uma precipitada e prematura conclusão, pois tudo era, sem dúvida, mais complicado e digno.

O quarto estava fresco em sua escuridão. Esch, um homem de comportamento impulsivo, jazia imóvel em sua cama; seu coração

pulsava acelerado, e diminuía a quase nada, e não havia mais razão para adiar a morte para um futuro que já era, de qualquer forma, o presente. Para o homem desperto, tais ideias podem parecer ilógicas, mas se esquece de que ele próprio existe na maior parte do tempo em uma espécie de estado crepuscular, e que apenas o insone, em sua vigília excessiva, pensa com verdadeira severidade lógica. O insone mantém os olhos fechados, como se não quisesse ver a fria escuridão do túmulo em que está deitado; não quer vê-la, mas teme que sua insônia possa se transformar em mera vigília comum diante das cortinas que pendem como saias de mulher diante da janela, e de todos os objetos que se destacariam da escuridão se ele abrisse os olhos. Quer permanecer insone e não acordado, do contrário não poderia deitar-se ali com a Mãe Hentjen, isolado do mundo e seguro na tumba, cheio de um desejo que não é mais volúpia: sim, ele havia sido privado da volúpia, e isso também era bom. Unido à morte pensa o insone, aparentemente assassinado; sim, unido à morte, e na verdade isso teria sido reconfortante se ele pudesse se abster de pensar em Erna e Lohberg, que também estariam de alguma forma unidos na morte. Mas de que forma! Ora, o insone não tem mais vontade de fazer chistes cínicos; ele quer, por assim dizer, deixar que o conteúdo metafísico da experiência atue sobre si e avaliar corretamente a extraordinária distância que separa seu leito dos outros quartos da casa; deseja meditar com toda seriedade sobre a comunhão final alcançável, sobre o cumprimento de seu sonho que o levará à consumação; e como não consegue compreender todas essas coisas, fica mal-humorado e ressentido, enfurece-se e medita apenas sobre a questão: como os mortos poderiam dar à luz os vivos? O insone passa a mão pelo curto e hirto cabelo; fica na palma de sua mão uma sensação de formigamento e frescor; é como um experimento perigoso que ele não repetirá.

À medida que avança para exercícios cada vez mais difíceis e dignos, sua raiva cresce, e talvez seja a raiva de um desejo impotente e sem alegria. Ilona comete suicídio de maneira peculiarmente complicada e feminina, suportando noite após noite a presença de um pedaço de carne morta, de modo que seu rosto já está inchado como se tivesse sido tocado pela corrupção. E toda noite em que essa imagem de volúpia obscena é impressa nela, a corrupção deve aumentar. Então, essa fora a razão pela qual ele temera ver Ilona naquela tarde! O conhecimento do insone transforma-se em um sonho premonitório da morte, e ele reconhece que a Mãe Hentjen já está morta, que ela, a mulher morta, não pode ter um filho dele, que por essa única razão ela escreveu uma carta em vez de ir para Mannheim, escrita sob o retrato do homem de cujas mãos ela aceitou a morte, assim como agora Ilona aceita a morte daquele animal, o tal de Korn. As

bochechas da Mãe Hentjen também estavam inchadas, o tempo e a morte estavam incorporados em seu rosto, e as delícias de suas noites estavam mortas, mortas como o orquestrão que tocava sua melodia mecanicamente, bastava pressionar uma alavanca. E Esch ficava cada vez mais furioso.

O insone não sabe que sua cama está localizada em um lugar específico, dentro de uma casa em uma rua determinada, e se recusa a ser lembrado disso. É sabido que os insones são facilmente levados à raiva; o som das rodas de um bonde solitário pelas ruas noturnas é suficiente para enfurecê-los. E quão mais intensa deve ser sua raiva diante de uma tão colossal e terrível contradição que nem mesmo pode ser atribuída a um erro de contabilidade? Em pânico, o insone faz com que seus pensamentos voem para descobrir o significado da pergunta que, vinda de algum lugar, de longe, talvez dos EUA, já o pressiona. Ele sente que em sua cabeça há uma região que é a América, uma região que é nada menos que o local do futuro em sua cabeça e, no entanto, não pode existir enquanto o passado continuar invadindo desenfreadamente o futuro, o destruído e aniquilado sobrecarregando o novo. Nessa tempestade que se desencadeia, ele próprio é arrastado, mas não apenas ele, todos ao seu redor são varridos pelo furacão glacial, todos seguindo o pioneiro que se lançou primeiro na tempestade, para serem arremessados a fim de que o tempo volte a ser tempo. Já não havia mais tempo, apenas uma quantidade extraordinária de espaço; o insone, em seu estado de vigília excessiva, ouve e sabe que todos os outros estão mortos, e mesmo que ele feche os olhos com toda a força para não ver, sabe que a morte é sempre assassinato.

A palavra já estava de volta, mas não flutuando suavemente como uma borboleta; em vez disso, ressoando como um bonde que percorre as ruas à noite; a palavra “assassino” estava lá, e gritava. O morto passava a morte adiante. Ninguém tinha o direito de sobreviver. Como se a morte fosse uma criança, a Mãe Hentjen a concebera do falecido alfaiate, e Ilona a recebia de Korn. Talvez Korn também estivesse morto; ele era gordo como a Mãe Hentjen, e da redenção ele não sabia nada. Ou, se ainda não estivesse morto, morreria — uma pequena e reconfortante esperança —, morreria como o pedaço de alfaiate, depois de consumir seu assassinato. Assassinato e contra-assassinato, choque após choque, passado e futuro se precipitavam um sobre o outro, quebravam no próprio momento da morte, que era o presente. Isso precisava ser pensado muito atenta e seriamente, pois com muita facilidade outro erro contábil poderia se infiltrar. E já era imensuravelmente difícil distinguir sacrifício e assassinato um do outro! Deveria tudo ser destruído antes que o mundo pudesse ser redimido a um estado de inocência? Deveria o dilúvio invadir? Não

seria suficiente um homem se sacrificar, para um se retirar? Esch ainda vivia, embora, como todos os insones, estivesse morto para todas as aparências; Ilona ainda vivia, embora a morte já a tivesse tocado, e apenas um homem carregava o fardo do sacrifício pela nova vida e pela criação de um mundo em que facas não pudessem mais ser lançadas. Esse sacrifício já não poderia ser desfeito. E, como todas as generalizações abstratas e universalmente válidas são encontradas no estado de vigília excessiva dos insones, Esch chegou à conclusão: os mortos são assassinos de mulheres. Mas ele não estava morto, e sobre ele recaía a obrigação de resgatar Ilona.

Ressurge nele o desejo, o desejo impaciente, de receber a morte das mãos da Mãe Hentjen, e a dúvida de se isso já não acontecera. Se ele se submetesse à morte que vinha dos mortos, poderia aplacar os mortos, e eles poderiam se contentar com um único sacrifício. Um pensamento reconfortante! E assim como o homem sem sono pode ser mais violentamente dominado pela raiva do que o desperto em seu estado de crepúsculo, assim sua felicidade pode ser muito mais extática, e ele pode experimentá-la, poderíamos dizer, com uma espécie de estranha leveza. Sim, esse sentimento leve e liberado da felicidade pode se tornar tão brilhante que a escuridão por trás das pálpebras fechadas captura sua radiância. Pois era absolutamente certo que Esch, que estava vivo, um homem vivo pelo qual as mulheres poderiam conceber, entregando-se à Mãe Hentjen e ao seu corpo de morte, devia, por essa medida sem precedentes, não apenas consumir a redenção de Ilona, não apenas colocá-la para sempre além do alcance das facas, não apenas recuperar sua beleza e cancelar de sua carne todo vestígio de mortalidade, cancelar tão completamente que ela recuperaria uma nova virgindade, mas que, ao fazer isso, ele também deveria, por necessidade, resgatar a Mãe Hentjen da morte, vivificar outra vez seus flancos, para que ela pudesse gerar aquele cuja tarefa seria renovar o tempo.

Então, lhe parece que está chegando de uma distância mais remota em sua cama, e que está outra vez em um lugar específico e em um nicho específico. O insone, renascido em um desejo recém-desperto, sabe que chegou ao objetivo — não àquele objetivo final em que símbolo e protótipo retornam à sua identidade, mas sim àquele objetivo temporário com o qual os mortais mundanos devem se contentar, o objetivo que ele chama de amor e que se ergue como o último ponto acessível na costa além da qual está o inalcançável. E, como que em antítese ao símbolo e ao protótipo, as mulheres parecem estranhamente unidas e ainda assim divididas; a Mãe Hentjen pode estar sentada em Colônia esperando por ele, Ilona pode ter se afastado para o inacessível e o invisível, e ele sabe que nunca mais a verá — mas lá, naquele horizonte onde o visível e o invisível, o alcançável e o

inalcançável se unem, seus caminhos se cruzam e suas duas silhuetas se dissolvem e se fundem uma na outra, e mesmo que se separem, permanecerão unidas em uma esperança jamais realizada: a esperança de que, abraçando a Mãe Hentjen com um amor perfeito, levando sua vida como se fosse a sua própria, revivendo e redimindo-a da morte em seus braços, abraçando com afeto esta mulher que envelhece, ele possa aliviar Ilona do peso da velhice e da memória, possa criar como pano de fundo para a nova e virginal beleza de Ilona o patamar mais alto de seu desejo; sim, tão amplamente separadas como eram as duas mulheres, ainda assim unificaram-se, a imagem refletida de uma entidade invisível para a qual ele nunca poderia voltar os olhos, e que mesmo assim era a casa materna.

O insone chegou ao seu objetivo. Embora em seu estado de hiperexcitação já conhecesse antecipadamente a solução, ele percebe que apenas tinha tecido um fio lógico ao seu redor e só precisava permanecer sem dormir para que esse tênue fio pudesse se estender cada vez mais; porém, naquele momento, permite-se amarrar o último elo, e é como se tivesse encontrado a solução para uma tarefa contábil intrincada, e até mais do que uma tarefa contábil: ele assumira a verdadeira missão do amor com a decisão perfeita de submeter sua vida mundana à Mãe Hentjen. Ele gostaria de ter comunicado esse resultado a Ilona, contudo, devido à sua falta de domínio do idioma alemão, teve que se abster.

O insone abre os olhos, reconhece seu quarto e então adormece satisfeito.

Ele havia se decidido pela Mãe Hentjen. Definitivamente. Esch não olhava para fora pela janela do vagão. E ao concentrar seus pensamentos nesse amor perfeito e absoluto, era como um experimento audacioso: amigos e clientes estariam bebendo na taberna muito iluminada; ele entraria, e, sem se importar com os numerosos espectadores, a Mãe Hentjen correria em sua direção e se jogaria em seus braços. No entanto, ao chegar em Colônia, as imagens se distorceram estranhamente; aquela não era mais a cidade que ele conhecia, e o caminho pelas ruas ao cair da noite parecia se estender estranho e interminável diante dele. Incompreensível que estivesse fora por apenas seis dias. O tempo deixara de existir, e a casa que o aguardava era indefinível, a taberna também era indefinível em sua vaga amplitude. Esch ficou parado na porta, olhando para a Mãe Hentjen. Ela estava sentada, entronizada atrás do balcão. Acima do espelho, uma luz queimava sob uma tela multicolorida, o silêncio pairava no ar e, naquele recinto sombrio, não havia um único cliente. Nada acontecia. Por que ele havia vindo ali? A Mãe Hentjen não se moveu de trás do balcão e, por fim, com aquele tom de indiferença tão característico, disse:

— Bom dia — e olhou timidamente ao redor no local.

A raiva cresceu dentro dele, e, de repente, não conseguia entender por que havia escolhido aquela mulher. Então, ele também disse apenas “Bom dia”, pois, embora de alguma forma aprovasse a frieza orgulhosa dela e soubesse também que não tinha o direito de retribuir da mesma forma, ainda assim ele estava furioso: aquele que carrega no coração a decisão pelo amor incondicional tem, pelo menos, o direito de ser encontrado em pé de igualdade. Ele se gabou:

— Obrigado pela carta.

Ela olhou em torno na taberna vazia e disse furiosa:

— E se alguém ouvir você?

E Esch, completamente exaltado, respondeu com particular clareza:

— E se ouvirem... pare com esse absurdo de segredo, pelo amor de Deus!

Ele disse sem sentido ou objetivo, pois o local estava vazio, e ele próprio não sabia por que estava ali. A Mãe Hentjen ficou em silêncio, aterrorizada, e mexeu mecanicamente em seu penteado. Desde que o acompanhara até a estação, ela havia sentido um grande arrependimento e também medo de ter ido longe demais, de ter se entregado demais, e, sobretudo, desde que enviara aquela carta imprudente para Mannheim, a Mãe Hentjen entrara em pânico; ela teria sido grata a Esch se ele não tivesse mencionado a carta. Porém, naquele instante, enquanto ele, com um aspecto implacável, insistia em seus direitos, ela se sentia outra vez aprisionada entre correntes de ferro grossas e totalmente indefesa. Esch disse:

— Posso ir embora, claro — e ela realmente teria saído de trás de seu balcão se os primeiros clientes não tivessem entrado naquele exato momento. Assim, os dois permaneceram parados em silêncio; em seguida, a Mãe Hentjen sussurrou com um tom de desprezo, indicando claramente que apenas queria encerrar a cena:

— Volte esta noite.

Esch não respondeu, apenas se sentou em uma mesa com um copo de vinho. Sentia-se órfão. Seus cálculos de ontem, que pareciam tão claros, tornaram-se incompreensíveis: como sua decisão por aquela mulher poderia ajudar Ilona? Ele olhou ao redor da taberna e ainda achou tudo estranho; isso não lhe dizia mais respeito, estava muito distante de tudo isso. O que ele ainda fazia em Colônia, afinal? Ele deveria estar nos EUA há muito tempo. Mas naquele momento, seu olhar encontrou o retrato do Senhor Hentjen, pendurado acima das insígnias da liberdade, e foi como se de repente sua memória voltasse; ele pediu tinta e papel e, com sua mais bela caligrafia de contador, escreveu:

Denúncia!

Venho informar ao digno chefe de polícia que o senhor Eduard von Bertrand, residente em Badenweiler, presidente do conselho de administração da Companhia de Navegação do Reno Central, de Mannheim, está envolvido em relações indecentes com pessoas do sexo masculino, e estou disposto a testemunhar e fornecer provas da minha acusação.

Quando estava prestes a colocar sua assinatura, hesitou, pois esteve prestes a acrescentar “Em nome dos profundamente enlutados familiares”, e embora quisesse rir disso, assustou-se. No entanto, por fim colocou seu nome e endereço no papel e o guardou dobrado com cuidado na carteira. Até amanhã, disse a si mesmo; seria o prazo final. Na carteira também estava o cartão-postal de Badenweiler. Ele considerou se deveria entregá-lo à Mãe Hentjen ainda naquela noite. Sentia-se órfão. Porém, naquele instante, viu diante de si a alcova, reviu-a em sua postura sexualmente excitante e ao mesmo tempo dolorosa, e, ao passar pelo balcão, sua voz estava rouca:

— Até mais tarde, então.

Ela estava sentada rigidamente em sua cadeira e parecia não ter ouvido nada, de modo que, cheio de uma nova raiva, embora diferente da anterior, voltou atrás e, sem a menor consideração, disse em voz alta:

— Tenha a gentileza de tirar aquele retrato lá em cima.

Ela ainda permaneceu imóvel, e ele bateu a porta estrondosamente ao sair.

Quando voltou e tentou abrir a porta da casa, encontrou-a trancada por dentro. Sem se importar se a empregada poderia ouvi-lo, tocou a campainha; como ninguém respondeu, continuou tocando freneticamente. Surtiu efeito; ouviu passos; quase esperava que fosse a empregada; ele lhe diria que se esquecera de algo na taberna, mas, mais do que isso, a empregada não o desprezaria, e isso seria uma lição para a Mãe Hentjen. Porém não era a empregada, era a Senhora Hentjen em pessoa; ela ainda estava completamente vestida e chorava. Ambas as circunstâncias aumentaram sua raiva. Subiram as escadas em silêncio, e, na alcova, ele se lançou sobre ela imediatamente. Quando ela cedeu e seus beijos se tornaram suaves, ele perguntou de maneira ameaçadora:

— O retrato será removido?

De início, ela não entendeu do que se tratava; quando entendeu, ainda demorou um momento para compreender por completo:

— O retrato?... Oh, o retrato? Por quê? Você não gosta?

Desesperado diante de sua incapacidade de compreender, ele disse:

— Não, não gosto... e há muitas outras coisas de que não gosto.

Ela respondeu complacente e educadamente:

— Se você não gosta, é só pendurá-lo em outro lugar.

Ela era tão indescritivelmente estúpida que provavelmente só poderia compreender a pancadas. No entanto, Esch não se conteve:

— O retrato deve ser queimado.

— Queimado?

— Sim, queimado. E se continuar se fazendo de estúpida por muito mais tempo, eu incendeio o lugar inteiro.

Ela recuou aterrorizada, e ele, satisfeito com o efeito de sua ameaça, disse:

— Você deveria ficar feliz; não é como se tivesse um grande amor pela taberna.

Ela não respondeu, e mesmo que sua mente provavelmente estivesse vazia e ela só visse as chamas subindo ao telhado, era como se ela estivesse tentando esconder algo. Ele disse com severidade:

— Por que você não fala?

O tom áspero paralisou-a completamente. Aquela mulher não poderia ser levada por nenhum meio a abandonar sua máscara? Esch tinha se levantado e estava de pé ameaçadoramente na entrada da alcova, como se quisesse evitar que ela escapasse. Era preciso chamar as coisas pelos seus nomes reais, caso contrário aquela massa de carne nunca faria sentido. Contudo, quando ele perguntou: “Por que se casou com ele?”, sua voz estava rouca e sufocada, pois com a pergunta tantas emoções impetuosas e desesperadoras surgiram nele que, em pensamento, precisou buscar consolo em Erna. Ele a deixara, mesmo que ao lado dela nada o atormentasse, e fosse completamente indiferente para ele quais imagens fálicas ela carregava em sua memória. E também lhe seria indiferente se Erna tivesse filhos ou os evitasse por meios artificiais. Ele temia a resposta da Senhora Hentjen, não queria ouvi-la, mas mesmo assim gritou:

— Então?

E a Senhora Hentjen, com medo de ter se entregado demais, talvez também temendo que o nimbo pelo qual acreditava ser amada por Esch pudesse estar em perigo de desaparecer, reuniu forças:

— Faz tanto tempo... não precisa se preocupar com isso.

Esch avançou a mandíbula inferior e expôs seus dentes de cavalo:

— Não me preocupo... não me preocupo... — gritou. — Sim, certo, não me preocupo... não dou a mínima para isso!

Era assim que ela retribuía sua absoluta e incansável devoção e suas torturas. Ela era tola e insensível; ele, que lhe assumira o destino como se fosse o seu próprio; ele, que queria assumir toda a vida dela, embora a morte a tivesse envelhecido e contaminado; ele, August Esch, que estava disposto a se entregar por inteiro a ela com plena

decisão; ele, que queria dissolver tudo o que era estranho nele, quase trocando-o por tudo o que era estranho nela e em seus pensamentos, por mais dolorosos que fossem: ele não deveria se preocupar!! Ah, ela era tola e obtusa, e, por ser assim, ele teve de bater nela; se aproximou da cama, levantou a mão e a golpeou na bochecha gorda e imóvel, como se assim pudesse atingir também a imobilidade de sua alma. Ela não se defendeu, permaneceu deitada, imóvel, e mesmo se ele tivesse lançado facas contra ela, ela não teria se movido. A bochecha da mulher ficou vermelha e, quando uma lágrima escorreu, a raiva de Esch se acalmou. Ele se sentou na cama e ela se afastou para lhe dar lugar. Então ele ordenou:

— Vamos nos casar.

Ela respondeu simplesmente “sim”, e Esch estava prestes a ficar furioso de novo, porque ela não disse que estava feliz por finalmente poder se livrar do sobrenome odioso que carregava. No entanto, ela não soube dar outra resposta senão abraçá-lo e atraí-lo para si. Esch estava muito cansado e deixou acontecer; talvez estivesse tudo bem assim, talvez não importasse, pois, diante do reino da redenção, tudo era igualmente incerto, todo momento era incerto, até mesmo os números e as somas eram incertos. Na realidade, sentia-se outra vez amargurado: o que ela sabia sobre o reino da redenção? E ela queria saber algo? Provavelmente tão pouco quanto Korn! Levaria muito tempo para fazer com que ela entendesse. Porém, até o momento, ele deveria se conformar, esperar até que ela compreendesse, permitir que ela conduzisse o livro-caixa da taberna como vinha fazendo. No país da justiça, nos EUA, tudo seria diferente; lá o passado se consumiria como pólvora. E quando ela, perplexa, perguntou se ele parara em Ober-Wesel, ele não ficou irritado, mas balançou a cabeça seriamente e resmungou:

— Claro que não.

E assim eles celebraram a noite de casamento, concordaram em vender a taberna, e a Mãe Hentjen lhe agradeceu por não incendiar nada. Em um mês, poderiam estar em alto-mar. Amanhã ele veria Teltscher e colocaria o projeto americano em andamento de novo.

Ele permaneceu mais tempo do que o habitual. Desta vez, não desceram a escada na ponta dos pés. E quando ela o deixou sair, já havia pessoas na rua. Isso o encheu de orgulho.

.

Na manhã seguinte, dirigiu-se ao Alhambra. Naturalmente, ainda não havia ninguém. Revirou a correspondência na mesa de Teltscher. Encontrou um envelope não aberto que trazia sua própria caligrafia e ficou tão surpreso que, por um momento, não o reconheceu: era a carta para Erna que ele mesmo escrevera em Mannheim. Ora, ela faria

um escândalo se não recebesse resposta por tanto tempo. E com razão. Essa gente do teatro é desorganizada.

Por fim, Teltscher apareceu vagando. Esch quase se alegrou em revê-lo. Teltscher estava em um humor condescendente:

— Já era hora de você voltar; todo mundo desaparece em negócios particulares e Teltscher é quem fica encarregado de fazer todo o trabalho miserável.

— Onde está Gernerth?

— Ah, em Munique com sua respeitável família... casos graves de doença, eles devem estar resfriados.

Esch murmurou que ele logo voltaria. “O diretor precisa voltar em breve”, pensou.

— Ele precisa voltar logo, o senhor diretor; ontem não havia mais do que umas poucas cinquenta pessoas no teatro. Precisamos discutir isso com Oppenheimer.

— Certo — disse Esch —, vamos ver Oppenheimer.

Com Oppenheimer, concordaram que deveriam anunciar as últimas apresentações.

— Eu não lhe avisei? — disse Oppenheimer. — Lutas são boas, mas só lutas?! Quem se interessa por isso?

A decisão favorecia Esch; tudo o que ele precisava fazer era receber sua parte quando Gernerth retornasse, e quanto mais cedo terminasse, mais cedo poderiam ir para os EUA.

Desta vez, Esch tomou a iniciativa de convidar Teltscher para almoçar; já era hora de dar início ao projeto americano. Mal estavam na rua, Esch tirou da bolsa a lista das meninas que selecionara para a viagem.

— Sim, eu também tenho algumas — disse Teltscher —, mas primeiro Gernerth precisa devolver o meu dinheiro.

Esch ficou surpreso, pois Teltscher já deveria ter sido pago com as contribuições de Lohberg e Erna. Teltscher, irritado, disse:

— E com que dinheiro você acha que financiamos as lutas? Gernerth está com o dinheiro bloqueado, você não sabe disso? Ele me deu os rendimentos do teatro em penhor, mas o que vou fazer com isso na América?

Era um tanto surpreendente, mas, de qualquer forma, quando o negócio das lutas fosse liquidado, Gernerth teria dinheiro disponível, e então Teltscher poderia viajar para os EUA.

— Ilona vai conosco — decidiu Teltscher.

“Nisso você está enganado, meu caro”, pensou Esch, “Ilona não terá mais nada a ver com essas coisas; embora ainda possa estar envolvida com Korn, não durará muito tempo; em breve, ela estará morando em um castelo distante e inacessível, cujo parque é habitado por veados”.

Ele disse que precisava ir à sede da polícia, e fizeram um pequeno desvio. Esch comprou em uma papelaria um envelope e jornais; colocou os jornais no bolso e endereçou o envelope com muitos floreios. Em seguida, retirou da carteira a cuidadosamente dobrada denúncia, colocou-a no envelope e foi para a sede da polícia. Assim que saiu do prédio, continuou a conversa; não era necessário que Ilona fosse com eles.

— Não fale bobagem — disse Teltscher. — Em primeiro lugar, pense nos brilhantes contratos que podemos conseguir lá, e, depois, caso a ideia americana não dê em nada, precisaremos trabalhar aqui. Ela já descansou o bastante; além disso, já escrevi para ela.

— Bobagem — respondeu Esch, rude. — Se você está lidando com jovens, não se leva uma mulher consigo.

Teltscher riu:

— Ora, se você acha que não devo levar, deve me indenizar pelo prejuízo nas minhas perspectivas. Você é um grande capitalista... e geralmente se traz dinheiro de volta de uma viagem de negócios, não é?

Esch ficou sobressaltado; parecia que Teltscher tinha lançado um olhar cheio de significado na direção do prédio da polícia — o que significaria? O que o mágico judeu sabia? Ele próprio não sabia nada sobre essa viagem de negócios; e então repreendeu Teltscher:

— Vá para o diabo! Eu não trouxe nenhum dinheiro de volta.

— Sem intenção de ofender, Senhor Esch, não leve a mal, eu não quis dizer nada.

Eles entraram na taberna da Mãe Hentjen, e para Esch pareceu novamente como se Teltscher possuísse algum conhecimento secreto e pudesse de repente virar-se para ele e dizer “Assassino”. Ele tinha medo de olhar ao redor da taberna. Por fim, levantou os olhos e viu uma mancha clara, contornada por teias de aranha, onde o retrato de Hentjen costumava estar. Ele olhou para Teltscher, mas Teltscher permaneceu calado, porque evidentemente não havia notado nada, absolutamente nada! Esch sentiu-se quase exultante; em parte pelo alto astral, em parte para distrair a atenção de Teltscher pelo desaparecimento do retrato, ele foi até o orquestrão e o fez tocar; em resposta ao barulho, a Mãe Hentjen apareceu, e Esch sentiu uma forte tentação de cumprimentá-la com afeto e ardor tempestuoso; ele gostaria de apresentá-la como a Senhora Esch, e se se absteve dessa brincadeira carinhosa, não foi apenas porque se sentia grato a ela e disposto a respeitar sua timidez, mas também porque o Senhor Teltscher-Teltini era totalmente indigno de tal demonstração de intimidade. Por outro lado, Esch não se sentia obrigado a levar a discrição muito longe, e quando, depois do almoço, Teltscher se

preparou para sair, ele não o acompanhou como de costume, para depois voltar por caminhos sinuosos; não: disse abertamente que queria ficar um pouco e ler seus jornais. Tirou os jornais do bolso, colocou-os de volta e ficou sentado com as mãos descansando tranquilamente nos joelhos. Ele não queria ler. Contemplou a mancha clara na parede. E quando tudo ficou em silêncio, subiu as escadas. Sentia-se grato à Mãe Hentjen e tiveram uma tarde agradável. Falaram de novo sobre a possibilidade de vender a taberna, e Esch achou que talvez Oppenheimer pudesse encontrar um comprador. Falaram com carinho sobre o casamento. Havia uma mancha no teto da alcova que parecia uma borboleta escura, mas não passava de sujeira.

À noite, dispôs-se a cumprir sua obrigação de procurar garotas. No entanto, decidiu primeiro verificar o que acontecera com o jovem Harry. Procurou por ele em vão e já estava prestes a sair daquele antro quando Alfons chegou. O gordo apareceu em um estado engraçado; seus cabelos oleosos e desgrehados grudavam-se desordenadamente no crânio, sua camisa de seda estava aberta, expondo o peito branco e quase sem pelos; de alguma forma, sua aparência lembrava travesseiros revirados. Esch não pôde conter o riso. O gordo sentou-se à mesa perto da entrada e soluçou. Esch, em pé diante dele, ainda ria, mas dava a impressão de querer abafar algo com sua risada.

— Ei, Alfons, o que se passa com você?

O músico, com sua obesidade, lançou-lhe um olhar opaco e hostil.

— Que tragam algo para beber e conto o que aconteceu.

Alfons bebeu um conhaque sem dizer palavra. Por fim, disse:

— Santo Deus... isso é inacreditável... é o culpado de tudo e ainda pergunta o que aconteceu!

— Não fale besteira e diga de uma vez o que aconteceu.

— Santo Deus! Ele está morto!

Alfons apoiou o rosto nas mãos e ficou imóvel, olhando para o vazio. Esch sentou-se à mesa:

— Mas quem morreu?

Alfons gaguejou:

— Ele o amava tanto, tanto...

A situação ficou engraçada de novo:

— Quem amava? E a quem?

A voz de Alfons mudou:

— Não finja; Harry está morto.

Então, Harry estava morto. Esch, na verdade, relutava em entender; olhava para o gordo como se não entendesse nada. As lágrimas escorriam pelas bochechas do músico:

— Você o deixou completamente fora de si com tudo aquilo que disse aquele dia... ele o amava tanto... quando leu no jornal, trancou-se... hoje à tarde... e agora o encontramos... Veronal.

Então, então, Harry estava morto; de alguma forma, aquilo se encaixava, era inevitável. Esch apenas não conseguia ver como.

— Pobre rapaz — disse ele.

E, de repente, entendeu; sentiu-se aliviado e feliz porque entregara naquela manhã sua carta na sede da polícia; eis, finalmente, assassinato e contra-assassinato, débito e crédito anulando-se mutuamente; eis, pela primeira vez, uma conta perfeitamente equilibrada! Engraçado pensar que, apesar disso, ele mesmo parecia ser de alguma forma culpado. Disse outra vez:

— Pobre rapaz... por que ele fez isso?

Alfons o encarou com espanto:

— Mas ele viu nos jornais...

— Viu o quê?

— Isto! — Alfons apontou para o maço de jornais saindo do bolso do casaco de Esch. Esch encolheu os ombros; esquecera-se dos jornais. E então os tirou; lá estava, em letras grandes e com muitos circunlóquios, na última página, com borda preta, pois todas as empresas com as quais estava conectado e seus funcionários e trabalhadores insistiram no melancólico privilégio de divulgar a triste notícia de que o Senhor Eduard von Bertrand, presidente do conselho de administração, cavaleiro de várias ordens distintas etc., após uma breve e séria doença, havia falecido. Na primeira página, no entanto, juntamente com um obituário altamente elogioso, estava a informação de que, supostamente em um acesso repentino de insanidade mental, o moribundo havia posto fim à sua vida com um tiro de revólver. Esch leu tudo isso, mas não se interessou muito. Apenas comprovou consigo mesmo quão certo fora ter removido o retrato naquele dia. Engraçado que um homem como aquele músico, que não estava envolvido de forma alguma, pudesse fazer tanto alarde sobre aquilo. Com uma leve careta de ironia, ele deu um tapinha benevolente e reconfortante no ombro flácido do músico, pagou pelo conhaque e voltou para a casa da Senhora Hentjen. Saindo complacente com passos largos, pensou em Martin e refletiu que o aleijado já não o perseguiria mais nem o ameaçaria com suas duras muletas. E isso também era bom.

.

Deixado sozinho, o músico Alfons apoiou os punhos nas têmporas e ficou encarando o vazio. Esch lhe parecia um homem ruim, como todos os homens que buscavam mulheres para possuí-las. Ele tinha a experiência de que todos esses homens causavam desgraça. Pareciam-lhe como selvagens enlouquecidos, correndo desenfreados pelo

mundo; na presença deles, a única coisa que se podia fazer era se esquivar. Ele desprezava esses homens que corriam de maneira estúpida e frenética, ávidos não pela vida, que obviamente não viam, mas por algo que estava além dela, e pelo qual a destruíam em nome de uma espécie de amor. O músico Alfons estava muito triste para pensar claramente nisso, mas sabia que esses homens, embora falassem com grande eloquência sobre o amor, queriam dizer apenas posse, ou o que geralmente se entende por esse termo. É claro que ele próprio não contava, pois no máximo era um sujeito sem pensamentos, um coitado de um músico de orquestra; no entanto, sabia que não se alcança o absoluto de modo algum ao optar por alguma mulher. E desculpava a raiva maligna dos homens, pois via muito bem que ela surgia do medo e da decepção; via que esses homens apaixonados e malévolos escondiam-se atrás de um fragmento de eternidade para se proteger do medo que sempre estava às suas costas, sempre lhes dizendo que deviam morrer. Ele podia ser um simples violinista, tolo e sem pensamentos, mas conseguia tocar sonatas de memória e, conhecendo muitas coisas, apesar de sua tristeza, podia sorrir ao pensar que as pessoas, em sua busca angustiante pelo absoluto, ansiavam por um amor eterno, imaginando que assim suas vidas nunca teriam fim, mas durariam para sempre. Caso o desprezassem porque às vezes era obrigado a tocar *pot-pourris* e polcas rápidas, ele havia percebido, mesmo assim, que essas criaturas perseguidas, que buscam o imperecível e o absoluto no mundano, sempre encontram apenas um símbolo e um substituto para aquilo que buscam, sem conseguir nomeá-lo: pois podem ver a morte dos outros sem arrependimento ou tristeza, tão completamente dominados estão pelo pensamento de sua própria morte; eles se esforçam com furor pela posse de alguma mulher para que, por sua vez, sejam possuídos por ela, pois nela esperam encontrar algo firme e inalterável que os possua e proteja, e odeiam a mulher pela qual se decidiram em sua cegueira, odeiam-na porque ela é apenas um símbolo que desejam destruir com raiva quando se veem mais uma vez entregues ao medo e à morte. O músico Alfons sentia compaixão pelas mulheres; mesmo que elas não aspirassem a algo melhor, não estavam sujeitas a essa destrutiva e estúpida paixão de possuir; eram menos impelidas pelo medo, emocionavam-se mais profundamente quando lhes era apresentada uma música e estavam em uma relação mais íntima e confiante com a morte: nisso, as mulheres se assemelham aos músicos, e mesmo que alguém seja apenas um músico de orquestra homossexual e obeso, é possível se sentir parente delas, é possível conceder-lhes um fragmento da intuição de que a morte é algo triste e belo, sabendo que elas não choram porque lhes foi tirada uma posse, mas sim porque algo que tocaram e viram era bom e gentil. Ah, que

confusão louca é a vida, incompreendida pelos ávidos de posse, compreendida apenas pelos outros, e, no entanto, pressentida pela música, símbolo sonoro de tudo que pode ser pensado, que anula o tempo para preservá-lo em cada compasso, que anula a morte para fazê-la ressurgir no som. Aquele que, como as mulheres e os músicos, intuiu isso, pode aceitar ser tolo e desprovido de ideias, e o músico Alfons sentiu os excessos de gordura em seu corpo como se fossem uma boa e macia cobertura através da qual poderia sentir a presença de algo precioso e digno de amor; as pessoas poderiam desprezá-lo e zombá-lo por ser afeminado; ora, ele era apenas um coitado, mas ainda assim era capaz de se entregar mais feliz, passiva e submissamente a todas as manifestações diversas da eternidade do que aqueles que zombavam dele e ainda faziam de um pequeno fragmento de mortalidade o símbolo e o objetivo de seu lastimável esforço. Era ele quem deveria desprezar os outros! Ele até sentia pena de Esch, e não conseguia deixar de pensar na música de batalha heroica cujos acordes acompanhavam os gladiadores quando entravam na arena, para que o guerreiro, com sua coragem estimulada, pudesse esquecer que a morte estava à espreita. Ele considerou se deveria ou não ficar de vigília ao lado da cama de Harry, mas estremeceu com a ideia do rosto de cera e decidiu, em vez disso, embriagar-se e observar os garçons e os clientes, que se moviam de um lado para o outro, e, ainda assim, traziam o selo da morte em seus rostos.

Na mesma hora daquela noite, Ilona se levantou da cama e, à luz da pequena lâmpada vermelha sob a imagem da Virgem, contemplou o sono de Balthasar Korn. Ele estava roncando, e quando o som cessava, era como a interrupção da música no teatro antes de ela fazer sua apresentação; e no assobio de sua respiração, ressoava o zumbido suave das facas cortando o ar. Na verdade, ela não estava pensando nisso, embora tivesse recebido a carta de Teltscher chamando-a de volta ao trabalho. Ela observava Korn e tentava imaginá-lo sem bigode, e também como ele teria sido quando jovem. Ela não sabia exatamente por que fazia aquilo, mas parecia-lhe que a Virgem na parede poderia perdoar mais facilmente seu pecado assim. Porque era um pecado tê-lo utilizado para seu prazer ímpio diante dos olhos sagrados da Virgem, e se não tivesse sido infectada tão cedo pela doença, ela também poderia ter tido filhos. O fato de abandonar Korn a deixava indiferente, pois sabia que outro o substituiria; e o fato de voltar a Teltscher também a deixava indiferente; não lhe passava pela cabeça que ele a estivesse esperando em Colônia ou que estivesse contando com ela; ela apenas sabia que ele precisava dela para poder lançar suas facas em alguém. Também lhe era indiferente ir para os EUA. Já tinha viajado o suficiente, talvez até demais, e a América lhe parecia uma cidade como qualquer outra. Ilona vivia sem esperança e

sem medo. Aprendera a deixar os homens; contudo, naquela noite, ainda se sentia propriedade de Korn. Carregava uma cicatriz no pescoço e, naquela época, concordara com o homem que tentou matá-la porque o traíra. Se Korn lhe tivesse sido infiel, no entanto, ela não o teria matado, apenas o teria atacado com ácido. Sim, nessa questão de ciúmes, essa distribuição de papéis lhe parecia apropriada, pois quem possui quer destruir, mas quem apenas utiliza pode se contentar em tornar o objeto inutilizável. Isso vale para todos, até para uma rainha. Os seres humanos são todos iguais, e ninguém pode fazer o bem aos outros. Quando estava no palco, havia luz, e quando estava com um homem, havia escuridão. Viver significava comer, e comer significava viver. Certa vez, alguém havia se suicidado por causa dela; isso não a comovera muito, mas gostava de lembrá-lo. Tudo o mais afundava na sombra, e na sombra as pessoas se moviam como sombras mais escuras que se fundiam umas nas outras e lutavam para se separar de novo. Todos só causavam desgraça, como se precisassem se punir ao buscar prazer uns nos outros. Sentia-se um pouco orgulhosa porque também tinha causado desgraças, e quando aquele homem se matou por causa dela, foi como um ato de expiação e uma compensação que Deus lhe concedera por sua esterilidade. Muitas coisas eram incompreensíveis; na verdade, tudo era incompreensível. Não se podia refletir sobre o sentido dos acontecimentos; apenas quando as crianças vinham ao mundo, parecia que o sombrio se condensava e se tornava corpóreo, e então era como se uma doce música preenchesse eternamente o mundo das sombras. Talvez seja por isso que Maria segura o Menino Jesus lá em cima, acima da luz vermelha. Erna vai se casar e ter filhos: por que Lohberg não a escolheu, em vez daquela mulherzinha amarelada e angulosa? Ela contemplou Korn e não encontrou em seu rosto nada do que buscava; suas mãos peludas repousavam sobre o lençol e jamais foram delicadas e jovens. Ela sentiu repulsa diante daquele rosto carnudo iluminado pelo vermelho, com o bigode destacado, e foi delicadamente com os pés descalços até o quarto de Erna, deslizou suave e insinuantemente ao lado dela, aconchegou-se com ternura contra aquele corpo angular e, nessa posição, adormeceu.

.

Naquele momento, Esch comportava-se quase como um noivo, ou, mais corretamente, como um protetor, pois, embora ainda não tivessem revelado nada sobre seu relacionamento, Esch sabia como agir diante de uma mulher frágil; ela permitia que ele cuidasse de seus interesses. Ele não só lidava com o homem que trazia a água mineral e o gelo, mas também com Oppenheimer, a quem, por sua sugestão, fora confiada a venda da taberna. O ativo Oppenheimer, efetivamente, quando necessário, conciliava seus negócios teatrais com vendas de

propriedades ou com diversos tipos de agências, e, é claro, estava disposto a dedicar toda a sua atenção àquele assunto. No entanto, naquele momento, tinha outras preocupações na cabeça. Tinha vindo para examinar a casa, mas parou no meio da escada e disse:

— Totalmente inexplicável, esse negócio do Gernerth; queira Deus que nada tenha acontecido com ele... ora, por que deveria me importar, afinal, não é meu negócio.

Embora repetisse isso várias vezes, como que para acalmar a si mesmo, voltava com a mesma frequência ao fato de que Gernerth já estava ausente por oito dias, justamente naquele instante, no momento em que estavam prestes a encerrar o negócio de luta e precisariam de dinheiro para os honorários e o aluguel atrasados. Que Gernerth, um homem tão escrupuloso, permitisse que o aluguel ficasse atrasado, era algo que ele nunca teria acreditado. E isso não obstante terem ido tão bem até recentemente; sim, muito bem. Atualmente, é claro, mal estavam cobrindo os gastos. Pois bem, era hora de encerrar.

— E aquele burro do Teltscher permitiu que ele fosse embora sem nem ao menos deixar as chaves do caixa, e não pôde fazer nada. E Gernerth tem todo o seu dinheiro no Banco de Darmstadt!... Muito refinado e artístico, é claro, o Senhor Teltscher, o grande artista, para se preocupar com essas coisas.

Até então Esch ouvira sem muito interesse, sobretudo porque lhe parecia muito compreensível que Teltscher estivesse mais interessado no projeto americano do que no da luta, que estava terminando. Porém, naquele instante, ficou atento: dinheiro no Banco de Darmstadt? Ele interpelou Oppenheimer:

— O dinheiro no Banco de Darmstadt inclui as contribuições dos meus amigos; esse dinheiro precisa ser devolvido!

Oppenheimer balançou a cabeça:

— Na verdade, isso não me diz respeito — disse ele —, mas de qualquer forma, vou enviar um telegrama para Gernerth em Munique. Ele deve vir e colocar as coisas em ordem. Você está certo, não adianta ficar enrolando.

Esch aprovou a medida, e o telegrama foi enviado; não receberam resposta. Já preocupados, enviaram dois dias depois um telegrama para a Senhora Gernerth, com resposta paga, e souberam que Gernerth não tinha retornado para Munique. Muito suspeito; e já no final da semana precisavam acertar todas as contas! Era necessário informar à polícia; a polícia descobriu que, aproximadamente três semanas antes, todo o saldo restante na conta de Gernerth havia sido retirado do Banco de Darmstadt, então não restava mais dúvida: Gernerth tinha fugido com o dinheiro! Teltscher, que havia defendido Gernerth até o último momento e que agora chamava a si mesmo de o judeu mais

idiota do mundo por ter sido enganado de novo por um homem desonesto, passou a ser suspeito de ter colaborado com Gernerth. Diante dos bens do teatro que Gernerth lhe deixara em penhor, teve muito trabalho para provar sua inocência; mas isso pouco ajudou — mal tinha dinheiro para se sustentar nos próximos dias. Desamparado como uma criança, culpava a si mesmo e ao mundo, repetia sem parar que Ilona precisava vir, e diariamente pedia a Oppenheimer por um contrato imediato. Oppenheimer encarou a situação de maneira mais filosófica, pois não era seu o dinheiro perdido; consolou Teltscher: as coisas não estavam tão ruins, afinal; como proprietário dos bens do teatro, um homem com o nome de Teltscher-Teltini seria um excelente diretor; se conseguisse arrumar um pouco de capital de giro, tudo ficaria bem de novo, e ele ainda teria muitos negócios com o velho Oppenheimer. Teltscher logo entendeu a ideia, recuperou sua antiga vivacidade tão rapidamente que, no mesmo instante, bolou um novo plano e correu para apresentá-lo a Esch.

Esch, no entanto, ficou mais do que irritado com a reviravolta. Embora sempre tivesse pressentido, sim, até mesmo sabido, que a viagem para os EUA nunca se concretizaria; e embora talvez precisamente por isso tenha conduzido de maneira tão casual e negligente a seleção das garotas; e embora, por fim, tenha sentido certa satisfação pelo fato de suas convicções terem se mostrado verdadeiras, toda a sua vida havia sido direcionada para o projeto americano, e já se sentia abalado até o âmago, pois lhe parecia que as bases de sua relação com a Mãe Hentjen haviam sido minadas. Para onde iria com ela? E como se apresentaria a ela? A Mãe Hentjen queria vê-lo como o senhor e mestre de toda aquela trupe de artistas, e todos o haviam deixado na mão como se ele fosse insignificante! Ele sentia vergonha de encarar a Mãe Hentjen.

Naquele estado de espírito, Teltscher surgiu com seu projeto:

— Escute, Esch, agora você é um grande capitalista, poderia se tornar meu sócio.

Esch o encarou como se fosse um louco:

— Sócio? Ficou maluco? Você sabe tão bem quanto eu que o plano americano foi por água abaixo.

— Também se pode ganhar dinheiro na Europa — disse Teltscher —, e se quiser investir seu dinheiro de maneira lucrativa...

— Que dinheiro?! — gritou Esch.

Ora, ora, não precisava gritar tanto; ouvira algo sobre alguém supostamente ter recebido uma herança, observou Teltscher, e isso deixou Esch furioso:

— Você está completamente louco! — rugiu. — O que significa essa conversa fiada? Não basta que eu tenha caído uma vez em suas

trapaças...

— Se esse canalha do Gernerth fugiu com o dinheiro, você não pode me responsabilizar — disse Teltscher ofendido —; eu sofri mais do que você, e porque estou em uma situação difícil, não precisa me insultar quando lhe trago uma proposta honesta.

Esch resmungou:

— Não se trata das minhas perdas, mas das perdas dos meus amigos...

— Eu lhe ofereço a oportunidade de recuperar esse dinheiro.

Aquilo constituía, naturalmente, uma esperança, e Esch perguntou como Teltscher imaginava a situação. Ora, com o material do teatro já era possível começar algo, Oppenheimer também achava isso; o próprio Esch vira que se podia ganhar algum dinheiro caso o negócio fosse conduzido com alguma habilidade.

— E se eu recusar?

Então, naturalmente, não lhe restava opção senão leiloar o material teatral e procurar um contrato em algum lugar com Ilona. Esch ficou pensativo: e então? Então Teltscher teria de conseguir um novo contrato com Ilona... para arremessar facas?... ora, então... ele queria pensar sobre isso...

No dia seguinte, consultou Oppenheimer, pois, tratando-se de Teltscher, toda precaução era necessária. Oppenheimer confirmou as declarações de Teltscher.

— Ah, então ele teria de aceitar de novo um contrato com Ilona...

— Eu, claro, estou disposto a lhe arranjar algum contrato — disse Oppenheimer. — O que mais ele pode fazer, o Teltscher?

Esch assentiu com a cabeça:

— E se ele assumir algum contrato, precisará de dinheiro...

— Você não tem alguns milhares disponíveis? — perguntou Oppenheimer.

Não, ele não tinha. Oppenheimer balançou a cabeça de um lado para o outro: sem dinheiro, não daria para fazer nada; talvez pudessem interessar outra pessoa no negócio... Que tal a Senhora Hentjen, por exemplo, que diziam que queria vender a taberna e teria uma boa quantia disponível? Esch disse que não tinha influência, mas apresentaria a proposta à Senhora Hentjen.

Ele não gostava de fazer aquilo; era uma nova tarefa, mas inevitável. Esch sentia-se vítima de um ataque muito insidioso. Era bastante possível que, apesar de tudo, Oppenheimer e Teltscher estivessem conspirando, aqueles dois judeus! Por que não restaria nada para um patife como Teltscher além de lançar facas? Como se não houvesse trabalho honesto e decente! E o que era aquilo que ele tinha falado sobre morte e herança? Tinham-no levado para um beco sem saída,

como se soubessem que nada poderia ser desfeito; que Ilona deveria ser protegida das facas e o mundo salvo da injustiça, que o sacrifício de Bertrand não deveria ter sido em vão, assim como a remoção do retrato do Senhor Hentjen! Não, nada poderia ser desfeito, nada deveria ser desfeito, pois a justiça e a liberdade estavam em jogo, uma liberdade cuja segurança não se podia mais deixar nas mãos dos demagogos, socialistas e escrevinhadores corruptos da imprensa. Essa era a sua tarefa. E o fato de precisar recuperar o dinheiro de Lohberg e Erna parecia-lhe uma parte e um símbolo dessa missão superior. Além disso, se Teltscher não conseguisse alugar um teatro, então o dinheiro estaria perdido para sempre! Não havia escapatória. Esch comparou as contas, fez seus cálculos, e a soma deu a resposta clara: ele precisava persuadir a Mãe Hentjen a se unir a ele na missão.

Depois de ver claramente, dissiparam-se a incerteza e a raiva. Ele montou em sua bicicleta, foi para casa e enviou a Lohberg um relato detalhado do incrível e revoltante crime do diretor Gernerth, acrescentando que imediatamente tomara medidas seguras para proteger os investidores, e pedia à distinta Senhorita Erna que ficasse tranquila.

.

O projeto americano, portanto, estava definitivamente encerrado. Naquelas circunstâncias, era necessário permanecer em Colônia. Fechara-se a porta da gaiola. Estavam aprisionados. Extinguira-se a tocha da liberdade. Estranhamente, ele não conseguia ficar irritado com Gernerth. A verdadeira culpa recaía sobre alguém maior do que Gernerth, alguém que, apesar de todas as tentações e esperanças, havia educadamente recusado a possibilidade de fugir para os EUA. Sim, parecia ser a lei, embora não fosse a justiça: quem se sacrifica deve primeiro renunciar à própria liberdade. No entanto, a situação permanecia inacreditável. Esch repetia: “Aprisionado”, como se precisasse se convencer disso. E com a consciência quase tranquila, perturbada apenas pelo mais leve remorso, explicou à Mãe Hentjen que precisariam adiar a viagem para os EUA no momento, pois Gernerth partira antecipadamente para organizar as coisas lá.

A Mãe Hentjen, na verdade, poderia ser informada sobre o que quisessem; ela nunca se interessou pela luta livre nem pelo diretor Gernerth. Dos eventos externos, ela só absorvia o que lhe convinha. Assim, naquele instante, limitava-se a ouvir que a temida viagem à terra dos aventureiros não aconteceria, e isso foi como um banho morno de tranquilidade em sua alma, algo de que precisava aproveitar em silêncio antes de dizer:

— Amanhã vou chamar o pintor, senão o inverno chega e as paredes não secam direito.

Esch ficou chocado:

— Pintar? Você quer vender o negócio!

A Mãe Hentjen colocou as mãos nos quadris:

— Não; até que viajemos, será um longo tempo. Mandarei pintar, a casa deve ficar bonita.

Esch cedeu, encolheu os ombros:

— Pode ser que consigamos recuperar no preço de venda.

— Sim — respondeu a Mãe Hentjen.

No entanto, ela não conseguia se livrar por completo de certa insegurança — quem poderia saber se o fantasma americano realmente estava banido? Ela achava apropriado custear sua moradia e segurança. Por isso, Esch e Oppenheimer ficaram bastante espantados e contentes que tenha sido necessário apenas um pouco de persuasão para convencer a Senhora Hentjen de que o negócio do teatro precisava ser financiado durante a ausência de Gernerth. Sua aprovação para um pedido de hipoteca sobre a casa foi obtida de modo igualmente rápido, um pedido que Oppenheimer havia trazido consigo por precaução. O negócio foi perfeito, e Oppenheimer ganhou uma comissão de 1%.

Dessa forma, a Mãe Hentjen tornou-se sócia no novo empreendimento teatral de Teltscher; graças à mediação de Oppenheimer, um teatro foi alugado na movimentada cidade de Duisburg, e a Mãe Hentjen podia esperar justamente participar de lucros realmente amplos. Esch impôs três condições: primeiro, ele se reservaria o direito de inspecionar os livros contábeis; em segundo lugar, antes da liquidação do negócio, os restantes investimentos de capital de Lohberg e Erna deveriam ser reembolsados (isso era apenas justo e razoável, mesmo que a Mãe Hentjen não precisasse saber disso); em terceiro lugar, forçou os surpreendidos senhores Teltscher e Oppenheimer a registrar contratualmente a exclusão do número sensacionalista de lançamento de facas de qualquer apresentação de malabarismo que pudesse ocorrer.

— Maluco! — disseram os dois senhores; Esch não se importou.

Até essa altura, as coisas realmente se encaixaram em uma ordem bastante decente. O sacrifício feito pela Mãe Hentjen o tinha obrigado eternamente a ela e tornara sua decisão irrevogável. Embora a odiosa taberna ainda não tivesse sido vendida, a hipoteca era, de certa forma, um primeiro passo rumo à aniquilação do passado. E no comportamento da Mãe Hentjen também havia muitos detalhes que poderiam ser interpretados como o início de uma nova vida. Ela não contestava os planos de casamento dele, assim como não tinha contestado a hipoteca, e sua alma estava impregnada de uma ternura que ninguém conhecera até então. O outono chegara de maneira

prematura e fria, ela voltara a vestir a blusa de algodão cinza e frequentemente estava sem espartilho. Até mesmo seu penteado rígido parecia ter se soltado; não havia dúvida de que não se dedicava mais à antiga e astuta solicitude à sua aparência externa, e também nisso se distinguia o passado do presente.

Esch percorria a casa a passos largos. Quando já se está desocupado e aprisionado, ao menos deveria valer a pena. No entanto, aquilo não poderia ser chamado de uma vida nova. No café da manhã, ele estava sentado na taberna, e no jantar ainda estava lá. A Mãe Hentjen fazia algumas observações a respeito de vagabundos e ociosos que gostavam de se exhibir, mas ela o alimentava com prazer. Esch aceitava tudo. Estudava seu jornal e, às vezes, examinava os cartões-postais colocados no espelho, contente por não haver nenhum com sua própria caligrafia. E, por questão de aparência, supervisionava os pintores e caiadores. A Mãe Hentjen era de conversa fácil. Como ela se importava com a vida nova! As mulheres têm tudo mais fácil — Esch teve de rir —, elas podem carregar a vida nova consigo em qualquer lugar, especialmente em seus corações. Por isso é que não querem sair para o mundo novo: já têm tudo dentro de suas quatro paredes e acham que só precisam ficar sentadas em sua gaiola para serem inocentes! Elas limpam e esfregam, achando que, com um pouco de ordem mecânica, resolveram tudo! Uma vida nova na gaiola? Como se fosse tão simples assim!

Não, com pequenos artifícios, com modificações insignificantes, não era possível construir uma vida nova, nem recriar o estado de inocência. O inalterável, o já feito, o mundano cotidiano, não eram tão fáceis de contornar. A casa permanecia inalterada, e nela não se notava nenhum sinal da mesquinha hipoteca. As ruas, as torres em torno das quais o vento de outono assobiava, permaneciam inalteradas, e o sopro do futuro não era mais perceptível. Na verdade, seria necessário incendiar Colônia nos quatro cantos, arrasá-la até o chão, para despertar o passado e as lembranças da Mãe Hentjen. De que adiantava que a Mãe Hentjen usasse o cabelo penteado de maneira menos arrumada? Ela passeava com orgulho pelas ruas, e as pessoas tiravam o chapéu ao vê-la, e todos conheciam o nome que ela carregava. Só Deus sabe que não era isso que ele tinha em mente quando, em nome do sacrifício, carregava sobre os ombros o envelhecimento dela e seus encantos murchos. Sim, se seus cabelos ficassem brancos da noite para o dia, se ela se transformasse de repente em uma mulher idosa que não se lembrasse de nada, irreconhecível para todos que a conheciam, uma estranha desprovida de qualquer vínculo com o ambiente familiar, então isso seria a vida nova! E Esch não podia deixar de pensar que cada criança faz a mãe envelhecer, e que as mulheres sem filhos não envelhecem:

permanecem inalteradas e mortas, sem possuir o tempo. Porém, quando estão à espera de uma vida nova, estão cheias de esperança, desejando que seu tempo seja contado de novo, e isso é ao mesmo tempo renovação da virgindade e envelhecimento; é a esperança de que todo ser vivo alcance o estado de inocência, sonho prenunciador da morte e, ainda assim, da vida nova, do advento do reino da redenção neste mundo desgastado. Doce esperança nunca realizada.

Sem dúvida, pensamentos assim dificilmente teriam sido do agrado da Mãe Hentjen. Ela os teria chamado de ideias anarquistas. Talvez até com razão. Quem tem pensamentos revolucionários e faz discursos revolucionários vai para a cadeia. E nem sequer percebe que os têm ou os faz. Esch subiu e desceu as escadas, praguejou contra a casa, praguejou contra os degraus, praguejou contra os trabalhadores. Que bela aparência aquela vida nova tinha! O local claro na parede onde o retrato do Senhor Hentjen, o dono da taberna, costumava ficar, já estava pintado, de modo que se poderia imaginar que o retrato fora removido apenas para que o local pudesse ser pintado. E por nenhuma outra razão. Esch olhou fixamente para a parede. Não, isso que ele havia começado não era de modo algum uma vida nova; ao contrário: aparentemente, o tempo retrocedera ao que era antes. Aquela mulher parecia literalmente decidida a cancelar e desfazer tudo. E um dia, após limpar e arrumar, ela desceu para a taberna, ofegante e suada, e ainda assim satisfeita consigo mesma:

— Ufa, não acreditaria como o lugar precisava de uma arrumação.

Esch perguntou, distraído:

— Quando foi a última vez que o arrumaram?

E de repente se deu conta de que deve ter sido por ocasião do casamento; e então bateu com o punho na mesa, fazendo com que os pratos tilintassem, e gritou:

— Claro, a gaiola só precisa ser pintada cada vez que um novo pássaro é colocado nela!

Não faltou muito para que ele a agredisse ali mesmo, no meio da taberna. Ele estava cansado de precisar virar a cabeça na direção errada, de precisar olhar repetidamente para o passado. Além disso, ela esperava ser cortejada; pois, em relação ao casamento, ela não parecia ter pressa. Por toda parte, de forma implacável, o habitual se impunha novamente. E era visível o suficiente que, em meio a todo o novo conforto e suavidade, havia uma faixa ampla de sedentarismo, e tudo indicava que ela não apenas pretendia retomar sua antiga vida e continuá-la para sempre, mas também parecia querer relegar o amor e o amante ao *status* de um adorno secundário, a uma espécie de pintura na casa de sua vida. E mesmo aquela intimidade semioficial que ela lhe concedera como uma espécie de garantia de sua união, tentava restringir de novo. Quando ele ia a Duisburg para verificar as contas

de Teltscher, ela não lhe dirigia uma única palavra de agradecimento; se ele sugeria que ela talvez pudesse acompanhá-lo algum dia, ela falava em impudência e replicava que ele poderia muito bem ficar por lá: aquele era o tipo de lugar a que ele pertencia.

A Mãe Hentjen tinha razão! Sim, até nisso! Ela estava certa em mostrar-lhe que ele não passava de um órfão sem lar, meramente tolerado em sua casa, alguém com quem não podia haver nenhuma verdadeira comunhão. E, no entanto, ela não estava certa! E talvez isso fosse o pior de tudo. Pois, por trás de sua frieza aparentemente justificada, por trás de sua condenação aparentemente justa, ressurgia o antigo e insensato medo de que ele também — ele, August Esch! — pudesse estar de olho apenas em seu dinheiro ao querer se casar com ela. Isso ficou bem claro quando os documentos da hipoteca chegaram; a Mãe Hentjen fuçou nos papéis por um tempo, com expressão ofendida; por fim, disse de maneira repreensiva:

— Uma pena esses juros tão altos... Eu poderia muito bem ter pago com o dinheiro da minha reserva, se eu soubesse!

Ficou claro como a luz do dia que ela possuía reservas secretas e preferia mantê-las assim; na verdade, preferia mesmo hipotecar a sua casa do que deixá-lo saber alguma coisa sobre elas. Muito menos colocá-las sob sua habilidosa supervisão. Sim, era assim que aquela mulher era. Ela não havia aprendido nada, não sabia nada sobre o reino da redenção e não desejava saber nada a respeito disso. E a vida nova era para ela uma expressão vazia. Ela se esforçava outra vez para retornar àquele comercial e régio caminho de amor ao qual ele havia se submetido e que não conseguia mais suportar: era um círculo vicioso do qual ele não podia escapar. Inevitável, inalterável era o passado. Inatingível. E mesmo que se aniquilasse toda a cidade, os mortos ainda permaneceriam como a força mais poderosa.

Foi quando Lohberg também apareceu. Mostrou-se desconfiado porque apenas o principal fora pago, e não a participação nos lucros prometida a ele e a Erna. Esse tipo de demanda era exatamente aquilo de que Esch não precisava. No entanto, quando o idiota insinuou, um pouco envergonhado, mas mesmo assim com certo orgulho, que cada centavo era importante para eles, porque Erna em breve estaria pronta e eles teriam que levar o casamento a sério, isso soou para Esch como uma voz do além, e ele soube que o sacrifício ainda não estava completo. A pequena e mesquinha esperança de que esse filho, do qual ele já se considerava absolvido, pudesse ainda assim ser filho de Lohberg, sufocou na certeza imaterial de uma expiação imposta ao amor perfeito que ele escolhera, uma expiação por uma blasfêmia na qual ressoava ameaçadoramente o eco do assassinato, lançando a maldição da esterilidade sobre eles, enquanto a criança concebida no pecado e sem amor nasceria inevitavelmente. E embora estivesse

furiioso com a Mãe Hentjen, que nada sabia e só pensava em pintar sua casa, em vez de compartilhar seu horror, ansiava por essa expiação, e o desejo de que a Mãe Hentjen erguesse o braço para matá-lo voltou a ficar forte. Apesar disso, teve de felicitar Lohberg, e, enquanto lhe apertava a mão, disse:

— Os lucros serão pagos na medida do possível... como um presente de batismo.

O que mais restava a fazer? Ele passou a mão pelo cabelo curto e hirtto, e uma sensação fresca e formigante permaneceu na palma da mão. Por meio de Lohberg, soube também que Ilona se mudaria em breve para Duisburg. E decidiu que, a partir do próximo primeiro dia do mês, os livros de Teltscher deveriam ser enviados mensalmente pelo correio para Colônia para serem supervisionados.

Sim, o que mais restava a fazer? Estava tudo conforme deveria ser. Erna teria um filho nascido dentro do casamento, ele se casaria com a Mãe Hentjen, e a taberna estaria recém-pintada e revestida com linóleo marrom. E ninguém suspeitava do que se ocultava por trás da superfície lisa e agradável, ninguém sabia quem tinha gerado a criança que levaria então o nome de Lohberg, ou que o amor perfeito no qual ele procurava salvação não passava de uma fraude e uma mentira, uma fraude descarada para encobrir o fato de que ele era apenas um entre um número indeterminado de sucessores do alfaiatezinho, aquele que sonhava com a fuga e as alegrias da liberdade, e no entanto já estava condenado a sacudir as grades de sua gaiola. Anoitecia cada vez mais, e as névoas além do oceano nunca se dissipariam.

Costumava evitar a casa, que se tornara estreita e desconhecida para ele. Vagava pelas margens, observava as fileiras de barracões e acompanhava os barcos que desciam morosamente o rio. Chegava à Ponte do Reno, passeava até a sede da polícia, até a Ópera, e acabava na Praça do Povo. Ficar em pé em um banco, com as garotas com seus tambores à frente, e cantar, sim, talvez fosse o certo, entoar o canto da alma cativa que se liberta pela força do amor redentor. Talvez os idiotas do Exército de Salvação estivessem certos ao afirmar que o mais importante era encontrar o caminho para o amor autêntico e perfeito. Mesmo a tocha da liberdade talvez não fosse suficiente para conduzir à redenção, pois, apesar de todas as viagens possíveis à Itália ou aos EUA, não havia sido libertado. Com artimanhas fraudulentas, nada se consegue; permanece-se órfão, tremendo de frio na neve, aguardando que a graça do amor desça suavemente sobre si. Aí, sim, talvez desça também o milagre, o milagre da realização perfeita. O retorno ao lar da criança órfã. O milagre de uma duplicação do mundo e do destino — e a criança por quem ele havia se afastado não seria o filho de Erna, mas de outra que, apesar de tudo, traria consigo a

verdadeira vida nova. Logo teremos neve, neve macia e fofa. E a alma cativa será redimida, aleluia, ficará de pé no banco, mais alta do que aquele que antes costumava ficar mais alto. E, em seu espírito, ele pronunciou pela primeira vez o nome de batismo daquela que viria a ser mãe graças a ele: Gertrud.

Sempre que chegava em casa, olhava para o rosto dela. O rosto era amigável, e a boca daquela mulher enumerava meticulosamente tudo o que ela havia cozinhado naquela manhã. E se August Esch não sentia muita fome, ele se afastava. Era horripilante para ele pensar, e a certeza era inescapável, que o útero dela estava morto, ou, pior ainda, que esperava dele apenas uma aberração. Ele estava muito certo da maldição, muito certo do assassinato que contra aquela mulher o morto cometeu, que continua a cometer. Outra vez, a pergunta o torturava tão profundamente que ele não ousava formulá-la... será que lhes haviam sido negados os filhos, ou eles haviam meramente servido à própria volúpia? Sua raiva avassaladora contra a Mãe Hentjen crescia, e mais uma vez ele não estava em condições de chamá-la pelo nome que o morto usava com ela, e ele jurou que aquele nome não passaria por seus lábios até que ela entendesse tudo o que estava envolvido. No entanto, ela não entendia. Ela o recebia de maneira submissa e objetiva, e o deixava sozinho em seu isolamento. Ele tentava se submeter ao destino; talvez não fosse tanto uma questão da criança, mas sim de sua disposição em tê-la, e ele esperava por alguns sinais. Porém, também nisso ela o decepcionava, e quando, para incentivá-la, dava a entender que, depois do casamento, eles gostariam de ter filhos, ela apenas respondia de maneira seca e objetiva que “sim”, mas não dava o sinal que ele esperava, e à noite ela não gritava que ele deveria lhe dar um filho. Ele a espancava, mas ela não entendia e permanecia em silêncio. Enfim, ele concluiu que isso também não adiantaria; mesmo assim,

a dúvida permaneceria, a dúvida inevitável de se ela não teria implorado também ao Senhor Hentjen por um filho, e a criança cujo pai ele ansiava ser poderia muito bem ter sido gerada pelo sêmen de Hentjen. Nenhuma mulher pode esperar ajudar um homem envolto nas agonias desesperadas do improvável. E por mais que ele se torturasse, ela só podia observar, sem compreender; no entanto, era apenas um gesto inútil, por assim dizer, não passava de um símbolo e de uma indicação quando ele a espancava. Sua rebelião se extinguiu.

E ele reconheceu que no mundo real nunca poderia haver realização, reconheceu cada vez mais claramente que até os lugares mais distantes estavam no mundo real, que toda fuga para lá era sem sentido, assim como toda esperança de buscar lá um refúgio da morte, realização e liberdade — e mesmo a criança, mesmo que saia viva do corpo da mãe, não significa mais do que o grito fortuito de prazer com

o qual foi concebida; um grito que se extingue e há muito desapareceu, e que nada prova sobre a existência do amante a quem foi dirigido. A criança seria estranha, estranha como aquele grito há muito extinto, estranha como o passado, estranha como os mortos e como a morte, de madeira e vazia. O mundano é imutável, embora possa parecer que mude, e mesmo que todo o mundo nascesse de novo, apesar da morte do redentor, Esch nunca alcançaria um estado de inocência nesta vida antes do fim do tempo.

Apesar de tal compreensão não ser muito clara, foi suficiente para levar Esch a organizar sua vida mundana em Colônia, procurar uma posição digna e cuidar de seus negócios. Graças às boas recomendações que possuía, conseguiu um cargo mais orgulhoso e responsável do que nunca, e recuperou toda a honra e admiração que a Mãe Hentjen lhe tinha reservado. Ela forrou a taberna com linóleo marrom, e naquele momento em que o perigo da emigração parecia definitivamente afastado, ela mesma começou a falar sobre os arejados castelos americanos. Ele entrava nesse clima, em parte porque sentia que ela o envolvia nessas conversas para lhe causar deleite, em parte por senso de dever; pois, embora ele dificilmente pudesse esperar ver os EUA, estava decidido a nunca abandonar o caminho que levava até lá, nunca voltar atrás, mesmo que o invisível o perseguisse com a lança prestes a feri-lo, e um saber interior, oscilando entre sonho e adivinhação, lhe dizia que esse caminho não passava de um símbolo e de uma indicação de um caminho mais elevado que se devia percorrer na realidade e na verdade, e do qual este era apenas o reflexo mundano, vacilante e incerto, como um reflexo em uma poça escura. Tudo aquilo não estava de todo claro para ele, e mesmo as palavras dos homens santos, nas quais a realização e o absoluto poderiam ser buscados, não o ajudavam. No entanto, reconhecia que seria mera coincidência se a soma das colunas fosse equilibrada, para assim, afinal, poder contemplar o mundano como de um pódio mais elevado, como de um castelo arejado que se erguia na planície, fechado para o mundo e ainda assim aberto como um espelho para ele; e muitas vezes lhe parecia como se tudo o que fora feito ou dito ou acontecido não fosse mais do que uma procissão em um palco pouco iluminado, uma representação logo esquecida e nunca concreta, uma coisa já passada na qual ninguém podia se agarrar sem aumentar o sofrimento mundano. A realização sempre falhava no mundo real, mas o caminho do anseio e da liberdade era interminável e nunca poderia ser completamente percorrido; era estreito e remoto como o do sonâmbulo, embora também fosse o caminho que leva aos braços abertos e ao coração vivo da terra natal. Assim, Esch era um estranho em seu amor e, no entanto, mais familiarizado com o mundano do que antes, de modo que nada fora

perdido, e, na verdade, tudo ainda permanecia no sobrenatural, mesmo que por uma questão de justiça ainda houvesse muito na esfera mundana para Ilona fazer. Ele falava com a Mãe Hentjen sobre os EUA, a terra da liberdade, sobre a venda da taberna, sobre o casamento deles, como se fala com uma criança a quem se quer agradar, e às vezes podia voltar a chamá-la de Gertrud, mesmo que ela permanecesse sem nome para ele nas noites em que lhe fazia companhia. Eles iam de mãos dadas, embora cada um seguisse um caminho diferente e interminável. Quando por fim se casaram, e a taberna foi vendida por um preço absurdamente baixo, esses foram estágios em seu caminho simbólico, mas ao mesmo tempo estágios no caminho que os levava mais perto do elevado e eterno, que, se Esch não fosse um livre pensador, poderia até chamar de divino. Porém, ele sabia: aqui na Terra todos temos de seguir nossos caminhos apoiados em muletas.

IV

Quando o teatro em Duisburg faliu e Teltscher, juntamente com Ilona, estava prestes a ficar sem meios para subsistir, Esch e sua esposa investiram praticamente todo o restante de seu patrimônio no negócio teatral, e logo perderam definitivamente o dinheiro. No entanto, Esch conseguiu um cargo como chefe de contabilidade em uma grande empresa industrial de sua terra natal, Luxemburgo, e sua esposa o admirou ainda mais por isso. Eles seguiram de mãos dadas e se amavam. Às vezes, ele ainda a agredia, mas cada vez menos, até que por fim parou de agredi-la de vez.

PARTE III

Huguenau ou O realismo

(1918)

I

Huguenau, cujos antepassados provavelmente eram chamados Hagerrau antes da ocupação da Alsácia em 1682, feita pelas tropas de Condé, devia ter todas as características de um alemão urbano de classe média. Robusto e corpulento, usava óculos desde a juventude, ou, mais precisamente, desde os dias em que estudava economia em Schlettstadt. Quando estava para completar trinta anos, no início da guerra, nenhum traço de juventude restava em seu rosto ou comportamento. Ele conduzia negócios em Baden e Württemberg, em parte como filial da empresa têxtil de seu pai, André Huguenau, de Colmar, Alsácia, e em parte por conta própria, representando diversas fábricas alsacianas nas quais atuava como agente naquela região. Em círculos industriais, sua reputação era a de um homem de negócios ambicioso, prudente e perseverante.

Sem dúvida, seu espírito comercial o teria inclinado mais para o comércio ilícito contemporâneo do que para a arte da guerra. No entanto, aceitou sem mais questionamentos quando, em 1917, ao ter a sua grave miopia ignorada sem hesitação, foi convocado para o serviço militar. Embora durante seu treinamento em Fulda tenha conseguido fechar um ou dois negócios de tabaco, logo abandonou essa atividade. Não apenas porque o serviço militar o deixava cansado ou embotava seus sentidos para outras coisas; era simplesmente tão agradável não ter que pensar em nada mais, e isso o lembrava vagamente de seus dias de escola: o jovem Huguenau (Wilhelm) ainda podia se recordar vividamente da cerimônia de formatura na academia de Schlettstadt, e as palavras impressionantes com que o diretor se dirigiu aos graduados a respeito das responsabilidades da vida adulta, responsabilidades que até então administrara bem e tinha que retomar em favor de um novo período escolar. Mais uma vez, viu-se preso a uma série interminável de obrigações de que se esquecera ao longo dos anos, mais uma vez sendo tratado como um aluno, recebendo broncas, tendo uma relação semelhante com os banheiros

comuns, como na infância, e dando a mesma importância às refeições, enquanto as demonstrações de respeito e as ambições competitivas nas quais se envolvia davam ao todo um caráter completamente pueril. Além disso, ele estava alojado em um edifício escolar e, antes de dormir, podia ver as duas fileiras de luzes com suas sombras verdes e brancas e o quadro negro que permanecera na sala. Tudo isso confundiu seus dias de escola e de serviço militar em uma unidade indissolúvel, e mesmo quando o batalhão por fim partiu para o *front*, cantando canções pueris e enfeitado com pequenas bandeiras, instalando-se em alojamentos primitivos em Colônia e Liège, o fuzileiro Huguenau não conseguia se livrar da sensação de que participava de uma excursão escolar.

Num anoitecer, sua companhia foi levada para a linha de frente. Estavam posicionados em uma trincheira fortificada, acessível por longos corredores cobertos. Reinava uma sujeira sem igual nos abrigos, o chão estava coberto de cuspe, tanto fresco quanto seco, havia riscos de urina nas paredes, e não se podia determinar se o mau cheiro predominante era de fezes ou de corpos. De qualquer forma, Huguenau sentia-se tão cansado que não conseguia perceber de fato as visões e odores ao seu redor. Mesmo enquanto trotavam em fila única pelos túneis de aproximação, todos já tinham a sensação de serem excluídos do abrigo caloroso da camaradagem e da vida comum. Por mais acostumados que estivessem à completa falta de higiene, por mais que sentissem falta das convenções da civilização com as quais a humanidade busca banir o cheiro da morte e da corrupção, por mais que, de fato, a repressão de seu nojo os levasse um passo em direção ao heroísmo (um passo que liga o heroísmo de maneira estranha ao amor), por mais que a maioria deles estivesse acostumada a viver entre horrores durante os anos de guerra, de modo que apenas brincavam e praguejavam enquanto arrumavam suas camas, não havia um único entre eles que não soubesse que estava ali destacado como uma criatura solitária, para viver sozinho e morrer sozinho em um mundo esmagadoramente sem sentido, tão sem sentido que não podiam compreendê-lo senão, no máximo, descrevendo-o como “aquela guerra de merda”.

Naquela época, os diversos estados-maiores informavam que reinava completa calma no setor flamengo. A unidade que acabara de ser relevada também garantia que não havia nada acontecendo. No entanto, logo após o anoitecer, uma intensa troca de tiros de artilharia começou em ambos os lados, forte o suficiente para fazer com que os recém-chegados perdessem o sono. Sentado em uma espécie de catre, Huguenau estava com dores de estômago e, só depois de algum tempo, percebeu que suas articulações estavam tremendo e rangendo. Os outros soldados não se encontravam em situação melhor. Um deles

estava chorando. Os veteranos, é claro, apenas riam: eles se acostuariam; não passava de uma brincadeira noturna das artilharias; não significava nada; e sem dar mais atenção aos mais fracos, já estavam roncando poucos minutos depois.

Huguenau gostaria de se queixar: tudo isso ia contra o combinado. Sentindo-se mal e fraco, ele ansiava por ar, e quando o tremor nos joelhos diminuiu, arrastou-se com pernas trôpegas até a entrada do abrigo, sentou-se lá em cima de uma caixa e, com olhos vagos, encarou o céu que espocava de fogos de artifício. A imagem de um homem subindo para o céu em meio a uma nuvem alaranjada, com a mão erguia, vinha-lhe repetidamente à mente. Então, lembrou-se de Colmar e de quando sua turma da escola foi levada ao museu e morrera de tédio com as explicações; porém, diante do quadro, posicionado no centro como um altar, sentia medo: uma crucificação, e crucificações não eram do seu agrado. Há alguns anos, teve de passar um domingo em Nuremberg, entre visitas a clientes, e visitou a câmara de torturas. Isso foi interessante! E também havia muitas pinturas lá. Em uma delas, havia um homem acorrentado a uma espécie de catre, que, como a descrição dizia, havia assassinado com várias facadas um pastor na Saxônia e aguardava a punição da roda naquele catre. A respeito do processo da roda, ele poderia aprender em detalhes com as outras peças da exposição. O homem tinha uma expressão completamente benigna, e era tão inimaginável que esse homem tivesse esfaqueado um pastor e estivesse destinado à roda, quanto Huguenau ter de ficar sentado ali em um catre, em meio ao cheiro de cadáveres. Sem dúvida, o homem também sofria dores pelo corpo e, por estar acorrentado, tinha que se sujar. Huguenau cuspiu e disse “*Merde!*”.

Assim, Huguenau permanecia sentado à entrada do abrigo como uma sentinela; sua cabeça apoiada em um poste; com o colarinho do casaco erguido, não sentia mais frio; não estava dormindo, mas também não estava acordado. A câmara de tortura e o abrigo mesclavam-se e afundavam mais profundamente nas cores sujas e ainda assim brilhantes do altar de Grünewald, e enquanto, sob a luz palpitante e alaranjada da distante artilharia e dos fogos de artifício, os galhos das árvores nuas estendiam seus braços para o céu, um homem com a mão erguida pairava na abóbada iluminada.

Quando as primeiras luzes cinzentas da alvorada surgiram frias e pesadas, Huguenau notou os tufo de grama na borda da trincheira e algumas margaridas temporãs. Então limitou-se a rastejar para fora e se afastou. Ele sabia que poderia ser alvejado a qualquer momento pelos ingleses, e que teria problemas semelhantes com os postos alemães; porém, o mundo jazia como se estivesse sob uma redoma de vácuo — Huguenau não conseguia deixar de pensar em uma queijeira

de vidro —, um mundo cinzento, carcomido e completamente morto em um silêncio inviolável.

II

Cercado pelo ar límpido que antecipa a primavera, o desertor deambula desarmado pelo campo belga. A pressa não lhe seria útil, a cautela lhe serve melhor, e armas não o protegeriam; por assim dizer, como um homem nu é que ele atravessa as forças armadas. Seu rosto tranquilo é uma proteção melhor do que armas, fuga apressada ou documentos falsificados.

Os fazendeiros belgas são sujeitos desconfiados. Quatro anos de guerra não melhoraram seu caráter. Seu trigo, suas batatas, seus cavalos e vacas tiveram que sofrer. E quando um desertor busca abrigo entre eles, é examinado com uma desconfiança redobrada, com o receio de que possa ser um daqueles homens que bateram em suas portas com a coronha de um rifle. E mesmo que o fugitivo fale francês razoavelmente e se apresente como alsaciano, em nove a cada dez casos isso pouco valia. Ai daquele que vagasse por uma aldeia apenas como um fugitivo implorando timidamente ajuda! Mas um homem que, como Huguenau, chega com uma piada pronta nos lábios, com um rosto radiante e amigável, facilmente consegue que lhe contrabandeiem cerveja no celeiro, ou até mesmo que se sente com a família à noite na cozinha e conte histórias da brutalidade e violência dos prussianos na Alsácia; tal estranho é bem-vindo e recebe sua parte das provisões guardadas; com sorte, pode até ser visitado em sua cama de feno por uma das empregadas.

Ainda mais vantajoso era conseguir entrar nas casas paroquiais, e Huguenau logo descobriu que poderia fazer isso através do confessorário. Ele se confessava em francês, habilmente entrelaçando o relato de sua situação miserável com a admissão de seu pecado em quebrar seu juramento de fidelidade. Sem dúvida, os resultados nem sempre eram agradáveis. Certa vez, deparou-se com um padre, um homem alto e magro, tão ascético e apaixonado em sua aparência que Huguenau quase hesitou em aparecer na casa paroquial na noite após a confissão, e, ao ver aquela figura austera, ocupada no pomar em labores de primavera, sentiu vontade de recuar. No entanto, o padre aproximou-se rapidamente.

— *Suivez-moi!* — ordenou asperamente, e o levou para dentro.

Acomodado em um sótão com refeições escassas, Huguenau permaneceu quase uma semana na casa paroquial. Vestido com uma blusa azul, trabalhava no pomar; era acordado para a missa e autorizado a comer na cozinha, à mesma mesa que seu anfitrião

silencioso. Sua fuga não foi mencionada, e toda a situação parecia uma penitência que não se ajustava bem a Huguenau. Até cogitara deixar a relativa segurança daquela hospedagem e prosseguir em sua perigosa fuga quando, certo dia — oito dias depois de sua chegada —, encontrou um traje paisano, deixado em seu sótão. O padre disse que ele deveria aceitar aquela vestimenta e estaria livre para que partisse ou ficasse, conforme sua escolha; apenas não poderia mais ser alimentado ali, pois a comida era escassa. Huguenau decidiu seguir em frente, e, ao começar um longo discurso de agradecimento, o padre o interrompeu:

— *Haïssez les Prussiens et les ennemis de la sainte religion. Et que Dieu vous bénisse.*

Ele ergueu dois dedos em bênção, fez o sinal da cruz, e os olhos profundos em seu rosto camponês encararam com ódio uma região distante onde presumivelmente estavam os prussianos e protestantes.

Ao sair da casa paroquial, Huguenau percebeu claramente que seria necessário então elaborar um plano de fuga sistemático. Se antes costumava se movimentar perto de postos de comando superiores, onde podia se misturar à multidão de soldados, isso seria impossível agora. Em essência, a vestimenta paisana o oprimia; era como um lembrete para que retornasse à paz e à vida cotidiana, e trajar aquilo por ordem do padre lhe parecera uma tolice. Sentia que fora uma intrusão não autorizada em sua vida privada, uma vida que, verdadeiramente, já havia custado caro. Mesmo que não se considerasse exatamente como parte do exército imperial, pois havia desertado, encontrava-se de alguma forma conectado a esse exército de maneira peculiar; seria possível dizer que de forma negativa. Sem dúvida, sentia-se um membro da guerra, cuja existência aprovara. Nunca suportara quando as pessoas, em bares e tavernas, criticavam a guerra e os jornais, ou afirmavam que os jornais eram comprados por Krupp para que a guerra fosse prolongada. Porque Wilhelm Huguenau não era apenas um desertor, mas também um comerciante, e admirava todos os fabricantes capazes de produzir mercadorias com as quais os outros homens podiam negociar. Portanto, se Krupp e os barões do carvão compravam os jornais, estavam em seu direito — sabiam o que estavam fazendo —, assim como ele tinha o direito de trajar uniforme quando quisesse. Por isso, nada indicava que deveria retornar à retaguarda, para onde o padre parecia tê-lo enviado com seu traje à paisana; nada indicava que deveria voltar para uma pátria que significava uma vida cotidiana absurda, sem férias.

Dessa forma, manteve-se na retaguarda. Encaminhou-se para o Sul, evitando as cidades e visitando vilarejos, atravessou o Hennegau e penetrou nas Ardenas. Naquela época, a guerra já havia perdido muito de sua formalidade, e os desertores não eram mais perseguidos de

perto — eram muitos, e as autoridades não queriam admitir que isto acontecia. Ainda assim, não se explica como Huguenau saiu da Bélgica sem ser descoberto; pode-se atribuir o fato mais à segurança sonâmbula com a qual se movia através da zona perigosa; caminhava na clara atmosfera da primavera, caminhava despreocupadamente como se estivesse sob uma redoma de vidro, isolado do mundo e ainda assim nele, sem se incomodar com reflexões. Das Ardenas, atravessou para o território alemão, emergindo no planalto sombrio de Eifel, onde o inverno ainda prevalecia e era difícil avançar. Os habitantes não se importavam com ele; eram pessoas mal-humoradas e silenciosas, e odiavam toda boca excedente que buscasse uma parte de sua escassa provisão. Huguenau teve que usar o trem e recorrer às suas economias, até então intocadas. As questões sérias da vida voltavam a ameaçá-lo de uma maneira nova e diferente. Algo precisava ser feito para garantir e prolongar suas férias.

III

O pequeno vilarejo estava cercado por vinhedos em um vale tributário do Mosela. Nas alturas, surgia uma coroa de florestas. Os vinhedos estavam todos bem cuidados, com as vinhas dispostas em linhas retas interrompidas em alguns lugares por afloramentos de rocha avermelhada. Huguenau observou com desaprovação que muitos dos proprietários não arrancavam as ervas daninhas de suas propriedades, e esses trechos negligenciados se destacavam como ilhas amarelas e retangulares entre o solo cinza-rosado das demais áreas.

Após os últimos dias de inverno nas terras altas de Eifel, Huguenau de repente se viu imerso na verdadeira primavera. Como um sinal de ordem inabalável e conforto, o sol irradiava alegria e suave segurança em seu coração. Qualquer ansiedade que pudesse se esconder ali podia ser expelida. Para ele, foi uma satisfação ver, à entrada da cidade, o imponente Hospital Distrital com sua longa fachada mergulhada na sombra matinal. Aprovou o fato de todas as suas janelas estarem abertas, como se fosse um sanatório do Sul, e achou agradável imaginar a brisa leve da primavera soprando pelas salas brancas. Ele também concordou com a grande cruz vermelha marcada no telhado do hospital e, ao passar por lá, lançou um olhar benevolente para os soldados que trajavam uniformes hospitalares cinzas, convalescendo, alguns na sombra e outros ao sol do jardim. Do outro lado do rio ficavam os quartéis, reconhecíveis por seu estilo arquitetônico, e um edifício semelhante a um mosteiro, que ele mais tarde descobriu ser o presídio. A estrada descia de maneira amigável e confortável em direção à cidade e, ao atravessar o portão medieval da cidade com

uma pequena maleta de fibra na mão, como costumava fazer com sua maleta de amostras, nem mesmo lhe incomodou o fato de que essa entrada muito o lembrasse de entradas semelhantes nas cidades de Württemberg, que, há muito tempo — e parecia tão distante —, visitara em suas rondas de negócios.

Também aquele forçado dia de descanso em Nuremberg teve de ser lembrado por ele diante das antiquadas ruas. Ali, no eleitorado de Trier, a guerra do Palatinado não devastara com tanta crueldade como nas outras regiões a oeste do Reno. As antigas casas dos séculos XV e XVI estavam intactas, assim como a prefeitura gótica na praça do mercado, com suas adições renascentistas e a torre, diante da qual ficava a antiga coluna do pelourinho. E Huguenau, que em suas viagens comerciais visitara muitas cidades antigas encantadoras, mas não havia notado nenhuma delas, foi tomado por uma emoção nova, que não poderia nomear ou atribuir a nenhuma fonte conhecida, mas que, naquela cidade, fez com que se sentisse estranhamente em casa. Se lhe tivessem descrito como uma emoção estética ou como uma emoção proveniente de um senso de liberdade, teria rido sem acreditar, rido como alguém que nunca teve sequer uma ideia da beleza do mundo, e teria até razão nisso, na medida em que ninguém pode determinar se é a liberdade que abre os olhos da alma para a beleza, ou se é a beleza que dá à alma a visão de sua liberdade. Mas, ainda assim, ele estaria errado, pois mesmo para ele deveria existir uma sabedoria humana mais profunda, um anseio humano por essa liberdade na qual toda a luz do mundo surge e da qual, por fim, toda a santificação dos vivos brota todos os domingos — e como isso é verdade e não pode ser diferente, pode muito bem ter acontecido, naquele exato momento em que Huguenau saiu da trincheira e se libertou das obrigações humanas pela primeira vez, que um lampejo da luz superior, que é a liberdade, tenha caído sobre ele, fora concedido também a ele, e que naquele momento recebera pela primeira vez o domingo.

Evitando elucubrações desse tipo, Huguenau reservou um quarto na pousada da praça do mercado. Como se precisasse garantir a si mesmo que ainda estava de férias, decidiu ter uma noite agradável. O vinho do Mosela não estava sujeito a racionamento e, apesar da guerra, manteve sua qualidade. Huguenau permitiu-se três canecas cheias, permanecendo ali por bastante tempo. Havia cidadãos em várias mesas ao redor, entre os quais Huguenau não passava de um estrangeiro; aqui e ali, voltavam-lhe olhares inquisitivos. Todos tinham seus negócios e preocupações, e ele mesmo nada tinha. No entanto, sentia-se feliz e satisfeito. Ele próprio estava surpreso: sem emprego e ainda assim feliz! Tão feliz que encontrou prazer em recapitular para si todas as dificuldades que inevitavelmente surgiram

se um homem como ele, um estranho sem documentos de identificação e sem relações na cidade, tentasse estabelecer um negócio e obter crédito. Era extraordinariamente engraçado imaginar a enrascada em que estaria metido. Talvez o vinho fosse o responsável. Huguenau, de qualquer forma, ao se deitar com a cabeça um tanto confusa, não se sentia como um preocupado viajante de negócios, mas como um turista alegre e despreocupado.

IV

Quando o pedreiro e soldado da reserva territorial, Ludwig Gödicke, foi removido da trincheira soterrada, sua boca, escancarada como se fosse gritar, encontrava-se cheia de terra. Seu rosto estava azulado e negrusco, e não havia sinal de batimentos cardíacos. Se os dois soldados da ambulância que o encontraram não tivessem apostado a respeito da sua sobrevivência, ele teria sido simplesmente enterrado de novo. O fato de que estivesse destinado a rever o sol e o mundo ensolarado devia-se aos dez cigarros combinados como prêmio ao vencedor de uma aposta.

Com a respiração artificial, os dois não conseguiram de fato reanimá-lo, apesar dos esforços intensos e do suor. No entanto, eles o levaram e o vigiaram de perto, insultando-o de vez em quando por persistentemente se recusar a resolver o enigma de sua vida, o enigma de sua morte; e não paravam de levá-lo aos médicos. Assim, o objeto da aposta permaneceu por quatro dias inteiros em um hospital de campanha sem se mexer e com a pele enegrecida. Se durante esse tempo um infinitesimal lampejo de vida começou a brilhar e foi alimentado com dor e angústia através dos destroços do corpo, ou se era uma pulsão leve e extasiante à beira de um grande desconhecido, não se sabe, e o reservista Gödicke não teria podido fornecer informações a respeito disso.

Pois foi apenas aos poucos, por assim dizer, meio cigarro de cada vez, que a vida retornou ao corpo dele, e essa lentidão e cautela eram apropriadas e naturais, porque o corpo esmagado exigia a máxima imobilidade. Durante muitos longos dias, Ludwig Gödicke deve ter se imaginado o bebê em fraldas que fora há quarenta anos, constrangido por uma restrição incompreensível e sentindo apenas essa restrição. E se tivesse sido capaz, poderia muito bem ter choramingado pelo peito da mãe. De fato, logo começou a choramingar. Foi durante a viagem, e seu choramingo era como o vagido incessante de um recém-nascido; ninguém queria deitar ao seu lado; certa noite, outro paciente até jogou algo contra ele. Isso foi durante o tempo em que todos acreditavam que ele teria que morrer de fome, já que os médicos não

conseguiam encontrar uma maneira de lhe administrar alimento. O fato de continuar vivendo era inexplicável, e a opinião do Cirurgião-Chefe Kuhlénbeck, de que seu corpo se nutria de todo o sangue contundido sob a pele, mal merecia ser chamada de opinião, quanto mais de teoria. Em particular, a parte inferior de seu corpo estava terrivelmente machucada. Envolviam-no em uma compressa fria, mas não se podia determinar se isso aliviava seu sofrimento. No entanto, era possível que tivesse deixado de sofrer tanto, pois pouco a pouco se extinguia o choramingar. Até que, alguns dias depois, voltou com mais intensidade: era então — ou pode-se imaginar que assim fosse — como se Ludwig Gödicke estivesse recuperando sua alma apenas em fragmentos, e como se cada fragmento lhe chegasse em uma onda de agonia. Pode ser que tenha sido assim, mesmo que não possa ser comprovado; pode ser que a angústia de uma alma que foi rasgada e pulverizada em átomos e que precisa se unir novamente seja maior do que qualquer outra angústia, mais aguda do que a angústia de um cérebro que treme sob espasmos renovados de câibras, mais aguda do que todas as dores físicas que acompanham o processo.

Assim, o reservista Gödicke estava deitado em seu leito sobre anéis de borracha inflados, e enquanto era impossível cuidar de seu corpo machucado, enquanto a alimentação era lentamente injetada em doses mínimas, reunia-se a sua alma; para o espanto do Dr. Kuhlénbeck, o médico-chefe, para o espanto do Dr. Flurschütz, para o espanto da enfermeira Carla, sua alma unia-se outra vez, com agonia, em torno do núcleo de seu eu.

V

Huguenau acordou cedo. Era um homem diligente. Um quarto decente; nada como aquele sótão de que dispunha com o padre; uma boa cama. Huguenau coçou a perna. Então tentou se orientar.

Pousada, praça do mercado, ali está a prefeitura.

Na verdade, muitas coisas sugeririam que ele deveria retomar a vida onde ela lhe fora arrancada; algumas coisas sugeririam cumprir deveres comerciais e ganhar dinheiro na rua como um negociante de manteiga e têxteis. No entanto, a simples ideia de barris de manteiga, sacos de café e fardos de tecidos lhe parecia tão repugnante que ele próprio se surpreendia — e essa repugnância era realmente algo surpreendente para um homem que desde a infância pensava e falava apenas de dinheiro e comércio. E de maneira bastante surpreendente, o pensamento de estar de férias escolares ressurgiu. Huguenau preferiu refletir na cidade em que se encontrava.

Atrás da cidade ficam os vinhedos. Sim, e há ervas daninhas em

muitos deles. O proprietário provavelmente foi morto na guerra ou está encarcerado. Sua esposa não consegue lidar com o trabalho sozinha. Ou está se envolvendo com outro homem. Além disso, os preços do vinho estão sob controle do Estado. A menos que alguém consiga vender vinho clandestinamente, não vale a pena cuidar do vinhedo. Mas os vinhos são de primeiríssima qualidade! Só que deixam a cabeça um pouco zonz.

Uma viúva de guerra como essa ficaria bastante alegre em vender seu vinhedo por um preço mais baixo.

Huguenau começou a pensar em possíveis compradores para vinhedos do Mosela. Deveria ser possível encontrá-los. Daria para ganhar uma boa comissão com o negócio. Comerciantes de vinho seriam ideais. O Friedrichs em Colônia, Matter & Cia. em Frankfurt. Ele já lhes fornecera barris de vinho anteriormente.

Huguenau pulou da cama. Seu plano estava feito.

Diante do espelho, aprontou-se. Penteou os cabelos para trás. Como cresceram desde que o barbeiro da empresa os aparou! Quando foi mesmo? Parecia ter sido em outra vida; se não crescessem mais devagar no inverno, os cabelos ficariam então muito mais compridos. Quando um homem está morto, os cabelos e as unhas continuam a crescer. Huguenau pegou uma mecha de seus cabelos e puxou-a sobre a testa; ela alcançava quase a ponta do nariz. Não, assim não dava para sair em público. Sempre se corta o cabelo pouco antes de um feriado. É verdade, este não era um feriado. Mas não era tão diferente assim.

A manhã estava clara. Um pouco fresca.

Na barbearia, havia duas poltronas amarelas com assentos de couro preto. O barbeiro, um homem idoso e um pouco instável, colocou uma capa não muito limpa em torno do pescoço de Huguenau e enfiou uma folha de papel em seu colarinho. Huguenau moveu um pouco o queixo para frente e para trás; o papel lhe fez cócegas.

Na parede, havia um jornal afixado por tachinhas, e Huguenau pediu que lhe entregassem o periódico. Era o *Correio do Eleitorado de Trier* local, com um suplemento sobre “Agricultura e viticultura na região do Mosela”. Justamente aquilo de que precisava.

Ele permaneceu imóvel, estudando o jornal, e então se olhou no espelho; facilmente poderia ser confundido com um dos cidadãos mais respeitáveis daquela localidade. Seu cabelo estava cortado da maneira de que gostava: curto, respeitável e alemão. Na parte superior da cabeça, algumas mechas de cabelo mais longas foram deixadas para fazer uma separação. Em seguida, veio o barbear. O barbeiro preparou uma espuma fina que se espalhou fria e parcamente pelo rosto de Huguenau. O sabão era uma porcária.

— O sabão não presta — disse Huguenau.

O barbeiro não respondeu, apenas afiou sua navalha. Huguenau ficou ofendido, mas depois de um tempo disse, se desculpando:

— Produto de guerra.

O exímio barbeiro começou a fazer a barba. Com movimentos curtos e raspantes. Barbeava muito mal. Mesmo assim, sentia-se bem em ser barbeado. Barbear-se sozinho era uma das condições da guerra. Mais barato também, mas de vez em quando era agradável ter alguém que lhe fizesse isso. Parecia mais um feriado. Na parede, havia um retrato de uma moça com um decote generoso, e abaixo dela lia-se “*Lotion Houbigant*”. Huguenau inclinou a cabeça para trás e, com as mãos desocupadas, segurou o jornal. O barbeiro fazia então a barba em seu queixo e pescoço; será que nunca ia terminar? Ora, Huguenau não se importava; tinha bastante tempo. E para prolongar um pouco mais o tempo, pediu uma “*Lotion Houbigant*”. O que recebeu foi água-de-colônia.

Recém-barbeado, um homem asseado e barbeado com o aroma de água-de-colônia no nariz, Huguenau voltou para a pousada. Ao tirar o chapéu, aspirou o interior do local. Cheirava a pomada para cabelos, o que era também satisfatório.

A sala de jantar estava vazia. Huguenau recebeu seu café, e a garçonete também lhe trouxe um cartão de racionamento de pão, do qual destacara uma parte. Não havia manteiga, apenas uma espécie de geleia escura e xaroposa. O café também não era café de verdade, e enquanto tomava o líquido quente, Huguenau calculava quanto os fabricantes estavam lucrando com o substituto de café; fazia os cálculos sem inveja e os aprovava. De qualquer forma, comprar vinhos baratos na região do Mosela era um empreendimento muito lucrativo, um excelente investimento. E, quando terminou o café da manhã, começou a redigir um anúncio oferecendo-se para comprar vinhos de boa qualidade. Em seguida, levou-o ao escritório do *Correio do Eleitorado de Trier*.

VI

O Hospital Distrital estava totalmente militarizado. O Dr. Friedrich Flurschütz percorria as salas de doentes. Vestia a touca militar com seu jaleco médico branco; o Tenente Jaretzki afirmava que aquela roupa causava uma impressão ridícula.

Jaretzki estava acomodado no Quarto dos Oficiais III. Era pura coincidência, pois os quartos de casal se destinavam aos oficiais de Estado-Maior, mas uma vez que se estabelecera lá, ali permaneceu. Sentava-se à beira da cama com um cigarro na boca quando

Flurschütz entrou, e seu braço com a atadura desfeita estava apoiado na mesinha de cabeceira.

— Então, como vai, Jaretzki?

Jaretzki apontou para o braço:

— O cirurgião-chefe esteve aqui agorinha.

Flurschütz olhou para o braço e tateou com cuidado:

— Situação ruim... teve um pouco mais de avanço?

— Sim, mais alguns centímetros... o velho quer amputar.

O braço estava lá, avermelhado, a palma da mão inchada, os dedos parecendo salsichas vermelhas, e ao redor do pulso uma coroa de bolhas de pus amareladas.

Jaretzki olhou para o braço e disse:

— Coitado dele, deitado ali.

— Não se preocupe; é o esquerdo.

— Sim, claro, e como só vocês sabem cortar...

Flurschütz encolheu os ombros:

— O que você quer, foi o século da cirurgia, coroado por uma guerra mundial com canhões... agora estamos aprendendo sobre glândulas e, até a próxima guerra, trataremos maravilhosamente essas malditas intoxicações por gás... por enquanto, realmente não há outra opção senão amputar.

Jaretzki disse:

— Próxima guerra? Não me diga que você acredita que esta vai acabar.

— Sem pessimismo, Jaretzki, os russos já pararam.

Jaretzki riu com amargura:

— Deus o preserve em sua fé infantil, e nos dê cigarros decentes...

Com sua mão direita saudável, o homem pegou uma caixa de cigarros no compartimento aberto sob a gaveta da mesinha e ofereceu a Flurschütz.

Flurschütz apontou para o cinzeiro cheio de bitucas:

— Você não deveria fumar tanto...

A enfermeira Mathilde entrou:

— Ora, vamos enfaixar de novo... o que você acha, doutor?

A enfermeira Mathilde parecia bem. Tinha sardas na testa. Flurschütz disse:

— Merda de gás!

Ele ficou observando enquanto a enfermeira enrolava o braço e depois prosseguiu em sua ronda. Em ambas as extremidades do amplo corredor, as janelas estavam abertas, mas não se podia dissipar o cheiro do hospital.

A casa ficava na Rua Fischer, uma das ruas tortuosas que desembocava no rio, uma construção em enxaimel em que, evidentemente, há séculos praticavam-se diversos ofícios. Ao lado da porta, havia uma placa de metal preta e desgastada com letras douradas desbotadas: “CORREIO DO ELEITORADO DE TRIER, EDITORIAL E GRÁFICA (NO PÁTIO)”.

Atravessando a passagem estreita e o corredor, em cuja escuridão tropeçou no alçapão que conduzia à escada do porão, e passando por uma abertura que levava à escadaria da casa, Huguenau encontrou-se em um pátio surpreendentemente espaçoso, com formato como que em ferradura. Um jardim fazia fronteira com o pátio; ali, havia algumas cerejeiras em flor; além do jardim, o olhar perdia-se na bela região montanhosa.

Todo o local testemunhava o caráter semirrural de seus antigos proprietários. As duas alas sem dúvida serviram como celeiros e estábulos; a da esquerda tinha dois andares, com uma estreita escada de madeira, como a de um galinheiro, na parede externa; o andar superior provavelmente já fora alojamento de serviçais. O andar superior à direita era um sótão para feno, e uma das portas do estábulo fora substituída por uma grande janela de ferro, atrás da qual se podia avistar uma máquina de impressão trabalhando.

Huguenau soube pelo homem na máquina de impressão que se podia encontrar o Senhor Esch no primeiro andar, do outro lado.

Dessa forma, Huguenau subiu a escada de galinheiro e viu-se diante de uma porta com a inscrição “REDAÇÃO E EDITORIA”, atrás da qual o Senhor Esch, proprietário e editor do *Correio do Eleitorado de Trier*, exercia suas funções. Era um homem magro, com o rosto barbeado, no qual, entre duas longas e profundas rugas que desciam pelas bochechas, uma boca tão expressiva quanto a de um ator fazia caretas sarcasticamente, exibindo um conjunto de dentes amarelados. Ele tinha algo de ator, algo de clérigo e algo de equino.

O anúncio que Huguenau lhe entregou foi examinado com a expressão de um juiz de instrução considerando um documento. Huguenau pegou a carteira, de onde retirou uma nota de cinco marcos, como uma sugestão, por assim dizer, de que estava disposto a destinar essa quantia para a inserção do anúncio. No entanto, o outro, sem dar a mínima atenção, perguntou abruptamente:

— Então o senhor está querendo explorar as pessoas daqui, não é? Suponho que a pobreza dos nossos viticultores já é assunto conhecido, hein?

Foi um ataque inesperado, e Huguenau teve a impressão de que o objetivo era aumentar o preço para a inserção do anúncio. Ele tirou, por isso, mais um marco, o que, porém, teve o efeito oposto do que desejava:

— Obrigado... pode ficar com o seu anúncio... É evidente que não compreende o que significa corromper a imprensa... deixe-me dizer, o senhor não vai me corromper com seus seis marcos, nem com dez, nem com cem!

Huguenau estava ficando cada vez mais certo de que lidava com um hábil homem de negócios. No entanto, justamente por essa razão, era imperativo não ceder; talvez o homem estivesse esperando que ele sugerisse a formação de uma parceria no empreendimento, e, afinal, tal arranjo não deixaria de ter suas vantagens.

— Ah, ouvi dizer que esses negócios de anúncios às vezes são feitos com base em uma participação percentual... que tal meio por cento de comissão? No entanto, o senhor teria que inserir o anúncio pelo menos três vezes... claro, o senhor também é livre para fazê-lo mais vezes, não há limites para a generosidade...

Arriscou uma risada de concordância e sentou-se ao lado da rústica mesa de cozinha que servia de local de trabalho para o Senhor Esch. Esch não o ouvia; com o rosto carrancudo e sofredor, andava de um lado para o outro na sala com passos pesados e desajeitados que não condiziam com sua magreza. O chão esfregado gemia sob o pisar desajeitado, e Huguenau contemplava os buracos e o entulho de gesso solto entre as tábuas, assim como os pesados sapatos pretos do Senhor Esch, que eram presos, em vez de cadarços, com tiras estranhas que lembravam tiras de sela; sobre as partes superiores dos sapatos salientava um trecho de meia cinza remendada. Esch falava consigo mesmo em voz alta:

— Os abutres já estão pairando sobre essas pobres pessoas... mas quando o senhor tenta chamar a atenção pública para toda a miséria, se depara com a censura.

Huguenau tinha cruzado as pernas. Observava as coisas espalhadas sobre a mesa. Uma xícara de café vazia com manchas marrons, já secas, uma réplica em bronze da Estátua da Liberdade de Nova York (ahm! um peso de papel), um lampião a querosene cujo pavio branco atrás do funil de vidro lembrava vagamente e de longe um feto ou uma tênia preservados em álcool. Nesse instante, a voz de Esch ressoou do outro lado:

— Os censores deveriam ver por si mesmos toda a miséria e o sofrimento... as pessoas vêm até mim... seria simples traição se...

Em uma prateleira claudicante, havia alguns manuscritos, juntamente com pilhas de jornais amarrados. Esch retomara seu

passaio. No meio da parede amarelo-esbranquiçada, em um prego improvisado, pendurava-se uma pequena imagem desbotada em uma moldura preta: “Badenweiler e o Schlossberg”; provavelmente se tratava de um antigo cartão-postal. Huguenau refletiu que uma imagem ou uma estatueta de bronze como aquela ficaria muito bem em seu escritório. No entanto, ao tentar recordar sua memória daquele escritório e o que havia feito lá, não teve sucesso. Parecia tão remoto e estranho que desistiu da tentativa, e seu olhar procurou outra vez o agitado Esch, cujo paletó de veludo marrom e calças de tecido claro combinavam tão mal com seus sapatos desajeitados quanto a estatueta de bronze sobre a mesa da cozinha. Esch deve ter sentido o olhar de Huguenau, pois gritou:

— Ô diacho, o que ainda está fazendo sentado aí?

Naturalmente, Huguenau poderia ter ido embora, mas para onde? Não era fácil encontrar outro plano. Huguenau sentia que forças desconhecidas o tinham lançado nesses novos caminhos, e que não podia se dar ao luxo de deixá-los sem uma luta, nem mesmo sem sofrer as consequências. Assim, permaneceu sentado com tranquilidade e limpou seus óculos, como costumava fazer para que, durante negociações comerciais difíceis, pudesse manter uma postura calma. E, desta vez, não falhou em seu efeito, pois Esch, já exasperado, plantou-se diante de Huguenau, voltando a gritar:

— De onde o senhor veio, afinal?! Foi enviado por quem?... Não é desta região, e não precisa me dizer que pretende se estabelecer aqui como viticultor.... O senhor está aqui apenas para espionar. Deveriam prendê-lo!

Esch estava diante dele. Um cinto de couro se projetava sob a veste de veludo marrom. Uma perna da calça estava mais clara.

“Não adianta que faça limpeza a seco”, pensou Huguenau, “ele terá que tingir as calças de preto; eu deveria lhe dizer isto. O que ele de fato quer de mim? Se ele quisesse mesmo me botar para fora, não precisaria provocar uma briga primeiro... então quer que eu fique”.

Havia algo de estranho naquilo. De alguma forma, Huguenau sentia uma espécie de camaradagem por aquele homem e, ao mesmo tempo, pressentia que havia algum lucro a ser obtido. Então, retomando o ataque, resolveu se certificar:

— Senhor Esch, eu lhe ofereci um negócio honroso, e se o senhor decidir recusar, é problema seu. Mas se apenas quer me xingar, então não há sentido em continuar nossa conversa.

Ele dobrou os óculos e levantou ligeiramente o corpo da cadeira, simbolizando com esse movimento que estava pronto para sair; Esch só precisava falar algo.

Mas Esch já parecia de fato não ter vontade de encerrar a conversa:

levantou a mão de maneira apaziguadora, e Huguenau trocou sua simbólica posição de ligeiramente levantado pela de sentado:

— Para ser sincero, é improvável que eu mesmo me estabeleça como viticultor aqui; talvez o senhor esteja totalmente certo nisso, embora isso também não esteja fora de cogitação; um sujeito anseia por uma vida tranquila. Mas eu não estou aqui para explorar ninguém — e empolgou-se —, um intermediário tem tanto direito ao respeito quanto qualquer outra pessoa; tudo aquilo com o que se preocupa é unir duas partes em um negócio e satisfazer a ambas, pois assim ele também tem sua recompensa. Além disso, devo pedir que tenha um pouco mais de cuidado com a maneira como lança expressões como “espião”, isto não é algo inofensivo em tempos de guerra.

Esch sentia-se envergonhado:

— Vamos, vamos, eu não pretendia ofender... mas às vezes o nojo das coisas sobe à garganta, e então não se consegue evitar que exploda... Um construtor em Colônia, um completo trapaceiro, tem comprado terras aqui por uma pechincha... expulsou as pessoas de suas casas... e o farmacêutico aqui tem seguido o exemplo dele... de que adianta Paulsen, o farmacêutico, ter vinhedos? Poderia me responder, hein?

Huguenau respondeu de novo com voz ofendida:

— Um espião...

Esch retomou sua peregrinação:

— Deveríamos emigrar. Para algum lugar. Para a América. Se eu fosse mais jovem, largaria tudo e começaria de novo... — mais uma vez ele parou diante de Huguenau. — Mas o senhor é um homem jovem, por que não está no *front*, hein? Como veio parar aqui?

De repente, voltou a ficar agressivo. Ora, Huguenau não tinha vontade de discutir aquela questão; evitou-a; tinha consigo e afirmou que se tratava de algo completamente incompreensível que um homem em uma posição distinta, proprietário e editor de um jornal, vivendo em meio a belos cenários e desfrutando da estima de seus concidadãos, e além disso, não mais tão jovem, nutrisse pensamentos de emigração.

Esch fez uma careta sarcástica:

— Estima de meus concidadãos, estima de meus concidadãos... eles rosnam em meu encalço como um bando de cães...

Huguenau olhou para a imagem do Schlossberg e, em seguida, disse:

— Mal posso acreditar.

— De fato! Talvez o senhor esteja do lado deles? Não me surpreenderia...

Huguenau guiou seu barco para águas mais seguras:

— De novo essas acusações vagas, Senhor Esch. Não poderia

expressar pelo menos de forma mais precisa se tem algo contra mim?

Mas a mente desordenada e irritadiça do Senhor Esch não era tão fácil de conter:

— Expressar-me de forma precisa, expressar-me de forma precisa, é muito fácil falar assim... como se um homem pudesse dar um nome para tudo... — e então gritou na cara de Huguenau: — Jovem, até que o senhor saiba que todos os nomes são falsos, não sabe nada... nem mesmo as roupas em seu corpo são o que parecem ser.

Um sentimento estranho se apoderou de Huguenau. E então afirmou que não compreendia nada daquilo.

— Claro que não compreende... mas quando um farmacêutico toma terras por uma pechincha, aí compreende muito bem... e lhe é bastante compreensível que um homem que chama as coisas pelos seus nomes de fato seja perseguido e difamado como comunista... e seja atacado pelo censor, hein? Isto lhe parece muito certo?... E eu suponho que o senhor também pensa que estamos vivendo em um país justo?

Huguenau afirmou que era uma posição desagradável.

— Desagradável! É preciso emigrar... Estou cansado de lidar com isso...

Huguenau perguntou o que o Senhor Esch pretendia fazer com o jornal. Esch fez um gesto displicente; já havia dito à esposa várias vezes que preferiria vender todo o negócio, mas manter a casa — chegou até a cogitar abrir uma livraria.

— Na certa o jornal deve ter sofrido muito com as hostilidades, não, Senhor Esch? Quero dizer, a circulação já não deve ser lá essas coisas, não é?

Não, não era isso, o *Correio* tinha seus assinantes regulares, os restaurantes, os cabeleireiros, sobretudo as pessoas nos vilarejos circunvizinhos; as hostilidades limitavam-se a certos círculos na cidade. Mas sentia-se cansado de brigar com eles.

O Senhor Esch já tinha alguma ideia sobre o preço que queria?

Ah, sim... o jornal e a gráfica valiam vinte mil marcos, seria certamente um preço de amigo. Além disso, ele deixaria o comprador usar os prédios sem pagar aluguel por um período prolongado, digamos, cinco anos, e isso também seria uma grande vantagem da compra. Era assim que ele pensava; a oferta era decente; não queria passar a perna em ninguém; simplesmente sentia-se cansado de todo aquele negócio. Já afirmara isso várias vezes à esposa.

— Ora — disse Huguenau —, não perguntei por mera curiosidade... Como eu disse antes, sou um intermediário, e talvez eu possa fazer algo pelo senhor. Acredite, meu caro Esch — e bateu de maneira paternal no ombro ossudo do proprietário do jornal —, ainda faremos

um pequeno negócio juntos; o senhor nunca deve ter muita pressa em dispensar alguém. No entanto, o senhor deve esquecer a ideia dos vinte mil. Ninguém paga preços exorbitantes nos dias de hoje.

Autoconfiante e de excelente humor, Huguenau desceu a escada de galinheiro.

Uma criança agachava-se em frente ao galpão de impressão.

Huguenau olhou para a criança; contemplou a entrada do galpão; ele leu “PROIBIDA A ENTRADA, EXCETO A NEGÓCIOS” na placa da porta.

“Vinte mil marcos”, pensou ele, “e com a menininha junto”.

Ora, ele não tinha negócios ali ainda, mas daquele momento em diante não poderiam lhe recusar o acesso; se estivesse tentando vender um empreendimento, teria o direito de entrar. Esch seria obrigado a lhe mostrar a gráfica. Huguenau pensou se deveria chamá-lo para que descesse, e então decidiu que não: em dois dias, retornaria ali de qualquer maneira, talvez até com propostas concretas de compra — Huguenau dava aquilo como completamente certo, e, além disso, já era hora do almoço. Então, encaminhou-se à pousada.

VIII

Hanna Wendling estava acordada. No entanto, não abria os olhos, pois ainda havia uma possibilidade de pegar o sonho que lhe escapava. Mas este se afastou lentamente, e no final nada restou além da emoção em que estava imersa. À medida que a emoção também se esvaía, Hanna a abandonou voluntariamente apenas um instante antes que desaparecesse por completo, olhando brevemente para a janela. Através das fendas das persianas, infiltrava-se uma luz leitosa; ainda devia ser cedo, ou o céu estava nublado. A luz listrada era como uma continuação do seu sonho, talvez porque nenhum som entrasse com ela, e Hanna resolveu, afinal, que ainda deveria ser muito cedo. As persianas moviam-se com um suave balanço entre as folhas das janelas abertas; esse devia ser o vento da madrugada, e ela inalou seu frescor ao senti-lo de maneira delicada, como se seu nariz lhe pudesse dizer a hora. Então, de olhos fechados, estendeu a mão para a cama à sua esquerda; esta não se encontrava ocupada; os travesseiros, as cobertas e o edredom estavam empilhados de forma metódica e cobertos pela colcha de veludo. Antes de retirar a mão, e retorná-la juntamente com o ombro nu para sob os lençóis quentes, ela a repassou sobre o veludo, sentindo um pouco de frio, e essa ação foi como uma confirmação de que se encontrava sozinha. Sua tênue camisola subira-lhe nas coxas, formando um amontoado desconfortável. Ai, dormira mal de novo; como uma espécie de indenização, no entanto, sua mão direita repousava sobre seu liso e cálido corpo, e as pontas dos dedos

acariciavam de maneira suave e quase imperceptivelmente a curva macia de seu seio. Não pôde deixar de pensar em alguma pintura francesa rococó; então se lembrou do retrato “*Maja desnuda*”, de Goya. Permaneceu deitada naquela posição por mais alguns minutos. Em seguida, alisou a camisola — estranho que uma camisola finíssima pudesse aquecer tanto assim —, considerou se deveria virar para o lado esquerdo ou direito; decidiu-se pelo último, como se tivesse medo de que a cama abarrotada ao lado lhe cortasse o ar; ouviu por mais um tempo o silêncio da rua e se entregou a outro sono, buscando refúgio em outro sonho, antes que qualquer som pudesse alcançá-la de fora.

Quando, uma hora depois, viu-se acordada de novo, não pôde mais se enganar do fato de que a manhã já ia bastante avançada. Para alguém que está ligado apenas por fios muito frágeis, fios que mal são palpáveis, ao que outras pessoas ou ela mesma chamam de vida, levantar-se de manhã é sempre uma tarefa difícil. Talvez até uma pequena violação. E Hanna Wendling, que sentia o inevitável dia se reaproximando, sentiu dor de cabeça. Começou na nuca; ela cruzou as mãos atrás do pescoço e, ao puxar seus cabelos, que enrolavam de maneira suave em seus dedos, por um momento esqueceu a dor de cabeça. Então, pressionou o local onde a dor se localizava; era uma pulsão que começava atrás das orelhas e corria até o topo da espinha. Acostumara-se àquilo. Quando estava em companhia, às vezes sofria essa dor de maneira tão violenta que chegava a ficar zozza. Com uma resolução súbita, jogou para trás de si as roupas de cama, deslizou os pés nas pantufas de salto alto, abriu as persianas sem subi-las e, segurando o espelho de mão atrás da cabeça, contemplou a área dolorida na parte de trás do pescoço no grande espelho da penteadeira. O que lhe doía ali? Não via nada. Virou a cabeça de um lado para o outro; podia ver o movimento de sua espinha sob a pele; de fato, tinha um belo pescoço. E seus ombros também eram belos. Ela gostaria de ter tomado o café da manhã na cama, mas era tempo de guerra; já era péssimo o bastante que ficasse na cama até tão tarde. Na verdade, deveria ter levantado e levado seu filho pequeno para a escola. Todos os dias decidia-se a cumprir essa tarefa. Duas vezes chegou a fazê-la, apenas para abandoná-la à empregada logo depois. Naturalmente, há muito tempo o menino já deveria ter tido uma governanta francesa ou inglesa. As inglesas eram as melhores governantas. Uma vez que a guerra terminasse, teriam que enviar o menino para a Inglaterra. Quando ela tinha a idade dele, sim, quando tinha sete anos, já falava francês melhor do que alemão. Ela procurou pelo frasco com vinagre de toalete, esfregou o pescoço e as têmporas e examinou seus olhos atentamente no espelho: eram castanhos dourados, no esquerdo podia-se ver uma pequena veia vermelha. Isso

vinha de sua noite inquieta. Ela jogou seu roupão nos ombros. E então chamou a empregada.

Hanna Wendling era a esposa do Dr. Heinrich Wendling, advogado. Uma mulher natural de Frankfurt. Há dois anos, Heinrich Wendling estava na Romênia ou na Bessarábia ou em algum lugar nos confins.

IX

Huguenau sentou-se à sala de jantar. Em uma das mesas laterais sentava-se um oficial de cabelos brancos. A garçonete acabara de colocar um prato de sopa diante dele, e o velho senhor realizou então uma pantomima curiosa: com as mãos juntas e o enrubescido rosto de aspecto piedoso, inclinou um pouco a cabeça na mesa, e somente após encerrar essa mesura inconfundível é que quebrou o jejum.

Os olhos de Huguenau ficaram presos a esse espetáculo incomum; ele chamou a garçonete e perguntou, sem muita cerimônia, quem era o estranho oficial.

A garçonete inclinou-se para o ouvido dele: aquele era o comandante da cidade, um nobre proprietário de terras da Prússia Ocidental que fora convocado para o serviço no decorrer da guerra. Sua família ainda morava na propriedade, de cujos integrantes recebia cartas todos os dias. Ah, e a comandância ficava na prefeitura, mas o senhor major hospedava-se na pousada desde o início da guerra.

Huguenau assentiu, com a curiosidade satisfeita. Porém, de repente, sentiu uma contração fria no estômago e percebeu que aquele homem sentado ali personificava o poder militar, que aquele homem precisava apenas estender a mão, que então brandia uma colher de sopa, e ele estaria perdido — e que se encontrava, portanto, por assim dizer, vivendo ao lado de seu próprio executor. Perdera o apetite! Não seria melhor cancelar o pedido da comida e fugir?

No entanto, a garçonete já trouxera a sopa, e enquanto Huguenau a tomava de maneira maquinal, dissipou-se a paralisante frieza, transformando-se em uma quase reconfortante e inócua lassidão. Além disso, não podia fugir; precisava concluir o negócio do *Correio do Eleitorado de Trier*.

Sentiu-se quase aliviado. Pois embora cada homem acredite que suas decisões e resoluções envolvem os fatores mais multifacetados, na realidade, não passam de oscilação entre a fuga e o anseio, e o objetivo final de toda fuga e todo anseio é a morte. E nesse vaivém da alma e do espírito entre os polos positivo e negativo, Huguenau, o mesmo Wilhelm Huguenau que um momento antes sonhava em fugir, neste instante sentia-se estranhamente impelido ao velho sentado à outra mesa.

Ele comia de maneira maquinal, nem percebendo que aquele era o dia de carne; bebia de maneira maquinal, no estado de consciência mais extremo e como que mais clarividente a que tivera acesso nas últimas semanas; todas as coisas se desfizeram, voaram para longe e recuaram para os polos, recuaram para as fronteiras do mundo onde as coisas mais uma vez recuperam sua unidade e a distância é aniquilada — o medo transformou-se em anseio, e o anseio em medo, e o *Correio do Eleitorado de Trier* fundiu-se em uma unidade extraordinariamente indissolúvel com o major de cabelos brancos. A questão não pode ser expressa de maneira muito mais precisa ou racional do que isto, pois as ações de Huguenau já se desenvolviam em um mundo onde toda distância mensurável fora aniquilada; elas eram, de certa forma, encurtadas pela irracionalidade sem tempo para reflexão. Por isso, enquanto esperava que o major terminasse a refeição, não se tratava de fato de uma espera; foi uma espécie de simultaneidade de causa e efeito que o fez levantar no exato momento em que o major, depois de outra mesura silenciosa, afastou a cadeira e acendeu o charuto. Logo, e sem o menor abraço, Huguenau aproximou-se do major; caminhou até ele, sem qualquer constrangimento, embora não tivesse nenhum pretexto para tal intromissão.

No entanto, mal se apresentou devidamente, já se sentou sem ser convidado, e as palavras começaram a fluir sem esforço de seus lábios: permitia-se anunciar com respeito que pertencia ao Serviço de Imprensa e encontrava-se ali em caráter de comissionado. Parecia que havia um jornal local chamado *Correio do Eleitorado de Trier*, sobre cuja política circulavam todo tipo de rumores duvidosos, e ele viera, munido dos poderes mais amplos necessários, para que pudesse estudar a situação no local. Sim, e... — “O que devo dizer então?”, pensou Huguenau; mas seu fluxo de eloquência continuava; era como se as palavras tomassem forma em sua boca — sim, e já que as questões de censura, de certa forma e em certo sentido, eram da competência do comandante da cidade, ele considerou ser seu dever esperar pela fala do senhor major e então apresentar a si mesmo.

Durante aquela declaração, o major, endireitando-se com um pequeno solavanco, assumiu uma postura formal e tentou apresentar a objeção de que o caminho oficial regular seria mais apropriado para lidar com tal assunto; no entanto, Huguenau, que não podia deixar seu fluxo de palavras secar, mal o ouviu e rejeitou sumariamente a objeção, apontando que abordara o senhor major não de maneira oficial, mas apenas em caráter semioficial, uma vez que os plenos poderes mencionados não eram do Estado, mas sim dos grandes industriais patriotas — não precisava mencionar nomes; eram bem conhecidos — que o tinham incumbido da missão de eventualmente

obter a posse de jornais duvidosos se o preço fosse razoável, pois, é claro, deve-se evitar que ideias suspeitas alcancem o povo. E Huguenau repetiu as palavras “ideias suspeitas alcancem o povo”, repetiu como se esse retorno ao ponto de partida lhe desse total segurança, como se a frase fosse uma cama macia na qual ele poderia se deitar com conforto.

Aparentemente, o major não entendeu aonde ele queria chegar, mas assentiu, e Huguenau continuou a girar em sua órbita: sim, era uma questão de jornais suspeitos, e, em sua própria opinião, como de fato na opinião geral, o *Correio do Eleitorado de Trier* era um jornal suspeito, cuja compra ele recomendaria de maneira incondicional.

Lançou um olhar de triunfo para o major, batucou com os dedos na mesa, e era como se estivesse aguardando a admiração e os elogios do comandante da cidade por um feito alcançado com sucesso.

— Muito patriótico, sem dúvida — acabou concordando o major. — Agradeço pela informação.

Com isso, Huguenau poderia ter se retirado, mas era necessário que ele alcançasse algo mais, então agradeceu de maneira encarecida ao senhor major pela boa vontade que lhe demonstrara e, diante dessa boa vontade, pediu para que lhe pudesse acrescentar mais um pedido, um pequeno pedido:

— Meus empregadores naturalmente consideram importante ao adquirir a posse de um jornal como esse, que naturalmente deve ser encarado mais ou menos como um jornal local, que as pessoas locais interessadas compartilhem dessa transação: isso é compreensível, claro, por causa do controle local e assim por diante. O senhor major entende isso?

O major confirmou, como se achasse aquilo compreensível, embora não tivesse compreendido nada.

Huguenau argumentou que o pedido que tinha a fazer era que o senhor major, que naturalmente recebia a maior estima de qualquer pessoa na cidade, deveria lhe fornecer os nomes de alguns senhores respeitáveis e abastados entre os residentes — naturalmente, sob a mais estrita confidencialidade — que poderiam se interessar pelo plano.

O major observou que todo aquele negócio realmente pertencia à jurisdição das autoridades civis e não do comando militar, mas que poderia dar ao Senhor Huguenau um conselho: comparecer ali na sexta-feira à noite, pois nessa noite sempre encontraria alguns vereadores e outros influentes senhores da cidade.

— Esplêndido! Mas o senhor major estará ali também, eu espero — disse Huguenau, que não estava disposto a desistir tão facilmente. — Esplêndido! Se o senhor major tomar a transação sob sua tutela, posso

garantir que tudo correrá bem, sobretudo considerando que o capital necessário é relativamente pequeno, e muitos dos senhores ali, sem dúvida, estarão interessados na ideia de entrar em contato com as grandes indústrias, em serem admitidos em parceria com elas, por assim dizer... Esplêndido! Realmente esplêndido!... Permite-me fumar, senhor major?... — e ele puxou a cadeira para mais perto, pegou um charuto da caixa de charutos, poliu seus óculos e começou a fumar.

O major observou que sem dúvida os presságios eram muito favoráveis e que lamentava não entender nada de negócios.

— Ah, isso não importa — disse Huguenau —, não afeta a questão de forma alguma.

E como ele desejava repetir sua performance de novo, talvez por pura virtuosidade, talvez para consolidar sua confiança recém-adquirida, talvez por pura vontade, puxou sua cadeira um pouco mais perto do major e pediu permissão para adicionar mais uma informação, mas apenas para os ouvidos pessoais do senhor major. Em suas negociações até então com o editor deste jornal — chamado Esch, o senhor major sem dúvida já devia ter ouvido falar dele —, ora, ele teve a impressão definitiva de que por trás do jornal havia um... — como poderia dizer? — um movimento subterrâneo inteiro em andamento, um movimento composto por elementos suspeitos e subversivos. Alguma coisa disso já parecia ter vazado: mas quando o plano de comprar o jornal fosse realmente concretizado, ele, é claro, estaria em posição de obter uma perspectiva daquelas atividades obscuras, uma perspectiva desejável e necessária em prol de todo o povo.

E antes que o senhor idoso pudesse responder, Huguenau ergueu-se e concluiu:

— Por favor, ah, por favor, senhor major!... é simplesmente meu dever como patriota... não vale a pena mencionar... Então, vou me permitir aceitar o seu lisonjeiro convite para a sexta-feira à noite.

Como continência, bateu os calcanhares e voltou com passos leves, quase descontraídos, para sua própria mesa.

X

O fato de que o Senhor August Esch desempenhasse suas funções editoriais com tanta impaciência e exasperação, e que se sentisse tão estranhamente desconfortável em sua posição, pode ser amplamente atribuído ao fato de que, ao longo de sua vida, seguiu a profissão de contador, exercendo de fato a atividade de chefe contábil por muitos anos em uma grande empresa industrial em sua terra natal,

Luxemburgo, antes de, já no meio da guerra, tornar-se dono do *Correio do Eleitorado de Trier* e dos edifícios a ele associados, como resultado de uma herança inesperada.

Pois um contador, e sobretudo um chefe contábil, é uma pessoa que vive dentro de um sistema estrito e extraordinariamente preciso de regras, regras tão exatas que nunca poderá aplicá-las em qualquer outro tipo de ocupação. Apoiado de maneira firme em tais regras, acostumou-se a viver em um mundo todo-poderoso e ao mesmo tempo modesto, onde tudo tem seu lugar, onde ele mesmo é o ponto de referência, e onde seu olhar permanece infalível e inalterado. Ele vira as páginas do livro-razão e compara-as com as do registro diário e com as contas de balanço; sem interrupção, inúmeras pontes se estendem de um para o outro, dando segurança à vida e ao trabalho cotidiano. Toda manhã, o zelador ou a assistente de escritório trazem os novos lançamentos contábeis do setor de pedidos, e o chefe contábil resume-os, para que os jovens funcionários possam registrá-los nas contas de balanço. Feito isto, o chefe contábil está livre para refletir em paz acerca dos problemas mais difíceis, examinar os livros e apresentar suas decisões. Então, se em sua mente ele desembaraçou e esclareceu um problema contábil especialmente difícil, vê novas e aprovadas pontes estendendo-se reciprocamente de continente a continente, e essa intrincada teia de conexões estabelecidas entre conta e conta, essa rede inextricável e ainda assim tão claramente tecida, na qual nenhum nó está ausente, é simbolizada por fim em um único número que ele já prevê, embora possa não entrar no balanço por meses. Ah, doce agitação do balanço final! Não importa que mostre lucro ou prejuízo; para o contador, todas as transações trazem ganho e satisfação. Mesmo os balanços mensais provisórios são triunfos de poder e habilidade, mas não são nada comparados com a conciliação geral dos livros no final do semestre: durante esses dias, ele é o capitão do navio, e sua mão nunca abandona o leme; os jovens escriturários em seu departamento permanecem em seus postos como escravos de galé, e ninguém se preocupa com a hora do almoço ou com o sono, até que todas as contas estejam equilibradas; porém, a elaboração da conta de lucros e perdas e do balanço final ele reserva para si mesmo, e quando realiza sua tarefa e traça a última linha sob a conta, sela seu trabalho com a assinatura. Mas aí do balanço que estiver desequilibrado mesmo que seja por um único pfennig! Segue-se um novo, embora amargo, prazer. Auxiliado por seu assistente-chefe, ele revisa as contas suspeitas com o olho de um detetive, e se isso não adiantar, todas as entradas do último semestre são reexaminadas de maneira impiedosa. E aí daquele jovem em cujos livros o erro for encontrado — cólera e frio desprezo serão sua porção, sim, a demissão. Se, entretanto, descobre-se que o erro não ocorrera nos

livros, mas no inventário do depósito, então o chefe contábil limita-se a encolher os ombros, e seus lábios exibem um sorriso piedoso ou sarcástico, pois o inventário está fora de sua competência, e, além disso, sabe que nos depósitos, assim como na vida, nunca pode ser alcançada a ordem perfeita que ele mantém em seus livros. Com um gesto de desprezo, retorna ao seu escritório, e quando os dias se tornam mais tranquilos, não raro é a sorte do chefe contábil, ao abrir um dos livros, alisar rapidamente a página com o polegar, somar a coluna de números para verificar, orgulhoso de sua habilidade, de modo que, apesar da certeza de seus cálculos fluidos, permite que seus pensamentos divaguem de maneira livre para coisas distantes — pode ser a sorte do chefe contábil perceber com surpresa, esperada e ainda assim encantadora surpresa, que o milagre do cálculo ainda existe como uma rocha firme em um mundo incalculável. Entretanto, neste momento, talvez, sua mão escorregue da página, e a tristeza se infiltre em seu coração ao pensar no novo sistema que é um dos deveres de um contador moderno inaugurar; e refletindo que o novo sistema é uma questão de cartões práticos em vez de imponentes e massivos volumes, substituindo a habilidade pessoal por máquinas de calcular, enche-se de amargura.

Fora da profissão, os contadores são irascíveis. Isto ocorre porque a fronteira entre a realidade e a irre realidade na vida nunca pode ser claramente estabelecida, e alguém que vive dentro de um mundo de relações precisamente ajustadas se recusará a admitir que pode haver outro mundo cujas relações lhe sejam incompreensíveis e inescrutáveis: assim, quando sai de seu mundo firmemente estabelecido ou é arrancado dele, torna-se impaciente, transforma-se em um fanático ascético e apaixonado, até mesmo em um rebelde. A sombra da morte tocou-o, e o ex-contador — se envelheceu o suficiente — na verdade só serve para a existência insignificante do aposentado, impermeável a acidentes e a toda a vida ao seu redor, contente em regar seu jardim e cuidar de suas árvores frutíferas; porém, se ele ainda estiver vigoroso e ávido por trabalho, sua vida se transforma em uma luta exaustiva contra um mundo de realidades que, para ele, é irreal. Especialmente se o destino ou uma herança colocou-o em uma posição tão exposta quanto a de editor de um jornal, mesmo que seja apenas um pequeno jornal de província! Pois sem dúvida não há ocupação tão dependente da imprevisibilidade e da incerteza dos assuntos do mundo quanto a de um editor, sobretudo em tempos de guerra, quando relatórios e contrarrelatórios, esperança e desespero, heroísmo e miséria, andam tão próximos uns dos outros que a manutenção metódica dos livros torna-se pura impossibilidade; apenas com a ajuda dos órgãos de censura pode-se estabelecer o que deve ser considerado verdadeiro e o que deve permanecer no reino da

falsidade, e cada nação vive fechada em sua própria realidade patriótica. Ali, um contador está completamente fora de lugar, pois pode facilmente ser tentado a escrever que nossas bravas tropas ainda estão posicionadas nas margens esquerdas do Marne aguardando ordens para um avanço adicional, enquanto na realidade os franceses, por sua vez, já avançaram há muito tempo para a margem direita. E se a censura o repreender por tais falsidades, o contador, sobretudo se for uma pessoa de humores impulsivos, inevitavelmente ficará furioso e argumentará que, embora o quartel-general de fato tenha relatado a fortificação da cabeça de ponte na margem esquerda, nada foi dito sobre a retirada das tropas. Este é apenas um exemplo entre muitos, pode-se dizer, entre centenas, e eles são suficientes para mostrar amplamente o quão impossível é aplicar aos registros dos anais da história aquela escrupulosidade que é aceita como a primeira e absoluta condição do registro de eventos comerciais, e como a inexatidão de uma guerra que se tornou impossível de ser vista como um todo pode alimentar um espírito de rebelião, para o qual um homem justo e escrupuloso poderia ter encontrado desculpa até mesmo em tempos de paz, mas que já deve se desenvolver por necessidade em uma luta inevitável entre autoridade e justiça, entre duas irrealidades, duas forças violentas, uma luta que é eterna, uma renovação da cruzada de Dom Quixote contra um mundo que se recusa a se submeter às demandas do espírito que traz a lei. Sempre o contador lutará pelo que é certo, pois se um único pfennig estiver faltando, revisará cada item, se a integridade de seus livros assim o exigir; e sem que seja de fato uma boa pessoa, ele se levantará como o advogado da justiça oprimida assim que tiver reconhecido e registrado a existência da injustiça e do erro; inflexível e furioso, insurgirá para travar a batalha, um magro cavaleiro que, com a lança em riste, deve cavalgar, ataque após ataque, em honra ao resultado que se suponha ser o mais justo neste mundo.

Assim, o trabalho editorial do Senhor Esch não era de modo algum tão simples como se poderia supor. Sem dúvida, todo o material para seu periódico quinzenal era fornecido por uma agência de notícias e artigos de Colônia, e tudo o que o editor realmente precisava fazer era extrair, entre as notícias sensacionalistas, as mais sensacionalistas, escolher, entre os romances elegantes e artigos, os mais elegantes, e não havia nada mais para lidar pessoalmente além das notícias locais, que, aliás, consistiam sobretudo em parágrafos “de um correspondente”. No entanto, por mais simples que isso parecesse, e de fato fosse simples enquanto Esch se limitou à contabilidade — que ele estabelecera com base no modelo italiano (não americano) —, todas as complicações surgiram quando o editor em exercício foi convocado e o Senhor Esch se viu compelido, em parte por sua

parcimônia natural e contábil, em parte pela crescente dificuldade da situação geral, a assumir a editoria do jornal pessoalmente. Aí então começou a luta! Começou a luta pela evidência precisa dos acontecimentos do mundo e contra as entradas falsas ou falsificadas que se lhe tentavam impor na contabilidade, a luta contra as autoridades que ficaram indignadas por o *Correio do Eleitorado de Trier* dar publicidade aos abusos no *front* e atrás das linhas, à revoltas de marinheiros e à agitação em fábricas de munições, e que se recusavam a ouvir mesmo as propostas do jornal para combater de maneira genuína esses males, porém, pelo contrário, consideravam suspeito — embora apenas alguém mal-intencionado pudesse considerar suspeito — que tais relatos fossem confiados ao Senhor Esch, e já se considerava seriamente se se deveria impedi-lo de exercer sua atividade editorial, alegando que ele era um sujeito estrangeiro (um luxemburguês). Ele fora advertido várias vezes, e suas relações com o escritório de censura em Trier tornaram-se mais desconfortáveis de semana para semana. Não é de surpreender, então, que o Senhor Esch, ele próprio em desacordo com o mundo, começasse a sentir uma simpatia fraternal por seus semelhantes oprimidos e pisoteados, e se tornasse um obstrucionista e um rebelde. Porém, isso não era algo que assumisse a si mesmo.

XI

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (1)

Entre as muitas intolerâncias e limitações que eram tão comuns nos tempos pré-guerra, e das quais hoje temos motivo de nos envergonhar, deve-se incluir nossa total falta de compreensão diante de fenômenos que estavam apenas um pouco fora dos limites de um mundo aparentemente racional. E, uma vez que naquela época estávamos acostumados a considerar apenas o pensamento e a cultura ocidentais como válidos, depreciando tudo o mais como inferior, éramos facilmente inclinados a classificar como inferior e infraeuropeu todo fenômeno que não estivesse de acordo com a simples razão. Assim, quando um fenômeno desse tipo, como o Exército de Salvação, aparecia no modesto traje da paz e da súplica fervorosa, era recebido com interminável ridicularização. As pessoas exigiam simplicidade e heroísmo, algo estético, em outras palavras. Acreditavam que esses

eram atributos do homem europeu, pois estavam enredados em um mal-entendido das ideias de Nietzsche, mesmo que a maioria nunca tivesse ouvido seu nome, e o pesadelo que os assombrava só terminou quando o mundo produziu tantos heróis que a prevalência absoluta do heroísmo os impediu de notá-lo.

Atualmente, se encontro uma reunião do Exército de Salvação na rua, eu me uno a ela e fico feliz em contribuir com alguma quantia no prato de coleta. Muitas vezes, também me envolvo em conversas com os soldados. Não é que eu tenha sido convertido por sua doutrina um tanto primitiva de salvação, mas sinto que nós, que outrora éramos dominados pelo preconceito, temos a obrigação moral de corrigir nossos erros passados onde for possível, mesmo que esses erros pudessem ser justificados como mera decadência estética e, além disso, tivessem a desculpa de nossa extrema juventude. Naturalmente, a compreensão dessas coisas veio apenas pouco a pouco à minha consciência, sobretudo porque durante a guerra raramente se via um soldado do Exército de Salvação. Eu havia ouvido falar que eles estavam desenvolvendo uma organização de caridade bastante difundida, mas quase me surpreendi ao encontrar uma garota do Exército de Salvação em uma das ruas mais afastadas de Schöneberg.

Provavelmente, eu devia parecer um tanto perdido e desamparado, mas meu sorriso amigável de surpresa encorajou-a a me abordar sob um pretexto discreto: ela me ofereceu um do monte de folhetos que carregava debaixo do braço. Talvez ficasse desapontada se eu apenas comprasse um, então lhe disse:

— Desculpe, mas não tenho dinheiro.

— Não faz mal — disse ela —, venha conosco.

Caminhamos por várias ruas típicas de subúrbio, passando por terrenos baldios, e reclamei da guerra. Acredito que ela pensou que eu era um desertor, ou até mesmo um fugitivo, forçado por uma espécie de obsessão a retornar àquele tema, pois claramente tentava me desviar para outros assuntos. No entanto, continuei falando sobre a guerra, não consigo dizer por quê, e continuei reclamando.

De repente, percebemos que tínhamos nos perdido. Tomamos um caminho estreito contornando um complexo de fábricas, e, ao virar a esquina, descobrimos que o complexo continuava sem fim. Então viramos à esquerda por um pequeno caminho delimitado por uma cerca de arame solta e desanimada — era incompreensível por que o caminho deveria ser cercado, já que não havia nada dos dois lados além de montes de lixo, louças quebradas, latas d'água amassadas e pilhas de jarros e painéis que foram transportados para aquele local remoto e inacessível por razões inexplicáveis — e o caminho terminou em um campo aberto, não um campo real, pois nada estava crescendo nele, mas um campo que, de qualquer forma, havia sido aradoalguma

vez, fosse antes da guerra ou na primavera anterior. Isso era indicado pelos sulcos endurecidos, que pareciam ondas congeladas de argila. Obviamente, nunca nada fora plantado ali. Ao longe, um trem bufava devagar pela paisagem.

Atrás de nós estavam as fábricas e a grande cidade de Berlim. Portanto, nossa situação não era desesperadora, mesmo que o sol da tarde queimasse de maneira impiedosa sobre nós. Debates a respeito do que fazer. Continuar a caminhar até a próxima vila?

— Não estamos em condições de nos apresentar em nenhum lugar assim — disse eu, e ela obedientemente tentou sacudir a poeira de seu uniforme escuro.

Era do mesmo tecido grosseiro usado nos uniformes das cobradoras de bonde, um tecido rústico com fios de papel entrelaçados.

Então, percebi um pilar de madeira cravado no solo como uma marca de limite. Fomos até lá. Sentamo-nos alternadamente na estreita sombra do pilar. Falamos pouco, apenas acerca da minha sede. E quando refrescou um pouco, encontramos o caminho de volta para a cidade.

XII

A decadência dos valores (1)

Será que aquela vida distorcida ainda era real? Será que aquela realidade cancerígena ainda está viva? O gesto melodramático do nosso movimento em massa em direção à morte termina com um encolher de ombros — os homens morrem e não sabem o motivo; sem uma base na realidade, caem no vazio; no entanto, são cercados e mortos por uma realidade que é deles, pois compreendem sua causalidade.

O Irreal é o Ilógico. E este tempo parece não ser capaz de ultrapassar mais o clímax do Ilógico, do Antilógico: é como se a imensa realidade da guerra tivesse anulado a realidade do mundo. O fantástico torna-se uma realidade lógica, mas a realidade se dissolve em uma fantasmagoria ilógica. Um tempo, mais covarde e lamentável do que qualquer um antes dele, afoga-se em sangue e gases tóxicos; povos de funcionários bancários e beneficiários lançam-se em arames farpados; uma humanidade bem organizada não impede nada, mas se organiza como Cruz Vermelha e para a fabricação de próteses; cidades morrem de fome e lucram com sua própria fome; professores de óculos lideram

tropas de assalto; habitantes de grandes cidades vivem em cavernas; trabalhadores de fábricas e outros civis arrastam-se como patrulhas furtivas, e, por fim, quando estão felizes de novo na retaguarda, tornam-se de novo beneficiários das próteses. Todas as formas dissolvidas, uma penumbra de tola incerteza paira sobre o mundo fantasmagórico; o homem, semelhante a uma criança insensata, tateia ao longo do fio de alguma lógica breve por uma paisagem de sonho, que ele chama de realidade e que é apenas um pesadelo.

O patético horror que caracteriza esta época como insana, a patética complacência com que a chama de grandiosa, são ambos justificados pela hipertrofiada e ilógica incompreensibilidade dos eventos que aparentemente compõem sua realidade. Aparentemente! Pois insensato ou grandioso são termos que nunca se podem aplicar a uma época, mas apenas a um destino individual. Nossos destinos individuais, no entanto, são tão normais como sempre foram. Nosso destino comum é a soma de nossas vidas individuais, e cada uma dessas vidas individuais desenvolve-se de maneira bastante normal, de acordo, por assim dizer, com sua lógica privada. Sentimos que a totalidade é insensata, mas para cada vida individual podemos com facilidade descobrir motivos orientadores lógicos. Ora, seríamos insensatos por ter perdido o senso?

Grande questão: como pode o indivíduo, cuja ideologia estava verdadeiramente centrada noutras coisas, compreender e submeter-se à ideologia e à realidade da morte? Poderíamos responder que a maioria das pessoas não o faria de qualquer maneira, e foram simplesmente forçadas a fazê-lo — isso pode ser verdade já que ocorre o fastio da guerra, mas houve, e ainda há, um verdadeiro entusiasmo pela guerra e pelo tiroteio até então! Seria possível responder que a pessoa mediana, cuja vida decorre entre um comedouro e uma cama, não tem ideologia alguma e poderia, por isso, facilmente ser conquistada para a ideologia do ódio — pelo menos a mais plausível, quer vise ao ódio nacional ou ao de classe? Que uma vida tão miserável teria sido colocada a serviço de uma causa maior do que o indivíduo, mesmo que fosse destrutiva, e ainda assim teria recebido a aparência de um valor social da vida? Mas mesmo se isso fosse verdade, desta vez ainda haveria outros valores mais elevados em algum lugar em que o indivíduo, apesar de tudo, participaria de sua miserável humanidade mediana. Desta vez, haveria em algum lugar uma busca pura pelo conhecimento, teria de alguma forma um desejo puro pela arte, teria pelo menos um sentimento social preciso; como pode o homem, criador de todos estes valores e participante deles, como pode “compreender” a ideologia da guerra, recebê-la e aprová-la sem contradição? Como ele poderia pegar o rifle, como poderia entrar na trincheira para morrer nela ou voltar ao seu trabalho habitual sem

enlouquecer? Como é possível tal mutabilidade? Como poderia a ideologia da guerra encontrar um lugar nestas pessoas, como seria possível que estas pessoas compreendessem tal ideologia e a sua esfera de realidade? Sem falar numa afirmação entusiástica, o que é bem possível! Seriam insensatos por não perderem o senso?

Indiferente ao sofrimento alheio! Aquela indiferença que permite ao cidadão dormir tranquilamente quando no pátio da prisão próxima alguém está sob a guilhotina ou sendo estrangulado no poste! Aquela indiferença que só precisa ser multiplicada para que, lá em casa, ninguém se importe quando milhares estão pendurados em arames farpados! Sem dúvida, é a mesma indiferença, mas vai além; pois aqui não se trata mais de uma esfera de realidade que se fecha e se isola contra outra, mas sim de um único indivíduo em quem carrasco e vítima coexistem, ou seja, um único domínio que pode unir os elementos mais heterogêneos e, no entanto, o indivíduo parece mover-se com a máxima naturalidade e segurança. Não é uma questão de apoiadores e opositores da guerra, nem é uma divisão horizontal na vida do indivíduo, supondo que, após quatro anos de semi-inanição, ele “mude” para outro tipo e se contraponha totalmente ao seu eu anterior. É uma divisão na totalidade da vida e da experiência, uma divisão que vai muito além de uma mera oposição de indivíduos, uma divisão que penetra diretamente no próprio indivíduo e em sua realidade integral.

Ah, conhecemos bem nossa própria divisão e, no entanto, não conseguimos interpretá-la; se tentamos atribuir a responsabilidade à era em que vivemos, a era é poderosa demais para nossa compreensão, e assim a chamamos de insensata ou grandiosa. Nós mesmos nos consideramos normais porque, apesar da divisão em nossas almas, nossa maquinaria interna parece funcionar com princípios lógicos. Mas se houvesse um homem em quem todos os eventos de nossa época tomassem forma significativa, um homem cuja lógica nativa explicasse os eventos de nossa era, então, e somente então, esta era deixaria de ser insensata. Presumivelmente, é por isso que ansiávamos por um “líder”, para que ele pudesse nos fornecer a motivação para eventos que, na sua ausência, só poderíamos caracterizar como insensatos.

XIII

Olhando de fora, a vida de Hanna Wendling poderia ser descrita como uma passividade ociosa dentro de um sistema perfeitamente ordenado. Curiosamente, essa descrição também se aplicaria à visão interna. Provavelmente, ela mesma concordaria com isso. Consistia

numa vida que, desde o levantar pela manhã até o deitar à noite, pendia como um fio de seda frouxo, relaxado e encaracolado pela falta de tensão. Nesse caso específico, a vida, que tem tantas dimensões, perdia uma dimensão após outra, mal conseguindo preencher as três dimensões do espaço: poderíamos afirmar com segurança que os sonhos de Hanna Wendling eram mais plásticos e vívidos do que seus estados de vigília. No entanto, por mais que essa opinião coincidissem com a de Hanna Wendling, ela não tocava no cerne da questão, pois iluminava apenas a visão macroscópica da existência dessa jovem mulher, deixando quase intocado o detalhe microscópico, que é o único significativo: ninguém sabe nada sobre a estrutura microscópica de sua própria alma, e é inquestionavelmente melhor que não saiba.

Por trás do aparente relaxamento da vida de Hanna Wendling, havia uma tensão constante de seus elementos separados. Se pudéssemos recortar uma pequena, mas suficiente porção daquele fio aparentemente frouxo, descobriríamos nele uma torção extrema, como se cada molécula, por assim dizer, estivesse espasmodicamente contraída. Os sintomas externos dessa condição poderiam ser melhor descritos pelo termo popular “nervosismo”, na medida em que isso implica a exaustiva tática de guerrilha que o ego deve empregar contra os menores avanços do mundo empírico com os quais sua superfície entra em contato, a cada segundo de sua existência. Porém, embora esse termo pudesse explicar muito em relação a Hanna Wendling, a tensão peculiar em sua vida não surgia da impaciência nervosa com aborrecimentos casuais, como poeira em seus sapatos envernizados, ou a pressão do anel em seu dedo, ou mesmo o simples fato de uma batata não estar completamente cozida. Não surgia desse tipo de coisa, pois todas essas perturbações eram como uma ondulação infinitesimal da superfície, como o brilho da água inquieta ao sol, e ela teria lamentado a ausência delas, já que de alguma forma a preservavam do tédio. Não, não surgia disso, mas sim da discrepância entre essa superfície infinitamente modulada e a quietude, a profundidade imóvel de sua alma, que, como o fundo do mar, se estendia a uma profundidade que nenhum olho poderia jamais penetrar: era a discrepância entre a superfície visível limitada e uma infinitude invisível, essa discrepância que é o cenário eterno para o drama mais emocionante já vivido pela alma; era o abismo insondável que se estende entre os lados anverso e reverso da escuridão, uma tensão sem equilíbrio, uma tensão flutuante, poderíamos dizer, já que de um lado estava a vida, mas do outro estava a eternidade, que é o fundo do mar da alma e de toda a vida.

Era uma vida, em grande parte, esvaziada de toda substância e, talvez por isso, destituída de propósito. O fato de ser a vida da insignificante esposa de um advogado de província pouco importa.

Pois, de fato, a significância dos destinos humanos em geral não é muito grandiosa. E mesmo que o valor moral de uma ociosa em meio a uma época de horrores de guerra não seja muito elevado, não se deve esquecer de que quase todas as pessoas que voluntária ou compulsoriamente assumiram os deveres heroicos da guerra não teriam hesitado em trocar suas atividades eticamente valiosas pela existência eticamente vazia de uma ociosa. E talvez — embora apenas talvez — a crescente paralisia que acometeu Hanna Wendling, à medida que a guerra se intensificava, não fosse nada mais do que a expressão de uma repulsa altamente moral diante do horror ao qual a humanidade se viu submetida. E talvez essa repulsa, esse horror, já tivesse crescido tanto dentro dela que a própria Hanna Wendling não ousava estar ciente disso.

XIV

Em uma das tardes seguintes, Huguenau visitou de novo o Senhor Esch.

— Ora, Senhor Esch, o que acha: a coisa está praticamente feita!

Esch estava corrigindo provas e ergueu a cabeça:

— Que coisa?

“Imbecil”, pensou Huguenau, mas disse:

— Ora, a venda do seu jornal.

— Depende de eu concordar com isso.

Huguenau ficou desconfiado:

— Bom, veja só, você não pode me deixar na mão... ou já está negociando com outra pessoa?

Então ele notou a criança que havia visto do lado de fora da gráfica de manhã:

— É sua filha?

— Não.

— De fato... então, Senhor Esch, se eu vou vender seu jornal, pelo menos o senhor precisa me mostrar as instalações...

Esch apontou para a sala em que estavam sentados; Huguenau tentou animá-lo:

— Então a pequena também está inclusa no preço, não é?

— Não — disse Esch.

Huguenau insistiu; na verdade, não sabia ao certo por que estava tão interessado:

— Mas quanto à gráfica, ela está inclusa... o senhor pelo menos precisa me mostrar a gráfica...

— Não me importo — disse Esch, levantando-se e pegando a criança

pela mão —, vamos para a gráfica.

— E qual é o seu nome? — perguntou Huguenau.

A criança disse:

— Marguerite.

— *Une petite française* — disse Huguenau.

— Não — disse Esch —, apenas o pai é francês.

— Interessante — disse Huguenau. — E a mãe?

Eles estavam descendo a escada. Esch disse baixinho:

— A mãe está morta... o pai era eletricitista aqui na fábrica de papel, agora está internado.

Huguenau balançou a cabeça:

— Uma situação triste, muito triste... e o senhor adotou a criança?

Esch disse:

— O senhor é curioso, não é?

— Eu? Não... mas a criança deve morar em algum lugar...

Esch disse bruscamente:

— Ela mora com a irmã da mãe... ela só vem aqui algumas vezes para o almoço... são pessoas pobres.

Huguenau ficou satisfeito, agora que sabia de tudo:

— *Alors tu es une petite française*, Marguerite?

A criança olhou para cima, um lampejo de lembrança passou por seu rosto, ela soltou Esch e segurou o dedo de Huguenau, mas não disse nada.

— Ela não fala uma palavra de francês... faz mais de quatro anos que o pai está internado...

— Quantos anos ela tem?

— Sete — disse a criança.

Eles entraram na gráfica.

— Esta é a gráfica — disse Esch —, só as máquinas e as instalações já valem alguns milhares.

— Pouco moderna — disse Huguenau, que nunca havia visto uma máquina de impressão. À direita, estava o setor de composição; as caixas de tipos envelhecidas e acinzentadas não o interessavam, mas a máquina de impressão lhe agradou. O piso de azulejos, reforçado aqui e ali com grandes remendos de concreto, estava impregnado de óleo ao redor da máquina, tornando-se marrom. Lá estava a máquina, pesada e sólida, suas partes de ferro fundido pintadas de preto, as barras de aço brilhando, e em suas juntas e suportes havia anéis de latão amarelo. Um velho operário de blusa azul estava esfregando as barras de aço com um punhado de estopa, sem se importar com os visitantes.

Esch disse:

— Então, é isso, vamos embora... vem, Marguerite.

Ele saiu sem dizer mais nada, deixando seu visitante simplesmente parado. Huguenau ficou olhando para aquele homem rude, mas estava bastante satisfeito; já podia inspecionar as coisas à vontade. Tirou sua caixa de charutos, escolheu um charuto um tanto desgastado e ofereceu ao trabalhador da máquina.

O impressor olhou para ele incrédulo, pois tabaco era raro e um charuto era sempre um presente aceitável. O homem enxugou as mãos na blusa azul, pegou o charuto e, não sabendo como agradecer adequadamente, disse:

— Não se vê muitos desses.

— Sim — respondeu Huguenau —, a situação do tabaco está ruim nos dias de hoje.

— Está ruim para tudo — afirmou o impressor.

Huguenau ficou atento:

— Foi exatamente o que seu chefe disse.

— É o que todo mundo diz.

A resposta não foi exatamente o que Huguenau gostaria de ouvir.

— Bem, acenda — ordenou ele. O homem mordeu a ponta do charuto com dentes fortes e amarronzados, um pouco como se estivesse quebrando uma noz, e acendeu. Seu macacão de trabalho e sua camisa estavam abertos, mostrando os pelos brancos em seu peito. Huguenau sentiu que deveria obter alguma coisa em troca pelo charuto; o homem lhe devia algo; então ele o encorajou, dizendo:

— Uma máquina e tanto, não é?

— Serve — foi a resposta lacônica.

As simpatias de Huguenau estavam com a prensa, e ele se sentiu magoado com essa aprovação mesquinha. E como não conseguia pensar em outra maneira de quebrar o silêncio, perguntou:

— Qual é o seu nome?

— Lindner.

Então o silêncio se instalou definitivamente entre eles, e Huguenau se perguntou se não deveria ir embora, quando de repente seu dedo voltou a ser segurado por uma mão infantil. Marguerite tinha entrado silenciosamente com os pés descalços.

— *Tiens* — disse ele —, *tu lui as échappé*.

A criança olhou para cima sem compreender.

— Ah, claro, você não fala francês... *tsc, tsc, tsc...* que vergonha! Terá que aprender.

A criança fez um gesto de desdém, o mesmo gesto que Huguenau já havia observado em Esch:

— Aquele lá em cima também fala francês...

Ela disse: “aquele lá em cima”. Huguenau ficou satisfeito e sussurrou:

— Você não gosta dele?

A criança ficou carrancuda e seu lábio inferior se projetou, mas então ela percebeu que Lindner estava fumando.

— O Senhor Lindner está fumando!

Huguenau riu e abriu sua caixa de charutos:

— Você quer um também?

A criança afastou a caixa e respondeu devagar:

— Me dê dinheiro.

— O quê! Você quer dinheiro? Para que diabos você quer dinheiro?

Lindner disse:

— Começam cedo hoje em dia.

Huguenau havia puxado uma cadeira para perto; sentou-se e colocou Marguerite entre seus joelhos:

— Sabe, eu também preciso de dinheiro.

A criança repetiu com sua lentidão obstinada:

— Me dê dinheiro.

— Vou lhe dar balas.

A criança ficou em silêncio.

— Para que você quer dinheiro?

E embora Huguenau soubesse que “dinheiro” era uma palavra muito importante, e apesar de não conseguir tirar isso da cabeça, de repente foi incapaz de ver algum significado naquilo e teve que perguntar a si mesmo com esforço:

— Para que diabos alguém precisa de dinheiro?

Marguerite apoiara os braços em seus joelhos e permanecia muito rígida entre suas pernas.

Lindner resmungou:

— Ah, deixe que ela vá embora. — E para Marguerite: — Fora daqui, a gráfica não é lugar para crianças.

Marguerite lhe lançou um olhar raivoso. Ela agarrou o dedo de Huguenau de novo e começou a puxá-lo em direção à porta.

— Mais calma, menos pressa — disse Huguenau, levantando-se. — É com calma, não é, Senhor Lindner?

Lindner estava polindo sua máquina de novo sem que dissesse uma palavra sequer, e de repente Huguenau sentiu que havia alguma vaga afinidade entre a criança e a máquina, quase como se fossem irmãs. E como se sua segurança pudesse confortar a máquina, disse rapidamente para a criança antes de chegar à porta:

— Vou lhe dar vinte pfennigs.

Quando ela estendeu a mão, ele mais uma vez sentiu aquela curiosa dúvida sobre o valor do dinheiro e, cautelosamente, como se fosse um

mistério que só dizia respeito aos dois e não deveria ser ouvido por ninguém, nem mesmo pela máquina, puxou a criança para perto e sussurrou em seu ouvido:

— Para que você quer o dinheiro?

A pequena disse:

— Me dê.

Mas como Huguenau não fez nada, ela franziu as sobrancelhas reflexivamente. Então ela disse:

— Eu lhe conto — escapou de seu abraço e o puxou para fora da porta.

Quando estavam no pátio, já havia ficado frio. Huguenau teria gostado de pegar nos braços a menina cujo calor sentira há pouco; era injusto Esch deixar uma criança correr descalça naquela época do ano. Sentia-se um pouco constrangido e limpou seus óculos. Só quando a criança lhe estendeu de novo a mão e disse “Me dê”, foi que se lembrou dos vinte pfennigs. Mas esqueceu-se de perguntar de novo para que ela queria, abriu a carteira e retirou as duas moedas de ferro com os dedos. Marguerite as pegou e saiu correndo, e Huguenau, deixado sozinho, não soube o que fazer além de olhar mais uma vez para o pátio e os prédios. Então, partiu também.

XV

No momento em que o reservista Ludwig Gödicke reuniu as partes mais essenciais de sua alma ao redor de seu ego, ele interrompeu o doloroso processo. Seria possível argumentar que Gödicke fora, durante toda a sua vida, uma espécie de ser primitivo, e que uma busca adicional não teria aumentado as dimensões de sua alma, pois nem nos momentos mais dramáticos de sua vida havia muitos elementos à disposição de seu ego. No entanto, afirmar que Gödicke era primitivo é uma mera assertiva que não pode ser comprovada — e isso por si só invalida a objeção. Sua nova personalidade também não poderia ser descrita como primitiva; menos ainda pode-se assumir que a alma de um primitivo e o mundo que ele vê sejam escassos e, por assim dizer, toscamente esculpidos. Basta lembrar o quão mais complicada é a estrutura de uma língua primitiva em comparação com a das civilizações para perceber que tal suposição é absurda. Portanto, é impossível determinar se a escolha de Gödicke entre os elementos de sua alma foi abrangente ou não, quantos ele admitiu em sua nova personalidade e quantos excluiu. Tudo o que pode ser dito é que Gödicke andava com a sensação de ter perdido algo que antigamente lhe pertencia, algo que não era absolutamente essencial para sua nova vida, mas algo de que sentia falta e ainda assim não ousava

reencontrar, pois poderia matá-lo. E que algo realmente estava faltando era facilmente discernível pela economia de suas expressões. Ele podia andar, embora com dificuldade, podia comer, embora sem apetite, e sua digestão, como tudo relacionado à parte inferior esmagada de seu corpo, lhe causava sérios problemas. Talvez sua dificuldade em falar estivesse na mesma categoria, pois muitas vezes lhe parecia que a mesma opressão repousava em seu peito e em seus intestinos, que os anéis de ferro constringindo sua barriga também estavam apertados ao redor de seu peito e o impediam de falar. No entanto, sua incapacidade de pronunciar sequer a palavra mais curta sem dúvida decorria da economia com a qual havia composto seu ego, que previa apenas o mínimo de atividade, de modo que qualquer demanda adicional, mesmo que fosse apenas a respiração necessária para uma única palavra, significaria uma perda irrecuperável.

Assim, percorria o jardim apoiado em duas muletas, a longa barba castanha caída sobre o peito, e seus olhos castanhos, profundos, sobre as cavidades das bochechas cobertas por cabelos escuros, fitavam o vazio; usava o avental do hospital ou o casaco militar, dependendo do que a enfermeira providenciava, e sem dúvida não tinha consciência de estar em um hospital ou de que uma cidade estava diante dele, cujo nome não conhecia. O pedreiro Ludwig Gödicke havia, por assim dizer, construído um andaime para a casa de sua alma, e enquanto se movia apoiado em suas muletas, sentia-se apenas como um andaime com suportes e apoios de todos os lados; no entanto, não conseguia decidir, ou melhor, era-lhe impossível reunir as pedras e tijolos para a própria casa, e tudo o que fazia, ou mais precisamente tudo o que pensava — pois nada fazia — estava relacionado apenas com o andaime, com a elaboração desse andaime e todas as suas escadas e passagens, um andaime que se tornava mais complexo a cada dia e precisava de uma sustentação cuidadosa: um andaime que existia por si só, embora seu propósito fosse um propósito real, pois invisivelmente no centro do andaime, e ainda assim em cada viga de suporte, o ego de Ludwig Gödicke estava precariamente suspenso e precisava ser preservado da tontura. O Dr. Flurschütz costumava pensar em encaminhar aquele homem para um hospital psiquiátrico. Mas o Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck opinava que o estado de choque do paciente era apenas o resultado de suas experiências, e não orgânico, e que o paciente se recuperaria com o tempo. E como ele se tornara um paciente silencioso, fácil de lidar, concordaram em mantê-lo até que se recuperasse por completo das lesões corporais.

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (2)

Muito do que só em versos se pode expressar
Parece absurdo a quem tão-só se exprime em prosa;
Versos dispensam a tarefa rigorosa
E cantando se diz bem melhor; o guaíar
Dorido que, na noite embriagando o dia,
Como espectros diários, vem do coração,
Como os cantos do Exército de Salvação:
Não se ri, ao ruflar tambor e tamborim.
Sem vergonha, Marie a cada estrada atalha,
Perambulando pelos bares de Berlim,
Mal trajada com farda e com chapéu de palha.
Ela era uma garota à flor da juventude,
Cujo canto se erguia em tênue toada
Sem sentido, apesar de surgir alada.
E Marie recorria a albergues amiúde,
De cujo corredor cinzento, desde cedo,
Cheirava a chaminé torva e a repolho azedo;
Onde o asseio exalava por gretados;
No estio, sentia-se às espáduas a friagem;
Numa antessala, ficam os velhos sentados,
Com mau hálito à boca e com pés suados...
Ei-la a morar ali; a entrar pela passagem;
Eis sua alcova, sobre cuja cabeceira
Havia um crucifixo feito de madeira;
Ei-la ajoelhada e grata pelo mal sofrido,
A contemplar o alto, à espera do chamado,
Que lhe dará do Céu o Crucificado.

Sua noite era canção, tendo ela adormecido.
Mas de manhã banhava-se com água fria,
Pois ferver a água ali na casa se proibia;
A luz do céu ainda estava acinzentada,
O ar era ameno e, às vezes, qual vela molhada
Que costuma estender-se e também rebentar.
Nessa hora, há muito desespero e crueldade:
Quem aceita a alegria ou a perenidade
De uma nova manhã, de beleza sem par?
Ou, neste dia que amanhece desolado,
Faça enfim a amizade que tanto quisera?
Marie, sem saber, faz café e, de bom grado,
Varre, esfrega a vidraça, espaneja e até encera;
Depois descansa: simples ações que compensam,
Pois as coisas e a vida têm um ar de bênção.

XVII

Era raro quando Hanna Wendling ia à cidade. Odiava o trajeto; não apenas a poeirenta estrada principal, o que seria compreensível, mas também a trilha ao longo do rio. No entanto, a trilha levava apenas vinte e cinco minutos, e a estrada principal apenas um quarto de hora. Ela sempre teve um profundo desgosto pelo caminho até a cidade, mesmo na época em que ainda ia diariamente buscar Heinrich no escritório. Mais tarde, teve o carro à sua disposição, mas apenas por alguns meses, pois então veio a guerra. Hoje foi o Dr. Kessel quem a levou para a cidade em seu cabriolé.

Fez algumas compras. Seu novo vestido alcançava apenas os tornozelos, e sentia-se como se as pessoas estivessem olhando para seus pés. Tinha certo senso intuitivo para a moda, e sempre teve; antecipava uma moda da mesma forma que certas pessoas sabem que vão acordar em determinada hora sem precisar olhar para o relógio. Para ela, revistas de moda apenas lhe davam uma confirmação tardia. E o fato de as pessoas olharem para seus pés também era uma espécie de confirmação. Naturalmente, há muitas pessoas que conseguem acordar pontualmente, e muitas mulheres com um senso intuitivo para a lógica imanente da moda, mas o homem ou mulher que possui um

dom desse tipo costuma se considerar único. Então, Hanna Wendling se sentia um pouco orgulhosa, e mesmo que tivesse apenas uma vaga intuição de que seu orgulho era injustificado, ainda assim um leve sentimento de culpa a assaltou quando viu as mulheres emaciadas em filas diante das padarias. Porém, quando refletiu que qualquer mulher com o menor senso de moda poderia muito bem encurtar sua saia, pois isso poderia ser feito praticamente sem despesas — a empregada, apesar da nova barra, cosera a dela em uma hora —, então seu orgulho não parecia afinal injustificado, e como o orgulho coloca alguém de bom humor, Hanna Wendling não ficou irritada com as unhas sujas do verdureiro, nem com as moscas zunindo ao redor da loja, e, nesse momento, até mesmo o fato de seus sapatos estarem empoeirados mal a incomodou. Enquanto passeava pelas ruas, parando diante de uma vitrine, depois de outra, tinha incontestavelmente aquela aparência virginal ou de freira — algo que costumava ser observado durante a guerra — que se vê em mulheres que foram separadas de seus maridos por muito tempo e que lhes permaneceram fiéis. No entanto, apenas por Hanna Wendling sentir-se um pouco orgulhosa naquele momento, seu rosto se abriu, e aquele véu suave e indefinível que pode pairar sobre o rosto dessas mulheres como um prenúncio furtivo da idade avançada foi afastado por alguma mão invisível. Seu rosto era como o primeiro dia de primavera após um longo e rigoroso inverno.

Dr. Kessel, que estava fazendo rondas pela cidade antes de ir para o hospital, deveria deixá-la em casa; ela havia combinado de encontrá-la na farmácia. Quando ela chegou lá, o cabriolé já estava lá e o Dr. Kessel conversava com o farmacêutico Paulsen. Não havia necessidade de dizer a Hanna Wendling o que pensar do farmacêutico Paulsen; sim, ela talvez soubesse, indo além deste caso individual, que todos os homens que sabem que foram traídos pelas suas esposas demonstram uma galanteria especial e particularmente vazia para com outras mulheres; e ainda assim ela ficou lisonjeada quando ele disse:

— Que visita encantadora, como um lindo dia de primavera!

Por mais que Hanna Wendling costumasse rejeitar radicalmente e descartar as pessoas de imediato, naquele dia, em que se sentia relaxada e livre, ela estava até aberta aos elogios vagos de um farmacêutico — era uma oscilação de um extremo ao outro, uma hesitação entre o fechamento total e o distanciamento total, uma atitude excessiva, como é comum em pessoas tensas, e que sem dúvida não é o excesso dos papas renascentistas, mas sim a falta de apoio e a insignificância de uma pessoa burguesa que carece de instintos de valor. Pelo menos pode-se afirmar que foi uma falta de instinto de valor que fez então com que Hanna Wendling, que se sentara no banco de veludo vermelho da farmácia, lançasse um olhar amigável

para o farmacêutico Paulsen e desse um significado à sua poesia. Acreditou e desacreditou ao mesmo tempo. Sim, ela ficou extremamente zangada com o Dr. Kessel, que foi chamado ao hospital militar por dever de ofício, porque ele precisou chamá-la para partir, e quando ela se sentou ao lado dele no carro, o véu havia se espalhado de novo sobre seu rosto.

Ela foi monossilábica no caminho, monossilábica em casa. Mais uma vez, não entendeu por que resistia tanto em voltar para a casa do pai em Frankfurt durante a guerra. O fato de ser mais fácil procurar refeições na pequena cidade, de ela não poder sair sozinha da vila, de o ar ali ser mais propício ao menino, eram falsos motivos que apenas serviam para disfarçar o estranho estado de distanciamento, um distanciamento que não podia ser negado. Ela era tímida com as pessoas, e foi isso que disse ao Dr. Kessel: “Tímida com as pessoas”, ela repetiu, e, ao dizer, foi como se Heinrich fosse o culpado, assim como o culpava pelo almofariz de latão da cozinha ter sido entregue à coleta de metal. Esse misterioso distanciamento estendeu-se até ao menino. Quando ela acordava no meio da noite, era difícil imaginar que o menino estava dormindo no quarto ao lado e que aquele era seu filho. E quando ela tocava algumas notas no piano, não era mais sua mão que fazia isso, mas sim os dedos imóveis de outra pessoa, e ela sabia que perderia até mesmo a música. Hanna Wendling foi ao banheiro para se lavar da manhã citadina. Então olhou-se com cuidado no espelho, tentando ver se aquele ainda era seu rosto. Ela o encontrou, mas achou-o tão estranhamente velado e, embora gostasse dele assim, ainda culpava Heinrich por isso.

Aliás, ela agora se via muitas vezes sem lembrar o nome do marido, e o chamava da mesma forma que costumava chamá-lo na frente dos criados: Dr. Wendling.

XVIII

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (3)

Durante algumas semanas, perdi de vista Marie, a garota do Exército de Salvação. Berlim naquela época se assemelhava — ora, a que ou a quem se assemelhava? Os dias eram cálidos; o asfalto parecia amolecido, até mesmo em alguns lugares esburacado, pois nada era consertado; as mulheres estavam por toda parte, exercendo funções de

chefia como condutoras e coisas do tipo; as árvores nas ruas murchavam na própria primavera, parecendo crianças com rostos de velhos, e sempre que o vento soprava, poeira e pedaços de papel rodopiavam; Berlim tornara-se mais interiorana, mais natural, por assim dizer, e mesmo assim isso a tornava ainda mais artificial, como se fosse uma imitação de si mesma. Na casa onde eu morava, dois ou três quartos eram ocupados por refugiados judeus da região de Lodz, e eu nunca consegui descobrir quantos eram e como estavam relacionados entre si; havia homens velhos com botas russas e cachos nas têmporas, e um que eu conheci tinha sapatos de fivela e meias brancas até o joelho sob o caftã, no estilo do século XVIII; havia homens que usavam casacos um pouco mais compridos apenas para sugerir o caftã, e jovens de aparência notavelmente suave com barbas loiras e felpudas que cresciam como barbas teatrais. De vez em quando, aparecia um homem em uniforme cinza de serviço, e até mesmo seu uniforme tinha um toque de caftã. E às vezes vinha um homem de idade indefinida, vestido com roupas comuns da cidade, e sua barba marrom era raspada formando uma franja quadrada como a de Oom Paul Kruger, e deixada por fazer apenas nas têmporas. Ele sempre carregava uma bengala com uma alça de gancho antiquada e um *pince-nez* em um cordão preto. Eu logo o tomei por um médico. Naturalmente, também havia mulheres e crianças, matronas com perucas falsas, e jovens vestidas, curiosamente, na última moda.

Com o tempo, peguei algumas palavras do alemão iídiche que eles falavam. Mas, é claro, eu nunca os entendia realmente. Ainda assim, parecia que achavam isso inconcebível, pois sempre que eu me aproximava, interrompiam a tagarelice gutural que saía de maneira tão estranha das bocas desses anciãos dignos, e olhavam-me com timidez. À noite, costumavam se sentar juntos em seus quartos sem iluminação, e de manhã, quando eu entrava no corredor que estava sempre cheio de roupas de todos os tipos, no meio do qual a empregada escovava sapatos, muitas vezes eu encontrava um dos homens mais velhos em pé na janela. Ele tinha seus filactérios amarrados na testa e nos pulsos, balançava o torso no ritmo da escovação do sapato e, de vez em quando, beijando as franjas de seu manto, recitava a uma velocidade apaixonada, com febris lábios murchos, febris palavras murchas, voltado para a janela. Talvez porque a janela se voltasse para o Leste.

Sentia-me tão fascinado pelos judeus que passava muitas horas diárias observando-os em silêncio. No corredor, havia dois cromolitógrafos de cenas rococós, e eu não pude deixar de me perguntar se os judeus realmente podiam ver essas imagens e muitas outras coisas com os mesmos olhos que nós e ler nelas o mesmo significado. E obcecado por essas preocupações, esqueci-me por

completo de Marie do Exército de Salvação, embora de alguma forma eu sentisse que ela não estava desvinculada deles.

XIX

O Tenente Jaretzki teve o braço amputado. Acima do cotovelo. Kuhlénbeck fez o serviço minuciosamente. O que restava de Jaretzki estava sentado no jardim do hospital, ao lado das moitas, observando a macieira florescer.

Inspeção do comandante da cidade.

Jaretzki levantou-se, tentou pegar sua mão doente, mas só encontrou o vazio. Então ficou em posição de sentido.

— Bom dia, senhor tenente, está se recuperando bem, vejo eu!

— Sim, senhor, mas está faltando uma boa parte de mim.

Quase parecia que o Major Von Pasenow se sentia responsável pelo braço de Jaretzki, pois disse:

— É uma guerra terrível... não quer se sentar de novo, Senhor Tenente?

— Obrigado, senhor major.

O major perguntou:

— Onde você foi ferido?

— Não fui ferido, senhor... gás.

O major olhou para o toco do braço de Jaretzki:

— Não entendo... pensei que o gás sufocasse um homem...

— Também pode ter esse tipo de efeito, senhor.

O major refletiu por um tempo. Então afirmou:

— Uma arma desonrosa.

— Sem dúvida, senhor.

Ambos se lembraram de que a Alemanha também usava essa arma desonrosa. Mas não o mencionaram.

O major perguntou:

— Quantos anos o senhor tem?

— Vinte e oito, senhor.

— No início da guerra, não havia gás.

— Não, senhor, acredito que não.

O sol iluminava o longo muro amarelo do hospital. Algumas nuvens brancas pairavam no céu azul. A brita da trilha do jardim estava firmemente enterrada na terra negra, e na borda do gramado rastejava uma minhoca. A macieira era como um grande buquê claro.

O cirurgião-chefe, vestindo seu jaleco branco, saiu da casa em direção a eles.

O major disse:

— Espero que o senhor se recupere em breve.

— Agradeço muito, senhor major — respondeu Jaretski.

XX

A decadência dos valores (2)

Talvez o horror desta época seja mais evidente nas experiências arquitetônicas: sempre volto para casa exausto e deprimido após uma caminhada pelas ruas. Nem mesmo preciso olhar para as fachadas das casas; elas me perturbam sem que eu erga os olhos para elas. Às vezes, busco consolo nos prédios “modernos” tão elogiados, mas — e ali na certa estou em falta — o armazém projetado por Messel, que é sem dúvida um grande arquiteto, parece-me apenas uma espécie de gótico cômico, e é o efeito cômico que me irrita e deprime. Isso me deprime tanto, que olhar para prédios no estilo clássico mal basta para me recompor. E mesmo assim, admiro a nobre clareza da arquitetura de Schinkel.

Estou convencido de que nunca antes o homem recebeu as expressões arquitetônicas com desgosto e repugnância; isso foi reservado para o nosso tempo. Até o desenvolvimento do classicismo, construir era uma função natural. Pode ser que as pessoas nem mesmo notassem os novos prédios, assim como mal se percebe uma árvore recém-plantada, mas se o olhar de um homem recaísse sobre eles, via que eram bons e naturais; foi assim que Goethe via os prédios de sua época.

Certamente não sou esteta, nunca fui, embora possa ter dado essa impressão involuntariamente. Também não tenho qualquer inclinação pelo sentimentalismo que anseia pelo passado, transfigurando épocas que se foram. Não, por trás de todo meu repúdio e cansaço, há uma convicção muito positiva, a convicção de que nada é mais importante para uma época do que seu estilo. Não há época na história da humanidade que revele seu caráter senão por meio de seu estilo, e, acima de tudo, pelo estilo de seus edifícios; na verdade, nenhuma época merece esse nome senão na medida em que possui um estilo.

Pode-se objetar que minha fadiga e irritação são resultados de minha subnutrição. Pode-se apontar que esta época tem seu próprio estilo muito sugestivo, de máquinas, canhões e concreto, e que algumas gerações precisarão passar antes que seja reconhecido. Ora, toda

época tem alguma reivindicação estilística; mesmo as eras experimentais, apesar de seu ecletismo, tinham um tipo de estilo. E eu até estou disposto a admitir que, em nosso tempo, a técnica simplesmente ultrapassou o esforço criativo, que ainda não conseguimos extrair de nosso novo material suas formas adequadas de expressão, e que toda a falta de proporção perturbadora surge de um propósito ainda não totalmente dominado. Por outro lado, ninguém pode negar que o novo tipo de construção, seja porque seu material é recalcitrante ou seus construtores são incapazes, perdeu algo, até mesmo abandonou deliberadamente algo que não poderia deixar de abandonar, uma falta que o distingue fundamentalmente de todos os estilos anteriores: o uso característico do ornamento. Claro que essa renúncia pode ser elogiada como uma virtude, na suposição de que somos os primeiros a descobrir princípios de economia estrutural que nos permitem dispensar excrescências ornamentais. Mas não é esse termo “economia estrutural” apenas uma expressão moderna? Pode-se afirmar que o gótico ou qualquer outro estilo não foi construído com economia estrutural? Aquele que considera o ornamento como mero acessório não compreendeu a lógica interna da estrutura. O “estilo arquitetônico” é lógica, uma lógica que governa todo o edifício, desde a sua fundação até sua silhueta. Dentro desse sistema lógico, o ornamento é apenas a última, a mais diferenciada expressão em pequena escala da concepção unificada e unificadora do todo. Se é uma incapacidade de usar ornamentos ou uma renúncia a eles, não faz diferença; o resultado é que as estruturas arquitetônicas desta época se distinguem nitidamente de todos os estilos anteriores.

Mas de que adianta reconhecer isso? O ornamento não pode nem ser criado pelo ecletismo, nem artificialmente inventado sem cair nas absurdidades cômicas de um Van der Velde. Resta-nos uma profunda inquietação e a consciência de que esse estilo de construção, que já não é um estilo, é meramente um sintoma, um presságio de um estado de espírito que deve ser o antiespírito desta antiépoca. Apenas olhar para isso me cansa. Se pudesse, nunca mais sairia de casa.

XXI

Além do fato de a comida na pousada ser cara e Huguenau não querer se permitir esse luxo até encontrar uma nova posição, ele tinha a clara sensação de que suas transações iminentes poderiam ser prejudicadas se o major o visse com muita frequência. Novas discussões apenas estragariam o efeito que ele causara e não trariam benefícios. Pareceu mais vantajoso que o major o esquecesse até se reencontrarem na sexta-feira. Assim, Huguenau fez suas refeições em

um estabelecimento mais simples e só reapareceu na sala de jantar na sexta-feira à noite.

Ele não havia calculado em vão. Lá estava o major, que parecia de todo surpreso quando Huguenau se aproximou rapidamente e agradeceu outra vez pelo convite tão amigável e lisonjeiro.

— Ah, sim — disse o major, que então se lembrava. — Ah, sim. Vou apresentá-lo aos senhores.

Huguenau agradeceu de novo e sentou-se modestamente em outra mesa. Mas quando o major terminou sua ceia e olhou para cima, Huguenau lhe sorriu e levantou-se um pouco, mostrando que estava à disposição dele. Em seguida, foram juntos para a pequena sala ao lado, onde acontecia o encontro de sexta-feira dos senhores da cidade.

Os senhores estavam presentes em peso, até mesmo o prefeito estava lá. Huguenau não conseguia se lembrar de todos os seus nomes. Assim que entrou, teve a sensação de ser recebido com simpatia e uma premonição de completo sucesso. Essa sensação não o enganou. A maioria da companhia já sabia de sua presença na cidade e na pousada. Evidentemente, ele havia se tornado tema de especulação, e já demonstravam o mais caloroso interesse em suas propostas, como ele informou mais tarde a Esch. A noite terminou com resultados inesperadamente positivos.

Aquilo não era surpreendente. Os senhores tinham a impressão de estarem participando de um conciliábulo secreto, que era ao mesmo tempo uma espécie de tribunal sumário contra o rebelde Esch. E se Huguenau obteve uma audiência tão excepcionalmente favorável, não foi apenas por causa de seu intenso desejo de conquistá-los, nem por causa de sua segurança sonâmbula, mas também porque ele não era de forma alguma um rebelde, sendo antes alguém que cuidava de si mesmo e de seus próprios interesses, e falava, conseqüentemente, uma linguagem que os outros entendiam.

Huguenau poderia facilmente convencer os senhores a subscrever os vinte mil marcos exigidos por Esch. Mas ele não o fez. Um medo secreto o advertia de que tudo deveria permanecer no terreno do provisório e do apenas plausível, porque a verdadeira segurança sempre paira além ou acima do real, e qualquer solidez excessiva é perigosa, como uma opressão inexplicável. Isso pode parecer sem sentido, mas, como toda absurdistade admite alguma explicação razoável, a explicação de Huguenau ali era perfeitamente razoável e, de maneira estranha, levava à mesma conclusão: se ele exigisse ou aceitasse muito dinheiro daquelas pessoas, uma delas poderia se sentir compelida a indagar sobre suas credenciais; mas se ele fosse reservado e recusasse grandes subscrições, imputando ao seu próprio grupo fictício a maior parte do capital investido, então eles não poderiam deixar de vê-lo como o genuíno representante do grupo industrial

mais capitalizado do império (Krupp). E realmente ninguém duvidava disso; no final, o próprio Huguenau acabou acreditando nisso. Ele declarou que não estava em posição de oferecer aos seus estimados amigos uma participação maior do que um terço dos vinte mil marcos propostos, ou seja, seis mil e seiscentos marcos no total; no entanto, estava disposto a renegociar com seu grupo para descobrir se, em vez da maioria de dois terços, eles ficariam satisfeitos com uma simples participação de 51%, e ele também aceitaria sugestões antecipadas para futuras expansões de capital; até aquele momento, no entanto, os senhores teriam que se contentar com a pequena quantia mencionada.

Os senhores ficaram naturalmente decepcionados, mas não havia nada a fazer. Ficou acordado que receberiam certificados provisórios de ações em troca de seus pagamentos assim que Huguenau completasse a aquisição do *Correio do Eleitorado de Trier*, e que depois de uma nova sondagem do grupo central, a empresa consolidada seria estabelecida como uma sociedade de responsabilidade limitada ou talvez até mesmo como um sindicato. Os futuros acionistas sonhavam com futuras reuniões de diretores, e a noite terminou com vivas para os exércitos aliados e para Sua Majestade, o Kaiser.

Quando acordou, Huguenau colocou a mão sob o travesseiro; ali costumava guardar sua carteira durante a noite, por segurança. Tinha a agradável sensação de possuir vinte mil marcos, e, embora soubesse que sua carteira não continha nem mesmo os seis mil e seiscentos marcos que receberia dos senhores locais apenas após a conclusão da aquisição do *Correio*, e que tudo o que restava nela era um saldo de 185 marcos, insistia possuir vinte mil. Possuía vinte mil marcos, e pronto.

Contra o seu costume habitual, permaneceu deitado na cama por um tempo. Se tivesse vinte mil marcos, seria uma loucura entregá-los a Esch, simplesmente porque o homem pedia muito por seu jornal insignificante. Todo preço permite negociação, e ele conseguiria barganhar com Esch — Esch podia contar com isso. Quatorze mil marcos já seria mais do que suficiente, e resultaria em um benefício privado de seis mil. A questão era apenas ser habilidoso para que ninguém percebesse que Esch não receberia os vinte mil inteiros. Poderia chamar isso de reserva de capital, ou anunciar que o grupo industrial estava satisfeito com uma maioria simples em vez dos dois terços, ou algo assim. Algo sem dúvida ocorreria a ele! E Huguenau pulou alegremente da cama.

Quando apareceu no escritório do *Correio*, ainda era bastante cedo. Ele caiu sobre o atônito Senhor Esch com os mais violentos reproches por ter deixado seu jornal chegar àquele ponto. Era chocante, as coisas que ele, Wilhelm Huguenau, que afinal de contas não era de forma alguma responsável pelo Senhor Esch, teve que ouvir sobre o jornal nos últimos dois dias. Como intermediário, naturalmente, era algo que poderia deixá-lo indiferente, mas partia o coração, sim, era desolador ver um bom negócio como aquele sendo arruinado de forma tão negligente; um jornal vive de sua reputação, e quando sua reputação vai à falência, ele próprio também vai. Como as coisas estavam, parecia que o Senhor Esch administrara de tal forma que o *Correio do Eleitorado de Trier* já era uma triste proposta invendável.

— O senhor deve ver por si mesmo, meu caro Esch, que deveria de fato pagar algo a quem assumir o jornal, em vez de exigir dinheiro dele.

Esch ouviu com uma expressão desolada; depois, fez uma careta de desprezo. Mas Huguenau não se deixou abalar:

— Não é uma questão para sorrir, meu caro amigo Esch, é mortalmente séria, aparentemente muito mais séria do que o senhor

pensa.

A ideia de obter lucro estava fora de cogitação, e mesmo que não se desista de toda esperança, seria possível apenas com a ajuda de sacrifícios tremendos, sim, sacrifícios, meu caro Esch. Se entre seus amigos, como ele esperava e acreditava, houvesse alguns homens abnegados dispostos a assumir aquele esquema totalmente sem sentido, porque eram idealistas, então o Senhor Esch poderia simplesmente considerar aquilo como uma sorte, uma sorte que talvez só se encontre uma vez na vida; pois, graças a circunstâncias singularmente favoráveis e suas habilidades muito eficientes como negociador, ele poderia talvez reunir, apesar de tudo, uma quantia redonda de dez mil marcos para Esch, e se Esch não aproveitasse, então ele apenas lamentava ter perdido tempo tratando os assuntos de Esch, que não lhe diziam respeito, em absolutamente nada.

— Então, deixe pra lá! — gritou Esch, batendo na mesa com o punho.

— Peço desculpas. Claro que posso deixar pra lá... mas não entendo por que o senhor fica tão irritado quando alguém não aceita de imediato suas ideias fantásticas sobre o valor do jornal.

— Eu não fiz exigências fantásticas... o jornal vale vinte mil, é um preço de amigo.

— Ora, mas o senhor não percebe que eu realmente aceito sua avaliação? Pois deve convir que o comprador terá que gastar pelo menos mais dez mil para colocar o jornal em pé de novo... e trinta mil seria de fato exorbitante, concorda?

Esch ficou pensativo. Huguenau sentiu que estava no caminho certo:

— Agora, vejo que o senhor será razoável... Eu não quero pressionar, é claro... O senhor só deveria pensar nisso durante a noite...

Esch andou de um lado para o outro na sala. Então disse:

— Eu gostaria de discutir com minha esposa.

— Faça isso, à vontade... apenas não demore muito para decidir... Dinheiro fala, meu caro Senhor Esch, mas não espera — levantou-se.

— Voltarei amanhã para saber o que decidiu... e, enquanto isso, por favor, apresente meus cumprimentos à sua distinta esposa.

XXIII

O Dr. Flurschütz e o Tenente Jaretzki saíram do hospital em direção à cidade. A estrada estava cheia de buracos e valas, abertos pelos caminhões que já rodavam com pneus no arame, pois não havia mais borracha. Uma fábrica de papelão betuminoso desativada erguia finas chaminés de zinco preto no ar silencioso. No bosque, os pássaros

cantavam. A manga de Jaretzki estava presa com um alfinete de segurança no bolso de sua farda militar.

— Curioso — disse Jaretzki —, desde que me livreí do braço esquerdo, o direito pende como um peso. Quase sinto como se quisesse amputá-lo também.

— O senhor é um sujeito simétrico, parece... engenheiros têm um senso para simetria.

— Sabe, Flurschütz, às vezes esqueço-me completamente de que já fui engenheiro... O senhor não entenderá, pois permanece em sua profissão.

— Não, dificilmente se pode dizer isso... eu era mais biólogo do que médico, na verdade.

— Enviei uma candidatura para a Companhia Elétrica Geral, há uma escassez de mão de obra qualificada em todos os lugares, claro... mas simplesmente não consigo me imaginar sentado de novo diante de uma prancheta... O que o senhor acha, quantos foram mortos no total?

— Não sei, cinco milhões, dez milhões... talvez vinte, antes que termine.

— Estou completamente convencido de que nunca pode chegar ao fim... isso vai continuar assim eternamente.

O Dr. Flurschütz parou:

— Olha, Jaretzki, o senhor consegue entender como podemos caminhar tão pacificamente aqui, como a vida continua tão pacata aqui, enquanto a poucos quilômetros estão atirando alegremente uns nos outros?

— Ora, há muitas coisas que eu não entendo... além disso, nós dois já fizemos a nossa parte lá fora...

O Dr. Flurschütz tateou mecanicamente sob a aba de seu boné pela cicatriz de bala:

— Não era isso que eu queria dizer... isso foi no início, quando nos lançamos porque estávamos envergonhados de ficar para trás... mas agora, por direito, deveríamos estar ficando loucos.

— Ainda não chegou a isso... não, obrigado, melhor se embebedar...

— Ora, o senhor segue a receita bastante minuciosamente.

O vento trouxe o cheiro de alcatrão para eles, vindo da fábrica de papelão betuminoso desativada. O Dr. Flurschütz, magro e curvado, com sua barba loira hirsuta e seus óculos, parecia um tanto desajeitado em seu uniforme. Ficaram em silêncio por um tempo.

A estrada descia. As casas térreas dispersas, construídas nos últimos tempos nos arredores da cidade, alinhavam-se em fileiras e pareciam pacíficas. Em todos os jardins da frente, cultivavam-se legumes mirrados.

Jaretzki disse:

— Não é muito agradável viver o ano todo com esse cheiro de alcatrão.

Flurschütz respondeu:

— Estive na Romênia e na Polônia. E o senhor sabe... em todos os lugares as casas tinham a mesma aparência pacífica... com as mesmas placas de comércio, mestre de obras, serralheiro, e assim por diante... Em um abrigo perto de Armentières, uma vez vi uma placa, era uma das vigas do teto, "*Tailleur pour Dames*"... Talvez seja tolice, mas só naquele momento me ocorreu a completa loucura de toda a guerra.

Jaretzki respondeu:

— Com meu único braço, acho que poderia conseguir algum trabalho no exército como engenheiro.

— Isso seria melhor do que na Companhia Elétrica Geral?

— Não, eu não tenho mais preferências... talvez eu me aliste de novo com meu braço restante... para lançar granadas, um braço seria suficiente... me ajude a acender este cigarro.

— O que você bebeu hoje, Jaretzki?

— Eu? Nada que valha a pena mencionar, eu me mantive sóbrio pelo vinho que vou lhe apresentar em breve.

— Ora, e quanto à Companhia Elétrica Geral?

Jaretzki riu:

— Para ser honesto, é apenas uma tentativa sentimental de voltar à vida civil, com uma carreira pela frente, nada mais dessa vagabundagem, talvez casar... mas o senhor acredita tão pouco nisso quanto eu.

— Por que diabos eu não acreditaria nisso?

Jaretzki pontuou sua resposta com o cigarro:

— Porque... a... guerra... nunca... pode... acabar... quantas vezes eu preciso dizer isso?

— Isso também seria uma solução — disse Flurschütz.

— É a única solução.

Chegaram ao portão da cidade... Jaretzki colocou o pé na calçada, tirou o lenço do bolso e, com o cigarro torto na boca, sacudiu a poeira da estrada de seus sapatos. Então, alisou o bigode escuro e, passando pelo fresco arco do portão, entraram na rua estreita e silenciosa.

XXIV

A decadência dos valores (3)

Aprimazia do estilo arquitetônico entre as características de uma época é um fenômeno muito curioso. Porém, em geral, também o é a posição singularmente privilegiada que a arte plástica manteve na história. Afinal, não passa de um pequeno período da totalidade das atividades humanas que preenchem uma era, e sem dúvida não é sequer um período especialmente espiritual, e ainda assim, em poder de caracterização, supera todas as outras áreas do espírito, supera a poesia, supera até mesmo a ciência, até mesmo a religião. O que perdura ao longo de milênios é a obra de arte plástica, que permanece como o expoente da época e de seu estilo.

Isso não pode ser atribuído apenas à durabilidade do material utilizado; a maior parte do papel impresso dos últimos séculos sobreviveu e, no entanto, qualquer estátua gótica é mais “medieval” do que toda a literatura medieval. Não, essa seria uma explicação muito inadequada — se houver uma, ela deve ser encontrada na natureza intrínseca do conceito de estilo em si.

Pois o estilo sem dúvida não é algo limitado apenas à arquitetura e à arte plástica; o estilo é algo que permeia uniformemente todas as expressões de vida de uma época. Seria contra toda razão considerar o artista como uma exceção entre os seres humanos, como alguém que leva uma espécie de existência peculiar dentro do estilo que ele mesmo produz, enquanto os outros permanecem excluídos.

Não, se existe tal coisa como estilo, então todas as manifestações humanas são permeadas por ele, de modo que o estilo de um período está tão indubitavelmente presente em seu pensamento quanto em qualquer outra atividade humana da época. E somente partindo desse fato, que deve ser assim porque não pode ser de outra forma, podemos encontrar uma explicação para o notável fato de que precisamente aquelas atividades que se manifestam em termos espaciais adquiriram uma significância extraordinária e, no verdadeiro sentido da palavra, visível.

Talvez seja inútil considerar isso com muita curiosidade, se não houver um problema subjacente que justifique todo o filosofar: a angústia do nada, a angústia do tempo, que nos conduz à morte. E talvez toda a inquietação que a má arquitetura evoca, levando-me a me esconder em casa, talvez não seja nada mais do que essa angústia. Pois seja o que for que o homem faça, ele o faz para aniquilar o tempo, para revogá-lo, e essa revogação é chamada de espaço. Até mesmo a música, que existe apenas no tempo e o preenche, transforma o tempo em espaço, e é em grau máximo provável que todo pensamento ocorra em um mundo espacial, que o processo de pensamento represente uma combinação de espaços logicamente

estendidos e multidimensionais de maneira indescritivelmente complicada. Mas se isso for verdade, então também fica claro por que todas aquelas atividades que estão imediatamente relacionadas ao espaço alcançam uma significância e uma evidência que nunca podem ser alcançadas por qualquer outra atividade humana.

E nisso também pode ser vista a peculiar significância sintomática do ornamento. Pois o ornamento, desvinculado de toda atividade com propósito, embora produzido por ela, torna-se a expressão abstrata, a “fórmula” de todo o complexo do pensamento espacial, torna-se a fórmula do estilo em si e, com isso, a fórmula de toda uma época e de sua vida.

E é nisso, parece-me, que reside a significância, uma significância que eu poderia chamar quase de mágica, do fato de que uma época que está completamente sob o domínio da morte e do inferno deve viver em um estilo que não pode mais dar origem ao ornamento.

XXV

Se naquela época não estivesse prevista a construção da casa, Hanna Wendling talvez não teria se apaixonado pelo jovem advogado provinciano. Mas, em 1910, todas as jovens das famílias burguesas de melhor classe liam *Estúdio, Decoração interior, Arte e decoração alemãs*, e possuíam uma obra chamada *Móveis ao estilo inglês*; suas preconceções eróticas sobre o casamento estavam intimamente ligadas a problemas de arquitetura. A casa dos Wendling, ou “Casa das Rosas”, como indicavam as letras barrocas em seu frontão, correspondia modestamente a esses ideais. Tinha um telhado bastante inclinado, com beirais baixos; querubins em maiólica ao lado da porta da frente exibiam símbolos de amor e fertilidade; havia um saguão inglês com uma lareira de tijolos rústicos, em cujo mantel se exibiam quinquilharias de latão. Custara-lhe muito trabalho e prazer encontrar, para cada móvel, sua posição apropriada, de modo que se pudesse estabelecer um equilíbrio arquitetônico geral. Quando tudo estava pronto, Hanna Wendling teve a sensação de que ela e somente ela estava ciente da perfeição daquele equilíbrio, mesmo que Heinrich também tivesse uma parcela no conhecimento, mesmo que uma grande parte de sua felicidade conjugal consistisse nessa consciência mútua da harmonia e contraponto secretos exemplificados na disposição dos móveis e quadros.

Ora, os móveis não haviam sido movidos desde então; pelo contrário, um rigoroso cuidado fora tomado para não alterar nem um centímetro a disposição original; e ainda assim, tornara-se diferente: o que acontecera? O equilíbrio pode sofrer depreciação, a harmonia pode se

desgastar? No início, ela não estava consciente de que a apatia estava por trás disso — sua emoção positiva simplesmente recaíra na neutralidade, e somente quando se transformou em uma condição negativa é que se tornou perceptível: não era que a casa ou a disposição dos móveis já se tornasse repugnante para ela, pois isso poderia ter sido superado mudando a disposição dos móveis; não, era algo mais profundo. A maldição do fortuito e do acidental espalhara-se sobre as coisas e as relações entre elas, e não se poderia imaginar qualquer disposição que não fosse tão fortuita e arbitrária quanto aquela existente. Nisto, sem dúvida, havia certa confusão, certa escuridão, de fato quase um perigo, sobretudo por não haver motivo para que aquela insegurança em arquitetura não se estendesse a outros assuntos sentimentais, até mesmo às questões de moda: esse pensamento era particularmente alarmante, e embora Hanna Wendling soubesse muito bem que havia problemas mais importantes e difíceis, talvez nada a assustasse mais do que a ideia de que até mesmo as revistas de moda poderiam perder seu atrativo, e que um dia ela poderia olhar sem encanto, sem interesse, sem compreensão, para a própria revista *Vogue*, de que sentira tanta falta durante esses quatro anos de guerra.

Quando se pegava imersa em tais pensamentos, ela os chamava de fantásticos, embora, na verdade, fossem essencialmente muito mais sóbrios do que fantásticos, preenchidos por uma espécie de desencanto que só era fantástico na medida em que nenhuma embriaguez o havia precedido, mas sim uma decepção subsequente e adicional que se sobrepunha a um estado que já era sóbrio e quase normal, de modo que, de certa forma, tornava-se ainda mais normal e acabava em negação. Tais avaliações devem sempre, naturalmente, ser relativas até certo ponto; a linha divisória entre sobriedade e embriaguez nem sempre pode ser estabelecida, e se, por exemplo, o amor russo pela humanidade deve ser considerado embriaguez, ou se deve ser tomado como padrão para relações sociais normais, ou mesmo se todo o panorama da existência deve ser considerado embriagado ou sóbrio; todas essas questões, no final das contas, não podem ser resolvidas. No entanto, não é impossível que a sobriedade implique um estado final de entropia ou um zero absoluto, um zero absoluto para o qual todo movimento, perpetuamente e por necessidade, se esforça. E havia muitas indicações de que Hanna Wendling estava caminhando nessa direção, e, em essência, talvez ela estivesse simplesmente, como de costume, antecipando uma moda iminente; pois a entropia do ser humano implica seu isolamento absoluto, e aquilo que ele antes chamava de harmonia ou equilíbrio talvez não passasse de uma imagem, uma imagem da estrutura social, que ele fez para si mesmo e não pôde deixar de fazer, enquanto ainda era parte dela. Mas quanto

mais solitário se torna, mais desintegradas e isoladas as coisas lhe parecerão, mais indiferente deve se tornar às relações entre as coisas, e, por fim, mal será capaz de ver essas relações. Assim, Hanna Wendling caminhava pela casa, passeava pelo jardim, percorria caminhos pavimentados com mosaico no estilo inglês, e não via mais o padrão, não via mais as curvas dos caminhos brancos, e, por mais doloroso que fosse, já não era tão doloroso por ser necessário.

XXVI

Huguenau passou a aparecer diariamente na Rua Fischer para visitar o Senhor Esch. Muitas vezes, seguindo um costume comercial bem praticado, ele nem mencionava a transação que o trouxera ali, aguardava o movimento do parceiro, falando enquanto isso sobre o tempo, as colheitas e as últimas vitórias. Quando percebia que Esch não queria ouvir nada sobre as vitórias, deixava-as de lado e se limitava a falar sobre o tempo.

Às vezes, encontrava Marguerite no pátio. A criança era confiante, agarrava-se ao seu dedo e implorava-lhe para que a levasse de novo à gráfica. Huguenau dizia:

— Aham! Você está de olho em mais vinte pfennigs, não é? Mas o tio Huguenau ainda não é rico o suficiente, tudo leva seu tempo.

Mesmo assim, ele lhe dava dez pfennigs para o cofrinho:

— Ora, o que faremos quando ambos formos ricos...?

A criança olhou para o chão e não respondeu. Por fim, disse hesitante:

— Ir embora.

Por algum motivo, Huguenau se sentiu contente com essa resposta:

— Então é para isso que você precisa do dinheiro... ora, quando formos ricos, podemos ir embora juntos... Eu levo você.

Quando subia para encontrar Esch, ela costumava segui-lo, sentava-se no chão e ouvia. Ou, se não fizesse isso, pelo menos colocava a cabeça na porta e ria. Huguenau costumava dizer, porque era um tema infalível de conversa:

— Gosto de crianças.

Esch parecia apreciar isso, pois sorria, complacente:

— Uma pestinha... ela seria capaz de fazer alguém enlouquecer.

“*Haïssiez les prussiens*”, Huguenau não podia deixar de pensar, embora Esch não fosse prussiano, mas luxemburguês. Esch continuava:

— Muitas vezes pensei em adotar a pequena pestinha... nós não temos filhos.

Huguenau ficou surpreso:

— A criança de outra pessoa...

Esch disse:

— Outra ou própria... é quase a mesma coisa... a vida é bastante vazia sem uma.

Huguenau riu:

— Ora, não dá para se garantir nem com a própria criança.

Esch afirmou:

— O pai dela está internado... eu falei com minha esposa sobre adotá-la... afinal, ela é praticamente uma órfã.

Huguenau refletiu:

— Hmm, mas então o senhor teria que cuidar dela.

— É claro — disse Esch.

— Se o senhor tiver algum dinheiro disponível ou conseguir algum, por exemplo, vendendo algo, poderia fazer um seguro de vida para sua família... eu tenho contatos com várias companhias de seguros.

— De fato — disse Esch.

— Ainda bem que sou solteiro, graças a Deus, em tempos difíceis como esses, é uma vantagem imensa... mas se eu um dia constituir um lar, garantirei minha família com um capital ou algo do tipo... ora, o senhor está na posição invejável de poder fazer isso.

Huguenau se afastou.

No pátio, Marguerite o esperava.

— Você gostaria de ficar aqui?

— Onde? — perguntou a criança.

— Aqui, com o Tio Esch.

A criança olhou para ele com hostilidade. Huguenau piscou os olhos e balançou a cabeça:

— Melhor não, né?

Marguerite também riu.

— Ora, você não quer...

— Não, eu não quero.

— E você não gosta muito dele... ele é bem rigoroso com você, não é? — e Huguenau fez o gesto de bater em alguém.

Marguerite fez uma careta de desprezo:

— Não...

— E a outra... Tia Esch...?

A criança deu de ombros. Huguenau ficou satisfeito:

— Pois você não precisa ficar aqui... vamos fugir, nós dois, para a Bélgica... vem, vamos até o Senhor Lindner na gráfica.

Juntos, foram até a máquina de impressão e observaram o Senhor Lindner alimentando-a com folhas de papel.

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (4)

A sensação de que os judeus estavam me observando mostrou-se correta. Durante dois dias, eu me senti um pouco indisposto, mal toquei no meu café da manhã e saí apenas por meia hora. Na noite do segundo dia, bateram à porta do meu quarto, e, para minha surpresa, entrou o homenzinho que sempre pensei ser um médico. E ele realmente se revelou como tal.

— Você deve estar doente — afirmou ele.

— Não — respondi —, e mesmo que esteja, não é da conta de ninguém.

— Não vai custar nada, não estou aqui por dinheiro — disse ele timidamente. — É preciso ajudar.

— Obrigado — disse eu —, sinto-me perfeitamente bem.

Ele ficou em pé diante de mim, segurando sua bengala com firmeza contra o peito.

— Febre? — perguntou em tom de súplica.

— Não, eu me sinto perfeitamente bem. Só estou de saída.

Levantei-me e saímos juntos do quarto. No corredor, um dos jovens judeus estava esperando, um daqueles com a barba hirsuta no rosto.

O médico então se apresentou:

— Sou o Dr. Litwak.

— Bertrand Müller, doutor em filosofia — dei-lhe a mão; o jovem judeu também estendeu a sua. Estava seca e fria, tão lisa quanto o seu rosto.

Eles se juntaram a mim como se fosse a coisa mais natural do mundo. Eu não estava indo a lugar nenhum em particular, mas andava muito rápido. Os dois, um à minha direita e o outro à minha esquerda, mantinham o ritmo comigo e conversavam entre si em iídiche. Fiquei bastante irritado:

— Não entendo uma única palavra do que os senhores estão dizendo. Eles riram:

— Ele diz que não entende nada.

Depois de um tempo:

— De fato, o senhor não conhece o idioma iídiche?

— Não.

Chegamos ao final da Rua Reichenberger, e eu segui em direção à Rixdorf.

E foi então que encontramos Marie.

Encontrava-se apoiada em um poste de luz. Já estava bastante escuro, mas se economizava a iluminação a gás. Mesmo assim, logo a reconheci. Além disso, as janelas do restaurante em frente proporcionavam um pouco de luz.

Marie também me reconheceu; sorriu para mim. E então perguntou:

— Esses são seus amigos?

— Vizinhos — respondi.

Eu sugeri irmos ao restaurante, pois Marie parecia exausta e precisando de algo para comer. Mas os dois judeus se recusaram a entrar no restaurante. Talvez tivessem medo de serem obrigados a comer carne de porco, talvez temessem zombarias ou algo assim. De qualquer forma, poderia ter sido uma desculpa para se livrar deles.

Mas algo extraordinário aconteceu: Marie se colocou ao lado dos judeus, disse que não estava com fome de jeito nenhum e, como se fosse um arranjo inevitável, ela foi na frente com o jovem judeu, enquanto eu seguia com o Dr. Litwak.

— Quem é ele? — perguntei ao médico, apontando para o jovem judeu, cujas abas do casaco cinza balançavam na minha frente.

— Ele se chama Nuchem Sussin — disse o Dr. Litwak.

XXVIII

O Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck e o Dr. Kessel estavam na sala de cirurgia. Em geral, Kessel era poupado por Kuhlenbeck tanto quanto possível, pois, embora prestasse serviços no hospital, estava sobrecarregado com a prática particular e com os pacientes do seguro de saúde. No entanto, a nova ofensiva trouxera uma nova leva de feridos, e Kuhlenbeck não teve escolha. Foi uma sorte que apenas casos mais leves lhes tivessem sido designados. Ou pelo menos o que eles chamavam de casos mais leves.

E como eram médicos legítimos, eles se sentaram mais tarde no quarto de Kuhlenbeck para falar sobre os casos. Flurschütz também havia se juntado a eles.

— Pena que o senhor não estava lá hoje, Flurschütz, teria gostado — disse Kuhlenbeck. — É incrível o quanto se aprende... se não tivéssemos operado, o homem teria ficado aleijado pelo resto da vida... — ele riu — mas agora ele poderá sair em seis semanas e ser baleado de novo.

Kessel disse:

— Eu só queria que meus pobres pacientes do seguro fossem tão bem cuidados quanto os homens aqui.

Kuhlenbeck afirmou:

— Conhecem a história do prisioneiro que engoliu uma espinha de peixe e teve que ser operado para que pudessem enforcá-lo na manhã seguinte? Isso é o que estamos fazendo no momento.

Flurschütz falou:

— Se os médicos de todos os países em guerra fizessem greve, a guerra acabaria logo.

— Pois, Flurschütz, o senhor pode começar.

Dr. Kessel disse:

— Eu de fato tenho vontade de devolver a condecoração... o senhor não tem vergonha, Kuhlenbeck, de pregar uma peça dessas num colega mais velho?

— O que eu poderia fazer? Tive de indicá-lo... Para os civis, a norma é o branco e preto.

— Sim, e você anda por aí vestindo a preta e branca dos militares... você também já está na lista há muito tempo, Flurschütz.

Flurschütz respondeu:

— No fundo, tudo se resume ao fato de que todos nós ficamos sentados aqui discutindo casos mais ou menos interessantes sem pensar em mais nada... Na verdade, não temos tempo para pensar em mais nada... E é assim em todos os lugares. Somos devorados pelo que se fazemos... simplesmente devorados.

Dr. Kessel falou:

— Deus do céu! Tenho cinquenta e seis anos, no que mais eu deveria pensar?... Já me dou por satisfeito quando deito na cama à noite.

Kuhlenbeck disse:

— Querem uma bebida à custa do regimento...? Às duas horas, teremos mais uns vinte homens... Ficarão para recebê-los?

Ergueu-se e foi até o armário de medicamentos perto da janela, de onde pegou uma garrafa de conhaque e três copos. Enquanto estava de perfil contra a vidraça, estendendo a mão para a prateleira do armário, sua barba se destacava contra a luz e ele parecia gigantesco.

Flurschütz comentou:

— Estamos todos sendo sugados pela profissão em que nos metemos... E mesmo ser soldado e patriota não passa de uma profissão... Simplesmente não conseguimos entender o que está acontecendo em nenhuma outra área além da nossa.

— Graças a Deus por isso! — disse o Dr. Kuhlenbeck. — Os médicos não precisam filosofar.

A enfermeira Mathilde entrou. Ela recendia a desodorante. Ou pelo menos parecia que deveria ter esse cheiro. Seu rosto estreito com o nariz comprido contrastava com suas mãos vermelhas de empregada.

— Dr. Kuhlenbeck, ligaram da estação dizendo que o trem de transporte chegou.

— Pois, mais um cigarro antes de partir... a senhorita também nos acompanha?

— As enfermeiras Carla e Emmy já foram para a estação.

— Ótimo... vamos indo, Flurschütz?

— Rápido como uma flecha — observou o Dr. Kessel, sem muito entusiasmo.

A enfermeira Mathilde detivera-se à porta. Ela gostava de ficar enrolando no quarto dos médicos. E enquanto todos saíam, o olhar de Flurschütz captou o brilho de seu pescoço branco, notou as sardas onde o cabelo começava, e sentiu-se um pouco comovido.

— Até logo, senhorita — disse o cirurgião-chefe.

— Até logo, senhorita — repetiu Flurschütz.

— Deus nos guarde! — disse o Dr. Kessel.

XXIX

Arvores e casas surgiam diante dos olhos do pedreiro Gödicke, o clima mudava, às vezes era dia e às vezes noite, as pessoas se moviam e ele as ouvia falar. Comida era trazida e colocada diante dele em objetos, na maioria redondos, feitos de lata ou cerâmica. Tudo aquilo ele conhecia, mas o caminho que levava a esse conhecimento, ou pelo qual chegavam até ele, era penoso: o pedreiro Gödicke tinha então que trabalhar mais duro do que jamais havia feito em toda a sua vida de trabalho árduo. Pois não era de modo algum uma ação simples e óbvia levar uma colher à boca quando não se tinha certeza de quem estava sendo alimentado, e a terrível pressão para que esclarecesse isso fazia com que fosse transformado em um trabalho desesperador e em um dever impossível; porque ninguém, sobretudo Gödicke, poderia fornecer uma teoria para explicar os elementos estruturais que compunham sua personalidade. Seria errôneo afirmar que o homem Gödicke era composto por vários Gödickes, incluindo, por exemplo, um garoto chamado Ludwig Gödicke, que brincava na rua com os amigos, fazia túneis nos montes de cinzas e nas pedreiras, um garoto que era chamado todos os dias para o jantar por sua mãe e depois levava a refeição de seu pai no local de trabalho, já que este também era pedreiro; afirmar que aquele garoto Ludwig Gödicke representava uma parte constituinte do presente eu do homem seria tão errôneo

quanto reconhecer outra parte constituinte dele, digamos, no aprendiz Gödicke, que invejava intensamente os carpinteiros de Hamburgo por causa de seus chapéus de aba larga e botões de madrepérola em seus coletes, a ponto de não descansar até, para provocá-los, seduzir a noiva do carpinteiro Gürzner entre as moitas à beira do rio, embora fosse apenas um aprendiz de pedreiro; e seria errôneo afirmar que outra parte era o homem que, durante uma greve, colocou a betoneira fora de operação afrouxando os tambores e, apesar disso, deixou o sindicato quando se casou com a empregada Anna Lamprecht, simplesmente porque ela chorava muito pelo bebê que estava para ganhar: não, tal corte longitudinal, tal secção quase histórica, nunca poderia fornecer os elementos constituintes de uma personalidade, pois não poderia ir além da biografia. As dificuldades com as quais o homem Gödicke teve que lidar então, sem dúvida, não eram causadas pelo fato de que ele sentia toda essa série de pessoas vivendo dentro dele, mas sim porque surgiam da interrupção súbita da série em um certo ponto, do fato de que não havia relação entre a biografia anterior e ele mesmo, embora ele próprio devesse ser obviamente o último elo na cadeia, e que, sendo lançado à deriva dessa maneira, de algo que mal podia mais chamar de sua vida, perdera a sua própria identidade. Ele via aquelas figuras como através de um vidro esfumado, e embora, ao levar a colher à boca, gostasse de alimentar aquele homem que deitara com a noiva de Gürzner entre as moitas — na verdade, isso lhe dava grande prazer —, ele simplesmente não conseguia preencher a lacuna; permanecia, por assim dizer, na outra margem e não conseguia alcançar aquele homem do outro lado. E talvez, apesar de tudo, teria construído a ponte se soubesse com certeza quem era realmente que se lembrava da garota de Gürzner: pois os olhos que haviam olhado para as moitas à beira do rio naquela época não eram os mesmos olhos que olhavam para as árvores ao longo da avenida nesse momento, e estes também não eram totalmente os mesmos que olhavam ao redor do quarto. E sem dúvida havia um Gödicke que não suportava que aquele outro homem fosse alimentado, e que se recusava a alimentá-lo, aquele homem que ainda estava disposto a dormir com a garota de Gürzner. E o Gödicke que estava sofrendo essas dores no abdômen poderia ser com igual probabilidade aquele que emitia a proibição, ou aquele contra quem ela era dirigida, mas também poderia muito bem ser um Gödicke completamente diferente. Era um problema altamente complicado, e o pedreiro Gödicke não conseguia ver claramente de jeito nenhum. Provavelmente havia surgido por sua relutância em retomar todos os fragmentos dispersos de sua alma ao retornar à consciência, mas talvez também pudesse ser a causa por que ele não estava em condições de fazê-lo. É verdade, se ele pudesse olhar para dentro de si,

não se poderia excluir a possibilidade de que, em cada fragmento de seu ego que admitira, pudesse reconhecer um Gödicke separado, um pouco como se cada um desses fragmentos fosse um núcleo independente. Pois pode ser que aconteça o mesmo com a alma que acontece com um pedaço de protoplasma, no qual, por meio de dissecação, pode-se produzir uma multiplicação de núcleos celulares e, com isso, novas regiões de vida autônoma, íntegra e separada. Seja como for, e como quer que tenha acontecido, na alma de Gödicke existiam várias vidas autônomas e íntegras, cada uma das quais poderia ter sido chamada de Gödicke, e era uma tarefa árdua e quase impossível subsumi-las todas em uma única personalidade.

Esta tarefa o pedreiro Gödicke teve de realizar completamente sozinho; não havia ninguém que pudesse ajudá-lo.

XXX

Quando Huguenau reapareceu no escritório de Esch, depois de um intervalo respeitoso de dois dias, deparou-se com uma pessoa de quadris largos, de idade indefinida e desprovida de sexualidade e charme, sentada na cadeira de vime ao lado da mesa de trabalho de Esch. Era a Senhora Esch, e Huguenau sabia que, naquele momento, a partida estava ganha. Só precisava causar uma boa impressão nela:

— Ah, sua senhora está aí para nos auxiliar em nossas duras negociações...

A Senhora Esch recuou um pouco:

— Eu não entendo nada de assuntos comerciais, isso é coisa do meu marido.

— Ah, sim, seu marido, ele é um verdadeiro homem de negócios *comme il faut*; é um osso duro de roer, posso lhe garantir, e muitas pessoas ainda vão quebrar os dentes nele.

A Senhora Esch sorriu um pouco, e Huguenau sentiu-se encorajado a continuar:

— Uma ideia esplêndida a dele, de aproveitar o mercado e se livrar do jornal, que só lhe traz preocupações e aborrecimentos, e pode-se acrescentar que o negócio só piora.

A Senhora Esch respondeu com educação:

— Sim, meu marido tem muita preocupação com o jornal.

— Mesmo assim, eu não vou desistir — afirmou Esch.

— Vamos, vamos, Senhor Esch, se sua saúde não tem importância para o senhor, tenho certeza de que sua senhora terá algo a dizer... além disso... — ponderou Huguenau — se não quiser se separar por completo do jornal, poderá condicionar sua colaboração futura, o

grupo que represento ficará muito satisfeito se eu garantir essa valiosa assistência.

“Ora, isso poderia ser considerado”, pensou Esch, mas abaixo de dezoito mil marcos não daria, acabara de chegar a essa decisão junto com a esposa.

Bem, era um sinal esperançoso que o Senhor Esch já tivesse de alguma forma diminuído o preço fantasioso que havia pedido; ainda assim, caso quisesse manter sua relação com o negócio, sem dúvida teria de fazer alguma concessão também.

— Até que ponto? — perguntou o Senhor Esch.

Huguenau sentiu que se exigia algo concreto:

— A maneira mais simples, de fato, seria elaborar um contrato de teste e discutir os diferentes pontos no caminho.

— Tudo bem, não me importo — disse Esch, tirando uma folha de papel —, pode ditar.

Huguenau se colocou na posição apropriada:

— Pois então. Cabeçalho: Memorando de Contrato.

Depois de muita discussão desordenada, que ocupou toda a manhã, o seguinte contrato foi elaborado:

§ 1. O senhor Wilhelm Huguenau, como líder e fiel depositário de um grupo conjunto de partes interessadas, entra na empresa de jornal *Correio do Eleitorado de Trier* como sócio público, de modo que o patrimônio da empresa será distribuído da seguinte forma:

10% permanecem sob a posse do Senhor August Esch,

60% são concedidos ao “Grupo Industrial” representado pelo Senhor Huguenau,

30% são concedidos ao grupo de partes interessadas locais também representado pelo Senhor Huguenau.

A meia participação originalmente desejada pelo Senhor Esch foi recusada por Huguenau:

— Isso vai contra o seu próprio interesse, caro Esch; quanto maior a sua participação, menor será o seu lucro em dinheiro... O senhor vê, estou de olho nos seus interesses.

§ 2. O patrimônio da empresa consiste nos direitos editoriais e outros direitos, bem como em todo o mobiliário de escritório e equipamento de impressão. Certificados de ações provisórios serão emitidos para cobrir a nova distribuição do capital social.

A Estátua da Liberdade e a vista de Badenweiler foram reclamadas pelo Senhor Esch como propriedade privada e excluídas do patrimônio

da empresa.

— Naturalmente — disse Huguenau de maneira benevolente.

§ 3. Os lucros líquidos serão distribuídos na proporção das ações detidas pelos sócios, exceto qualquer quantia destinada a um fundo de reserva. As perdas serão suportadas na mesma proporção.

Inseriu-se, no contrato, a cláusula sobre as perdas a pedido do Senhor Esch, já que o Senhor Huguenau não considerava a possibilidade de perdas. O fundo de reserva também foi sugestão de Esch.

§ 4. Como líder e representante do novo grupo de acionistas, o Senhor Huguenau aporta à empresa um capital de 20.000,00 (vinte mil) marcos. Um terço desse valor deve ser pago imediatamente; os dois terços restantes podem ser pagos, se os acionistas desejarem, nos próximos seis ou doze meses, respectivamente. Em pagamentos atrasados, a empresa cobrará uma taxa de 4% por semestre. Os certificados de ações serão distribuídos de acordo com o valor pago.

Como os certificados de ações deveriam ser emitidos logo após o pagamento, e a alta taxa de 4% era um grande dissuasor, Huguenau não tinha muito medo de que os interessados locais aproveitassem o pagamento diferido. Porém, mesmo que o fizessem, algum meio seria facilmente encontrado para superar a emergência. Ele também não estava preocupado com a questão de como ele mesmo conseguiria reunir os pagamentos diferidos de seu grupo industrial fictício — a próxima parcela só venceria daqui a meio ano, no início de 1919, portanto, e até lá muita coisa poderia acontecer. As condições de guerra criam muita confusão, talvez a paz terá chegado, talvez o próprio jornal traga a quantia necessária (caso em que seria necessário, naturalmente, ocultar esses ganhos pela criação de perdas imaginárias), talvez Esch esteja morto até então — se encontraria alguma maneira de superar a dificuldade e sair por cima.

§ 5. Os pagamentos feitos pelo senhor Wilhelm Huguenau, totalizando 20.000,00 marcos, serão alocados em duas contas: 13.400,00 marcos na conta “Grupo Industrial Huguenau” e 6.600,00 marcos na conta “Grupo Local”.

Chegou então o ponto mais difícil das negociações. Esch insistia nos seus dezoito mil marcos, enquanto Huguenau afirmava que, antes de tudo, 10% desse valor, ou seja, dois mil marcos, deveriam ser deduzidos pela participação remanescente de Esch, e mais dois mil marcos deveriam ser descontados pela participação no capital de negócios aumentado, totalizando assim quatro mil marcos. Dessa

forma, Esch, mesmo aceitando sua própria avaliação, receberia apenas 14.000 marcos. No entanto, isso ainda era muito, muito mais do que ele deveria receber. Huguenau, como intermediário, precisava ser imparcial, e ele nunca conseguiria obter um preço tão alto de seu grupo, por mais que desejasse fazer isso pelo bem de Esch e de sua encantadora esposa. Não, isso seria simplesmente impossível, pois precisava apresentar uma proposta séria aos seus clientes e não queria ser motivo de risos. Nessa questão, não era de forma alguma parte interessada, mas completamente objetivo. Como avaliador imparcial, poderia oferecer dez mil marcos pelos restantes 90% do negócio, e nem um pfennig a mais.

— Não! — gritou Esch; queria seus dezoito mil.

— Como alguém pode ser tão surdo? — virou-se Huguenau para a Senhora Esch. — Acabei de lhe provar que, de acordo com sua própria avaliação, tudo o que ele pode pedir é quatorze mil.

A Senhora Esch suspirou.

Por fim, concordaram em doze mil marcos e em uma cláusula adicional:

§ 6. Como antigo proprietário único, o Senhor August Esch receberá:

(a) Uma quitação final de 12.000,00 marcos, dos quais um terço, ou seja, 4.000,00 marcos, serão pagos imediatamente ao Senhor Esch pela empresa, e as duas parcelas adicionais de 4.000,00 cada serão pagas em 1º de janeiro e 1º de julho de 1919, respectivamente. Juros à taxa de 4% ao ano serão cobrados nas duas parcelas pendentes;

(b) Um contrato de emprego como editor assistente e chefe de contabilidade por um período de dois anos, com um salário mensal de 125,00 marcos.

Talvez Esch não cedesse, mesmo quando Huguenau habilmente desviou a disputa para a concessão secundária dos juros devidos a Esch, pretendendo permitir, após uma falsa luta acirrada, que os 4% fossem arrancados dele. Talvez nem mesmo então Esch cedesse, se não fosse pelo prospecto de contabilidades tão complicadas, que o deslumbraram e encantaram a ponto de que não passasse pela sua cabeça que as prestações pendentes — e ele não tinha a menor ideia de que o pagamento delas pressupunha nada menos que um milagre — pudessem nunca ser liquidadas, ou que a diferença entre os doze mil e os vinte mil marcos pudesse fluir, apesar de todas as perspectivas contábeis atrativas, para os bolsos fraudulentamente abertos de Huguenau. Em verdade, Huguenau pensava tão pouco nessas questões sórdidas, tão inconsciente era ele de que, uma vez

feitos os pagamentos pelos assinantes locais, o *Correio do Eleitorado de Trier* tornava-se, *via facti*, um presente para ele. Ele lutava com toda sinceridade pelos interesses de seus clientes hipotéticos e disse, por fim, em tom exausto:

— Ufa, então, por mim, que seja doze mil marcos e 4%, como o senhor diz, para encerrar o assunto de uma vez por todas. Assumirei a responsabilidade... Mas eu também preciso receber algo em troca.

§ 7. Direitos e deveres recíprocos:

(a) O Senhor Huguenau atuará como editor e diretor. A condução comercial e financeira da empresa estará exclusivamente em suas mãos. Ele tem, além disso, o direito de aceitar ou rejeitar artigos para o jornal conforme lhe parecer adequado. Em troca desses serviços, a empresa lhe garante um salário mínimo de 175,00 marcos por mês, ou seja, 2.100,00 marcos anuais.

(b) Durante o período coberto por seu contrato, o Senhor Esch ficará encarregado da contabilidade da empresa e atuará como editor assistente.

Esch teve de concordar com a restrição de seus poderes como redator-chefe em consideração ao grupo industrial; seus direitos de contabilidade representavam uma espécie de compensação.

§ 8. Os espaços na casa do Senhor Esch, anteriormente utilizados na produção do jornal, serão disponibilizados para a empresa por um período de três anos. Ademais, o Senhor Esch colocará à disposição do editor, pelo mesmo período, dois quartos, confortavelmente mobiliados, com café da manhã na referida casa. O Senhor Esch receberá uma remuneração de 25,00 marcos por mês por esses serviços, proveniente das receitas da empresa.

§ 9. Caso a sociedade seja posteriormente convertida em uma sociedade por quotas (LTDA) ou sociedade anônima (SA), as disposições acima mencionadas serão respeitadas.

Com essa planejada conversão do negócio em uma empresa obrigada a auditores externos, a frágil construção de Huguenau, naturalmente, desmoronaria. Mas Huguenau não se preocupava com esses detalhes; para ele, tudo era um negócio perfeitamente legítimo, e a única coisa que ele considerava à beira da esperteza era o fato de que ganhava alojamento gratuito com café da manhã incluso, e ficou radiante por ter conseguido. Esch, por outro lado, lamentava que o contrato não tivesse chegado a dez cláusulas. Eles pensaram por um tempo e então

encontraram a décima:

§ 10. Qualquer divergência de interpretação que possa surgir deste contrato será decidida por arbitragem pública.

Assim, em um tempo surpreendentemente curto — ocorrera em 14 de maio — Huguenau pôde relatar que a transação havia sido concluída sem problemas. Os assinantes locais não hesitaram em pagar seu investimento de capital total de seis mil e seiscentos marcos; desse montante, quatro mil foi destinado ao Senhor Esch de acordo com os termos do contrato. Como um homem de negócios prudente e sólido, o Senhor Huguenau alocou mil e seiscentos marcos para despesas operacionais, enquanto os mil restantes, ele adornou com o título de capital de giro e empregou para seus próprios usos. Os certificados de ações provisórios foram emitidos para os acionistas, e em poucos dias foi devidamente anunciado que, a partir de 1º de junho, o jornal apareceria sob nova direção e novo formato. Huguenau conseguiu convencer o major a inaugurar a nova era com um artigo principal, e o número festivo também foi ornamentado parcialmente com pronunciamentos patrióticos e político-econômicos, mas em grande parte com pronunciamentos patriótico-econômicos das canetas dos assinantes locais.

Nesse ínterim, para celebrar a nova época, Huguenau se instalou nos dois quartos que lhe foram preparados na casa de Esch.

XXXI

A decadência dos valores (4)

O estilo de uma época não afeta sem dúvida apenas o artista; permeia todas as atividades contemporâneas e se cristaliza não apenas em obras de arte, mas em todos os valores que compõem a cultura da época, dos quais as obras de arte constituem apenas uma parte insignificante. No entanto, fica-se razoavelmente perdido diante da pergunta concreta: até que ponto o estilo de uma época se encarna no homem médio — em um homem de negócios, por exemplo, do tipo de Wilhelm Huguenau? O homem que comercializa mangueiras ou têxteis teria algo comum com o sentimento estilístico evidente nas lojas construídas por Messel, ou nas salas de turbinas de Peter Behrens? Seu gosto pessoal sem dúvida tenderá para vilas com pináculos e salas cheias de cacarecos, e mesmo que não o fizesse, permanece um membro do público, que, seja como for, separa-se do artista por um

grande abismo.

No entanto, quando se observa mais de perto um homem como Huguenau, percebe-se que o abismo entre este e o artista não afeta o ponto real em questão. Pode-se decerto presumir que em épocas com uma suprema vontade de estilo, a falta de compreensão entre o artista e seus contemporâneos era menos marcante do que é atualmente, de modo que, por exemplo, um novo retrato de Dürer na Igreja de Sebaldus despertava alegria e admiração gerais, mesmo entre os Huguenaus da época. Há muitas evidências de que, naquele período, o artista e seu público estavam ligados por uma comunidade muito diferente, e que o pintor compreendia o alfaiate e o selador, pelo menos tão profundamente quanto estes lhe apreciavam os quadros. Naturalmente isso não pode ser verificado, e pode ser também que muitos espíritos revolucionários tenham recebido pouca ou nenhuma reação de seus contemporâneos; talvez esse tenha sido o caso com Grünewald. Mas tais exceções não são particularmente relevantes, e, de qualquer forma, se uma compreensão entre o artista e seus contemporâneos predominava ou não na Idade Média, torna-se indiferente diante do fato de que tanto a incompreensão quanto a compreensão são expressões igualmente verdadeiras do lendário “Espírito do Tempo”, assim como uma obra de arte em si ou qualquer outra atividade contemporânea.

Porém, se isso é verdade, então também é indiferente para onde se dirige o gosto arquitetônico ou outro gosto de um agente comercial do tipo de Huguenau, e o fato de que Huguenau tinha um certo prazer estético em máquinas também é sem importância; a única questão de alguma relevância é se suas ações comuns, seus pensamentos comuns, foram influenciados pelas mesmas leis que, em outra esfera, produziram um estilo desprovido de ornamentos, ou desenvolveram a teoria da relatividade, ou levaram às conclusões filosóficas do neokantismo. Em outras palavras, se até mesmo o pensamento comum de uma época não é um veículo para seu estilo, governado pelo mesmo estilo que se manifesta de maneira visível e tangível em obras de arte; o que equivale a afirmar que a verdade, o produto final do pensamento, é igualmente um veículo para o estilo da época em que foi descoberta e em que é válida, precisamente como todos os outros valores dessa época.

E realmente não pode ser de outra forma. Pois não é apenas que, vista de certo ponto de vista, a verdade seja somente um valor entre outros valores; a verdade também governa todas as ações da humanidade, que estão, pode-se dizer, impregnadas de verdade: tudo o que um homem faz é plausível para ele a cada momento; ele justifica para si mesmo com razões que, aos seus olhos, representam a verdade; ele o prova logicamente para si mesmo; e, pelo menos no

momento da execução, suas ações são sempre justificáveis. Se suas ações, então, são dominadas pelo estilo de sua época, seus pensamentos também devem ser; não precisamos decidir (do ponto de vista prático ou epistemológico) se a ação precedeu o pensamento ou o pensamento precedeu a ação, o movimento da vida precedeu o movimento da razão, o *sum* ao *cogito*, o *cogito* ao *sum* — tudo o que podemos levar em consideração é a lógica racional do pensamento, pois a lógica irracional da ação, na qual o estilo está incorporado, só pode ser percebida no produto acabado, no resultado.

Mas com essa conexão extremamente íntima entre a substância do pensamento lógico e os valores positivos e negativos que a ação incorpora, o esquema de pensamento que governa um homem como Huguenau e o obriga a agir de uma maneira específica, que determina seus métodos de negócios e o faz redigir contratos de um certo ponto de vista — ou seja, toda a lógica interna de um homem como Huguenau — , tudo isso tem seu lugar próprio na estrutura lógica da época e é trazida para uma relação essencial com qualquer lógica que permeie o espírito produtivo da época e seu estilo visível. E mesmo que esse pensamento racional, essa lógica racional, possa ser apenas um fio tênue e como que unidimensional que precisa ser enrolado e reenrolado em torno da multiplicidade de dimensões apresentadas pela vida, ainda assim esse pensamento, projetado na abstração do espaço lógico, é uma expressão abreviada da multiplicidade e do estilo predominante da vida, de maneira semelhante ao ornamento, que é uma expressão espacial abreviada do produto visível do estilo — uma abreviação projetada de todas as obras que incorporam o estilo.

Huguenau é um homem que age com um único propósito. Ele organiza seu dia com um único propósito, conduz seus assuntos comerciais com um único propósito, elabora e conclui seus contratos com um único propósito. Por trás de toda a sua intencionalidade há uma lógica completamente despojada de ornamentos, e o fato de essa lógica exigir a eliminação de todos os ornamentos não parece uma conclusão muito audaciosa; na verdade, parece tão boa e justa quanto qualquer outra conclusão necessária. E ainda assim essa eliminação de todos os ornamentos envolve o nada, envolve a morte, e uma monstruosa dissolução está oculta por trás dela, na qual nossa era está desmoronando.

XXXII

O rebelde não deve ser confundido com o criminoso, embora a sociedade muitas vezes estigmatize o rebelde como criminoso, e embora o criminoso por vezes se faça passar por rebelde para que as

suas ações sejam dignificadas. O rebelde está sozinho: o filho mais fiel da comunidade, que é o alvo de sua oposição e rebelião. Para o rebelde, o mundo que ele combate é uma totalidade de relações vivas cujos fios foram apenas emaranhados pela maldade diabólica, e sua tarefa escolhida é desemaranhá-los e organizá-los de acordo com suas próprias ideias melhores. Assim protestou Lutero contra o Papa, e Esch poderia ser justamente chamado de rebelde.

Isso, no entanto, não é de forma alguma motivo suficiente para difamar Huguenau como criminoso. Isso não apenas o difamaria, mas também lhe faria uma grave injustiça. Do ponto de vista militar, um desertor é, naturalmente, um criminoso, e sem dúvida existem militaristas convictos que detestam o desertor com a mesma intensidade que, digamos, um fazendeiro detesta um ladrão de galinhas; e, como o fazendeiro, eles não reconhecerão nada menos que a pena de morte como uma justa punição para tal transgressor. No entanto, aqui existe uma distinção principal e objetiva: a essência de um crime reside no fato de que pode ser repetido; e o fato de que pode ser repetido o caracteriza como nada mais do que uma profissão social. A criminalidade é dirigida apenas de uma forma muito vaga contra a ordem social existente, mesmo quando sua luta contra a burguesia assume formas americanas; para o ladrão e o falsificador de letras de câmbio, a proclamação do comunismo não significa muito, e o arrombador que, usando solas de borracha silenciosas, realiza seu trabalho à noite, é um trabalhador manual como qualquer outro, é conservador como todos os trabalhadores manuais; e até mesmo a profissão do assassino, que com a faca entre os dentes sobe pela parede inacessível, não é dirigida contra toda a comunidade, mas é simplesmente um assunto pessoal que ele precisa resolver com sua vítima. Não há tentativa de perturbar o regime existente. Propostas para a melhoria ou amenização das leis penais nunca partiram das classes criminosas, embora essas coisas possam lhes dizer respeito acima de tudo. Se dependesse dos criminosos, ainda estaríamos enforcando ladrões e falsificadores, e nem mesmo teríamos chegado ao ponto de distinguir assassinato de homicídio culposo, apesar de os criminosos geralmente mostrarem um bom senso para as nuances de suas realizações profissionais e ficarem encantados quando o código penal se adapta às suas distinções e exigências refinadas; mas o fato de que eles exigem uma distinção correspondente de penalidades — a forca para um crime, a roda e o ferro em brasa para outro, o açoite ou o tronco para um terceiro —, esse simples e desajeitado desejo de reconhecimento, na realidade nada mais é do que o anseio de homens não educados que não conseguem se expressar adequadamente, e que, de maneira desajeitada, por assim dizer em símbolos, exigem algo que representa apenas uma pequena fração do que seus corações desejam e

que mal sabem o que é; esse próprio fato trai o objetivo de sua aspiração: que a terra que habitam, essa terra na fronteira de um mundo cheio de boas ordenanças, seja admitida nessa ordem maior, boa e quase amada, que não desejam alterar. E se os criminosos só podem conceber tal admissão e reconhecimento dentro de um quadro de penas reguladas e severas, isso prova que eles são aspirantes e sociais por natureza, homens movidos simplesmente pelo desejo de evitar atritos fronteiriços, de exercer sua vocação em paz e silêncio, e de se adaptar, cada vez mais sem queixas, discreta e sensivelmente ao seu chamado, cujo ponto de referência é toda a estrutura da sociedade e a ordem existente.

Rebelde e criminoso, ambos trazem sua própria ordem, suas próprias concepções de valor para o regime existente. Mas enquanto o rebelde quer subjugar o regime existente, o criminoso procura se ajustar a ele. O desertor não pertence nem a uma categoria nem à outra, ou talvez pertença a ambas. Huguenau pode ter sentido isso, agora que estava diante da tarefa de estabelecer seu próprio pequeno mundo de realidade nas fronteiras dessa ordem maior e de adaptar um à outra. Mesmo que concordasse que desertores deveriam ser condenados à morte por fuzilamento, isso era irrelevante por enquanto. O fato de que o *Correio do Eleitorado de Trier* representava, aos olhos dele, uma parte de uma grande máquina, digamos, um aparelho de latão onde as barras se encontravam e eram presas juntas, um ponto em que o país onde sua própria lei governava se encontrava com aquele outro cujas leis ele reverenciava e amava, e para o qual estava decidido a entrar e no qual desejava morar. Esse fato não era apenas sem sentido; não era mais sem sentido do que a linguagem de seus sonhos. E todos esses motivos foram conjuntamente responsáveis pela necessidade que Huguenau sentiu de adquirir o *Correio do Eleitorado de Trier*; eles também explicam o completo sucesso de sua transação.

XXXIII

Artigo principal no *Correio do Eleitorado de Trier* de 1º de junho de 1918

A PERIPÉCIA DO POVO ALEMÃO
REFLEXÕES DO COMANDANTE DA CIDADE,

Então o diabo o deixou, e eis que os anjos se aproximaram e o serviram.

— Mt 4, 11

Embora a mudança na direção editorial deste jornal seja apenas um acontecimento insignificante em comparação com o evento poderoso cujo aniversário em breve celebraremos pela quarta vez, parece-me que, como frequentemente ocorre, devemos considerar aqui o evento menor como um reflexo do maior.

Pois, mesmo que estejamos, juntamente com nosso jornal, em uma encruzilhada, e tenhamos a intenção de seguir um caminho novo e melhor que nos conduza para mais perto da verdade, e tenhamos a confiança de que, na medida em que o poder humano permitir...

.....

.....

.....

...onde está o diabo que devemos expulsar de nosso meio, onde estão os anjos que podemos chamar para nos ajudar? A um velho soldado cabe expressar sua opinião de maneira direta, mesmo correndo o risco de que o que ele diz possa parecer fora de época para muitos...

.....

...libertar-nos do abraço de ferro das nações inimigas, mas também para libertar a pátria e, com ela, o mundo inteiro do espírito impuro que...

.....

.....

...não é de surpreender que as nações sejam visitadas com dissensões centuplicadas e desuniões mil vezes multiplicadas. Pois deverá ser castigado com o mesmo membro com o qual pecou.

Ouçó alguém objetando que, nesse caso, deveríamos simplesmente aceitar a punição, suportar o flagelo e virar a outra face para o perseguidor...

.....

.....

...assim como a luta de Lutero contra um Papado corrompido foi uma luta justificada. E não nos ensina nosso mestre Clausewitz que o espírito da justiça é uma das armas da guerra, que...

.....

.....

Assim como deverá ser dito sobre nossa luta: “Seus inimigos fugiram aterrorizados diante dele, o malfeitor foi envergonhado, e a salvação estava em suas mãos” (Macabeus III, 6), não devemos fixar nossos pensamentos na perseguição do inimigo em fuga, mas na salvação, na salvação tanto do nosso povo quanto de outras nações. Seríamos míopes e, verdadeiramente, todos os nossos sacrifícios teriam sido em vão se fossem encarados levianamente e em desrespeito a Deus...

.....

.....

...possui aquela liberdade exterior pela qual devemos lutar, apenas quando, ao mesmo tempo, lhe é concedida a liberdade interior mais elevada e verdadeiramente divina. E essa liberdade não a alcançamos nos campos de batalha, por mais vitoriosos que possamos ser lá, mas a encontramos apenas em nossos corações. Pois a liberdade interior é equiparada à fé que o mundo corre o risco de perder. Assim, a guerra não é apenas...

.....

.....

conforme as Escrituras? “Boas e piedosas obras nunca tornarão um homem bom e piedoso, mas um homem bom e piedoso fará boas e piedosas obras”, afirmou Lutero, falando sobre a liberdade cristã, e ele continua: “Mas se as obras não podem tornar ninguém piedoso, e um homem deve ser piedoso antes de poder realizar boas obras, então é evidente que apenas a fé concedida a nós pela graça infinita através de Cristo...

.....

.....

e João diz (III, 30): “Ele deve crescer, mas eu devo diminuir”; assim foi com a guerra, que precisava crescer para que nossa fé diminuísse, e até que nossa fé renasça e floresça de novo, até que isso aconteça, essa guerra pode não conseguir chegar ao fim. O mal pelo mal...

.....

.....

e quase nos parece que primeiro as hordas negras terão que se soltar sobre o mundo inteiro, para que da fornalha do Apocalipse possa surgir a nova fraternidade e comunhão, para que mais uma vez o Reino de Cristo seja estabelecido, novo e glorioso.

.....

.....

...as tropas negras, armadas com armas não cavaleirescas, enviadas contra nós, no entanto, estas são apenas a vanguarda. Serão seguidas pelas hostes negras, pelos terrores do Apocalipse de João. Pois enquanto as raças brancas forem incapazes de superar essa inércia de

sentimentos e se livrarem...

...honra, é uma geração perdida, e a escuridão terrível estará ao seu redor, e ninguém virá ajudá-la, e a dela...

...o veneno dos blasfemos e dos aventureiros, que não apenas infecta as orgulhosas capitais dos inimigos, mas também não poupou nossa pátria. Como uma rede inextricável, ela se estende invisivelmente sobre nossas cidades...

...assim como primeiro a gloriosa campanha de 1870 teve de acontecer para unir as tribos dispersas do povo alemão, será a glória desta guerra muito maior e mais terrível não apenas ter unido povos inteiros fraternalmente, mas também, de certa forma,...

...e a fé cristã e a graça da liberdade sejam nossas de novo. Então, poderemos dizer: “Um cristão é um fiel servo de todas as coisas e está sujeito a todos os homens”, bem como: “Um cristão é um senhor livre sobre todas as coisas e não está sujeito a ninguém”; pois ambas serão verdadeiras, e é assim que devemos conceber a verdadeira liberdade.

Não sei se consegui me fazer entender completamente, pois tive de lutar por muito tempo para chegar a essas verdades e estou convencido de que ainda são fragmentárias. Mas aqui também podem se aplicar as palavras do General Clausewitz: “O espetáculo angustiante de perigo e sofrimento pode facilmente fazer com que nossos sentimentos prevaleçam sobre nossas convicções racionais, e no crepúsculo das aparências é tão difícil ganhar uma compreensão profunda e clara das coisas que a vacilação é compreensível e justificável. Sempre agimos a partir de *um simples pressentimento e intuição da verdade*”.

.

Dessa forma, o Major Von Pasenow enfrentou o problema da guerra e do futuro da Alemanha, e achou difícil. A guerra, para a qual sua educação o preparara, a guerra pela qual se fardara durante os anos de sua juventude e a vestira de novo há quatro anos, a guerra de repente deixara de ser uma questão de uniformes, não era mais uma questão de uniformes vermelhos ou azuis, não era mais um assunto entre inimigos galantes que cruzavam espadas cavalheirescamente; não, a guerra não se provou nem a coroação nem o cumprimento de uma vida em uniforme, mas havia abalado, de maneira invisível e

cada vez mais palpável, os fundamentos dessa vida, desgastado os laços de moralidade que a mantinham unida, e através das malhas da trama sorria o pecado. As forças espirituais treinadas na escola de cadetes de Culm não bastariam para subjugar o senhor do pecado, e isso não era surpreendente, já que a própria Igreja, embora mais bem equipada, falhara em superar de uma vez por todas a antinomia do pecado original. Mas a ideia que pairava diante da mente de Agostinho como a salvação do mundo secular, o sonho que os estoicos sonharam antes dele, a ideia de um Estado religioso que abraçasse tudo o que carrega os traços da humanidade, essa ideia exaltada reluzia através da imagem de perigos e sofrimentos angustiantes, e despertara — mais como um sentimento do que como uma convicção racional, mais como uma premonição vaga do que uma intuição profunda e clara —, despertara também na alma do velho oficial; e assim, uma relação, embora vaga e às vezes mal compreendida, mas continuamente rastreável, corria de Zenão e Sêneca, talvez até mesmo dos pitagóricos, aos pensamentos do Major Von Pasenow.

XXXIV

A decadência dos valores (5)

Excursão lógica

Embora não se possa negar que o estilo de pensamento prevalecente, digamos, na Real Academia de Cadetes da Prússia, em Culm, seja bastante diferente daquele em um seminário católico-romano, ainda assim, o conceito de “estilo de pensamento” é tão vago que lembra a vagueza daquelas tendências filosóficas e históricas que encontram a questão central de sua metodologia na palavra “intuição”. Pois a univocidade *a priori* do pensamento e da lógica não permite graduações estilísticas, e assim não pode tolerar qualquer intuição que não seja a apreensão *a priori* da própria mente, descartando tudo o mais como anormalidade empírica e patológica, mais adequada para a pesquisa psicológica e médica do que para a filosofia. Um argumento para a insuficiência do pensamento cotidiano e empírico do cérebro humano diante da lógica absoluta do eu, a lógica absoluta de Deus.

Ou poderia se argumentar que a formalidade absoluta da lógica é inatacável e não pode ser alterada nem mesmo pela agência humana; tudo o que muda são os conteúdos de suas proposições, sua

interpretação da natureza do mundo; de modo que a questão de estilo é, no máximo, uma questão epistemológica e nunca pode ser uma questão lógica. A lógica, assim como a matemática, é desprovida de estilo.

Mas será que a forma da lógica realmente é tão independente de seu conteúdo? Em algum lugar, curiosamente, a lógica em si é identificada com o conteúdo, e isso fica mais evidente nas chamadas concatenações formais de prova; pois não são apenas os elos dessas correntes axiomas ou proposições axiomáticas — como o princípio da não contradição — que formam uma barreira intransponível para a plausibilidade (até que mesmo assim um belo dia esse limite seja ultrapassado, como no princípio do terceiro excluído), e cuja evidência não se baseia mais em prova formal, mas apenas em conteúdo real. Além disso, não haveria silogismos, toda a maquinaria lógica de tirar e provar conclusões nem mesmo funcionaria sem a aplicação de princípios extralógicos para colocar tudo em movimento, princípios que, no final das contas, por mais longe que se empurre o limite da definição, são em última instância metafísicos e substanciais. A estrutura da lógica formal, assim, repousa sobre fundamentos substanciais.

O idealismo dos psicólogos intuitivos pressupõe um “senso da verdade” que fornece o ponto de repouso no qual toda linha de investigação, começando com a pergunta admirada: “O que é isso?”, e prosseguindo ao colocar “por quês” repetidos, por fim termina com a afirmação de uma plausibilidade axiomática: “Isso é assim e não de outra forma”. Pois, embora em relação à imutabilidade de uma lógica *a priori* e puramente formal esse senso da verdade seja uma importação supérflua, ainda em relação ao elemento substancial na prova lógica, ele tem reivindicações de respeito mais razoáveis. Pois os pontos de repouso da evidência no final das linhas de investigação e cadeias de prova se desvincularam da imutabilidade formal e ainda assim se supõe que tenham uma influência determinante no processo de prova lógica em si e em sua forma. O problema que isso levanta: “De que maneira o conteúdo substancial, seja um axioma lógico ou não lógico em sua natureza, pode afetar a lógica formal de modo a admitir variação no estilo de pensamento, mantendo intacta a invariabilidade da forma?”. Este problema não é mais empírico e psicológico, mas metodológico e metafísico, pois por trás dele está, em toda a sua prioridade, a primeira questão de toda ética: Como Deus pode permitir o erro, como é que se permite a alguém insensato viver no mundo de Deus?

Pode-se imaginar que uma cadeia de perguntas nunca chega a uma conclusão: todas as cadeias ontológicas de perguntas têm, evidentemente, essa peculiaridade. O problema da matéria, que

avança de um conceito fundamental ao outro, da substância primordial ao átomo, do átomo ao elétron, do elétron ao quantum de energia, e a cada vez chega apenas a um ponto de descanso temporário, é um exemplo de tal cadeia infinita de perguntas.

O ponto em que uma cadeia de perguntas termina é evidentemente condicionado pelo senso da verdade e pela evidência, sendo, portanto, condicionado pelos axiomas que prevalecem. A doutrina de Tales, por exemplo, que afirmava que o ponto terminal, o ponto de plausibilidade para a investigação sobre a origem da matéria, era a substância “água”, nos permite inferir que, para Tales, existia um sistema aceito de axiomas dentro do qual a natureza aquosa da matéria parecia provável. Aqui, são axiomas substanciais e não logicamente formais que interrompem a linha de investigação, axiomas da cosmogonia vigente. No entanto, esses axiomas substanciais devem ter alguma relação com os da lógica formal, devendo, no mínimo, ser incapazes de contradição formal, pois se o desenvolvimento substancial da evidência não concordasse com o formal, não haveria plausibilidade na conclusão. (E ainda assim, a possibilidade de discordância entre axiomas substanciais e lógicos pode ser descoberta na doutrina da dupla verdade). Além disso, mesmo que alguém adotasse uma posição de ceticismo completo e dissesse “*Ignorabimus*”, e, negando a existência de uma plausibilidade dependente da cosmogonia e de seus axiomas concomitantes, assumisse a natureza interminável das indagações e considerasse a terminação delas em qualquer ponto fixo como uma peça puramente intencional (e ainda assim fictícia) de arbitrariedade, fica claro que mesmo a alegação “*Ignorabimus*” como tal possui um atributo definido de plausibilidade, que de novo é apoiado por uma estrutura lógica definida e por um sistema definido de axiomas lógicos.

Uma certa concepção racional, que ultrapassa o âmbito do puramente intuicionista, poderia fornecer a quantidade de axiomas contidos e eficazes em qualquer visão de mundo. Naturalmente, essa quantidade precisa não pode ser demonstrada nem enumerada; pode-se apenas indicar a multiplicidade ou a escassez comparativa de axiomas em casos extremos. A cosmogonia de um povo primitivo, por exemplo, é de extrema complexidade; cada objeto no mundo tem uma vida própria, é, de certa forma, *causa sui*; cada árvore é habitada pelo seu próprio deus, cada coisa pelo seu próprio demônio; é um mundo de um número infinito de coisas, e cada linha de investigação relacionada aos objetos nesse mundo avança apenas alguns passos, talvez apenas um passo, antes de parar em um desses axiomas. Em contraste com essa multiplicidade de cadeias curtas de raciocínio ontológico, na maioria das vezes cadeias de apenas um elo, as cadeias de raciocínio em um mundo monoteísta já são muito mais longas,

embora não se prolonguem até o infinito; elas se prolongam até o ponto em que todas convergem na única Causa Primeira, Deus. Assim, se considerarmos apenas os axiomas ontológicos de cosmogonia, deixando de lado os outros, os puramente lógicos, nos dois casos extremos representados pelas cosmogonias polarizadas da magia primitiva e do monoteísmo, o número de axiomas varia do infinito para um.

Na medida em que a linguagem é expressão da lógica, na medida em que a lógica parece estar imanente na estrutura da linguagem, poderíamos inferir, a partir da linguagem de um povo, a quantidade de seus axiomas ontológicos, a natureza da lógica e a variabilidade de seu “estilo”. Pois é justamente o complicado sistema ontológico de uma raça primitiva, seu sistema amplamente distribuído de axiomas, que se reflete na extraordinária complicação da estrutura e sintaxe de sua linguagem. E da mesma forma que a mudança em nossa visão metafísica do mundo não pode ser explicada por motivos práticos — ninguém afirmaria que nossa metafísica ocidental é mais “prática” do que, por exemplo, a chinesa, que está pelo menos em um nível igualmente elevado de desenvolvimento —, da mesma forma, a simplificação e as mudanças fundamentais no estilo das línguas, incluindo sua tendência à obsolescência, não podem ser explicadas exclusivamente por considerações práticas, além do fato de que nenhuma explicação prática é suficiente para dar conta de uma grande quantidade de mudanças e peculiaridades sintáticas.

As funções que um sistema de axiomas, seja ontológico ou lógico, pode desempenhar em relação à estrutura puramente lógica, a maneira como imprime um “estilo” específico em uma lógica formal que permanece imutável, podem ser concebidas por meio de uma imagem: em certas construções geométricas, assume-se arbitrariamente que um ponto infinitamente distante está dentro de um plano finito dado,

e então a figura é construída como se esse ponto assumido estivesse realmente a uma distância infinita. A relação entre as várias partes nesta figura permanece a mesma, como se o ponto assumido estivesse realmente a uma distância infinita, mas todas as medidas são distorcidas e encurtadas. De maneira semelhante, podemos conceber que as construções lógicas são afetadas quando o ponto lógico de plausibilidade é movido do infinito para o finito: a lógica formal como tal, seus métodos de inferência e até mesmo suas relações associativas substanciais permanecem inalterados, o que muda são as “formas de suas medidas”, seu “estilo”.

O passo além da cosmogonia monoteísta foi dado quase imperceptivelmente — no entanto, é de maior significado do que todos os anteriores: a Causa Primeira foi deslocada da infinitude

“finita” de um Deus ainda antropomórfico para uma verdadeira infinitude abstrata. As cadeias de perguntas não convergem mais para a ideia de um Deus (elas não convergem mais para nenhum ponto, pode-se dizer, mas correm paralelas entre si); a cosmogonia não se baseia mais em Deus, mas na continuidade eterna da investigação, na consciência de que não há ponto em que se possa parar; que as perguntas podem ser avançadas para sempre, e devem ser avançadas para sempre; que não é possível revelar nem uma Substância Primordial nem uma Causa Primeira; que por trás de cada sistema lógico ainda existe uma meta-lógica; que cada solução é apenas uma solução temporária; e que nada resta além do ato de questionar em si: a cosmogonia tornou-se radicalmente científica, e sua linguagem e sua sintaxe descartaram seu “estilo” e se transformaram em expressões matemáticas.

XXXV

Terça-feira, 4 de junho, Esch e Huguenau atravessavam a praça do mercado. Estava chovendo. Huguenau, robusto e redondo, com seu sobretudo aberto, caminhava com um ar vaidoso. “Como um vencedor” — pensou Esch venenosamente.

Ao virar a esquina da prefeitura, depararam-se com uma procissão melancólica: um soldado alemão, algemado e escoltado por dois homens munidos de armas com baionetas, era conduzido — provavelmente da estação ferroviária ou do tribunal — para o presídio. Chovia, as gotas batiam no rosto do homem, e, para que as pudesse enxugar, ele precisava erguer as mãos algemadas de tempos em tempos e esfregá-las contra o rosto; era um gesto desajeitado e, ao mesmo tempo, comovente.

— O que ele fez? — perguntou Esch a Huguenau, que parecia estar tão afetado quanto ele.

Huguenau deu de ombros e murmurou algo sobre assassinato, roubo e estupro infantil:

— Ou talvez ele tenha esfaqueado um sacerdote... com uma faca de cozinha.

Esch repetiu:

— Esfaqueado com uma faca de cozinha.

— Se for um desertor, será fuzilado — concluiu Huguenau, encerrando o assunto.

E Esch viu a corte marcial reunida na familiar sala de justiça, viu o comandante da cidade sentado como juiz, ouviu-lhe a sentença impiedosa e viu o homem sendo conduzido para o pátio do presídio sob a chuva que caía, e enquanto enfrentava o pelotão de fuzilamento,

pela última vez enxugava com as mãos algemadas o rosto, pelo qual escorriam, em uma corrente misturada, chuva, lágrimas e suor gelado.

Esch era uma pessoa de impulsos impetuosos; via o mundo dividido em preto e branco, dominado pelo jogo de forças boas e más. Mas sua impetuosidade muitas vezes o fazia ver um indivíduo onde deveria ter visto um sistema, e ele já estava prestes a culpar o major, em vez do militarismo frio e brutal, pela desumanidade que seria perpetrada contra o pobre desertor. Ele estava prestes a dizer a Huguenau que o major era um porco, quando de repente deixou de ser válido; de repente, ele não sabia o que pensar, pois de repente era incompreensível que o major e o autor daquele artigo fossem a mesma pessoa.

O major não era um porco, o major era algo superior. O major havia passado subitamente do lado negro para o lado branco do mundo.

Esch tinha diante de si o editorial com toda clareza, e os pensamentos do major, embora não totalmente claros, eram para ele nobres e grandiosos, parecendo-lhe como parte da missão superior de garantir a liberdade e a justiça no mundo. Isso era ainda mais notável, pois encontrava neles uma reafirmação de sua própria tarefa e objetivos, transformados em uma linguagem tão elevada, radiante e expansiva, que tudo o que ele próprio havia pensado ou feito já parecia opaco, estreito, mequinho e míope.

Esch deteve-se.

— É preciso pagar — disse ele.

Huguenau foi desagradavelmente afetado pelas palavras:

— É fácil para o senhor falar; não será baleado.

Esch balançou a cabeça e fez um gesto desdenhoso e ligeiramente desesperado com a mão:

— Se fosse apenas sobre isso... Mas é uma questão de autorrespeito... O senhor sabia que houve um tempo em que eu queria me juntar a uma sociedade de livres-pensadores?

— E daí? — perguntou Huguenau.

— Você não deveria falar assim — disse Esch. — A Bíblia fala algo a respeito disso. Apenas leia o artigo do major.

— Um belo artigo — disse Huguenau.

— E então?

Huguenau disse, pensativo:

— Dificilmente ele escreverá mais um artigo para nós... Precisamos trazer algo diferente... mas é claro que eu terei de fazer isso sozinho, você nunca pensa em nada. E ainda queria editar um jornal!

Esch o olhou em desespero. Era óbvio que não se podia ir adiante com um pedaço de carne como aquele. O sujeito não conseguia entender ou não queria entender. Esch gostaria de lhe dar uma surra.

Gritou para ele:

— Se o senhor é o anjo que veio para servir, eu prefiro ser o diabo.

— Nenhum de nós é anjo — filosofou Huguenau.

Esch desistiu. De qualquer forma, já estavam em casa.

No corredor, Marguerite brincava com alguns meninos da vizinhança. Ela olhou zangada por ser interrompida, mas Esch, sem se importar, pegou-a e a colocou nos ombros, segurando-a pelas pernas.

— Cuidado com as portas! — gritou ele, abaixando-se ao atravessar o limiar.

Huguenau entrou atrás deles. Subiram as escadas. Marguerite, oscilando alto sobre o corrimão, olhou para baixo, para o pátio, então estranhamente ampliado, e para o jardim que balançava diante de seus olhos; ela teve medo. Pegou a testa de Esch com suas pequenas mãos duras e tentou lhe enfiar os dedos nas órbitas oculares.

— Fique quieta aí em cima — ordenou Esch —; cuidado com a porta.

Mas foi em vão que ele se curvou; Marguerite se enrijeceu, jogou o corpo para trás, bateu a cabeça contra a verga da porta e começou a chorar. Esch, acostumado desde criança a confortar mulheres chorosas com carícias físicas, deixou a criança deslizar até a altura dos beijos, mas ela então lutava com toda a força e voava de novo em seus olhos, forçando-o a colocá-la no chão e deixá-la ir. Marguerite queria escapar, mas lá estava Huguenau bloqueando o caminho, fazendo sinais como se fosse pegá-la. Ele tinha observado com prazer enquanto ela tentava se livrar de Esch, e se então, em vez de fugir, ela ficasse com ele, seria uma grande satisfação. Mesmo assim, quando viu seu rosto carrancudo, não ousou segurá-la, mas abriu as pernas e disse:

— Aqui está a porta.

A menina entendeu, riu e rastejou de quatro pela porta.

Os olhos de Esch a seguiram:

— Ela poderia acabar com você num instante — soou como se estivesse comovido —, essa negrinha endiabrada.

Huguenau sentou-se em frente a ele:

— Ora, parece que ela combina bastante com o seu gosto... mas logo terei que arrumar uma mesa própria para colocar aqui.

— Não posso impedir — resmungou Esch. — De qualquer forma, já está na hora de o senhor começar a cuidar dos assuntos editoriais.

Os pensamentos de Huguenau ainda estavam na criança:

— Essa garotinha está sempre por aqui.

Esch sorriu um pouco:

— Crianças são uma bênção e um incômodo, Senhor Huguenau, mas o senhor ainda não entende isso.

— Eu entenderei o suficiente se o senhor estiver apaixonado por essa

criança... caso contrário, por que diabos iria querer adotar aquela pestinha de outra pessoa?

— Própria ou alheia, não importa; já lhe disse isso uma vez.

— Não é bem assim, quando foi o outro que desfrutou do prazer.

— Você não entende! — gritou Esch, e levantou-se.

Ele andou algumas vezes pela sala, depois foi até o canto onde os pacotes de jornal estavam empilhados, pegou um exemplar: era o número especial. Começou a estudar o artigo do major. Huguenau o observava interessado. Esch segurava a cabeça com ambas as mãos, seus cabelos curtos e grisalhos se eriçavam entre seus dedos — ele tinha uma aparência apaixonada, quase ascética. Huguenau, que queria afastar uma lembrança vaga e desagradável, expressou-se com voz animada:

— Vamos lá, Esch, veremos como o jornal irá se destacar.

Esch respondeu:

— O major é uma boa pessoa.

— Sim — concordou Huguenau —, mas é melhor o senhor pensar no que podemos fazer com o jornal. — Aproximou-se de Esch e, como se quisesse acordá-lo, deu-lhe um tapinha no ombro. — O *Correio* deve ser solicitado em Berlim e Nuremberg, e também no café Hauptwache em Frankfurt. Conhece Frankfurt, não é?... Ele deve se tornar um jornal mundial.

Esch não lhe deu atenção. Apontou com o dedo para uma parte do artigo:

— Assim, “obras não tornam ninguém piedoso, e o homem deve ser piedoso antes de realizar obras”... Sabe o que isso significa? Que não depende da criança, mas sim da atitude, seja própria ou de outro. Tanto faz, entende, tanto faz!

Huguenau ficou de alguma forma desapontado:

— Eu só sei que o senhor é um insensato e que arruinou o jornal com suas atitudes.

Disse isso e saiu da sala.

A porta já estava fechada há muito tempo, mas Esch ainda estava sentado lá, olhando fixamente para a porta, sentado e pensando. Não estava muito claro, mas Huguenau poderia ter razão sobre os sentimentos. No entanto, parecia que já havia alguma esperança de ordem. O mundo estava dividido entre o bem e o mal, débito e crédito, preto e branco, e mesmo que um erro contábil se infiltrasse, deveria ser corrigido, e seria corrigido. Esch ficou mais calmo. De maneira pacata, com as mãos descansando nos joelhos, sentava-se tranquilamente, olhando com pálpebras cerradas para a porta e vendo através dela a sala inteira, que se transformava então estranhamente em uma paisagem — ou seria um cartão-postal? — e já parecia um

quiosque entre árvores verdes, as árvores do Schlossberg em Badenweiler; ele viu o rosto do major, e era o rosto de um ser maior e mais elevado. E Esch ficou sentado por tanto tempo que, por fim, cheio de admiração, não sabia mais onde se encontrava e, apenas com esforço, conseguiu voltar à leitura. Embora pudesse ter recitado o artigo de cor, palavra por palavra, forçou-se a continuar lendo, e sabia mais uma vez a que lado pertencia neste mundo. As reflexões que o major dirigira ao povo alemão haviam causado impressão em uma parte da nação alemã, mesmo que não fosse uma parte muito importante; tinham causado impressão no Senhor Esch.

XXXVI

Quatro mulheres esfregavam o quarto do hospital.

O Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck entrou e as observou por um momento.

— Ora, como estão as coisas com as senhoritas?

— O que acha, senhor doutor...?

As mulheres suspiraram, então continuaram a esfregar.

Uma delas levantou a cabeça:

— Meu marido está vindo para casa de licença na próxima semana.

— Ótimo, Tielden... A cama vai pular de alegria.

A Senhora Tielden corou sob a pele marrom de seu rosto. As outras riram alegremente. A Senhora Tielden riu com elas.

De repente um som, algo parecido com um guincho, veio de uma das camas. Não era exatamente um guincho, mas uma asfixiada, pesada e muito dolorosa expectoração de algo que mal era um som e vinha de muito fundo.

O reservista Gödicke sentava-se em sua cama; seus traços estavam dolorosamente distorcidos, e fora ele quem rira de maneira tão estranha.

Foi o primeiro som que se ouviu dele desde sua chegada ao hospital (se não considerarmos seus primeiros gemidos).

— Que canalha — disse o Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck. — Então ele consegue rir.

XXXVII

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (5)

A enferma primavera de lei empedrada,
A enferma primavera de noiva judia,
Mudo e enfermo rumor de uma urbe que jazia
Cativa de invisível e oculta enrascada,
Pétrea e estival manhã, sem refrigério ameno,
Enfermo céu fitando a asphaltada avenida,
Nas vias abissais, qual sarnenta ferida,
A pedra encobre a pele cinza do terreno.
Urbe de falsa luz e de falso alarido!
O contrito não quer ver a viçosa herdade;
Vai em busca da gruta para a contrição,
Em que vicejará a legal santidade
Como fonte, jorrando da concepção
Ao sacro livro, ao dúvida e à titubeação.
Urbe de ascetas, de contritos e andarilhos,
Urbe do povo eleito por divina graça,
Que aumenta sem ardor só enumerando os filhos,
Povo cujos anciãos, rezando nas vidraças,
Com barbas monacais, celebram o festim,
Bem aparamentados de alvas e correias;
Mulheres a cozer os ázimos e, enfim,
Ardem as estações ao palor da candeia;
Cujas mulheres se casa para que gerasse
Níveo rapaz de falsa barba preta,
Jovem Jacó, que fez com que o anjo se inclinasse,
Para quem a Verdade indicará a meta
Àquela fonte à qual até os anjos descenderam,
Onde os rebanhos de Raquel já beberam.
Urbe cinzenta, para nômades a estada
Da via para Sião, o caminho até Deus,
Urbe ateia, cativa de vã enrascada,

Uma área pétrea e vã, com dores e escarcéus,
Em que a salvacionista toca seu tambor,
Para que o pecador abandone sua pena,
Voltando à reta via, pela Graça plena,
A via para Sião, eleita pelo Amor. —
Nesta urbe de Berlim, na estação mais florente,
Marie e Nuchem Sussin conheceram-se, pois
Acanharam-se um pouco, vendo-se de frente;
Mas caíram de joelhos as almas dos dois;
Sem perceber o peso das garras do Fado,
Viram Sião e encheram-se de grande agrado.

XXXVIII

Havia quase dois anos desde que Heinrich Wendling não tirava férias. No entanto, Hanna ficou surpresa, tão surpresa como se algum evento irracional e incompreensível tivesse irrompido, quando a carta chegou anunciando o retorno de Heinrich. A viagem desde Salonika levaria pelo menos seis dias, provavelmente até mais, mas, de qualquer forma, era apenas questão de dias. Hanna temia sua chegada como se tivesse que esconder dele um amante secreto. Cada dia de atraso para ela era como um ato de graça, todavia, todas as noites, ela passava por sua rotina noturna ainda mais escrupulosamente do que o habitual, e permanecia na cama cada manhã ainda mais tempo do que o de costume, esperando, temendo que o recém-chegado pudesse tomar posse dela imediatamente, sujo e com a barba por fazer. E embora ela sentisse que deveria se envergonhar dessas fantasias, e por essa mesma razão torcia para que alguma ofensiva ou outro acidente cancelasse a licença, ainda assim ela sentia a presença de uma esperança ainda mais forte e muito estranha, um pressentimento vago que não queria reconhecer e de fato não reconhecia, e que era como a sensação antes de uma operação grave: era preciso se submeter a isso para poder se proteger de algo fatal em direção ao qual estava involuntariamente se esforçando para ir; era como um último e terrível refúgio, escuro como era, mas ainda assim um resgate da escuridão mais profunda. Desconsiderar como masoquismo tal atitude de medo esperançoso e espera aterrorizada seria deixar inexplorada toda a profundidade da alma. E a única explicação que Hanna poderia encontrar para seu estado, na medida em que ela estava ciente disso,

era muito parecida com a convicção fátua das mulheres mais velhas de que o casamento é o único meio de pôr fim de uma vez por todas aos diversos sofrimentos das meninas enfermças. Não, não ousaria examinar mais de perto, era uma confusão na qual não desejava penetrar. E se parte dela esperava que, tão logo Heinrich chegasse, tudo seria natural como antes, ela pressentia com igual intensidade que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

O verão por fim chegara. A “Casa das Rosas” fazia jus ao nome, embora, em deferência aos tempos, vegetais fossem cultivados em vez de flores, e embora o jardineiro ajudante semi-inválido fosse incapaz de cuidar adequadamente de seu trabalho. Mas as *Crimson Ramblers* não permitiam que nem a guerra as restringissem, e tinham subido até os querubins de cada lado da porta; os canteiros de peônias eram rosa e brancos, e as fileiras de heliotrópios e cravos nas bordas do gramado estavam em plena floração. Em frente à casa, a paisagem verdejante se estendia de maneira pacífica; a ampla curva do vale segurava o olhar e o levava até a borda da floresta; a casa do guarda-florestal, exposta à vista no inverno para que todas as suas janelas pudessem ser vistas, estava de novo sufocada em verde; os vinhedos também estavam cobertos de verde; a floresta jazia escura, já mais escura pois nuvens negras se aproximavam das montanhas.

Durante a tarde, Hanna colocara a espreguiçadeira na frente da casa. Deitou-se nela sob as castanheiras e observou as nuvens que se aproximavam, cuja sombra avançava pelos campos, transformando o verde claro e brilhante em um verde escuro e estranhamente tranquilo, quase violeta; à medida que a sombra se estendia sobre o jardim e o ar subitamente ficava fresco e úmido, as flores, até então fechadas pelo calor, começaram de repente a exalar seus perfumes, como se sua respiração tivesse sido liberada. Ou talvez fosse o frescor repentino que permitiu a Hanna sentir o perfume, mas era tão súbito, tão único, tão veemente; essa onda emergente de perfume doce era tão fresca e mágica como uma noite em jardins do Sul, como um crepúsculo na costa rochosa do Mar Tirreno. Assim, a terra repousava na margem de uma nuvem que lançava suas ondas de chuva, a chuva suave e espessa de tempestades, e Hanna, de pé na porta da varanda aberta, podia sentir o cheiro do sul. Mesmo que ela inspirasse quase vorazmente a umidade suave que sentia fresca e agradável no nariz, ainda assim, com a memória do cheiro do Sul, pairava sobre ela o medo que sentira pela primeira vez durante sua lua de mel, quando estava em pé à beira-mar numa noite chuvosa na Sicília; o hotel estava atrás dela, as flores no jardim perfumavam o ar, e ela não sabia quem era aquele estranho que estava ao seu lado — chamava-se Dr. Wendling.

Ela se assustou; o jardineiro se apressara pelo caminho para colocar

os móveis do jardim em um local seguro da chuva; ela se assustou, porque não pôde deixar de pensar que era um ladrão que havia invadido, embora soubesse muito bem o que o homem estava fazendo ali. Se Walter não tivesse ido para junto dela, teria fugido para dentro de casa e trancado a porta. Walter sentou-se no degrau da porta; esticou as pernas nuas para a chuva e se ocupava em soltar com cuidado a crosta seca de uma cicatriz no joelho, em seguida, acariciou satisfeito a nova pele rosada. Hanna também se sentou no degrau da porta; abraçou as pernas, suas bonitas e esguias pernas — ela também não usava meias quando estava em casa ou no jardim —, e suas canelas lisas estavam frescas ao toque.

Nesse instante, a chuva abafara o perfume das flores que despertara inicialmente, e o ar cheirava apenas a terra úmida. O telhado de telhas manchadas de marrom da casa do jardineiro brilhava molhado, e quando o jardineiro atravessou de novo o caminho, o cascalho não rangia mais de secura, mas fazia um som granulado e recém-lavado. Hanna colocou o braço nos ombros do filho — por que não podiam ficar sempre sentados assim, tranquilos em um mundo limpo e fresco!? Sentia ela apenas um pouco de medo. Mesmo assim, disse:

— Se houver mais trovoadas como esta durante a noite, Walter, você pode vir dormir comigo.

XXXIX

Quando o Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck e o Dr. Kessel entraram na sala de jantar da pousada, o major já se sentava em seu lugar habitual. Lia o jornal recém-chegado de Colônia. Os dois senhores o cumprimentaram, e o major levantou-se, convidando-os a se sentarem à sua mesa. O cirurgião-chefe referiu-se de maneira bastante inadequada ao jornal:

— Teremos o prazer, senhor major, de ler seus artigos em outros jornais também?

O major limitou-se a balançar a cabeça, entregou o jornal para o médico e, indicando as notícias de guerra:

— Péssimas notícias.

O doutor verificou as notícias:

— De fato, mas não piores do que o habitual, senhor major.

O major olhou de maneira inquisitiva.

— Senhor major, todas as notícias são péssimas, exceto uma, que é... a paz.

— O senhor está certo — disse o major —, mas deve ser uma paz honrosa.

— Sem dúvida — disse Kuhlenbeck, levantando seu copo. — Então, pela paz.

Os outros dois senhores brindaram com ele, e o major repetiu:

— Pela paz honrosa... do contrário, para que serviriam todos esses sacrifícios?

Como se quisesse dizer algo mais, ele ainda segurava o copo na mão, mas permaneceu em silêncio; por fim, quebrou a imobilidade e afirmou:

— A honra não é de forma alguma uma mera convenção... antigamente, o gás venenoso teria sido rejeitado como arma de guerra.

Os senhores não responderam e continuaram bebendo o vinho. Então, o Dr. Kessel disse:

— De que adiantam todas essas belas teorias sobre a alimentação na guerra... Quando eu volto para casa à noite, mal consigo ficar em pé; para uma pessoa mais velha, não basta a refeição.

Kuhlenbeck disse:

— O senhor é um derrotista, Kessel: foi demonstrado que o diabetes foi reduzido ao mínimo, e com o carcinoma parece ser o mesmo... é apenas sua má sorte não ser diabético... além disso, meu caro colega, se sentir dores nas pernas... nós todos estamos envelhecendo.

O Major Von Pasenow sentenciou:

— A honra não é mera inércia do sentimento.

— Não entendi muito bem, senhor major — disse o Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck.

O major olhou para o vazio:

— Ah, não era nada... como sabe... meu filho caiu em Verdun... ele teria agora quase vinte e oito anos...

— Mas ele não era o seu único filho, certo, senhor major?

O major não respondeu imediatamente, talvez considerando a pergunta como uma indiscrição. Por fim, respondeu:

— Sim, há meu filho mais novo... e as duas meninas... o garoto será chamado em breve também... deve-se dar a César o que é de César...

— deteve-se, depois continuou: — Veja, o motivo de todo o mal é que não damos a Deus o que é de Deus.

Dr. Kuhlenbeck comentou:

— Nem mesmo damos aos seres humanos o que é deles... Parece-me que deveríamos começar por aí.

— Deus primeiro — disse o Major Von Pasenow.

Kuhlenbeck levantou o queixo; sua barba cinza-escura se projetou para o ar:

— Nós, médicos, não passamos de materialistas desavergonhados. É uma pena.

O major contestou de forma apaziguadora:

— Não deveria pensar dessa maneira.

O Dr. Kessel também discordou; para ele, um verdadeiro médico é sempre um idealista. Kühlenbeck riu:

— É verdade, esqueci-me dos seus pacientes com plano de saúde.

Depois de um tempo, o Dr. Kessel disse:

— Assim que for possível, retomarei minha música de câmara.

E o major mencionou que sua esposa também gostava de tocar. Ele pensou por um tempo e então acrescentou:

— Spohr, um excelente compositor.

XL

Desde que se tornou público que Gödicke havia rido, seus colegas de quarto tentaram de tudo para fazê-lo rir de novo. As piadas mais grosseiras lhe eram contadas, e, quando estava na cama, quase ninguém passava sem balançar a cama na esperança de fazê-lo rir. Mas foi em vão. Gödicke não voltou a rir. Permaneceu calado.

Até que, um dia, a enfermeira Carla trouxe um cartão-postal:

— Gödicke, sua esposa escreveu para o senhor... — Gödicke não se mexeu — Quero ler para você.

E a enfermeira Carla leu para ele que sua fiel esposa não ouvia nada a seu respeito há muito tempo, que ela e as crianças estavam bem, e que todos esperavam que ele logo voltasse.

— Vou responder pelo senhor — disse a enfermeira Carla.

Gödicke não demonstrou ter compreendido; seria possível supor que ele de fato não entendera nada.

E provavelmente teria conseguido esconder de qualquer observador a tempestade em sua alma, aquela tempestade que misturava os componentes de seu ego e os lançava rapidamente à superfície para submergi-los igualmente rápido nas ondas escuras; poderia ter conseguido acalmar a tempestade e gradualmente aplacá-la por completo, se não fosse pelo palhaço do quarto, Josef Settler, o hussardo, que passou naquele momento e, como de costume, segurou o pé da cama para fazê-la balançar um pouco.

Nesse momento, o reservista Gödicke deu um grito que de forma alguma se assemelhava ao riso que se esperava dele e ao qual de fato estava obrigado a fornecer; emitiu um grito irritado e grave, sentou-se, não tão devagar e dificilmente como lhe era costumeiro, arrancou o cartão-postal das mãos da enfermeira Carla e o rasgou em pedaços. Então afundou de volta na cama, pois o movimento brusco lhe causara dores de novo, e ele então segurou o abdômen com as mãos.

Assim ficou, deitado, olhando para o teto, tentando restabelecer uma ordem mínima em seus pensamentos. Encontrava-se consciente de ter agido de maneira correta; ele tinha, com plena justificativa, afastado o intruso. Que esse intruso fosse a empregada Anna Lamprecht com seus três filhos era algo quase irrelevante e poderia ser rapidamente esquecido. Na verdade, aquele homem se sentiu muito satisfeito por ter chamado a atenção de Gödicke, que havia feito da empregada Lamprecht uma mulher honesta, e tê-lo colocado tão rapidamente em seu lugar atrás da barreira escura. Ali, precisava esperar até ser chamado. No entanto, com isso, o assunto não estava encerrado; um intruso que vem uma vez pode voltar, mesmo que não seja chamado, e uma vez que uma porta é aberta, todas as outras portas podem se abrir por si só. Com terror, sentiu, embora não pudesse ter formulado, que aquela intrusão em uma parte de sua alma afetara todas as outras partes por simpatia, que através dela todas estavam sendo alteradas. Era como um zumbido em seus ouvidos, um zumbido da alma, um zumbido do eu que zumbia tão violentamente que ele podia sentir em todo o seu corpo; porém, também era como se um torrão de terra tivesse sido colocado sob a língua, um torrão sufocante que desarrumava todos os pensamentos. Ou talvez fosse algo mais, mas, em qualquer caso, era algo além de seu poder, algo diante do qual se sentia impotente. Era como se quisesse espalhar a argamassa antes de assentar um tijolo, e a argamassa endurecesse na colher. Era como se houvesse um mestre de obras ali o obrigando a trabalhar a uma velocidade ilegal e impossível, fazendo com que os tijolos fossem empilhados com uma pressa furiosa no andaime, de modo que se acumulavam em grandes pilhas e não podiam ser trabalhados. O andaime necessariamente desabaria se não parassem logo o guincho e a betoneira para que fosse interrompido todo o processo. Melhor ainda, se os olhos pudessem outra vez serem fechados, os ouvidos selados: o homem Gödicke não deveria ver nada, não deveria ouvir nada, não deveria comer nada. Se a dor já não fosse tão intensa, iria para o jardim e pegaria um punhado de terra para tampar todos os buracos. E enquanto segurava seu abdômen dolorido, de onde seus filhos tinham saído, enquanto pressionava as mãos como se nada mais devesse sair dali, enquanto cerrava os dentes e apertava os lábios para que nem mesmo um suspiro de dor escapasse, parecia-lhe que assim suas forças estavam aumentando, que essas forças crescentes deveriam erguer o andaime cada vez mais alto e mais arejado, que ele mesmo era onipresente em cada nível e andar do andaime, e que, por fim, conseguiria ficar completamente sozinho no último andar, no alto do andaime; pois poderia ficar lá, ousar ficar lá, liberado de toda dor, cantando como sempre cantava quando estava lá em cima. Os carpinteiros trabalhavam debaixo dele, martelando e pregando, e ele

cuspiria para baixo, como sempre fazia, cuspendo em um amplo arco sobre eles, e onde o cuspe atingisse e respingasse, árvores cresceriam, as quais, por mais altas que crescessem, nunca alcançariam a altura onde ele se encontrava.

Quando a enfermeira Carla chegou com a bacia de lavagem e as toalhas, ele estava deitado com tranquilidade e deixou-se pacificamente ser envolvido pelas compressas. Por dois dias inteiros, recusou comida e bebida. E então ocorreu um incidente que o fez começar a falar.

XLI

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (6)

Para minha própria surpresa, eu retomara minhas obras de filosofia da história sobre a desintegração dos valores. Embora raramente saísse de casa, meu trabalho progredia devagar. Nuchem Sussin vinha me ver às vezes, acomodando-se entre as abas cinzentas do casaco. Ele nunca o desabotoava; devia ser uma espécie de vergonha que o impedia. Muitas vezes, perguntava-me como essas pessoas poderiam confiar no Dr. Litwak, cujo paletó curto escarnecia de todas as suas ideias. Até que cheguei à conclusão de que a bengala que ele carregava diante de si poderia representar uma espécie de substituto para a falta de caudas mais longas em sua vestimenta. Naturalmente, no entanto, isso não passava de uma suposição.

Demorou muito tempo para descobrir o que Sussin de fato queria. Quando se sentava, nunca deixava de dizer “Com sua devida permissão”, e após um breve silêncio embaraçoso, trazia algum problema jurídico: se o governo tinha o poder de confiscar alimentos ou gorduras que já estavam em uma casa ou em um prato; se a pensão recebida pelas esposas dos soldados poderia ser aplicada para fazer um seguro de vida... Simplesmente não dava para entender aonde ele queria chegar com tudo aquilo, parecia estar puxando fios aleatoriamente, e ainda assim tinha-se a sensação de que surgiam, disso tudo, problemas reais, ou que se desdobrava em sua mente uma paisagem jurídica, desafiando-nos a observá-la por meio dessas lentes artificiais e distorcidas.

Mesmo quando pegava um livro e o segurava diante de seus olhos míopes, parecia estar lendo coisas completamente diferentes. Ele tinha

um respeito imensurável por livros, mas conseguia rir de maneira descontrolada com algumas linhas de Kant, e ficava surpreso quando eu não me juntava a ele. Assim, pareceu-lhe uma piada extraordinariamente boa quando encontrou esta máxima ao examinar Hegel: *O princípio da magia consiste em que a conexão entre os meios e o efeito não deve ser reconhecida*. Sem dúvida, ele me desprezava por não enxergar o lado engraçado das coisas como ele via, e, estranhamente, eu me inclinava a lhe conceder uma visão mais correta, embora também mais complicada, da que eu possuía. De qualquer forma, foram apenas nessas situações que eu o vi rir.

E ele tinha algum apreço pela música. Havia um alaúde com muitas fitas pendurado em meu quarto. Acredito que pertencia ao filho da proprietária, que estava preso ou desaparecido. Toda vez que vinha, Sussin me pedia para “tocar algo”, e não acreditava quando eu dizia que não podia. Ele me considerava alguém muito tímido. Porém, através desse caminho, ele por fim chegou ao seu verdadeiro tema:

— Você já ouviu as pessoas tocando... aquelas de uniforme?... Muito bonito.

Ele se referia ao Exército de Salvação, e sorria timidamente porque eu havia adivinhado.

— Vou ouvir esta noite. Vamos juntos?

XLII

Alegria de Huguenau pelo jornal não durou muito, nem mesmo um mês inteiro. Ainda era junho, e Huguenau sentia-se fatigado. Na primeira empolgação, conseguira realizar a grande ideia da edição especial e do artigo principal do major; porém, como nada novo lhe ocorreu imediatamente, perdeu o interesse. Era como se tivesse atirado ao canto um brinquedoe que já não gostava mais. E embora esse desgosto talvez mascarasse uma intuição de que de fato não se podia fazer um grande jornal a partir de um jornal provincial, sentia-se simplesmente entediado, já não queria mais ouvir nada a respeito, e sentia a realidade independente da rotina do jornal como uma interferência em si mesma. Se em algum momento ele não precisava chegar rapidamente ao trabalho, adorava ficar na cama, demorava demais no café da manhã, e só com repugnância conseguia arrastar-se até o quintal onde ficava o escritório. De fato, muitas vezes não ia além da cozinha, onde discutia com a Senhora Esch sobre o preço dos alimentos. E se, por fim, chegasse ao escritório de redação, geralmente descia os degraus em pouco tempo e se esgueirava até a máquina de impressão.

Marguerite brincava no jardim. Huguenau gritou através do pátio:

— Marguerite, estou na gráfica.

A criança veio correndo, e entraram juntos.

— Bom dia — disse Huguenau de maneira lacônica, pois desde que Lindner e o compositor assistente se tornaram seus subordinados, esforçava-se para ser o mais sucinto possível com eles. Os dois homens, no entanto, pareciam não se importar muito com isso, e experimentou de novo a sensação de que o olhavam como alguém que nada sabia sobre máquinas. Atualmente, estavam trabalhando na composição, e Huguenau, com a criança agarrada à sua mão, fazia o possível para olhar por cima dos ombros deles com ares de especialista, mas ficou aliviado quando saiu da sala de composição e voltou para sua máquina de impressão.

Ele ainda amava a máquina de impressão. Um homem que durante toda a sua vida vendeu mercadorias produzidas por máquinas, mas para quem fábricas e os proprietários de máquinas permanecem em uma classe acima, uma classe que nunca pudera alcançar, sem dúvida considerará como uma experiência maravilhosa se tornar de repente o proprietário de uma máquina; e pode ser que nele surja essa atitude afetuosa em relação às máquinas que quase sempre se encontra em meninos e em gente jovem, uma atitude que glorifica a máquina e a projeta para o plano elevado e livre de seus próprios desejos e de feitos poderosos e heroicos. Por horas, o menino pode observar a locomotiva na estação, profundamente contente por ela mudar os vagões de uma linha para outra; e por horas Wilhelm Huguenau podia se sentar diante de sua máquina de impressão e observá-la com carinho, e com o olhar sério e vago de um menino atrás dos óculos, completamente satisfeito por estar ela em movimento, porque engolia papel e o devolvia. E a intensidade de seu amor por essa entidade viva preenchia seu ser tão completamente que não havia espaço para ambição ou mesmo para qualquer desejo de entender aquela função mecânica incompreensível e maravilhosa; ele a aceitava, com admiração, ternura e quase com timidez, como ela era.

Marguerite subira nos fardos de papel enquanto Huguenau sentava-se no banco rústico que ficava ali. Ele olhou para a máquina, olhou para a criança. A máquina era sua propriedade, pertencia a ele; a criança pertencia a Esch. Por um tempo, um jogou ao outro uma folha de papel amassada como uma bola; então Huguenau se cansou do jogo, cruzou as pernas, limpou os óculos e disse:

— Ainda há algo a ser explorado nos anúncios.

A criança continuou brincando com a bola de papel.

Huguenau prosseguiu:

— Não imaginei que fosse tão ruim. O jornal foi caro demais... mesmo assim, temos a gráfica... você gosta da máquina de impressão,

não gosta?

— Sim, vamos brincar de máquina de impressão, tio Huguenau!

Marguerite desceu dos fardos de papel e subiu no colo dele. Em seguida, pegaram-se pelos braços, balançaram os corpos ritmicamente para frente e para trás, e pontuaram o movimento com “Pum, pum”.

Huguenau puxou o freio. Marguerite permaneceu sentada em suas pernas. Huguenau estava um pouco sem fôlego:

— O jornal foi caro demais... Se tudo correr bem, atingiremos quatrocentas cópias... Mas se conseguirmos duas páginas de anúncios, valerá a pena e ficaremos ricos. Não é verdade, Marguerite?

Marguerite pulava em suas pernas, e Huguenau a fez trotar; ela ria, pois isso fazia com ela balbuciasse as palavras:

— Sim, você ficará rico, ficará rico.

— Você está feliz, Marguerite?

— Depois você vai me dar muito dinheiro.

— Ah, é?

— Muito dinheiro.

— Sabe, Marguerite, vamos contratar alguns rapazes; eles vão coletar os anúncios... nas aldeias... em todos os lugares. Comissão.

A criança concordou seriamente.

— Já pensei em tudo: anúncios de casamento, vendas, etc., etc... vá buscar os modelos de anúncios do Senhor Lindner. — E ele gritou para a sala de composição: — Lindner, os modelos de anúncios.

A criança correu e trouxe os modelos.

— Veja, daremos esses modelos aos agentes... você vai ver como isso vai atrair.

Ele a pegou de novo no colo, e estudaram juntos os modelos. Então Huguenau perguntou:

— Então, com o dinheiro, você vai dar o fora... para onde você quer ir?

Marguerite deu de ombros:

— Para qualquer lugar.

Huguenau considerou:

— Se você passar pela região de Eifel, chegará à Bélgica. Lá moram boas pessoas.

Marguerite perguntou:

— Você vai comigo?

— Talvez... Sim, talvez mais tarde.

— Quando mais tarde?

Ela se aninhou contra ele, mas Huguenau respondeu de repente de maneira brusca:

— Basta — levantou-a e a colocou na máquina de impressão.

Estranhamente clara, a imagem daquele assassino, daquele violador de crianças acorrentado à sua maca, voltou a surgir, e isso o perturbou. — Tudo a seu tempo — disse ele, contemplando a menina, que se sentava, esbelta e animada, na máquina sólida e inanimada, e ainda assim, de alguma forma, pertencia a ela.

Se fosse ligada, a máquina engoliria Marguerite da mesma forma que fazia com o papel, e ele se certificou de que a correia estava desligada. Quase temerosamente, repetiu:

— Tudo a seu tempo, a hora vai chegar... aqui pelo menos não nos atrapalha.

E enquanto pensava no que a hora ainda reservaria, lembrou-se de Esch com seus dentes grandes, daquele magro e insuportável professor que nunca o deixava em paz e sempre insistia nos termos do contrato, tentando impor-lhe deveres editoriais — insistindo nos termos do contrato e exigindo que passasse o dia inteiro trabalhando, provavelmente esperando que vestisse um macacão azul. Defender seus direitos, o sujeito era capaz disso, mas quanto às ideias, não tinha nem ao menos uma! E já Huguenau estava cheio de satisfação extraordinária ao pensar que seu professor ainda não tinha conseguido obrigá-lo a trabalhar uma única vez.

Enquanto dobrava os modelos de anúncios, disse:

— Vamos acertar as contas com o professor, Marguerite, o que você acha?

— Me tire daqui — disse a criança.

Huguenau dirigiu-se à máquina, mas quando a menina colocou o braço ao redor de seu pescoço, ele ficou parado por um momento em silenciosa contemplação, pois encontrara aquilo que procurava: secretamente, encontrava-se acima do professor! Pois ele próprio oferecera-se para exercer vigilância sobre o sujeito perigoso, e o major aprovara! Huguenau percebeu que fora conduzido ali simplesmente para encontrar seu verdadeiro propósito na vida, como se a vida se cumprisse completamente se conseguisse desmascarar por completo as maquinacões secretas do Senhor Esch. Sim, era isso, e Huguenau deu um beijo caloroso na bochecha de Marguerite, suja de tinta de impressão.

Nesse ínterim, o Senhor Esch sentava-se no andar de cima na redação, aliviado por poder continuar seu trabalho e não o entregar a Huguenau. Pois, entre outras coisas, ele estava convencido de que Huguenau nunca seria capaz de conduzir o jornal nos moldes estabelecidos pelo major, e estava determinado a fazê-lo por si mesmo, para que pudesse servir ao major e à boa causa.

O Dr. Flurschütz examinou o toco do braço de Jaretzki:

— Parece magnífico... O chefe lhe dará alta em breve... Se concordar... Para algum centro de convalescença.

— Claro que concordo; já passou da hora de sair daqui.

— Também acho, ou então vamos ter que segurar o senhor aqui com *delirium tremens*.

— Ora, o que mais há para fazer além de beber... foi aqui que realmente aprendi.

— O senhor nunca bebeu antes?

— Nunca... Ora, um pouco, como todo mundo... Eu estava no politécnico em Brunswick, sabe... Onde o senhor se formou?

— Em Erlangen.

— Ora, então o senhor também deve ter bebido um pouco em sua época... isso sempre acontece em cidades pequenas... E quando se passa o dia todo, como aqui, sentado pelos cantos, então se volta a beber sem perceber... — Flurschütz ainda examinava e mexia no toco do braço — ... olha aqui, esse ponto ruim simplesmente não cicatriza... e quanto ao meu braço mecânico?

— Já foi encomendado... não vamos lhe mandar embora sem ele.

— Certo, mas faça com que chegue logo... se o senhor não tivesse trabalho aqui, voltaria a beber.

— Não sei... eu poderia encontrar outras coisas para fazer... de fato, nunca lhe vi com um livro, Jaretzki.

— Diga-me com franqueza, o senhor de fato lê todas aquelas pilhas de livros que ficam espalhados pelo seu quarto?

— Sim.

— Estranho... e isso tem algum significado ou objetivo?

— Nenhum, absolutamente.

— Isso é um alívio... Olha, Dr. Flurschütz... tudo bem, vou ficar quieto... o senhor já mandou muita gente desta vida para a melhor, isso faz parte do seu trabalho, é claro, mas quando se mata deliberadamente algumas pessoas... ora, parece que não é necessário pegar um livro pelo resto da vida... é uma sensação que tenho... O senhor já conquistou tudo... e é por isso também que a guerra nunca vai acabar...

— Um voo de pensamento audacioso, Jaretzki; o que o senhor bebeu hoje?

— Nada demais... além disso, estou de fato agradecido pelo seu senso de justiça, e a operação foi muito bem feita... agora, eu me sinto muito melhor neste mundo... muito bem, tudo resolvido... e a Companhia Elétrica Geral está simplesmente esperando por mim.

- É mesmo, Jaretzki. O senhor deveria ir para lá.
- Mas só para constar: o senhor arrancou o braço errado... era este aqui — Jaretzki bateu com dois dedos na tampa de vidro da mesa de instrumentos —, com este foi que lancei a granada... Provavelmente por isso ainda o sinto como um peso morto pendurado no meu ombro.
- Isso vai se resolver, Jaretzki.
- De qualquer forma, está tudo bem como está.

XLIV

A decadência dos valores (6)

Faz parte da lógica do soldado lançar uma granada entre as pernas do inimigo;

a lógica militar demanda, em geral, que todos os recursos militares sejam explorados com o máximo rigor e severidade, resultando, se necessário, no extermínio de povos, na demolição de catedrais, no bombardeio de hospitais e salas de operações;

a lógica do homem de negócios demanda que todos os recursos comerciais sejam explorados com o máximo rigor e eficiência para provocar a destruição de toda concorrência e a dominação exclusiva de seu próprio negócio, seja ele uma casa comercial, uma fábrica, uma empresa ou outro corpo econômico qualquer;

a lógica do pintor exige que os princípios da pintura sejam seguidos até suas conclusões com o máximo rigor e minúcia, sob o risco de produzir quadros completamente esotéricos e compreensíveis apenas por aqueles que os produzem;

a lógica do revolucionário exige que o ímpeto revolucionário seja seguido com o máximo rigor e radicalismo para a realização de uma revolução como um fim em si mesmo, assim como a lógica dos políticos em geral exige que obtenham uma ditadura absoluta para seus objetivos políticos;

a lógica do fabricante burguês exige que o lema “Enriqueça” seja seguido com rigor e eficiência absolutos: desta forma, nessa devoção absoluta ao rigor lógico, o mundo ocidental conquistou suas realizações — e com a mesma minúcia, a minúcia absoluta que se abole a si mesma, deve eventualmente avançar *ad absurdum*: guerra é guerra, *l'art pour l'art*, na política não há espaço para escrúpulos, negócio é negócio —; tudo isso significa a mesma coisa, tudo isso pertence ao mesmo espírito agressivo e radical, informado por aquela falta de consideração, quase metafísica, diria eu, pelas consequências, por aquela lógica implacável dirigida ao objeto e apenas ao objeto, que não olha nem para a direita nem para a esquerda; e isso, tudo isso, é o estilo de pensamento que caracteriza nossa época!

Não se pode escapar dessa lógica brutal e agressiva que se manifesta em todos os valores e antivalores de nossa época, nem mesmo ao se recolher na solidão de um castelo ou de uma moradia judaica. Contudo, aquele que teme o conhecimento, um romântico que busca uma visão fechada do mundo e dos valores, e que procura no passado

a completude que anseia, tem boas razões para voltar-se para a Idade Média. A Idade Média possuía o centro ideal de valores que ele requer, possuía um valor supremo ao qual todos os outros valores eram subordinados: a crença no Deus cristão. A cosmogonia dependia desse valor central (mais ainda, podia ser deduzida escolasticamente a partir dele), assim como o homem. O homem, com todas as suas atividades, fazia parte da ordem mundial que era apenas a imagem refletida de uma hierarquia eclesiástica, o símbolo fechado e finito de uma harmonia eterna e infinita. O ditado “negócios são negócios” não era permitido ao mercador medieval, sendo-lhe proibida a luta competitiva; o artista medieval não conhecia a “arte pela arte”, mas sabia apenas que ele deveria servir à sua fé; a guerra medieval reivindicava autoridade absoluta somente quando travada a serviço da fé. Era um mundo que repousava na fé, um mundo final e não causal, um mundo fundado no ser e não no tornar-se; e sua estrutura social, sua arte, os sentimentos que o uniam, em suma, todo o seu sistema de valores, estava subordinado ao valor vital abrangente da fé: a fé era o ponto de plausibilidade onde cada linha de investigação terminava, a fé era o que impunha a lógica e lhe conferia aquela coloração específica, aquele impulso criador de estilo que se expressa não apenas em um estilo de pensamento, mas continua a moldar um estilo que caracteriza toda a época enquanto a fé sobrevive.

Contudo, o pensamento ousou dar o passo do monoteísmo para o abstrato, e Deus, o Deus pessoal tornado visível na finita infinitude da Trindade, tornou-se uma entidade cujo nome não mais podia ser pronunciado e cuja imagem não mais podia ser concebida, uma entidade que ascendeu à infinita neutralidade do Absoluto e ali se perdeu na vastidão temerosa do Ser, não mais imanente, mas além do alcance humano.

Na violência dessa revolução causada pela aplicação radical, poderíamos até dizer, pela libertação da lógica, nessa remoção do ponto de plausibilidade para um novo plano do infinito, nesse afastamento da fé da vida concreta, a simples suficiência da existência também foi destruída. A força criadora de estilo parece desaparecer da expressão concreta neste ponto, e ao lado da massa da estrutura kantiana e das chamas da revolução, tudo o que encontramos é rococó e um império degenerado da noite para o dia em Biedermeier. Pois mesmo que o império, e logo após ele o movimento romântico, reconhecendo a discrepância entre esta revolução espiritual e as formas existentes de expressão concreta, tenham olhado para o passado em busca de ajuda, chamando os antigos e o gótico, ainda assim o novo desenvolvimento não pôde ser contido: o Ser imanente foi analisado em função pura; o mundo físico em si foi analisado em tal abstração que duas gerações depois até mesmo o Espaço poderia

ser eliminado dele; a decisão pelo abstrato puro já era irrevogável. E a infinita distância, a inacessível distância numenal daquele ponto para o qual todas as linhas de investigação e cadeias de probabilidade agora estavam destinadas a se esforçar, tornou impossível de uma vez por todas a ligação de todos os sistemas de valores individuais a um valor central. O abstrato invadiu sem piedade a lógica de cada atividade de criação de valor individual, esvaziando seu conteúdo, e não apenas proibindo qualquer desvio da forma determinada por sua função, exigindo uma estrutura puramente funcional, seja na arquitetura ou em qualquer outra atividade construtiva, mas também radicalizou tão completamente os sistemas de valores individuais que estes, sendo lançados de volta sobre si mesmos e referidos ao Absoluto, separaram-se uns dos outros, agora correm paralelos uns aos outros e, como já não podem se combinar em prol de um valor supremo, reivindicam igualdade uns com os outros: como estranhos eles existem lado a lado, um sistema de valores econômico de “bons negócios” ao lado de um estético de “arte pela arte”, um código militar de valores ao lado de um técnico ou atlético, cada um autônomo, cada um “em si e para si”, cada um “liberado” em sua autonomia, cada um resolvido a levar até o fim, com absoluta radicalidade, as conclusões finais de sua lógica e a superar seu próprio recorde. E aí dos outros se neste conflito de sistemas, que mantêm precariamente um equilíbrio, um deles ganhar a preponderância e ultrapassar todos os demais, como o sistema militar faz na guerra, ou como o sistema econômico está fazendo agora, um sistema ao qual até mesmo a guerra é subordinada — aí dos outros! Pois o sistema triunfante abraçará o mundo inteiro, aniquilará todos os outros valores como uma nuvem de gafanhotos devasta um campo.

Mas o homem, que outrora era a imagem de Deus, o espelho de um valor universal criado por si mesmo, o homem caiu de sua antiga condição: ele pode ainda ter alguma vaga lembrança de sua segurança passada, pode ainda se perguntar qual é essa lógica sobreposta que perverteu sua vida; no entanto, ele é lançado para o horror do infinito, e não importa o quanto ele estremeça diante da perspectiva, não importa o quanto ele anseie romântica e sentimentalmente voltar ao redil da fé, ele está indefeso diante do mecanismo dos sistemas de valores autônomos, e não pode fazer nada além de se submeter ao valor particular que se tornou sua profissão, não pode fazer nada além de se tornar uma função desse valor — um especialista, devorado pela lógica radical do valor em cujas mandíbulas ele caiu.

Huguenau combinara com a Senhora Esch que ela lhe serviria o almoço todos os dias. Isso era conveniente para ele de várias maneiras; e a Senhora Esch fazia o seu melhor, isso tinha que ser reconhecido. Um dia, quando ele subiu para comer, encontrou Esch sentado à mesa posta, absorto na leitura de um livro encadernado em preto. Huguenau olhou curiosamente por cima do ombro dele e reconheceu as gravuras de uma Bíblia. Como raramente se surpreendia com alguma coisa, exceto talvez quando alguém o passava para trás nos negócios, o que costumava acontecer, ele apenas disse: “Ahá!”, e esperou que sua refeição fosse servida. A Senhora Esch, de quadris largos, sem atrativos sexuais, passou pela sala; seu cabelo indeterminadamente loiro estava preso em desmazelo em um nó. Mas, ao passar, ela tocou o osso do ombro do marido com um gesto desnecessário, e Huguenau teve de repente a sensação de que à noite ela devia saber muito bem como aproveitar sua condição conjugal. O pensamento era desagradável, e então ele perguntou:

— Ora, Esch, está se preparando para entrar num mosteiro?

Esch levantou os olhos do livro:

— Essa é justamente a questão, se alguma fuga é permitida. — E acrescentou com sua rudeza habitual: — Mas o senhor não entende.

A Senhora Esch trouxe a sopa, e os pensamentos desagradáveis de Huguenau não o deixaram. Os dois viviam juntos como amantes, sem desejar filhos, e provavelmente era para encobrir isso que queriam adotar a garota Marguerite. Na verdade, sentava-se na cadeira onde deveria estar o filho deles. Então, com uma astúcia simples, retomou a piada e disse à Senhora Esch que o marido dela iria para um mosteiro. Ao que a Senhora Esch perguntou se era verdade que em todos os mosteiros havia atividades suspeitas entre os monges. E ela riu de alguma fantasia dissoluta que surgiu em sua mente. Mas então seus olhos se voltaram de maneira lenta e desconfiada para o marido:

— Sim, você é capaz de qualquer coisa.

O Senhor Esch claramente ficou desconfortável; Huguenau notou que ele corou e devolveu o olhar com raiva para sua esposa. No entanto, decidido a não perder sua postura diante da mulher, e até mesmo a aumentá-la, Esch declarou que afinal de contas era apenas uma questão de hábito, mas que todo mundo sabia muito bem que nem mesmo numa vida monástica era necessário ser um camarada frio; pelo contrário, ele se orgulhava de que mesmo usando um hábito seria capaz de se sair bem.

A Senhora Esch ficara por completo séria e rígida. Arrumou mecanicamente o cabelo e por fim perguntou:

— Está boa a sopa, Senhor Huguenau?

— Esplêndida — respondeu Huguenau, tomando-a de uma vez.

— Gostaria de mais uma porção? — suspirou a Senhora Esch. — De qualquer forma, hoje não tenho nada muito especial para acompanhar, apenas um pão de milho.

Ela assentiu satisfeita quando ele permitiu que seu prato fosse cheio de novo. Porém, nesse tempo, Huguenau continuou em seu tema: aparentemente, o Senhor Esch já estava farto das rações de guerra; não havia cartões de carne e farinha nos mosteiros, ainda se vivia lá como se fosse tempo de paz; mas considerando quanta terra os padres possuíam, isso não era surpreendente. Eles ainda enchiam seus estômagos nestes lugares. Quando ele esteve em Maulbronn, um funcionário do mosteiro lhe contara...

Esch o interrompeu: se o mundo voltasse a ser verdadeiramente livre, não haveria necessidade de ninguém comer a comida da prisão...

— Repolhos e nabos — disse a Senhora Esch.

— Mas não repolho fresco — disse Huguenau. — O que o senhor quer dizer com verdadeira liberdade?

Esch disse:

— A liberdade de uma alma cristã.

— Por todos os meios — disse Huguenau. — Mas eu gostaria de saber o que isso tem a ver com repolhos.

Esch pegou a Bíblia:

— “Minha casa será chamada de casa de oração, mas vós a tendes transformado em covil de ladrões”.

— Hmm, e os ladrões comem repolho velho — sorriu Huguenau, mas logo ficou sério: — Então o senhor acha que a guerra é uma espécie de assassinato, um assassinato com roubo, de certa forma, como os socialistas dizem.

Esch não lhe deu atenção, continuando a folhear as páginas:

— E além disso está escrito nas *Crônicas*... segundo livro... sexto capítulo, oitavo versículo... aqui está: “Já que foi em teu coração edificar uma casa em meu nome, fizeste bem em ter esta disposição no teu coração. Mas tu não edificarás a casa; porém, teu filho que há de proceder de tuas entranhas, ele edificará a casa em meu nome” — o rosto de Esch ficou vermelho. — Esse é um trecho muito importante.

— Pode ser — disse Huguenau —, mas por quê?

— Assassinato acarreta assassinato... Muitos devem se sacrificar para que o Redentor nasça, o filho que terá direito de edificar a casa.

Huguenau perguntou cautelosamente:

— O senhor está se referindo ao Estado Socialista do futuro?

— Somente com os sindicatos não será suficiente.

— Entendi... isso está no artigo do major, também?

— Não, isso está na Bíblia, apenas ninguém ainda conseguiu entender o significado.

Huguenau ameaçou Esch com o dedo erguido:

— O senhor é um sujeito esperto, Esch... e imagina que o velho, o major, nunca vai perceber o que o senhor está fazendo sob a capa da Bíblia?

— O quê?

— Propaganda comunista.

Esch sorriu, mostrando seus dentes fortes e amarelados:

— O senhor é um idiota.

— É fácil ser rude... Qual é a sua ideia do Estado futuro, então?

Esch pensou profundamente:

— É impossível fazer o senhor entender qualquer coisa... mas uma coisa eu posso lhe dizer: quando as pessoas voltarem a entender como ler a Bíblia, então não haverá mais necessidade de comunismo ou socialismo... e também não haverá mais uma República Francesa ou um imperador alemão.

— Ora, mas isso é revolução... diga isso ao major.

— Eu lhe diria também, sem hesitação.

— Ele ficará muito feliz em ouvir isso... e depois que o senhor se livrar do imperador, o que vai acontecer?

Esch responde:

— O Redentor vai reinar sobre todos os homens.

Huguenau piscou para a Senhora Esch:

— Seu filho, quer dizer?

Esch também olhou para sua esposa; parecia quase assustado:

— Meu filho?

— Nós não temos filhos — disse a Senhora Esch.

— Mas o senhor disse que seu filho construiria a casa — sorriu Huguenau.

Isso, no entanto, foi demais para Esch:

— O senhor está blasfemando... é algo tão denso que não consegue evitar blasfemar ou distorcer as palavras dos outros...

— Ele não quer dizer isso — falou a Senhora Esch apaziguadoramente —; a comida vai ficar completamente fria se vocês dois brigarem.

Esch ficou em silêncio e aceitou sua fatia de pão.

— Ah, eu já sentei à mesa com um padre silencioso muitas vezes — disse Huguenau.

Esch ainda não respondeu, e Huguenau o desafiou de novo:

— Ora, e quanto a esse reinado do Redentor, então?

A Senhora Esch assumiu uma expressão expectante:

— Diga a ele.

— É um símbolo — resmungou Esch.

— Interessante — disse Huguenau —, quer dizer que os padres vão reinar?

— Meu Deus do Céu... é impossível fazer com que o senhor entenda qualquer coisa... a soberania da Igreja é algo de que nunca ouviu falar, suponho... e ainda assim o senhor se diz editor.

Huguenau, por sua vez, estava honestamente indignado:

— Então é isso que seu comunismo é... se é que é isso mesmo... o senhor quer entregar tudo aos padres. É por isso que quer entrar num mosteiro... para que os padres vivam ainda melhor... então não sobrá nem repolho velho para nós... para jogar o dinheiro suado desta empresa no abismo desses senhores... não, eu prefiro muito mais meu negócio honesto do que seu comunismo nesse caso.

— Que o diabo o leve! Vá cuidar do seu negócio, então! Mas se o senhor se recusa a aprender qualquer coisa, não insista em querer dirigir um jornal com suas visões estreitas... Sim, eu disse: estreitas!... Não dá para conciliar.

Com isso, Huguenau se gabou, afirmando que todos deveriam ficar contentes por tê-lo encontrado. O negócio de anúncios, como um certo Senhor Esch o havia conduzido, teria falido em menos de um ano, como se pode facilmente calcular. E, com expectativa, piscou para a Senhora Esch, esperando que ela o seguisse neste campo prático. No entanto, a Senhora Esch retirou o pão de milho da mesa e estava de bom humor. Mais uma vez, Huguenau teve de notar que ela havia colocado a mão sem atrativos no ombro do marido; não estava prestando atenção ao discurso, apenas observava que havia coisas que nós, o senhor, caro Senhor Huguenau, e eu, não poderíamos aprender tão facilmente. E Esch, em êxtase, levantando-se da mesa, encerrou a discussão.

— O senhor precisa aprender, jovem, aprender a abrir os olhos.

Huguenau saiu da sala. “Conversa de padre”, pensou ele.

Haissez les ennemis de la sainte religion. Sim, *merde*; piadistas, já estava pronto para odiar, mas não permitiria que lhe dissessem quem odiar. *D’ailleurs je m’en fous.* O som de pratos lavados batendo e o leve cheiro de detergente da cozinha o acompanharam pelas escadas de madeira, lembrando-lhe de forma estranhamente clara da casa de seus pais e da mãe na cozinha.

Alguns dias depois, surgiu a seguinte carta da pena de Huguenau:

Exmo. Sr. Major e Comandante da Cidade

Joachim von Pasenow

Assunto: Relatório Secreto No. 1

Exmo. Sr. Major,

Com referência à conversa que tive a honra de manter com o senhor a respeito do assunto acima mencionado, venho, respeitosamente, comunicar que estive presente ontem em uma reunião com o referido Sr. Esch e vários elementos suspeitos. Como já mencionado, o Sr. Esch se encontra com certos elementos subversivos várias vezes por semana na Taverna Palatina, e ontem ele gentilmente me convidou para acompanhá-lo. Além de um mestre da fábrica de papel, um certo Liebel, estavam presentes um trabalhador da referida fábrica, cujo nome foi pronunciado de forma intencionalmente indistinta para que eu não o entendesse; também dois internos do hospital militar que haviam recebido permissão para sair — a saber, um cabo chamado Bauer e um artilheiro com um nome polonês. Um pouco mais tarde chegou um voluntário pertencente a uma seção de lançamento de bombas. Ele se chamava Betge, Betzge, ou algo parecido, e foi dirigido pelo mencionado Sr. E. como “Sr. Doutor”. A conversa logo mudou para a guerra mesmo sem eu sugerir, e muito foi dito, especialmente sobre a possibilidade do fim da guerra. O voluntário já mencionado afirmou em particular que a guerra estava chegando ao fim, porque os austríacos estavam desanimados. Ele ouvira, de alguns de nossos aliados que passavam em um trem blindado, que uma grande fábrica de munições perto de Viena fora explodida por aviadores italianos ou por traição, e que a frota austríaca tinha passado para o inimigo depois de assassinar seus oficiais, e que só não o fizeram por causa dos submarinos alemães. O artilheiro respondeu que não podia acreditar nisso, porque os marinheiros alemães também estavam cansados da guerra. Quando perguntei a ele quem tinha informado isso, ele disse que soube através de uma garota na casa de prostituição da cidade, que havia sido informada por um pagador naval que estava de licença aqui. Depois da gloriosa Batalha de Skagerrak, segundo ela, conforme relatado posteriormente pelo artilheiro, os marinheiros se

recusaram a obedecer a mais ordens, alegando também que a comida dos homens estava ruim. Todos concordaram então que era necessário acabar com a guerra. Neste sentido, o mestre da fábrica enfatizou que a guerra só trazia lucro para os grandes capitalistas, e que os russos tinham sido os primeiros a reconhecer isso. Essas ideias subversivas também foram defendidas por E., que as sustentava usando a Bíblia, mas, pelas minhas experiências com o Sr. E., acredito poder afirmar com certeza que ele está buscando fins hipócritas por meio disso, e que os bens da Igreja são um espinho em sua carne. Evidentemente, para servir como uma cobertura para o complô que está sendo tramado, ele propôs fundar uma Sociedade Bíblica, mas mesmo assim isso foi recebido com escárnio pela maioria dos presentes. Para aprender mais sobre ele de um lado, e sobre o pagador por outro, visitamos a casa de prostituição a meu pedido, depois que os dois internos do hospital e o trabalhador da fábrica saíram. Não pude reunir muitas informações, no entanto, sobre o pagador na casa de prostituição, mas, por outro lado, o comportamento do Sr. E. parecia cada vez mais suspeito para mim. O “doutor”, que sem dúvida é cliente habitual da casa, me apresentou dizendo: “Este é um senhor do governo, vocês devem tratá-lo de graça”, do que deduzi que E. tinha suspeitas sobre mim e, conseqüentemente, havia alertado seus cúmplices para serem cautelosos na minha presença. Portanto, não tive sucesso em minha tentativa de fazer com que o Sr. E. abandonasse sua reserva, e embora ele tenha bebido muito a meu convite e às minhas despesas, ele se recusou, apesar de todo incentivo, a subir as escadas, e permaneceu aparentemente sóbrio, estado que ele aproveitou para fazer discursos barulhentos na sala de espera sobre a natureza não cristã e blasfema de tais estabelecimentos. Somente quando o “doutor” voluntário explicou a ele que essas casas foram designadas para o exército, por razões sanitárias, pelas autoridades militares, e conseqüentemente devem ser consideradas como instituições militares, é que ele abandonou seu ponto de vista antagonista, que ele mais uma vez retomou no caminho de volta.

Como não tenho mais nada a relatar hoje, envio meus mais profundos respeitos e me coloco ansiosamente à disposição para mais serviços.

Atenciosamente,
Wilhelm Huguenau

PS: Permito-me acrescentar que, durante nossa conversa na Taverna Palatina, o Sr. Esch mencionou que na prisão desta cidade um ou mais desertores estão detidos e devem ser executados. Em seguida, todos, inclusive o Sr. Esch, expressaram em voz alta a opinião de que não faz sentido executar desertores agora que a guerra está chegando ao fim (com o que essas pessoas parecem contar), visto que sangue suficiente já foi derramado. O gSr. Esch era da opinião de que deveriam ser tomadas medidas a esse respeito. Ele não esclareceu se estava se referindo a medidas violentas ou a outras medidas. Gostaria de insistir mais uma vez, respeitosamente, que considero o referido Sr. Esch como um lobo em pele de cordeiro, que oculta, por trás de frases piedosas, seus objetivos subversivos.

Mais uma vez, com os mais profundos respeitos,
W. H.

Após concluir seu relatório, Huguenau olhou-se no espelho para ver se conseguia fazer uma careta irônica como aquela que tantas vezes o irritara em Esch. Sim, sua carta era uma obra-prima; era bom dar um golpe em Esch, e Huguenau ficou tão satisfeito com esse pensamento agradável que não pôde deixar de imaginar a satisfação que o major sentiria ao receber a carta. Ele considerou se deveria entregá-la pessoalmente, mas então pareceu-lhe mais apropriado que chegasse às mãos do major através da entrega postal oficial. Então ele enviou pelo correio registrado, não sem antes escrever em letras enormes no envelope “PESSOAL” e sublinhá-lo três vezes.

Entretanto, Huguenau havia se enganado: o major não ficou nada satisfeito ao encontrar a carta entre a correspondência em sua mesa.

Era uma manhã chuvosa e tempestuosa, a chuva batia nas janelas do escritório e o ar cheirava a enxofre ou a fuligem. Algo feio e violento estava oculto por trás dessa carta, algo subterrâneo, e embora o major não soubesse, e embora não fosse seu dever saber, que sempre deve haver violência e violação quando alguém tenta forçar seu caminho para a realidade dos outros e enxertar a sua própria nela, ainda assim a palavra “notívagos” veio à sua mente, e parecia-lhe que estava sendo chamado a se proteger, a proteger sua esposa e filhos de algo que não era de seu mundo, mas pertencia ao abismo. Vacilante, ele pegou a carta de novo; no fundo, não se podia culpar esse homem, cuja violência era apenas, por assim dizer, uma forma insignificante de violência, que apenas cumpria seu dever como patriota e fazia seu

relatório, e se o fazia de maneira repugnante e desonrosa como um *agent provocateur*, ainda assim não se podia levar a mal em um homem sem instrução. Mas porque tudo isso era realmente incompreensível e estava além de sua compreensão, o major sentiu apenas um arroubo de vergonha por ter depositado confiança em um homem de mente inferior, e seu rosto sob os cabelos brancos ficou um pouco mais vermelho de vergonha. No entanto, o comandante da cidade não podia considerar-se justificado em simplesmente relegar a comunicação para a lixeira; antes, seu cargo o obrigava a continuar a observar o suspeito, o Senhor Esch, com a devida desconfiança — a vigiá-lo, por assim dizer, de longe, para que qualquer perigo que pudesse eventualmente ameaçar a pátria pelas atividades do Senhor Esch, pudesse ser prevenido.

XLVII

O Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck telefonou para o Dr. Kessel:

— Colega, o senhor pode vir operar hoje às três? Uma pequena extração de bala...

O Dr. Kessel achou que mal conseguiria, pois estava muito ocupado.

— Para o senhor, deve ser simples demais, assim como para mim... Mas não se pode pedir muito... Não é uma vida nem um trabalho que um homem possa suportar por muito tempo, admito, e um dia também vou largar isso... Mas hoje não há nada a fazer... Eu lhe ordeno que venha, vou lhe enviar um carro, em meia hora estaremos prontos.

Kuhlenbeck desligou o telefone. Riu:

— Bom, ele estará ocupado por duas horas.

Flurschütz estava sentado ao lado dele:

— Estive me perguntando, devo admitir, por que o senhor chamou Kessel para algo tão trivial.

— O pobre Kessel sempre tenta me escapar. Vamos tirar o apêndice de Kneese ao mesmo tempo.

— O senhor de fato pretende operá-lo?

— Por que não? O homem merece seus prazeres... e eu também.

— Ele quer ser operado?

— Venha, Flurschütz, o senhor está ficando tão ingênuo quanto nosso velho amigo Kessel... E eu já perguntei a alguém isso? Depois todos ficam agradecidos. E as quatro semanas de licença médica que eu consigo para cada um deles... Ora, pense por si mesmo.

Flurschütz fez menção de dizer algo. Kuhlenbeck ergueu a mão:

— Ah, deixe-me em paz com suas teorias de secreção... Meu caro

amigo, se posso olhar para dentro do ventre de um homem, não preciso de teorias... Siga meu exemplo e torne-se um cirurgião... A única maneira de se manter jovem.

— E devo abandonar todo o trabalho que fiz sobre as glândulas?

— Abandone com a consciência tranquila... O senhor opera muito bem como está.

— Algo precisa ser feito a respeito de Jaretzki, senhor... O homem está definhando.

— Vamos tentar uma trepanação nele.

— Mas o senhor já o dispensou... Com os nervos na condição em que estão, ele deveria ser enviado para uma instituição especial.

— Eu o encaminhei para Kreuznach, ele logo se recuperará lá... Os senhores são uma bela geração! Um pouco de bebedeira e caem e precisam ser enviados para uma instituição para nervosos... Ordenança!

O ordenança apareceu na porta.

— Diga à enfermeira Carla que vamos operar às três... ah sim, e Marwitz do quarto dois e Kneese do quarto três não receberão nada para comer hoje... é tudo... O que acha, Flurschütz, na verdade não precisamos do pobre Kessel, nós vamos nos virar muito bem sozinhos... Não vale a pena chamar o Kessel; ele só reclama que suas pernas doem: verdadeiro sadismo da minha parte arrastá-lo aqui... ora, o que acha, Flurschütz?

— Com todo respeito, senhor, eu posso agir por Kessel desta vez, mas isso não pode continuar indefinidamente... E então não será mais possível simplesmente ordenar que um médico opere.

— Insubordinação, Flurschütz?

— Apenas teoria, senhor... Não, acredito que em breve a medicina terá se especializado tanto que uma consulta entre um clínico geral e um cirurgião ou um dermatologista não levará a nenhum resultado, simplesmente porque não haverá meio de fazer um especialista entender o outro.

— Errado, completamente errado, Flurschütz, em breve só haverá cirurgições... Isso é tudo o que restará dessa arte miserável da medicina... O homem é um açougueiro e, aconteça o que acontecer, continuará sendo um açougueiro. Não entende nada além disso... mas isso, entende perfeitamente.

E o Dr. Kuhlenbeck olhou para suas grandes e hábeis mãos peludas e para as unhas cortadas bem curtas.

Então ele disse pensativo:

— Sabe, um homem que se recusa a aceitar esse fato pode realmente enlouquecer... É preciso aceitar as coisas como são e encontrar prazer nelas... Então, deixe-me aconselhá-lo, Flurschütz, mude de cavalo e

XLVIII

Era necessário lutar por cada bobina de papel na hora do pedido, e embora Esch tivesse um certificado oficial do jornal *Correio do Eleitorado de Trier*, ele tinha que ir à fábrica de papel toda semana. E quase sempre havia uma discussão com o velho Senhor Keller ou o gerente da fábrica. Os homens estavam saindo para o dia quando Esch deixou a fábrica. Na rua, ele alcançou o mestre Liebet e o mecânico Fendrich. Ele realmente não suportava Liebet, com sua cabeça cônica loira e a grossa veia em sua testa. Ele disse:

— Boa noite.

— Boa noite, Esch; esteve rezando com o velho todo esse tempo?

Esch não entendia.

— Para que lhe entregue o papel.

— Besteira — disse Esch.

Fendrich parou e mostrou as solas dos seus sapatos; estavam furadas:

— Isso vai custar seis marcos... É assim que seus aumentos salariais vão.

Isso proporcionou a Esch um ponto de partida:

— Não dá para fazer muito apenas aumentando os salários, esse é o erro de todos os sindicatos.

— O que é isso, Esch? Está pensando em remendar as botas de Fendrich com a Bíblia também?

— Besteira — repetiu Esch.

Os olhos de Fendrich brilhavam febris em suas cavidades escuras; ele estava tuberculoso e não conseguia beber leite o suficiente. Ele disse:

— Religião provavelmente também é um luxo exclusivo dos ricos.

Liebet disse:

— Maiores e editores de jornais.

Esch disse meio que se desculpando:

— Eu sou apenas um empregado do jornal, como o senhor mesmo. — Então se exaltou: — Além disso, é tudo besteira, como se os sindicatos alguma vez tivessem feito voto de pobreza!

Fendrich disse:

— Seria muito bom se pudéssemos acreditar.

Esch falou:

— Descobri algo: a religião também precisa se renovar, e ter uma nova vida... Diz na Bíblia que apenas o filho pode construir a casa.

Liebet afirmou:

— Claro que a próxima geração terá uma vida melhor, isso não é novidade para mim... Simplesmente não consigo mais viver com meus cento e quarenta marcos, mesmo incluindo o extra... O velho não admite isso... E eu sou o encarregado, também.

— Eu também não tenho mais que isso — disse Esch —, contando a casa e tudo mais... Eu tenho dois inquilinos, mas não posso pedir nada a eles decentemente, coitados... Minha conta de aluguel é passiva.

O vento da noite se intensificou. Fendrich tossiu.

Liebet disse:

— E aí, alguma novidade?

Esch admitiu:

— Estive conversando com o padre...

— Para quê?

— A respeito daquele trecho da Bíblia, o idiota nem mesmo ouviu... Murmurou algo sobre oração e a Igreja, e isso foi tudo. O maldito padre... Temos que nos ajudar.

— Está certo — disse Fendrich —, ninguém ajuda.

Liebet disse:

— Quando as pessoas se unem, se ajudam mutuamente... Essa é a vantagem dos sindicatos.

— O médico diz que preciso ir para as montanhas, e ele já fez o pedido dez vezes para o fundo de doenças... Mas, nos dias de hoje, se alguém não vem do *front*, tem que esperar, e minha tosse só piora.

Esch fez uma expressão irônica:

— Com seus sindicatos e seus fundos de doenças, o senhor não vai muito mais longe do que eu com meus padres...

— O senhor há de morrer sozinho — disse Fendrich, tossindo.

Liebet perguntou:

— O que o senhor quer de fato?

Esch pensou:

— Costumava pensar que só precisava sair... para a América... através do vasto oceano em um navio... para poder começar uma nova vida... mas agora...

Liebet esperava o final da frase:

— E agora?

Esch respondeu inesperadamente:

— Talvez os protestantes estejam mais perto disso... o major é protestante, afinal... mas tem que pensar sobre o assunto primeiro... tem que se reunir com outras pessoas e ler a Bíblia para ter uma luz clara... quando se está sozinho, a dúvida permanece, não importa quanto se pense sobre o assunto.

— Quando se tem amigos, tudo é mais fácil — disse Fendrich.

— Venha até mim — disse Esch —, eu vou lhe mostrar o trecho na Bíblia.

— Tudo bem — disse Fendrich.

— E o senhor, Liebet? — Esch se sentiu obrigado a perguntar.

— Tem que me dizer primeiro o que planejaram fazer juntos.

Fendrich suspirou:

— Cada um só vê as coisas com seus próprios olhos.

Liebet riu e se afastou.

— Ele ainda vai acabar vindo junto — disse Esch.

XLIX

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (7)

Não me recordo muito bem da noite em que acompanhei Nuchem Sussin à reunião do Exército de Salvação. Estava ocupado com coisas mais importantes.

Por mais que se possa estimar a atividade filosófica, ela tem o efeito de tornar o mundo externo insignificante e menos digno de nota. Além disso, mesmo as coisas mais notáveis passam despercebidas enquanto as estamos vivenciando. Em resumo, tudo o que consigo me lembrar é de Nuchem Sussin caminhando ao meu lado com seu paletó cinza fechado, suas calças curtas demais e, portanto, esvoaçantes, e seu ridículo chapéu de veludo absurdamente pequeno. Todos esses judeus, quando não estão usando os típicos chapéus pretos, usam esses chapéus de veludo que são pequenos demais para eles, inclusive o supostamente elegante Dr. Litwak faz isso, e eu não pude deixar de perguntar a Nuchem de onde tirara aquele chapéu.

— Acabei de adquirir — foi a resposta.

Além disso, toda a situação não valia a pena mencionar. Ela só ganhou alguma importância por causa do Dr. Litwak, que veio me visitar ontem. Ele tem o desagradável hábito de simplesmente entrar, o que fez na ocasião da minha suposta doença. Então, reapareceu diante de mim enquanto eu estava deitado no divã; ele segurava a indispensável bengala na mão e usava o absurdo chapéu de veludo pequeno na cabeça. Ou seja, o chapéu em si não era pequeno, tinha uma aba larga, mas ele estava posicionado tão para cima que mal cobria o topo da cabeça. Naquele momento, ocorreu-me que o Dr.

Litwak também devia ter tido uma tez leitosa na juventude. Neste instante, sem dúvida, lembrava creme amarelado.

— O que poderia me dizer sobre Sussin?

Eu disse, porque era a verdade:

— Ele é meu amigo.

— Amigo, muito bem... — Dr. Litwak puxou uma cadeira para si. — As pessoas estão preocupadas; elas me pediram para vir... entende?

Na realidade, eu não tinha obrigação de entendê-lo, mas queria abreviar o procedimento:

— Ele tem o direito de ir aonde quiser.

— Ah, quem tem direito, quem não tem direito... Eu não o estou acusando, é claro... mas por que ele está andando por aí com aquela garota cristã?

Só então me dei conta de que naquela noite eu convidara Marie e Nuchem para o meu aposento. Quem não tem dinheiro não pode ficar sentado em restaurantes.

Não consegui conter o riso.

— O senhor ri, e a esposa dele está lá, sentada, chorando.

Ora, aquilo era sem dúvida novidade para mim; mesmo assim, eu poderia ter lembrado que aqueles judeus se casam aos quinze anos. Se eu ao menos soubesse quem era a esposa de Nuchem: uma das meninas estilosas? Ou uma das matronas com o cabelo partido ao meio? Esta última parecia mais provável.

Eu peguei o Dr. Litwak pelo cordão de seus óculos:

— Ele também tem filhos?

— O que o senhor espera que ele tenha, gatinhos?

O Dr. Litwak fez uma expressão tão indignada que eu tive que perguntar qual era seu primeiro nome.

— Dr. Simson Litwak — reapresentou-se ele.

— Ora, então olhe aqui, Dr. Simson, o que o senhor quer de mim?

Ele refletiu por um tempo:

— Eu sou um homem esclarecido... mas isso está indo longe demais... o senhor precisa impedi-lo.

— Impedi-lo de quê? De querer ir para Sião? Deixe-o com esse prazer inofensivo.

— Ele ainda vai se batizar... O senhor precisa impedi-lo.

— Mas se ele chegar a Jerusalém como judeu ou como cristão, isso realmente não importa.

— Jerusalém — repetiu, como se um bombom tivesse sido colocado em sua boca.

— Pois então — respondi, esperando que ele se retirasse.

Ele ainda claramente saboreava o nome:

— Eu sou um homem esclarecido... mas ninguém nunca chegou lá cantando músicas e batendo tambores... isso é para outro tipo de pessoas... Preciso visitar todo mundo, sou médico, não importa para mim se alguém é judeu ou cristão... há pessoas decentes em todo lugar... O senhor vai impedi-lo?

Essa persistência estava me irritando:

— Eu sou um grande antissemita — ele sorriu incrédulo. — Eu sou um agente do Exército de Salvação, sou oficial de intendência em Jerusalém.

— Uma piada — disse ele apreciando, embora estivesse visivelmente desconcertado —, uma piada, *nebbich*.

Sem dúvida, estava certo; uma piada, *nebbich*, essa era a atitude em relação à vida naquele momento. Quem poderia ser responsabilizado por isso? A guerra? Eu não sabia, e provavelmente ainda não sei, embora muitas coisas tenham mudado.

Eu ainda segurava o Dr. Litwak pelo cordão de seus óculos. Ele disse:

— Mas o senhor também é um homem esclarecido...

— Como?

— Por que o senhor não deixa as pessoas com seus... — ele pronunciou a palavra com dificuldade — ... seus preconceitos?

— Então, o senhor chama essas coisas de preconceitos!

Ei-lo então totalmente confuso.

— Na verdade, não são preconceitos, é claro... o que o senhor quer dizer com preconceitos?... — E por fim se acalmando de novo: — Mas na realidade não são preconceitos.

Quando ele saiu, repassei em minha mente aquela noite da reunião do Exército de Salvação. Como eu disse, tinha passado sem fazer o menor impacto em mim. De vez em quando eu observava Nuchem Sussin enquanto ele estava sentado lá com um sorriso um tanto inexpressivo nos lábios judaicos curvados em seu rosto leitoso, ouvindo os cânticos. E então eu os tinha convidado para o meu aposento, ou mais corretamente apenas Marie, pois Nuchem, é claro, morava na casa — ora, e então aqueles dois estavam sentados em meu recinto em silêncio enquanto eu falava. Até que Nuchem mais uma vez apontou para o alaúde e disse:

— Toque algo.

Então Marie pegou o alaúde e cantou a canção:

Para transpor as portas de Sião,

Uma hoste forte já se pôs a marchar;

Banhada pelo sangue do Cordeiro,

Para você, há nela ainda um lugar.

L

Huguenau esperou por oito dias, aguardando algum sinal de aprovação ou pelo menos uma resposta do major. Esperou por dez dias. Então começou a ficar inquieto. O relatório claramente não atendera às expectativas do major. Mas seria culpa dele que aquele cretino do Esch não fornecesse material? Huguenau considerou se deveria seguir o primeiro relatório com um segundo, mas o que poderia dizer neste? Que Esch estava conversando como de costume com os viticultores e os trabalhadores da fábrica não era novidade; isso só entediaria o major!

O major não podia ficar entediado — Huguenau quebrou a cabeça procurando alguma proposta para apresentar-lhe. Algo precisava ser feito. Esch reinava supremo no escritório e agia como se o verdadeiro editor do jornal não existisse, e na gráfica tudo era tedioso além do suportável. Huguenau procurou nos grandes jornais por estímulo, e encontrou quando fez a descoberta de que todos esses jornais estavam trabalhando em prol de instituições de caridade nacional, enquanto o *Correio do Eleitorado de Trier* não havia empreendido nada, absolutamente nada disso. Então, era isso que o afetuoso coração do Senhor Esch significava, esse afetuoso coração que não suportava o espetáculo da miséria entre os viticultores. Mas ele próprio já sabia o que fazer.

Na sexta-feira à noite, após uma longa ausência, reapareceu no hotel e dirigiu-se logo à sala onde as personalidades se reuniam, pois aquele era o seu lugar por direito. O major sentava-se à mesa no salão de jantar externo, e Huguenau, ao passar por ele, cumprimentou-o de maneira formal e lacônica.

Por sorte, os senhores já estavam presentes em grande número, e Huguenau anunciou que estava contente em encontrar tantos deles, pois tinha um assunto importante para discutir, e imediatamente, antes que o major chegasse. E num discurso bastante longo, apontou que a cidade carecia, dolorosamente carecia, de qualquer organização de caridade adequada, como já existia há anos em quase todos os lugares, para a mitigação dos efeitos adversos da guerra, e propôs que uma tal organização fosse estabelecida com urgência. Quanto aos seus objetivos, ele se contentaria em mencionar, entre outras coisas, a preservação dos túmulos de soldados, o apoio às viúvas e órfãos de soldados e assim por diante; além disso, gostaria de ressaltar que o dinheiro para esses nobres objetivos deveria ser arrecadado, e que, nesse sentido, poderia ser erguido um “Bismarck de Ferro”, por

exemplo, na praça do mercado, pregos a dez pfennigs cada — além de ser um escândalo gritante que esta cidade sozinha carecesse de tal monumento —; e por fim que apelos de caridade de vários tipos, para não falar de coletas públicas, sempre ajudariam a aumentar seus fundos. E que esta organização, para a qual ele pedia que fosse sugerido o título de “Associação Memorial do Mosela”, deveria aparecer sob o patrocínio do comandante da cidade. Ele próprio e seu jornal — é claro, dentro dos limites de seus modestos recursos — estavam sempre à disposição da associação e de seus nobres objetivos, sem nenhum custo.

Mal é preciso dizer que a proposta foi recebida com aplausos universais e foi aceita unanimemente e sem discussão. Huguenau e o Senhor Paulsen, o farmacêutico, foram designados como delegados para apresentarem a proposta ao senhor major, e depois de ajeitarem seus casacos, entraram no salão de jantar com certa solenidade.

O major olhou com certa surpresa, depois endireitou-se com um pequeno solavanco regulamentar, e ouviu atentamente, mas sem entender, as frases dos dois senhores. Essas frases se cruzavam e se atropelavam, e o major ouviu algo sobre um “Bismarck de Ferro”, viúvas de guerra e um “Memorial do Mosela”, e não entendeu nada. Por fim, Huguenau foi inteligente o suficiente para deixar toda a fala para o farmacêutico; também lhe pareceu que esse era o curso mais modesto, e assim ficou quieto, olhando para o relógio na parede, a imagem do Príncipe Herdeiro Friedrich após a Batalha de Gravelotte e o letreiro da cerveja Spatenbräu (com a pá) pendurada em uma corda ao lado da imagem do Príncipe Herdeiro. Onde conseguir Spatenbräu? Nesse entretempo, o major tinha entendido o que Paulsen estava dizendo: ele respondeu que não lhe parecia haver motivos militares contra sua aceitação; saudou aquela proposta patriótica, só podia agradecer-lhes muito cordialmente, e se levantou para expressar seus agradecimentos aos senhores na próxima sala. Paulsen e Huguenau o seguiram, orgulhosos de sua realização bem-sucedida.

Eles permaneceram juntos por um longo tempo, pois era de certa forma uma celebração inaugural. Huguenau esperava por uma oportunidade de abordar o major, e ela veio logo quando brindaram à saúde e ao sucesso da nova associação e seu patrono, sem esquecer, naturalmente, do homem que concebera aquela brilhante ideia, o Senhor Huguenau, o editor.

Huguenau, com seu copo na mão, circulou pela mesa e dessa forma chegou ao Major Von Pasenow:

— Espero que o senhor major esteja satisfeito comigo hoje à noite.

O major respondeu que nunca tivera motivo para insatisfação.

— Sim, é claro, senhor major, meu relatório parece ter falhado um pouco... mas espero que leve em consideração que as circunstâncias

eram muito difíceis. E tenho trabalhado dia e noite reorganizando o jornal; espero que não me considere negligente por não ter conseguido enviar-lhe um segundo relatório...

O major acabou dizendo:

— Acho que mal vale a pena continuar com o assunto; o senhor já fez tudo o que estava obrigado a fazer.

Huguenau ficou desconcertado.

— Ah, de jeito nenhum, de jeito nenhum — murmurou, e assegurou ao major que retomaria seu trabalho de vigilância de fato com seriedade.

Como o major não fez mais nenhum comentário, Huguenau continuou:

— Nós vamos imprimir o apelo para “O Memorial do Mosela” imediatamente, amanhã mesmo... Não se dignaria o senhor major a honrar nossa empresa com uma visita em tal ocasião, após ter tão gentilmente se oferecido para ser seu patrono... isso seria a mais esplêndida propaganda para a nova associação, certamente.

O major respondeu que ficaria mais do que feliz em visitar o *Correio do Eleitorado de Trier*; para o dia seguinte, no entanto, todos os seus compromissos já estavam marcados, mas presumia que qualquer dia serviria de mesma maneira.

— Quanto antes, melhor, senhor major — arriscou Huguenau. — O senhor major não encontrará nada de muito interessante para inspecionar... tudo é bastante modesto... e é claro que não há muitos sinais exteriores do trabalho que foi colocado na reorganização, mas posso dizer com toda a modéstia que os arranjos de impressão estão em perfeita ordem... — De repente, ocorreu-lhe uma nova ideia: — A impressora, por exemplo, seria excelente para qualquer impressão necessária às autoridades militares — afogueado, quisera segurar o major pelo botão do casaco. — Veja, senhor major, veja como Esch negligenciou o negócio... precisava que eu tivesse essa ideia. Temos que conseguir o costume das autoridades do exército, agora que o jornal está, por assim dizer, sob seu patrocínio direto, e investimos tanto dinheiro nele... como mais vou conseguir um dividendo para os acionistas... considerando o estado em que encontrei o negócio? — interpelou, desesperado, pois sentia-se francamente amargurado.

O major respondeu um tanto desamparado:

— Isso não é da minha alçada...

— Claro, claro, senhor major, mas se o senhor major de fato desejar... e uma vez que o senhor major tenha visto a gráfica, com certeza desejará... — Ele olhou para o major de maneira sedutora e tentadora e desesperada, tudo ao mesmo tempo. Mas então ele se recompôs, limpou seus óculos e olhou ao redor da mesa: — É óbvio,

no interesse de todos os cavalheiros presentes também... todos os cavalheiros estão convidados a inspecionar o local, é claro que isso está entendido.

A maioria deles já conhecia o antro de Esch. Mas não disseram nada.

LI

Desde que Heinrich Wendling anunciara que estava voltando de licença, já havia passado mais de três semanas. E apesar de ainda ficar na cama por mais tempo pela manhã, Hanna dificilmente acreditava que Heinrich realmente viria. No entanto, ele chegou de maneira repentina, nem à noite nem de manhã, mas em plena luz do dia. Passara metade da noite na estação de Coblença e depois viera em um trem de transporte lento. E enquanto contava isso, eles estavam de pé um em frente ao outro no caminho do jardim pavimentado; o sol do meio-dia brilhava, e no meio do gramado, havia um guarda-sol vermelho brilhava ao lado da cadeira de jardim onde estivera deitada; podiam sentir o cheiro do algodão vermelho quente, e ouvir as folhas do seu livro aberto que tremulavam sob o leve vento. Heinrich não a tocou, nem sequer lhe estendeu a mão, mas ficou imóvel encarando seu rosto, e ela, sabendo que devia estar procurando por uma imagem que carregava em sua mente há mais de dois anos, permaneceu quieta sob seu olhar inquisitivo; e também olhou para o rosto voltado para si, procurando, por sua vez, não por uma imagem que ela abrigara, pois não havia mais imagem em sua mente, mas pelos traços que uma vez a compeliram a amar aquele rosto. Aquele rosto lhe parecia estranhamente inalterado: ela conhecia e reconhecia a linha dos lábios; a disposição e forma dos dentes e o sorriso no queixo permaneceram inalterados, e o espaço entre os olhos estava um pouco largo demais por conta da largura do crânio.

— Eu preciso ver seu perfil — disse ela, e ele virou obedientemente a cabeça.

E era o mesmo nariz reto e lábio superior longo que ela via de novo, apenas todo traço de suavidade desaparecera, isso era tudo. Realmente, se devia reconhecer que ele era um homem bonito; no entanto, já não encontrava o que uma vez a deliciara e atraía tanto. Heinrich perguntou:

— Onde está o menino?

— Está na escola... Você não vai entrar?

Eles entraram na casa. No entanto, mesmo agora ele ainda não a tocava, ainda não a beijava, apenas a observava.

— Primeiro preciso me limpar todo... Não tomei banho desde que saí de Viena.

— Sim, vamos preparar um banho.

As duas empregadas apareceram para dar as boas-vindas ao patrão. Hanna não gostou muito disso. Ela subiu com ele até o banheiro e ela mesma arrumou as toalhas de banho.

— Tudo ainda está no mesmo lugar, Heinrich.

— Ah, tudo ainda está no mesmo lugar?

Ela saiu do banheiro; havia várias coisas para arrumar e rearrumar; cuidou delas até ficar cansada.

Então cortou rosas no jardim para a mesa do jantar.

Depois de um tempo, voltou em silêncio para a porta do banheiro e ouviu o barulho de água lá dentro. Ela podia sentir a dor de cabeça habitual se aproximando. Apoiando-se no corrimão, desceu de novo para o saguão.

Por fim, o menino voltou da escola. Pegou-o pela mão. Na porta do banheiro, perguntou:

— Já podemos entrar?

— Claro — veio a resposta um tanto surpresa.

Abriu a porta um pouco e olhou através da abertura: Heinrich estava parado meio vestido diante do espelho, e ela pôs uma das rosas na mão do menino relutante, empurrou-o para dentro e correu para longe.

Esperou-os na sala de jantar e não pôde evitar desviar os olhos quando entraram. Pareciam absurdamente iguais, com os mesmos olhos afastados, os mesmos movimentos, o mesmo corte de cabelo castanho, exceto que Heinrich o usava bem curto. Era como se ela não tivesse tido parte alguma na criança. Um mecanismo terrível; ai, era terrível ter sido amada. E naquele momento, sua vida lhe pareceu como uma longa imbecilidade, uma imbecilidade desesperada, que ela nunca seria capaz de mudar.

Heinrich disse:

— Em casa de novo — e sentou-se em seu antigo lugar.

Talvez suas palavras lhe parecessem estúpidas; ele sorriu incerto. O menino o observava atentamente e de longe.

Lá estava ele, o pai da família, e estragava tudo.

A empregada também não conseguia tirar os olhos dele; havia uma sugestão de admiração e inveja em seu olhar; e quando ela entrou de novo, Hanna disse muito claramente:

— Devo ligar para Röders... sobre esta noite?

O advogado Röders era colega de Wendling no escritório; ele tinha mais de cinquenta anos e estava isento do serviço militar.

O relógio inglês em sua caixa de mogno soou um golpe profundo.

Com o dedo mínimo, Hanna tocou de leve as costas da mão de

Heinrich, como se com o carinho estivesse pedindo desculpas por pensar em passar a noite com Röders, mas ao mesmo tempo avisando que desejava evitar contatos físicos.

Heinrich disse:

— Claro, vou ter que ligar para Röders... Vou resolver isso.

Hanna falou:

— Vamos sair para passear com papai à tarde e nos mostrar.

— Sim, vamos sim — confirmou Heinrich.

— Não é maravilhoso ter papai sentado aqui conosco de novo?

— Sim — respondeu o menino após alguma hesitação.

— Você precisa olhar os cadernos escolares dele... ele já sabe escrever e contar. Escreveu as cartas para você sozinho.

— Eram cartas esplêndidas, Walter.

— Foram só cartões-postais — disse Walter timidamente.

Que eles estivessem apelando para a criança entre si, para se encontrarem por cima de sua cabecinha castanha, parecia a ambos um abuso da criança. Sem dúvida, teria sido mais honesto dizer: não nos beijaremos até que nossa saudade se torne insuportável, mas essa saudade não era realmente saudade, era apenas uma espera insuportável.

Eles foram para o quarto da criança, cujas paredes de painéis tinham um afresco infantil pintado, intencionalmente alegre. E com aquela segunda e mais clara e um pouco irônica inteligência que pode surgir de uma expectativa intensificada ou de uma dor de cabeça agonizante, Hanna sabia que todos aqueles móveis laqueados e toda aquela brancura também eram um abuso da criança, sabia que não tinha nada a ver com sua própria vida e natureza, mas que ali havia sido construído um símbolo, um símbolo de seus seios brancos e do leite branco que produziriam após abraços bem-sucedidos. Era um pensamento muito remoto e muito vago, e ainda assim nele estava a razão pela qual ela nunca conseguira ficar muito tempo no quarto da criança e preferira que o menino viesse até ela. Ela disse:

— Você também deve mostrar seus novos brinquedos para o papai.

Walter trouxe a nova caixa de tijolos e os soldados em cinza-verde. Havia vinte e três homens e um oficial, que com um joelho dobrado brandia sua espada desembainhada em direção ao inimigo. Nenhum dos três percebeu que o Dr. Heinrich Wendling também vestia o uniforme cinza-verde de um oficial; cada um, é verdade, tinha um motivo diferente para não perceber: Walter, porque sentia que seu pai era um intruso; Heinrich, porque era impossível para ele identificar os gestos heroicos dos soldadinhos de chumbo com a verdadeira guerra; Hanna porque, para seu próprio horror, de repente viu esse homem nu diante dela, nu, e isolado em sua nudez. Era o mesmo isolamento que

notara nas peças de mobiliário ao seu redor, que estavam como que nuas, sem conexão com seu ambiente, sem relação entre si, estranhas e perturbadoras.

Ele também não podia deixar de sentir. E quando saíram para passear, colocaram a criança entre si, e embora Hanna segurasse a mão do menino e a balançasse alegremente, e embora Heinrich costumasse segurar a outra mão do menino, esta era uma barreira que os separava. Não se olhavam, como se estivessem com vergonha, olhavam diretamente para frente ou para os campos onde o dente-de-leão e o trevo roxo, as cravinas selvagens e as escabiosas lilases cresciam na grama. O dia estava quente e Hanna não estava acostumada a passear à tarde. No entanto, não era apenas o calor que a fazia sentir uma urgência tão grande por um banho quando voltasse; cada desejo seu alcançava de alguma forma um estrato mais profundo da consciência: era como se a imersão de seu corpo na água espalhasse uma grande solidão ao seu redor, como se ela tivesse visões daquela renascença mágica que se experimenta no isolamento da água. Mais definida, sem dúvida, do que esses pensamentos, era a repugnância dela pela ideia de visitar o banheiro na hora de dormir na presença de Heinrich. Por outro lado, a empregada pensaria que era estranho se ela tomasse um banho no meio do dia, e, sob o pretexto de que precisava trocar de roupa para a noite, pediu a Heinrich que, naquele instante, pedisse um carro e cuidasse de Walter. Então, foi para o banheiro, pretendendo tomar ao menos um banho de chuveiro. Mas quando entrou na banheira, onde ainda havia algumas gotas do banho da manhã, pois o chuveiro estava pingando, seus joelhos enfraqueceram e ela teve que deixar a água fria correr sobre ela até que sua pele ficasse como vidro e os bicos de seus seios ficassem bem hirtos. Depois disso, foi mais suportável.

Era tarde quando foram para a casa de Röders; Heinrich dispensou o carro, pois estava uma noite tão linda, e Hanna agradeceu pela sugestão de que deveriam ir a pé para casa — quanto mais tarde fosse, melhor. E era realmente meia-noite quando saíram da casa de Röders! Mas quando estavam atravessando a silenciosa praça do mercado, onde ninguém estava, além do sentinela de serviço na sede militar; quando o lugar vazio cercado por casas escuras, em que mal havia uma luz acesa, estava diante deles como um cratera de isolamento, como um cratera de silêncio de onde ondas recorrentes de paz fluíam sobre a cidade adormecida, então Heinrich Wendling segurou o braço de sua esposa, e neste primeiro contato físico ela fechou os olhos. Talvez ele também tivesse fechado os olhos e não visse nem o céu profundo de verão nem a faixa branca da estrada que se estendia à sua frente enquanto caminhavam em sua poeira, talvez cada um deles visse um firmamento diferente, ambos selados como seus olhos, cada

um em um isolamento separado, e ainda assim unidos no conhecimento renovado de seus corpos, até que por fim cederam a um beijo — e caíram os véus de seus rostos, lascivos na consciência do sexo, mas castos na dor de uma separação que nunca poderia acabar, que nunca outra vez poderia ser abolida, não importava o quanto fossem ternos um com o outro.

LII

Após o funeral de Samwald, o reservista Gödicke começou a falar.

Samwald, um voluntário, era irmão do relojoeiro Friedrich Samwald, que tinha uma loja na Rua Römer. Após um ataque em massa acompanhado por um intenso bombardeio, o jovem Samwald começou de repente a tossir e desmaiou. Ele era um jovem simpático e corajoso de dezenove anos, todo mundo gostava dele, e assim conseguiu ser enviado para o hospital de sua cidade natal. Não chegou nem mesmo em um transporte hospitalar, mas sozinho, como um homem de licença, e o Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck disse:

— Ora, quanto ao senhor, meu rapaz, logo o colocaremos em ordem.

E embora o Dr. Kessel nunca fosse ao hospital sem visitar o jovem Samwald, e embora Samwald parecesse de todo restabelecido, ele foi subitamente acometido por outra hemorragia e em três dias estava morto. Apesar do sol brilhante sorrindo lá do céu.

Como o hospital era destinado apenas para casos leves, a morte não foi abafada lá como nos grandes hospitais. Pelo contrário, foi tratada como um evento solene. Antes do caixão ser levado para o cemitério, foi colocado no esquife em frente à entrada do hospital e lá foi consagrado. Os pacientes que não estavam acamados vestiram seus uniformes e se formaram em ordem, e havia muitas pessoas da cidade. O cirurgião-chefe proferiu um discurso comovente, o padre ficou ao lado do caixão, um menino em sotaina vermelha com uma túnica branca balançou o turíbulo. Então as mulheres se ajoelharam, muitos dos homens também, e mais uma vez rezaram o rosário.

Gödicke tinha ficado no jardim do hospital. Quando percebeu a aglomeração, aproximou-se com suas muletas e juntou-se a ela. O espetáculo que viu era familiar para ele, e por isso se recusou a aceitá-lo. Ele refletiu com profundidade; queria destruir o que via, rasgá-lo em pedaços como se rasga um pedaço de papel ou papelão — e como isso deveria ser feito tinha que ser pensado com vigilância e atenção. Quando as mulheres se ajoelharam como faxineiras, um riso subiu em sua garganta, mas ele não ousou fazer um som, isso lhe era proibido. Apoiado em suas duas muletas, ficou no meio das mulheres ajoelhadas, como um andaime, fincou seus apoios no chão e

pressionou o som de volta para sua garganta. Porém, as mulheres já tinham terminado seu Pai-Nosso e suas três Ave-Marias e chegaram ao trecho: “Desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia”; então — parecia em um andar inferior do andaime, e como se fosse falado por um ventríloquo que ele havia ouvido uma vez — palavras começaram a se formar logo acima de seu abdômen torturado e comprimido, e em vez de gritá-las, tão relutantemente as palavras emergiam que talvez tenha sido inaudível que o pedreiro Gödicke disse: — Ressuscitou ao terceiro dia — e imediatamente calou-se de novo, tão aterrorizado estava com o que acontecera no andar inferior de seu andaime.

Ninguém o observava; haviam levantado o caixão; o caixão com o crucifixo preso nele balançava nos ombros dos carregadores; o relojoeiro Samwald, pequeno e um pouco curvado, se juntou aos outros parentes atrás dos carregadores; depois seguiram os médicos; então veio o resto do cortejo. Por último, o pedreiro Gödicke coxeou em suas muletas, usando seu macacão do hospital.

A enfermeira Mathilde o avistou enquanto estavam indo ao longo do *boulevard*. Ela foi direto até ele: “Mas, Gödicke, você não pode vir assim ... no seu macacão ...”, mas ele não prestou atenção nela. Mesmo quando ela trouxe o cirurgião-chefe para apoiá-la, ele se recusou a parar, e simplesmente olhou firmemente através de ambos e seguiu em frente. Por fim, Kuhlenbeck disse: “Oh, deixe-o vir, guerra é guerra... se ele se cansar, um dos homens deve ficar com ele e levá-lo de volta”.

Foi uma longa jornada que Ludwig Gödicke percorreu dessa maneira; as mulheres ao seu redor estavam rezando, e as margens da estrada estavam cheias de arbustos. Quando um grupo terminava suas Ave-Marias, outro começava, e do bosque vinha o canto de um cuco. Alguns dos homens, incluindo o pequeno relojoeiro Samwald, usavam ternos pretos como carpinteiros. Muitas coisas se aproximavam e se fechavam, especialmente quando nas curvas da estrada o cortejo diminuía a velocidade e os corpos dos enlutados se pressionavam uns contra os outros. As saias das mulheres eram como seu próprio macacão; suas saias batiam contra as pernas quando caminhavam; e uma mulher lá na frente caminhava com a cabeça baixa e um lenço na frente do rosto. E mesmo que Gödicke não olhasse para nada, mas mantivesse os olhos imóveis, fixos nas marcas dos pneus à sua frente, tentando,

de fato, de vez em quando realmente manter os olhos fechados tão firmemente quanto seus dentes estavam cerrados, para que as partes de sua alma se apertassem ainda mais, ameaçando sufocar seu ego; sim, embora ele realmente preferisse parar, fincar suas muletas no chão e obrigar todas essas pessoas a ficarem quietas e não dizerem

nada, ou dispersá-las para os quatro ventos; no entanto, ele era arrastado, levado, e ele nadava e flutuava, ele mesmo um caixão oscilante, na onda de orações sempre recorrentes que o acompanhava.

No cemitério, quando o corpo foi mais uma vez consagrado, e sobre a cova aberta na qual ele foi baixado, a litania começou de novo: “Ressuscitou ao terceiro dia”, e enquanto o pequeno relojoeiro Samwald ficava rígido, olhando para o buraco e soluçando, e uma a uma as pessoas se aproximavam para jogar uma pá de terra sobre o guerreiro morto e apertar a mão do relojoeiro, de repente, erguida diante dos olhos de todos, a forma gigantesca de Gödicke, apoiada em suas duas muletas, em seu longo macacão cinza de hospital, sua longa barba ondulando, apareceu na borda da cova ao lado do pequeno relojoeiro e ignorou a mão que lhe oferecera, e disse com um grande esforço, mas claramente o suficiente para que todos entendessem, suas primeiras palavras:

— Ressuscitou ao terceiro dia.

E então colocou as muletas de lado, mas não para pegar a pá e jogar um pouco de terra na cova; não, ele não fez isso, fez algo completamente diferente e inesperado; dispôs-se a descer na cova, começou laboriosa e sistematicamente a descer para dentro dela, e já por sorte colocara uma perna na borda. Naturalmente, suas intenções eram incompreensíveis para todos os espectadores; pensaram que, sem o apoio das muletas, ele simplesmente caíra por fraqueza. O cirurgião-chefe e alguns outros correram até ele, puxaram-no para fora do buraco e o levaram para um dos bancos. Talvez o homem Gödicke realmente tivesse sido abandonado por suas forças; de qualquer forma, não ofereceu resistência, mas sentou-se ali quieto, com os olhos fechados e a cabeça um pouco para o lado. Mas o relojoeiro Samwald, que corraera até ele com os outros, e teria ajudado a carregá-lo com prazer, ficou ao seu lado; e como uma grande tristeza pode às vezes sacudir a alma de um homem, Samwald pressentiu que algo muito estranho acontecera com seu companheiro. Sentado ao lado do pedreiro Gödicke, falou com ele de maneira consoladora, como a alguém que carrega uma tristeza, uma tristeza pesada, e ele também falou de seu próprio irmão morto, que havia tido uma morte bonita, precoce e sem dor. E Gödicke ouviu com os olhos fechados.

Nesse meio-tempo, os notáveis do local aproximaram-se do túmulo, entre os quais, como era adequado, Huguenau, em um terno azul, um chapéu preto rígido em uma mão e uma coroa de flores na outra. E Huguenau olhou ao seu redor com extrema indignação porque o irmão do falecido não estava presente para admirar a coroa, uma bela guirlanda de folhas de carvalho enviada pela “Associação Memorial do Mosela”, uma coroa realmente bonita com uma fita na qual se lia: “DA PÁTRIA AO SEU BRAVO SOLDADO”.

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (8)

Como em gérmem, os espelhados mares
Jazem na espuma argêntea refratada,
Sopra por sobre a úmida morada,
Tremulam feixes sob halos solares
E naquele extremíssimo limite
Onde os céus, de si mesmos engendrados,
O próprio espelho em mares espelhados,
Mergulham no delírio de Afrodite:
E quando foi que a dor lhe sobreveio,
Ocorrendo-lhe tal revelação?
No trabalho de parto, quando em meio
Às contrações de uma anormal pressão?
Havia vales, ao redor do prado,
A afundar sob os pés do amaldiçoado?
Pois, retumbando em chuva coruscante,
A voz para bem longe o arremessou;
Seu olhar com horror se iluminou,
Caindo em redemoinho ao fulgurante
Rochedo de um abismo sulfuroso,
Dissolvendo-se com o fervor profundo
E rompendo-se com o impotente esforço
para escapar do chamejante mundo,
A reencontrar do ciprestal a via,
Os arbustos a submergir no flume;
Unindo-se à penumbra a noite e o dia,

Mistura-se o perfume com o perfume,
Crepusculado aos pinhos e sarmentos,
Sempre procurará esses momentos,
Pois, para sempre, é que ele os esquecera,
Desde que aquela voz o afugentou,
E seu saber, tão logo despertou,
Preenchendo-o até a borda, lhe ocorrera
do Não-Ser que seu Ser tem descoberto,
Pleno em dubiez, infindo e tão deserto:
Seria o ciprestal? Seria o mar?
No entanto, aquela voz que o sobrepôs,
Voz que o sobrelevou; é aquela voz
À qual se permitira subjugar;
Se a reencontrasse, depurar-se-ia;
Ressurgiria o que fora olvidado,
Voltaria na densa maresia,
Nas margens, a espelhar faial e prado. —
Mas o saber, que nele renascera,
Da dubiez ao dúbio anseio o aferra,
Persegue-o pela desolada terra,
À procura da voz que já perdera;
Quando ela foge, vai ao seu encalço
Com juramento que jurara em falso
Ao Único, por quem fora escolhido,
um traidor: em sua boca um gemido,
um gemido que atordoa o senso,
um gemido abissal, primevo e intenso,
gemido esvanecendo no deserto,
gemido de algum bicho descoberto;
de fera arisca numa ígnea garganta;
ai, gemido que aflige, pasma e espanta!

Sinto mesmo esse espanto admirado?
Ou me espanta meu eu?
De que limiar distante tens chegado,
Profundo pensamento?
Sondo o ermo da morte, num momento,
a gemer sempre, errático judeu!
Insone, exangue e esguio halo do Inferno,
Mãos ressacadas, rosto ressecado,
judeu errante, em meu gemido eterno!
Da origem ao abismo, degredado;
Alto ao saber; à dúvida, caído;
Semeando pedras; pelo pó nutrido,
Pleno ao saber, com afã desfragmentado;
Por vozes, o maldito e abençoado
Semeador do fruto proibido.

LIV

O major ficou um tanto quanto desconfortavelmente surpreso quando o ordenança relatou que o senhor editor Esch desejava vê-lo. Seria este homem do jornal um embaixador de Huguenau? Um emissário do abismo e do submundo? Esta pergunta quase fez o major esquecer que Huguenau havia traçado uma linha clara entre ele e Esch, presumível e politicamente suspeito, e como alguns momentos de reflexão não sugeriam nada decisivo, ele disse por fim:

— Ora, não importa... diga-lhe para entrar.

Esch sem dúvida não parecia nem um emissário do Inferno, nem um indivíduo politicamente suspeito; ele estava envergonhado e confuso, como alguém que já estava arrependido do passo que havia dado:

— Senhor major, meu assunto é... Senhor major, em suma, seu artigo me causou uma profunda impressão...

O Major Von Pasenow disse a si mesmo que não deveria se deixar levar por discursos hipócritas, por mais gratificante que fosse acreditar que suas palavras tiveram um efeito.

— E se pelo demônio que deve ser expulso, o senhor major se referiu a mim...

Nesse ponto, o major achou necessário deixar claro que uma citação

bíblica não implicava em nenhum ponto ou insinuação pessoal, pois isso seria degradante para a Bíblia, e que em cada momento decisivo de nossas vidas, se fosse para o melhor, tínhamos que deixar para trás uma parte do demônio. Assim, se o Senhor Esch havia vindo demandar explicação ou satisfação, poderia ficar contente com esta declaração.

Enquanto o major falava, Esch recuperava sua compostura:

— Não, senhor major, não é disso que se trata. Eu até aceitaria ser chamado de demônio... mas não porque meu jornal tenha sido confiscado várias vezes — e fez um gesto desdenhoso —; não, senhor major, não podem me acusar de ter dirigido meu jornal de forma menos decente do que faço. Vim com outro pedido.

E ele não demandava mais nem menos do que o major lhes mostrasse o caminho da salvação, a ele e aos seus amigos — ou irmãos, como expressou em sua agitação.

Enquanto ele estava lá, diante da mesa do major, o chapéu nas mãos, com as maçãs do rosto ruborizadas pela excitação, um rubor que se dissipava nos ocos acastanhados sob as bochechas, Esch lembrava ao major o administrador de sua propriedade. O que um administrador teria a dizer sobre religião? E o major tinha a sensação de que a preocupação com questões religiosas era um direito prescrito dos proprietários de terras. Imagens da vida religiosa que ele conhecia surgiam nele, ele via a igreja para a qual ele e sua família dirigiam-se no alto carro de rodas sobre as estradas poeirentas do verão, no baixo trenó bem coberto de peles durante o inverno; ele se via conduzindo o habitual serviço bíblico para seus filhos e os servos no Natal e na Páscoa, via as criadas polonesas caminhando com lenços vermelhos na cabeça e aventais para a igreja católica na vila vizinha, e enquanto essa igreja o lembrava de que o Senhor Esch pertencia à persuasão católica romana, Esch era assim trazido para uma relação desagradavelmente próxima com os trabalhadores rurais poloneses e aquela atmosfera perturbadora de falta de confiança com a qual, em parte por experiência pessoal, em parte por causa de suas políticas, em parte por mero preconceito, ele estava acostumado a creditar à nação polonesa. E como é um fato que as questões de consciência em um semelhante muitas vezes nos jogam em constrangimento, como se ele estivesse exagerando algo que não é tão importante para ele quanto faz parecer, o major, enquanto convidava Esch para se sentar, não fez nenhuma referência ao tema que ele havia aberto, mas apenas perguntou sobre o bem-estar do jornal.

No entanto, Esch não era um homem que pudesse ser tão facilmente desviado de seu propósito.

— Por causa do próprio jornal, senhor major, o senhor precisa me ouvir — e em resposta ao olhar questionador do major — ... sim,

senhor major, o senhor prescreveu uma nova política para o *Correio do Eleitorado de Trier*... ainda que eu mesmo tenha sempre dito que a ordem deve ser feita no mundo e que até um editor deve fazer sua parte, isto é, se ele não quiser ser um anarquista e um porco sem consciência... Senhor major, todo mundo busca salvação, todo mundo teme o veneno maligno, todo mundo espera a redenção chegar e a injustiça ser destruída.

Ele começara a gritar e o major olhou-o com surpresa. Esch se recompôs de novo:

— Olhe só, senhor major, o socialismo é apenas um sinal entre muitos outros... mas desde o seu artigo na nova edição... Senhor major, é a liberdade e a justiça no mundo que estão em jogo... não se deve brincar com a vida humana, algo precisa acontecer, caso contrário todo o sacrifício terá sido em vão.

— Todo o sacrifício em vão... — repetiu o major, como se de uma memória antiga. Mas então ele se recompôs. — Talvez o senhor queira, Senhor Esch, direcionar o jornal de volta para o curso socialista? E o senhor de fato espera meu apoio nisso?

A expressão de Esch era desdenhosa e desrespeitosa:

— Não se trata do socialismo, senhor major... trata-se da nova vida... da decência... da busca comunitária pela fé... meus amigos e eu começamos uma classe de estudos bíblicos... Senhor major, quando o senhor escreveu seu artigo, o senhor estava falando de coração, e não pode nos rejeitar.

Era claro: Esch estava apresentando uma conta, mesmo que apenas espiritual, e o major não pôde deixar de pensar de novo em seu administrador sentado à sua frente no escritório com suas contas, e também pensou nos trabalhadores rurais poloneses, que sempre estavam tentando passar a perna nele. Este homem não o estava ameaçando com seu socialismo? Talvez fosse algo há muito esquecido que ele repetiu, quando disse:

— Sempre há alguém que nos rejeita, Senhor Esch.

Esch se levantou e, cedendo ao hábito, começou a andar com passos desajeitados de um lado para o outro na sala. Os vincos verticais nítidos em cada lado de sua boca estavam ainda mais profundos do que o habitual. Como ele parecia abatido, pensou o major, incrível que esse homem sério frequentasse tabernas ou visitasse *resorts* duvidosos, um emissário do submundo. Ele poderia ser um hipócrita desses? Era tão impossível de imaginar quanto aquele submundo em si.

Esch se plantou diretamente na frente do major:

— Senhor major, para ser franco... como posso cumprir minha

posição quando nem mesmo estou certo se nosso caminho não seria mais claro ao aceitar a fé protestante...

O major já poderia, naturalmente, ter respondido que não era uma das obrigações de um editor resolver problemas teológicos, mas ele estava tão alarmado com a pergunta direta de Esch que não encontrava nenhuma resposta: não era tão diferente das súplicas de Huguenau para que lhe fosse dado o serviço de impressão do exército, e por um momento as figuras dos dois homens pareciam prestes a se fundir de novo. O major colocou a mão na Cruz de Ferro em seu peito e sua postura tornou-se oficial: seria apropriado que ele, um oficial em uma posição proeminente, fizesse prosélitos? A Igreja Católica, afinal, era uma espécie de aliada, e ele não teria assumido a responsabilidade de induzir um austríaco, um búlgaro ou um turco a abandonar os laços que o ligavam ao seu próprio Estado em favor da Alemanha. Era realmente irritante a maneira como esse Esch insistia em sua libra de carne, e no entanto era lisonjeiro e atraente. Neste apelo, não havia algo da fé que para sempre renova e regenera a religião? Mas o major ainda resistia e suplicava para apontar que, sendo ele mesmo um protestante, não se sentia competente para aconselhar um católico em questões de fé.

Esch mais uma vez fez um gesto desdenhoso com a mão — isto estava além da questão: o artigo do major dizia que o cristão deve estar ao lado do cristão — então não havia diferença entre o cristianismo católico e o protestante, e o padre católico da cidade prestava pouca atenção a tais escrúpulos.

O major não respondeu. Estaria realmente sendo enredado por suas próprias palavras, com as quais esse homem desejava arrastá-lo para a escuridão e o abismo? E, no entanto, era como se uma mão suave estivesse estendida para levá-lo às pacíficas margens de águas tranquilas. Ele não pôde deixar de pensar no batismo no Jordão e, quase contra sua vontade, disse:

— Não há regra em questões de fé, Senhor Esch; a fé é uma fonte natural que brota, como nos é dito na Bíblia. — E então acrescentou reflexivamente: — Cada um deve conhecer a graça divina por si mesmo.

Esch havia virado as costas de forma descortês para o major; ele estava na janela com a testa pressionada contra o vidro. Agora se virou; sua expressão era séria, quase suplicante:

— Senhor major, não se trata de regras... trata-se de confiança... — e depois de um tempo: — senão seria... — ele não conseguia encontrar a palavra certa — senão o jornal não seria melhor do que todos os outros jornais... uma imprensa corrupta... lorotas para demagogos... mas, senhor major, eu queria algo diferente...

Mais uma vez, o Major Von Pasenow sentiu a doçura do fluxo, de ser

levado; era como se uma nuvem prateada tentasse pegá-lo, flutuando sobre os riachos da primavera. A segurança da confiança! Não, aquele homem parado tão seriamente diante dele não era um aventureiro, não era um traidor, não era um polonês não-confiável, não era alguém para levar sua confiança para o outro lado e lá expô-la descarada e abertamente. Então, primeiro hesitante, mas ficando mais caloroso à medida que continuava, o major começou a falar sobre o ensinamento de Lutero, segundo o qual ninguém precisava desesperar, ninguém, Senhor Esch!, pois cada um carregava a centelha divina em sua alma, e — ah, com que força o Major Von Pasenow sentiu isso dentro de si mesmo, mesmo que não lhe fosse permitido dizer! — ninguém estava excluído da graça, e todos que foram agraciados poderiam sair para pregar a redenção. E qualquer homem que olhasse profundamente para o próprio coração reconheceria a verdade e o caminho, e Esch também encontraria o caminho para a luz e o seguiria.

— Sinta-se tranquilo, senhor editor — disse —, tudo se resolverá para o melhor — e ele estaria feliz em falar de novo com o Senhor Esch se o Senhor Esch desejasse e seu escasso tempo permitisse (o major havia se levantado e estendido a mão para Esch através da mesa), além disso, estaria visitando em breve a gráfica do *Correio do Eleitorado de Trier*. Ele acenou para Esch. Esch permaneceu indeciso, de pé, e o major temeu um discurso de agradecimento. Mas ele não recebeu agradecimentos, pois Esch perguntou quase grosseiramente:

— E meus amigos?

O major mais uma vez adotou uma postura ligeiramente oficial:

— Mais tarde, Senhor Esch, talvez mais tarde.

Então Esch fez uma reverência desajeitada e se retirou.

No entanto, para um homem tão radicalmente impetuoso quanto Esch, não havia mais como recuar depois disso. Quando alguns dias depois — para o espanto de todos que ouviram falar nisso e em breve toda a cidade — adotou a fé protestante, parecia ao mesmo tempo para sua alma ardente um ato de homenagem ao major.

LV

A decadência dos valores (7)

Digressão histórica

Aquele período criminoso e rebelde conhecido como Renascimento,

aquele período em que o esquema de valores cristãos foi dividido em duas metades, uma católica e outra protestante, aquele período em que, com a separação do *organon* medieval, um processo de dissolução destinado a durar cinco séculos foi inaugurado e as sementes do mundo moderno foram plantadas, aquele período ao mesmo tempo de semeadura e de primeiro florescimento não pode ser considerado de forma abrangente nem pelo seu protestantismo, nem pelo seu individualismo, nem pelo seu nacionalismo, nem pelo seu sensualismo alegre, nem mesmo pelo seu renascimento do humanismo e da ciência natural: se aquele período, que em seu estilo apresentava uma aparência tão óbvia de unidade e é já considerado como um todo coerente, possuía um espírito homogêneo comensurável com essa unidade e produzindo esse estilo, sem dúvida não se encontra em qualquer fenômeno selecionado entre suas várias manifestações, nem mesmo em um fenômeno de força revolucionária tão profunda como o protestantismo; pelo contrário, todos esses fenômenos devem ser referidos a um denominador comum; devem todos possuir uma raiz comum, e essa raiz deve ter residido na estrutura lógica do pensamento em si, nessa lógica específica que penetrou e informou todas as atividades da época.

Já se pode afirmar com alguma confiança que uma revolução, passando sobre o estilo de pensar — e o aspecto revolucionário de todos esses fenômenos nos autoriza a inferir uma tal revolução completa no pensamento —, resulta invariavelmente do fato de que o pensamento atingiu seu limite provisório de infinitude, que não é mais capaz de resolver as antinomias da infinitude pelos métodos antigos, e assim é compelido a revisar seus próprios princípios básicos.

O exemplo mais claro, por estar imediatamente próximo, desse tipo de mudança de pensamento pode ser observado na pesquisa dos fundamentos da matemática moderna, que, partindo das antinomias do infinito, alcançou uma revolução no método matemático cuja extensão ainda não pode ser estimada. No entanto, não é possível decidir se estamos lidando aqui com uma nova revolução do pensamento ou com a última e definitiva liquidação da lógica medieval (provavelmente ambas as coisas). Pois não apenas resíduos dos valores medievais sobrevivem até nossos dias, sugerindo que também os modos de pensamento concomitantes sobreviveram; também é digno de nota que a paradoxia de todas as antinomias e a própria essência das antinomias do infinito derivam do método dedutivo: isso significa que derivam do método teológico, pois não há sistema teológico que não seja dedutivo, ou seja, que não busque por meio da razão deduzir todos os fenômenos de um princípio supremo, ou seja, Deus; e, em última instância, todo tipo de platonismo é, assim, teologia dedutiva. Então, mesmo que o conteúdo teológico-

platônico no sistema da matemática moderna não seja imediatamente visível, e talvez até mesmo deva permanecer invisível enquanto a matemática continuar a ser uma expressão adequada da lógica dominante, há ainda uma notável afinidade entre as antinomias do infinito postuladas pela matemática e as da escolástica medieval. A discussão medieval sobre o infinito, é claro, não ocorreu no plano matemático (ou apenas incidentalmente, em especulações cósmicas), mas o infinito “ético”, como se poderia chamar, como é implícito no eterno problema dos atributos infinitos de Deus, inclui todas as questões sobre o infinito atual e potencial, e coloca as mesmas limitações estruturais que intrigam a matemática moderna e fornecem suas antinomias. Em ambos os casos, a substância da antinomia surge da absolutização com que a lógica é aplicada, uma absolutização que não poderá ser evitada enquanto a lógica prevalecer, e que só poderá ser reconhecida quando os limites antinômicos forem alcançados. Entre os escolásticos, esse absolutismo enganoso encontrou expressão principalmente na interpretação de símbolos: a concretude da Igreja em sua forma terrena e finita, que no entanto reivindicava ser absoluta, só podia levar a uma limitação finita de todas as formas simbólicas, e embora o resultado fosse um sistema de maravilhosas miragens simbólicas, um sistema que se elevava de símbolo a símbolo, ofuscado e unido em uma unidade mágica pelo símbolo divino-finito da Eucaristia, ainda assim não podia evitar um colapso inevitável; pois em seus limites antinômicos do infinito, o pensamento escolástico teve que ceder, voltar-se e resolver mais uma vez por meio da dialética a ideia platônica então finita, ou seja, preparar a reação ao positivismo, e embarcar nesse desenvolvimento automático cujos começos já eram visíveis na formação aristotélica da Igreja, e cujo progresso adicional, apesar das múltiplas tentativas dos escolásticos para contê-lo (a teoria da dupla verdade, a disputa entre nominalistas e realistas, a nova formulação da teoria do conhecimento por Ockham), não pôde mais ser interrompido; o pensamento escolástico teve que naufragar em seu próprio absolutismo, em suas próprias antinomias do infinito — sua lógica foi abolida.

Mas o pensamento corresponde à realidade apenas enquanto sua lógica permanecer inquestionável. Isso se aplica a todo pensamento, não apenas ao dialético-dedutivo (ainda mais porque é impossível distinguir quanto de dedução está presente em qualquer ato de pensamento). Seria errado, no entanto, dizer que a dedução se tornou suspeita porque as pessoas de repente aprenderam a olhar para os fatos com olhos diferentes e melhores; o exato oposto é o caso: as coisas só são vistas com olhos diferentes quando a dialética entra em colapso, e esse colapso ocorre não no ponto em que o pensamento interpreta a realidade, já que a realidade continuaria indefinidamente

submetendo-se a tal interpretação, mas anterior a isso, no próprio domínio do pensamento da lógica, ou seja, diante dos problemas levantados pelo infinito. A paciência com que a humanidade sofre a autoridade da lógica é simplesmente inexaurível e só pode ser comparada à paciência imperturbável com que ela se submete à arte da medicina: e assim como o corpo humano confia nos tratamentos médicos mais absurdos e é realmente curado por eles, a realidade se submete à construção das estruturas teóricas mais impossíveis — e enquanto a teoria não declarar sua própria falência, ela será apoiada com confiança, e a realidade permanecerá tratável. Somente após a falência ter sido declarada abertamente é que o homem começa a esfregar os olhos e olhar de novo para a realidade; somente então ele busca a fonte do conhecimento na experiência viva em vez de no raciocínio.

Essas duas fases da revolução espiritual podem ser claramente percebidas nos anos finais da Idade Média: a falência da dialética escolástica e, posteriormente, a rotação — verdadeiramente copernicana — da atenção para o objeto imediato. Ou, em outras palavras, é a mudança do platonismo para o positivismo, da linguagem de Deus para a linguagem das coisas.

No entanto, com esta mudança da centralização de um *organon* eclesiástico para a multiplicidade das experiências diretas, com esta transição do padrão platônico da teocracia medieval para a contemplação positivista do mundo empiricamente dado e em constante movimento, com essa atomização de um antigo todo, inevitavelmente teve que ocorrer uma atomização simultânea dos sistemas de valores, na medida em que estes estavam relacionados aos sistemas de objetos. Em suma, os valores não são mais determinados por uma autoridade central, mas recebem sua coloração do objeto: o que importa não é mais a conservação da cosmogonia bíblica, mas a observação “científica” dos objetos naturais e os experimentos que podem ser realizados com eles; o político já não está preocupado em modelar um estado divino, mas em gerenciar uma unidade política recém-autônoma que torna inevitável o surgimento de novos e eficientes métodos políticos na forma de maquiavelismo; o guerreiro já não está mais preocupado com a guerra absoluta, como aconteceu concretamente nas Cruzadas, mas com disputas terrenas travadas com armas de fogo inovadoras e nada cavaleirescas; não é mais a Cristandade como um todo que está em questão, mas apenas certos grupos empíricos de homens mantidos juntos pelo vínculo externo da língua nacional; nem é o homem como membro de um *organon* eclesiástico que o novo individualismo estuda, mas o homem como um indivíduo em si mesmo, com sua significância individual; e, por fim, o objetivo da arte não é mais exclusiva e finalmente a glorificação da

comunhão dos santos, mas sim a observação fiel do mundo externo, essa fidelidade de representação que constitui o naturalismo do Renascimento. No entanto, por mundano que pareça esse foco no objeto imediato, até mesmo puramente pagão como talvez tenha sido percebido na época, o objeto interno se impôs com uma violência não menos intensa que o externo; de fato, a imediatez da experiência no Renascimento é talvez a mais imediata de todas em sua introspecção: com esse olhar interior, com essa descoberta da centelha divina na alma, Deus, que até então só podia se manifestar através do meio de uma hierarquia platônico-eclesiástica, agora se tornava o objeto de apreensão mística imediata, o recuperador da graça divina — e essa extraordinária justaposição do mais extremo mundanismo pagão com a mais incondicional interioridade do misticismo protestante, essa coexistência das tendências mais díspares dentro do mesmo domínio de estilo, sem dúvida seria totalmente inexplicável se não pudesse ser atribuída ao denominador comum da imediatez. Como todos os outros fenômenos do Renascimento, e talvez em medida ainda maior do que os outros, o protestantismo é um fenômeno de imediatez.

No entanto, outra característica muito decisiva dessa época pode encontrar sua causa determinante aqui: a glorificação da “ação”, o fenômeno do “ato”, que é tão evidente em todas as expressões de vida no Renascimento, e não menos no protestantismo; aquele desprezo incipiente pela palavra, que tenta limitar a função da linguagem o máximo possível aos seus domínios autônomos de poesia e retórica, recusando-lhe acesso a outras esferas e substituindo-a, como único fator operacional, pelo homem que age; aquele movimento em direção a um silêncio que prepararia o caminho para o silêncio de um mundo inteiro: tudo isso está em uma relação que não pode ser ignorada com a desintegração do mundo em sistemas de valores separados, e segue dessa mudança para a linguagem das coisas que, para manter a metáfora, é uma linguagem muda. É quase como um testemunho do fato de que qualquer entendimento entre os sistemas de valores separados era supérfluo, ou como se tal entendimento pudesse falsificar a severidade e a singularidade da linguagem das coisas. Os dois grandes veículos racionais de compreensão no mundo moderno, a linguagem da ciência na matemática e a linguagem do dinheiro na contabilidade, encontram seu ponto de partida no Renascimento, surgem de tal concentração única e exclusiva em um único sistema de valores, dessa teoria esotérica da expressão, que poderia ser chamada de ascética em sua severidade. No entanto, tal atitude tinha pouco em comum com o ascetismo dos monges católicos, pois, ao contrário destes, não era um meio para um fim, não era um dispositivo para convocar uma “ajuda” extática, mas surgia da singularidade da ação, daquela “ação” que daí em diante foi considerada a única linguagem

inequívoca e a única força determinante. Assim, o protestantismo também, por sua origem e natureza, é uma “ação”; ele pressupõe um homem religiosamente ativo, buscando Deus, encontrando Deus, um homem dotado da mesma atividade positiva que o novo pesquisador científico, ou, de fato, o novo tipo de soldado ou político. A religião de Lutero era completamente a de um homem de ação, e no fundo era tudo, menos contemplativa. Mas mesmo no cerne da ação, no núcleo desse senso de atualidade prática, estava a mesma severidade, o mesmo imperativo categórico do dever, a mesma exclusão de todos os outros sistemas de valores; aquele ascetismo literalmente iconoclasta de um Calvino, que alguém poderia quase chamar de ascetismo epistemológico, e que levou Erasmo ao ponto de insistir que a música deveria ser excluída do serviço de Deus.

No entanto, a Idade Média também reconhecia a força da ação. E, não importa o quanto o novo positivismo se distanciasse violentamente do escolasticismo platônico: ao referir o indivíduo à autoridade solitária de seu ego, também expunha as “raízes positivistas” do platonismo. O novo cristianismo não apenas protestava, mas também reformava; via-se a si mesmo como um Renascimento da ideia cristã; e embora inicialmente não tivesse teologia, mais tarde desenvolveu, em uma base mais autônoma e restrita, uma teologia puramente platônica e idealista: pois é isso que a filosofia kantiana representa. Assim, a orientação dos valores, o imperativo ético direcionando à ação, permanecia o mesmo que na Idade Média e, de fato, não poderia ter mudado, pois o valor consiste apenas na vontade eficaz de valorizar e na incondicionalidade — não existem valores além dos absolutos. O que mudou foi a delimitação da ação produtora de valores: até então, a intensidade da aspiração humana pelo absoluto concentrava-se no valor total do *organon* cristão; agora, no entanto, toda a radicalidade de uma lógica autodependente, toda a severidade da autonomia era dirigida a cada sistema de valores separadamente, cada sistema de valores era elevado a um valor absoluto próprio, e era gerada essa veemência que deveria manter esses valores absolutos lado a lado, isolados e sem referência uns aos outros, essa veemência que dá à era do Renascimento sua coloração característica.

Naturalmente, poder-se-ia argumentar que o estilo geral da época abraçava indiferentemente todos os sistemas de valores díspares, que a personalidade de Lutero, por exemplo, não estava de forma alguma limitada asceticamente a um único sistema, mas unia de forma marcante tanto impulsos religiosos quanto mundanos de maneira característica. Em contrapartida, também poderia ser afirmado com igual razão que estamos lidando aqui apenas com os primeiros passos de um movimento que precisou de quinhentos anos para se

desenvolver plenamente, que a época ainda estava repleta de anseio pela síntese medieval, e que foi precisamente uma personalidade como a de Lutero, uma personalidade que abrangia em si mesma as tendências mais díspares, não pela força da lógica, mas pela sua amplitude humana, que atendeu às necessidades da época pela metade, e a dominou e influenciou a um grau incomparavelmente maior do que o mais “lógico” Calvino. É como se a época ainda estivesse cheia de medo diante da nova “severidade” e do início da mudez, como se quisesse abafar essa mudez terrível que se aproximava e, por essa razão, talvez, tivesse que dar à luz a nova linguagem de Deus, a nova música polifônica. Mas essas são suposições que não podem ser comprovadas. Por outro lado, pode-se presumir que esse estado incerto da época, essa confusão de impulsos incipientes, tornou possível a Contrarreforma; que o medo da solidão e do isolamento iminentes abriu caminho para um movimento que prometia recuperar a unidade perdida. Pois a Contrarreforma assumiu a tarefa gigantesca de reunir de novo os sistemas de valores excluídos pela religiosidade estreita e ascética do protestantismo, de tentar uma nova síntese do mundo e de todos os seus valores, e, sob a orientação da nova escolástica jesuíta, de mais uma vez lutar em direção à totalidade medieval perdida, para que, entronizada como o valor supremo, a unidade platônica da Igreja pudesse manter para sempre sua posição divina acima de todos os outros valores do mundo.

LVI

O relojoeiro Samwald já vinha com mais frequência ao hospital. Ele visitava os locais onde seu irmão tinha sido cuidado e, desejoso de mostrar sua gratidão, não só regulava gratuitamente os relógios do hospital, mas também se oferecia para reparar gratuitamente os relógios dos internos. E então ele ia visitar Gödicke, o soldado da reserva.

Gödicke aguardava ansiosamente aquelas visitas. Desde o funeral, muitas coisas tinham se tornado mais claras e menos perturbadoras para ele: a parte terrena de sua vida tornara-se mais sólida e, ainda assim, parecia estar crescendo mais alta e arejada, sem perder qualquer estabilidade. Já sabia claramente que não precisava mais se aterrorizar com a escuridão iminente, atrás da qual se encontrava aquele outro Gödicke, ou mais precisamente os muitos Gödickes do passado, pois aquela barreira escura não era nada além do período durante o qual ele jazia no túmulo. E se alguém viesse e tentasse lembrá-lo do que estava do outro lado, do que tinha acontecido antes de ser enterrado, não precisava mais ter medo, mas podia, por assim

dizer, descartar isso com um encolher de ombros, sabendo que tinha deixado de ter qualquer consequência. Tudo o que tinha de fazer era esperar, pois não precisava temer a vida que estava se aproximando, mesmo quando ela estava bastante perto; pois ele já tinha deixado a morte para trás, e tudo o que vinha apenas serviria para construir o andaime ainda mais alto. É verdade que ele ainda não proferia uma única palavra, nem ouvia quando as enfermeiras de seus companheiros de quarto lhe dirigiam a palavra; porém, sua surdez e sua mudez eram muito menos uma defesa de seu ego e de sua solidão do que um anúncio de seu desprezo por aqueles que perturbavam sua paz. O relojoeiro Samwald era o único que ele tolerava; na verdade, até aguardava sua chegada.

Samwald, por sua vez, tornava as coisas mais fáceis para ele. Mesmo quando Gödicke, curvado e apoiado em suas muletas, se aproximava do pequeno relojoeiro, ele conseguia olhar para cima para ele; mas isso não era o mais importante. O mais importante era que Samwald, como se soubesse com quem estava lidando, não fazia o menor esforço para questioná-lo ou lembrá-lo de coisas de que ele, Ludwig Gödicke, não gostava. Na verdade, Samwald não era um grande falador em momento algum. Quando estavam sentados juntos em um banco do jardim, ele mostrava a Gödicke um relógio que tinha pegado para consertar, fazendo a tampa voar para que se pudesse ver os mecanismos, e tentava explicar onde estava o defeito. Ou ele falava sobre seu irmão falecido, que, segundo ele, era para ser invejado, pois havia superado todas as suas dificuldades e agora estava em uma terra mais feliz. Mas quando o relojoeiro Samwald passava a falar do Paraíso e de suas alegrias celestiais, por um lado, isso devia ser desconsiderado, pois dizia respeito à classe de crisma frequentada por um Ludwig Gödicke há muito descartado; por outro lado, era uma espécie de homenagem ao homem Gödicke, como uma pergunta dirigida a alguém que já estava do outro lado e sabia de tudo. E quando Samwald falava das reuniões bíblicas que costumava frequentar e das quais ele obtinha muita iluminação, quando afirmava que a miséria desta guerra deveria por fim levar a uma era mais luminosa de salvação, Gödicke nem se incomodava em ouvir; no entanto, de maneira vaga, era uma espécie de confirmação da sua nova vida encontrada e um desafio para que ocupasse nessa vida uma posição adequada e, por assim dizer, pós-morte. O pequeno relojoeiro lhe parecia então como um dos rapazes ou mulheres que carregavam os tijolos para a parede, e aos quais nunca se falava com civilidade, mas apenas se ordenava, muito embora apenas por necessidade. Isso também pode ter sido a razão pela qual ele uma vez interrompeu o pequeno relojoeiro em suas histórias com a ordem:

— Traga-me uma cerveja!

E como a cerveja não chegou logo, olhou para a frente com indignação incompreensível. Por muitos dias ele ficou bravo com Samwald e se recusou a olhar para ele, e Samwald quebrou a cabeça tentando encontrar alguma maneira de apaziguar Gödicke de novo. Isso era bastante difícil, pois nem mesmo Gödicke sabia que estava bravo com Samwald, e sofria muito com o fato de, sob a compulsão de um decreto desconhecido, ter que virar o rosto sempre que Samwald aparecesse. E não era que ele considerasse Samwald como o originador do decreto; mas ele o culpava amargamente pelo fato de o decreto não ter sido revogado. Era uma espécie de busca laboriosa um pelo outro que surgia entre os dois homens, e era quase uma inspiração do relojoeiro quando, um belo dia, tomou a mão de Gödicke e o levou consigo.

Era uma tarde quente e maravilhosa; o relojoeiro Samwald conduzia o velho pedreiro Gödicke pela manga do casaco, passo a passo, com cuidado, evitando os pedregulhos pontiagudos no caminho. Às vezes descansavam. E quando haviam descansado um pouco, Samwald puxava a manga de Gödicke, que se levantava, e continuavam caminhando. Assim chegaram à propriedade de Esch.

A escada que levava ao escritório editorial era muito íngreme para Gödicke, então Samwald o colocou no banco em frente ao jardim e subiu sozinho; voltou logo com Esch e Fendrich.

— Este é Gödicke — disse Samwald.

Gödicke não respondeu. Esch os levou em direção à casa de verão. Mas na frente das duas estufas de esterco, cujas janelas de vidro estavam abertas porque Esch já havia semeado para a colheita de outono, Gödicke ficou parado olhando para o fundo onde a terra marrom estava.

— E então? — disse Esch.

Mas Gödicke continuava olhando fixamente para os canteiros. Assim, todos permaneceram parados, descobertos e com seus ternos escuros, como se estivessem reunidos ao redor de uma sepultura aberta.

— Foi o Senhor Esch quem iniciou as aulas de Bíblia... estamos todos buscando orientação do Céu — disse Samwald.

Então Gödicke riu, não de maneira selvagem, talvez apenas um sorriso um pouco barulhento, e disse:

— Ludwig Gödicke, ressuscitado dos mortos — não disse alto, mas olhou triunfantemente para Esch; mais ainda, ele se endireitou de sua postura humilde e curvada e ficou quase tão alto quanto Esch.

Fendrich, que carregava a Bíblia debaixo do braço, o olhava com os olhos febris de um tuberculoso, e então ele tocou suavemente o uniforme de Gödicke, como se quisesse se certificar de que Gödicke estava realmente presente. Mas para Gödicke a questão parecia

resolvida — ele havia feito a sua parte, não tinha sido tão cansativo assim, ele podia se dar ao luxo de descansar agora, e assim ele simplesmente se sentou na borda de madeira do canteiro, esperando que Samwald se sentasse ao seu lado. Samwald disse:

— Ele está cansado.

E Esch foi com passos largos de volta ao pátio e gritou pela janela da cozinha para a Senhora Esch trazer café. Então a Senhora Esch trouxe café, e eles também buscaram o Senhor Lindner na gráfica para tomar café com eles, e ficaram em volta de Gödicke enquanto ele estava sentado na borda da estufa, observando-o tomar seu café. E nenhum deles viu o que Gödicke viu. E depois que Gödicke foi revigorado pelo café, Samwald mais uma vez o pegou pela mão, e eles partiram de volta para o hospital. Eles foram cautelosos, e Samwald cuidou para que Gödicke não pisasse nos pedregulhos pontiagudos. Às vezes descansavam. E quando Samwald sorria, Gödicke não desviava mais o olhar.

LVII

Sim, Huguenau estava com muito mau humor. Os apelos impressos para o Bismarck de Ferro foram terrivelmente malfeitos. O fato de a gráfica não possuir um clichê da cabeça de Bismarck talvez fosse justificável, mas nem mesmo uma Cruz de Ferro adequada com uma moldura de louro estava disponível no local, então não restou alternativa senão adornar cada um dos quatro cantos do apelo com uma daquelas pequenas Cruzes de Ferro geralmente usadas para marcar os obituários dos soldados mortos na guerra. Ele nem mesmo teria ido pessoalmente entregar a miserável peça ao major se não tivesse também uma boa notícia: uma firma de entalhadores em Giessen, cujo anúncio ele descobrira e para quem havia imediatamente enviado um telegrama, estava preparada para fornecer uma estátua de Bismarck dentro de duas semanas. Mas é claro que o major deve ter ficado profundamente desapontado com o apelo sem gosto. A princípio, nem mesmo ouviu Huguenau e dispensou suas desculpas com um mau humor indiferente:

— Não importa.

E mesmo que por fim tenha concordado em marcar sua visita naquele dia, estragou tudo logo perguntando por Esch. Isso foi ainda mais injusto, visto que era Esch o responsável pela falta de clichês decentes na gráfica.

Com as mãos nos bolsos da calça, Huguenau passeava para cima e para baixo no pátio e esperava pelo major. Quanto a Esch, ele o havia manobrado muito bem para fora do caminho. Havia sido uma jogada

astuta dissuadi-lo de ir à fábrica de papel no dia anterior — e hoje descobriu-se que no fim das contas isso fora um erro, e estranhamente havia uma escassez de papel, então o senhor editor simplesmente teve de ir. Infelizmente, o idiota considerou necessário levar sua bicicleta, e se o major demorasse muito mais para vir, toda a manobra estaria perdida, e os dois se encontrariam afinal.

Era um dia quente e abafado. Huguenau olhava de vez em quando para o relógio, então foi para o jardim, examinou as frutas ainda verdes que pendiam nos galhos, e estimou a safra. Ora, nestes tempos, nada seria permitido amadurecer; muito antes disso, tudo seria roubado. Uma bela manhã, Esch encontraria seu jardim vazio. Não demoraria muito; do lado ensolarado, as ameixas já estavam começando a ficar vermelhas, e Huguenau colocou a mão e testou a fruta entre os dedos. Esch deveria colocar arame farpado ao redor de seu jardim; mas a safra sem dúvida não valia tanto gasto. Depois da guerra, o arame farpado seria barato o suficiente.

Esperar é como ter arame farpado esticado por dentro. Huguenau olhou mais uma vez para os galhos das árvores, piscou para as nuvens cinzentas. Onde o sol deveria estar, brilhava de maneira ofuscante em branco. Ele assobiou para Marguerite várias vezes, mas ela não apareceu. Huguenau ficou irritado. É claro que ela estava lá embaixo no rio de novo com aqueles meninos. Ele sentiu vontade de ir buscá-la. Mas tinha que esperar pelo major.

De repente — e prestes a assobiar de novo —, Marguerite estava diante dele. Ele disse severamente:

— Onde foi que você se meteu de novo? Tem visita vindo.

Então segurou-lhe a mão, atravessaram o pátio, passaram pelo corredor de entrada até a rua e ficaram observando pelo major. “Mandeí Esch embora cedo demais”, Huguenau não pôde deixar de pensar, de novo.

Por fim, o major apareceu virando a esquina. Estava acompanhado pelo velho oficial de provisões, que também desempenhava o papel de adjunto do comandante da cidade. Embora Huguenau tivesse contado em ter o major só para si, ele se sentiu lisonjeado pelo fato da visita tomar uma forma tão oficial. Na verdade, tinha sido uma estupidez deixar Esch ir embora; todo o pessoal deveria ter formado uma fila e Marguerite, com um vestido branco, deveria ter apresentado um buquê de flores. De alguma forma, Esch também era responsável por essa omissão, mas lá estava, de qualquer maneira, e o fervor cerimonial de Huguenau teve de se limitar a algumas reverências baixas quando os dois oficiais pararam em frente à casa.

Felizmente, o oficial de provisões se despediu à porta, então a ocasião deixou de ser oficial e se tornou privada, e quando o major cruzou o limiar, Huguenau brilhava de afabilidade e devoção.

— Marguerite, faça-lhe uma cortesia — ordenou.

Marguerite olhou fixamente para o rosto do estranho. O major passou os dedos pelos cachos negros da menina:

— Ora, você não vai dizer como vai, pequena tártara?

Huguenau se desculpou:

— É a filha do Esch...

O major ergueu o queixo de Marguerite:

— Então você é filha do Senhor Esch?

— Ela está aqui apenas de passagem... uma espécie de filha adotiva — disse Huguenau.

O major acariciou os cachos dela de novo:

— Pequena negrinha tártara — repetiu enquanto passavam pelo corredor.

— Nascida na França, senhor major... Esch pretende adotá-la a seu tempo... mas isso é desnecessário, ela já mora com uma tia... O senhor major não gostaria de ver a gráfica imediatamente?... Por aqui, por favor, à direita...

Huguenau correu na frente.

— Muito bem, Senhor Huguenau — disse o major —, mas eu gostaria de cumprimentar o Senhor Esch primeiro.

— Esch deve chegar aqui em alguns minutos, senhor major; eu pensei que o senhor gostaria de visitar a gráfica primeiro sem ser perturbado.

— O Senhor Esch não me perturba em absoluto — falou o major.

E Huguenau foi afetado pelo seu tom um pouco brusco. Esch deve ter estado tramando de alguma forma... Ora, ele logo descobriria, e então haveria um segundo relatório secreto muito saboroso. E porque tal relatório era uma certeza, Huguenau se sentiu tranquilo, pois nenhuma alma suporta que o fluxo interno de eventos seja interrompido ou barrado por forças externas. E assim, Huguenau afirmou de maneira formal:

— É uma pena que o Senhor Esch tenha precisado ir à fábrica de papel... eu tive de garantir que o papel seria entregue... mas talvez o senhor major queira inspecionar a gráfica enquanto isso.

A máquina foi posta em movimento em homenagem ao major, e em homenagem ao major, Huguenau fez imprimir gratuitamente uma seção do apelo da “Associação Memorial do Mosela”. Ele ainda segurava a mão de Marguerite, e quando Lindner retirou as primeiras folhas do apelo, Huguenau pegou a folha superior e a entregou ao major. Sentiu-se compelido a se desculpar mais uma vez:

— É uma composição muito simples, receio; pelo menos deveria ter tido uma Cruz de Ferro adequada com uma coroa de louros... em uma

questão sob o patrocínio imediato do senhor major.

O major tinha levado a mão à Cruz de Ferro no seu paletó e parecia tranquilizado ao vê-la ainda lá.

— Ah, a Cruz de Ferro... O senhor não precisa de outra, isso seria supérfluo.

Huguenau inclinou-se:

— Sim, o senhor major está completamente certo; em tempos tão difíceis uma composição modesta terá de servir, só posso concordar com o senhor major nisso; mas um clichê modesto não teria acrescentado muito às despesas... claro que isso é indiferente para o Senhor Esch.

O major não parecia ter ouvido. Mas depois de um tempo ele disse:

— Acho, Senhor Huguenau, que o senhor está sendo injusto com o Senhor Esch.

Huguenau sorriu por educação e com um pouco de desdém. O major, porém, não olhava para ele, mas para Marguerite:

— Eu teria pensado que essa garotinha tártara e negra fosse escrava.

Huguenau sentiu-se chamado a mencionar mais uma vez que a criança era francesa por nascimento.

— Ela só fica aqui.

O major se inclinou para Marguerite:

— Em casa, também tenho uma menininha assim, um pouco mais alta; tem quatorze anos e, claro, não é tão negra quanto uma pequena tártara... O nome dela é Elisabeth... — E depois de um tempo concluiu: — Então, uma pequena francesa.

— Ela só sabe falar em alemão — disse Huguenau —, porque esqueceu tudo.

O major perguntou:

— E você ama muito seus pais adotivos, não é?

— Sim — disse Marguerite.

E Huguenau ficou surpreso que ela pudesse contar uma mentira tão descarada, mas como o major parecia distraído, ele repetiu distintamente:

— Ela fica com seus parentes.

O major disse:

— Privada do lar... — isso realmente soou um pouco distraído, ele era um senhor idoso, afinal, e Huguenau disse em corroboração:

— Muito bem, senhor major, a expressão correta, privada do lar...

O major olhou com atenção para Marguerite. Huguenau disse de maneira atrativa:

— A sala de composição, senhor major, o senhor ainda não viu a sala de composição.

O major passou a mão pela testa da criança:

— Você não deve olhar assim, tão brava; não deve franzir a testa assim...

A criança considerou seriamente e depois perguntou:

— Por quê?

O major sorriu, passou os dedos de leve sobre as pálpebras, sob as quais os olhos duros repousavam, sorriu e disse:

— As menininhas não devem ter rugas na testa... isso é um pecado... oculto e ainda visível, o pecado é sempre assim.

Marguerite recuou e Huguenau lembrou-se de como ela havia se libertado de Esch. “Ela estava completamente certa”, pensou.

O major passou a mão sobre seus próprios olhos:

— Ora, não importa...

E Huguenau sentiu que o major também estava lutando para se libertar, embora com menos energia, e ele realmente ficou feliz quando viu Esch em sua bicicleta, um tanto baixa, que fazia suas pernas arquearem, entrando no pátio e pulando dela junto à escada externa. Todos saíram para o pátio para cumprimentar Esch, e o major estava entre Huguenau e a garotinha.

Esch encostou sua bicicleta na parede abaixo da escada e foi devagar até o grupo. Ele não mostrou nenhuma surpresa ao encontrar o major ali; tão pouca surpresa demonstrou e tão calmamente cumprimentou o convidado, que Huguenau começou a suspeitar que aquele magro senhor já sabia da visita. Então ele expressou seu mau humor:

— O que você diz dessa honra inesperada? Nem está surpreso?

— Fico muito feliz — disse Esch.

O major disse:

— Fico muito feliz que você tenha voltado a tempo, Senhor Esch.

Esch disse gravemente:

— Talvez na última hora, senhor major.

Huguenau comentou:

— Ainda não está tão tarde... O senhor major gostaria de ver os outros escritórios também? A escada, receio, é um pouco desconfortável.

Esch disse:

— Foi um longo caminho.

A criança disse:

— Ele veio de bicicleta.

O major falou pensativo:

— Um longo caminho ... e ainda não chegou ao objetivo.

Huguenau disse:

— Já passamos pelo pior... já temos duas páginas de anúncios... e se

podéssemos garantir os pedidos das autoridades militares também...

Esch disse:

— Não se trata dos anúncios.

Huguenau falou:

— Nem temos um clichê com a Cruz de Ferro... Suponho que o senhor ache que isso não importa também!

A criança apontou para o peito do major:

— Aí está a Cruz de Ferro.

O major disse:

— O verdadeiro distintivo de honra é sempre invisível, apenas o pecado é visível.

A criança disse:

— Mentir é o maior pecado.

Esch disse:

— O invisível está atrás de nós, viemos da mentira, e se não encontrarmos o caminho, nos perderemos na escuridão do invisível.

A criança disse:

— Ninguém ouve quando se mente.

O major sentenciou:

— Deus ouve.

Huguenau afirmou:

— Ninguém ouve um desertor, ninguém o reconhece, mesmo se tudo o que ele diz estiver certo.

Esch falou:

— Ninguém pode ver o outro na escuridão.

O major disse:

— Visível, e ainda assim oculto um do outro.

A criança comentou:

— Deus não ouve.

Esch replicou:

— Ele ouvirá de novo as vozes de Seus filhos.

Huguenau disse:

— É melhor que ninguém ouça, é preciso lutar sozinho... vamos conseguir.

O major proferiu:

— Nós O abandonamos e Ele nos deixou sozinhos... tão sozinhos que não podemos mais nos encontrar.

Esch comentou:

— Encarcerados em nossa solidão.

A criança falou:

— Ninguém poderá me encontrar.

O major disse:

— Aquele que abandonamos, devemos buscá-lo para sempre.

Huguenau falou:

— Você quer se esconder.

— Sim — concordou a criança.

O céu cinza leitoso começou a se abrir; em vários lugares ficou azul. Descalça e inaudível, a menininha havia se afastado. Então os homens foram embora também. Cada um em uma direção.

LVIII

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (9)

O ntem eles estavam de novo comigo, o Nuchem e a Marie, e nós cantamos juntos. A meu pedido, cantamos primeiro o hino:

Marchamos à Batalha com a mais

Clara e firme das crenças.

Já não nos amedronta Satanás

Com suas desavenças.

A ondulante bandeira que nos guarda

Vencerá esta disputa!

A continuar erguida na vanguarda,

Incita-nos à luta!

(Refrão)

Nós seremos fiéis, destarte,

Morrendo ao defendê-lo

Com nossas vidas, estandarte

Azul, rubro e amarelo!

Cantamos ao som da melodia da canção de Andreas Hofer. Marie acompanhou no alaúde, Nuchem cantarolou e marcou o ritmo com as mãos macias e suaves. Durante a canção, trocavam olhares algumas vezes, mas pode ser que fosse apenas minha imaginação, pois as

palavras do Dr. Litwak me deixaram desconfiado. De qualquer forma, eu gritei a música o mais alto que pude, e isso por várias razões. Pois, por um lado, queria tranquilizar a família de Nuchem, que sem dúvida estava reunida do lado de fora da minha porta neste momento: as crianças na frente, provavelmente com os ouvidos pressionados contra o painel da porta, então o avô de barba branca com o corpo inclinado para frente, sua mão formando uma trompa para o ouvido, enquanto as mulheres ficavam mais ao fundo, talvez uma delas chorando silenciosamente para si mesma, todo o grupo se aproximando aos poucos, mas sem ousar abrir a porta. Sim, por um lado, eu queria tranquilizá-los, mas por outro lado, era um prazer sádico para mim saber que estavam lá fora, e atraí-los e repeli-los ao mesmo tempo. Mas ao gritar tão alto, eu também queria dizer a Nuchem e Marie: não fiquem constrangidos, meus filhos, vocês veem que estou ocupado comigo mesmo e minha voz; abra o paletó, Nuchem, levante as abas do seu casaco e faça uma reverência para a senhora; e você, Marie, não se faça de rogada, levante sua saia com dois dedos; e dancem, os dois, dancem para Jerusalém, dancem na minha cama, façam-se em casa. E assim, eu nem mesmo cantei mais as palavras de Marie na melodia, mas as minhas próprias, as autênticas: “Em Mântua, Hofer fiel estava preso”, infelizmente era tudo que eu sabia, mas modulei essas linhas para a melodia e achei que ficaram lindas.

Mas, é claro, Marie concluiu a canção com o floreio que sempre encerra as canções cantadas ao alaúde, e ela disse:

— Fizemos isso esplendidamente. Agora, como recompensa, também faremos uma pequena oração.

E imediatamente ela havia se ajoelhado diante de sua cadeira, erguido as mãos unidas ao rosto e começado o salmo cento e vinte e dois:

— Fiquei contente quando me disseram: Vamos à casa do Senhor. Nossos pés se detêm dentro de teus portões, ó Jerusalém. Jerusalém é construída como uma cidade compacta; para lá sobem as tribos, as tribos do Senhor, segundo o testemunho de Israel, para louvar o nome do Senhor.

Eu não poderia tê-la detido a não ser que tivesse quebrado o alaúde em sua cabeça. Então, também me ajoelhei, estendi os braços e orei:

— Vamos preparar chá para as filhas e jovens de Israel, vamos colocar rum no chá, rum de guerra, rum de heróis, rum sintético, para que possamos esquecer nossa solidão, pois nossa solidão é grande demais, seja em Sião ou na cidade santa de Berlim.

Mas enquanto eu pronunciava essas palavras e batia no peito com os punhos, Nuchem havia se levantado: ele se plantou diante de mim, virou as costas para mim e, com o semblante em oração voltado para a janela aberta, onde as cortinas sujas e rasgadas tremulavam na brisa

noturna como um desbotado estandarte azul, rubro e amarelo, ele começou a balançar o corpo para frente e para trás. Ah, aquilo era indecente, era indecente da parte de Nuchem, que afinal era meu amigo.

Eu saltei até a porta, abri-a e gritei:

— Entrem, Israel, tomem chá conosco, vejam as posturas obscenas do meu amigo e o rosto descoberto da dama.

No entanto, o vestíbulo... o vestíbulo estava vazio. Eles escaparam, espalhando-se para seus quartos, as mulheres se atropelando com as crianças, o avô reumático, que mal conseguia se endireitar, no meio deles.

— Esplêndido — disse eu, fechando a porta e voltando mais uma vez para meus espíritos familiares —, esplêndido, meus filhos, agora se deem o beijo de Sião.

Mas os dois ficaram ali com os braços pendurados e não ousaram se abraçar ou dançar. Sorrindo timidamente, eles simplesmente ficaram ali parados. E por fim nos sentamos e tomamos chá.

LIX

Simpósio ou conversa sobre a redenção

Incapaz de se comunicar consigo mesmo, incapaz de romper sua solidão, condenado a permanecer como mero ator de sua vida, o representante de seu próprio ego — tudo o que qualquer ser humano pode saber sobre outro não passa de um símbolo, o símbolo de um ego que permanece além de nosso alcance, possuindo não mais valor do que o de um símbolo; e tudo o que pode ser dito é o símbolo de um símbolo, um símbolo em segunda, terceira, enésima remoção, pedindo representação no verdadeiro duplo sentido da palavra. Portanto, isso não causará dificuldades para ninguém e pelo menos tornará a narrativa mais breve, se imaginarmos que o Senhor e a Senhora Esch, junto com o major e a Senhora Huguenau, se encontram em uma cena no palco, envolvidos em uma atuação da qual ninguém pode escapar: a de representar.

.

Na mesa do jardim de verão de Esch, estão sentados a Senhora Esch, à sua direita o major, à sua esquerda Huguenau e, em frente a ela, de costas

para o público, o Senhor Esch. O jantar acabou. Sobre a mesa, pão e vinho que o Senhor Esch obteve de um viticultor que anuncia no seu jornal.

Começa a escurecer. Ao fundo, os contornos das montanhas ainda são visíveis. Ao redor das duas velas que ardem protegidas por globos de vidro, os insetos voam. Ouvimos os suspiros asmáticos da máquina de impressão.

ESCH: Posso servir mais um pouco, senhor major?

HUGUENAU: Vinho excelente, sem dúvida... Nós alsacianos, quando mencionam nosso vinho, devemos ceder. O senhor major conhece nosso vinho alsaciano?

major (*distraído*): Acho que não.

HUGUENAU: Ora, é um vinho inofensivo... Nós alsacianos somos completamente inofensivos... Uma bebida honesta, digamos assim, tudo franco e direto (*ele ri*), e tudo o que faz é deixá-lo simples e naturalmente tonto... Faz dormir quando já se teve o bastante, é só isso.

ESCH: Estar bêbado nunca é natural; é um estado envenenado.

HUGUENAU: Ora, ora, eu me lembro de ocasiões em que o senhor estava bastante disposto a tomar uma ou duas taças a mais... por exemplo... Ora, posso mencionar a Taverna Palatina, Senhor Esch?... Além disso (*ele olha atentamente para Esch*), o senhor não me parece tão livre de veneno assim.

MAJOR: Seus ataques ao nosso amigo Esch são muito lamentáveis, Senhor Huguenau.

ESCH: Não ligue para ele, senhor major, ele não fala sério.

HUGUENAU: Sim, falo sério... sempre digo diretamente o que penso... Nosso amigo Esch é um lobo em pele de cordeiro... sim, mantenho isso... e, com sua licença, ele tem suas pequenas orgias em particular.

ESCH (*com desprezo*): Nenhum vinho ainda me derrubou...

HUGUENAU: Isso é típico seu, Senhor Esch, tentando ficar sóbrio para não se trair.

ESCH: ...de vez em quando posso tomar um pouco demais, sim, e então o mundo fica tão simples que se pensaria que é feito apenas de verdade... tão simples como em um sonho... simples e ainda assim descaradamente cheio de nomes falsos... os nomes certos para as coisas não são encontrados...

HUGUENAU: O senhor deveria beber vinho consagrado, então logo encontraria esses nomes seus... ou o Estado Socialista do futuro, se é isso que você quer.

MAJOR: Não se deve blasfemar nem mesmo em brincadeira... até no vinho e no pão há símbolos.

(*Huguenau percebe seu erro e fica vermelho*)

SENHORA ESCH: Ah, senhor major, sempre é assim quando o Senhor Huguenau e meu marido estão juntos... A brincadeira pode ser um

sinal de amizade, mas às vezes é realmente insuportável a forma como ele arrasta na lama tudo o que é sagrado para meu pobre marido.

HUGUENAU: Sagrado? Pura farsa!

(Ele recupera mais uma vez a compostura e acende cerimoniosamente seu charuto que se apagará)

ESCH *(possuído por seu devaneio)*: A verdade que vem nos sonhos anda de muletas... *(bate na mesa)* o mundo inteiro anda de muletas... uma monstruosidade manca...

HUGUENAU *(interessado)*: Um inválido?

ESCH: ...se houver sequer um único erro no mundo, se em algum ponto o falso passar por verdadeiro, então... Sim, então o mundo inteiro é falso... Tudo se torna irreal... Diabolicamente desaparecido...

HUGUENAU: Abracadabra, desapareceu...

MAJOR *(sem prestar atenção em Huguenau)*: Não, amigo Esch, é o oposto: basta haver um único justo entre mil pecadores...

HUGUENAU: ...o grande mágico Esch...

ESCH *(rude)*: O que o senhor sabe de magia... *(grita para ele)* ...o senhor é mais um ilusionista, um malabarista, um atirador de facas...

HUGUENAU: Senhor Esch, está em companhia. Mantenha-se comedido.

ESCH *(mais calmo)*: Magia, ilusionismo são obra do diabo, são o verdadeiro mal, aumentam ainda mais a confusão...

MAJOR: Onde falta o conhecimento, é onde o mal começa...

ESCH: ...mas primeiro deve vir aquele que corrigirá todo erro e estabelecerá a ordem... aquele que aceitará a morte sacrificial, para redimir o mundo e dar-lhe uma inocência nova...

MAJOR: Aquele que aceitará a prova... *(com segurança)* mas Ele já veio: foi Ele quem destruiu o falso conhecimento e expulsou os mágicos...

ESCH: ...ainda há trevas, e no meio das trevas o mundo está desmoronando... crucificado e na última solidão, trespassado pela lança...

HUGUENAU: Hm, muito desagradável.

MAJOR: Uma terrível escuridão o cercava, uma meia-luz de incerteza pesada, e ninguém se aproximava Dele em Sua solidão para ajudá-Lo... mas Ele assumiu o pecado da humanidade, Ele redimiu o mundo do pecado...

ESCH: ...até agora só há assassinato e vingança, e a ordem só virá quando acordarmos...

MAJOR: Devemos aceitar a prova, devemos ser despertados do nosso pecado...

esch: ...nada está decidido ainda, ainda estamos na prisão e precisamos esperar...

MAJOR: ...estamos cercados pelo pecado, e o espírito é antiespírito...

ESCH: ...estamos esperando pelo Julgamento, ainda temos um prazo e ainda podemos começar uma nova vida... o mal ainda não triunfou...

MAJOR: ...libertos do antiespírito, libertos pela graça... então o mal desaparecerá como se nunca tivesse existido...

ESCH: ...como uma mágica maligna, uma mágica corrompida...

MAJOR: ...o mal está sempre fora do mundo, fora de seus limites: apenas aquele que ultrapassa os limites do mundo e sai da verdade pode cair no abismo do mal.

ESCH: ...estamos à beira do abismo... à beira do poço escuro...

HUGUENAU: Isso é muito profundo para nós, não é mesmo, Senhora Esch?

(A Senhora Esch alisa seu cabelo para trás; então coloca o dedo nos lábios, sinalizando para Huguenau ficar em silêncio)

ESCH: Muitos ainda devem morrer, muitos devem se sacrificar, para que haja espaço para o filho, que poderá reconstruir a casa... só então as névoas se dissiparão e a nova vida virá, radiante e inocente...

MAJOR: O mal que vemos é apenas uma ilusão, assume muitas formas, mas nunca está realmente presente... um símbolo do nada — apenas a graça divina é real.

HUGUENAU *(que não pretende ser relegado ao papel de ouvinte silencioso)*: Ora, se roubo, abuso infantil, deserção ou propina não passam de ilusões, é uma perspectiva bastante reconfortante.

MAJOR: O mal é inexistente... a graça divina redimiu o mundo do mal.

ESCH: Quanto pior é o mal, mais profundas são as trevas; quanto mais afiadas são as facas zunindo pelo ar, mais perto está o reino da redenção.

MAJOR: Apenas o bem é real e verdadeiro... há apenas um pecado: não desejar o bem, não desejar conhecimento, não ter boa vontade...

HUGUENAU *(ansioso)*: Sim, senhor major, é verdade... Eu, por exemplo, sem dúvida não sou um anjo... *(refletindo)*... Há algo a ser dito, nesse caso ninguém poderia ser punido... Um desertor, por exemplo, que tivesse boa vontade, não deveria ser fuzilado apenas como exemplo.

ESCH: Ninguém está tão alto que possa julgar os outros; ninguém é tão depravado que sua alma eterna não exija reverência.

HUGUENAU: Exatamente.

MAJOR: Aquele que deseja o mal pode desejar o bem ao mesmo tempo, mas aquele que não deseja o bem perdeu a graça divina... é o pecado da obstinação, da inércia do sentimento.

ESCH: Não se trata de boas ou más ações...

HUGUENAU: Peço desculpas, senhor major, mas isso não parece se

encaixar totalmente no caso... Uma vez perdi seiscentos marcos em Reutlingen por causa da falência de um homem, uma boa quantia de dinheiro, e por quê? Porque o homem estava louco; sofria de fanatismo religioso, é claro que eu não poderia saber disso... e, de fato, foi absolvido e colocado em um manicômio. Mas meu dinheiro tinha ido embora.

ESCH: O que você quer inferir com isso?

huguenau: Ora, lá estava um homem bom, e ainda assim ele fez obras más... (*sorrindo*)... E se o senhor me matar, Senhor Esch, será absolvido sob a alegação de fanatismo religioso, mas se eu matar o senhor, perderei minha cabeça... O que o senhor diz, Senhor Esch, com toda a sua falsa piedade, hm?

(Ele olha para o major, procurando aprovação)

MAJOR: O insensato é como o sonhador; sua verdade é uma falsa verdade... ele amaldiçoa seu próprio filho... ninguém pode ser o porta-voz de Deus sem sofrer por isso... É o assinalado.

ESCH: Ele vive em uma realidade falsa... todos nós ainda estamos vivendo em uma realidade falsa... Por direito, todos deveríamos ser insensatos, insensatos em nossa solidão.

HUGUENAU: Sim, mas eu serei fuzilado e ele não! Peço desculpas, senhor major, mas é aí que ele mostra sua hipocrisia... (*ficando exaltado*)... Ah, *merde, la sainte religion et les curés à faire des courbettes auprès de la guillotine, ah, merde, alors...*! Sou um homem esclarecido, mas isso é demais para mim!

MAJOR: Mas, mas, Senhor Huguenau, esse vinho do Mosela parece ser perigoso para o seu temperamento... (*Huguenau faz um gesto de desculpa*)... Assumir voluntariamente a penitência e o castigo, como tivemos de assumir a guerra por causa de nossos pecados, não é hipocrisia.

ESCH (*distraindo*): Sim, assumir os pecados dos homens... na hora final da solidão...

(A máquina de impressão para; os golpes cessam; pode-se ouvir o canto dos grilos. Um vento agita as folhas das árvores frutíferas. Ao redor da lua, algumas nuvens brancas irradiadas podem ser vistas. No repentino silêncio, a conversa se interrompe)

SENHORA ESCH: Como é bom o silêncio.

ESCH: Às vezes parece que o mundo é apenas uma imensa máquina terrível que nunca para... a guerra e tudo mais... tudo funciona de acordo com leis que não entendemos... leis impudentes e autoconfiantes, leis de engenheiros... cada um deve agir conforme lhe é prescrito, olhando sempre para a frente... cada um é uma máquina que só é vista por fora e que é hostil... ah, a máquina é a raiz do mal, e o Mal é a máquina. Sua ordem é o vazio que deve vir... antes que o

Tempo possa recomeçar.

MAJOR: Não o mal, mas um símbolo do mal...

ESCH: Sim, um símbolo.

HUGUENAU (*ouvindo satisfeito os sons da gráfica*): Lindner já está colocando papel novo.

ESCH (*em repentina angústia*): Ah, Deus, não há possibilidade de um ser humano se aproximar do outro! Não há companheirismo, não há compreensão! Deve cada homem ser apenas uma máquina maligna para os outros?

MAJOR (*coloca reconfortantemente a mão no braço de Esch*): Mas, Esch...

ESCH: Ah, Deus, quem não pensa mal de mim?

MAJOR: Aquele que o conhece, meu filho... somente aquele que o conhece pode superar a estranheza.

ESCH (*com as mãos cobrindo o rosto*): Deus, que sejas o meu conhecedor.

MAJOR: Somente aquele que tem conhecimento receberá conhecimento, somente quem semeia amor colherá amor.

ESCH (*ainda com as mãos unidas diante do rosto*): Por reconhecer-Te, ó Deus, Tu não ficarás mais zangado comigo, e eu sou Teu filho amado, resgatado da orfandade... Aquele que se submete à morte encontrou o amor... somente aquele que se lança em uma intensificação terrível da estranheza e da morte... encontrará a unidade.

MAJOR: E a graça divina descera sobre ele e removerá sua angústia, angústia de que ele esteja vagando pela terra sem sentido ou propósito, e de que tenha de ir para o túmulo desamparado, ignorante e sem sentido...

ESCH: Assim, o conhecimento se tornará amor, e o amor se tornará conhecimento; toda alma escolhida como vaso da graça será inviolável; elevada pelo amor para se juntar à comunhão das almas, onde cada uma é inviolável e solitária e, no entanto, unida no conhecimento — a mais alta lei do conhecimento é não ferir uma criatura viva: se eu Te conheci, Deus, então eu viverei eternamente em Ti.

MAJOR: Deixa cair uma máscara após a outra,
até que teu coração e teu rosto estejam nus,
Entregues à respiração do Eterno...

ESCH: Eu me tornarei um vaso vazio,
Despojado de tudo, desprovido de desejos,
Assumirei o castigo e me afundarei
No nada. Terrível, oh, terrível a angústia!

MAJOR: A angústia é o fecundo sinal
Da graça divina, a angústia é a palavra de Deus inscrita

Na porta que conduz à salvação, —
Avance através dela.

ESCH: Reconhece-me, Senhor, em minha grande aflição.
Quando o prelúdio do sonho da morte descer sobre mim,
Como caminhante no sonho da vida, a angústia da morte
Cairá sobre mim, pois estou desamparado e sozinho,
E condenado a morrer sozinho, abandonado por todos.

*(Huguenau escuta sem compreender e a Senhora Esch ouve com medo
as palavras de seu marido)*

MAJOR: E, ainda assim, não te sentes só quando pereces no Nada,
Livrando-te do Mal, silenciando a angústia,
Tu te diminuis para que o Glorioso seja exaltado,
Só então reconhecerás
O universo de um mundo maravilhosamente aberto surgindo de
maneira poderosa.

ESCH: Se eu te conhecesse, Senhor, amorosamente por aquele que me
conheceu amorosamente,

Se o deserto se transformaria para mim num jardim de luz eterna,
Os prados estenderiam-se imensamente, o sol nunca se obscureceria...

MAJOR: Jardim da graça, jardim que abarca o mundo,
Suavidade na brisa da primavera, lar, segurança livre da angústia...

ESCH: Eu fui pecador e mau, mau ao conhecer a angústia,
Conhecendo o caminho errado, perseguindo à beira do abismo,
Rosto e mãos ressecados, às pressas por desertos e valas,
Fugindo do punhal, a angústia no pescoço
do Judeu errante,

Aos pés do Judeu errante, o medo, nos olhos do Judeu errante, a
cobiça

Por aquele que sempre perdi, por aquele que
não vi

Aquele a quem traí e que ainda assim me escolheu
Entregue à tormenta, à nevasca na constelação, —
Semente da graça afundada, pertencente, já germina
Para a salvação que me ocorre...

MAJOR: Assim seja para mim o irmão de outrora, o irmão que perdi,
próximo a mim como a um irmão...

*(Dueto para hino, um pouco ao estilo do Exército de Salvação.
O major como barítono, o Senhor Esch como baixo)*

Senhor Deus Onipotente,
Dai-nos Graça suficiente,

Reunindo cada ente,
Com mão firme e dirigente,
Senhor Deus Onipotente.
Regressai-nos retamente
À Terra que prometestes.

*(Huguenau, que até então marcara o compasso na mesa, intervém
[tenor]):*

Livrai-nos do ardil dolente,
Do algoz de punho inclemente,
Senhor Deus Onipotente.

TODOS OS TRÊS:

Senhor Deus Onipotente!

SENHORA ESCH *(intervém em voz baixa):*

Eis a minha mesa à frente,
Já vos servi o banquete.
Senhor Deus Onipotente.

TODOS JUNTOS *(Huguenau e Esch batendo na mesa):*

Senhor Deus Onipotente,
Livrai cada alma inocente
Do assassínio e do acidente;
Fazei que nada a atormente;
Só o batismo em Graça alente.
Perdoai o penitente,
Corrigi o displicente,
Soprai vossa chama ardente,
Avivai-nos a alma e a mente,
Libertai da morte a gente,
Senhor Deus Onipotente.

O major coloca o braço em volta do ombro de Esch. Huguenau, ainda com os punhos batendo na mesa, os deixa cair devagar. As velas queimam até o fim. A Senhora Esch serve o restante do vinho nos copos dos homens, cuidando para que cada um receba a mesma quantidade; o último pequeno resíduo é despejado no copo de seu marido. A lua está um pouco

encoberta, e do campo escuro o vento já sopra mais fresco, como se viesse de uma porta de porão. A máquina de impressão já retoma seu trabalho intermitente, e a Senhora Esch toca o braço de seu marido:

— Já não devemos ir para a cama?

(Transição de cena)

Diante da casa de Esch. O major e Huguenau.

Huguenau, apontando com o polegar para a janela do quarto dos Eschs:

— Agora eles estão indo para a cama. Esch poderia muito bem ter ficado conosco um pouco mais... mas ela sabe o que quer... Hum, o senhor major me permite acompanhá-lo por alguns passos? Um pouco de exercício faz bem.

Caminham pelas ruas medievais silenciosas. As entradas das casas são como buracos negros. Em uma delas, pressionados contra a porta, está um casal de amantes; de outra, um cachorro se solta e corre em três patas pela rua; na esquina, desaparece. Atrás de algumas janelas, uma luz fraca ainda está acesa — mas o que está acontecendo atrás das que não estão iluminadas? Talvez um morto esteja lá deitado em sua cama, com o nariz pontiagudo para o ar, e o lençol faz uma pequena tenda sobre os dedos dos pés apontando para cima. Tanto o major quanto Huguenau olham para cima para as janelas, e Huguenau gostaria de perguntar ao major se ele também não pode deixar de pensar em mortos — mas o major segue em silêncio, quase como se estivesse preocupado; provavelmente seus pensamentos estão com Esch, Huguenau diz consigo mesmo, e ele está indignado que Esch vá para a cama com sua esposa e assim perturbe a mente do bom velho. Mas diabo, por que o major deveria se preocupar, afinal? Ele faz amizade com Esch na hora em vez de manter aquele hipócrita intrusivo à distância! Que bela amizade, essa entre os dois, entre esses dois cavalheiros que evidentemente esqueceram que sem ele nunca teriam encontrado um ao outro. Quem foi, então, que teve o direito anterior ao major? E se o major está preocupado agora, ele merece. Mais do que isso, de acordo com seus méritos ele deveria estar muito mais preocupado, e junto com seu amado Senhor Esch, o senhor major deveria sofrer abundantemente por sua traição... Huguenau estacou — uma ideia audaciosa e sedutora havia surgido claramente diante dele: entrar em uma relação nova e venturosa com o major, de certa forma trair Esch, atualmente deitado com sua esposa, usando o major, e colocar o próprio major em uma situação humilhante! Sim, uma ideia brilhante, promissora, e Huguenau disse:

— O senhor major deve se lembrar do meu primeiro relatório, no qual descrevi minha visita ao bo... — Huguenau colocou a mão na boca — perdão, ao bordel público. O Senhor Esch já está dormindo respeitosa e em sua cama de casal, mas ele participou da festa

naquela noite, mesmo assim. Desde então, tenho investigado mais o assunto e acredito ter encontrado uma pista. Gostaria de dar mais uma olhada no local... Se o senhor major estiver interessado no assunto e no, como direi, meio mais interessante, eu sugeriria respeitosamente que fizesse uma visita de inspeção.

O major deixou seu olhar percorrer mais uma vez as frentes das janelas, sobre as portas das casas, que pareciam entradas para cavernas negras, e então, para surpresa de Huguenau, afirmou sem mais delongas:

— Vamos.

Voltaram, pois a casa ficava na direção oposta e fora da cidade. O major de novo caminhava em silêncio ao lado de Huguenau, parecia até mais preocupado do que antes, e Huguenau, por mais que desejasse um tom leve e confidencial, não se atrevia sequer a iniciar uma conversa. Mas uma decepção ainda pior o aguardava: quando chegaram à casa, sobre cujo portal brilhava uma grande lanterna vermelha, o major abruptamente disse que “não” e estendeu a mão. E quando Huguenau o encarou perplexo, ele forçou um sorriso:

— Acho melhor o senhor fazer suas pesquisas sozinho esta noite.

O velho virou-se mais uma vez em direção à cidade. Huguenau observou-o com raiva e amargura; porém, então, lembrou-se de Esch, deu de ombros e abriu a porta.

Ele deixou a casa em menos de uma hora. Seu humor tinha melhorado. A angústia que o incomodara havia desaparecido. Consertara algo, e, embora não pudesse dar um nome a isso, sentia claramente que recuperara sua personalidade e seu bom senso. Os outros podiam fazer o que quisessem, podiam ignorá-lo — não se importava. Saiu vigorosamente. Uma música do Exército de Salvação que devia ter ouvido em algum lugar lhe veio à mente e, a cada passo, Huguenau marcava o ritmo batendo com sua bengala no chão e cantando: “Senhor Deus Onipotente”.

LX

Festa da Associação da Gratidão Moselana na cervejaria Stadthalle para comemorar a vitória da Batalha de Tannenberg

Jaretzki passeava pelo jardim da Stadthalle. No grande salão, estavam dançando. Claro que mesmo sem um braço ele poderia dançar, mas Jaretzki sentia-se envergonhado. Ficou alegre de encontrar a enfermeira Mathilde parada em uma das portas do salão de dança:

— Então a senhorita também não está dançando, enfermeira?

— Claro que estou dançando; devíamos tentar, Tenente Jaretzki?

— Até eu conseguir aquela coisa, a prótese, não posso fazer muita coisa... exceto beber e fumar... Aceita um cigarro, enfermeira Mathilde?

— Mas que ideia é essa? Estou de serviço.

— Entendi, é o dever que faz com que a senhorita se ofereça para dançar. Então, o dever pede que a senhorita tenha piedade de um pobre aleijado... sente-se e me faça companhia por um tempo.

Jaretzki sentou-se um pouco pesadamente na mesa mais próxima.

— A senhorita está gostando, enfermeira?

— Sim, é bem agradável.

— Bem, eu não gosto.

— Mas a multidão está se divertindo, não podemos invejar a alegria deles.

— Sabe, talvez eu já esteja um pouco tonto... mas não importa... Eu lhe digo que essa guerra nunca vai acabar... ou o que acha?

— Bem, em algum momento vai ter que acabar...

— E o que vamos fazer quando não houver mais guerra, quando não houver mais aleijados para cuidar?

A enfermeira Mathilde considerou:

— Depois da guerra... bom, o senhor mesmo sabe o que quer fazer. O senhor me contou sobre um emprego que lhe ofereceram...

— Comigo é diferente... Eu estive na linha de frente... Eu matei pessoas... Perdoe-me, talvez pareça um pouco confuso, mas para mim está bem claro... para mim acabou... mas há todos os outros... — ele apontou para o jardim — eles ainda têm que enfrentar a música... os russos estão formando batalhões femininos, pelo que dizem...

— As coisas que o senhor diz são aterrorizantes, Tenente Jaretzki.

— Eu? De jeito nenhum... eu terminei com tudo... vou voltar para casa... encontrar uma esposa... noite após noite a mesma... nada de aventuras... Estou com medo de estar um pouco bêbado, enfermeira... Mas veja, não é bom para o homem estar sozinho, não é bom para o homem estar sozinho... diz assim na Bíblia. E a senhorita dá muito valor à Bíblia, enfermeira, não dá?

— O que o senhor acha, Tenente Jaretzki? Não gostaria de ir para casa? Alguns dos nossos também estão querendo ir embora... o senhor poderia ir junto...

Ela sentiu o hálito alcoólico dele em seu rosto:

— Eu lhe digo isso, enfermeira, que a guerra não pode parar porque cada homem lá fora se viu sozinho... porque um após o outro, todos se veem sozinhos... e todo homem que está sozinho deve matar outro homem... A senhorita acha que eu bebi demais, enfermeira, mas sabe,

eu aguento muito... não há motivo para me mandar para a cama... Mas é verdade, o que estou lhe dizendo.

Ele se levantou:

— Música estranha, não é?... Não sei que tipo de dança é essa, mas vamos assistir um pouco?

•

O voluntário de guerra Dr. Ernst Pelzer da divisão de morteiros de trincheira trombou com o apressado Huguenau:

— Cuidado, senhor mestre de cerimônias... o senhor é um verdadeiro furação... sempre correndo atrás das damas.

Huguenau nem ouviu. Com uma importância radiante, indicou dois cavalheiros em trajes de gala que acabavam de entrar no jardim:

— O prefeito chegou!

— Aham, caçando presas maiores... pois boa caçada, alô! E avante! E todo o resto, meu nobre esportista...

— Obrigado, obrigado, doutor! — Huguenau, que não ouvira uma palavra, agradeceu por cima do ombro e já estava se posicionando para o discurso oficial de boas-vindas.

•

O Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck realmente deveria estar sentado à mesa de honra. Mas ele não ficou lá por muito tempo.

— Que a alegria seja ilimitada — disse —; somos mercenários em uma cidade conquistada.

Dirigiu-se a um grupo de jovens garotas. Sustentava a cabeça erguida, sua barba quase horizontalmente no ar. Ao passar pelo fuzileiro Kneese, que estava encostado em uma árvore, triste e entediado, deu-lhe um tapinha no ombro:

— Ainda de luto pelo seu apêndice? Os senhores são bons soldados, devo dizer, estão aqui para engravidar as mulheres... Tenho vergonha de tais maricas... Para a frente, meu rapaz!

— Muito bem, senhor — disse Kneese, ficando em sentido.

Kuhlenbeck se enganchou em Berta Kringel, apertando o braço dela contra si:

— Vou dançar uma rodada com todas vocês... Quem dançar melhor ganha um beijo.

As garotas gritaram. Berta Kringel tentou se soltar. Mas quando ele envolveu a mão dela, de dedos curtos, em seu punho masculino macio, ele sentiu os dedos dela enfraquecerem e se aconchegarem na sua carne.

— Então vocês não vão dançar... todas têm medo de mim, é isso... Tudo bem, vou levá-las para jogar tômbola... As crianças gostam de brincar.

Lisbeth Wöger exclamou:

— O senhor está só nos provocando de novo, Senhor Kuhlenbeck...
Um cirurgião-chefe não dança.

— Ora, Lisbeth, a senhorita ainda vai me conhecer melhor.

E o Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck capturou Lisbeth também pelo braço.

Enquanto estavam parados na mesa da tômbola, a Senhora Paulsen, esposa do farmacêutico Paulsen, aproximou-se, ficou ao lado do Dr. Kuhlenbeck, e sussurrou com lábios pálidos:

— Não tem vergonha... com essas criaturas ingênuas...

O homem enorme olhou um pouco apreensivo por trás dos óculos; em seguida, desatou a rir:

— Ah, cara senhora, prometo-lhe o primeiro prêmio.

— Obrigada — disse a Senhora Paulsen, se afastando. Lisbeth Wöger e Berta aproximaram as cabeças:

— Viu como ela estava verde de ciúmes?

•

Embora a presença de Heinrich tenha interrompido, até certo ponto, sua vida de ermitã, Hanna Wendling não tinha ido à festa de bom grado. Mas o advogado Wendling, sabendo-se um cidadão importante da cidade e também um oficial, sentiu-se obrigado a comparecer. Então eles foram com os Röders.

Sentaram-se na sala de dança; o Dr. Kessel estava com eles. No extremo superior da sala estava a mesa de honra, reluzindo com o branco do linho e adornada com flores e grinaldas de folhas; ali presidiam o prefeito e o major, e o senhor editor Huguenau também tinha seu lugar ali. Quando avistou os recém-chegados, dirigiu-se a eles. Que se encontrava no comitê podia ser visto pelo distintivo em sua lapela, mas ainda mais claramente estava escrito em sua testa. Ninguém poderia deixar de notar a dignidade do Senhor Huguenau. Huguenau sabia, naturalmente, há muito tempo quem era aquela senhora: ele a tinha visto várias vezes na cidade, e uma pequena investigação havia revelado que se tratava da senhora Wendling.

Ele foi direto ao Dr. Kessel:

— Posso pedir-lhe, senhor doutor, que me faça o grande favor de me apresentar aos seus amigos?

— Sim, com prazer.

— Uma grande honra, uma grande honra — replicou o Senhor Huguenau —, um grande privilégio; a graciosa senhora vive tão reclusa, e se não fosse pela grande sorte de seu marido estar de licença aqui, tenho certeza de que não teríamos o prazer de recebê-la em nosso meio esta noite.

Hanna Wendling respondeu que a guerra a tornara um pouco tímida.

— Essa não é a maneira certa de encarar, cara senhora. É precisamente em tempos tão graves que precisamos nos animar... Espero que vocês dois fiquem para a dança.

— Não, minha esposa está um pouco cansada, então infelizmente precisamos ir em breve.

Huguenau ficou francamente magoado:

— Mas, senhor advogado, o senhor e sua encantadora esposa realmente devem nos conceder a honra desta vez, nossas festividades de fato devem ser agraciadas por uma senhora tão bonita... e é para um objetivo filantrópico... Então o senhor tenente vai fechar um olho e colocar a misericórdia antes da justiça?

E embora a Senhora Hanna Wendling estivesse perfeitamente ciente da superficialidade daquelas lisonjas, seu rosto se abriu e ela disse:

— Bem, a seu pedido, senhor editor, vamos ficar um pouco mais.

•

No meio do jardim, uma longa mesa foi montada para os soldados, e o “Memorial do Mosela” lhes presenteou com um pequeno barril de cerveja, que estava em seus dois cavaletes ao lado da mesa. A cerveja já acabara há muito tempo, mas alguns dos homens ainda se mantinham ao redor da mesa vazia. Kneese se juntou a eles e já estava desenhando estruturas com a ponta do dedo nas poças de cerveja nas tábuas de madeira:

— O cirurgião-chefe diz que devemos lhes fazer crianças.

— Com quem?

— Com as garotas daqui.

— Diga-lhe que ele deve dar o exemplo.

Risos.

— Ele já está fazendo isso.

— Seria mais sensato se ele nos deixasse ir para casa com nossas esposas.

Os lampiões balançavam ao vento da noite.

•

Jaretzki passeia sozinho pelo jardim. Quando encontra a Senhora Paulsen, inclina-se:

— Tão solitária, bela senhora.

A Senhora Paulsen diz:

— Parece que o senhor também está solitário, tenente.

— No meu caso, não significa nada, já terminei com tudo.

— Vamos tentar a sorte na tómbola, tenente? — A Senhora Paulsen se agarra ao braço direito saudável de Jaretzki.

Huguenau encontra o Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck caminhando com Lisbeth e Berta sob as árvores.

Huguenau cumprimenta:

— Boa noite, senhor cirurgião-chefe, uma boa noite, jovens senhoritas.

E se foi.

O Cirurgião-Chefe Kuhlenbeck ainda segurava mãos burguesas de dedos curtos em suas grandes e calorosas patas:

— Ora, vocês gostam daquele jovem elegante?

— Não... — as duas garotas riram.

— É mesmo? Por que não?

— Há outros melhores.

— Entendi. Quem, por exemplo?

Berta disse:

— O Tenente Jaretzki está passeando com a Senhora Paulsen ali.

— Deixe-os em paz — disse o médico. — Eu vou ficar com você.

A banda tocou uma fanfarra. Huguenau ficou ao lado do maestro no palco, que se projetava para a sala de um lado e, do outro, na forma de um pavilhão, para o jardim.

Formando uma espécie de bocal com as mãos, Huguenau gritou sobre as mesas no jardim:

— Silêncio!

No jardim e na sala, reinou um silêncio total.

— Silêncio! — gritou Huguenau mais uma vez no silêncio.

O Capitão Von Schnaack, do Quarto VI — ele tinha um ferimento a bala no pulmão, que já estava curado —, aproximou-se de Huguenau no palco e desdobrou uma folha de papel:

— Vitória em Amiens. 3700 prisioneiros ingleses, 3 aviões inimigos abatidos, dois deles pelo Capitão Blöcke, que assim alcança sua vigésima terceira vitória aérea.

O Capitão Von Schnaack levantou o braço:

— Viva, viva, viva!

A banda começou a tocar o hino nacional. Todos se levantaram; a maioria deles se juntou ao canto. Quando o canto cessou de novo, alguém gritou de um canto sombrio:

— Hurra, hurra, hurra, viva a guerra!

Todos se viraram e olharam.

Lá estava o Tenente Jaretzki. Uma garrafa de champanhe estava diante dele, e ele estava tentando abraçar a Senhora Paulsen com o

As paredes do salão de dança estavam decoradas com retratos dos generais e soberanos aliados, adornados com folhas de carvalho e guirlandas de papel, e pendurados com bandeiras. A parte patriótica e cerimonial da celebração havia terminado, e Huguenau podia se dedicar ao prazer. Ele sempre fora um bom dançarino, sempre se vangloriara de portar uma boa figura apesar de sua robustez e estatura baixa; porém, naquela noite, mais estava em jogo; naquela noite, mais do que nunca, diante dos olhos dos comandantes militares, a dança se tornava uma celebração de vitória.

O bailarino está transcendendo este mundo. Envolto pela música, renunciou à sua liberdade de ação e, ainda assim, age em conformidade com uma liberdade mais elevada e lúcida. Na segurança rigorosa do ritmo que o guia, sente-se protegido, e um grande alívio surge dessa segurança. Assim, a música traz unidade e ordem para a confusão e o caos da vida. Cancelando o Tempo, cancela a morte, e ainda assim a ressuscita em cada batida do ritmo, até mesmo no ritmo daquele *pot-pourri* monótono e interminável que estava em execução, chamado *De todas as margens musicais*, que mistura melodias do país com danças inimigas como o *cake-walk*, o *matchiche* e o tango. A parceira do bailarino murmura e depois, animando-se, canta. E sua voz emocionada e não treinada faz com que as letras bárbaras, que ela domina sem exceção, deslizem junto com seu sopro suave no rosto do bailarino quando se inclina sobre ela no tango. Mas logo se endireita de novo; seu olhar, refletido através dos óculos, mostra um espírito decidido e severo, observando ao redor. Quando a música se transforma em uma marcha militar, os casais dançantes desafiam as forças inimigas, mas logo se ajustam ao ritmo astuto e oscilante do passo a passo, balançando de forma estranha, quase sem se mover do lugar, até que o tango envia suas ondulações e o passo se torna novo e suave e felino, flexíveis a postura e as pernas. Ao passar pela mesa de honra, atrás de cujos vasos de flores estão sentados o prefeito e o major, o bailarino pega, com um gesto arredondado, um copo — também pertence àquela mesa — e, sem interromper a dança, como um equilibrista que, sorrindo e casualmente, saboreia uma refeição suculenta enquanto está alto no ar, brinda à saúde de todos os presentes na mesa.

Já mal guia a parceira. Uma mão, elegantemente envolta em seu lenço de bolso, repousa delicadamente sob o decote baixo de suas costas, enquanto seu braço esquerdo pende descuidadamente ao lado. Somente quando a música muda para uma valsa é que eles juntam suas mãos livres. De forma rígida, em tensão recíproca, firmam seus braços esticados e, com os dedos entrelaçados, o par gira pelo salão.

Seu olhar varre a sala, e ele percebe que as fileiras de dançarinos se reduziram. Apenas outro par ainda dança. Aproximam-se, quase o roçam, recuam, deslizam de novo ao longo das paredes. Os outros se retiraram entre os espectadores. Incapazes de dominar os ritmos de dança estrangeiros, admiram. Se a música cessa, os espectadores e dançarinos aplaudem, e a música recomeça. É quase como uma competição. Huguenau mal vê sua parceira, que com a cabeça lançada para trás em rendição, entregou-se à forte, embora quase invisível, liderança. Ele não percebe que a música desencadeou em sua parceira uma arte mais delicada e disciplinada do sexo, um poder feminino bacante que permanecerá para sempre desconhecido para seu marido, para seu amante, até mesmo para ela mesma, e ele não vê o sorriso extático com o qual a outra dama se pendura nos braços de seu parceiro. Ele vê apenas seu rival, vê apenas o outro dançarino hostil, um magro agente de vinhos de fraque, com uma gravata preta e uma Cruz de Ferro no peito, que em elegância e distinção militar ofusca sua própria roupa azul simples. Assim também Esch, com seus membros longos e magros, poderia dançar ali, e portanto, para roubar a dama dele, Huguenau a mantém com o olhar enquanto ela desliza com seu parceiro, e ele continua fazendo isso até que ela devolva seu olhar, entregue-se a ele com seu olhar, de modo que ele, Wilhelm Huguenau, já possui ambas as mulheres, as possui sem desejar, pois, para ele, não é o favor das mulheres que importa, embora possa estar competindo por ele — os prazeres do amor não lhe importam. Pelo contrário, aquela celebração e aquele amplo salão se concentram cada vez mais em torno da mesa branca ali, e seus pensamentos se dirigem cada vez mais incondicionalmente ao major que está sentado, de barba branca e belo, atrás das flores, observando-o, ele, Wilhelm Huguenau, no meio do salão. Ele é um guerreiro dançando diante de seu chefe.

No entanto, os olhos do major se enchem de crescente horror. Aquela sala, os dois homens se movendo desavergonhadamente, saltitando sem pudor algum, ainda mais sem pudor do que as mulheres que os acompanham; tudo aquilo era como uma casa infame, era o inferno. E o fato de que a guerra fosse acompanhada por tais celebrações de vitória transformava a própria guerra em uma caricatura sangrenta da depravação. Parecia que o mundo estava perdendo suas características, que cada rosto estava sendo abolido, um poço indiscernível, um poço do qual não havia escapatória. Tomado pelo terror, o Major Von Pasenow se viu, perplexo, desejando arrancar as bandeiras das paredes — não porque elas poderiam ser profanadas por aquele horror, o horror da festa, mas porque estavam inexplicavelmente ligadas a esse horror e a essa ostentação infernal, em uma ininteligibilidade perturbadora, e também porque por trás de

tudo estavam a falta de cavalheirismo das armas incompatíveis com a cavalaria, os amigos traidores e os pactos quebrados. E com uma estranha calma gélida, surge nele o desejo de aniquilar essa criatura demoníaca, de destruí-la, de vê-la esmagada sob seus pés. Mas com a mesma calma, grandiosa como uma cordilheira, semelhante à sombra de um pico alto, surge sobre a criatura a imagem do amigo, talvez a imagem de Esch, grave e solene, e ao Major Von Pasenow parece que, em homenagem ao amigo, o mal deve ser destruído e relegado ao nada. O Major Von Pasenow anseia pelo irmão.

•

A enfermeira Mathilde estava à procura do Dr. Kuhlenbeck. Ela o encontrou entre um grupo de proeminentes homens de negócios. Kringel, o comerciante, Quint, o proprietário do hotel e açougueiro, o Senhor Salzer, o arquiteto, e o Senhor Westrich, o diretor dos correios, estavam todos lá. E suas esposas e filhas estavam sentadas ao lado deles.

— Um momento, cirurgião-chefe.

— Outra mulher que me encarou.

— Só um momento, senhor.

Kuhlenbeck se levantou:

— O que há, minha criança?

— Devemos tirar o Tenente Jaretzki daqui...

— Sim, imagino que ele já tenha bebido o suficiente.

A enfermeira Mathilde sorriu, concordando.

— Eu irei vê-lo.

O braço sadio de Jaretzki estava apoiado na mesa, suspendendo sua cabeça; dormitava.

O cirurgião-chefe olhou para o relógio:

— Flurschütz está me substituindo. Ele deve estar chegando a qualquer momento com o carro, e pode levar Jaretzki de volta com ele.

— Deveríamos deixá-lo aqui dormindo assim, senhor?

— Não há outra opção. Guerra é guerra.

•

O Dr. Flurschütz piscou com olhos um tanto inflamados para o jardim iluminado. Então, entrou na sala de dança. O major e os outros convidados de honra já haviam saído. A longa mesa fora removida e toda a sala estava livre para a dança, que seguia seu curso apertado, fervente, suado e arrastado.

Levou algum tempo até que avistasse seu chefe. Com expressão grave e barba apontando para cima, Kuhlenbeck estava girando numa valsa com a esposa do farmacêutico Paulsen. Flurschütz esperou o fim da

dança e então se apresentou.

— Ora, até que enfim o senhor chegou, Flurschütz: veja a que tolices infantis levou seu digno superior com sua tardança... Mas já não há desculpas; quando o chefe dança, o próximo na hierarquia também deve dançar.

— Insubordinação, senhor: recuso-me a dançar.

— E esta é a geração mais jovem... Parece-me que sou mais jovem do que todos vocês... Mas agora devo ir, enviarei o carro de volta. Traga Jaretzki junto; ele está cego para o mundo no momento... Uma das enfermeiras voltará comigo, o senhor traz a outra.

No jardim, encontrou a enfermeira Carla:

— Enfermeira Carla, vou levá-la de volta comigo, posso cuidar de quatro feridos também. Reúna-os, mas seja rápida.

Então ele embarcou seus passageiros. Três homens foram colocados no banco de trás, a enfermeira Carla e outro homem no banco da frente, e ele mesmo se sentou ao lado do motorista. Sete muletas encaravam o ar escuro (a oitava estava em algum lugar no carro), estrelas pendiam no negro céu. O ar cheirava a gasolina e poeira. Mas de vez em quando, sobretudo nas curvas da estrada, sentia-se a proximidade da floresta.

.

O Tenente Jaretzki levantou-se. Sentia como se tivesse adormecido num compartimento de trem. O trem já se detinha numa das maiores estações; Jaretzki resolveu visitar o *buffet*. Havia muitas pessoas e muitas luzes na plataforma. “Tráfego de domingo”, pensou Jaretzki. Sentia bastante frio. Na região do estômago, mais ou menos. Algo quente lhe faria bem. De repente, seu braço esquerdo estava faltando. Deve tê-lo deixado sobre o bagageiro. Abriu caminho entre mesas e pessoas. No balcão do sorteio, parou.

— Um grogue — ordenou.

.

— É bom que o senhor esteja aqui — disse a enfermeira Mathilde para o Dr. Flurschütz. — Não será fácil lidar com o Jaretzki hoje à noite.

— Daremos conta, enfermeira... Divertiu-se?

— Ah sim, foi bem divertido.

— Não lhe parece um pouco fantasmagórico também, enfermeira?

A enfermeira Mathilde tentou entender, e não respondeu.

— Bem, a senhorita poderia ter imaginado algo assim anos atrás?

— Lembra-me um pouco das nossas festas anuais.

— Uma festa um tanto histérica.

— Ora, talvez, Dr. Flurschütz.

— São formas vazias que ainda vivem... Parece uma festa, mas as

pessoas dentro dela já não sabem mais o que está acontecendo com elas.

— Tudo logo voltará ao normal, senhor doutor.

Ela ficou em pé diante dele, reta e saudável. Flurschütz balançou a cabeça:

— Nada nunca volta ao normal... muito menos no Dia do Juízo... Isso não parece um pouco com isso, hein?

— As ideias que o senhor tem, doutor!... Mas precisamos reunir nossos pacientes.

.

No quiosque de música, o errante Jaretzki foi interceptado pelo voluntário Dr. Pelzer:

— Senhor Tenente, parece estar procurando por algo com urgência.

— Sim, um grogue.

— Isso é uma ideia fantástica, senhor tenente, o inverno está chegando, e eu vou buscar um grogue... Mas sente-se por enquanto.

Ele correu e Jaretzki sentou-se em cima da mesa, balançando as pernas.

Dr. Wendling e sua esposa, prestes a sair, passaram por perto. Jaretzki saudou:

— Permita-me, senhor, sou o Subtenente Jaretzki, do Batalhão de Caçadores da Hesse nº 8, Grupo de Exércitos do Príncipe Herdeiro, perdi o braço esquerdo devido a uma intoxicação por gás em Armentières, apresento-me humildemente.

Wendling olhou para ele com espanto:

— Muito prazer — disse ele —; Primeiro Tenente Dr. Wendling.

— Engenheiro diplomado Otto Jaretzki — sentiu-se obrigado Jaretzki a acrescentar, desta vez ficando em posição de sentido diante de Hanna, para mostrar que a apresentação também a incluía.

Hanna Wendling já recebera muita admiração durante a noite. Ela disse então com graciosidade:

— Mas é horrível, o que aconteceu com seu braço.

— Sim, minha senhora, horrível, mas justo.

— Mas, mas, meu camarada — disse Wendling —, não se pode falar de justiça nessas coisas.

Jaretzki levantou um dedo:

— Não é justiça legal que quero dizer, meu camarada... Nós recebemos uma nova forma de justiça, um homem não precisa de tantos membros quando está sozinho... Concordará com isso, minha senhora.

— Boa noite — disse Wendling.

— Uma pena, uma pena, horrível! — disse Jaretzki. — Mas é claro,

cada um está comprometido com sua solidão... boa noite! — e ele voltou para sua mesa.

— Que homem estranho! — exclamou Hanna Wendling.

— Bêbado imbecil! — respondeu seu marido.

O voluntário Pelzer, passando com dois copos de grogue, ficou em posição de sentido.

.

Huguenau saiu às pressas da sala de baile. Enxugou o suor da testa e enfiou o lenço dentro da gola.

A enfermeira Mathilde o deteve:

— Senhor Huguenau, poderia nos ajudar a reunir os pacientes?

— Seria uma grande honra, distinta senhorita, devo mandar tocar uma fanfarra? — e ele virou logo em direção à banda.

— Não, não, Senhor Huguenau, não quero nenhum alvoroço, conseguimos sem isso.

— Como preferir... Foi uma noite esplêndida, não foi, distinta senhorita? O senhor major expressou seu prazer nos termos mais graciosos.

— Sem dúvida, uma noite encantadora.

— O senhor cirurgião-chefe parecia estar muito satisfeito também... ele estava de excelente humor... Posso pedir-lhe para que lhe transmita os meus humildes cumprimentos?... Ele nos deixou tão repentinamente que não pude me despedir.

— Pergunto-me, Senhor Huguenau, se o senhor poderia avisar os soldados na sala de baile que o Dr. Flurschütz e eu estamos à espera deles na porta.

— Será feito, será feito imediatamente... mas não é certo da sua parte, distinta senhorita, nos deixar tão cedo... não é um sinal, espero, de que a senhorita não se divertiu... então, não vou considerar dessa maneira.

Com lenço enfiado na gola, Huguenau voltou às pressas para a sala de baile.

— E quanto aos oficiais, enfermeira? — perguntou Flurschütz.

— Ah, não precisamos nos preocupar, eles mesmos fizeram arranjos para serem levados de volta.

— Ora, então parece que tudo está se ajeitando afinal... mas ainda temos Jaretzki em nossos ombros.

.

Jaretzki e o voluntário Dr. Pelzer ainda estavam sentados no jardim sob o pavilhão da música. Jaretzki tentava olhar as iluminações através de seu copo de grogue marrom.

Flurschütz sentou-se ao lado deles:

— Que tal irmos dormir, Jaretzki?

— Eu irei dormir se encontrar uma mulher; se não encontrar uma mulher, não irei dormir... Tudo começou com os homens indo dormir sem mulheres e as mulheres indo dormir sem homens ... Isso foi uma má disposição.

— Ele está certo — disse o voluntário.

— Talvez — disse Flurschütz. — E isso só lhe ocorreu agora, Jaretzki?

— Sim, neste exato momento... mas eu sabia disso há muito tempo.

— Bem, na certa vai salvar o mundo com essa ideia.

— Seria o suficiente se ele salvasse a Alemanha — disse o voluntário Pelzer.

— Alemanha... — disse Flurschütz, olhando ao redor do jardim vazio.

— Alemanha... — replicou Pelzer. — Quando começou eu me alistei como voluntário para o *front*... agora estou feliz por estar sentado aqui.

— Alemanha... — repetiu Jaretzki, que começara a chorar — tarde demais... — ele enxugou os olhos. — Flurschütz, você é um cara legal, eu amo você.

— Isso é bom de sua parte, eu também amo você... vamos para casa agora?

— Nós não temos uma casa para ir, Flurschütz... vou tentar me casar.

— Tarde demais para isso também, a essa altura do campeonato, eu imagino — disse o voluntário.

— Sim, já está bem tarde, Jaretzki — disse Flurschütz.

— Nunca é tarde demais! — berrava Jaretzki. — Mas me amputou, seu porco!

— Vamos lá, Jaretzki, realmente está na hora de acordar.

— Se cortar o meu, eu cortarei o seu... é por isso que a guerra deve continuar para sempre... você já tentou fazer isso com uma granada de mão...? — ele assentiu gravemente — ... agora eu, eu fiz... bons ovos, as granadas de mão... ovos podres.

Flurschütz o segurou pelo braço:

— Olha só, Jaretzki, provavelmente você está completamente certo... sim, e provavelmente é realmente o único meio de chegar a um entendimento mútuo... mas agora vamos, meu amigo.

Na porta, os soldados já estavam reunidos em volta da enfermeira Mathilde.

— Recomponha-se, Jaretzki — disse Flurschütz.

— Entendido! — disse Jaretzki, e quando ele apareceu diante da

enfermeira Mathilde, endireitou-se à atenção e reportou:

— Um tenente, um médico e quatorze homens presentes... peço licença para informar que ele me amputou... — Fez uma pausa curta para efeito, e então tirou a manga vazia do bolso e a balançou para frente e para trás sob o nariz comprido da enfermeira Mathilde: — Casta e vazia.

A enfermeira Mathilde gritou:

— Quem quiser voltar de carro, que vá; eu vou a pé com os outros.

Huguenau saiu às pressas:

— Espero que tudo tenha corrido bem, senhorita... Estamos todos aqui... posso desejar-lhe uma jornada de volta feliz?

Ele apertou as mãos da enfermeira Mathilde, do Dr. Flurschütz, do Tenente Jaretzki e de cada um dos quatorze soldados, tendo o cuidado de se apresentar em cada caso como “Huguenau”.

LXI

O que de fato quero com Marie? Eu a convido aqui, peço-a para cantar, junto-a castamente com Nuchem, o talmudista — o talmudista renegado, suponho que eu deveria dizer — e a deixo ir embora de novo, deixo-a desaparecer dentro das paredes de seu hospício cinza. O que quero dela? E por que ela se presta a esse jogo? Ela está determinada a salvar minha alma, está determinada a assumir a tarefa interminável e, em última análise, impossível de capturar a alma talmudista daquele judeu e conduzi-la a Jesus? O que Nuchem pensa a respeito, afinal? Aqui estou eu com esses dois seres humanos aparentemente em minhas mãos, e ainda assim não sei nada sobre eles, nem mesmo o que estão pensando e o que comerão esta noite. O homem é uma criatura tão isolada que ninguém, nem mesmo Deus que o criou, sabe nada sobre ele.

Tudo isso me perturbava extraordinariamente, sobretudo por eu nunca ter sido capaz de olhar para Marie exceto como uma criatura cheia até a borda de hinos e textos bíblicos, e em minha inquietação eu parti para o hospício.

Tive de ir lá duas vezes antes de encontrá-la. Ela estava em uma rodada de visitas a doentes e não retornou até a noite. Então, sentei e esperei na sala comunitária, contemplei os textos bíblicos nas paredes, contemplei o retrato do General Booth, e mais uma vez considerei todas as várias possibilidades. Recordei minha primeira reunião com Marie, também seu primeiro encontro casual com Nuchem, fiz-me visualizar tudo o que havia acontecido desde então; imprimi tudo isso muito bem em minha mente, sem excluir nem mesmo minha situação no momento; examinei a sala comunitária com a maior atenção,

andando na penumbra que aumentava lentamente, pois o céu havia escurecido; lá fora, pesadas gotas de chuva estavam caindo, apressando o crepúsculo. Perguntei a mim mesmo se aqueles dois velhos que também estavam sentados na sala como eu deveriam ser inclusos em minha memória, e os incluí — melhor prevenir que remediar. Eles estavam muito fracos; seus pensamentos eram impenetráveis; para eles, eu era vento.

Era bastante tarde quando Marie enfim chegou. Nesse entremeio, os dois velhos já haviam sido levados para fora, e quase temi que fizessem o mesmo comigo. Na sala mal iluminada, ela não me reconheceu imediatamente; em seguida, disse:

— Deus o abençoe.

E respondi:

— Isso é apenas uma figura de linguagem simbólica.

Já me reconhecendo, ela por sua vez respondeu:

— Isso não é uma figura de linguagem: que Deus o abençoe.

Então, eu por minha vez disse:

— Entre nós, judeus, tudo é um símbolo.

Ao que ela respondeu:

— Você não é judeu.

Eu, por outro lado, disse:

— O pão e o vinho não passam de símbolos, não obstante; além disso, eu vivo entre judeus.

Ela replicou:

— O Senhor é o nosso lar eterno.

Isso estava completamente de acordo com o que eu imaginava, era exatamente como eu a havia concebido: com um texto sagrado para todas as eventualidades; ela já estava entregue mais uma vez em minhas mãos, e, elevando minha voz, eu disse:

— Eu proíbo você de entrar de novo em minha casa judaica — mas isso soou vago naquele lugar. Parecia que eu precisava tê-la em meu apartamento de novo, se eu fosse falar razoavelmente com ela; então eu ri e disse:

— Uma piada minha, *nebbich*, uma piada.

No entanto, embora com essa palavra iídiche eu possa ter procurado me refugiar de meu próprio discurso no discurso de um estranho, um povo completamente estranho, e me abrigar sob a égide de um Deus estranho a mim, isso não adiantou, eu não recuperei minha confiança. Pode ser que de fato tenha sido muito abalado pela espera prolongada, envelhecido como aqueles dois velhos que por fim foram levados para fora da sala de espera; eu tinha sido humilhado pela espera, uma criatura em vez de um criador, um deus destituído. Quase

humildemente, eu tive que dizer:

— Eu queria salvar você do escândalo. O Dr. Litwak tem me alertado sobre o perigo.

Isso, é claro, era uma distorção dos fatos, pois Litwak temia o perigo apenas por causa de Nuchem. E invocar como garantia um meio-libertino ridículo como aquele! De fato, eu não poderia ter causado um ferimento mais doloroso à minha autoestima. E por mais simples que fosse a resposta que ela encontrou, era uma repreensão:

— Quando o seu coração está cheio da alegria do Senhor, você está a salvo de escândalos.

Minha paciência cedeu diante dessa humilhação, e não notei que eu já estava realmente servindo aos propósitos do avô e do Dr. Litwak:

— Você não deve mais se envolver com o jovem judeu; ele tem uma esposa gorda e muitos filhos.

Ah, se eu pudesse ler em sua alma, se eu pudesse saber se com essas palavras eu a tinha ferido e machucado, rasgado aquele coração que declarava estar cheio da alegria do Senhor — mas não havia sinal disso, talvez ela nem mesmo tivesse entendido o que eu disse. Ela se limitou a dizer:

— Eu irei vê-lo. Nós cantaremos juntos.

Eu me dei por vencido.

— Nós podemos ir agora — disse eu com um último resquício de esperança de que ainda pudesse conseguir decidir seu curso.

Ela respondeu:

— Eu adoraria, mas preciso voltar para os meus pacientes doentes.

Então, fui obrigado a voltar para casa com tudo ainda indefinido. Apenas uma chuva leve estava caindo. Na minha frente marchava um par de amantes muito jovens; eles estavam se abraçando e seus braços livres balançavam no ritmo de sua marcha.

LXII

A decadência dos valores (8)

As religiões surgem de seitas e, em sua decadência, retornam às seitas, voltando ao seu estado original antes de se dissolverem completamente. No início do cristianismo havia os vários cultos a Cristo e a Mitra, e no seu fim encontramos as grotescas seitas americanas e o Exército de Salvação.

O protestantismo foi a primeira grande formação de seita na

decadência do cristianismo. Uma seita, não uma nova religião. Pois faltava-lhe a característica mais importante de uma nova religião: a nova teologia que une em uma nova harmonia uma nova experiência de Deus e uma nova cosmogonia. O protestantismo, por sua natureza não dedutiva e não teológica, recusou-se a aventurar-se além da esfera da experiência religiosa interna e autônoma.

A tentativa de Kant de estabelecer uma teologia retrospectiva do protestantismo realmente lutou com a tarefa de transferir a substância do platonismo religioso para a nova ciência positivista, mas estava longe de buscar estabelecer um cânone teológico universal de valores no padrão católico.

A defesa do catolicismo contra uma desintegração progressiva em seitas foi organizada pelos jesuítas da Contrarreforma em uma centralização draconiana, até mesmo militar, de valores. Foi o tempo em que até mesmo os resquícios dos costumes populares pagãos foram pressionados ao serviço da Igreja, quando a arte popular recebeu sua coloração católica, quando a Igreja dos jesuítas floresceu em um esplendor nunca antes visto, aspirando e alcançando uma unidade extática que já não era, de fato, a unidade mística simbólica do gótico, mas mesmo assim era sua contraparte heroico-romântica.

O protestantismo teve de dispensar esse tipo de defesa contra o sectarismo. Não absorve os valores não religiosos, apenas os tolera. Despreza “auxílios” externos, pois seu ascetismo insiste na interioridade radical da experiência religiosa. E embora reconheça o êxtase como fonte e corolário da religião, ainda assim exige que o valor extático seja extraído de forma independente da esfera da religião pura, permanecendo absolutamente não contaminado, não comprometido e autônomo.

Essa atitude de severidade é o que governa o relacionamento do protestantismo com os valores sociais não religiosos, e é do que também depende para garantir sua própria estabilidade como igreja na Terra. Em sua devoção exclusiva e concentrada em Deus, ele deve necessariamente voltar-se para a única emanção existente do espírito de Deus na Terra: as Sagradas Escrituras — e assim a fidelidade à Escritura se torna o mais alto dever terreno do protestante, e toda a radicalidade, toda a severidade do método protestante é aplicada para mantê-la.

O pensamento mais característico protestante, o imperativo categórico do dever, está em completo contraste com o catolicismo: os valores externos da vida não são subsumidos em uma crença nem incluídos em um cânone teológico, mas são apenas rigorosamente e de maneira um tanto árida supervisionados com base nas Escrituras.

Se o protestantismo tivesse optado por seguir a outra linha de desenvolvimento, a católica, a fim de alcançar, por sua vez, um

sistema orgânico de valores protestantes, como Leibniz imaginou, talvez se preservasse não menos eficazmente do que o catolicismo contra uma divisão adicional em seitas; mas teria sido compelido a perder sua essência. Encontrou-se — e ainda se encontra — na situação de um partido revolucionário que corre o risco, uma vez no poder, de ser obrigado a se identificar com a antiga ordem que estava combatendo. O reproche de criptocatolicismo dirigido a Leibniz não era totalmente sem fundamento.

Não há severidade que não possa ser uma máscara para o medo. Mas o medo de cair no sectarismo seria um motivo muito insignificante para explicar a severidade do protestantismo. E a fuga para a literalidade, para a palavra escrita, está impregnada do medo de Deus, aquele medo que vem à luz na *pœnitentia* de Lutero, aquele medo “absoluto” da “crueldade” do Absoluto que Kierkegaard experimentou e no qual Deus “está entronizado em luto”.

É como se o protestantismo, ao se apegar à Escritura, quisesse preservar os últimos ecos tênues da Palavra de Deus em um mundo onde a linguagem das coisas havia se calado, um mundo entregue à nudez e à crueldade do Absoluto — e em seu medo de Deus, o protestante percebeu que era seu próprio objetivo diante do qual ele se encolhe. Pois, ao excluir todos os outros valores, ao lançar-se em última instância em uma experiência religiosa autônoma, ele assumiu uma abstração final de um rigor lógico que o instiga inequivocamente a despojar toda pompa sensorial de sua fé, a esvaziá-la de todo conteúdo exceto o Absoluto nu, retendo nada além da forma pura, a vazia, neutra e pura forma de uma “religião em si”, uma “mística em si”.

Há uma correspondência impressionante entre esse processo e a estrutura da religião judaica: talvez os judeus tenham levado a neutralização da experiência religiosa, o despojamento de todos os elementos emocionais e sensoriais do misticismo, a eliminação dos auxílios “externos” para o êxtase, a um estágio ainda mais avançado; talvez eles já tenham chegado mais perto do frio do Absoluto do que o homem comum pode suportar — mas eles também preservaram o máximo rigor e severidade da Lei como o último vestígio de um vínculo com a vida religiosa no plano terreno.

Essa correspondência no processo de intensificação, essa correspondência na forma da estrutura religiosa, que se afirma estender até ao ponto de causar uma semelhança correspondente de caráter entre judeus ortodoxos e calvinistas suíços ou puritanos britânicos, essa correspondência poderia, naturalmente, ser atribuída também a certa similaridade nas circunstâncias externas dessas religiões: o protestantismo sendo um movimento revolucionário e os judeus, uma minoria oprimida; ambos estão em oposição; e poderia

até ser alegado que o próprio catolicismo, quando reduzido a uma minoria, como por exemplo na Irlanda, exhibe as mesmas características. No entanto, um catolicismo desse tipo tem tão pouco em comum com o catolicismo de Roma quanto a fé protestante original tem com as tendências romanizantes da High Church. E por mais que esses fatos empíricos sejam explicados, seu valor explicativo é limitado, pois os fatos não estariam disponíveis se não houvesse a experiência religiosa determinante por trás deles.

É essa religiosidade radical, muda e desprovida de ornamentos, essa concepção de uma infinidade condicionada pela severidade e apenas pela severidade, que determina o estilo de nossa nova época? Essa implacabilidade do princípio divino é um sintoma do recuo infinito do foco de plausibilidade? Essa imolação de todo conteúdo sensorial deve ser vista como a causa-raiz da atual desintegração de valores? Sim.

O judeu, em virtude do rigor abstrato de sua concepção de infinidade, é o mais “progressista”, o verdadeiramente moderno, o homem por excelência: é ele quem se entrega com radicalidade absoluta a qualquer sistema de valores, qualquer carreira que tenha escolhido; é ele quem eleva sua profissão, mesmo que seja um meio de subsistência adotado por acaso, a uma altura absoluta até então desconhecida; é ele quem, incondicional e impiedosamente, seguindo suas ações sem referência a qualquer outro sistema de valores, atinge o ponto mais alto da iluminação espiritual ou afunda na mais brutal absorção nas coisas materiais: no bem como no mal, uma criatura de extremos — como se a corrente do Absoluto abstrato que, por dois mil anos, fluiu pelos guetos como um filete quase imperceptível ao lado do grande rio da vida, agora se tornasse o principal curso; como se o radicalismo do pensamento protestante tivesse inflamado em virulência tudo o que de horrível possui a abstração que, por dois mil anos, foi abrigado pela insignificância e reduzido ao mínimo; como se tivesse liberado esse poder absoluto de extensão indefinida que reside potencialmente apenas no puro Abstrato, liberando-o explosivamente para despedaçar nossa era e transformar o até então ignorado guardião do pensamento abstrato na encarnação paradigmática de nossa época desintegradora.

Parece que para o homem cristão existem apenas duas possibilidades: ou buscar a proteção ainda disponível na harmonia de valores católica, no seio literalmente materno da Igreja, ou corajosamente aceitar o protestantismo absoluto que envolve a humilhação diante de um Deus abstrato — e onde esta decisão não foi tomada, o medo do futuro paira como uma opressão. E de fato, em todos os países onde os homens ainda estão indecisos, esse medo é latente e constantemente ativo, embora possa encontrar expressão apenas no medo dos judeus, cujo espírito e modo de vida são sentidos, se não reconhecidos, como uma imagem odiosa do futuro.

Na ideia de um *organon* de valores protestantes, sem dúvida existe o desejo pela reunificação de toda a Cristandade, o tipo de reunificação imaginada por Leibniz. O fato de que Leibniz, que compreendia completamente os valores de sua época, tenha sido impelido a isso, agora pode ser visto como quase inevitável. Mas era igualmente inevitável que um homem como ele, um homem séculos à frente de seu tempo, que previa a *lingua universalis* da lógica, também devesse ter imaginado nessa união final a abstração de uma *religio universalis*, uma abstração de uma frieza que talvez só ele fosse capaz de suportar, sendo ele o mais profundo místico do protestantismo. Mas a linha de desenvolvimento protestante postulava primeiro a imolação da vida — então foi a filosofia de Kant, não a de Leibniz, que gerou a teologia protestante. A redescoberta de Leibniz foi reservada, significativamente, para teólogos católicos.

As numerosas seitas que se separaram uma após outra do protestantismo, e foram tratadas por ele com aquela tolerância ostensiva que é própria de todo movimento revolucionário, todas elas se desenvolveram na mesma direção; todas são uma reinterpretação, um achatamento e nivelamento daquela antiga ideia de um *organon* de valores protestantes; todas estão do lado da “Contrarreforma”: por exemplo, sem levar em conta as grotescas seitas americanas, o Exército de Salvação não só se assemelha ao movimento jesuíta da Contrarreforma em sua organização militar, mas também exibe muito claramente a mesma tendência de centralizar todos os valores, de atrair tudo para sua rede, de mostrar como a arte popular de todos os tipos, até a canção de rua, pode ser reivindicada para a religião e reinstalada como “auxílios extáticos”. Gasto de espírito patético e inadequado.

Gasto de espírito patético e inadequado, esperança enganosa de salvar a ideia protestante do medo do Absoluto. É um chamado emocionante por ajuda, um chamado convocando todos os recursos de uma comunidade religiosa, mesmo que isso seja visto apenas como o reflexo pálido do que foi um dia uma grande fraternidade. À porta, em severidade rígida, estão o silêncio, a crueldade e a neutralização, e o grito por ajuda aumenta cada vez mais urgentemente dos lábios de todos aqueles que não são capazes de aceitar o que está destinado a vir.

LXIII

Na tarde do domingo seguinte à celebração na Stadthalle, o Major Von Pasenow, para sua própria surpresa, decidiu aceitar o convite de Esch e participar da aula bíblica. Aconteceu da seguinte maneira: na

verdade, ele nem estava pensando em Esch, e o que realmente o fez decidir foi talvez simplesmente a bengala de caminhada que ele viu de repente apoiada no suporte de roupas, uma bengala com um cabo ebúrneo que de alguma forma havia sido incluída entre suas coisas e evidentemente deveria ter estado escondida em algum armário até então. Naturalmente, lembrava-se bem da bengala, mas mesmo assim lhe parecia estranha. Por um momento, pareceu ao Major Von Pasenow como se devesse se vestir como civil e visitar um daqueles recantos de ambíguos deleites nos quais não se permite a um oficial entrar fardado. E então, por assim dizer, como uma concessão, não prendeu a espada ao cinto, mas pegou a bengala e saiu do hotel. Ficou parado, hesitante por um momento, em frente ao hotel, e depois seguiu na direção do rio. Caminhava devagar, apoiado na bengala, um pouco como um oficial ferido ou inválido em um hospital — e não pôde deixar de lembrar-se vagamente de que o bico de borracha da bengala precisava ser substituído. Assim, a passo moderado, chegou às margens da cidade e teve a leve sensação agradável de liberdade que um homem tem quando pode voltar a qualquer momento, como um oficial de licença. E, de fato, logo voltou — foi como um retorno feliz e tranquilizador, ainda que inquietante, para casa —, e como se estivesse se lembrando de uma promessa urgente que precisava cumprir imediatamente, seguiu pelo caminho mais curto até a casa de Esch.

Como o número de discípulos de Esch aumentara e como, durante os meses de verão, não era necessário um espaço aquecido, realizavam-se as reuniões em um dos galpões vazios que se abriam para o pátio. Um carpinteiro que fazia parte do grupo providenciara bancos simples; uma mesinha com uma cadeira ficava no meio da sala. Como não havia janela, a porta ficava aberta, e o major, ao entrar no pátio, soube logo para onde se dirigir.

Quando o major apareceu na moldura da porta e deteve-se por um momento para que seus olhos se acostumassem à penumbra, todos se levantaram; quase parecia que estavam esperando a visita de inspeção de um oficial superior em suas rondas, e essa impressão foi reforçada pelos uniformes dos soldados presentes. Essa transformação, mesmo que apenas figurativa, de sua situação incomum nos termos dignos do cargo ao qual estava acostumado, mitigou o espanto para com o major; era como se uma mão leve e ao mesmo tempo firme o impedisse de descer por caminhos escuros, era uma intimação fugaz de um perigo superado, e ele levantou a mão em saudação.

Esch levantara-se junto com os outros e então acompanhou o convidado até a cadeira atrás da mesinha. Ele mesmo permaneceu em pé ao lado dela, de certa forma como um anjo guardião alocado ao major. E o major teve algo desse sentimento; mais: era como se o

objetivo de sua visita já estivesse cumprido, como se estivesse cercado por uma atmosfera de segurança, uma área simplificada da vida que estava esperando por ele, o viajante que retornou. Mesmo o silêncio que o cercava era como um fim em si mesmo. Poderia ter durado para sempre. Ninguém disse uma palavra. A sala, preenchida pelo silêncio, estranhamente esvaziada pelo silêncio, parecia se estender além de suas próprias paredes, e a luz solar amarela do lado de fora da porta aberta fluía como um rio eterno e insondável em cujas margens eles estavam sentados. Ninguém sabia por quanto tempo ficaram naquele estado silencioso e imóvel; era como se fosse o tempo congelado daqueles segundos em que os homens estão diante da morte; e embora o major soubesse que era Esch quem estava ao seu lado, sentia plenamente a presença fraterna da morte, sentia sua ameaça como um doce apoio. E quando se virou para Esch, isso exigiu todo o esforço necessário de quando se espera algo decisivo, sabendo ao mesmo tempo que deve manter a calma até o último instante. Com um grande esforço, virou-se para ele e disse:

— Por favor, prossiga.

Mas nada aconteceu, pois Esch olhava para a risca branca do cabelo do major, ouvia a voz baixa do major, e era como se ele soubesse tudo a seu respeito, como se soubesse tudo do major, como dois amigos que se conhecem bem. Ele e o major estavam ali como em um palco elevado e radiante, estavam sentados nos lugares de honra, a plateia estava quieta como se um sino tivesse ordenado silêncio, e Esch, que não ousava colocar a mão no ombro do major, apoiou-se no encosto da cadeira, embora isso também fosse indiscutivelmente presunçoso. Sentia-se forte, firme e rígido, tão forte quanto nos melhores dias de sua juventude, ao mesmo tempo seguro e gentil, como se estivesse livre de todas as obras do homem, como se a sala não fosse mais feita de tijolos colocados um sobre o outro, a porta não mais de tábuas serradas, como se tudo fosse obra de Deus e as palavras em sua boca fossem palavras de Deus. Ele abriu a Bíblia e leu no capítulo 16 dos Atos dos Apóstolos:

— *E de repente houve um grande terremoto, de modo que os alicerces da prisão foram abalados; e imediatamente todas as portas se abriram, e as correntes de todos foram soltas.*

“E o carcereiro, acordando de seu sono e vendo as portas da prisão abertas, sacou sua espada e teria se matado, supondo que os prisioneiros tivessem fugido.

“Mas Paulo gritou com voz alta, dizendo: ‘Não te faças nenhum mal, pois estamos todos aqui’”.

Com os dedos entre as páginas do livro fechado, Esch limpou a garganta cautelosamente e esperou. Ele esperava que os alicerces da casa tremessem, esperava que uma grande revelação se manifestasse,

esperava que alguém desse o comando para hastear a bandeira negra, e pensou: “Devo abrir espaço para aquele que recriará o tempo”. Ele pensou tudo isso e esperou. Mas para o major, as palavras que ouvira eram como gotas que se transformavam em gelo enquanto caíam; permaneceu em silêncio e, com ele, todos permaneceram em silêncio.

Esch disse:

— Toda fuga é sem sentido, devemos aceitar nossa prisão voluntariamente... a forma invisível com a espada está atrás de nós.

Como o major viu muito claramente por um momento, Esch interpretara o sentido do trecho em parte corretamente, em parte da maneira mais obscura e fantástica; porém, o velho não ficou preso nessa reflexão, e ela foi apagada por uma imagem emergente que, embora se assemelhasse a uma lembrança, ainda não era realmente uma lembrança, pois apresentava tudo corporalmente diante dele; os velhos reservistas do Landsturm e os jovens recrutas transformaram-se em apóstolos e discípulos, membros de uma comunidade reunida em algum porão de vegetais ou caverna escura, falando uma estranha língua escura que de algum modo era compreensível como uma língua da infância, e sobre eles brilhava uma nuvem celestial prateada — e os discípulos, como ele mesmo, estavam olhando para o céu com confiança e ardor resolutivo.

— Vamos cantar — disse Esch, e começou:

Senhor Deus Onipotente,

Dai-nos Graça suficiente,

Reunindo cada ente,

Com mão firme e dirigente,

Senhor Deus Onipotente.

Com a sola da bota, Esch marcava o ritmo; muitos outros faziam o mesmo, balançando-se no ritmo e cantando. O major talvez tenha se juntado ao canto, mas não se deu conta; o canto parecia mais estar dentro de si, um canto por trás de seus olhos fechados, como uma gota cristalina que cai cantando de uma nuvem. E ele ouviu a voz dizer:

— Não lhe faça nenhum mal, pois estamos todos aqui.

Esch deixou o canto morrer, e então disse:

— De nada adianta fugir do escuro da prisão, pois só fugimos para outra escuridão... devemos reconstruir a casa quando chegar o momento.

Uma voz recomeçou:

Soprai vossa chama ardente,

Avivai-nos a alma e a mente,

Senhor Deus Onipotente.

— Cale a boca! — disse outra voz.

E uma outra voz próxima respondeu:

Batizai-nos com fogo, Jesus Cristo,

Enviai-nos o fogo!

Nós temos por direito ao menos isto.

Enviai-nos o fogo!

Senhor Deus, rogo-vos como convém,

Enviai-nos o fogo!

Pois só assim tudo há de ficar bem.

Enviai-nos o fogo!

— Cale a boca — repetiu a outra voz, uma voz lenta, mas ressonante como uma cripta abobadada, e era a voz de um homem em uniforme da reserva territorial, um homem com uma longa barba que se levantou apoiado em duas muletas. E apesar do esforço que lhe custou, continuou a dizer:

— Quem não esteve morto deve calar a boca... quem esteve morto foi batizado, os outros não.

Mas o primeiro cantor também se levantou e sua voz ressoou, cantando:

Libertai da morte a gente,

Senhor Deus Onipotente!

— Enviai o fogo — acrescentou também o major, e embora tenha dito isso bem baixo, foi o suficiente para que Esch se inclinasse em sua direção. Foi uma espécie de inclinação incorpórea, pelo menos assim o major a sentiu; havia um elemento de segurança nisso, ao mesmo tempo tranquilizador e desconcertante, e o major estudou a curva de marfim de sua bengala que estava diante dele na mesa, estudou o cabo branco que se projetava um pouco além da manga de seu casaco do uniforme. Era uma espécie de serenidade incorpórea, uma espécie de serenidade etérea, luminosa, quase branca, que se expandia na sala escura e se espalhava sobre a confusão de vozes, como uma rede de vidro tilintante em uma estranha simplificação abstrata. O raio de sol brilhava lá fora como uma espada afiada e flamejante; eles estavam seguros como em um porto de refúgio, em uma caverna, um porão, uma catacumba.

Talvez Esch estivesse esperando que o major dissesse algo mais, pois o major levantou a mão duas vezes ao ritmo da música, como se

desejasse fazer algum reconhecimento, e Esch prendeu a respiração, mas o major deixou a mão cair de novo. Então Esch disse, como se estivesse dando vida ao que estava morto:

— A tocha da liberdade... a chama da iluminação... a tocha da verdadeira liberdade...

Mas para o major tudo estava tão fundido e misturado em uma única experiência que ele não poderia dizer se realmente via os picos flamejantes das tochas ou ouvia a voz do homem que continuava a entoar “Enviai o fogo”, ou se era a voz de Esch ou o choro do pequeno relojoeiro Samwald que se elevava finalmente do fundo:

— Ilumine nossas trevas, nos conduza às alegrias do Paraíso.

Mas o homem da reserva, ofegante enquanto se endireitava, brandiu uma de suas muletas e emitiu sons roucos, berrando:

— Ressuscitou dos mortos... aquele que não foi enterrado deve calar a boca.

Esch mostrou seus dentes fortes e riu:

— É melhor fechar sua boca suja, Gödicke.

Essas foram palavras grosseiras. Esch não pôde deixar de rir tão alto que a risada de alguma forma ficou presa em sua garganta e o machucou, como se estivesse rindo enquanto dormia. O major, de fato, não percebeu nem a grosseria das palavras nem a risada alta de Esch, pois em seu conhecimento mais claro ele enxergava através da rudeza superficial sem nem mesmo comentá-la; de fato, parecia-lhe que Esch seria capaz, com um toque leve, de acertar tudo; que os traços de Esch, quase irreconhecíveis no crepúsculo, se misturavam com toda a sala em uma paisagem estranhamente embaçada e difusa, e através da risada ressonante ele viu o brilho de uma alma se inclinando para fora de uma janela vizinha com um sorriso, a alma de um irmão, ainda que não uma alma individual, nem mesmo em proximidade real, mas uma alma que era como uma pátria infinitamente remota. E ele lançou um sorriso para Esch. Esse conhecimento também preencheu Esch, e ele também entendeu que o sorriso que trocaram os elevou juntos a um pico alto; era como se ele tivesse vindo rodopiando de uma distância remota nas asas de um vento que rugia, um vento que varreu todo o passado morto, como se tivesse vindo em um carro de fogo vermelho para um objetivo designado, de um pico alto onde não importava mais pelo que um homem era chamado ou se uma figura se fundia com outra, de um objetivo onde não havia mais nem hoje nem amanhã — ele sentiu o sopro da liberdade mexer em sua testa, um sonho dentro de um sonho, e Esch, desabotoando seu colete, ficou de pé em toda a sua altura, como se estivesse prestes a colocar o pé na escadaria externa do castelo.

Sem dúvida, apesar de tudo, não tinha conseguido intimidar Ludwig Gödicke. Este já se aproximara quase até a mesa, coxeando, e gritava de maneira aguerrida:

— Ninguém pode falar até que tenha se arrastado sob a terra... lá... — ele enfiou a ponta de sua bengala no chão de barro — lá... você mesmo deve se arrastar para lá primeiro.

Esch teve que rir de novo. Sentia-se forte, firme e robusto, firme em suas pernas, um sujeito que valia a pena derrubar. Estendeu os braços como alguém acordando de um sono profundo ou como alguém pregado em uma cruz:

— Você está pensando em me derrubar, não é?... com suas muletas... você e suas muletas, abominação da natureza.

Alguns gritaram para deixar Gödicke em paz, que ele era um homem santo.

Esch fez um gesto de negação com a mão:

— Ninguém é santo... santo é apenas o Filho que construirá a casa.

— Eu construo todas as casas — rugiu o pedreiro Gödicke —, todas as casas eu construí... sempre mais alto... — e cuspiu com desprezo.

— Arranha-céus na América, suponho — zombou Esch.

— Ele também pode construir arranha-céus — chorou Samwald, o relojoeiro.

— Arranje-se você mesmo... arranhar paredes é tudo que ele pode fazer.

— Da terra até o céu... — Gödicke levantara os braços com suas duas muletas no ar; parecia ameaçador e poderoso: — ... ressuscitado dos mortos!

— Mortos! — gritou Esch. — Os mortos acham que são poderosos... sim, são poderosos, mas não podem despertar a vida na casa escura... Os mortos são assassinos! Assassinos, é isso que são!

Deteve-se abruptamente, assustado pelo eco do assassinato que já pairava no ar como uma borboleta negra, mas igualmente assustado e silenciado pelo comportamento do major: pois o major se levantara com um movimento estranho e rígido, e repetira a palavra, repetira rigidamente “assassinos”, e olhava então para a porta aberta e para o pátio lá fora como se estivesse esperando algo terrível aparecer.

Todos ficaram em silêncio e olharam para o major. O major não se moveu, mas continuou olhando hipnotizado para a porta, e Esch também virou os olhos para lá. Não havia nada de extraordinário lá fora; o ar tremia à luz do sol, a parede da casa do outro lado daquela inundação de sol — “a parede de um cais”, pensou o major involuntariamente — era um retângulo branco ofuscante destacado contra a moldura marrom e as duas folhas da porta. Mas a ilusão começou a perder sua imediatez intoxicante, e quando Esch,

aproveitando a oportunidade do silêncio, releu da Bíblia: — ...e imediatamente todas as portas se abriram... —, a porta voltou a ser, para o major, apenas uma porta comum de celeiro, e nada mais restou além da semelhança vaga de que o pátio comum lá fora tinha com sua antiga casa e o grande pátio da fazenda entre os currais e estábulos. E quando Esch concluiu: — Não te faças nenhum mal, pois todos estamos aqui —, mesmo a serenidade desapareceu, deixando apenas o medo, o medo de que, em um mundo de ilusões e semblantes, só o mal pudesse tomar forma corporal.

— Todos estamos aqui — repetiu Esch mais uma vez, mas o major não conseguia acreditar, pois já não via mais apóstolos e discípulos diante de seus olhos, apenas homens do Landsturm e recrutas, homens das fileiras, e ele sabia que Esch, solitário como ele próprio, estava igualmente olhando com terror para a porta. Então, ficaram lado a lado.

E então aconteceu que, no fundo daquela caixa escura, no quadro da porta, uma figura apareceu, uma figura redonda e compacta que avançava sobre a gravilha branca do pátio sem fazer com que o sol se obscurecesse. Huguenau. Com as mãos para trás, como um pedestre que passeia tranquilamente, cruzou devagar o pátio até parar diante da porta e, piscando os olhos, espreitou para dentro. O major e Esch ainda estavam imóveis, de pé, pois embora lhes tenha parecido uma eternidade, fora apenas uma questão de segundos, e assim que Huguenau se certificou do que estava acontecendo, tirou o chapéu, entrou na ponta dos pés, fez uma reverência ao major e sentou-se modestamente no final de um banco.

— O próprio demônio — murmurou o major —, o assassino...

Mas talvez ele não tenha dito isso, pois sua garganta estava apertada e ele olhou para Esch quase como se estivesse implorando por ajuda. Esch, no entanto, sorriu com um toque de sarcasmo, embora ele próprio sentisse a intrusão de Huguenau como um ataque traiçoeiro ou um assassinato, como um golpe trazendo a morte inevitável que se deseja, mesmo quando o braço que segura a adaga é apenas o de um agente desprezível. Esch sorriu, e porque o homem que enfrenta a morte foi redimido para a liberdade e tudo lhe é permitido, tocou o braço do major:

— Sempre há um traidor entre nós.

E o major respondeu em voz baixa:

— Ele deve sair... ele deve sair... — E quando Esch balançou a cabeça, ele acrescentou: — ... nus e expostos... sim, nus e expostos estamos do outro lado. — E então ele disse por fim: — Bem, não importa...

Pois na onda de nojo que ele sentiu subitamente crescendo dentro de

si havia uma corrente ampla e dominante de indiferença, de cansaço. E cansado e pesado, abaixou-se de novo na cadeira ao lado da mesa.

Esch também preferiria não ouvir nem ver mais nada. Teria preferido encerrar a reunião. Mas ele não podia deixar o major partir em um estado de espírito tão desarmônico, então, de forma um tanto imprópria, bateu a Bíblia na mesa e anunciou:

— Voltemos às Escrituras. Isaías, capítulo quarenta e dois, versículo sete: *Para abrir os olhos dos cegos, para tirar da prisão os cativos, e do cárcere os que jazem em trevas.*

— Amém — respondeu Fendrich.

— É uma bela alegoria — comentou o major.

— Uma alegoria de redenção — disse Esch.

— Sim, uma alegoria de redenção através do arrependimento — ampliou o major, endireitando-se com um pequeno solavanco regulamentar —, uma bela alegoria... Vamos encerrar o serviço por hoje?

— Amém — disse Esch, e abotoou o colete.

— Amém — disse a congregação.

Ao saírem do celeiro e ainda em pé, em conversa tranquila e indecisa no pátio, Huguenau abriu caminho entre os grupos até chegar ao major, mas ficou surpreso com o afastamento do oficial. Ainda assim, não estava disposto a abandonar o encontro, ainda mais porque tinha uma piada pronta para contar:

— Então o senhor major veio para assistir à primeira celebração do nosso novo ministro?

O gesto breve e distante com o qual foi respondido informou-o de que sua relação estava nublada, e isso se tornou ainda mais óbvio quando o major se virou e disse com ênfase:

— Venha, Esch, vamos dar um passeio fora da cidade.

Huguenau ficou parado em estado misto de incompreensão e raiva e vagamente questionando sua culpa.

Os outros dois seguiram pelo caminho através do jardim. O sol já se inclinava em direção às alturas ocidentais. Naquele ano, parecia que o verão nunca ia acabar: dias de calmaria dourada e tremeluzente se sucediam em igual radiância, como se com sua doçura e paz quisessem tornar a guerra, então em seu período mais sangrento, duplamente insensata. À medida que o sol se punha atrás da cadeia de picos montanhosos, à medida que o céu se tornava mais pálido em azul delicado, à medida que a estrada se estendia mais pacificamente e toda a vida se dobrava sobre si mesma como a respiração de um dorminhoco, aquela calmaria crescia mais e mais acessível e aceitável para a alma humana. Sem dúvida, aquela paz de sábado pairava sobre toda a pátria alemã, e num repentino ímpeto de saudade, o major

pensou em sua esposa e filhos que ele via caminhando pelos campos ao pôr do sol:

— Eu queria que tudo isso já tivesse acabado.

E Esch não conseguia encontrar nenhuma palavra de conforto para ele. A vida parecia sem esperança e sombria para ambos, sua única e magra recompensa era um passeio na paisagem vespertina que eles contemplavam. “É como um perdão concedido a um condenado”, pensou Esch. E assim seguiram em silêncio.

LXIV

Seria falso dizer que Hanna ansiava pelo fim das licenças de Heinrich. Ela receava por isso. Noite após noite, aquele homem era seu amante. E sua vida diurna, que até então era apenas um desfoque e uma tentativa de afastamento da consciência, um escurecimento dirigido para a noite e para a cama, já estava muito mais claramente direcionada para esse fim, com uma falta de ambiguidade que era surpreendente e mal podia ser atribuída ao amor — com tanta dureza, tanta falta de sentimentalismo. Tudo era dominado pelo conhecimento de que ela era uma mulher e ele um homem: era um êxtase que não sorria, um êxtase literalmente anatômico que era em parte muito divino para um advogado e sua esposa e em parte muito baixo.

Sua vida era sem dúvida um desaparecimento na escuridão. No entanto, esse obscurecimento procedia apenas em camadas, por assim dizer: nunca se aprofundava no completo inconsciente, mas antes se assemelhava a um sonho demasiadamente vívido no qual se estava dolorosamente consciente de que a vontade estava paralisada — e quanto maior o desamparo, mais se comprometia com isso; quanto mais selvagem a flora e fauna que aceitava, mais desperto se tornava o estrato de consciência que estava logo acima do sonho. Apenas não podia ser expresso em palavras, não porque a vergonha o impedisse, mas sim porque as palavras nunca conseguem penetrar na nudez última que surge da ação como a noite surge do dia. Suas palavras também se dividiam, por assim dizer, em pelo menos dois estratos de linguagem: uma linguagem noturna estreitamente ligada ao evento, gaguejante em sua expressão, e uma linguagem diurna que estava desligada do evento e o circundava em um amplo círculo, aproximando-se dele indiretamente — o método que o racional sempre segue até enfim se entregar nos gritos e soluços do desespero. E muitas vezes essa linguagem diurna era um sentimento e busca pela causa última da doença que a afligia.

— Quando a guerra acabar — dizia Heinrich quase todos os dias — tudo será diferente de novo... A guerra nos tornou de alguma forma

mais primitivos.

— Não consigo entender — era a resposta usual de Hanna. Ou: — Simplesmente não dá para pensar nisso, é tudo tão inconcebível.

Essas respostas eram, em última análise, uma recusa em discutir as coisas com Heinrich como se estivessem no mesmo nível. Ele era parte culpada e deveria se defender em vez de analisar as coisas de cima para baixo. Portanto, ela disse enquanto estava diante do espelho e soltava o pente de tartaruga claro de seus cabelos loiros:

— Aquele homem estranho na Stadthalle falou sobre nossa solidão.

Heinrich o desconsiderou:

— O sujeito estava bêbado.

Hanna penteava os cabelos e não pôde deixar de pensar que seus seios eram puxados para cima quando seus braços estavam levantados. Ela podia senti-los sob a seda de sua camisola, na qual estavam contornados como duas pequenas tendas pontiagudas. Ela podia vê-los no espelho, que era iluminado de cada lado por uma pequena vela elétrica sob uma sombra rosa suavemente decorada. Então ouviu Heinrich dizer:

— É como se tivéssemos sido sacudidos em uma peneira... reduzidos a pó.

Ela replicou:

— Em tempos como este, não deveriam nascer crianças.

Ela pensava no menino que se parecia tanto com Heinrich, e lhe parecia inconcebível que seu corpo loiro fosse feito para receber a semente de um homem, para ser uma mulher. Ela teve que fechar os olhos. Ele disse:

— É possível que uma nova geração de criminosos esteja crescendo... Não há garantia de que não possamos ter um surto a qualquer momento, como na Rússia... bem, vamos esperar que não... mas nossa única esperança está na extraordinária vitalidade da tradição herdada...

Ambos sentiram que a conversa estava se desviando para a irrelevância. Era quase como se um réu no banco dos réus dissesse: “Dia lindo hoje, Corte Suprema”.

E Hanna ficou em silêncio por um momento, deixando-se levar por uma onda de ódio que tornava suas noites mais sórdidas, mais profundas e mais luxuriosas. Então ela disse:

— Vamos ter que esperar para ver... isso sem dúvida tem alguma ligação com a guerra... mas não dessa maneira... é como se a guerra fosse apenas a segunda coisa.

— Como a segunda coisa? — perguntou Heinrich.

Hanna franziu a testa:

— Nós somos a segunda coisa e a guerra é a segunda coisa... a

primeira coisa é algo invisível, algo que saiu de nós mesmos...

Lembrou-se de como ansiara pelo fim de sua lua de mel, para que — como acreditava na época — pudesse se jogar com entusiasmo na organização de seu lar. Sua situação atual não era tão diferente; uma lua de mel também é uma espécie de licença. O que sentira naquela época deve ter sido realmente um pressentimento do isolamento e da solidão que se aproximavam — talvez, já pressentira, talvez a solidão fosse essa primeira coisa, talvez a solidão fosse a raiz da doença! E vendo que tudo havia começado logo após seu casamento — Hanna enviou seus pensamentos de volta: sim, havia começado mesmo quando estavam na Suíça — e vendo que tudo se encaixava, sentiu sua suspeita se tornar mais aguçada: Heinrich naquela época deve ter cometido algum erro irreparável em sua relação com ela, alguma injustiça ou outra que nunca poderia ser desfeita, mas apenas aumentada, uma injustiça gigantesca que ajudara de alguma forma a deflagrar a guerra. Ela aplicara o creme em seu rosto e cuidadosamente o espalhava com os dedos, e então examinava o rosto no espelho com atenção invejosa. O rosto juvenil daquela época havia desaparecido e se transformado em um rosto de mulher através do qual o da jovem agora apenas reluzia. Ela não sabia por que todas aquelas coisas estavam ligadas, mas concluiu seu silencioso fluxo de pensamento, dizendo:

— A guerra não é a causa, é apenas uma coisa secundária.

E então ela percebeu: a guerra é um segundo rosto, um rosto noturno. Era uma desintegração do mundo, um rosto noturno desmoronando em cinzas frias e sem corpo, e era a desintegração de seu próprio rosto, aquela desintegração que sentia quando Heinrich a beijava nas axilas. Ele disse:

— Sem dúvida, a guerra não passa do resultado de nossa política equivocada — e talvez ele realmente pudesse entender que até mesmo a política é apenas uma questão secundária, na medida em que há uma causa mais profunda.

Mas ele estava satisfeito com sua explicação e Hanna, enquanto se borrifava parcimoniosamente com o perfume francês, então insubstituível, e cheirava sua fragrância, não estava mais ouvindo: ela tinha inclinado a cabeça para um beijo na nuca, onde fios prateados cresciam, e ela o obteve.

— Outro — disse ele.

LXV

Esch era um homem de comportamento impetuoso. Por isso, qualquer bagatela era capaz de incitá-lo a se oferecer em sacrifício.

Seu desejo era por uma clareza unívoca: queria criar um mundo cuja clareza unívoca fosse tão forte que sua própria solidão estivesse firmemente atada a ele como a uma estaca de ferro.

Huguenau era um homem que se lançara ao sopro do vento; mesmo chegando no vácuo, o vento assobiava em seu nariz.

Havia um homem que, fugindo da própria solidão, buscou refúgio na Índia e na América. Ele queria resolver o problema da solidão por meios terrenos; era um esteta, e por isso teve de se matar.

Marguerite era uma criança, uma criança concebida em um ato sexual, carregada com o pecado original e abandonada a sós no pecado: poderia acontecer que alguém lhe fizesse um gesto com a cabeça e lhe perguntasse qual era o seu nome, mas uma simpatia tão fugaz já não lhe poderia salvar.

Não há analogia que não deva necessariamente ser outra vez expressa por meio de uma analogia: a experiência imediata reside no princípio ou no fim da cadeia de analogias?

Poesia medieval: a cadeia de analogias começa em Deus e retorna a Deus — flutua em Deus.

Hanna Wendling desejava uma ordem das coisas em cujo equilíbrio flutuante a analogia retornasse a si mesma, como em um poema.

Alguém se despede, o outro deserta; todos desertam do caos, mas apenas aquele que nunca foi amarrado não receberá um disparo.

Não há nada mais desesperador do que uma criança.

Quem se encontra em solidão espiritual ainda pode se salvar do romantismo, e da solidão anímica ainda resta um caminho ao outro sexo, mas para a solidão mesma, para a solidão imediata, não se pode encontrar salvação alguma na analogia.

O Major Von Pasenow era um homem que sentia um anseio apaixonado pela familiaridade de sua pátria, uma familiaridade invisível nas coisas visíveis. E sua saudade era tão intensa que fazia com que o visível imergisse camada por camada no invisível, e que o invisível, por outro lado, imergisse camada por camada no visível.

— Ah — diz o romântico, trajando a veste de um sistema de valores alheios —, ah, agora eu sou um de vocês e já não me sinto só!

— Ah — diz o esteta, trajando a mesma veste —, eu ainda me sinto sozinho, mas esta é uma veste belíssima!

O esteta representa o princípio do Mal no seio romântico.

A criança simpatiza de imediato com tudo, que logo se lhe torna imediato, embora num único hausto seja, no entanto, uma analogia. Eis em que consiste o radicalismo da criança.

Ao chorar, Marguerite não exprimia nada além de raiva. Já não sentia sequer pena de si mesma.

Quanto mais solitário alguém se torna, mais distante está do sistema

de valores em que se encontra e mais claramente o irracional determina as suas ações.

No entanto, o romântico, agarrado à estrutura de um sistema alheio e dogmático, é — parece incrível — completamente racional e nem um pouco infantil.

O racional do irracional: um homem, ao que parece, completamente racional como Huguenau não consegue distinguir entre o bem e o mal. Em um mundo absolutamente racional, não haveria sistema de valores absoluto, e não haveria pecadores; no máximo, parasitas.

O esteta também não faz distinção entre o bem e o mal, eis em que consiste seu fascínio. Mas ele sabe de fato o que é o bem e o que é o mal, apenas escolhe não fazer essa distinção. E isso o torna perverso.

Uma época que é tão racional que precisa da fuga permanente.

LXVI

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (11)

Eu me afasto dos judeus o máximo possível, mas ainda assim me vejo obrigado a continuar observando-os. Por isso, sempre me surpreendo com a confiança que eles depositam em Samson Litwak, esse quase livre-pensador. É óbvio que o homem é um tolo a quem deixaram que estudasse apenas por ser ele incapaz de seguir uma ocupação adequada — basta comparar seu rosto liso e inexpressivo, que há mais de cinquenta anos olha o mundo através de sua barba, com os rostos enrugados e cheios de pensamentos dos velhos judeus — e ainda assim ele parece ter uma espécie de prestígio oracular entre eles, que invocam em todas as ocasiões. Talvez seja uma sobrevivência da antiga crença no quase-sábio como porta-voz de Deus, pois não pode ser respeitado pelo conhecimento científico; eles têm consciência demais de possuir o conhecimento superior. É difícil acreditar que estou enganado. Dr. Litwak, de fato, tenta me despistar, mas o faz muito mal. Essa história de sua “iluminação” é pura fabricação: seu respeito pela sabedoria dos judeus é muito grande, e se ele me cumprimenta amigavelmente apesar da maneira como o trato, isso é sem dúvida porque me recusei a desconsiderar a sabedoria talmúdica dos antigos judeus como “preconceito”. Obviamente ele interpretou isso como encorajamento para esperar que eu mantenha Nuchem no caminho certo; e assim ele aceita minha contínua rejeição a ele e suas

tentativas de familiaridade.

Hoje o encontrei na escada. Eu estava subindo e ele descendo. Se fosse o contrário, eu poderia simplesmente passar correndo por ele; não é tão fácil parar um homem que está correndo para baixo. Mas eu estava subindo muito devagar, tanto pelo calor da cidade quanto pela minha condição de meio faminto. Ele barrou meu caminho brincando com sua bengala. Provavelmente ele queria que eu pulasse por cima dela como um *poodle* (de repente percebo que nos últimos dias estou ficando irritadiço, muito irritadiço; isso também pode ser resultado da quase-fome). Levantei a bengala com dois dedos para passar por ela. Ah, como eu detestava sua familiaridade sorridente! Ele acenou para mim:

— O que tem a dizer a respeito disso? A gente está sem sorte mesmo!

— Sim; quente demais!

— Se fosse só o calor!

— Ora, os austríacos estão presos nas Sete Comunidades.

— Olha quem está falando das Sete Comunidades!... O que acha disso? Fala que devemos ter alegria no coração.

Naquela minha condição, tive de entrar nas discussões mais disparatadas:

— Isso soa como um salmo de Davi... Alguma objeção?

— Objeção? Só digo... só digo que o velho avô está certo, os velhos sempre estão certos.

— Preconceito, Samson, preconceito.

— Não me critique!

— Ora, o que diz o querido avô?

— Pois ouça! Ele diz que um judeu não deve ter alegria no coração, mas aqui...

Ele deu um tapinha na testa.

— Ora, na cabeça?

— Sim, na cabeça.

— E o que vocês fazem com os corações quando estão alegres na cabeça?

— Com o coração devemos servir... *uwchol levovcho, uwchol nawschecho, uwchol meaudecho*, que significa, de todo coração, de toda alma e com todas as forças.

— Isso também diz o avô?

— Não se trata do que ele diz; é assim.

Tentei olhar para ele com compaixão, mas não consegui:

— E o senhor se considera esclarecido, Dr. Samson Litwak?

— Claro que sou um homem esclarecido... assim como o senhor é um homem esclarecido... mas isso é motivo para quebrar a lei?

Ele riu.

— Deus o abençoe, Dr. Litwak — disse eu e continuei subindo.

Ele respondeu:

— Até a centésima geração — e ainda estava rindo —, mas ninguém pode quebrar a lei: nem o senhor, nem eu, nem Nuchem.

Continuei subindo a sórdida escada. Por que eu fiquei aqui? No albergue do exército eu estaria melhor acomodado. Textos nas paredes em vez de oleogravuras, por exemplo.

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (12)

Disse ele: Vai meu mulo em trote acelerado,
Com guirlandas na ilhargia e brida rubra à mão,
Conduzindo nós dois pelo sonho de Sião.
Disse ele: Atenda ao meu chamado!
Disse ele: Eis que eu abri o meu âmago ao oráculo:
Avisto o templo com seus mil lances de escada
E a cidade que foi por ancestrais fundada.
Disse ele: Erguei um tabernáculo.
Disse ele: Até então, perdi meu tempo à espera
Na leitura do livro que me absorvia.
Disse ele: Eu esperava até vir a alegria...
— Seu coração, porém, por ele respondera.
Ela então se calou. Absortos e quietos,
Andavam, apesar de estarem inebriados;
Andavam, apesar de estarem inebriados
De silêncio, de anseio e do esplendor secreto;
Andavam, entretanto, nenhum deles nunca
Percebera os cortiços, becos e espeluncas.
Disse ela: Há no meu coração um não sei quê,
Que se acende em centelha a cintilar tão logo
Num ardente clarão de exuberante fogo.
Disse ele: Pois, penso em você.
Disse ela: Já senti que me arde o coração;
Seu semblante à contrita se mantém voltado.
Disse ele: Reluz a senda para Sião.

Disse ela: Por nós, já foste crucificado.

Nada disseram mais: o Verbo estava à sombra.

Nada fizeram mais: consumada estava a obra.

LXVIII

— Como? O senhor está pensando em sair a essa hora, Tenente Jaretzki?

A enfermeira Mathilde estava sentada perto da entrada do hospital, e o Tenente Jaretzki, de pé no batente iluminado da porta, acendia um cigarro.

— Estava tão quente hoje que não saí ainda... — ele fechou o isqueiro. — Uma boa invenção, esses isqueiros a fluido... a senhorita já sabe que irei embora na próxima semana, né, enfermeira?

— Sim, ouvi dizer. Para Kreuznach, para uma casa de convalescença?... O senhor deve estar feliz de sair daqui afinal...

— Ah, bem... Suponho que a senhorita também esteja feliz de se livrar de mim.

— O senhor não foi exatamente um paciente fácil.

Silêncio.

— Vamos dar um pequeno passeio, enfermeira; agora o ar está mais fresco.

A enfermeira Mathilde hesitou:

— Tenho que voltar logo para dentro... mas, se quiser, podemos dar uma volta breve.

Jaretzki disse de maneira tranquilizadora:

— Estou completamente sóbrio, enfermeira.

Saíram à rua. O hospital, com suas duas fileiras de janelas iluminadas, estava à direita deles. Abaixo, o contorno da cidade era apenas discernível, sua massa um pouco mais negra do que a escuridão da noite. Algumas luzes estavam acesas lá e, nas colinas, também, uma luz de vez em quando brilhava de alguma fazenda solitária. Os relógios da cidade bateram nove.

— A senhorita não gostaria de estar de partida também, enfermeira Mathilde?

— Ah, eu me sinto bastante feliz... Tenho meu trabalho.

— É de fato muito decente da sua parte sair para dar um passeio com alguém que não deu para nada como eu, enfermeira.

— Por que não deveria passear com o senhor, Tenente Jaretzki?

— Por que não, de fato...? — Depois de um tempo: — Então a senhorita quer ficar aqui a vida toda, é isso?

— Nem tanto... Até a guerra acabar.

— Aí a senhorita vai para casa?... para a Silésia?

— Como sabe disso?

— Ah, essas coisas se descobrem bem rápido... E a senhorita acha que será uma questão simples voltar para casa... como se nada tivesse acontecido?

— Na verdade, nunca pensei nisso... As coisas sempre acabam acontecendo de maneira diferente.

— Olhe, enfermeira... agora, estou completamente sóbrio... mas é minha firme convicção que nenhum de nós de fato voltará para casa.

— Todos queremos voltar para casa, tenente; para que mais teríamos lutado, se não fosse por nossos lares?

Jaretski parou.

— Pelo que lutamos? Pelo que lutamos... É melhor não perguntar, enfermeira... Além disso, como a senhorita disse, as coisas sempre acabam acontecendo de maneira diferente.

A enfermeira Mathilde não respondeu. Em seguida, interpelou:

— O que quer dizer exatamente, tenente?

Jaretski riu:

— Ora, a senhorita já esperava um dia passear com um engenheiro bêbado e amputado?... A senhorita é uma condessa, não é?

A enfermeira Mathilde não respondeu. Ela não era uma condessa, mas sem dúvida era uma *von* e sua avó era uma condessa.

— Talvez não importe muito... se eu fosse um conde, seria do mesmo jeito: teria que beber do mesmo jeito... Olhe só, estamos todos muito sozinhos para que uma coisa dessas faça muita diferença para nós... A senhorita não ficou magoada, né?

— Ah, por que eu estaria?... — ela viu o perfil dele contra a escuridão e teve medo de que tentasse segurar sua mão. Ela atravessou para o outro lado da rua.

— É hora de voltar, tenente.

— A senhorita também deve estar sozinha, enfermeira, senão não aguentaria... vamos nos alegrar que a guerra não está terminando...

Eles estavam mais uma vez no portão de ferro do hospital. A maioria das janelas já estava escura. Era possível ver as luzes reduzidas nas enfermarias.

— Ora, agora vou tomar uma bebida, mesmo assim... a senhorita não me acompanharia, né, enfermeira?

— Já é hora de eu entrar, Tenente Jaretski.

— Boa noite, enfermeira Mathilde; muito obrigado.

— Boa noite, tenente.

A enfermeira Mathilde sentiu-se de alguma forma decepcionada e

triste.

— Não demore para voltar para casa, tenente! — exclamou ela.

LXIX

Desde aquela ocasião em que passeara com Esch pelos campos ao entardecer, o major frequentemente se via indo pela Rua Fischer após o término do seu dia de trabalho, e muitas vezes se pegava desacelerando a algumas ruas adiante, ficando parado por um momento, e então voltando atrás. Seria possível afirmar literalmente que ele rondava o escritório do *Correio do Eleitorado de Trier*. Talvez realmente teria entrado se não temesse um encontro com Huguenau, e não queria encontrar Huguenau; a mera perspectiva de encontrá-lo na rua o enchia de constrangimento. Mas quando Esch aparecia de repente em vez de Huguenau, ele não conseguia afirmar se não temera ainda mais este encontro. Pois, ei-lo: o comandante da cidade completamente fardado, com sua espada ao lado, parado com um paisano que segurava um jornal, parado vestindo seu uniforme à rua aberta, e ele não só estendeu a mão para o homem, mas, em vez de deixar por isso mesmo, estava na verdade cheio de felicidade, esquecendo toda a compostura, porque o homem deu mostras de lhe fazer companhia. Ainda assim, Esch tirara seu chapéu com o maior respeito, e o major estava olhando para o cabelo grisalho hirtó e curto — e era como uma garantia, como uma evocação repentina daquelas aulas sobre a Bíblia em casa, e ao mesmo tempo era a reafirmação da fraternidade daquela tarde, trazendo consigo a necessidade de dizer algo gentil para aquele homem que era quase um amigo, mesmo que fosse apenas para que Esch pudesse acalentar uma lembrança feliz dele; o major hesitou um pouco mais e então disse:

— Venha!

Como resultado, esses passeios se tornaram frequentes. Não tão frequentes, de fato, como o major ou até mesmo Esch gostariam. Pois não apenas os tempos estavam se tornando mais exigentes — tropas continuavam sendo alojadas e retiradas, colunas de transporte motorizado faziam barulho pelas ruas, e o comandante da cidade muitas vezes tinha de trabalhar durante toda a noite —, mas o Major Von Pasenow não conseguia se determinar para que pudesse voltar ao escritório do *Correio*, e levou algum tempo para que Esch percebesse isso. Quando percebeu, no entanto, começou a fazer concessões; esperava discretamente perto do quartel-general do major e, quando possível, levava Marguerite consigo.

— A sapequinha insiste em vir comigo — diria.

E embora o major não estivesse muito certo se a insistência da

criança devia ser considerada encantadora ou intrusiva, ele a aceitava gentilmente e acariciava os cachos negros de Marguerite. Então os três vagavam pelos campos ou pelo caminho ao lado dos arbustos na margem do rio, e muitas vezes era como se despertasse um anseio de despedida, um fluir suave e saudoso do coração, um recuo vivo da resignação; era como essa certeza do fim em que todo começo tem sua origem. Mas gentil como era, continha um traço de desânimo, talvez porque Esch não participasse dessa despedida, talvez porque fosse apropriado que fosse excluído, talvez, no entanto, porque Esch permanecesse inescrutável sobre esses pontos, persistindo em um silêncio decepcionante. Isso era de alguma forma sombrio e secreto, pois ainda havia uma esperança desvanecida de que tudo poderia ser resolvido e seria simples se Esch apenas falasse. Aí, era surpreendentemente difícil determinar precisamente o que ele esperava que Esch dissesse; ainda assim, Esch deveria saber o que era.

Então, continuaram em silêncio, no silêncio da luz da noite e de um crescente desapontamento, e o brilho sobre os campos se tornou um brilho enganoso e maçante. E quando Esch tirava o chapéu para deixar o vento soprar através de seu cabelo curto e hirto, aquele gesto assumia uma intimidade tão inapropriada que o major quase sentia pena da menininha por ter caído sob o poder de um homem daqueles. Certa vez, disse:

— Escravinha! — mas isso também morreu em uma indiferença maçante. Marguerite, no entanto, corria na frente deles e não se preocupava com aqueles dois homens.

Eles haviam subido até o cimo do vale e estavam seguindo a borda da floresta. A grama curta e seca estalava sob seus sapatos. O silêncio pairava sobre o vale. Podia-se ouvir o rangido dos carros na estrada lá embaixo, os campos ceifados revelavam a terra marrom, e o vento soprava fresco vindo das sombras escuras das folhagens. Os vinhedos pendiam verdes nas encostas, nos murmúrios das árvores já se percebia a nitidez prateada do outono, e os caules rígidos na beira da floresta, com suas bagas pretas e vermelhas, estavam prontos para se encolher. Sobre os flancos ocidentais das colinas, o sol estava se pondo, brilhando como fogo nas janelas das casas do vale. Cada casa estava em pé sobre um longo tapete de sombra apontando para Leste; podia-se ver os telhados dos edifícios da prisão, salpicados de vermelho e preto, e ver diretamente os pátios sombrios e áridos onde também havia sombras cortantes e sombrias.

Um pequeno caminho de campo descia pela encosta e entrava na estrada principal perto da prisão. Marguerite, correndo à frente, havia dobrado nele, e o major interpretou isso como um sinal de Deus:

— Vamos voltar — disse ele com cansaço.

Mas quando estavam mais ou menos na metade do caminho, ambos

pararam para ouvir: um ruído curioso e intermitente os alcançava, sem que se pudesse dizer de onde vinha. Nada podia ser visto além de um carro que vinha em alta velocidade da cidade com o motor ronronando do jeito habitual e a buzina soando a cada minuto ou dois; uma longa nuvem de poeira se arrastava atrás dele. O estranho ruído não tinha nada a ver com o carro.

— Um som sinistro — disse o major inquieto.

— Algum tipo de máquina — disse Esch, embora não soasse nada como uma máquina.

O carro seguia as curvas da estrada e, com muitos toques na buzina, chegou ao presídio. Os olhos mais atentos de Esch observaram que era o carro oficial do comandante, e ficou perplexo ao notar que não aparecia do outro lado dos prédios da prisão. Mas não disse nada; apenas apressou os passos. O estranho ruído crescia mais forte e mais acentuado, e quando avistaram o portão do presídio, puderam ver o carro parado ali entre uma multidão de pessoas excitadas.

— Aconteceu alguma coisa — disse o major

E já se podia ouvir, vindo das janelas da prisão, gradeadas e fechadas com tábuas, um coro terrível batido em compassos de três acentos:

— Estamos com fome, estamos com fome, estamos com fome... Estamos com fome, estamos com fome, estamos com fome... Estamos com fome, estamos com fome, estamos com fome...

E de tempos em tempos o coro era interrompido por um bramido geral de gado. O motorista veio correndo encontrá-los:

— Por favor, senhor, é uma rebelião... estivemos procurando pelo senhor em todos os lugares... — então voltou correndo para chamar o guarda do portão.

As pessoas abriram caminho para o major, mas ele se detivera. O ar ainda estava vibrando com o coro triplo, e Marguerite já começava a dançar no ritmo:

— Estamos com fome, estamos com fome, estamos com fome — cantarolou a criança.

O major olhou para o prédio de janelas terrivelmente impenetráveis; olhou para aquela dançante criança cujo riso lhe parecia estranhamente mecânico, estranhamente malévolos, e o horror o dominou. Destino implacável, julgamento inevitável! O motorista ainda estava puxando a corda de ferro e batendo no portão, mas por fim a grade foi aberta e o portão se abriu rangendo, pesado em suas dobradiças. O major estava apoiado em uma árvore e seus lábios murmuravam:

— Este é o fim. — Esch fez um movimento como se fosse ajudar, mas o major o afastou com um gesto: — Este é o fim — repetiu, mas se endireitou, tocou a fita de sua Cruz de Ferro e então, com a mão na

empunhadura da espada, avançou rapidamente em direção ao portão do presídio.

Desapareceu nele. Esch sentou-se no pequeno monte ao lado da estrada. O ar ainda estava fragmentado pelos gritos sincopados. Um único tiro ecoou, seguido por um novo bramido. Em seguida, alguns últimos gritos como as últimas gotas de uma torneira fechada. Depois, houve silêncio. Esch observou o portão que se fechou atrás do major:

— Este é o fim — ecoou ele, e continuou esperando.

Mas o fim não chegou. Nenhum terremoto irrompeu, nenhum anjo desceu, e o portão não foi aberto. A criança agachou-se ao seu lado, e ele gostaria de tê-la nos braços. Como as abas de um cenário de teatro, as paredes da prisão se erguiam contra o céu brilhante do entardecer, como dentes com lacunas entre eles, e Esch se sentiu distante de si mesmo, distante do que estava acontecendo ao seu redor, distante de tudo; recusou-se a mudar de posição e não estava mais consciente de como chegara lá. Ao lado do portão estava pendurado um quadro de avisos que já não podia ser decifrado; claro que era uma lista de horários de visitas, mas eram apenas palavras, pois mesmo os demagogos, assassinos e criaturas deformadas que estavam presos saíam de sua prisão para uma comunidade nova e mais esclarecida em uma Terra Prometida. Ele ouviu a criança dizer:

— Lá está o tio Huguenau!

E viu Huguenau passar rapidamente, viu-o e não ficou surpreso, tão silencioso era tudo, silencioso o passo de Huguenau, silenciosos os movimentos das pessoas junto ao portão, silenciosos como os movimentos dos artistas e equilibristas quando a música para, silencioso como o desbotamento do céu claro do entardecer. Remoto além de qualquer recuperação estava o horizonte distante diante do sonhador. Ainda assim, ele não era um sonhador, mas um órfão procurando em vão por seu lar; e era como um homem cujo desejo se transformara sem que ele soubesse, como alguém que apenas amortecera sua dor mas não conseguia esquecê-la. As primeiras estrelas despontaram no céu, e para Esch foi como se tivesse estado sentado naquele mesmo lugar por dias e anos, envolto em um silêncio acolchoado e espectral. Então os movimentos da multidão expectante tornaram-se menos frequentes, mais sombrios, morreram completamente, e restou uma massa negra e silenciosa à espera diante do portão. E por fim Esch só percebia a grama úmida contra a palma da sua mão. A criança havia desaparecido; talvez tivesse ido com Huguenau; Esch não se importou, mas ficou olhando para o portão. Por fim, o major apareceu. Caminhava bem rápido com um porte incomumente reto, parecia até que estava mancando e tentando disfarçar. Ele foi direto para o carro. Esch saltou em pé. O major já estava de pé no carro, erguido até sua altura máxima, e olhava por

cima da cabeça de Esch, por cima das cabeças da multidão que se apertava em silêncio ao redor do carro; ele olhava ao longo da estrada branca à sua frente e para a cidade, onde as luzes já começavam a brilhar nas janelas. Nas proximidades, uma luz vermelha se destacava; Esch sabia onde era aquilo. Talvez o major tivesse observado também, pois olhou então para Esch e disse, segurando a mão gravemente estendida:

— Bem, não importa.

Esch não disse nada; abriu rapidamente caminho pela multidão e seguiu o caminho pelos campos. Se tivesse se virado, no entanto, e não estivesse tão escuro, poderia ter visto que o major ainda estava parado no carro, olhando para ele enquanto desaparecia na noite. Depois de um tempo, ouviu o motor ligar e viu os faróis do carro seguindo as curvas da estrada.

LXX

Huguenau retornou para casa saído às pressas do presídio; Marguerite correu atrás dele. Na gráfica, mandou parar a máquina:

— Algumas notícias importantes, Lindner.

E então se dirigiu ao seu quarto para escrever. Quando terminou, falou “*Salut*” e cuspiu na direção dos cômodos dos Esch. “*Salut*”, repetiu, ao passar pela porta da cozinha, e então entregou o texto que elaborara para Lindner:

— Vai entre as “Notícias da cidade”, em tipos pequenos — ordenou.

E no dia seguinte, foi publicado em tipo pequeno entre as “Notícias da cidade” no *Correio do Eleitorado de Trier*:

Incidente no presídio

Ontem à noite ocorreram algumas cenas lamentáveis no presídio. Alguns dos detentos acreditavam ter motivos de queixa sobre a qualidade inferior da comida da prisão, e os elementos antipatrióticos entre si aproveitaram isso como pretexto para insurgir contra as autoridades e causar tumulto. A intervenção rápida do comandante da cidade, Major Von Pasenow, que se comportou com grande coragem e compostura, logo acalmou a perturbação. O boato de que isso era na verdade uma tentativa de fuga por parte de supostos desertores, aqui encadeados e aguardando execução, segundo a melhor autoridade que temos, é completamente infundado, pois não há desertores nesta prisão. Ninguém ficou ferido.

Foi mais uma daquelas inspirações lúcidas dele, e Huguenau mal

conseguiu dormir de puro contentamento. Continuou calculando tudo:

em primeiro lugar, aquela parte sobre os desertores irritaria o major, mas a referência à comida de má qualidade também não deixaria um comandante da cidade complacente, e se havia alguém que merecia ficar irritado, era o major;

em segundo lugar, o major responsabilizaria Esch, especialmente por causa daquela insinuação sobre informações de fontes confiáveis; pois ninguém acreditaria que Esch não sabia de nada, e isso sem dúvida acabaria com os passeios a pé desses dois cavalheiros;

em terceiro lugar, quando se considerava como o magro Esch ficaria furioso, o pastor de rosto de equino, esse pensamento era doce e gratificante;

em quarto lugar, tudo era tão legal — ele era o editor e podia incluir o que quisesse, e o major teria que lhe agradecer, além disso, pelos elogios que usara;

em quinto e sexto, não havia fim para as consequências gratificantes; fora, em uma palavra, uma trama altamente bem-sucedida; fora, em uma palavra, um golpe, e além disso, faria o major respeitá-lo: os relatórios de um Huguenau tinham o dom de acertar em cheio, mesmo que alguém os desprezasse;

sim, em quinto, sexto e sétimo, seria possível continuar indefinidamente, havia muito mais; embora, é claro, houvesse uma sugestão de desagrado em algum lugar sobre a qual era melhor não pensar.

Pela manhã, Huguenau leu o artigo na gráfica e ficou de novo encantado. Olhou pela janela e lançou um olhar para o escritório, torcendo o rosto ironicamente. Mas não subiu lá. Não, é claro, que estivesse com medo do pastor. Quando um homem apenas está defendendo seus direitos, não precisa ter medo. E um homem deve defender seus direitos quando é perseguido. Mesmo que isso ponha tudo a perder, um homem deve defender seus direitos. Tudo o que um sujeito quer é ser deixado em paz e tranquilidade; ele só quer o que lhe é devido. E assim, Huguenau foi à barbearia, onde estudou de novo o *Correio*.

É claro, o jantar dele ainda era um problema. Seria desagradável sentar-se à mesma mesa com Esch, que de alguma forma, embora sem qualquer justificação, se sentiria o prejudicado. Conhecemos aqueles olhares altivos que os padres lançam, o suficiente para tirar o apetite de um homem. E este pastor era ele próprio um comunista, e queria socializar tudo, e ainda assim sempre agia como se fosse o outro que estivesse tentando destruir a sociedade, só porque não se deixava ser tratado com desrespeito.

Huguenau saiu para passear e refletir sobre isso. Mas ele não

consegui encontrar uma boa ideia. Era como ir para a escola: mesmo que alguém seja inventivo, no final a única solução é fingir estar doente. Então voltou para trás para chegar em casa antes de Esch, e subiu as escadas para ver a Mãe Esch (pois ele recentemente começara a chamá-la assim). E a cada passo que subia, sua indisposição se tornava mais genuína. Talvez estivesse realmente um pouco mal, e talvez fosse melhor não comer nada. Ainda assim, afinal, sua comida e alojamento estavam incluídos em seu salário, e não precisava dar nada disso a Esch.

— Senhora Esch, não estou bem.

A Senhora Esch olhou para cima e ficou comovida com a aparência sofrível de Huguenau.

— Acho que não consigo comer nada, Senhora Esch.

— Mas, Senhor Huguenau... um pouco de sopa, vou fazer uma sopinha boa para o senhor... isso nunca fez mal a ninguém.

Huguenau ponderou. Então disse de maneira melancólica:

— Um caldo?

A Senhora Esch ficou surpresa.

— Sim, mas... eu não tenho carne para o caldo.

Huguenau ficou mais melancólico.

— Ah, sem carne?... Acho que estou com febre... só sinto o quão quente estou, Mãe Esch....

A Senhora Esch se aproximou e colocou hesitante um dedo na mão de Huguenau. Este disse:

— Hmm, talvez uma omelete seja a coisa certa.

— Não seria melhor eu fazer um chá para o senhor?

Huguenau suspeitou de economia:

— Ah, uma omelete com certeza daria certo... a senhora deve ter ovos em casa... digamos, uns três ovos.

Em seguida, arrastando os pés, ele saiu da cozinha.

Em parte porque é o correto para um enfermo e em parte porque precisava recuperar o sono perdido na noite anterior, recosta-se no canapé. Mas dormir não é fácil: a excitação pelo golpe jornalístico bem-sucedido ainda o fazia estremecer. Talvez devesse ter ido para a cama. Meio sonolento, olha para o espelho sobre a pia, olha para a janela, ouve os ruídos da casa. São os ruídos habituais da cozinha: ouve carne sendo batida. (Então ela o enganou para que aquele homem pegasse toda a carne. Claro, ela vai se desculpar dizendo que não pode fazer caldo com carne de porco, mas um pedaço de carne de porco levemente frito nunca faz mal a um enfermo). Então, ouve um breve e agudo som de picar em uma tábua, e identifica como o som de cortar vegetais; sim, sempre ficava com medo ao ver sua mãe cortando salsinha ou aipo com golpes rápidos, com medo de que ela cortasse as

pontas dos dedos. Facas de cozinha são afiadas. Ele fica feliz quando o barulho de cortar termina e a mãe enxuga os dedos incólumes na toalha de cozinha. Se ao menos pudesse dormir, mas seria melhor ir para a cama e a mulher de Esch sentar-se ao seu lado para tricotar ou aplicar compressas quentes. Ele toca sua mão: realmente está quente. A coisa a fazer é pensar em algo agradável. Por exemplo, mulheres. Mulheres nuas. A escada range. Alguém sobe. É estranho, seu pai não costumava ser tão pontual. Ah, não, é só o carteiro! Mãe Esch está falando com ele. Antes o padeiro costumava vir sempre; agora nunca mais é visto por aqui. É impossível dormir com fome.

Huguenau, piscando, olha de novo para a janela, observa ao longe a cadeia de montanhas de Colmar; o castelão do alto Königsburg é um comandante, o próprio imperador o nomeou. *Haissez les Prussiens et les ennemis de la sainte religion*. Alguém ri perto do ouvido de Huguenau. Ele ouve palavras em dialeto alsaciano. Uma panela ferve; o líquido borbulha no fogão. Depois alguém sussurra em seu ouvido:

— Estamos com fome, estamos com fome, estamos com fome.

Isso é muito idiota. Por que ele não tem direito de comer como os outros? Sempre o tratam cada vez pior e mais injustamente que os outros. Talvez dariam seu lugar para o comandante? A escada range de novo. Huguenau se encolhe de medo: são os passos de seu pai. Ah, Deus, é só Esch, o pretendente a pastor.

Um porco, esse Esch, bem feito se ele ficar irritado. Olho por olho, dente por dente. Facas de cozinha são afiadas; além disso, são muito pontiagudas. Pois ele se tornou protestante sem hesitar, em seguida se converterá ao judaísmo e se circuncidará. Tem que contar isso à sua esposa. Pontas dos dedos, pontas das facas. O melhor é levantar-se logo, sair e perguntar se ele pensa em se converter ao judaísmo. É muito idiota ter medo dele; é só que sou preguiçoso demais. Mas ela deve trazer minha comida logo, antes de servir a ração do pastor. Huguenau ouve atentamente para descobrir se já estão se sentando à mesa. Não é de admirar que alguém fique cada vez mais magro se Esch devora sua comida. Mas ele é assim. Um pastor deve ter barriga. Seu traje de pastor é pura ficção e enganação. O carrasco também veste preto. Um carrasco deve comer muito, precisa de forças. Nunca se sabe se vem para levar você para a execução ou para trazer sua comida. De agora em diante, ele irá à hospedaria e comerá carne à mesa do comandante. Ainda esta noite. Se aquela omelete demorar mais um pouco, haverá uma boa confusão. Para fazer uma omelete bastam cinco minutos!

A Senhora Esch entra silenciosamente no quarto, coloca o prato com a omelete em uma cadeira e a empurra até o sofá.

— Não deveria fazer-lhe também um chá, Senhor Huguenau, um chá de ervas?

Huguenau olha para cima. Sua irritação quase desapareceu; a compaixão dela lhe faz bem.

— Estou com febre, Senhora Esch.

Ela deveria ao menos passar a mão em sua testa para sentir se tinha febre; ele fica chateado porque ela não o faz.

— Eu acho que vou para a cama, Mãe Esch.

No entanto, Senhora Esch ficou parada diante dele e insistiu em lhe dar chá: era um tipo muito especial de chá, não apenas uma receita antiga, mas também um remédio famoso; o herborista, que herdara o segredo de seu pai e bisavô, tornara-se muito rico, possuía uma casa em Colônia, e as pessoas vinham consultá-lo de toda a região. Ela raramente falara tantas palavras de uma vez.

Mesmo assim, Huguenau resistiu:

— Um pouco de quirche, Senhora Esch, me faria bem.

Ela fez uma careta de desgosto: bebidas alcoólicas? Não! Até mesmo seu marido, cuja saúde não era das mais robustas, fora convencido a tomar seu chá.

— É mesmo? Esch toma o chá?

— Sim — respondeu a Senhora Esch.

— Tudo bem, então, pelo amor de Deus, faça-me um também — e com um suspiro, Huguenau sentou-se e comeu a omelete.

LXXI

Estranhamente, a despedida de Heinrich transcorreu sem sofrimento. Na medida em que se podem separar aspectos físicos e espirituais, foi um evento exclusivamente físico. Quando Hanna voltou da estação para casa, sentiu-se um pouco como uma casa vazia com as cortinas abaixadas. Mas isso foi tudo. Além disso, sabia com certeza que Heinrich retornaria ileso da guerra. E com essa certeza, que evitava que o soldado partindo se transformasse em um mártir, não apenas evitava o desabafo sentimental que temia na estação, mas também tinha o efeito mais abrangente de neutralizar e deslocar seu desejo de que ele nunca mais retornasse. Quando ela dizia ao filho: “Papai logo estará de volta conosco”, provavelmente sabia o que ela queria dizer.

A experiência física, que ela tinha todo o direito de chamar de licença de seis semanas, já se apresentava em sua mente como uma contração de suas energias vitais, uma redução de seu ego; tinha sido como se seu ego tivesse sido contido nos limites de seu corpo, como o estreitamento espumante de um rio dentro de um desfiladeiro. No passado, em que pensava, sempre tivera a sensação de que seu ego

não era delimitado por sua pele e podia irradiar através daquela cobertura tênue para sua roupa íntima de seda, e tinha sido quase como se até mesmo seus vestidos fossem informados por uma emanção de seu ego (provavelmente por isso tinha um gosto infalível em assuntos de moda), sim, tinha sido quase como se seu ego se estendesse muito além de seu corpo e o envolvesse em vez de habitar nele, e como se ela não pensasse em sua cabeça, mas de alguma forma fora dela, em uma torre de vigia mais alta, por assim dizer, de onde sua própria existência corporal, por mais importante que fosse, podia ser observada e considerada uma irrelevância trivial. Porém, durante aquelas últimas seis semanas de experiência física, naquela corrida precipitada pelo desfileiro, de toda aquela dimensão difusa, nada sobrevivera exceto um vapor brilhante sobre as águas turbulentas, um brilho de arco-íris que era, de certa forma, o último refúgio de sua alma. Nesse instante, porém, que a planície gentil se estendia de novo diante de si e ela se sentia liberada de grilhões, seu sentimento de alívio e suavidade se transformava ao mesmo tempo em um desejo de esquecer as estreitezas perturbadoras. Este esquecimento, no entanto, avançava apenas um pouco de cada vez. Todas as suas memórias pessoais desapareciam com relativa rapidez; o comportamento de Heinrich, sua voz, suas palavras, sua caminhada, tudo isso desaparecia de maneira muito rápida; contudo, as memórias gerais persistiam. Usando uma analogia altamente imprópria: primeiro desaparecia seu rosto, depois suas extremidades móveis, suas mãos e pés, mas o corpo imóvel e rígido, o torso que ia do osso do peito até a coxa, aquela imagem lasciva do homem, persistia nas profundezas de sua memória como a estátua de um deus inserida no solo ou banhada pelo mar Tirreno. E quanto mais avançava aquele esquecimento invasor — e isso era a parte horrível —, mais essa estátua do deus se encurtava, mais enfática e isolada se tornava sua indecência, uma indecência sobre a qual o esquecimento avançava mais lentamente, roubando porções menores e menores — paralisado por aquela indecência. Isso é apenas uma metáfora, e como todas as metáforas, simplifica a verdade real, que é sempre sombria, uma corrente de ideias indefinidas, um fluxo misto de memórias meio lembradas, pensamentos meio pensados e desejos meio desejados, um rio sem margens, sobre o qual se ergue um vapor prateado, uma emanção prateada que se espalha até as nuvens e o céu negro das estrelas. Assim, o torso na lama do rio não era apenas um torso; era uma pedra esculpida; era um pedaço isolado de mobília, lixo doméstico lançado no fluxo dos acontecimentos, um monte abandonado às ondas: onda sucedia a onda, dia se misturava com noite e noite com dia, e o que os dias transmitiam um ao outro era inescrutável, às vezes mais inescrutável do que os sonhos, que se sucediam um após o outro, e às vezes incluía algo que sugeria o

conhecimento secreto das colegiais, mas ao mesmo tempo despertava um desejo secreto de fugir desse conhecimento infantil, de fugir para o mundo do indivíduo e desenterrar de novo o rosto de Heinrich do esquecimento. Mas isso era apenas um desejo, e sua realização admitiria pelo menos tantas possibilidades quanto a restauração completa de uma estátua grega encontrada no solo: ou seja, era um desejo impossível de ser realizado. À primeira vista, poderia parecer irrelevante se o individual ou o geral prevalecia nas memórias de Hanna. Porém, numa época em que o geral é tão visivelmente dominante; em que os laços sociais da humanidade, que se estendem apenas de indivíduo para indivíduo, foram afrouxados em favor de conceitos coletivos de união até então inimagináveis; em que um estado de privação da individualidade e de crueldade prevalece, como é natural apenas na infância e na velhice; em tal época a memória de um indivíduo não pode escapar à submissão à lei geral, e o isolamento de uma mulher altamente insignificante, por mais bonita e boa companheira de cama que seja, não pode ser explicado simplesmente como o resultado de uma privação infeliz de relações sexuais, mas faz parte do todo e espelha, como todo destino individual, uma necessidade metafísica que é imposta ao mundo, um evento físico, se assim se quiser chamá-lo, e ainda assim metafísico em sua tragédia: pois essa tragédia é o isolamento do eu.

LXXII

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (13)

Será que esta época, esta vida que se desintegra, ainda pode ser considerada realidade? Minha passividade aumenta dia após dia, não porque eu esteja exausto lutando contra uma realidade que talvez seja mais forte do que eu, mas porque em todos os lugares encontro irrealidade. Estou totalmente consciente de que o sentido e o *ethos* da minha vida só podem ser encontrados na atividade, mas começo a suspeitar que esta época já não tem mais tempo para a atividade contemplativa da filosofia, que é a única atividade real. Eu tento filosofar, mas onde está a dignidade do conhecimento hoje em dia? Não está há muito tempo defunta? A própria filosofia não se desintegrou em meras frases diante da desintegração de seu objeto? Este mundo sem Ser, mundo sem repouso, este mundo que só pode

encontrar e manter seu equilíbrio na crescente velocidade de movimento, esta corrida louca do mundo se tornou a pseudoatividade da humanidade e a lançará no nada — existe alguma resignação mais profunda do que a de uma época à qual é negada a capacidade de filosofar? A filosofia em si mesma se tornou um passatempo estético, um passatempo que já não existe realmente; caiu no vazio desapego do mal e se tornou um passatempo para cidadãos que precisam matar o tempo à noite! Nada nos resta além do número, nada nos resta além da lei!

Muitas vezes me parece que o estado em que me encontro, o estado que me mantém aqui nesta casa judia, vai além da resignação e é mais uma espécie de sabedoria que aprendeu a se conformar com um ambiente completamente estranho. Pois até mesmo Nuchem e Marie me são estranhos, mesmo aqueles em quem eu havia depositado minha última esperança, a esperança de que fossem minhas criações, a doce e irrealizável esperança de que eu tivesse tomado seu destino em minhas mãos e pudesse determiná-lo. Nuchem e Marie não são minhas criaturas e nunca foram. Esperança traiçoeira, a liberdade de moldar o mundo! O mundo tem uma existência independente? Não. Nuchem e Marie têm uma existência independente? Sem dúvida não, pois nenhum ser existe em si mesmo. Mas os momentos que determinam os destinos estão muito além do alcance do meu pensamento ou dos meus poderes. Eu mesmo só posso cumprir minha própria lei, supervisionar meu próprio negócio prescrito; não tenho permissão para ir além, e mesmo que meu amor por Nuchem e Marie não se apague, mesmo que eu não relaxe na luta por suas almas e seus destinos, os momentos pelos quais são determinados estão além do meu alcance, permanecem ocultos para mim, tão ocultos como o avô de barba branca a quem encontro, é verdade, de vez em quando no corredor, mas que assume sua verdadeira forma apenas na sala de estar da qual sou sempre excluído, e que trata comigo apenas através do Dr. Litwak; permanecem tão ocultos para mim como o General Booth de barba branca, cujo retrato está na sala de recepção do albergue. E quando considero objetivamente, não é em um combate que estou envolvido, nem com o avô nem com o general do Exército de Salvação, antes, eu me esforço para ver justiça feita a eles, e minha conquista de Nuchem e Marie se aplica também a eles; sim, às vezes eu acredito que meu objetivo é exclusivamente ganhar, por meio das minhas ações, o amor desses velhos, ganhar sua bênção para que eu não morra solitário. Pois a realidade está naqueles que estabeleceram a lei.

É esta a resignação? É um afastamento de tudo o que é estético? Onde eu estava antes? Minha vida está se apagando atrás de mim e eu não sei se vivi ou se minha vida foi uma história contada para mim,

tão afundada está nos mares distantes. Será que navios me levaram às praias do extremo Oriente e extremo Ocidente? Seria eu um colhedor de algodão nas plantações americanas, seria eu o caçador branco nas selvas de elefantes da Índia? Tudo é possível, nada, nem mesmo um castelo em um parque é improvável. Alturas e profundidades, tudo é possível, pois nada permanente sobreviveu nesta atividade dinâmica que existe por si só, esta atividade que se manifesta no trabalho, na tranquilidade e na serena clareza: nada sobreviveu — lançado aos ventos está o meu ego, lançado ao nada; inatingível meu anseio, inalcançável a Terra Prometida, invisível o radiante que constantemente recua, e a comunidade que buscamos está desprovida de força, mas cheia de má vontade. Esperança vã e frequentemente orgulho infundado — o mundo permaneceu como um inimigo estranho, ou até menos que um inimigo, meramente uma entidade estranha cuja superfície eu poderia explorar mas na qual eu nunca poderia penetrar, uma entidade estranha na qual nunca penetrarei, perdido como estou em uma estranheza cada vez maior, cego em uma cegueira cada vez maior, falhando e desmoronando em uma saudade rememorada da noite do lar, para se tornar por fim apenas um sopro fugaz do que foi. Trilhei muitos caminhos para encontrar o Único em que todos os outros se unem, mas eles apenas divergiram mais e mais uns dos outros, e até mesmo Deus não foi estabelecido por mim, mas pelos meus pais. Eu disse a Nuchem:

— Vocês são um povo desconfiado, um povo irado; vocês são ciumentos até de Deus e o estão constantemente questionando, mesmo em Seu próprio Livro.

Ele respondeu:

— A Lei é ineludível. Deus não é até que cada til e jota da Lei tenham sido decifrados.

Eu disse a Marie:

— Vocês são um povo corajoso, mas sem pensar! Vocês acreditam que precisam apenas ser bons e tocar música para atrair Deus.

Ela respondeu:

— A alegria em Deus é Deus, Sua graça é inesgotável.

Eu disse comigo mesmo: “Você é um tolo, você é um platônico, você acredita que, ao compreender o mundo, pode moldá-lo e elevar-se em liberdade para a divindade. Não percebe que está sangrando até a morte?”. Eu mesmo respondi: “Sim, estou sangrando até a morte”.

LXXIII

A decadência dos valores (9)

Excursão epistemológica

Esta época ainda tem realidade? Possui uma realidade de valores na qual o significado de sua existência será preservado? Existe uma realidade para o não significado de uma não existência? Para onde a realidade encontrou refúgio? Na ciência, na lei, no dever ou na incerteza de uma lógica sempre questionadora cujo ponto de plausibilidade desapareceu no infinito? Hegel chamou a história de “o caminho para a libertação da substância espiritual”, o caminho que leva à autolibertação do espírito, e tornou-se o caminho que leva à autodestruição de todos os valores.

Naturalmente, a questão não é se a interpretação hegeliana da história foi derrubada pela Primeira Guerra Mundial (isso já havia sido feito pelos planetas em seus cursos), pois uma realidade que se tornara autônoma ao longo de um desenvolvimento de quatrocentos anos teria cessado, em qualquer circunstância, de ser capaz de submeter-se a um sistema dedutivo. Uma questão mais importante seria indagar sobre as possibilidades lógicas dessa realidade emergente antidedutiva, sobre os fundamentos lógicos de tal antidedução; em suma, examinar “as condições da experiência possível” nas quais esse desenvolvimento do espírito se tornou inevitável — mas um desprezo por toda a filosofia, um cansaço das palavras, são inerentes a essa realidade e a esse desenvolvimento, e só com uma completa desconfiança da persuasão coercitiva das palavras podemos colocar as urgentes questões metodológicas: o que é um evento histórico? O que é a unidade histórica? Ou, indo ainda mais longe: o que é um evento, afinal? Que princípio de seleção deve ser seguido para unir ocorrências isoladas na unidade de um evento?

A vida autônoma está tão indissolivelmente e organicamente ligada à categoria de valor quanto a consciência autônoma está ligada à categoria de verdade — seria possível encontrar outros nomes para os fenômenos de verdade e valor, mas como fenômenos eles permaneceriam irrefutáveis como o *sum* e o *cogito*, ambos extraídos da autonomia isolada do *Eu*, ambos atividades assim como produtos circundantes desse *Eu*. Assim, o valor pode ser dividido na atividade de criação de valor, que no sentido mais amplo cria mundos, e no produto de valor formado, espacialmente discernível e geralmente visível, e o conceito de valor se divide nas categorias correspondentes: no valor ético da atividade e no valor estético do produto, o avesso e o reverso da mesma moeda, e é apenas em combinação, e tão somente em combinação, que esses dão o conceito mais geral de valor e as coordenadas lógicas de toda vida. E, de fato, isso é comprovado pela história: pois a escrita da história na antiguidade já estava governada

por seus conceitos de valor, os historiadores moralizantes do século XVIII aplicaram os seus com plena deliberação e, no esquema de Hegel, o conceito de um valor absoluto é mais claramente revelado nas ideias de um “espírito mundial” e um “Supremo Tribunal da História”. Não é surpreendente, então, que a filosofia da história pós-hegeliana se ocupasse principalmente em considerar a função metodológica do conceito de valor, provocando incidentalmente a divisão fatal de todo o domínio do conhecimento em uma filosofia da natureza não afetada por valores e uma filosofia do espírito condicionada por valores — o que, se quiserem, pode ser considerado a primeira declaração de falência da filosofia, pois confinou a identidade de Pensamento e Ser ao reino da lógica e da matemática, permitindo que todo o resto do conhecimento dispensasse o que é a principal tarefa idealista da filosofia ou a relegasse à vagueza da intuição.

Hegel acusou (justificadamente) Schelling de ter projetado o Absoluto no mundo “como se fosse um projétil disparado de uma pistola”. Mas o mesmo se aplica com igual força ao conceito de valor projetado pela filosofia hegeliana e pós-hegeliana. Simplesmente projetar um conceito de valor na história e resumir tudo o que a história preservou como “valores” pode ser permissível em último caso para os valores puramente estéticos das artes criativas, mas é tão amplamente falso de outra forma que nos leva à contradição de afirmar que a história é um conglomerado de não valores e negar categoricamente que haja qualquer realidade de valor na história.

primeira tese:

a história é composta por valores, pois a vida só pode ser compreendida na categoria de valor — no entanto, esses valores não podem ser introduzidos na realidade como absolutos, mas só podem ser pensados em relação a um sujeito ético que atua e estabelece valores. Hegel introduziu esse sujeito de valor com seu “espírito do mundo” absoluto e objetivado na realidade, mas sua construção teve que levar ao absurdo por causa de sua absolutez universal (e aqui de novo se manifestou a barreira infinita do pensamento dedutivo). Existem apenas postulações finitas. Onde existe um sujeito de valor concreto e finito *a priori*, ou seja, uma pessoa concreta, a relativização dos valores e sua dependência do sujeito introduzido tornam-se imediatamente claras. A biografia de uma pessoa é composta por todos os conteúdos de valor que foram importantes para ela. A pessoa como tal pode viver completamente fora do valor, ser até mesmo hostil ao valor, como, por exemplo, um chefe de quadrilha ou um desertor, mas, como centro de valores, cercado pelo círculo de valores

que lhe é próprio, ainda está pronta para a biografia e para a história. E o mesmo é verdadeiro para os centros de valor fictícios: a história de um Estado, de um clube, de uma nação, da Liga Hanseática alemã, mesmo a história de objetos inanimados como, por exemplo, a história arquitetônica de uma casa, são formadas selecionando-se os fatos que teriam sido importantes para o centro de valor respectivo, caso houvesse uma vontade de criar valores. Um evento sem centro de valor dissolve-se na nebulosidade; a Batalha de Kunersdorf não consiste na lista dos granadeiros que nela participaram, mas nas formações da realidade que são determinadas pelos planos do comandante. Toda unidade histórica depende de um centro de valor efetivo ou fictício. O “estilo” de uma época, e a própria época como evento histórico, não existiriam se não houvesse um princípio unificador de seleção em seu centro, ou um “espírito da época” que serve como padrão para julgar as forças que estabelecem valores e criam estilos em operação. Ou, para usar uma expressão desgastada: a cultura é uma formação de valores, a cultura só pode ser concebida em termos de estilo e, para ser concebível, precisa da suposição de um “espírito cultural” produtor de estilo e valor no centro desse círculo de valores que representa a cultura.

Isso significa uma relativização de todos os valores? Uma renúncia a toda esperança de que, com a unidade do pensamento e do ser, o absoluto do Logos se manifeste na realidade? Uma renúncia a toda esperança de que seja possível percorrer, mesmo que apenas aproximadamente, o caminho em direção à autoliberdade do espírito e da humanidade?

segunda tese:

a maturidade que permite que a ação faça parte da história ou da biografia é condicionada pela absolutez do Logos. Pois o sujeito de valores, efetivo ou fictício, só pode ser imaginado no isolamento de seu Eu, naquela solidão platônica, completa e inevitável cujo orgulho é depender exclusivamente dos preceitos da lógica, e cuja compulsão é expressar toda atividade em termos de plausibilidade lógica; mas isso significa que deve-se postular, no sentido kantiano completo, não apenas a boa vontade que molda a obra pela obra em si, mas também a regra de que todas as consequências devem ser derivadas do código autônomo do Eu, para que a obra, não influenciada por nenhum dogma, surja da pura originalidade do Eu e de sua lei. Em outras palavras: o que não surge puramente de acordo com suas próprias leis desaparece da história. Porém, por mais contemporânea que seja essa força individual da lei em qualquer época, isto é, por mais que seja condicionada pelo espírito e estilo de sua época, nunca pode ser nada

além de um reflexo do Logos superposto, daquele Logos que é ativo hoje e que é o próprio pensamento, um reflexo meramente terreno, é verdade, mesmo em nossos dias, mas um reflexo através do qual brilha aquilo que tem uma reivindicação duradoura de transcender todas as épocas e sozinho torna possível que um pensamento estilizado seja projetado em outro ego. E esta unidade formal última é continuamente e com completa clareza revelada de novo e de novo na esfera mais estreita da obra criada e da estética geral, por exemplo, em toda arte, mas mais obviamente na persistência imortal das formas de arte.

A partir disso, podemos chegar à seguinte conclusão abrangente,

terceira tese:

o mundo é uma postulação do Eu inteligível, pois a ideia platônica nunca foi perdida nem jamais será. Mas essa postulação não é “disparada como uma bala de uma pistola”; sempre podem ser postulados outros sujeitos de valores, que por sua vez refletem a estrutura do Eu inteligível e postulam seus próprios valores, suas próprias formulações do mundo. O mundo não é uma postulação imediata do Eu, mas sim sua postulação mediata, é “uma postulação de postulações”, “uma postulação de postulações de postulações”, e assim por diante em iteração infinita. Nessa “postulação de postulações”, recebe o mundo sua organização metodológica e hierarquia. Sem dúvida, essa é uma organização relativista, mas ainda assim absoluta em forma, uma vez que o imperativo ético postulado para os sujeitos de valores efetivos ou fictícios permanece inabalado em sua força, juntamente com a validade imanente do Logos dentro da obra criada: a lógica das coisas permanece inabalada. E mesmo que o avanço lógico da história deva ser interrompido vezes sem conta, sempre que atinge os limites da infinitude inerente à sua construção metafísica, e embora a visão platônica do mundo deva ceder sempre para uma abordagem positivista, a realidade da ideia platônica permanece invencível, pois a cada acesso do positivismo ela apenas toca mais uma vez sua mãe terra para se erguer de novo, sustentada pelo banho de experiência.

Cada unidade conceitualmente compreensível no mundo é “postulação de uma postulação”; todo conceito, toda coisa; e essa função metodológica do conhecimento, do conhecimento como um integrador que só pode compreender uma coisa considerando-a como um sujeito autônomo e criador de valores, provavelmente se estende até a matemática, abolindo assim a distinção entre abstração científica matemática e abstração empírica. Pois, metodologicamente considerada, definir uma coisa como “postulação de uma postulação”

não é senão introduzir o observador ideal no campo de observação, como já foi feito há muito tempo pelas ciências empíricas (pela física, por exemplo, na teoria da relatividade), completamente independente de considerações epistemológicas: e, além disso, a pesquisa sobre os princípios matemáticos primeiros, perseguindo as perguntas “o que é número?” e “o que é unidade?”, chegou a um ponto em que se viu compelida a aceitar a intuição como a única saída de suas dificuldades: agora, o princípio de “postulação de uma postulação” fornece à intuição sua legitimação lógica, pois a infiltração do Eu em um sujeito de valores hipostático pode ser justificadamente considerada a estrutura metodológica do ato de intuição.

Que esse princípio tenha permanecido tanto tempo não reconhecido talvez possa ser explicado por sua evidência, até mesmo sua primitividade. Pois é de fato primitivo. E o orgulho do homem parece encontrar uma dificuldade insuperável em admitir a validade de uma atitude primitiva. Pois, embora essa visão de tudo como “postulação de uma postulação” garanta a presença do Eu inteligível em cada objeto ao longo do mundo, ainda assim, se ignorarmos por um momento esse contexto platônico, ela se traduz em uma espécie de animismo que reanima toda a natureza — sim, o mundo em sua totalidade, um animismo que introduz um sujeito de valores em tudo, em cada conceito, por mais abstrato que seja, e que só pode ser comparado ao animismo dos povos primitivos: parece que o desenvolvimento da lógica tem uma ontogênese própria que mantém vivas, mesmo nas estruturas lógicas mais altamente desenvolvidas, todas as formações de pensamento anteriores e aparentemente obsoletas, incluindo o animismo simples que reduzia a uma única ligação todas as cadeias de plausibilidade; uma ontogênese que preserva, em cada avanço novo do pensamento, a forma, se não o conteúdo, da metafísica primitiva — indubitavelmente um obstáculo para os racionalistas, mas um consolo para o sentimento panteísta.

E ainda há consolo mesmo para os racionalistas. Pois, se o princípio de “postulação de postulações”, em sua dependência do Logos governante, pode ser interpretado como a estrutura lógica do ato intuitivo, também pode ser considerado como a “condição de experiência possível” para o fato, de outra forma inexplicável, da compreensão mútua entre homem e homem, entre um ser isolado e outro. Assim, ele não fornece apenas uma estrutura epistemológica que explica a traduzibilidade de todas as línguas, mesmo que sejam tão diferentes umas das outras, mas muito além disso, infinitamente além: ele fornece, na unidade do pensamento, um denominador comum para toda a linguagem humana, uma garantia para a unidade da humanidade, da humanidade que, mesmo em sua autolaceração, permanece a imagem de Deus — pois em cada pensamento e em cada

unidade que o homem cria, o Logos, espelho de si mesmo, brilha sobre ele, o Verbo de Deus brilha como a medida de todas as coisas. E mesmo que tudo o que é criado neste mundo seja aniquilado, se todos os seus valores estéticos forem abolidos e dissolvidos em uma função, dissolvidos no ceticismo de toda a lei, ainda assim sobreviveria intacta a unidade do pensamento, o postulado ético, o funcionamento rigoroso do valor ético como função pura, o dever real de sua observância mais estrita: todos esses sobreviveriam, e com eles uma unidade contínua do mundo, uma unidade da humanidade, iluminando todas as coisas, ainda sobrevivendo e que não poderiam se perder através de todas as eternidades de espaço e tempo.

LXXIV

O Dr. Flurschütz estava ajudando Jaretzki a colocar a prótese do braço. A enfermeira Mathilde também estava presente.

Jaretzki puxou as correias:

— Ora, Flurschütz, o senhor não está com dor no coração por eu estar indo embora tão cedo... sem mencionar a enfermeira Mathilde!

— Sabe, Jaretzki, na verdade eu gostaria de lhe manter aqui um pouco mais sob observação... o senhor está em uma fase altamente questionável de seu desenvolvimento.

— Não posso afirmar... espere um minuto — Jaretzki tentou encaixar um cigarro entre os dedos da prótese — ... espere um minuto, como seria se adicionássemos um tipo de suporte para cigarro nisso... ou um porta-cigarros permanente... isso seria uma ideia bastante engenhosa, hein?

— Fique parado só por um minuto, Jaretzki — Flurschütz apertou as correias... — Então, como se sente?

— Como uma máquina recém-surgida... uma máquina em uma ótima fase de desenvolvimento... se os cigarros fossem melhores, seria ainda melhor.

— O senhor não poderia deixar esse seu hábito de fumar de lado de uma vez por todas... e o outro também, é claro.

— O amor? Ah, sim, como um tiro.

A enfermeira Mathilde comentou mesmo sem que fosse necessário:

— Não, Dr. Flurschütz quer dizer que o senhor deveria parar de beber.

— Ah, entendi, não tinha percebido... quando se está sóbrio, é tão difícil entender as coisas... Estou surpreso que isso nunca tenha lhe ocorrido, Flurschütz: é só quando as pessoas estão bêbadas que conseguem se entender.

— Isso é uma tentativa ousada de justificação!

— Mas, pense só, Flurschütz, lembre como estávamos todos gloriosamente bêbados em agosto de 1914... parece que foi a primeira e última vez que as pessoas sentiram um verdadeiro senso de camaradagem.

— Scheler diz algo parecido...

— Quem?

— Scheler. *O Gênio da guerra*... não é um bom livro.

— Ah, entendi, um livro... isso não conta... mas vou lhe dizer uma coisa, Flurschütz, e digo isso com toda seriedade: me dê alguma outra, alguma nova embriaguez, não importa o que seja para mim, morfina ou patriotismo ou comunismo ou qualquer outra coisa que faça um homem ficar bêbado... me dê algo para me fazer sentir que estamos todos juntos de novo, e eu desisto da bebida... amanhã.

Flurschütz refletiu; em seguida, disse:

— Há algo de certo no que o senhor diz... mas se precisa mesmo de embriaguez e camaradagem, há um remédio bastante simples: apaixone-se.

— Por ordem médica, com certeza... a senhorita já se apaixonou por ordem médica, enfermeira?

A enfermeira Mathilde enrubesceu; duas manchas vermelhas apareceram entre as sardas que cobriam seu pescoço.

Jaretski desviou o olhar:

— Uma má fase para se apaixonar... parece que todos nós estamos em má fase... até o amor não serve mais... — ele testou as juntas da prótese de braço — ...deveríamos realmente receber instruções de como usar isso... deve haver alguma articulação especial em algum lugar para dar uns abraços.

Flurschütz sentiu-se estranhamente ofendido. Talvez por estarem em presença da enfermeira Mathilde. A enfermeira Mathilde enrubesceu ainda mais:

— Que ideias o senhor tem, Senhor Jaretski!

— Como? São ideias muito boas... próteses para fazer amor ... sim, uma ideia bastante esplêndida, próteses especiais para oficiais superiores, de coronéis para cima ... vou montar uma fábrica.

Flurschütz disse:

— O senhor sempre tem que ser o *enfant terrible*?

— De jeito nenhum, só tenho ideias para a indústria de armamentos... agora, vamos tirar isto.

Jaretski começou a desatar as correias; a enfermeira Mathilde o ajudou. Ele endireitou as juntas dos dedos metálicos:

— Agora só precisa de uma luva... mindinho, anelar e esse é o

polegar que escolhe as ameixas.

Flurschütz examinou as cicatrizes no coto de braço nu.

— Acho que está encaixando bem; apenas tenha cuidado no início para não machucar o braço com o atrito.

— Esta prepara a cama... aquela descasca a banana!

— Ora, Jaretski, pelo menos no que diz respeito ao senhor, de fato parece que não há esperança de entendimento mútuo.

LXXV

Naturalmente, o fato de Huguenau ter evitado Esch na hora do jantar não adiantou em nada. Naquela mesma noite, ocorreu uma cena violenta. No entanto, Esch logo foi desarmado, pois Huguenau não apenas se baseou em seus direitos documentados como editor, que o autorizavam a inserir qualquer artigo que ele quisesse, mas também usou os próprios argumentos de Esch:

— Meu caro amigo — zombou ele —, o senhor reclamou várias vezes que estavam prejudicando seus planos quando queria expor os abusos públicos... mas quando alguém tem a coragem de realmente fazê-lo, o senhor recua... claro, ninguém quer perder o favor de um comandante da cidade... sempre tem que ajustar seu casaco à moda, não é?

Sim, Esch teve que ouvir coisas assim, e embora tenha sido um ataque vil e traiçoeiro, não encontrou nada melhor como retaliação além de insultos, e depois disso ficou em silêncio.

Mas Huguenau mudou de tática habilmente. Ele foi até a Senhora Esch e reclamou amargamente de que o marido dela tratara de forma abominável um parceiro lúcido, simplesmente porque esse parceiro tentara fazer seu dever de forma lúcida e altruísta. Isso não foi sem efeito, e no dia seguinte, quando veio jantar, Esch encontrou um Huguenau ressentido e ofendido, e uma esposa que, com palavras conciliatórias, defendeu a inocência do Senhor Huguenau, de modo que, antes que percebessem, estavam reconciliados e todos tomavam sua sopa em paz juntos, muito para a satisfação da Senhora Esch, que estava ansiosa para não perder um patrono tão generoso com seus elogios.

Mas talvez até Esch estivesse realmente contente porque evitara ter que mandar Huguenau embora: nunca se sabe que ataques contra o major esse sujeito ainda poderia estar planejando... Era melhor, em qualquer caso, não o deixar fora de vista. Então Huguenau permaneceu onde estava, embora essas refeições não fossem nada sociáveis, especialmente porque Esch já tinha o hábito de olhar para Huguenau sobre os pratos, observando-o com olhos desconfiados.

Para crédito de Huguenau, deve-se dizer que ele fez o possível para animar as coisas. No entanto, seus esforços tiveram sucesso apenas moderado. Mesmo uma semana depois, Esch ainda estava de mau humor. E às hesitantes perguntas de sua esposa, respondia apenas com um resmungo:

— Emigrar para a América...

Depois disso, nada mais foi dito.

Por fim, no entanto, Huguenau se recostou satisfeito em sua cadeira e quebrou o desconfortável silêncio com estas palavras promissoras:

— Mãe Esch — disse ele, levantando um dedo —, Mãe Esch, eu achei um fazendeiro que nos fornecerá farinha, talvez também um presunto.

— Ah, é mesmo? — disse Esch desconfiado. — Onde o senhor o encontrou?

É claro que aquele fazendeiro não existia, mas o que não existe pode um dia ganhar vida, e Huguenau ficou irritado por sua boa vontade nunca ser reconhecida. No entanto, não queria brigar com Esch tão cedo de novo; pelo contrário, queria dizer algo conciliatório:

— Devemos facilitar um pouco as coisas para a Mãe Esch, se pudermos... quatro bocas... me surpreende que ela consiga lidar com isso... porque também temos que contar com a pequena.

Esch sorriu:

— Sim, a pequena.

Huguenau disse gentilmente:

— Onde ela está?

A Senhora Esch suspirou:

— O senhor está certo; hoje em dia, não é fácil alimentar quatro bocas... teria sido melhor se meu marido não nos tivesse deixado preocupados com a pequena.

— Não aceito críticas! — explodiu Esch.

Ele olhou com raiva para sua esposa, que estava sentada ali com um sorriso estranhamente rígido, como se estivesse consciente de sua culpa. Esch ficou um pouco mais calmo:

— Quando não há nova vida, tudo está morto.

— Sim, sim — concordou a Senhora Esch.

Huguenau disse:

— Mas ela passa o dia correndo pelas ruas... com os meninos; cuidado, ela pode fugir.

— Ah, ela gosta de ficar conosco — comentou a Senhora Esch.

E Esch, quase cautelosamente, quase como se estivesse tocando uma mulher grávida, segurou o braço de sua esposa:

— Eu digo que ela gosta de ficar conosco, entendeu?

Huguenau estava irritado com o casal. Ele disse:

— Eu também gosto de lhe fazer companhia, Mãe Esch... a senhora não gostaria de me adotar também?

Ele gostaria de ter acrescentado que, se o fizesse, Esch teria então o filho de quem sempre falava e que deveria construir a casa, mas por algum motivo, incompreensível até para si mesmo, Esch sentiu-se profundamente indignado, e toda a questão não parecia mais uma piada. Se Esch tivesse se levantado de repente para ameaçá-lo, Huguenau não teria ficado surpreso. Sem dúvida, seria melhor sair e procurar Marguerite; ela provavelmente estaria no pátio. O melhor seria fugir do lugar e levar Marguerite consigo.

A Senhora Esch também pareceu assustada com o pedido irracional que Huguenau lhe fez. Ela sentiu seu braço agarrado pela mão ossuda de Esch, e com a boca aberta, olhou para Huguenau, que já havia se levantado; só quando ele chegou à porta, ela gaguejou:

— E por que não, Senhor Huguenau?

Huguenau ouviu, mas isso não diminuiu sua amarga indignação contra Esch. Ele encontrou Marguerite lá embaixo e lhe deu um marco inteiro.

— Para a viagem — disse ele —, mas você precisa se vestir adequadamente... calças quentes... deixe-me ver... parece que você está quase nua... no outono fica frio.

LXVI

Era já depois das nove quando a campainha tocou na casa do Dr. Kessel. Kuhlenbeck sentava-se no canto do canapé com seu charuto:

— Ora, Kessel, um outro paciente?

— O que mais poderia ser? — respondeu Kessel, que se levantara automaticamente. — O que mais... não há uma única noite em que se possa dormir em paz.

E ele entrou cansado na sala ao lado para pegar sua maleta. Nesse entretempo, a criada havia subido:

— Senhor doutor, senhor doutor, o major está lá embaixo.

— Quem?! — gritou Kessel da sala ao lado.

— O senhor major.

— Deve ser algo comigo — disse Kuhlenbeck.

— Estou indo imediatamente! — exclamou Kessel, e, com sua maleta preta ainda na mão, saiu às pressas para receber o hóspede.

Logo o major apareceu na porta; ele sorriu um pouco constrangido:

— Eu sabia que os dois estavam juntos aqui... e como o senhor, Dr. Kessel, me convidou tão gentilmente uma vez, pensei que os dois talvez estivessem tendo uma noite musical.

— Pois, graças a Deus que nada aconteceu. Pensei que algo tivesse dado errado de novo — disse Kuhlenbeck — ... pois tanto melhor.

— Não, nada de errado aconteceu — disse o major.

— Nenhuma rebelião? — disse Kuhlenbeck, com sua habitual falta de tato, e continuou: — Quem realmente foi que colocou aquele artigo idiota no *Correio*? Esch, ou aquele palhaço com nome francês?

O major não respondeu; fora afetado desagradavelmente pela pergunta de Kuhlenbeck. Ele lamentou ter vindo. Mas Kuhlenbeck continuou:

— Ora, a prisão não deve ser exatamente confortável para aqueles cavalheiros... mas eles estão seguros longe do *front* e isso deveria ser suficiente para mantê-los contentes. Devem ter esquecido o quão grande é a sorte de estar vivo, simplesmente viver, não importa o quão precariamente... os seres humanos têm memória curta.

— Esses jornalistas — disse o major, embora não fosse uma resposta real.

— Eu estava com medo de que fosse outro chamado para um paciente — disse Kessel —; espero que não haja mais ninguém esta noite.

Kuhlenbeck continuou falando:

— Um luxo inédito para o Estado manter prisões em funcionamento nos dias de hoje... supérfluo de qualquer forma... o mundo inteiro é uma prisão... mas não pode durar muito mais... além disso, a prisão aqui deveria ter sido evacuada há muito tempo... o que faremos com essa gente quando todos tivermos que partir?

— Ainda não chegamos a isso — disse o major —, e com a ajuda de Deus, não chegará a isso também.

Ele disse isso, mas não acreditava. Naquela tarde mesmo, recebera outra ordem secreta com instruções em caso de possível evacuação da cidade. Ordens e contraordens estavam chegando de todos os lados e ninguém sabia o que a próxima hora traria. Era um verdadeiro caos. Kuhlenbeck olhou para suas grandes e hábeis mãos de cirurgião.

— Se os franceses vêm para cá... podem ter certeza de que os estrangularemos com as mãos nuas.

Kessel disse:

— Às vezes, acho que é uma sorte que minha esposa não esteja viva para ver estes tempos.

Ele olhou para a fotografia que pendia sobre o piano, cercada por uma coroa de sempre-vivas e uma faixa de crepe.

O major também olhou para cima:

— Sua esposa também era musicista? — perguntou por fim.

Ao lado do piano estava o violoncelo em uma capa de linho cinza, na qual uma lira vermelha e duas flautas cruzadas estavam bordadas. Por

que viera ali? Por que viera visitar aqueles médicos? Ele se sentia doente? Logo ele que não suportava médicos, todos livres-pensadores, nada confiáveis. Não tinham senso de honra. Lá estava o cirurgião-chefe com a cabeça apoiada no canto do canapé, soprando anéis de fumaça em direção ao teto, com a barba pontiaguda apontando para o ar. Era tudo inadequado. Por que viera ali? Ainda era melhor estar ali do que no solitário quarto de hotel, ou na sala de jantar onde a qualquer momento aquele sujeito Huguenau poderia aparecer. Kessel pediu outra garrafa de Bernkastler, e o major bebeu apressadamente um copo. Em seguida, disse:

— Pensei que estivessem tocando um pouco de música.

Kessel sorriu distraído:

— Sim, minha esposa era uma bela musicista.

Kuhlenbeck disse:

— O que o senhor acha, Kessel? Por que não pegar seu violoncelo por uma vez... vai fazer bem para todos nós.

O major sentiu que Kuhlenbeck queria lhe demonstrar certa gentileza, mesmo que talvez fosse um pouco familiar demais. Então limitou-se a dizer:

— Sim, seria esplêndido.

Kessel foi até o violoncelo e, com um olhar para a fotografia, tirou o instrumento da capa. Mas em seguida deteve-se:

— Sim, mas e quem vai me acompanhar?

— Se sairá bem sozinho, Kessel — disse Kuhlenbeck —, o senhor consegue.

Kessel ainda hesitava um pouco:

— Sim, mas o que devo tocar?

— Algo com emoção — disse Kuhlenbeck, e Kessel puxou uma cadeira e sentou-se ao lado do piano, como se houvesse alguém ali o acompanhando; bateu em uma tecla, passou a mão ternamente sobre as cordas do arco e afinou o instrumento. Em seguida, fechou os olhos.

Então tocou a *Sonata para violoncelo em mi bemol, Op. 38*, de Brahms. Seu rosto suave tinha um olhar estranhamente voltado para dentro, o bigode cinza sobre os lábios comprimidos não era mais um bigode, mas uma sombra cinza, os sulcos nas bochechas haviam alterado seus contornos; não era mais um rosto, era quase invisível, talvez uma paisagem cinza outonal esperando pela neve. E mesmo quando uma lágrima escorreu pelo nariz, não era mais uma lágrima. Apenas a mão ainda era uma mão, e era como se o movimento do arco tivesse atraído toda a vida para si, subindo e descendo nas ondas do suave e difuso rio marrom de som que se tornava mais amplo e mais amplo, fluindo ao redor e envolvendo o tocador, de modo que ele estava apartado e muito sozinho. Ele tocava. Provavelmente não passasse de

um diletante, mas poderia ser indiferente para ele, para o major e até mesmo para Kuhlenbeck: pois o silêncio estrondoso daquele tempo, seu tumulto de ruído mudo e impenetrável levantado entre um ser humano e outro, uma parede através da qual a voz humana não consegue penetrar, de modo que ela tem que falhar e morrer — o terrível silêncio daquele tempo era cancelado, o Tempo em si era cancelado e se moldava em espaço que os envolvia a todos enquanto o violoncelo de Kessel ressoava, erguendo som, construindo espaço, preenchendo espaço, preenchendo-os também.

Quando a música cessou e o Dr. Kessel voltou a ser o Dr. Kessel, o major deu um pequeno solavanco para esconder sua emoção sob uma postura militar prescrita. E ele esperava que Kessel dissesse algo reconfortante — sem dúvida poderia dizer! Mas o Dr. Kessel limitou-se a abaixar a cabeça, de modo que se podia ver os poucos cachos — nada como o penteado gris e hirto de Esch — que escassamente cobriam o topo de sua cabeça. Quase envergonhado, ele guardou o instrumento, empurrando-o para dentro de sua bolsa de linho, o que dava uma impressão quase indecente, e Kuhlenbeck, do canto do canapé, limitou-se a murmurar:

— Aham.

Talvez os três estivessem envergonhados. Por fim, Kuhlenbeck disse:

— Aham, médicos têm muito senso musical.

O major revirou sua memória. Em sua juventude, tivera um amigo — teria sido mesmo um amigo? — que tocava violino, mas ele não era médico, porém... talvez, na verdade, ele fosse médico ou quisesse ser um. A memória parou ali, a memória congelou, o movimento congelou, e o major viu apenas sua própria mão nua descansando sobre o tecido preto de suas calças militares. E, independentemente de sua vontade, seus lábios disseram:

— Nus e expostos...

— Peço desculpas! — disse Kuhlenbeck.

O major virou-se para ele:

— Ah, nada... são tempos difíceis... Agradeço, Dr. Kessel.

Então Kessel por fim falou:

— Sim, de fato, nos tempos atuais, a música é um conforto... não resta muito mais em termos de conforto.

Kuhlenbeck bateu na mesa:

— Não se lamente, Kessel... mesmo que o mundo esteja cheio de demônios, não podemos desesperar... que a paz venha apenas, e nós nos ergueremos de novo.

O major balançou a cabeça:

— Contra a vil traição, somos impotentes.

A imagem de Esch surgiu diante dele, aquele rosto bronzeado com o

sorriso desafiador, sim, desafiador era a palavra certa, aquele rosto que ainda parecia de alguma forma estar pedindo perdão e já tinha a expressão reprovadora de um cavalo que caiu e não pode se levantar de novo.

— Nós alemães sempre fomos traídos — disse Kuhlenbeck — e ainda estamos vivos apesar disso. — Ele ergueu o copo: — Viva a Alemanha!

O major também ergueu o copo, e pensou: “Alemanha”, refletiu na ordem e segurança que a Alemanha lhe significara até então. Não conseguia mais ver a Alemanha. De alguma forma, responsabilizava Huguenau pelos infortúnios da pátria, pelas marchas das tropas, pelas ordens contraditórias do Comando do Exército, pelas armas não cavalheirescas desta guerra de gás, pela crescente e geral desordem. E ele realmente teria gostado que a imagem de Esch se fundisse com a de Huguenau e se dissipasse, provando que ambos eram emissários do Mal, ambos aventureiros que haviam surgido daquele tumulto inextricável cheio de assuntos comerciais e rostos que não se entendiam, ambos não confiáveis e desprezíveis, carregados de culpa, demoniacamente carregados de culpa pelo desastroso desfecho da guerra.

Kessel disse:

— Eu terminei... Cumpri meu dever, mas já basta.

A vida era um labirinto inextricável, a rede do mal pairava sobre o mundo, e o estrondo mudo e estupendo recomeçara. Quem se desviava do rigoroso caminho do dever cristão evangélico era um pecador, e a esperança de que a graça divina pudesse se realizar ali embaixo era uma esperança pecaminosa, embora proclamada pela voz do amigo que quebrara o silêncio, e a rigidez que o envolvia e o libertara de seu isolamento em um desaguar doce da alma. E o major então disse:

— Nos desviamos do caminho do dever e devemos suportar a penalidade.

— Ora, ora, senhor major — riu Kuhlenbeck —, não concordo com o senhor nisso, mas concordo que já é hora de voltarmos para casa, para que nosso amigo cansado, o Kessel, possa enfim ir para sua caminha.

Ele se levantou, seu casaco militar pendia um pouco folgado em seu corpo maciço. “Um civil disfarçado”, não pôde deixar de pensar o major, “esse não era o uniforme real”. O Major Von Pasenow também se levantou. Por que viera ali, ele, um oficial com o uniforme real? O dever terreno é um reflexo da ordenança divina, e o serviço a algo maior do que si mesmo obriga um homem a subordinar sua vida a ideias superiores, exigindo dele que abdique até da última fina tira de liberdade pessoal que lhe resta, se necessário. Obediência voluntária, sim, essa era a postura determinada por Deus; todo o resto deveria ser

considerado como inexistente. O major ajustou seu casaco para que pendesse reto, tocou a fita de sua Cruz de Ferro, e na correção militar pontual com a qual se despediu, reencontrou aquela serenidade e segurança que o dever e um uniforme conferem aos homens.

Dr. Kessel os acompanhou até embaixo. Na porta, o major disse com certa formalidade:

— Agradeço, Senhor Doutor Kessel, pelo prazer artístico que nos proporcionou.

Kessel hesitou um pouco antes de responder e então disse baixinho:

— Devo agradecer, senhor major... esta é a primeira vez desde a morte de minha querida esposa que voltei a tocar meu violoncelo.

O major, no entanto, não ouviu e apenas estendeu a mão com certa rigidez. Ele foi com Kuhlénbeck por ruas estreitas, atravessaram a praça do mercado, uma fina chuva outonal batia obliquamente em seus rostos, ambos vestiam o sobretudo cinza de um oficial, ambos usavam bonés de oficial, e ainda assim não eram camaradas de uniforme real. O major notou isso interiormente.

LXXVII

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (14)

As percepções que são alcançadas através do jejum e da mortificação sem dúvida necessitam de uma última nitidez lógica.

Acredito poder afirmar com certeza que, por volta dessa época, ocorreu uma mudança em meus estados perceptivos. No entanto, eu observava essa transformação com a máxima desconfiança, já que ela estava intimamente ligada à subnutrição prolongada; de fato, sentia-me quase disposto a concordar com o diagnóstico do Dr. Litwak e admitir que estava doente, sobretudo porque a mudança consistia em uma sensação de grande lucidez física em vez de um aguçamento de minha percepção do mundo ao meu redor. Por exemplo, se me questionasse se minha vida ainda possuía alguma realidade inteligível, era essa sensação física que me fornecia a resposta e me dava a certeza de viver em uma espécie de realidade de segundo grau, gerando uma espécie de realidade irreal, de irrealidade real, que me enchia de uma alegria estranha. Era como que um estado flutuante entre aquilo que não se conhece e aquilo que já se conhece, um

símbolo que encontrara outro símbolo para si, um sonambulismo que conduzia à luz, um medo que se anulava e, ainda assim, renascia dele mesmo; era como pairar sobre o mar da morte, um subir e descer alado sobre as ondas sem tocá-las, tão leve eu me tornara — era uma intuição quase corpórea pela qual eu apreendia a realidade platônica mais elevada do mundo, e todo o meu ser estava preenchido com a certeza de que precisava dar apenas um pequeno passo para transformar essa intuição física em uma racional.

Nessa realidade oscilante, as coisas fluíam em minha direção e fluíam para dentro de mim, e eu não precisava mover um dedo. Aquilo que antes parecia passividade, nesse instante encontrava seu significado. Se anteriormente eu ficava em casa para dar livre curso aos meus pensamentos, realizar monólogos filosóficos e de vez em quando anotar os tópicos deles, nesse momento eu ficava no meu quarto como um enfermo obediente ao seu médico e à sua doença. Tudo acontecia como o Dr. Litwak profetizara. Ele já me visita com regularidade, e às vezes sou eu mesmo quem o chama; e quando, mudando de opinião de repente, ele tenta me provar que não estou doente:

— Você está apenas um pouco anêmico e mais do que meio maluco!

Ele parece estar certo nisso também, pois me sinto como se estivesse exangue. Não quero mais pensar, não porque seja incapaz de fazê-lo; não, não penso mais simplesmente porque desprezo o pensamento. Não é que eu tenha me tornado tão sábio assim. Não faço nenhuma reivindicação de ter atingido o último plano do conhecimento, ou de ter superado o conhecimento — ai, sei muito bem que estou muito abaixo do plano do conhecimento. O que me impede de pensar é mais o medo de perder esse estado de flutuação, um medo que se esconde por trás do desprezo pela palavra. Ou será a convicção repentinamente despertada de que a unidade entre pensamento e ser só pode ser realizada dentro dos limites mais modestos? Tanto o pensamento quanto o ser reduzidos ao mínimo!

Marie às vezes me visita, traz algo para comer, como o faz com seus outros doentes, e eu o aceito. Recentemente ela chegou quando Litwak e Nuchem estavam comigo. Conforme seu costume, ela os cumprimentou com um amigável:

— Deus os abençoe!

E Litwak respondeu como habitualmente:

— Cem vezes!

Marie tossiu e ele fez uma cara de preocupação:

— Você deveria ter cuidado — advertiu, do que permaneceu incerto se ele estava se referindo ao presumível aparecimento de problemas pulmonares em Marie ou ao perigo de infecção ao qual ele via Nuchem exposto.

Além disso, ofereceu-se para examinar Marie gratuitamente, e quando ela recusou, disse:

— Você deveria pelo menos sair para caminhar o máximo que puder ao ar livre... e leve o rapaz consigo; está anêmico.

Nuchem estava ali perto e folheava meus livros. Além disso, Litwak sempre me receitava novos remédios, e quando me entregava a receita, ria:

— De uma forma ou de outra, você não vai tomar, porém, cabe a um médico receitar.

Havíamos chegado a uma espécie de entendimento mútuo.

Qual foi o ponto de contato entre nós? Por que eu tinha que ficar com essas pessoas? Por que esse domicílio judaico provisório se tornou uma permanência para mim, da qual eu não conseguia mais me imaginar saindo? Por que eu obedecia tão prontamente a esses judeus? Tudo era provisório, esses refugiados eram provisórios, sim, toda a sua existência era, e até o próprio Tempo era provisório também, tão provisório quanto a guerra, que se prolongava além de seu próprio fim. O provisório parece ter se tornado o definitivo; incessantemente ele se cancela e ainda assim permanece. Ele nos persegue e nos ajustamos a ele, em uma casa judaica, em um albergue. Mas ele nos eleva acima do passado, nos mantém suspensos em um estado de flutuação feliz, quase eufórico, no qual tudo aponta para o futuro.

Por fim, obedeci ao Dr. Litwak e saí para passear sempre que Nuchem ou Marie podiam me acompanhar.

Esses dias de outono eram muito bonitos, e sentava-me com Marie debaixo das árvores. E como tudo tinha uma candura radiante, e como as palavras não tinham importância, lhe perguntei:

— Você é uma mulher perdida?

— Já fui uma — respondeu ela.

— E agora você é casta?

— Sim.

— Você sabe que nunca salvará Nuchem?

— Eu sei.

— Então você o ama?

Ela sorriu.

Espelho de si mesmo, símbolo de um símbolo! Para onde a cadeia contínua de símbolos pode nos levar senão à morte?

— Preste atenção, Marie: decidi me matar, me suicidar ou pular no canal da reserva territorial... mas você deve ir comigo; sozinho eu não darei um passo.

Isso soou como uma piada, mas foi dito seriamente. Ela deve ter percebido, pois, sem sorrir, quase como se fosse um assunto prático,

respondeu:

— Não, eu não vou fazer nada disso, e você também não deve se matar.

— Mas seu amor por Nuchem é completamente desesperado.

Ela não foi capaz de tirar nenhuma conclusão disso; limitou-se a fixar os olhos em mim, buscando uma compreensão entre nós. Seus olhos estavam sem cor.

Não era um jogo muito agradável que eu jogava com ela, e ainda assim a compreensão entre nós já devia estar estabelecida, pois ela disse:

— Estamos na Graça do Senhor.

Respondi:

— Nuchem não vai se matar; ele não ousaria; está sob a Lei; mas estamos na Graça do Senhor... podemos nos atrever a tanto.

Talvez o pensamento de que Nuchem estivesse preservado de qualquer perigo de suicídio a tranquilizasse, pois já sorria de novo; sim, até cruzou as pernas como uma dama e se via a superior complacência de uma dama escrita em sua face:

— Também estamos sob a Lei.

Eu não podia me ofender com as suas frases do Exército de Salvação, talvez porque em um estado provisório cada frase perde seu significado, talvez porque então adquirisse um novo significado de antemão e se encaixasse naquele caso. Pode ser que as palavras também pudessem flutuar entre o passado e o futuro, que elas também flutuem entre a Lei e a Graça do Senhor, refugiando-se do desprezo que é seu destino merecido em um novo significado nesse fluxo instável.

No entanto, eu não queria ouvir nada a respeito da Lei, pois isso me traria de volta à realidade; eu não queria ouvir nada a respeito da Lei, queria manter intacto meu próprio estado de suspensão; e então perguntei:

— Você é feliz, apesar do seu amor desesperado?

— Sim — respondeu.

A pátria está irremediavelmente perdida, a distância está inacessível diante de nós, mas nossa tristeza está cada vez mais aliviada, torna-se cada vez mais transparente, talvez até invisível; nada resta senão um eco doloroso do que já foi. E Marie falou:

— O mal no mundo é grande, mas a Graça do Senhor é maior.

Eu disse:

— Ah, Marie, você conheceu o que é o afastamento e ainda assim é feliz... e sabe que somente a morte, somente o seu último momento, anulará esse afastamento, e ainda assim deseja viver.

Ela respondeu:

— Quem vive em Cristo nunca está sozinho... junte-se a nós!

— Não! — recusei. — Eu pertenço aos meus bairros judaicos, estou indo para a casa de Nuchem.

Mas isso já não a impressionava mais.

Um homem cujos braços foram amputados é um torso. Essa era a linha de pensamento que Hanna Wendling costumava usar quando tentava voltar do geral para o individual e concreto. E no final dessa linha não estava Heinrich, mas, balançando um pouco, Jaretzki, com sua manga vazia enfiada no bolso de seu casaco militar. Levou muito tempo até que ela fosse capaz de reconhecer claramente essa representação, e ainda mais tempo até que percebesse que essa concepção poderia de alguma forma corresponder a uma realidade atual. E então mais algum tempo passou até que ela decidisse ligar para o Dr. Kessel.

Esse processo extremamente tardio sem dúvida não foi causado por um senso moral especialmente forte de Hanna; não, ela simplesmente perdera qualquer noção de tempo ou ritmo; era uma desaceleração do fluxo da vida, ainda não uma estagnação, mas sim uma evaporação no nada, um esvaecimento em um solo completamente poroso, um desaparecimento e esquecimento de seus pensamentos enquanto os pensava. E quando o Dr. Kessel, como combinado, apanhou-a em seu cabriolé para levá-la à cidade, pareceu-lhe que ela chamara o médico por conta de alguma estranha ansiedade, que não conseguia formular, a respeito do filho, e apenas a muito custo conseguia fazer com que a memória funcionasse. Então, é verdade, ela logo perguntou, numa repentina apreensão, que imediatamente esqueceu de novo — estavam acabando de atravessar o jardim — quem era aquele tenente de um braço só do hospital militar. O Dr. Kessel ficou confuso por um momento, mas quando a ajudou a entrar no cabriolé e, suspirando um pouco, sentou-se ao lado dela, ele de repente se lembrou:

— É claro, você fala do Jaretzki, sim... pobre rapaz, ele deve ser enviado para um tratamento psicológico, creio.

Com isso, para Hanna, o episódio de Jaretzki estava concluído. Ela enviou suas compras na cidade, remeteu um pacote para Heinrich e visitou os Röders. Pedira para que Walter a encontrasse lá; voltariam então para casa juntos a pé. Suas inexplicáveis preocupações com Walter desapareceram de repente. Era uma noite de outono suave e tranquila.

Não seria surpreendente se Hanna Wendling tivesse sonhado naquela noite com um torso grego enterrado no lodo do rio, ou um bloco de mármore, ou — até isso teria sido suficiente — um seixo lavado pela correnteza. Mas como não se lembrava de nenhum sonho assim, não seria honesto nem relevante expressar qualquer opinião acerca do

assunto. Por outro lado, é certo que passou uma noite inquieta e muitas vezes acordou e olhou através da janela aberta, esperando que as persianas fossem levantadas e a cabeça mascarada de um ladrão aparecesse. Na manhã seguinte, pensou em disponibilizar a sala de serviço ao lado da cozinha para o uso do jardineiro e sua esposa, para que houvesse pelo menos um homem na casa a quem chamar, caso acontecesse qualquer eventualidade, mas abandonou o plano, pois aquele fraco e pequeno jardineiro não ofereceria de fato nenhuma proteção, e tudo o que lhe restava era um resíduo de indignação violenta contra Heinrich por colocar a casa do jardineiro a tal distância da vila; ele também negligenciara a instalação de grades nas janelas. No entanto, ela mesma teve de admitir que todo aquele desconforto mal tinha a ver com medo real. Não era tanto medo quanto uma espécie de exasperação com a posição solitária e isolada da vila, e embora Hanna sem dúvida tivesse sentido e expressado repugnância por qualquer casa onde estivesse em contato mais próximo com seus vizinhos, o espaço vazio que cercava a vila era tão vazio, a paisagem tão morta, que parecia ter sido remendada com pedaços e partes; tão morta que se tornava como um cinturão de vácuo que se enrolava cada vez mais apertado em torno de sua solidão, um cinturão que só poderia ser quebrado por um golpe violento, por um estouro, por uma invasão de dentro para fora ou de fora para dentro. Pouco antes, ela havia lido algo no jornal sobre a Revolução Russa e os soviéticos, sob o título “A invasão de baixo”. Lembrou-se dessa frase durante a noite e ela voltava à sua mente como o refrão de uma música popular. De qualquer forma, seria bom obter um orçamento para colocar grades nas janelas com o Senhor Krahel, o serralheiro.

As noites ficavam mais longas e a lua fria pairava no céu como um seixo. Apesar do frio cortante, Hanna não conseguia reunir a resolução para fechar a janela. Mais do que o receio de um ladrão silencioso, temia o estrondo que seria feito se os vidros da janela fossem forçados, e essa estranha tensão, que não era exatamente medo, mas a qualquer momento estava prestes a se transformar em pânico, traía-a em gestos quase românticos. Assim, quase todas as noites se apoiava à janela aberta e olhava para a zona morta do outono, curiosamente atraída, quase retirada de si mesma para o vazio da paisagem que, ao ser despojada de todo medo pela atração, transformava esse medo em uma leve bolha — seu coração se sustentava tão levemente quanto uma flor, e a rigidez de seu isolamento se abria na liberdade de sua respiração. E isso era quase como uma feliz infidelidade para com Heinrich; era um estado que ela experimentava como o oposto diametral de outro estado passado... sim, mas que estado? E então percebeu que era o oposto daquilo que certa vez chamou de

experiência física. E o melhor de tudo era que, naqueles momentos, a experiência física era completamente esquecida.

LXXIX

Os temores de Esch estavam fadados a se concretizar: o major se viu envolvido em novos problemas por causa de Huguenau. No entanto, é preciso admitir que, inicialmente, o papel que Huguenau representava era de passividade.

No início de outubro, chegou à mesa do major uma daquelas listas emitidas pelo Comando do Exército, nas quais se procurava rastrear todos os soldados desaparecidos de seus regimentos, incluindo suspeitos de deserção; e entre os nomes estava o de um certo Wilhelm Huguenau, de Colmar, um soldado do 14º Regimento de Fuzileiros.

O major já tinha deixado a lista de lado quando percebeu que algo o estava incomodando. Assim, pegou-a de novo; sendo míope, esticou-a à distância do braço, virando-a para a luz, e leu de novo: “Wilhelm Huguenau”, um nome que sem dúvida já tinha ouvido. Olhou interrogativamente para o ordenança, cuja função era esperar enquanto o correio do dia era examinado; conseguiu ver apenas que o homem, evidentemente aguardando alguma ordem, se pôs em sentido, e conseguiu reunir forças suficientes para dizer:

— Pode ir!

Mas uma vez sozinho, mergulhou na mesa com o rosto enterrado nas mãos.

Dessa confusão em branco ele se levantou com o pensamento de que o ordenança ainda estava de pé junto à porta e de que, na verdade, era Esch. No início, ele não ousava olhar e ver, mas quando por fim se certificou de que não havia ninguém lá, disse em voz alta na sala vazia:

— Ora, não importa... — como se isso resolvesse.

Mas não resolveu. A imagem de Esch ainda estava de pé junto à porta olhando para ele, olhando para ele como se tivesse acabado de descobrir que ele era um homem marcado. Era um olhar severo e repreensivo que repousava nele, e o major sentia-se envergonhado por ter observado Huguenau dançando. Mas aquela recordação desapareceu e, de repente, ele ouviu a voz de Esch:

— Sempre há um traidor entre nós.

— Sempre há um traidor entre nós — repetiu o major.

Um traidor é um homem indigno, um traidor é um homem que trai sua pátria, um traidor é um homem que é falso à sua pátria, falso à sua pátria e aos seus camaradas... um desertor é um traidor. E

enquanto seus pensamentos estavam gradualmente se aproximando de alguma preocupação oculta e velada, de repente o véu foi rasgado e, de súbito, soube de tudo, tudo: ele mesmo era o traidor, ele mesmo, o comandante da cidade, tinha se aliado a um desertor e tinha assistido enquanto o homem dançava, ele tinha se aliado a um desertor para que pudesse ser convidado para um escritório editorial, para que o desertor lhe pudesse pavimentar o caminho nos assuntos civis, em amizades com homens que não eram camaradas... O major colocou a mão na Cruz de Ferro e rasgou sua fita: um traidor não tem direito a uma condecoração, um traidor deve ser privado de sua condecoração, não pode ser enterrado com ela em seu peito... Um ato de desonra só pode ser pago com uma bala de pistola... Ele tinha de aceitar a punição... E o major, rígido e imóvel, com um olhar congelado em seus olhos, disse:

— O fim indigno de um cavaleiro.

Ele ainda tinha a mão nos botões da farda. De maneira mecânica, assegurou-se de que todos estivessem fechados, e isso foi uma estranha tranquilidade, uma espécie de esperança de retorno ao dever, retorno à vida segura, mesmo que a imagem de Esch ainda não tivesse desaparecido. Era uma imagem brilhante e assustadora, estava no outro mundo e ao mesmo tempo neste, representante do bem e do mal de uma única vez, cheio de segurança e ainda assim cheio da mais estranha incerteza do mundo civil, um homem que abre o colete e deixa a camisa à mostra. E o major, com a mão ainda nos botões da farda, ergueu-se, alisou o casaco, passou a mão pela testa e disse:

— Quimeras!

Ele gostaria de chamar Esch; Esch era o homem para esclarecer tudo... Ele desejava fazê-lo, mas seria um novo desvio do caminho do dever, um novo desvio para assuntos civis. Isso não podia acontecer. Além disso... deve-se decidir por si próprio: todas essas suspeitas poderiam se mostrar infundadas... E, refletindo bem, era certo que aquele Huguenau sempre se comportara de maneira correta e patriótica... Talvez tudo se esclarecesse por si só e terminasse bem.

Com mãos ainda trêmulas, o major segurou de novo a lista diante dos olhos, depois a colocou de lado e voltou-se para as outras cartas que chegaram. No entanto, por mais que se esforçasse para colocar seus pensamentos em ordem, o esforço não foi suficiente para dominar as ordens contraditórias e as instruções de serviço à sua frente; ele era incapaz de resolver as contradições. O caos estava invadindo o mundo por todos os lados e o caos se espalhava sobre seus pensamentos e sobre o mundo, a escuridão se espalhava, e o avanço da escuridão soava como a agonia de uma morte dolorosa, como um som de morte no qual apenas uma coisa era audível, apenas uma coisa certa: a queda da pátria — ah, como a escuridão estava aumentando, e o caos,

e desse caos, como se de um poço de gases tóxicos, surgiu o sorriso de Huguenau, a face do traidor, o instrumento da cólera divina, o autor de todo o mal crescente.

Por dois dias inteiros, o major suportou o tormento de uma indecisão que as pressões dos eventos precipitados o impediram de perceber. Diante do desordenamento geral, teria sido completamente natural se ele simplesmente deixasse o assunto para lá, pois uma deserção era de pouca importância; mas era igualmente natural para o comandante da cidade nem mesmo considerar a possibilidade de tal saída fácil. Pois o imperativo categórico do dever não pode permitir que a evasão se acumule. No segundo dia, o major deu instruções para que Huguenau fosse chamado.

Ao ver o traidor diante de si, todo o repúdio reprimido do major irrompeu com força renovada. Ele respondeu ao cumprimento amigável de Huguenau com reserva oficial e, estendendo a lista sobre a mesa, apontou silenciosamente para o nome “Wilhelm Huguenau”, que estava marcado com uma linha vermelha. Huguenau percebeu que tudo estava em jogo, e face a face com o perigo iminente, ele reencontrou a segurança lúcida que até então o preservara. O tom que adotou era bastante leve, mas por trás dos óculos brilhantes, a firmeza do seu olhar indicava ao major que ali estava um homem que sabia muito bem como se defender.

— Eu estava esperando por algo assim há muito tempo, meu caro major... a desordem no exército, se me permite dizer, está aumentando diariamente... sim, pode balançar a cabeça, meu comandante, mas é assim mesmo; infelizmente, sou um testemunho vivo disso... Quando me apresentei no Escritório Central de Imprensa, o sargento de plantão pegou todos os meus documentos, alegando que precisava enviar detalhes para o meu regimento. Já naquela época, temia que isso me trouxesse grandes dificuldades, já que não é correto enviar um soldado a lugar algum sem seus documentos — concordará comigo, é claro —, mas me tranquilizaram dizendo que me enviariam os documentos depois. Tudo que me deram foi um bilhete de viagem provisório para Trier, entende, meu comandante? Eu não tinha nada no bolso além desse bilhete; para o resto, me virei como pude! Ora, tive que entregar o bilhete, é claro, à polícia militar na estação... essa é toda a história. Naturalmente, devo admitir que me culpo por ter esquecido disso tantas vezes, mas, meu comandante, o senhor sabe melhor do que ninguém o quanto estou sobrecarregado de trabalho, e quando as autoridades falham, não se pode culpar um simples contribuinte que está fazendo o seu melhor para defender seu país. Pelo menos, é o que se pensaria. Mas, em vez de colocar sua própria casa em ordem, é muito mais fácil rotular um homem respeitável como desertor. Se meu dever patriótico não me proibisse, senhor, eu

teria prazer em expor esse comportamento incrível na imprensa!

Tudo isso parecia plausível; o major ficou de novo indeciso.

— Se me é permitido sugerir, senhor, eu pediria que informasse à polícia militar e ao regimento, mantendo-se fiel à verdade, que estou encarregado aqui do jornal oficial da região, e que enviarei o mais breve possível os documentos em falta, os quais tentarei obter enquanto isso.

O mau humor do major se fixou na frase “mantendo-se fiel à verdade”. Que linguagem aquele homem se atrevia a empregar!

— Não cabe ao senhor me dizer quais relatórios devo fazer. Além disso, para ser completamente fiel à verdade: eu não acredito no senhor!

— Não acredita em mim? Talvez o major já tenha considerado verificar em que denúncia confiável se baseia essa acusação? E que só pode ser obra de algum denunciante, ainda por cima é estúpido e malicioso, é tão claro como a luz do dia...

Ele olhou triunfante para o major, que, surpreendido por aquele contra-ataque, nem sequer se lembrou de que, para esta acusação específica, nenhum denunciante tinha sido necessário. E triunfantemente Huguenau continuou:

— Quantas pessoas, afinal, sabem que tive problemas com meus papéis? Só uma, que eu saiba, e essa única pessoa me insultou várias vezes como traidor, fingindo que estava brincando, ou figurativamente, como prefere chamar; basta que se lembre, senhor... eu conheço essas piadas hipócritas... chamam de fanatismo religioso, mas um pobre homem como eu pode perder todo o seu dinheiro por causa disso, sem falar na cabeça...

O major interrompeu-o com uma brusquidão inesperada; até bateu na mesa com o abridor de cartas:

— O senhor faria a gentileza de deixar o Senhor Esch fora disso? Ele é um homem honrado.

Talvez não tenha sido inteligente da parte de Huguenau persistir em se manter ali, pois seu castelo de cartas ameaçava a qualquer momento desmoronar. Ele sabia disso, mas algo dentro dele dizia “*va banque*” e não podia fazer o contrário:

— Peço respeitosamente, senhor, para observar que foi o senhor e não eu quem mencionou o nome do Senhor Esch. Então, não estou enganado, e ele é o informante, não é? Ah, se é assim que o vento está soprando, e é por consideração ao Senhor Esch que o senhor conduz os negócios dele, então tudo o que peço, meu caro senhor, é que me prendam.

Aquele foi um golpe certeiro. O major apontou um dedo para Huguenau e gaguejou com dificuldade:

— Fora! Senhor... saia... vá embora.

— Como preferir, senhor major... exatamente como preferir. Eu sei o que devo esperar de um oficial prussiano que recorre a tais meios para se livrar de uma testemunha de seus discursos derrotistas em reuniões comunistas; é tudo muito bem ajustar as velas ao vento, mas não é meu hábito denunciar o ajustador... Passar bem!

Essas últimas palavras, que na verdade não passavam de pura bobagem adicionadas por Huguenau apenas para embelezar sua retórica, nem foram ouvidas pelo major. Ele continuou murmurando sem voz:

— Fora daqui... saia... traidor! — mesmo depois de Huguenau ter deixado a sala e batido desrespeitosamente a porta atrás de si.

Era o fim, o fim traiçoeiro! O major estava marcado para sempre!

Havia ainda alguma saída? Não, não havia... O major tirou seu revólver do armário da escrivaninha e o colocou diante de si. Em seguida, pegou uma folha de papel de carta e a colocou também diante de si. Seria o seu pedido para que alguém o substituísse. Ele preferiria simplesmente pedir para ser demitido com desonra. Mas o cumprimento pontual dos deveres oficiais deveria continuar. Ele não deixaria seu lugar até ter entregado tudo de maneira regular.

Embora o major acreditasse realizar todas essas ações com prontidão e disciplina militares, suas ações eram extremamente lentas e cada movimento lhe custava um grande esforço. E foi com um esforço intenso que começou a escrever: queria escrever com uma mão firme. Talvez a intensidade da tensão que impôs a si mesmo o impedisse de ir além das primeiras palavras: “Para o...” — traçara no papel, em letras que pareciam irreconhecíveis até para si mesmo, e ali se deteve — o bico da pena estava quebrado, rasgara o papel, fazendo uma mancha horrível. E segurando com firmeza, até mesmo convulsivamente, o cabo da pena, o major se encolheu devagar, não mais um major, mas um homem velho e cansado. Tentou de novo mergulhar a pena quebrada na tinta, mas sem sucesso; só derrubou o tinteiro, e a tinta escorreu em um filete estreito pela mesa e pingou em suas calças. O major não prestou mais atenção. Ele estava sentado ali com as mãos manchadas de tinta e olhava para a porta pela qual Huguenau desaparecera. Mas quando algum tempo depois a porta se abriu e o ordenança apareceu, ele conseguiu se levantar e estender o braço imperiosamente:

— Saia! — ordenou ao homem um tanto perplexo. — Saia... vou ficar de serviço.

Jaretzki tinha partido com o Capitão Von Schnaack. As enfermeiras ainda estavam em pé diante do portão, acenando para o carro que levava os dois para a estação. Quando voltaram para entrar na casa, a enfermeira Mathilde parecia pálida e abatida. Flurschütz disse:

— Foi realmente muito decente da sua parte cuidar dele daquela forma ontem à noite... o sujeito estava em um estado terrível... de onde ele conseguiu a vodca?

— Pobre coitado! — disse a enfermeira Mathilde.

— A senhorita já leu *Almas mortas*?

— Deixe-me pensar... acho que sim...

— Gogol! — disse a enfermeira Carla, com o orgulho da informação pronta — Servos russos.

— Jaretzki é uma alma morta — disse Flurschütz, depois de uma pausa, apontando para um grupo de soldados no jardim — ... é isso que todos eles são, almas mortas... provavelmente todos nós também; todos nós estamos tocados de alguma forma.

— O senhor pode me emprestar o livro? — perguntou a enfermeira Mathilde.

— Não o tenho aqui... mas podemos conseguir... quanto a livros... sabe como é, já não consigo ler mais nada...

Ele se sentara no banco ao lado da entrada e estava olhando para a estrada, para as montanhas, para o céu claro de outono que escurecia no Norte. A enfermeira Mathilde hesitou por um momento, depois sentou-se também.

— Olhe só, enfermeira, precisamos de fato descobrir algum meio de comunicação novo, algo além da fala... tudo o que é escrito e dito se tornou completamente mudo e sem sentido... algo novo é necessário, ou então nosso chefe está absolutamente certo com a cirurgia...

— Não entendi direito — disse a enfermeira Mathilde.

— Ah, não vale a pena se preocupar, é apenas... eu só quis dizer que se nossas almas estão mortas, só resta o bisturi... mas isso é besteira.

A enfermeira Mathilde pensou em algo:

— O Tenente Jaretzki não disse algo parecido quando precisaram amputar o braço dele?

— Muito possivelmente disse, ele também estava infectado pelo radicalismo... é claro que não podia ser nada além de radical... como todo animal enjaulado...

A enfermeira Mathilde ficou chocada com a palavra “animal”:

— Acredito que ele só estava tentando esquecer tudo... ele insinuou uma vez, e tudo aquilo de beber...

Flurschütz tinha empurrado o chapéu para trás; sentiu a cicatriz na

testa, pela qual passara o dedo.

— Ora, não ficaria surpreso se estivéssemos entrando em um tempo em que as pessoas nada fariam além de tentar esquecer, apenas esquecer: dormir, comer, dormir, comer... assim como nossos colegas aqui... dormir, comer, jogar cartas...

— Mas isso seria terrível, viver sem ideais!

— Minha cara enfermeira Mathilde, o que a senhorita está vendo aqui mal é a guerra; não passa de uma versão em miniatura da guerra... A senhorita chegou aqui há quatro anos... e todos os homens mantêm a boca fechada mesmo quando estão feridos... mantêm a boca fechada e esquecem... mas pode acreditar em mim, nenhum deles trouxe de volta ideais.

A enfermeira Mathilde se levantou. As nuvens de tempestade já estavam delineadas contra o céu claro como uma parede negra larga.

— Vou me inscrever de novo em um hospital de campanha assim que puder — disse ele.

— O Tenente Jaretski acredita que a guerra nunca vai acabar.

— Sim... talvez seja por isso que eu queira voltar ao *front*.

— Suponho que eu também deva me inscrever.

— Ah, a senhorita está fazendo sua parte aqui, enfermeira.

A enfermeira Mathilde olhou para o céu:

— Tenho que trazer as cadeiras de jardim para dentro.

— Sim, é o melhor a fazer, enfermeira.

LXXXI

Era sábado. Na gráfica, Huguenau pagava os salários semanais.

A vida seguira seu curso habitual; nem por um momento Huguenau pensara que precisava fugir por ser procurado e perseguido como desertor. Simplesmente ficara. Não apenas porque se sentisse vinculado por demais ao seu círculo de influência, nem apenas porque, para uma consciência comercial, fosse difícil renunciar repentinamente a uma empresa na qual uma bela quantia de dinheiro, próprio ou alheio, estava investida, mas sim porque era reiterado pela sensação de tudo se fechar por todos os lados, uma sensação que o impedia de capitular, que obrigava-o a afirmar sua realidade em relação aos outros. E embora tudo isso fosse um tanto nebuloso, no fim das contas uma coisa era clara: que o major e Esch se reencontrariam e escarneceriam dele. Então deteve-se e fez um acordo com a Senhora Esch sobre o reembolso das refeições não consumidas, de modo que poderia ficar longe das odiadas refeições com mais frequência sem prejuízo material.

Naturalmente, sabia que a situação não favorecia ações individuais contra um mero desertor alsaciano; estava relativamente seguro e, além disso, praticamente tinha o major sob chantagem. Tinha ciência disso, mas não queria saber. Pelo contrário, imaginava que a sorte da guerra poderia mudar e o major se tornaria de novo uma figura importante que, junto com Esch, apenas esperava a oportunidade certa para destruí-lo. Assim, era necessário combater aqueles planos enquanto fosse possível fazê-lo. Talvez não passasse de pura superstição, mas não podia cruzar os braços; precisava aproveitar o tempo que lhe restava, ainda tinha negócios urgentes para resolver, e, como não conseguia explicar para onde essa urgência o levava, tranquilizou-se pensando que, se colocasse armadilhas, seus inimigos teriam que lidar com elas como pudessem.

Nesse momento, pagava os salários. Lindner olhou o dinheiro, recontou, olhou de novo para o dinheiro e, por fim, o deixou na mesa. O assistente de tipógrafo ao lado também não disse nada. Huguenau não entendia:

— Ora, Lindner, por que recusou? Vai dar a entender que tem algo contra dinheiro?

Por fim, Lindner disse com evidente relutância:

— O salário tarifado é de noventa e dois pfennigs.

Isso era algo novo, mas Huguenau se recompôs:

— Claro, sim, é assim em grandes empresas... Mas em uma empresa como esta... Um trabalhador velho e experiente como ele deveria saber como as coisas funcionam. Somos atacados por todos os lados, só temos inimigos... Se eu não tivesse recuperado o jornal, hoje não haveria salários... E é assim que me agradecem! Acha que eu não gostaria de pagar o dobro? Mas de onde eu tiraria isso? Talvez pense que nosso jornal tem algum subsídio do governo... Nesse caso, faria sentido se filiar ao sindicato e exigir salários tarifados. Até eu me filiaria ao sindicato. As coisas seriam melhores para mim.

— Não sou do sindicato — retorquiu Lindner.

— Então, como sabe dos salários tarifados?

— Isso se sabe logo.

Durante todo esse tempo, Huguenau refletira. Naturalmente, a culpa era de Liebel e sua propaganda sindical. Então ele também era um inimigo! Mas, nas circunstâncias atuais, era conveniente manter boas relações com Liebel:

— Ora, vamos encontrar uma solução... Digamos que, a partir de novembro, novas tarifas. Até lá, há tempo para conversar.

Os dois homens ficaram satisfeitos.

À noite, Huguenau foi ao Café Palatinato procurar Liebel. Na verdade, o caso Lindner era apenas um pretexto. Huguenau não estava

de mau humor; via claramente o mundo; só que um homem tem de saber quem são seus inimigos para que possa mudar de *front* quando necessário. Ah, sabia muito bem quem era seu inimigo. Eles conseguiram fechar o bordel e duas tabernas nos arredores... Mas quando se ofereceu para ajudá-los na luta contra os verdadeiros elementos subversivos, o major deu meia-volta. Ora, amanhã iria lisonjear o velho no jornal de novo, desta vez por ter fechado o bordel. E Huguenau cantarolou para si mesmo:

— Senhor Deus Onipotente.

No Palatinato, encontrou-se com Liebel, o Dr. Pelzer, que se voluntariou como soldado, e alguns outros. Pelzer perguntou de pronto:

— E o que é feito de Esch? Nunca mais o vimos.

Huguenau sorriu com malícia:

— Aula bíblica no Sábado Santo... logo ele vai se circuncidar.

Todos gargalharam e Huguenau se encheu de orgulho. Mas Pelzer disse:

— Mesmo assim, Esch é um bom homem.

Liebel balançou a cabeça:

— É quase inacreditável, as coisas que as pessoas engolem...

Pelzer disse:

— É justamente em tempos como estes que cada um tem suas próprias ideias... Eu sou socialista, e o senhor também, Liebel... mas é por isso mesmo que, mesmo assim, Esch é um bom homem... Eu gosto muito dele.

A testa um tanto saliente de Liebel corou, e a veia que a atravessava se destacou:

— Na minha opinião, esse tipo de coisa só emburrece as pessoas; é algo que deveria ser barrado.

— Bem dito — disse Huguenau —, ideias destrutivas.

Alguém na mesa riu:

— Meu Deus, até os grandes capitalistas estão mudando de discurso!

Os óculos de Huguenau reluziram na direção do falante:

— Se eu fosse um grande capitalista, não estaria aqui sentado, mas em Colônia, se não em Berlim.

— Ora, também não é exatamente um comunista, Senhor Huguenau — disse Pelzer.

— Tampouco sou, meu caro doutor.... mas sei o que é justo e o que é injusto... Quem foi o primeiro a expor as condições na prisão, hein?

— Ninguém nega os seus serviços — concedeu Pelzer —; onde estaríamos sem um belo Bismarck de Ferro, se não fosse pelo senhor?

Huguenau ficou amistoso; deu um tapinha no ombro de Pelzer:

— Vá contar lorota para a sua avó, amigo!

Mas então ele começou: os serviços que prestou não vinham ao caso. Claro que sempre fora um bom patriota, claro que celebrara as vitórias de sua pátria, e alguém ousaria culpá-lo por isso? Mas sempre soube muito bem que aquele era o único jeito de despertar a burguesia, que mantinha uma mão firme em seus lucros ilícitos, para fazer algo pelas crianças dos pobres proletários vítimas da guerra. Pelo que se lembrava, fora ele quem conseguira isso! Mas que agradecimentos recebeu? Não o surpreenderia se já houvesse ordens secretas da polícia contra si! Mas não tinha medo, que viessem, ainda tinha amigos que o tirariam da prisão se necessário. Aquele trabalho de serviço secreto, de qualquer forma, tinha que ser interrompido. Um homem desaparece, ninguém sabe como, e logo depois se descobre que ele foi enterrado no pátio da prisão; Deus sabe quantos ainda estão padecendo na cadeia! Não, nós não temos justiça, nós temos apenas justiça policial! E o pior de tudo é a hipocrisia daqueles carrascos da polícia. Eles sempre têm suas Bíblias nas mãos, mas só as usam para bater na cabeça das pessoas. E eles rezam antes e depois das refeições, mas os outros podem morrer de fome, com oração ou sem oração...

Pelzer ouvira com aprovação, mas depois interrompeu:

— Me parece, Huguenau, que o senhor é um *agent provocateur*.

Huguenau coçou a cabeça:

— E o senhor imagina que não me fizeram propostas desse tipo? Se eu pudesse lhe contar... ora, deixe pra lá... Sempre fui um homem correto e continuarei sendo, mesmo que custe meu pescoço... Só não suporto essa hipocrisia.

Liebel respondeu em concordância:

— Essa coisa da Bíblia é só uma jogada... os chefes adoram ver o povo alimentado com textos bíblicos.

Huguenau assentiu com a cabeça:

— Sim, primeiro um texto e depois um tiro... há muitos que estiveram envolvidos na confusão do tiroteio na prisão... bom, é melhor eu não dizer nada. Mas antes de ir a uma dessas reuniões, eu prefiro ir para a cadeia.

Assim, Huguenau alinhou sua posição na luta que estava começando entre os de cima e os de baixo. E embora a propaganda bolchevique fosse uma questão de completa indiferença para ele, e teria sido o primeiro a pedir ajuda se seus próprios bens estivessem em perigo, embora de fato fosse apenas com grande inquietação que relatava no *Correio do Eleitorado de Trier* o crescente número de invasões à propriedade, afirmou com convicção sincera:

— Os russos são uns caras muito espertos.

E Pelzer disse:

— Eu acredito no senhor, meu caro.

Enquanto saíam da taberna, Huguenau apontou o dedo para Liebel:

— O senhor é outro desses hipócritas devotos... incitando o meu bom velho Lindner contra mim, quando na verdade estou apenas trabalhando para o povo... e o senhor sabe disso também. Bem, acho que vamos chegar a um entendimento.

LXXXII

Uma criança de oito anos resolveu vagar sozinha pelo mundo.

Ela caminha pela estreita faixa de grama entre os trilhos das rodas e vê os botões murchados do trevo roxo-claro que chegaram até ali; vê o esterco de vaca seco, cinza e envelhecido, com a grama crescendo de novo nas fendas, e sente as picadas dos carrapichos grudados em suas meias. Vê muitas outras coisas também, o açafão-dos-prados crescendo nos campos e duas vacas marrons pastando nas encostas do vale, e como não pode ficar sempre olhando para a paisagem, também olha para o seu vestido e vê as pequenas rosas silvestres impressas no algodão preto: repetidamente uma flor aberta e um botão juntos em um talo verde brilhante entre duas pequenas folhas verdes; no meio da rosa aberta há um ponto amarelo. Ela deseja ter um chapéu preto onde uma rosa com um botão e duas folhas pudessem ser presos — o que combinaria bem com o vestido. Mas ela só tem um manto de lã cinza com capuz.

Enquanto caminha ao longo do rio, uma mão na cintura e a outra segurando uma moeda para cobrir suas despesas, ela está em território conhecido. Não sente medo. Caminha pela paisagem como uma dona de casa poderia caminhar pela sua moradia, e se a sensação agradável em seu dedão do pé a leva a chutar uma pedra para fora da faixa de grama, isso não passa de uma forma de arrumação. Tudo ao seu redor é claro. Ela pode ver os grupos de árvores que se destacam claramente no ar transparente da tarde de outono, e a paisagem não tem mistério para si: atrás do ar transparente está o céu azul brilhante, entre as folhagens verdes transparentes aparece de tempos em tempos, como se não pudesse ser de outra forma, uma árvore com folhas amarelas, e muitas vezes, embora não haja um sopro de vento, uma folha amarela vem flutuando de algum lugar e lentamente se instala no caminho.

Quando vira os olhos para a direita, onde os salgueiros e arbustos margeiam a orla do rio, pode ver as pedras brancas no leito, pode até ver a água, pois a folhagem dos arbustos se adelgaçou com o outono e revela os galhos marrons, já não é mais o muro verde impenetrável do verão. Mas, se vira os olhos para a esquerda, vê o prado pantanoso:

inquietante e malévolos, lá está ele, e se alguém põe o pé em sua vegetação, a água respinga e se infiltra nos sapatos; não se deve tentar atravessar um pântano assim, pois, quem sabe?, alguém poderia afundar e se afogar no pântano.

As crianças têm um sentimento pela natureza mais restrito e, ainda assim, mais intenso do que os adultos. Elas nunca vão ficar num belo panorama para absorver toda a paisagem, mas uma árvore que se destaca em uma colina distante pode atrair tanto que sentem como se pudessem colocá-la na boca e correm para tocá-la. E quando um grande vale se abre diante delas, não querem olhar para ele, mas se lançar nele como se pudessem lançar também seus próprios medos. Por isso as crianças estão em constante movimento, muitas vezes sem propósito, rolando na grama, escalando árvores, tentando comer folhas e por fim se escondendo no topo de uma árvore ou na segurança escura de um arbusto.

Muito, portanto, daquilo que geralmente é atribuído à mera inexauribilidade dos poderes em desenvolvimento da juventude e à sua exuberância sem propósito, mas ainda assim propositada, é, na verdade, nada mais do que o medo nu da criatura que começou a morrer ao perceber sua própria solidão. Uma criança corre de um lado para outro porque, em muitos sentidos, está vagando no início de seu curso. O riso de uma criança, tantas vezes censurado pelos adultos como ocioso, é o riso de alguém que se vê surpreendido e dominado pela solidão. Por isso não é apenas compreensível que uma criança de oito anos decida sair pelo mundo em uma tentativa extraordinária, poderíamos até dizer heroica e definitiva, de concentrar sua própria solidão e conquistar dentro dela a maior solidão, desafiar o infinito pela unidade e a unidade pelo infinito — não apenas isso é compreensível, mas também é compreensível que em um empreendimento desse tipo os motivos que a influenciam não serão nem comuns nem avaliados por padrões comuns. Uma simples borboleta, ou seja, uma coisa de tão pouco peso que não poderia ser considerada de forma alguma, pode ter uma influência determinante em todo o curso de sua aventura — por exemplo, deixe a borboleta que tem voado à frente por algum tempo subitamente sair do caminho para desaparecer pelos pântanos, e é apenas aos olhos de um adulto que isso parecerá irrelevante, pois os adultos não podem ver que é a alma da borboleta, não a borboleta em si, e ainda assim ela mesma, que abandonou a criança. Ela se detém; tira a mão da cintura e, com um movimento impetuoso condenado de antemão ao fracasso, tenta pegar a criatura que já fugiu para longe.

A criança realmente percorre mais um trecho do seu caminho inicial. Ela chega quase até a grande ponte de ferro que atravessa o rio, levando a estrada principal do Leste em direção à cidade. O caminho

ao longo da margem que ela tem seguido até então subiria o aterro da estrada neste ponto e atravessaria para descer do outro lado. Mas a criança não chega tão longe. Diante da ponte familiar com sua grade de ferro cinza — através da qual a floresta de pinheiros negros é dividida em múltiplos retângulos pretos quando se olha através dela, uma visão que sempre a aterrorizou — e da familiaridade surpreendente e aparentemente interminável da paisagem, ela decide, completamente, deixar o vale de súbito. Pensado e feito. E mesmo que, quando saiu de casa, talvez tenha esperado que o que era familiar e caseiro desaparecesse apenas gradualmente, fundindo-se quase sem dor, por assim dizer, no estranho, no entanto, a dor desta despedida repentina do vale é afogada em seu forte desejo de atravessar para o outro lado do pântano, para onde a borboleta desaparecera.

É apenas uma encosta moderadamente alta que ali se eleva, mas alta o suficiente para que a criança só consiga ver o telhado da casa que está construída no alto e apenas as frondes das árvores que ali estão. Talvez sua ação mais sensata fosse simplesmente enfrentar a subida a partir da estrada principal. Mas sua impaciência é grande demais para tanto: sob o céu azul brilhante, esse céu quente e fresco do final do verão, sob os raios de sol que queimam suas costas, ela começa a correr; corre ao longo da margem do pântano em busca de uma passagem ou de um caminho elevado, o caminho mais estreito servirá; porém, enquanto busca, ela já contornou o pântano e está no sopé do morro, como se o morro tivesse corrido para encontrá-la e, como um camelo, estivesse se ajoelhando para que subisse nele. Essa pressa dupla, a dela própria e a do morro, é um pouco inquietante, e ela realmente hesita por estar prestes a colocar o pé na ondulação imperceptível que marca a transição da planície pantanosa para a colina íngreme. Se ela levantar a cabeça, a casa da fazenda lá em cima terá desaparecido completamente de vista, e apenas se avistarão algumas frondes de árvores. Mas quanto mais sobe, mais o pequeno povoado lá em cima cresce para encontrar seu olhar, primeiro as árvores em seu verde vistoso, como se a primavera a estivesse chamando, então o telhado de onde a chaminé se ergue como uma vela, e por fim os muros caiados da casa brilham entre as árvores: é algum tipo de casa de fazenda situada em um jardim muito verde, e a última encosta, tão íngreme que ela sobe de quatro, também é tão verde que ela estende os braços até ficar de bruços, o rosto na grama, e só então lentamente deixa os joelhos seguirem.

Uma vez que de fato está no topo e o cachorro do quintal late e estica as correntes, a esperada primavera está ausente. A paisagem, de fato, é estranha e desconhecida, e até mesmo o vale, para onde ela agora lança um olhar, nem mesmo é mais o vale de onde viera. Uma transformação dupla! Uma transformação sem dúvida tingida de

melancolia, mas mesmo assim não é decisiva, pois a transformação pode ser atribuída à mudança na luz: com a rapidez peculiar do outono, a pureza clara da luz se tornou opaca e leitosa, e o escudo branqueador do céu olha para outro céu, pois o vale também está começando a se encher de nuvens igualmente brancas. Ainda são as vésperas do anoitecer, ah, ainda são as vésperas, mas o anoitecer do estranho já o invadiu. Longe no infinito estende-se a estrada onde fica a fazenda, e no frio que aumenta rapidamente as borboletas murcham e morrem. E isso é decisivo! Ela percebe de repente que não há objetivo fixo, que seu movimento e busca por um objetivo foram em vão, que apenas o infinito em si pode ser um objetivo. A criança não formula esse pensamento, mas responde com suas ações à pergunta que não fez; lança-se no estranho, foge pela estrada, foge pela estrada que se estende sem fim, perde a razão e nem mesmo consegue chorar em sua corrida ofegante, que é como uma suspensão de movimento entre as massas imóveis de nuvens. E quando a noite realmente chega através das nuvens, quando a lua se torna uma mancha brilhante no telhado nublado, quando as nuvens então são varridas por uma força silenciosa e todas as estrelas se arqueiam acima dela, quando a quietude do crepúsculo é substituída pela imobilidade da noite, encontra-se em uma vila desconhecida, tropeçando por becos silenciosos onde aqui e ali um carrinho está parado sem os cavalos. Mal importa até onde Marguerite penetrará, se ela será trazida de volta ou se se tornará vítima de algum vagabundo — o sonambulismo do infinito a tomou e nunca mais a libertará.

LXXXIII

A história da garota do Exército de Salvação de Berlim (15)

Ah, novo ano, outonal de escassez e abandono!
Angústia ao dia longo! Ai, angústia à vagueza!
Ah, dulçores astrais a acalentar o outono!
Ah, angústia do adeus, quando então, com tristeza,
Despediram-se. Aos dois, com olhos mareados,
Restara a aceitação, sem queixas e lamentos:
Desprenderam-se, a ir cada qual para um lado,
Na cidade, onde roncam carros barulhentos,

Ao se perder o rumo, ao se perder o trilho
Do alheio coração, aflige-se a criatura.
Pois, com o sol obumbrado, a lua em pétrea alvura,
Nada mais é temor, mas sob o argênteo brilho
De anciões cujo dever é guiar a sina da alma,
A angústia ofertará maior dádiva à alma!
Não fora a angústia que os levara àquela escolha,
Como a folha soprada até uma outra folha?
Sua angustiosa paixão, como feudo pequeno
Da angústia etérea, em cujo arco purpúreo soa
Um coro argênteo de seus olhares amenos?
Tímida pomba esvoaça e logo sobrevoa
O undoso rebentar da trega inundação,
A trazer a aliança sobre cada mar:
Deus se entrona na angústia e na desolação,
A converter a angústia em vontade de amar,
Fez entre o tempo e os tempos terrestres aliança,
Entre os recolhimentos, o recolhimento;
Deus fez da grande angústia amorosa esperança —
De vossa angústia, Deus, fizestes pensamento.

LXXXIV

As reuniões bíblicas já eram pouco frequentadas. Os acontecimentos externos desviavam o olhar das pessoas do que estava acontecendo em suas próprias almas, o que se aplicava sobretudo aos estranhos, que se dispunham a ouvir qualquer rumor que indicasse a possibilidade do retorno iminente para casa. Os moradores locais eram mais assíduos; para eles, a aula bíblica já se tornara parte da ordem estabelecida que desejavam manter independentemente da guerra ou da paz, e, no fundo, cada um tinha um canto onde os rumores de paz o perturbavam mais do que alegravam.

Fendrich e Samwald eram naturais da cidade e estavam entre os mais fiéis. Huguenau, de fato, afirmava que Fendrich só vinha porque a Senhora Esch sempre tinha leite em casa; ele até reclamava que estava

sendo privado de seu café da manhã porque a Senhora Esch queria economizar leite para o piedoso Fendrich. E ele dizia isso não apenas às escondidas; contudo, a Senhora Esch ria dele:

— Imagina ficar com ciúmes assim, Senhor Huguenau!

E Huguenau retrucava:

— É melhor a senhora tomar cuidado, Mãe Esch, senão a turma piedosa de seu marido vai acabar com tudo.

As acusações de Huguenau, no entanto, eram injustas; Fendrich teria vindo mesmo sem o café com leite.

De qualquer forma, lá estavam eles de novo na cozinha, tanto Samwald quanto Fendrich. Huguenau, que estava prestes a sair, colocou o nariz na porta:

— Se deliciando aí?

A Senhora Esch respondeu por eles:

— Como, se não tenho nada em casa?!

Huguenau olhou para os dois para ver se estavam mastigando e olhou para a mesa, porém, ao se certificar de que não havia comida preparada, deu-se por satisfeito.

— Então posso deixá-los com a consciência tranquila — disse ele. — Está em boa companhia, Mãe Esch.

No entanto, não foi embora; estava ansioso para descobrir a respeito do que conversavam. E, como todos estavam em silêncio, começou a falar:

— Onde está seu amigo hoje, Senhor Samwald? Aquele das muletas?

Samwald indicou a janela que tremia sob o vento outonal:

— Quando o tempo está ruim, ele sente dores... sente antecipadamente.

— *Ou là là* — disse Huguenau —, reumatismo; sim, isso é horrível.

Samwald balançou a cabeça:

— Não, ele sente mudanças por antecipação... sabe muitas coisas antecipadamente.

Huguenau estava ouvindo de maneira parcial:

— É claro, também poderia ser gota.

Fendrich estremeceu um pouco:

— Eu também sinto em todos os meus ossos... em nossa fábrica, há mais de vinte com gripe... a filha do velho Petri morreu ontem... também houve algumas mortes no hospital; Esch diz que é a peste... a peste pulmonar.

Huguenau ficou revoltado:

— Ele deveria ter mais cuidado com seus argumentos derrotistas... Peste! Isso seria uma beleza.

Samwald disse:

— Quanto a Gödicke, nem mesmo a peste poderia tocá-lo... ele foi ressuscitado.

Fendrich tinha mais a acrescentar sobre o assunto:

— Segundo a Bíblia, todas as pragas do Apocalipse estão destinadas a vir... o major também profetizou isso... Esch também diz.

— *Merde*, já basta! — disse Huguenau. — Desejo-lhes uma reunião muito agradável. Saudações.

Na escada, encontrou-se com Esch:

— O senhor tem dois companheiros bem agradáveis à sua espera lá em cima... se toda a cidade começar a falar de peste, a culpa será sua... o senhor e sua turma de hipócritas vão enlouquecer o mundo todo; está apenas tornando as pessoas idiotas.

Esch mostrou seus fortes dentes e acenou com a mão despreocupadamente, o que provocou Huguenau:

— Não há motivo para sorrir, senhor pastor.

Para sua surpresa, Esch ficou sério imediatamente:

— O senhor está certo, este não é momento para rir... os dois lá em cima estão absolutamente certos.

Huguenau se sentiu constrangido:

— Como eles estão certos?... Sobre a peste, por exemplo?

Esch respondeu com calma:

— Sim, e seria melhor para o senhor, sim, meu caro senhor, se percebesse de uma vez por todas que estamos no meio do medo e da tribulação...

— Gostaria de saber para que isso poderia me servir — disse Huguenau, e prosseguiu seu caminho escada abaixo.

Esch adotou seu tom professoral:

— Eu poderia logo lhe esclarecer sobre isso, mas não quer descobrir... tem medo de descobrir...

Huguenau virou-se. Esch estava parado dois degraus acima dele e parecia poderoso; era irritante ter que olhar para cima para ele daquela forma, então Huguenau subiu um degrau de novo. A suspeita estava despertando nele de novo. O que Esch estava mantendo para si mesmo? O que ele poderia saber? Mas quando Esch continuou:

— Apenas aquele que está em tribulação participará da graça...

Huguenau o interrompeu:

— Olha, não suporto ouvir mais nada disso...

De novo Esch exibiu seu abominável sorriso sarcástico:

— Eu não disse? Isso não se encaixa na sua nova mudança de rumo... na verdade, nunca se encaixou.

E ele se virou para continuar sua subida.

Houve um relâmpago atrás das lentes dos óculos de Huguenau:

— Um momento, Senhor Esch...

Esch parou.

— Sim, Senhor Esch, eu tenho algo a lhe dizer... é claro que esse papo furado não combina comigo... sorria se quiser, nunca combinou comigo... Eu sempre fui um livre-pensador e nunca fiz segredo disso... Nunca interfiro em sua devoção fingida, então, por favor, deixe-me encontrar a felicidade à minha maneira... o senhor pode chamar isso de uma nova mudança de rumo, se quiser, e pode bisbilhotar atrás de mim também, se quiser, como evidentemente tem feito, e eu não sou demagogo como o senhor, e eu não transformo as pessoas em idiotas como o senhor faz, eu não sou ambicioso, mas quando ouço o que está sendo dito, não pelos seus hipócritas lá em cima, é claro que não, mas por outras pessoas, então acho provável que as coisas tomem um rumo muito diferente do que espera, senhor pastor... Quero dizer, vai ver coisas estranhas, e vai ver algumas pessoas penduradas em postes de luz... se o major não tivesse ficado com raiva de mim eu daria um aviso amigável a ele, sou um cara decente, eu sou... ele também está de costas para o senhor, o velho tolo vacilante, mas mesmo assim estou lhe dando a oportunidade de passar o aviso para frente. O senhor vê, eu jogo com todas as minhas cartas na mesa: eu não esfaqueio as pessoas pelas costas como alguns outros que conheço.

E com isso, por fim virou-se para ir embora e marchou assobiando escada abaixo. Depois, ficou irritado consigo mesmo por ter sido tão generoso — não havia motivo para que sentisse que devia alguma coisa aos senhores Pasenow e Esch —; por que diabos ele os avisou, e de quê?

Esch ficou parado por um momento. Sentiu, por alguma razão, um aperto no coração. Em seguida, disse para si mesmo:

— Um homem que se sacrifica deve ser um homem decente.

E embora não se pudesse duvidar de que Huguenau cometesse qualquer ato abominável, enquanto continuava com suas bazófias, tudo estava bem: cães que latem não mordem. Deixe-o tagarelar nas tabernas o quanto quiser, não machucaria ninguém, sobretudo o major. Esch sorriu; estava firme e forte em seus pés, e então esticou os braços como alguém que acorda do sono ou como alguém crucificado. Sentia-se forte, firme e robusto, e como se fosse uma entrada resolvendo as contas do mundo, repetiu:

— Um homem que se sacrifica deve ser um homem decente — então ele empurrou a porta da cozinha.

LXXXV

“Ninguém enxerga o outro na escuridão”.

Acontecimentos dos dias 3, 4 e 5 de novembro de 1918

O que Huguenau profetizara de fato aconteceu: coisas estranhas foram vistas, e essas coisas estranhas ocorreram nos dias 3 e 4 de novembro.

Na manhã do dia 2 de novembro, houve uma pequena manifestação dos trabalhadores da fábrica de papel. Eles marcharam, como costuma acontecer nessas ocasiões, em direção à prefeitura, mas desta vez, sem motivo aparente, as janelas foram quebradas. O major convocou a meia companhia que ainda estava à sua disposição, e os manifestantes dispersaram-se. No entanto, a calma que se seguiu era apenas superficial. A cidade estava cheia de rumores; o colapso do *front* alemão era conhecido, mas ninguém podia afirmar se havia negociações para um armistício, e coisas terríveis pairavam no ar.

Assim passou o dia. À noite, um brilho vermelho podia ser visto a oeste, e dizia-se que toda Trier estava em chamas. Huguenau, que já lamentava não ter vendido o jornal aos comunistas há muito tempo, resolveu publicar uma edição especial, mas seus dois trabalhadores não foram encontrados em lugar algum. Durante a noite, houve tiroteios nas proximidades da prisão. Corria o boato de que fora um sinal incitando os presos a se revoltarem. Mais tarde, a informação divulgada foi que um guarda da prisão havia disparado vários tiros como alerta por causa de um mal-entendido; porém, ninguém acreditou.

Nesse entremeio, a manhã havia chegado, fria, nebulosa e com aspecto de inverno. Já às sete horas, o conselho municipal havia se reunido na sala do conselho, pouco iluminada, sem aquecimento e revestida de madeira; a exigência de armar os cidadãos respeitáveis era unânime — mas diante da objeção, cada vez mais forte, de que isso poderia ser interpretado como uma medida provocativa contra os trabalhadores, decidiu-se pela formação de uma guarda civil que incluísse trabalhadores e burgueses. Surgiram algumas dificuldades com o comandante da cidade em relação à entrega de rifles dos estoques nos depósitos de munição, mas por fim — quase passando por cima do major — as armas foram requisitadas. Naturalmente, não havia tempo para um recrutamento sistemático, então um comitê sob a presidência do prefeito foi escolhido para ser responsável pela distribuição das armas. Naquela manhã, rifles já estavam sendo distribuídos para todos aqueles que pudessem provar que eram cidadãos da cidade e sabiam manusear uma arma de fogo, e quando as coisas chegaram a esse ponto, o comandante da cidade não pôde mais recusar a colaboração militar com a guarda civil; a alocação de postos já estava sendo feita a partir do escritório do comandante.

Esch e Huguenau haviam se apresentado, é claro. Esch, decidido

acima de tudo a permanecer perto do major, pediu urgentemente para servir dentro da cidade. Ele foi designado para o serviço noturno, enquanto Huguenau teve que ficar de guarda na ponte durante a tarde.

.

Huguenau estava sentado no parapeito de pedra da ponte e tremia no nevoeiro de novembro. Seu rifle, com a baioneta fixada, estava apoiado ao seu lado. Entre as pedras do parapeito crescia grama, e Huguenau se ocupava em arrancá-la. Também podia soltar pedaços antigos de argamassa entre as pedras e deixá-los cair na água. Ele estava intensamente entediado e achava toda a situação estúpida. O colarinho virado do seu sobretudo recém-comprado roçava bruscamente contra seu pescoço e queixo, e não fornecia calor algum. Por puro tédio, satisfazia as necessidades naturais, mas isso também logo passava, e apenas se sentava de novo ali. Era estúpido estar sentado ali com a boba faixa verde na manga e, além disso, com frio. E ele considerou se não deveria dar um pulo no bordel, já que a ordem do major de fechá-lo não teve o menor efeito: operava secretamente.

Ele imaginava consigo mesmo que a velha da casa de prostituição já deveria ter acendido as lareiras e que deveria estar bem quente lá dentro, quando Marguerite apareceu diante dele. Huguenau ficou feliz em vê-la:

— *Tiens* — disse ele —, o que você está fazendo aqui?... Pensei que tinha fugido... o que fez com o marco que lhe dei?

Marguerite não respondeu. Huguenau preferia estar no bordel:

— Você não me serve para nada... ainda não tem quatorze anos... Veja se vai para casa em segurança.

Mesmo assim, ele a colocou em seu colo; estava mais quente assim. Depois de um tempo, perguntou:

— Você colocou as calças de flanela?

Quando ela disse que sim, ele se sentiu aliviado. Eles se aconchegaram um ao outro. O relógio da prefeitura soou através do nevoeiro: cinco horas, e já estava escuro.

— Dias curtos — disse Huguenau —, já passou outro ano.

Um segundo relógio seguiu com quatro e depois cinco batidas. Huguenau ficou cada vez mais melancólico. Para que tudo isso? O que ele estava fazendo ali? Do outro lado dos campos estava a propriedade de Esch, e Huguenau cuspiu naquela direção em um amplo arco. Mas então um medo repentino o agarrou; deixara a porta da gráfica escancarada, e se houvesse saques naquele dia, destruiriam sua máquina.

— Desça — disse ele grosseiramente para Marguerite e, quando ela hesitou, ele lhe deu um tapa. Apressadamente, revirou seus bolsos

atrás da chave da gráfica. Deveria voltar ele mesmo ou enviar Marguerite com a chave para a Senhora Esch?

Ele estava quase desistindo de seu posto e se dirigindo para casa quando se encolheu, pois lhe veio um verdadeiro terror que o perfurou até a medula. Na beira da floresta houve um clarão seguido por uma detonação horrível. Ele acabara de perceber que vinha dos alojamentos da companhia de morteiros, onde algum idiota devia ter explodido o que restava da munição, mas logo se jogou instintivamente no chão e foi sábio o suficiente para permanecer deitado no chão e aguardar mais explosões. De fato, mais duas detonações violentas se seguiram em intervalos curtos e então o barulho se dissipou em estampidos esporádicos.

Huguenau olhou com cautela por cima do parapeito de pedra e viu as paredes dos depósitos de munição vermelhas e em brasa por dentro, e o telhado dos alojamentos em chamas. “Então começou”, pensou consigo mesmo, levantou-se e tirou a sujeira do seu novo sobretudo de inverno. Em seguida, procurou por Marguerite e assobiou para ela várias vezes, mas ela tinha fugido — esperançosamente para casa. Ele tinha pouco tempo para deliberar, pois já uma multidão de homens vinha correndo dos alojamentos em sua direção com paus, pedras e alguns até com rifles nas mãos. E para espanto de Huguenau, Marguerite estava correndo ao lado deles.

Seu objetivo era a prisão, isso estava claro. Huguenau entendeu isso em um instante, e sentiu-se como um chefe de Estado-Maior cujas ordens estavam sendo cumpridas exatamente ao segundo e com precisão.

— Bons sujeitos — disse algo dentro dele, e ele achou a coisa mais natural do mundo que os acompanhasse.

Eles chegaram à prisão em marcha rápida, gritando e berrando. O portão estava fechado. Uma chuva de pedras se chocou contra ele e então um ataque direto foi tentado. Com a parte de trás do seu rifle, Huguenau desferiu o primeiro golpe contra os painéis de carvalho. Alguém havia arranjado uma alavanca, não tiveram que empregar muito tempo, logo uma brecha foi feita, a porta se abriu e a multidão irrompeu no pátio. Estava deserto, o pessoal tinha se escondido em algum lugar; ora, logo seriam expulsos daqueles esconderijos, esses sujeitos — mas das celas vinha um coro selvagem:

— Viva a liberdade! Viva a liberdade! Viva a liberdade!

•

Quando a primeira detonação ocorreu, Esch estava na cozinha. Com um salto, chegou à janela, mas recuou quando, na segunda explosão, a janela solta, junto com a moldura, voou em sua direção. Seria um ataque aéreo? Sua esposa se encolheu de joelhos entre os cacos de

vidro e murmurou um Pai-Nosso. Por um segundo, ele a observou boquiaberto: ela não rezara em toda a sua vida! Em seguida, ele a puxou bruscamente para cima.

— Para o porão, ataque aéreo.

Nesse meio-tempo, já na parte de cima da escada, viu o depósito de munição em chamas e ouviu o estalo das explosões vindo de lá. Então tinha começado. E seu próximo pensamento foi: “O major!”. Empurrar sua esposa soluçante de volta para o quarto — sua voz lamentosa implorando para que não a deixasse ainda ecoava em seus ouvidos —, pegar seu rifle e correr escada abaixo foi trabalho de um momento.

.

Enquanto a multidão se empurrava para dentro dos prédios da prisão, Huguenau permaneceu parado no pátio. Tinha sido um sucesso, sem dúvida era um sucesso — Huguenau fez a careta sarcástica que conseguia fazer muito bem. O major teria uma bela surpresa se o visse ali, e Esch também. Sem dúvida, foi um sucesso triunfal brilhante! no entanto, Huguenau se sentia desconfortável — e então? Ele olhou para o pátio, os barracões em chamas proporcionavam uma luz esplêndida, mas não era nada tão extraordinário afinal, o pátio parecia exatamente como sempre esperava que fosse. E já tivera o suficiente dessa multidão também.

De repente, ouviu gritos penetrantes. Eles tinham capturado um guarda e o estavam arrastando para o pátio. Quando Huguenau chegou, o homem estava deitado como que crucificado no chão, exceto por uma perna rígida que se contorcia convulsiva e ritmicamente no ar. Duas mulheres haviam se jogado sobre ele, e o homem com o pé de cabra estava em pé com as botas cravadas na mão do pobre coitado e batendo com a barra de ferro nos membros torturados. Huguenau sentiu que estava prestes a vomitar. Com pânico no estômago e no coração, pegou seu rifle e correu de volta para a cidade.

A cidade estava nitidamente delineada com seus telhados pontiagudos no brilho dos barracões em chamas, os contornos negros das casas sobrepostos pelas torres da prefeitura e das igrejas. Delas, os relógios batiam a meia hora serenamente, como se uma paz ainda mais profunda pairasse sobre esta comunidade humana. E os sons familiares dos sinos, a visão familiar das casas, toda a paz que ainda estava lá enquanto tudo ao redor queimava, transformava o medo sufocante de Huguenau em um desejo selvagem de proximidade humana. Ele correu diretamente através dos campos, às vezes parando para recuperar o fôlego. Em seguida, sentiu o cheiro de carne cozida e mais uma vez atravessou-lhe o pensamento de que a porta da oficina de impressão não estava trancada, que os ladrões e arrombadores

estariam saindo da prisão, e com medo redobrado, com resolução redobrada, tentou prosseguir, com todas as forças, em direção à casa.

.

Hanna Wendling estava de cama com uma febre alta. No início, o Dr. Kessel tentou atribuir a culpa a ela por manter a janela do quarto aberta todas as noites; porém, depois, teve que admitir que era gripe espanhola.

Quando a explosão aconteceu e os vidros das janelas se estilhaçaram, Hanna não ficou surpresa: não era ela quem era responsável pelo fechamento das janelas, isso lhe havia sido imposto, e como Heinrich negligenciara colocar grades nelas, é claro que os ladrões entrariam. Quase com satisfação, observou mentalmente: “A invasão de baixo”, e esperou pelo que aconteceria a seguir. Mas quando um estrondo mais ensurdecedor se seguiu, recuperou a compostura e pulou da cama com o conhecimento repentino de que precisava ir até seu filho.

Segurou-se à beira da cama e tentou organizar seus pensamentos; o menino estava na cozinha, sim, lembrou-se de que o mandara para baixo para que ficasse longe do contágio da infecção. Ela precisava descer até ele.

Uma forte corrente de ar soprou pelo quarto, soprou por toda a casa. Todas as janelas e portas foram arrancadas de suas molduras e, no primeiro andar, os vidros de toda a fachada tinham sido estourados, pois nesta parte elevada do vale a pressão do ar era particularmente violenta. A próxima detonação varreu metade do telhado com um grande barulho. Se a casa não tivesse aquecimento central, um incêndio teria sido inevitável. Hanna, no entanto, não sentia frio, mal notava até mesmo o barulho estrondoso, não entendia o que tinha acontecido, nem tentava entender: passando pela empregada aos gritos, encontrada no vestiário, apressou-se para a cozinha.

Na cozinha, percebeu que devia ter sentido frio antes, pois ali estava aconchegante. As janelas aqui embaixo não tinham sofrido. A cozinheira estava encolhida em um canto com a criança tremendo e chorosa no colo. O gato estava deitado pacificamente na frente do fogão. Também o cheiro curioso de fogos de artifício desaparecera; aquele lugar exalava um odor limpo e quente. Tinha-se a sensação de ter sido salvo. Então ela descobriu que, com uma presença de espírito incompreensível, trouxera sua colcha de cama consigo. Enrolou-se na colcha e sentou-se no canto mais distante de seu filho; precisava cuidar para que ele não pegasse a gripe, e o afastou quando ele tentou se aproximar. A empregada a seguiu, e o jardineiro e sua esposa chegaram também:

— A caserna está pegando fogo... olhe lá.

O jardineiro apontou para a janela, mas as mulheres não ousaram se

aproximar, permanecendo sentadas onde estavam. Hanna se sentiu mentalmente lúcida. E disse:

— Temos que esperar isso acabar — e se enrolou mais firmemente em sua colcha. De repente, por alguma razão, a luz elétrica se apagou. A empregada gritou de novo, Hanna repetiu na escuridão:

— Temos que esperar isso acabar — e depois recaiu em um sono vago.

O menino adormecera nos braços da cozinheira. A empregada e a esposa do jardineiro sentaram-se no depósito de carvão, o jardineiro encostou-se na lareira. As janelas ainda rangiam, e de vez em quando outra fileira de telhas caía do telhado. Eles estavam sentados no escuro, todos olhavam para as janelas iluminadas, olhavam sem se mover, e ficavam cada vez mais imóveis.

•

Na estrada que descia em direção à penitenciária, Esch apressava-se — o rifle escorregara de seu ombro, e ele o segurava nas mãos como um soldado veterano. A cerca de metade do caminho para a prisão, ouviu o barulho de uma multidão se aproximando. Jogou-se nas moitas até que passassem. Eram cerca de duzentas pessoas, uma mistura muito variada, incluindo prisioneiros, reconhecíveis por seus uniformes cinzentos. Alguns estavam tentando cantar a Marselhesa, outros a Internacional. Uma voz de sargento gritava continuamente:

— Formar em quatro! — mas ninguém prestava atenção.

À frente do cortejo, acima das cabeças dos marchantes, balançava uma marionete; era o uniforme empalhado de um guarda de prisão pendurado em uma barra transversal, de uma espécie de forca — aparentemente haviam deixado alguém nu para aquele fim. No peito da marionete, um cartaz branco estava fixado, e à luz oscilante do depósito em chamas, Esch conseguiu distinguir as palavras “comandante da cidade”. De fato, traziam uma criança consigo, sentada no ombro de um dos homens, uma menininha que lembrava um pouco Marguerite, mas Esch não tinha tempo para pensar nessas coisas; esperou até que o cortejo passasse e então, para evitar retardatários, permaneceu nos campos ao lado da estrada e continuou correndo.

As luzes de um carro de repente apareceram à frente. O sangue de Esch gelou — só podia ser o major! O major, cegamente correndo para os braços dos rebeldes. Ele precisava ser detido! Detido a qualquer custo! Esch escorregou pelo barranco e se posicionou no meio da estrada, agitando os braços e gritando o mais alto que pôde. Mas os ocupantes do carro não o notaram ou não quiseram notá-lo, e se ele não tivesse pulado para o lado, teria sido atropelado. Teve apenas tempo para se certificar de que era realmente o carro do major e que

além do major havia três soldados nele, um deles em pé no estribo. Olhou impotente para o carro, depois correu com todas as suas forças atrás dele, correu com um medo enorme, esperando a cada momento ver algo terrível acontecendo. E já na sua frente houve vários tiros; foram seguidos por um golpe estrondoso, um pouco como uma explosão, depois vieram gritos e um alvoroço geral. Esch correu de volta para o barranco.

A multidão estava parada ao lado das primeiras casas da cidade; a vizinhança ainda estava iluminada pelo fogo. Escondendo-se atrás das moitas, Esch alcançou a primeira cerca de jardim e, rastejando atrás dela, pôde se aproximar. O carro capotara e estava pegando fogo no lado oposto da estrada. Aparentemente, o motorista perdera o controle do veículo e batera no barranco quando viu a multidão, ou pode ter sido atingido por uma pedra. Meio dobrado na frente de uma árvore, onde havia rachado o crânio, ele ainda gemia, enquanto um dos soldados estava estendido na estrada. Outro, um sargento, que parecia ter escapado com a pele intacta, estava cercado pela multidão enfurecida. Sob os punhos e cacetadas dos tumultuadores, fazia gestos débeis e suplicantes, dizendo algo que não podia ser ouvido em meio ao barulho: em seguida, também caiu. Esch considerou se deveria abrir fogo contra a multidão, mas naquele momento uma chama azul irrompeu do capô do carro e alguém gritou:

— O carro vai explodir!

A multidão recuou, ficou em silêncio e esperou a explosão. Mas como nada aconteceu, e o carro apenas continuou queimando silenciosamente, surgiram gritos de “Para a sede do comandante da cidade!”, “Para a prefeitura”, e a multidão seguiu em frente em direção à cidade.

Mas onde estava o major? De repente, Esch soube; ele estava embaixo do carro e em perigo de ser queimado vivo. Impulsionado pelo medo, Esch escalou a cerca de madeira, correu até o carro e puxou os destroços; um soluço seco o dominou quando ele viu claramente que não seria capaz de levantá-lo sozinho. Ele ficou em desespero na frente do carro em chamas, e queimou suas mãos impotentes com novas tentativas. Então um homem se aproximou. Era o terceiro soldado e estava ileso, pois tinha sido arremessado sobre o barranco da estrada e caído em um campo. Juntos, conseguiram levantar um lado do carro. Esch se arrastou por baixo, apoiando o corpo do carro em suas costas, e o soldado puxou o major para fora. Graças a Deus! Mas ainda não estavam fora de perigo; deviam sair do alcance do carro perigosamente em chamas o mais rápido possível, e assim carregaram o major inconsciente para cima do barranco e o colocaram atrás de algumas moitas na grama.

Esch ajoelhou-se ao lado do major e olhou para o rosto dele; era um

rosto pacífico, e sua respiração era regular, embora fraca. Seu coração também batia quieto e cadenciado — Esch rasgara o casaco e a túnica do major — e com exceção de algumas queimaduras e abrasões, não se encontrara ferida externa. O soldado ficou ao lado:

— Há os outros também...

Esch se levantou com dificuldade. De repente, sentiu que mal conseguia arrastar sequer a si mesmo, no entanto, reuniu as forças mais uma vez, e também levaram o sargento ferido para um lugar seguro.

Os corpos do soldado e do motorista mortos foram colocados ao lado da estrada.

Quando terminaram, Esch se jogou na grama ao lado do major:

— Preciso respirar por um minuto... estou morrendo.

Estava tão exausto que mal percebeu quando as chamas de repente se espalharam pelos telhados da cidade e o soldado gritou:

— Os idiotas incendiaram a prefeitura!

•

No hospital militar, havia caos e confusão.

Inicialmente, todos se refugiaram no jardim, sem se importar com os pacientes que não conseguiam se mover; ninguém ouviu seus lamentos.

Kuhlenbeck teve que usar toda a sua autoridade para restaurar a ordem. Ele mesmo levou os casos mais graves para o andar de baixo; carregava os pacientes como crianças no colo, sua voz ecoava pelos corredores, e xingava todo mundo, até mesmo Flurschütz e a enfermeira Mathilde, se suas ordens não fossem executadas imediatamente. A enfermeira Carla desaparecera e não podia ser encontrada.

Por fim as coisas começaram a se reorganizar. As camas do andar superior devastado foram trazidas para baixo, e aos poucos os pacientes reapareceram. Alguns estavam faltando. Estavam no jardim, ou talvez tivessem se perdido ainda mais, na floresta ou em outro lugar.

Flurschütz e um atendente saíram para procurá-los. Um dos primeiros que encontraram fora do jardim foi Gödicke, que não tinha ido muito longe e estava de pé na encosta da colina, que escolhera como um ponto de observação, suas duas muletas erguidas em direção ao céu.

Parecia estar exultando.

E de fato, quando se aproximaram, ouviram-no rindo com aquela risada bárbara, pela qual todos os internos esperavam há meses.

Ele não deu atenção aos dois quando gritaram para ele, e quando se

aproximaram e começaram a levá-lo de volta, sacudiu suas muletas de maneira ameaçadora.

Flurschütz sentiu-se um pouco perdido:

— Mas, Gödicke, venha logo...

Gödicke apontou com suas muletas para as chamas e rugiu com deleite:

— O Dia do Juízo... ressuscitado dos mortos... ressuscitado dos mortos... vocês devem ir para o Inferno se não ressuscitarem dos mortos... o diabo vai pegar todos vocês... ele vai pegar todos vocês...

O que fazer com o homem!? Mas depois de olharem para ele por um tempo, o atendente encontrou as palavras certas:

— Ludwig, é hora do jantar, desça do andaime.

Gödicke ficou em silêncio; olhou para eles desconfiado através de sua barba, mas por fim seguiu-os mancando.

•

Sem fôlego e tremendo, Huguenau atravessou o jardim e chegou à gráfica. Por um momento, não sabia o que o levava até lá. Então se lembrou. A máquina de impressão!

Entrou. O cômodo escuro estava iluminado irregularmente pela luz de fora e estava em ordem e limpeza dominicais. Huguenau, com o rifle entre os joelhos, sentou-se na frente da máquina. Sentiu-se decepcionado; a máquina não recompensava seus esforços; fria e impassível, ficava ali e apenas lançava sombras inquietas que o deixavam desconfortável. Se a corja de criminosos viesse, seria justo que a destruíssem. Embora fosse uma bela máquina... ele colocou as mãos nela e ficou irritado porque o ferro estava tão frio. *Merde*, por que ele estava tão irritado com isso? Huguenau deu de ombros, olhando para o pátio, para o celeiro onde eram realizadas as reuniões dominicais. Esch estaria pregando lá de novo no próximo domingo? *Haissez les ennemis de la sainte religion*. Devotos hipócritas. Um celeiro vazio, isso era tudo o que tinham para oferecer... o que um homem como aquele teria a perder!? Um homem como aquele merecia ter os ossos quebrados. Ele não tinha preocupações... pregava no domingo e já estava lá em cima com sua esposa, se consolando mutuamente, enquanto um sujeito tinha que ficar ali sentado ao lado daquela maldita máquina.

Mais uma vez, esqueceu por que viera. Encostou o rifle na máquina de impressão. No pátio, aspirou: de novo o cheiro de carne cozinhando chegava até ele. Hoje, é claro, não haveria jantar, mas lá em cima teriam algo, com certeza — ela cuidaria para que Esch não passasse fome.

Quando chegou ao andar superior, deu um salto para trás, pois a porta de seu quarto tinha sido retirada das dobradiças. Isso não estava

certo. A porta também estava emperrada, só com muito esforço conseguiu abri-la, e lá dentro do quarto as coisas pareciam ainda mais desoladas: o espelho não estava mais pendurado sobre a pia, mas estava em cima da louça quebrada. Um deserto. Incompreensível e perturbador, lembrava pedaços de ossos. Huguenau sentou-se no canapé, queria entender o que acontecera, mas não queria pensar... alguém deveria vir explicar-lhe tudo e confortá-lo... passar a mão em seu cabelo.

Em seguida, lembrou-se de que precisava chamar a Senhora Esch de qualquer maneira para mostrar a ela o estrago... caso contrário, ela acabaria responsabilizando-o por aquilo... ele não tinha a intenção de pagar por danos que não tinha causado. Mas assim que estava prestes a chamá-la, ela entrou apressadamente em seu quarto, tendo ouvido seus passos:

— Onde está meu marido?

Uma ampla, prazerosa e emocionante sensação de tranquilidade tomou conta de Huguenau ao avistar um rosto familiar. Ele sorriu para ela de forma franca e cordial:

— Mãe Esch...

Ele literalmente irradiava... agora tudo ficará bem, ela me colocará na cama... Nesse entretempo, ela parecia nem mesmo vê-lo:

— Onde está meu marido?

A pergunta estúpida o perturbou — o que aquela mulher queria com Esch? Se ele não estava lá, era ainda melhor... Ele respondeu de maneira rude:

— Como vou saber onde ele está vagando? Ele voltará para o jantar, com certeza.

Talvez ela nem tivesse ouvido direito, pois se aproximou dele, agarrou-o pelos ombros e quase gritou com ele:

— Ele saiu, ele saiu com o rifle... Eu ouvi tiros.

Uma esperança surgiu em Huguenau: Esch foi baleado! Mas por que, nesse caso, a mulher tinha uma voz tão lamentável? Por que ela teve a reação errada? Ele queria que ela o confortasse, e em vez disso ele tinha que mantê-la ali e confortá-la, e tudo por causa de Esch! Ela ainda estava implorando:

— Onde ele está? — e ela ainda o estava segurando pelo ombro.

Constrangido e furioso ao mesmo tempo, ele acariciou o braço grosso dela como se fosse uma criança chorando, ele até teria gostado de lhe mostrar alguma bondade; passou a mão para cima e para baixo no braço dela, mas sua boca falava palavras grosseiras:

— Por que está choramingando por Esch? Não tivemos o suficiente do professor?... Afinal, a senhora tem a mim...

E só enquanto dizia isso é que ele mesmo percebeu que estava

fazendo uma demanda mais brutal a ela... como uma espécie de substituto pelo que ela havia falhado em lhe dar. Agora ela também percebeu o que ele queria:

— Senhor Huguenau, pelo amor de Deus, Senhor Huguenau...

E já quase sem vontade própria, ela ofereceu pouca resistência à sua intenção urgente e ofegante. Como um criminoso tentando salvar o carrasco de problemas, sem nem um beijo, ela desabotoou suas roupas íntimas, e sem nem um beijo, ele caiu com ela no canapé. Depois, suas primeiras palavras foram:

— Salve meu marido!

Huguenau estava indiferente a isso; Esch poderia viver o quanto quisesse. Mas no momento seguinte, ela irrompeu em gritos estridentes: a janela estava subitamente iluminada de vermelho sangue, chamas alaranjadas e amarelas se erguiam, a prefeitura estava pegando fogo. Ela afundou no chão, um monte disforme... ela, ela era culpada por tudo:

— Jesus, Maria, o que eu fiz, o que eu fiz... — ela rastejou até ele. — Salve-o, salve-o...

Huguenau tinha ido até a janela. Ele estava irritado; o problema estava começando ali também. Ele já tinha tido o suficiente lá fora, mais do que o suficiente. E o que aquela mulher queria dele? No final das contas, era Esch o responsável... ele poderia se queimar lá fora com o major, se quisesse; homens santos sempre foram queimados. E haveria saques, além de tudo... e le se esquecera de novo de trancar a gráfica... ele aproveitou a oportunidade para escapar com crédito:

— Eu vou cuidar dele.

Se encontrasse Esch — refletiu enquanto saía —, ele o jogaria escada abaixo. Mas na gráfica tudo estava arrumado e em ordem como antes. Seu rifle estava lá e a máquina projetava suas sombras inquietas. Vermelho, preto, amarelo e laranja, os feixes de fogo da prefeitura subiam para o céu, enquanto os quartéis e o depósito de munições do outro lado ainda estavam fumegando, um marrom sujo. Os galhos nus das árvores frutíferas estavam rigidamente delineados. Huguenau contemplou o espetáculo e de repente achou que tudo estava como deveria ser... tudo estava como deveria ser, e a máquina de impressão também o agradava de novo... tudo estava como deveria ser, tudo estava em ordem, ele tinha recuperado sua natureza habitual e a clareza de seu senso comum... tudo o que era necessário era colocar o toque final nos negócios, e tudo estaria bem!

Subiu de novo em silêncio, espiou com cautela para dentro da cozinha devastada, aproximou-se de maneira sorrateira do armário de pão, cortou uma boa fatia para si e, como não encontrou mais nada, voltou para a gráfica, acomodou-se confortavelmente, colocou o rifle

entre as pernas esticadas e começou a comer devagar... De alguma forma, encontraria uma maneira de lidar com os saqueadores também.

.

Esch e o soldado ajoelharam-se ao lado do major. Tentavam trazê-lo de volta à consciência e esfregavam seu peito e pulsos com a relva úmida. Quando por fim abriu os olhos, moveram seus braços e pernas para cima e para baixo, e ficou claro que nada estava quebrado. Mas não respondeu a nenhum dos apelos; permaneceu deitado de costas e apenas suas mãos ficaram inquietas, agarrando a terra úmida, escavando na terra, procurando por torrões e despedaçando-os.

Estava claro que precisavam tirá-lo dali o mais rápido possível. Pedir ajuda à cidade estava fora de cogitação; então teriam que se virar sozinhos. O sargento ferido, entretanto, recuperara força o suficiente para se sentar — então poderiam deixá-lo sozinho por um tempo, e decidiram primeiro levar o major através dos campos até a casa de Esch; teria sido muito arriscado levá-lo pela estrada principal.

Enquanto discutiam sobre a melhor maneira de proceder, o major fez sinais como se quisesse falar: segurando um fragmento de terra em seus dedos, levantou a mão, e seus lábios se abriram e se projetaram para frente, mas sua mão caiu repetidamente no chão e nenhum som pôde ser ouvido. Esch aproximou seu ouvido bem perto da boca do major e esperou: por fim, conseguiu entender as palavras:

— Caí do cavalo... um obstáculo fácil, caí mesmo assim... a perna dianteira direita quebrada... eu mesmo vou matá-lo com um tiro... apagar a desonra com uma bala... — e então mais distintamente e como se estivesse buscando consentimento: — ... com uma bala, não com armas indignas de cavalheiros...

— O que ele disse? — perguntou o soldado.

Esch respondeu baixinho:

— Ele acha que caiu do cavalo... mas precisamos ir... se ao menos não estivesse tão claro... melhor levar nossos rifles de qualquer forma.

O major fechou os olhos de novo. Eles o levantaram com cuidado e, de vez em quando, descansando e trocando de lugar, carregaram-no pelos campos encharcados de chuva, cuja terra pegajosa e pesada grudava persistentemente em seus sapatos. O major abriu os olhos uma vez, viu a conflagração na cidade e, olhando diretamente para Esch, ordenou:

— Bombas de gás... vá e apague-as.

Então ele afundou de novo em sonolência.

Chegando ao pátio de sua casa, Esch dispensou o soldado, que deveria voltar imediatamente para junto de seus camaradas — Esch mesmo seguiria mais tarde, encontraria com facilidade alguém na casa para ajudá-lo a levar o major para o andar superior. Então, por

enquanto, eles o deixaram no banco em frente à varanda. Mas quando o soldado se foi, Esch entrou em silêncio na casa, encostou o rifle na parede e abriu a porta para o porão. Então, carregou o major nas costas e o levou para dentro, sentindo com cuidado o caminho pelas escadas que levavam ao porão e, quando chegou ao fundo, o colocou em um monte de batatas, que primeiro cobriu com cuidado com um tapete de lã. Então, acendeu a lâmpada de querosene presa à parede suja e fechou as frestas do porão com tábuas e panos, para que nenhum raio de luz pudesse penetrar e ser visto de fora. Por fim, rabiscou um bilhete que colocou nas mãos do major:

Senhor major, o senhor perdeu a consciência em um acidente com o carro. Voltarei em breve.

Atenciosamente,

Esch.

Ele examinou a lâmpada mais uma vez para ver se havia óleo suficiente; talvez não pudesse voltar por um longo tempo. A escada que levava à porta do porão tinha apenas três degraus: antes de abri-la, virou-se mais uma vez, olhou quase com hesitação para o teto abobadado e para o homem deitado imóvel e esticado: se não fosse pelo cheiro peculiar do querosene, aquilo poderia ser confundido com uma tumba.

Ele subiu devagar. No corredor, ouviu um pouco de barulho lá em cima. Nada se movia... bem, sua esposa já deve ter se acalmado... o homem ferido fora da cidade era mais importante no momento. Ele pegou o rifle e saiu para a rua. Mas seus pensamentos estavam com o homem que jazia no porão, com a lâmpada de querosene sobre sua cabeça. Quando a luz se apaga, o Redentor está próximo. A luz deve se apagar para que a contagem do tempo possa recomeçar.

.

Huguenau acabara de terminar sua fatia de pão e estava considerando como poderia obter mais alimentos quando, na luz forte do lado de fora, avistou uma figura no jardim. Agarrou o rifle, mas logo reconheceu que era Esch, carregando uma espécie de saco nos ombros. Então, o senhor pastor realmente se juntou aos saqueadores! Claro, isso não era surpreendente; ora, logo ele se certificaria, e esperou curiosamente que Esch se aproximasse com sua carga. Os passos de Esch se aproximavam lenta e pesadamente pelo pátio; demorou bastante tempo até que ele fosse visível pela janela. Mas então Huguenau ficou quase sem fôlego de espanto — Esch estava carregando um homem! Esch estava carregando o major! Não havia possibilidade de engano: era o major que Esch carregava. Huguenau se aproximou sorratamente da porta e colocou a cabeça pela abertura

— sem dúvida alguma, era o major — e viu Esch desaparecer com sua carga pela porta do porão. Huguenau estava intensamente exaltado enquanto esperava para ver como as coisas se desenvolveriam. E quando Esch reapareceu e saiu para a rua, Huguenau também colocou o rifle nas costas e o seguiu a uma distância segura. As ruas que levavam ao prédio da prefeitura estavam totalmente iluminadas pelo brilho, mas nas ruas laterais as casas lançavam sombras nítidas e tremeluzentes. Não se via ninguém. Todos haviam corrido para a praça do mercado, de onde vinha um som vago de tumulto. Huguenau não pôde deixar de pensar que nestas ruas desertas qualquer um poderia saquear à vontade; e se ele mesmo forcesse a entrada em alguma casa e levasse o que quisesse, ninguém tentaria impedi-lo — embora, é claro, o que havia de valor para se retirar de tais casebres? E a expressão “çaça melhor” veio à sua mente. Esch virou a próxima esquina; então não estava indo para a prefeitura, o hipócrita. Dois jovens passaram correndo; Huguenau tomou o rifle nas mãos, pronto para golpear. De uma rua lateral, um homem conduzindo uma bicicleta cambaleou em sua direção; ele segurava o guidão convulsivamente com a mão esquerda, o braço direito pendia ao lado como se estivesse quebrado; Huguenau olhou com horror para um rosto despedaçado e espancado, de onde um dos olhos ainda encarava sem ver o vazio. Preocupado apenas em manter a bicicleta firme, como se estivesse decidido a levá-la consigo para o além, o homem ferido passou cambaleando por ele. “Rosto espancado com a coronha do rifle”, pensou Huguenau, e segurou mais firmemente o rifle. Um cachorro se desprende de uma porta da casa, cheirou atrás do homem ferido e lambeu as gotas de sangue que caíam. Esch já não estava mais à vista. Huguenau apressou o passo. No próximo cruzamento de ruas, avistou de novo o brilho da baioneta de Esch. Ele o seguiu mais rapidamente. Esch marchava em linha reta, sem olhar para a direita nem para a esquerda; nem mesmo o prédio da prefeitura em chamas parecia atrair sua atenção. Seus passos não mais ecoavam no pavimento irregular, pois pararam ali fora, e logo dobrou em uma rua estreita que corria ao longo das muralhas da cidade. Huguenau começou a andar rápido; já estava a cerca de vinte passos atrás de Esch, que continuava calma e tranquilamente em seu caminho. Deveria derrubá-lo com a coronha do rifle? Não, isso seria apenas tolice. Era necessário algo que acabasse com a situação de uma vez por todas. E então ele foi tomado por uma iluminação — abaixou o rifle, alcançou Esch com alguns saltos felinos e passos de tango, e correu a baioneta em suas costas angulares. Para grande surpresa do assassino, Esch continuou calmamente por mais alguns passos, então caiu de bruços no chão sem fazer um som. Huguenau ficou ao lado do homem caído. Seu pé tocou a mão de Esch, que estava sobre uma

marca de pneu na lama pegajosa. Deveria pisá-la? Não havia dúvida, o homem estava morto. Huguenau sentiu-se grato a ele — tudo estava bem agora! Ele se agachou e olhou para o rosto de lado no chão, com a barba por fazer. Quando não encontrou nele a temida expressão de escárnio, ficou satisfeito e bateu de maneira benévola, quase carinhosamente, no ombro do cadáver. Tudo estava bem. Trocou os rifles. Deixou o seu próprio ensanguentado com o morto, sem dúvida uma precaução supérflua em um dia como aquele, mas ele gostava de fazer tudo metodicamente e com ordem. Depois disso, partiu em sua jornada de retorno. A muralha da cidade estava brilhantemente iluminada pelos edifícios em chamas, as sombras das árvores se projetavam sobre ela, um último jato de faíscas alaranjadas disparou do telhado — Huguenau não pôde deixar de lembrar do homem na imagem de Colmar subindo para o céu aberto, e teria gostado de apertar sua mão direita erguida, tão leve e feliz se sentia — então a torre da prefeitura desabou e o incêndio desapareceu em uma nuvem de fumaça vermelho-acastanhada.

.

A “Casa das Rosas”, meio destruída, ainda jazia escura e silenciosa na brisa noturna que soprava lá em cima. Na cozinha, nada havia mudado. As seis pessoas continuavam inertes, petrificadas em seus lugares, ainda sentadas, imóveis, talvez até mais imóveis do que antes, como se estivessem presas e acorrentadas nos fios esticados da expectativa. Elas não dormiam nem vigiavam, e não sabiam há quanto tempo esse estado já durava. Apenas a criança dormia. O cobertor escorregara dos ombros de Hanna, mas ela não sentia frio. Uma vez mais disse no silêncio:

— Devemos esperar que isso termine.

Mas os outros provavelmente nem ouviram. E ainda assim escutavam, escutavam o vazio, escutavam as vozes que vinham de fora. E embora nos ouvidos de Hanna as palavras “A invasão lá de baixo” se repetissem perpetuamente, e embora ela não conseguisse mais lhes atribuir nenhum significado — palavras sem sentido, sons sem sentido —, ela ainda escutava para ver se não eram essas palavras sem sentido que as pessoas estavam gritando lá fora. A torneira pingava monotonamente. Nenhum dos seis se mexia. Talvez os outros também ouvissem as palavras que ela estava ouvindo, pois, apesar das grandes diferenças sociais entre eles, apesar de seu isolamento e alienação, se tornaram um todo unificado; uma cadeia mágica fora lançada ao redor deles, uma corrente cujos elos eram eles mesmos e que não podia ser quebrada sem graves danos. E neste encantamento, neste estado coletivo de transe, é compreensível que para Hanna o grito da invasão se tornasse cada vez mais distinto, mais distinto do que ela poderia ter apreendido com sua audição física; o grito vinha

até ela como se alado pelo poder de sua escuta coletiva, era transportado pela corrente daquela poderosa força, uma força que, no entanto, era uma força impotente, uma força apenas para aceitar e ouvir, e o grito era muito alto, a voz crescia cada vez mais poderosa e era como um vento forte varrendo pelo mundo. O cachorro uivava no jardim e latia algumas vezes. Então o cachorro também se calou, e ela só ouvia a voz. E à ordem da voz se levantou; os outros não pareciam notar, nem mesmo quando ela abriu a porta e saiu do aposento; ia descalça, mas não sabia. As plantas nuas de seus pés pisavam em um trecho de concreto, aquele era o corredor; subiam cinco degraus de pedra, passavam pelo linóleo, aquela era a cozinha; passavam pelo piso de parquê e pelos carpetes, aquele era o *hall*; passavam por um capacho de fibra muito seco, por cacos de telha, pelo pavimento de um caminho no jardim. Num avanço inabalável como aquele, que quase poderia ser chamado de marcha, apenas as plantas dos pés conheciam o caminho, pois os olhos só viam o objetivo — e quando saiu pela porta, ela viu, viu o objetivo! No final do caminho pavimentado que se estendia sem fim, lá no final daquela longa ponte, lá, com uma perna na cerca do jardim, estava o invasor, o ladrão, lá, escalando o parapeito da ponte — um homem em roupas cinzas de prisioneiro; como um bloco de pedra cinza ele se agarrava lá. E não se movia. Com as mãos esticadas à sua frente, ela pisou na ponte, deixou o cobertor cair, seu camisão tremulava ao vento, e assim ela avançou em direção ao homem imóvel. Mas seja porque os outros na cozinha por fim perceberam que saíra, seja porque foram arrastados por uma cadeia mágica atrás dela, o jardineiro apareceu, seguido pela criada, seguida pela cozinheira, seguida pela esposa do jardineiro, e, embora com vozes fracas e abafadas, eles chamaram por sua senhora. Sem dúvida, foi a estranheza dessa procissão, liderada pela mulher de branco, vestida como um fantasma, que fez o cabelo do ladrão se arrepiar e o paralisou tão completamente que mal conseguia balançar a perna de volta na cerca. E quando fez isso, olhou por mais um tempo para a aparição espectral, e então correu dali e desapareceu na escuridão. Nesse entremeio, Hanna continuava seu caminho, e quando chegou à cerca, esticou as mãos entre as grades como se estivesse acenando adeus para alguém. Da cidade vinha o brilho do incêndio, mas as explosões cessaram e o feitiço estava quebrado. E até o vento parara. Ela caiu adormecida contra as grades da cerca e foi levada de volta para dentro da casa pelo jardineiro e pela cozinheira, que prepararam uma cama para ela na despensa ao lado da cozinha. (Na despensa ao lado da cozinha, Hanna Wendling sucumbiu no dia seguinte a um grave ataque de gripe pulmonar complicado por pneumonia).

Huguenau marchava de volta para casa. Em frente a uma casa, uma criança chorava, sem dúvida não tinha mais do que três anos. “Onde estará Marguerite?”, pensou ele. Pegou a criança, apontou para os belos fogos de artifício que brilhavam na praça do mercado e imitou o estalar e sibilar das chamas e o estrondo das vigas caindo, *sss, ssscht, schtchtchfrac*, até fazer a criança rir. Então ele a levou para dentro de casa e informou à mãe que não se deve deixar uma criança pequena na rua sem supervisão em tempos como aqueles.

Quando chegou em casa, apoiou o rifle na parede do corredor, como Esch tinha feito, e então abriu a escotilha e desceu para encontrar o major.

Desde que Esch saíra, o major não mudara de posição; ainda estava deitado sobre o monte de batatas, o bilhete entre os dedos, mas seus olhos azuis estavam abertos e fixos na chama da lâmpada da adega. Não desviou o olhar quando Huguenau entrou. Huguenau limpou a garganta e, como o major não deu sinal, sentiu-se ofendido. Não era hora de continuar uma briga infantil. Ele trouxe o banco que a Senhora Esch usava para descascar as batatas e, com uma reverência, sentou-se em frente ao major:

— Senhor major, eu posso entender, é claro, que o senhor tenha motivos para não querer me ver, mas isso já é coisa do passado, e, além disso, os acontecimentos acabaram me justificando, e eu não posso deixar de mencionar que o senhor me viu sob um foco bastante equivocado; não esqueça, senhor major, que fui vítima de uma intriga miserável, não se deve falar mal dos mortos, mas apenas pense no desprezo com que aquele pastor hipócrita me tratou desde o início, senhor major. E nunca uma palavra de agradecimento! O senhor major já me deu uma palavra de reconhecimento por todas as festas que organizei em homenagem ao senhor? Não, nunca mais do que “eu agradeço”... Mas, de resto: mantenha sua distância e eu mantereí a minha. Mas eu não quero ser injusto. Uma vez o senhor major me deu a mão de forma bastante espontânea, na ocasião em que inauguramos o Bismarck de Ferro: o senhor vê, senhor major, que eu guardei na memória cada ato de bondade que o senhor me mostrou, mas mesmo então os lábios do senhor major tinham uma expressão irônica. Se o senhor soubesse como eu odiava quando Esch fazia aquela expressão! Eu sempre ficava de fora, se me é permitido dizer. E por quê? Simplesmente porque eu não pertencia à cidade desde o início... Um estrangeiro, por assim dizer, um intruso, como Esch tão gentilmente colocava. Isso não era motivo para zombar de mim e me deixar de lado; eu sempre tinha que me diminuir, essa era outra expressão dele — eu sempre tinha que me diminuir, para que o nosso reverendo pastor pudesse crescer e se vangloriar diante do senhor major. Eu entendi perfeitamente isso, e o senhor major pode ter certeza de que

isso magoa os sentimentos de um homem; e também as insinuações que o senhor costumava fazer sobre “maldade”, todas apontando para mim, ah sim, eu também entendi muito bem essas insinuações. Só tente se lembrar, senhor major, de uma noite inteira em que o senhor falou sobre maldade. Não é de se admirar se um homem que ouve tais coisas acabe se tornando realmente mau. Eu admito também que os fatos pareciam apoiar isso, e que o senhor major talvez hoje me chamasse de chantagista ou assassino. E ainda assim é apenas uma questão de aparência, na realidade é tudo muito diferente, só não se pode expressar exatamente, por assim dizer. Além disso, parece que o senhor major não tem o menor interesse em saber o que realmente é. Sim, senhor major, também falou muito sobre amor naquela noite, e desde então Esch não parou de falar sobre amor — o discurso dele sempre me deu náuseas, de qualquer forma, mas quando se fala constantemente de amor, pelo menos se deveria tentar entender o próximo. Ah, senhor major, eu sei, é claro, que não posso pedir tanto, um homem na posição do senhor major nunca se permitirá ter tais sentimentos por um homem como eu, afinal de contas, nada mais que um desertor comum, embora eu gostaria de poder dizer que Esch não era muito melhor do que eu... Eu não sei se o senhor major entende bem o que quero dizer, mas peço ao senhor major que tenha paciência...

Polindo seus óculos, olhou para o major, que ainda não emitira nenhum som nem movimento:

— Eu peço ao senhor major, com toda a urgência, para não imaginar que estou mantendo o senhor prisioneiro neste porão para obrigá-lo a me ouvir; coisas terríveis estão acontecendo lá fora na cidade, e se o senhor major sáísse, seria enforcado em um poste de luz. O senhor major poderá se convencer disso amanhã com seus próprios olhos; pelo amor de Deus, confie em mim pelo menos uma vez...

Assim falou Huguenau para o boneco vivo e imóvel, até que por fim percebeu que o major não o ouvia. Mas ainda assim não queria acreditar naquilo:

— Peço desculpas, o senhor major está exausto e aqui estou eu falando. Vou buscar algo para comer.

Ele subiu às pressas. A Senhora Esch estava encolhida em uma das cadeiras da cozinha, soluçando, seu corpo tremendo convulsivamente. Quando entrou, ela se levantou assustada:

— Onde está meu marido?

— Ele está bem; vai chegar em breve. Tem algo para comer? Eu preciso disso para um ferido.

— Meu marido está ferido?

— Não! Eu disse que ele vai chegar em breve. Dê-me algo para

comer. Poderia fazer uma omelete? Não, isso levaria muito tempo...

Ele foi para a sala de estar; havia um prato com uma fatia de linguiça na mesa. Sem perguntar, ele a pegou e a colocou entre duas fatias de pão. A Senhora Esch o seguiu e, com a voz estridente de ansiedade, gritou:

— Deixe isso, isso é para o meu marido.

Huguenau teve a sensação desconfortável de que não se deve tirar nada dos mortos; talvez também desse azar ao major se ele comesse a comida dos mortos. Além disso, linguiça não era o tipo de comida adequada de qualquer forma. Refletiu por um momento:

— Certo, mas a senhora sem dúvida deve ter algum leite... sempre tem leite em casa.

Sim, ela tinha leite. Ele encheu um jarro de leite e o levou com cuidado para o porão.

— Senhor major, aqui está o leite, delicioso e fresco! — gritou com uma voz animada.

O major não se mexeu. Obviamente, leite também não era a coisa adequada; Huguenau ficou irritado com seu erro: talvez devesse ter trazido vinho para ele? Isso o teria animado e fortalecido... Ainda parece estar muito fraco... Bem, vamos tentar mesmo assim! E Huguenau se inclinou, levantou a cabeça do velho, que permitiu sem vontade nem resistência e até obedientemente abrir-se os lábios quando Huguenau colocou o bico do jarro de leite neles. E quando o major aceitou e engoliu o leite que escorria lentamente, Huguenau se sentiu feliz. Correu para cima para buscar outro jarro; na porta, olhou para trás, viu que o major tinha virado a cabeça para ver para onde estava indo e, assentindo de volta gentilmente, acenou com a mão:

— Estarei de volta logo.

E quando desceu de novo, o major ainda estava olhando para a porta do porão e o cumprimentou com um sorriso. Na verdade, era mais como uma risadinha. Bebeu apenas mais algumas gotas. Segurando Huguenau pelo dedo, adormeceu.

Com o dedo na mão do major, Huguenau ficou sentado. Leu o bilhete que ainda estava sobre o peito do major e colocou esta prova no bolso. Claro que não precisaria dela, pois se encontrasse uma situação difícil, diria de qualquer forma que o major tinha sido entregue a ele por Esch: mesmo assim, é melhor garantir. De tempos em tempos, tentava com cautela liberar o dedo, mas então o major acordava, sorria vagamente e, sem soltar o dedo, adormecia de novo. O banquinho era muito duro e desconfortável. Assim passaram o resto da noite.

•

Ao amanhecer, Huguenau conseguiu se libertar. Não é brincadeira passar a noite toda em um banquinho. Saiu para a rua. Ainda estava

escuro. A cidade parecia tranquila. Ele foi para a praça do mercado. A prefeitura, reduzida a cinzas, fumegava. O exército e os bombeiros colocaram sentinelas ao redor. Dois prédios na praça do mercado também tinham sido atingidos pelo fogo, e móveis estavam confusamente empilhados em frente. De vez em quando, a mangueira era acionada de novo para apagar algum novo foco de incêndio. Huguenau notou que homens vestidos com uniforme de presidiário também ajudavam no trabalho da mangueira e participavam ativamente na limpeza. Falou com um homem que, como ele, usava uma braçadeira verde, e perguntou o que acontecera desde a noite anterior, pois ele mesmo estava ocupado em outro lugar. O homem ficou contente em falar e disse que o desabamento da prefeitura realmente encerrou todo o incidente. Depois disso, todos ficaram em volta do fogo parecendo bastante bobos, amigos e inimigos, e tiveram muito trabalho para salvar as casas vizinhas. Alguns bandidos, é verdade, tentaram invadir as casas, mas quando seus próprios camaradas ouviram as mulheres gritando, sobrepujaram os saqueadores. Um ou dois deles até levaram pancadas na cabeça, mas isso foi até bom, pois depois disso ninguém mais pensou em saquear. Há poucos minutos, os feridos foram levados para o hospital — já estava na hora, pois seus gritos e gemidos eram quase insuportáveis. Claro que as autoridades em Trier foram contatadas imediatamente, mas também houve caos e tumultos lá, naturalmente, e dois carros de soldados só chegaram tarde demais, quando tudo já havia acabado. Também se dizia que o comandante da cidade estava desaparecido... Huguenau respondeu que não havia necessidade de se preocupar com o comandante, pois ele mesmo o tinha sob custódia segura; e o major também estava em apuros; realmente merecia uma medalha de salvamento, pois o velho estava sendo bem cuidado e, como dissera, completamente seguro. Ele levantou os dedos para o chapéu em continência, virou-se pelo mesmo caminho que viera e partiu em trote para o hospital. O amanhecer já estava chegando. Kuhlenbeck não foi fácil de encontrar de imediato, mas logo apareceu, e quando avistou Huguenau, gritou-lhe:

— O que quer aqui, palhaço?

Huguenau fez a expressão mais ofendida que pôde:

— Dr. Kuhlenbeck, tenho que informar que o Senhor Esch e eu tivemos que esconder o comandante da cidade, gravemente ferido, em nossas instalações durante a noite toda... poderia por favor dar instruções para que seja removido imediatamente?

Kuhlenbeck correu para a porta:

— Dr. Flurschütz — gritou pelo corredor. Flurschütz veio. — Pegue um carro... os carros já estão de volta, não estão?... e vá com dois enfermeiros para o celeiro do jornal... sabe onde é, suponho... aliás —

e resmungou para Huguenau —, o senhor vai com eles. — Então pareceu se acalmar, até deu a mão para Huguenau e disse: — Venha, foi muito gentil da parte dos senhores cuidarem dele...

Quando chegaram ao porão, o major ainda estava dormindo pacificamente em seu monte de batatas, e ainda dormindo foi levado para fora. Nesse entretempo, Huguenau correu para o escritório editorial. Não havia muito dinheiro em espécie no lugar, era verdade, apenas o dinheiro do caixa e alguns selos; o resto carregava consigo, exceto o que havia enviado para Colônia e depositado no banco; contudo, seria uma pena deixar os selos... nunca se sabia o que poderia acontecer... talvez houvesse mais saques! Quando voltou, o major já estava instalado no carro, algumas pessoas estavam em volta perguntando o que acontecera, e Flurschütz se preparava para sair. Foi como um golpe na cabeça para Huguenau; estavam prestes a levar o major embora sem ele. E de repente viu claramente que ele próprio não podia, em nenhuma circunstância, ficar para trás, não tinha o menor desejo de estar presente quando o corpo de Esch fosse trazido para casa.

— Espere por mim, estou indo logo, doutor — gritou —, logo!

— Como? Quer vir conosco, Senhor Huguenau?

— Mas é claro! Tenho que dar meu relatório sobre toda a situação... só um minuto, por favor.

Subiu correndo. A Senhora Esch estava ajoelhada na cozinha, rezando. Quando Huguenau apareceu à porta, ela se aproximou dele, ainda de joelhos. Mas ele não ouviu seus apelos, passou por ela e entrou em seu quarto, pegou o que podia de suas posses — e não eram muitas —, colocou tudo em sua mala de fibra, sentou-se em cima para que a trava fechasse, e então correu de volta.

— Pronto — gritou para o motorista, e partiram.

No hospital, Kuhlenbeck estava parado em frente à porta, com o relógio na mão:

— Ora, o que há com ele?

Flurschütz, que saiu primeiro, olhou para o major com seus olhos um pouco inflamados:

— Talvez uma concussão... talvez algo mais sério...

Kuhlenbeck disse:

— Este lugar já é um verdadeiro hospício... e se chama de hospital... Bem, vamos ver...

O major, que durante a viagem começou a piscar para o céu pálido da manhã, já estava completamente acordado. Quando o tiraram do carro, ficou agitado; debatia-se, e era óbvio que estava procurando por algo. Kuhlenbeck se aproximou e se inclinou sobre ele:

— Ora, que maneira bonita de se comportar, senhor major!

Mas então o major ficou furioso. Seja porque reconheceu Kuhlénbeck, seja porque não o reconheceu, ele o agarrou pela barba, puxou com força, rangendo os dentes, e só com dificuldade pôde ser controlado. Mas ele se tornou imediatamente pacífico e dócil assim que Huguenau se aproximou da maca. Ele segurou o dedo de Huguenau de novo, Huguenau teve que caminhar ao lado da maca, e só se submeteu ao exame enquanto Huguenau estava ao seu lado. Kuhlénbeck, no entanto, interrompeu o exame muito em breve:

— Não tem sentido — disse ele —, vamos aplicar uma injeção e então teremos que mandá-lo embora... este lugar terá que ser evacuado de qualquer maneira... então mandem-no para Colônia o mais rápido possível... mas como? Eu não posso dispensar ninguém aqui, a ordem de evacuação pode chegar a qualquer momento...

Huguenau avançou:

— Talvez eu possa levar o senhor major para Colônia... como um enfermeiro voluntário, se me é permitido dizer assim... os senhores podem ver por si mesmos que o senhor major está satisfeito com meus cuidados.

Kuhlénbeck refletiu:

— Com o trem da tarde?... não, isso é muito incerto...

Flurschütz teve uma ideia:

— Mas deve haver um caminhão indo para Colônia hoje... não poderíamos arranjar de alguma forma que ele o leve?

— Hoje qualquer coisa pode ser arranjada — disse Kuhlénbeck.

— Então posso pedir permissão para ir a Colônia? — disse Huguenau. E assim aconteceu que Huguenau, munido de documentos militares autênticos, com uma braçadeira da Cruz Vermelha no braço, que conseguira com a enfermeira Mathilde, recebeu a custódia oficial do major e o conduziu para Colônia. Eles arrumaram a maca no caminhão, Huguenau sentou-se ao lado dela em sua maleta de fibra, e o major segurou sua mão e não a soltou mais. Depois de um tempo, Huguenau também foi vencido pelo cansaço. Acomodou-se da melhor forma possível ao lado da maca, empurrou sua maleta sob a cabeça e, lado a lado, de mãos dadas, dormiram como dois amigos. E assim chegaram a Colônia. Huguenau entregou o major no hospital conforme as ordens, esperou pacientemente ao seu lado até que uma injeção banisse todo o perigo de uma nova crise, e então conseguiu escapar. Das autoridades do hospital, conseguiu um bilhete militar para voltar para sua casa em Colmar, depois retirou o restante do saldo creditado ao *Correio do Eleitorado de Trier* no banco, e no dia seguinte partiu. Sua odisseia de guerra, suas lindas férias, tinham acabado. Era 5 de novembro.

A história da garota do Exército de Salvação em Berlim (16)

Quem pode estar mais leve do que um doente? Nada o obriga a enfrentar a luta pela vida, até tem a liberdade de morrer se quiser. Não é obrigado a tirar conclusões indutivas dos acontecimentos do dia para orientar seu comportamento; pode permanecer envolto no casulo de seus próprios pensamentos, envolto na autonomia de seu próprio conhecimento, tem liberdade para pensar de forma dedutiva, para pensar teologicamente. Quem pode ser mais feliz do que aquele que tem a liberdade de pensar em sua própria religião? Às vezes saio sozinho. Ando devagar, com as mãos nos bolsos, e olho nos rostos dos transeuntes. São rostos finitos, mas muitas vezes, na verdade sempre, consigo descobrir o infinito por trás deles. Estas são, por assim dizer, minhas escapadas indutivas. O fato de que durante essas incursões errantes, que sem dúvida nunca me levam muito longe — só uma vez cheguei até Schöneberg, e isso me deixou muito cansado —, nunca encontrei Marie, cujo rosto entre tantos nunca emergiu. Que ela tenha desaparecido completamente, isso sequer me decepciona, pois os tempos são incertos, e ela sempre esperava ser enviada para um serviço missionário no exterior. Sinto-me bastante feliz assim sem ela. Os dias ficaram curtos. E como a corrente elétrica é cara e um homem envolto no casulo de sua própria autonomia pode facilmente dispensar a luz, tenho longas noites. Nuchem muitas vezes senta comigo. Senta-se na escuridão e fala pouco. Seus pensamentos, sem dúvida, estão com Marie, mas ele nunca a mencionou.

Uma vez ele disse:

— A guerra vai dar uma trégua.

— De fato — respondi.

— Então haverá uma revolução — continuou.

Eu vi uma oportunidade de atacá-lo:

— Aí, vão acabar com a religião.

Ouvi-o rir silenciosamente na escuridão:

— É o que está dito nos seus livros?

— Hegel diz: é o amor infinito que faz com que Deus se identifique com o que lhe é estranho para aniquilá-lo. Isso é o que Hegel diz... E então a religião absoluta virá.

Ele riu de novo, uma sombra vaga na escuridão:
— A Lei permanece — disse.
Sua obstinação era inabalável. Eu disse:
— Sim, sim, eu sei, você é o judeu eterno.
Ele disse baixinho:
— Agora vamos voltar para Jerusalém.
Eu já havia falado demais de qualquer maneira e deixei o assunto por isso mesmo.

LXXXVII

A ampla quilha da nau, cuja silente errância
Cava sulcos em cada vaga enevoadada
E sem as margens, quebra à infinita distância.
Ah, Mar de Sono, que já nos envolve em nada!
Sonho pleno em cegueira e despido de foz!
Sonho que busca outro eu naquele barco antigo.
Ó terrível querer! Sem margens e sem voz,
Quebra na lei da qual recebera castigo:
Sonho algum conhecera o sonho de outro alguém.
Em solidão, é a noite que tem resguardado
Esse suspiro que nossa esperança tem
De transformarmos em melhor exemplo, alçado
Pelo fulgor da Graça ao sumo patamar;
Nos aproximaremos, mas sem nos matar.

LXXXVIII

A decadência dos valores (10)

Epílogo

Tudo estava bem.

E Huguenau, munido de um legítimo documento militar, retornou gratuitamente à sua terra natal em Colmar.

Teria ele cometido um assassinato? Teria realizado um ato revolucionário? Ele não precisava refletir a respeito disso, e também não o fez. Mas, se o tivesse feito, poderia simplesmente dizer que sua conduta havia sido bastante razoável e que qualquer um dos notáveis da cidade, entre os quais, afinal de contas, tinha o direito de se incluir, teria agido da mesma forma. Pois havia uma linha firme de demarcação entre o que era razoável e o que era irrazoável, entre realidade e irrealidade, e Huguenau teria concedido no máximo que, em tempos menos aguerridos ou menos revolucionários, teria deixado o ato não realizado, o que teria sido uma pena. E talvez tivesse acrescentado de maneira conscienciosa:

— Tudo tem seu tempo.

Mas a oportunidade não surgiu, porque nunca pensou naquele ato, nem nunca mais pensaria nele.

Huguenau não pensava no que fizera, e muito menos reconhecia a irracionalidade que permeava suas ações, uma irracionalidade tão intensa que se poderia dizer que o irracional transbordara. O ser humano nunca sabe nada da irracionalidade que informa suas ações silenciosas; não sabe nada da “invasão de baixo” à qual está sujeito — não pode saber nada sobre isso, já que a cada momento é governado por algum sistema de valores que não tem outro objetivo senão ocultar e controlar toda a irracionalidade sobre a qual sua vida empírica, ligada à Terra, fundamenta-se. O irracional, assim como a consciência, é, no sentido kantiano, um veículo que acompanha todas as categorias — é o absoluto da Vida, correndo paralelamente, com todos os seus instintos, volições e emoções, ao outro absoluto do Pensamento: o irracional não só sustenta todo sistema de valores — pois o ato espontâneo de postular um valor, sobre o qual o sistema de valores se funda, é um ato irracional —, mas também informa todo o sentimento geral de cada era, o sentimento que assegura a prevalência do sistema de valores, e que tanto em sua origem quanto em sua natureza não é suscetível a evidências racionais. E o poderoso aparato de interpretação cognitiva que é erguido ao redor de todos os fatos atômicos para tornar seu conteúdo plausível tem a mesma função que aquele outro e não menos poderoso aparato de interpretação ética que torna a conduta humana plausível. Ambos consistem em pontes lançadas pela razão, cruzando e recruzando em diferentes níveis, com o único propósito de conduzir a existência terrena para fora de sua irracionalidade essencial, para fora do “mal”, por meio de um significado superior e “razoável” em direção daquele valor metafísico último que, por sua estrutura dedutiva, ajuda o homem a atribuir uma relevância adequada a suas próprias ações, a todas as coisas e ao mundo, mas ao mesmo tempo permite que ele se encontre de novo para que sua visão não seja errática nem transitória. Em circunstâncias

como essas, não é surpreendente que Huguenuau não soubesse nada de sua própria irracionalidade.

Todo sistema de valores surge de impulsos irracionais, e transformar essas relações irracionais e eticamente inválidas com o mundo em algo absolutamente racional torna-se o objetivo de todo sistema de valores superpessoal — uma tarefa essencial e radical de “formação”. E todo sistema de valores fracassa nessa tentativa. Pois o único método que o racional pode seguir é o da aproximação, um método de circunvalação que busca alcançar o irracional descrevendo arcos cada vez menores ao seu redor, mas sem nunca o alcançar de fato, seja o irracional aparecendo como uma irracionalidade dos sentimentos internos, uma inconsciência do que está sendo vivido e experimentado, ou como uma irracionalidade das condições do mundo e da natureza infinitamente complexa do universo — tudo o que o racional pode fazer é atomizá-lo. E quando as pessoas dizem que “um homem sem sentimentos não é homem algum”, elas o dizem a partir de alguma percepção da verdade de que nenhum sistema de valores pode existir sem um resíduo irreduzível do irracional que preserva o próprio racional de uma autonomia literalmente suicida, de uma “super-racionalidade” que é, se possível, ainda mais condenável, ainda mais “malévola” e “pecaminosa” do ponto de vista do sistema de valores, do que o irracional: pois, em contraste com o irracional plástico, a pura Razão, surgida através da dialética e da dedução, torna-se fundamentada e incapaz de uma formação adicional quando se torna autônoma, e essa rigidez anula sua própria lógica e a leva contra seu limite lógico de infinitude — quando a razão se torna autônoma, ela é assim radicalmente malévola, pois ao anular a lógica do sistema de valores ela destrói o próprio sistema; ela inaugura a desintegração do sistema e seu colapso final.

Para todo sistema de valores há um estágio no desenvolvimento em que a interpenetração mútua do racional e do irracional atinge seu máximo, uma espécie de estado saturado de equilíbrio, no qual os elementos do mal de ambos os lados se tornam ineficazes, invisíveis e inofensivos — e estes são os tempos de realização culminante e de perfeição do estilo! Pois o estilo de uma época poderia quase ser definido em termos dessa interpenetração: quando tal estágio de realização culminante é alcançado, o racional pode penetrar por inúmeros poros na vida, mas permanece subjugado à vida e à vontade central de valor; e o irracional pode fluir por inúmeras veias do sistema de valores, mas é como se fosse canalizado, e até em suas ramificações mais minuciosas serve e assiste à vontade central de valor. O irracional por si só não tem estilo, o racional por si só não tem estilo, ou melhor, ambos são libertados do estilo, um na liberdade da natureza, o outro na liberdade da matemática; mas, quando são

combinados, quando mutuamente se restringem, o resultado desta vida irracional restrita e racional é o fenômeno que pode ser descrito como o estilo peculiar de um sistema de valores.

Mas este estado de equilíbrio nunca é permanente: é apenas uma fase transitória. A lógica dos fatos conduz o racional para o super-racional, e o super-racional para seus limites; ela inicia o processo de desintegração, a fragmentação do sistema de valores em sistemas parciais, um processo que termina em dissociação completa, com a Razão livre e autônoma por um lado, e a Vida livre e autônoma por outro. Por um tempo, é claro, os sistemas parciais ainda são penetrados pela razão e até mesmo conduzidos pela razão para sua própria autonomia independente, até os limites de sua própria infinitude autônoma; mas o jogo da razão dentro de um sistema parcial é restrito ao seu ambiente imediato. Assim, surge uma maneira específica de pensamento comercial, ou uma maneira específica de pensamento militar, cada uma das quais se esforça em direção a um absoluto implacável e consistente, cada uma das quais constrói um esquema dedutivo de plausibilidade para si, cada uma das quais tem sua “teologia”, ou sua “teologia privada”, se assim se pode chamar — e o grau de sucesso alcançado por tal teologia militar ou comercial em construir um *organon* específico e diminuído é precisamente determinado pela proporção de elementos irracionais que foram retidos em seu sistema parcial: pois os sistemas parciais também são reflexos do Eu e do sistema total, e eles também passam ou se esforçam em direção a uma fase de equilíbrio que lhes confere estilo, de modo que é possível falar de um estilo de vida militar ou comercial. No entanto, quanto menor o sistema se torna, menor é seu poder de expansão ética e sua vontade ética, mais endurecido e indiferente ele se torna ao mal, ao super-racional e ao irracional que ainda está vivo dentro dele, menor é o número de forças à sua disposição e maior é o número daqueles aos quais ele é indiferente, relegando-os ao indivíduo como seu assunto privado: quanto mais avança a fragmentação do sistema total, mais a razão no mundo se torna desvinculada, mais visível e eficaz se torna o irracional. O sistema total de uma religião torna o mundo que ela domina um mundo racional, e da mesma forma a soberania independente da razão deve libertar tudo o que é irracional e mudo.

A última unidade indivisível na desintegração dos valores é o indivíduo humano. E quanto menos esse indivíduo participa de algum sistema autoritário, e quanto mais ele é deixado à sua própria autonomia empírica — nesse aspecto, também herdeiro do Renascimento e do individualismo que ele anunciava — mais estreita e modesta se torna sua “teologia privada”, mais incapaz ela se torna de compreender quaisquer valores além de seu ambiente imediato e

mais pessoal: tudo o que vem de além dos limites de seu círculo estreito só pode ser aceito de forma crua e indigesta, em outras palavras, aceito como dogma — e assim surge aquele jogo vazio e dogmático de convenções, ou seja, de super-racionalidades reduzidas às menores dimensões, que é típico do filisteu médio (um termo que, inegavelmente, se aplica a Huguenau), um jogo de interação não conflitante entre uma vitalidade viva afundada no irracional e a forma vazia de uma super-racionalidade que funciona no vácuo e serve apenas ao irracional; ambos descontrolados e sem estilo, associados em uma incongruência que é incapaz de criar qualquer valor adicional. O homem que está assim fora dos limites de toda combinação de valores, e se tornou o representante exclusivo de um valor individual, é metafisicamente um excluído, pois sua autonomia pressupõe a resolução e a desintegração de todo o sistema em seus elementos individuais. Tal homem é liberado de valores e de estilo, e só pode ser influenciado pelo irracional.

Huguenau, um homem libertado de valores, era ainda assim membro do sistema comercial; era um homem que tinha boa reputação nos círculos comerciais provinciais; era um agente consciente e prudente, e sempre cumpriu seus deveres comerciais integral e completamente, mesmo com essencial radicalidade. Seu assassinato de Esch, além disso, embora dificilmente se enquadrasse no âmbito de seus deveres como homem de negócios, não era uma violação do código comercial. Tinha sido uma espécie de ato de lazer, cometido em um momento em que até mesmo o sistema de valores comercial estava temporariamente suspenso e apenas motivos individuais permaneciam. Por outro lado, estava completamente de acordo com a ética comercial, à qual Huguenau já voltara, quando, considerando a depreciação do marco após a conclusão da paz, ele dirigiu a seguinte carta à Senhora Gertrud Esch.

Prezada senhora,

Esperando que esta carta a encontre bem, assim como me encontro atualmente, aproveito a oportunidade para lembrá-la de que, de acordo com nosso contrato de 14/05/1918, estou no controle de 90% das ações do *Correio do Eleitorado de Trier*, incluindo, para ser preciso, 30% pertencentes a vários cavalheiros da cidade, dos quais tenho a honra de representar, de modo que sem meu conhecimento e consentimento, o negócio não pode ser conduzido nem qualquer novo compromisso assumido, e devo responsabilizá-la e a esses cavalheiros totalmente e completamente por todas as possíveis perdas decorrentes de qualquer violação de meus direitos. Se a senhora

e esses cavalheiros, no entanto, estiverem continuando a publicar o jornal, devo pedir-lhe imediatamente que remeta um extrato de contas e os lucros auferidos ao meu grupo de acionistas, correspondendo a 60% do total (ver contrato § 3), e reservo-me cortesmente o direito de tomar medidas adicionais.

Por outro lado, com minha lealdade costumeira, da qual a senhora já está ciente, admito francamente que a força maior do colapso da guerra me impediu de remeter no momento adequado as duas parcelas restantes devidas por mim em nome do meu grupo, totalizando 13.400 marcos, dos quais 8.000 marcos cabem à senhora como herdeira do falecido Senhor August Esch. Com a mesma franqueza, no entanto, devo salientar que a senhora, como deve admitir, negligenciou enviar-me, como gerente do negócio, um título de cobrança devidamente registrado solicitando o pagamento dessas parcelas antes de uma data devidamente fixada, de modo que agora, caso a senhora apresente o referido título de cobrança, estou apenas obrigado a pagar-lhe essa quantia mais juros diferidos para resolver todas as reivindicações legais entre nós.

Mas como estou ansioso para evitar qualquer disputa em tribunal com a amável esposa de meu falecido e respeitado amigo Senhor August Esch, mesmo que a propriedade em questão esteja em território ocupado e minha nacionalidade francesa me dê a maior vantagem em tal disputa, e como prefiro ter as coisas resolvidas de imediato, peço-lhe que compensem nosso assunto por acordo mútuo, o que seria totalmente a seu favor, considerando a posição legal.

A maneira mais simples de fazer isso seria a senhora recomprar de mim, agindo em nome do meu grupo, nossos 60% de ações no negócio, e estou pronto para vendê-las nas condições mais favoráveis; e, sem prejuízo, a menos que eu possa dispor delas enquanto isso em termos melhores, ofereço-as à senhora pela metade do preço original, calculado em francos à paridade. O preço total era de 13.400 marcos — à paridade cerca de 16.000 francos —, de modo que estou oferecendo termos excepcionalmente favoráveis se eu as oferecer por 8.000 francos (oito mil francos franceses), com o lembrete de que não levei em consideração de modo algum nem as somas de dinheiro que gastei particularmente no negócio, nem minhas despesas atuais, nem o tempo e o trabalho que sacrifiquei em seu benefício,

embora isso sozinho tenha aumentado o valor do negócio para muito mais do que quando o assumi. E ao adotar essa atitude generosa e oferecer-lhe termos excepcionalmente favoráveis, meu único motivo é facilitar as coisas para a senhora e chegar a um acordo conveniente, tanto mais que a senhora pode facilmente levantar o dinheiro através de uma hipoteca em sua propriedade, se não tiver à mão.

Por fim, permito-me salientar que com os 60% de ações do meu grupo, somados aos seus próprios 10% existentes, a senhora terá uma maioria esmagadora de 70% sob seu controle, com a qual pode facilmente eliminar o outro grupo minoritário, e estou convencido de que logo se tornará a única proprietária de um negócio próspero, e a este respeito não posso deixar de acrescentar que o departamento de publicidade, depois do modo como me orgulho de tê-lo organizado, é uma mina de ouro em si mesmo, e que me coloco com prazer à sua disposição para ajudá-la ainda mais com ele, por palavra e ação.

Nessas circunstâncias, a senhora pode ver claramente que estou sacrificando meus próprios interesses ao fazer-lhe esta oferta, apenas porque seria difícil para mim administrar o jornal daqui, mas estou convencido de que poderia obter uma oferta consideravelmente melhor de outros clientes, o que não redundaria em seu benefício, e por isso peço que me envie uma resposta afirmativa dentro de 14 dias, sob pena de eu colocar o assunto nas mãos dos meus advogados.

Na agradável convicção de que a senhora apreciará minha proposta amigável e generosa, para que possamos chegar a um acordo completo e definitivo, permito-me informar também que os negócios em nosso distrito são extremamente satisfatórios e que estou indo muito bem, e assino

Respeitosamente,

Wilh. Huguenau

em nome de André Huguenau

Raccommandé

Essa foi uma ação repugnante e opressiva, mas para Huguenau não parecia assim. Não violava nem sua teologia privada nem a do sistema de valores comerciais. Na verdade, nenhum dos concidadãos de Huguenau teria feito objeção, pois nenhuma exceção poderia ser tomada à carta por motivos legais ou comerciais, e até mesmo a

Senhora Esch aceitou seu caráter legal como uma fatalidade à qual ela poderia se submeter com melhor graça do que a uma confiscação pelos comunistas, por exemplo. Huguenau mesmo lamentou depois que ele tinha sido tão desnecessariamente modesto em suas demandas — a metade do que lhe tinha custado! —, só que nunca se deve apertar demais o parafuso, e os 8.000 francos, quando realmente chegaram, foram uma contribuição muito bem-vinda para a empresa em Colmar, e mais do que isso: foram a liquidação definitiva de suas aventuras de guerra, o selo definitivo colocado em seu retorno ao lar, e talvez, embora apenas talvez, isso lhe tenha dado uma pontada de tristeza. Agora suas férias tinham acabado definitivamente. E na medida em que a vida humana, seguindo seu curso insignificante, pode ser dito que contém algo digno de comentário, nada do tipo ocorreu durante o resto da vida de Huguenau. Ele havia assumido o negócio de seu pai e o conduzia no espírito de seus antepassados, com solidez e visando ao lucro. E como a vida de solteiro não é vida para um homem de negócios próspero, e a tradição de sua família, que havia determinado sua própria existência, exigia que ele se casasse com uma mulher digna, tanto para ter filhos quanto porque seu dote poderia ser usado para consolidar o negócio familiar, ele começou a tomar as medidas necessárias para isso. E como o franco, entretanto, começara a desvalorizar, enquanto os alemães haviam estabelecido uma moeda de ouro, o marco, era apenas natural e não entrava em discussão que ele deveria procurar sua noiva na margem direita do Reno. E como foi em Nassau que ele eventualmente encontrou uma moça com um dote adequado, e Nassau é uma região protestante, não foi surpreendente que o amor e a vantagem financeira combinados devessem persuadir um livre-pensador a mudar de religião, e como a noiva e sua família eram estúpidas o suficiente para dar peso à questão, ele adotou a crença protestante para agradá-los. Quando um ou outro de seus concidadãos balançava a cabeça desaprovando tal passo, Huguenau, o livre-pensador, apontava que era uma formalidade sem sentido; e, como se para enfatizar o fato, votou, apesar de seu protestantismo, no Partido Católico quando este fez uma aliança política no ano de 1926 com os comunistas. E como os alsacianos, como a maioria dos alemães, são frequentemente pessoas excêntricas e muitos deles têm um parafuso solto em algum lugar, eles não se perguntaram por muito tempo sobre as excentricidades de Huguenau, que na verdade não eram excentricidades de todo, pois a vida de Huguenau fluía pacificamente entre sacos de café e fardos de pano, entre dormir e comer, entre negócios e jogos de cartas. Tornou-se pai de família, sua gordura elástica cresceu e com o tempo se tornou um pouco flácida; sua postura ereta, também, visivelmente degenerou em um andar desajeitado. Era cortês com seus clientes, e para seus

subordinados, um patrão rigoroso e um modelo de trabalho. Acordava cedo todas as manhãs, não se permitia férias, seus prazeres eram poucos e seus desfrutes estéticos, inexistentes ou desprezados; suas obrigações mal lhe deixavam tempo até para dar um passeio aos domingos com sua esposa e filhos, então como poderia visitar o museu? — não gostava de quadros mesmo. Ele subiu às honras municipais, seus pés estavam de novo no caminho do dever. Sua vida era a mesma vida que seus antepassados haviam levado por duzentos anos, e seu rosto era o rosto deles. Todos os Huguenaus se pareciam muito, gordos e complacentes e sérios em suas dobras de carne sólida, e era difícil suspeitar que um deles desenvolvesse uma expressão irônica e sarcástica. Mas se essa peculiaridade era resultado de sangue misturado, ou era apenas um capricho da natureza, ou marcava certa maturidade nesse descendente dos Huguenaus, uma maturidade que o desvinculava da árvore genealógica da família, é difícil determinar — e, de qualquer forma, não era considerado importante por ninguém, menos ainda por Huguenau. Muitas coisas haviam se tornado indiferentes para Huguenau, e sempre que suas aventuras de guerra vinham à mente, elas encolhiam cada vez mais, até que por fim tudo o que restava era uma única entrada de 8.000 francos, na qual elas estavam simbolizadas e que era seu balanço final; e tudo o que ele vivenciara naquela época desaparecia em uma mera silhueta, nos delicados meios-tons das cédulas bancárias francesas que Huguenau, o homem de negócios, havia manuseado desde então. A suave sombra cinza do sono onírico e prateado lançava um véu sobre tudo o que havia acontecido; tornava-se cada vez mais vago, mais sombrio, como se um vidro esfumado tivesse sido colocado diante dele, e no final ele não conseguia mais dizer se tinha vivido aquela vida ou se era um conto que alguém havia lhe contado.

Seria possível argumentar que todo esse obscurecimento e esquecimento representam apenas uma atitude de resignação, condicionada pelo sistema de valores burguês que fora restabelecido na região da Alsácia, incluindo Colmar, com a ajuda das vitoriosas baionetas francesas, enquanto o próprio país, lembrando-se dos séculos de injustiças que sofrera tanto da direita quanto da esquerda, como uma verdadeira terra de fronteira, estava imbuído de um espírito revolucionário; também dentro de Huguenau várias coisas revoltosas borbulhavam. Seria possível argumentar, de qualquer forma, que as forças irracionais liberadas não desejam mais se submeter a nenhum antigo sistema de valores e que, se forem coagidas a fazê-lo, inevitavelmente provocarão o estado de letargia tanto para a comunidade quanto para o indivíduo. E a questão surge sobre o destino das forças irracionais liberadas pelo colapso dos valores: elas são realmente apenas instrumentos de luta na disputa entre as

diferentes áreas de valores? Elas realmente se tornaram apenas meios de dilaceração mútua? Elas realmente se tornaram apenas assassinato? Quando o colapso dos valores avança até a última unidade de fragmentação, a uma luta entre um indivíduo e outro, essas forças de guerrilha devem inevitavelmente provocar uma dissensão geral, uma luta de todos contra todos?? Ou, limitando-se ao assunto de Huguenau: um sistema de valores parcial como o comercial, para o qual Huguenau havia retornado, pode ter uma capacidade de ligação forte o suficiente para reunir novamente as aspirações irracionais em um *organon* e direcionar a também dissociada vontade de valores para um objetivo, mesmo sem o apoio de baionetas e cassetetes policiais?

Epistemologicamente, no entanto, é uma pergunta inadmissível. Porque ela provoca afirmações sobre a essência do irracional, provocando, já com a denominação “forças”, uma interpretação mecanicista, uma metafísica antropomórfica e voluntarista — em suma, uma interpretação à qual o irracional se opõe por sua própria natureza, porque é a vida muda e irracional que, embora forneça o material para a “formação” racional de um conjunto de valores, apenas permite a constatação de sua existência anônima em seu estado primitivo de irracionalidade “informe”, não permitindo qualquer tipo de teorização. O sistema total, ordenado em um plano superior, ou seja, o sistema religioso, está plenamente consciente dessa situação. A Igreja conhece apenas um sistema de valores, o seu próprio, porque, de acordo com a sua origem platônica, só conhece uma verdade, só conhece um Logos: condicionada de forma absolutamente racional, não pode tolerar o que vai além da lógica e, desde o início, deve negar ao irracional e às suas hipotéticas “qualidades” o direito de existir, não só no que diz respeito à teoria do conhecimento, mas também no que diz respeito à ética. O irracional se torna simplesmente o bestial, e tudo o que pode ser dito sobre ele é que está lá e deve ser incluído na categoria do Mal. Do ponto de vista da teoria do conhecimento, o irracional só pode ser considerado um problema em relação à questão da possível existência do Mal dentro de um mundo criado por Deus, e a suposta capacidade do irracional de constituir um sistema só deve ser discutida em relação às possíveis formas de manifestação do Mal. Claro, estas são questões que a Igreja nunca ignorou e nunca poderá ignorar; a existência do Mal sempre fez parte das hipóteses da *ecclesia militans*, e, quando o processo de desintegração dos valores leva a uma manifestação contínua do Mal, então a Igreja é constantemente obrigada a se responsabilizar pela desintegração do Mal; em outras palavras, a Igreja é forçada a isolar o super-racional, onde reside a desintegração, e, separando-o de sua essência, incluí-lo com o irracional na categoria do Mal. Mas como, por um lado, é característico da Igreja, assim como de qualquer pessoa

individual, conhecer perfeitamente a “postulação das postulações” e, além disso, a Igreja sabe, talvez até mais claramente do que qualquer pessoa individual, que a condição indispensável para toda possível vivência é determinada, em qualquer forma fenomenológica, pela categoria de “valor”, e como, por outro lado, a Igreja deve considerar sua própria estrutura de valores como a única possível, ela nunca atribuirá ao Mal irracional qualquer tipo de forças criativas do sistema, mas sempre o associará à forma fenomenológica da imitação e só verá no Mal a imitação das formas de manifestação que lhe são próprias. É evidente que a Igreja não atribuirá ao Mal qualquer pensamento racional, mas apenas uma forma de pensamento oca e imitativa, um pensamento “vazio de verdade” (o Mal como ausência do Bem), um jogo super-racional, vazio e dogmático de convenções, uma “falsificação” desviada pelo irracional, que serve apenas ao irracional, corrompe a vontade ética e a confunde com um eco vazio de máximas morais; uma sofística que, em última análise, se expande para as dimensões de um sistema total e eleva o mal da mesquinhez ao nível da dignidade do Anticristo. Para a Igreja, quanto mais o Mal se estabelece no mundo, mais perfeita é a imitação de Cristo pelo Anticristo e mais ameaçador se torna o sistema de valores do Anticristo, que só pode ser um sistema total porque o sistema da Igreja já é um sistema total. O próprio Mal se torna indivisível e homogêneo, tão indivisível e homogêneo quanto a verdade que ele imita e à qual se opõe. Ao lado deste sistema total, os sistemas parciais perdem vitalidade, e o catolicismo atribui à expressão mais visível da desintegração dos valores, ou seja, o pensamento protestante, um significado especial entre os fenômenos do processo de desintegração, tornando-se o principal pensamento, o *leitmotiv* [motivo condutor], no processo funesto e irracional, embora o protestantismo e todos os outros sistemas parciais sejam vistos apenas como reflexos distorcidos do verdadeiro valor, estágios preliminares para o ameaçador sistema total do Anticristo que está por vir. Esta avaliação do protestantismo não só corresponde ao ponto de vista específico da Igreja, mas também tem fundamento em fatos objetivos, como, por exemplo, a notável afinidade entre o protestantismo e todos os outros sistemas parciais — seja o capitalista, seja o nacionalista ou qualquer outro sistema parcial, todos podem ser trazidos sob o mesmo denominador “revolucionário” anticatólico do protestantismo; isto é, do ponto de vista da Igreja, todos pertencem à categoria criminal na qual as forças destruidoras de valor e as irracionais da heresia se manifestam. E embora a Igreja muitas vezes faça concessões externas e, preferindo o mal menor ao maior, pareça tolerar este ou aquele movimento separatista, como um movimento nacionalista (por ser uma posição conservadora em relação às distorções radicais puramente

revolucionárias), ela nunca abandonará a severidade de sua atitude em relação ao problema fundamental de como alinhar as forças irracionais: para ela, significa Cristo ou Anticristo, significa um retorno ao seio da Igreja ou o fim do mundo na completa desintegração dos valores na luta de forças opostas.

Todo sistema parcial, considerado como um sistema de valores, deve imitar a estrutura do sistema total, quer seja como um reflexo simples desse ou sua perversão distorcida, e na medida em que os princípios originais do sistema se baseiam em princípios formais, eles devem ser reproduzidos e confirmados no sistema menor. No entanto, diferenças substantivas na interpretação desses princípios, diferenças que são inevitáveis porque nenhum sistema pode admitir que é “mal”, devem surgir de uma orientação diferente em relação ao irracional. A gênese lógica, a base lógica de todo sistema parcial o obriga a ser revolucionário: um movimento nacionalista, por exemplo, seguindo seu desenvolvimento lógico em direção a um absoluto, estabelece um *organon* no qual o Estado Nacional ocupa o lugar central de Deus, e ao relacionar todos os valores com a ideia de Estado, ao subordinar o indivíduo e sua liberdade espiritual ao poder do Estado, ele não apenas se encontra em uma posição revolucionária anticapitalista, mas é ainda mais rigidamente impelido em uma direção antirreligiosa e anticlerical que leva, por um caminho claro e inabalável, à dissolução revolucionária absoluta de valores, e, é claro, à supressão final do próprio sistema parcial. Se um sistema parcial, portanto, pretende garantir sua existência contínua nesse processo de dissolução, se pretende ser capaz de frear sua própria *Ratio* que o leva à extinção final, ele deve buscar refúgio em uma aliança com o irracional. Assim surge aquela notável ambiguidade que caracteriza todo sistema parcial, uma ambiguidade que equivale a uma desonestidade, epistemologicamente falando: por um lado, o sistema parcial adota a atitude de um sistema total em relação ao processo de dissolução em avanço e estigmatiza o irracional como rebelde e criminoso, enquanto, por outro lado, é compelido a distinguir entre a massa homogênea de irracionalidade e a maldade anônima de um grupo de forças irracionais “boas” que são necessárias para ajudá-lo a frear a dissolução adicional e a estabelecer sua própria reivindicação à sobrevivência. Toda revolução a meio-termo — e nesse sentido todos os sistemas parciais são revoluções a meio-termo — baseia-se em pressupostos irracionais, em sentimentos em massa, na dignidade de uma “inspiração irracional” que é explorada para desacreditar a lógica radical da revolução completa. Todo sistema parcial deve reconhecer expressamente um resíduo de irracionalidade “não formada”, que mantém, por assim dizer, como uma reserva privada isenta de razão, a fim de se manter estável no fluxo da dissolução de valores.

As revoluções são insurreições do Mal contra o Mal, insurreições do irracional contra o racional, insurreições do irracional sob a aparência de racionalidade extrema contra instituições racionais que, para defenderem-se complacentemente, apelam a um sentimento irracional: as revoluções são lutas entre irrealidade e irrealidade, entre tirania e tirania, e são inevitáveis uma vez que a libertação do super-racional arrasta consigo a libertação do irracional, uma vez que a desintegração dos valores tenha avançado até sua última unidade integral: o indivíduo — pois o indivíduo, isolado e autônomo, despojado de todos os preconceitos, está indefeso diante da invasão do irracional. Revolução é a ruptura do irracional, a ruptura do autônomo, a ruptura da vida, e o ser humano isolado, despojado de valores, é seu instrumento; e como o deserdado humano é o primeiro a sofrer os extremos da miséria e solidão humanas, o proletário, por exemplo, vitimado pela fome, ou o soldado nas trincheiras vitimado pelo fogo de artilharia intensivo, e como esses excluídos literais devem ser os primeiros a alcançar a liberdade de valores, eles devem também ser os primeiros a ouvir a voz do assassinato que abafa o silêncio do irracional com seu clangor, como ferro batendo sobre ferro. E é sempre o adepto do sistema de valores menor que mata o adepto do sistema maior que está se desintegrando; é sempre ele, infeliz desafortunado, que assume o papel de algoz no processo de desintegração dos valores, e, no dia em que as trombetas do juízo soam, é o homem liberto de todos os valores que se torna o algoz de um mundo que pronunciou sua própria sentença.

Huguenau cometera um assassinato. Depois, ele o esqueceu, não mais pensou nele, enquanto cada golpe comercial bem-sucedido que ele realizara (sua carta para a Senhora Esch!) permanecia fielmente impresso em sua memória. E isso era natural: apenas as ações que se encaixam no sistema de valores predominante permanecem vivas, e Huguenau havia voltado de novo ao sistema comercial. E da mesma forma, se as circunstâncias tivessem sido mais favoráveis, poderia ter se tornado um apoiador tão fervoroso da revolução quanto era do comércio, mesmo sendo herdeiro de um negócio familiar próspero. Pois o proletário que apoia uma revolução não é essencialmente o “revolucionário” que pensa ser; não há diferença, por exemplo, entre a multidão que exultava com o esquartejamento de Damiens, o homem que tentou assassinar um rei, e a multidão que se aglomerava trinta e cinco anos depois ao redor da guilhotina de um rei, Luís XVI — o revolucionário como figura independente não existe, é apenas o expoente de algo maior do que ele mesmo, o expoente neste caso do

espírito europeu. O homem individual pode estar imerso em uma vida filisteia, pode até mesmo estar moldado em um velho sistema parcial; como Huguenau, pode acabar no sistema comercial; ou pode se juntar a um movimento revolucionário preliminar ou à revolução definitiva; mas ainda assim, o espírito de desintegração positivista se espalha por todo o mundo ocidental, e sua expressão visível não se limita ao materialismo do proletariado russo, que é apenas uma variação do positivismo no qual toda a filosofia ocidental, na medida em que ainda pode ser chamada de filosofia, dissolveu-se. Comparadas a esta unidade maior, as dissensões sobre a distribuição da riqueza ficam em segundo plano, embora mesmo lá a distinção entre os métodos de organização americanizados e os métodos comunistas esteja se tornando cada vez menos perceptível: nossos padrões de pensamento estão se movendo com urgência crescente em direção a uma conclusão comum, uma conclusão que torna irrelevante se o selo deste ou daquele partido político estiver afixado a ela, já que toda sua significância, fundamentalmente falando, reside apenas no fato de que é capaz de se tornar um sistema total, e de mais uma vez combinar as forças insurgentes do irracional. É por isso que uma revolução preliminar baseada no irracional não importa a longo prazo, quer seja abortada ou não, pois ela não pode impedir a revolução racional definitiva na qual inevitavelmente será arrastada, embora como fenômeno temporário possa ser útil em revelar o que um sistema mais completo não pode revelar: que existem forças irracionais, que são eficazes, e que sua própria natureza as impele a se ligarem a um novo *organon* de valores, a um sistema total que, aos olhos da Igreja, não pode ser outro senão o do Anticristo. Este julgamento da Igreja não se baseia na aparência de tais sintomas subordinados, como o antiplatonismo fanático dos comunistas, ou a propaganda racionalista de Marx ou das associações burguesas de livres-pensadores. Esse tipo de ateísmo, por mais pecaminoso que seja, é muito insignificante, muito patético, aos olhos da Igreja, para ser mencionado junto com o mal do Anticristo: o que preocupa a Igreja é todo o espírito da Europa, o espírito “herético” da imediatidade, do positivismo, diante do qual realmente não importa se o protestantismo é o progenitor do nacionalismo revolucionário através de Fichte ou, mais obviamente, do comunismo marxista através de Hegel; e embora a Igreja, com a intuição infalível do ódio, o ódio à heresia, possa identificar o protestantismo em seus germens mais remotos, e por esse motivo denuncie o comunismo com uma intransigência de outra forma inexplicável, uma vez que poderia muito bem aceitar as concepções cristãs primitivas subjacentes a ele, mesmo assim a manifestação concreta do comunismo ainda não é a elaboração formal final do Anticristo, mas apenas uma etapa preliminar. E embora aquela

teologia protestante do kantismo se desenvolva aqui em uma verdadeira teologia “marxista”, equipada com uma interpretação rigorosa da lei, com uma ontologia fixa e uma ética inabalável, equipada, portanto, com todos os componentes de uma teologia correta, em sua totalidade representando a igreja visível, e embora essa igreja se estabeleça deliberadamente como anti-igreja, erguendo máquinas como os dispositivos de seu culto, designando engenheiros e demagogos como seus sacerdotes, isso ainda não é o sistema total em si, ainda não é o Anticristo, mas é o caminho e é o indício da dissolução do mundo cristão-platônico! E claramente, e para ninguém mais claramente do que para o catolicismo, já se delineia em toda essa dogmática, se delineia na construção dessa anti-igreja marxista e de seu conceito ascético e severo do Estado, a poderosa silhueta de um espírito que vai muito além do marxismo, muito além de qualquer deificação do Estado, e que deixa para trás, tão distante, qualquer doutrina revolucionária, qualquer que seja sua forma, a ponto de fazer até mesmo o caminho marxista parecer um desvio: é a silhueta de uma “igreja em si”, a ontologia sem substância de uma “ciência da natureza em si”, uma ética sem dogmas, em suma, um *organon* dessa última abstração lógica e sóbria, que é obtida pela infinita regressão do ponto de plausibilidade e na qual toda a radicalidade do espírito protestante se revela — é aquele positivismo de dupla afirmação da realidade mundana e da rigorosa ascética do dever, como já era entendido por Lutero e por todo o Renascimento, e que, cumprindo sua ideia inata e necessária, busca uma nova unidade de pensamento e ser, uma nova unidade de infinito ético e material. É aquela unidade que constitui a essência de toda teologia e que deve persistir mesmo que se tente negar o pensamento do mundo, mas que também pode persistir se o ponto de plausibilidade científica da “consideração como verdadeira” coincide com o ponto de plausibilidade da “fé”, e a dupla verdade se torna novamente única e unívoca. Pois no final da cadeia infinita de questões que levam a tal plausibilidade está o ato puro, está a ideia de um *organon* de puro dever, a ideia de uma crença racional sem Deus. No final da cadeia está, erguida em uma rigidez pétrea, a forma desprovida de conteúdo de uma “religião em si”, talvez até mesmo a imediatez racional de uma “mística em si”, cuja religiosidade muda, ascética e sem ornamentos, aponta para o último objetivo desta verdadeira revolução protestante: o vazio silencioso de uma absolutização cruel, onde o espírito abstrato de Deus reina — o espírito de Deus, não Deus em si, e, no entanto, Ele reina cheio de tristeza no terror do silêncio ininterrupto e sem sonhos, que é o puro Logos.

Nesta situação do espírito europeu, Huguenau tinha pouca participação, mas estava envolvido na incerteza predominante. Pois o

irracional no homem tem afinidade com o irracional no mundo; e embora a incerteza no mundo seja, por assim dizer, uma incerteza racional, muitas vezes apenas uma incerteza econômica, ainda assim surge da irracionalidade do super-racional, de uma razão independente que se esforça em direção ao infinito em cada província da atividade humana, e assim, atingindo os limites super-racionais de sua infinitude, se derruba e se torna irracional, ultrapassando a compreensão. As moedas até então aceitas se tornam incalculáveis, os padrões flutuam, e, apesar de todas as explicações que podem ser dadas para explicar o irracional, o finito não consegue acompanhar o infinito e nenhum meio razoável é capaz de reduzir a incerteza irracional do infinito ao sentido e à razão de novo. É como se o infinito despertasse para uma vida concreta e independente, informada e atraída pelo Absoluto que brilha no horizonte mais distante nessa hora entre queda e ascensão, nessa hora mágica de morte e nascimento. E Huguenau, embora pudesse desviar os olhos daquele amanhecer distante e se recusasse a reconhecer algo do tipo, não podia deixar de sentir o sopro gelado varrendo o mundo, congelando-o em rigidez e murchando todo o significado das coisas do mundo. E quando Huguenau acompanhava todas as manhãs a crônica dos eventos em seu jornal, ele o fazia com o desconforto de todos os leitores de jornais que ansiosamente agarram-se aos fatos apresentados a eles, especialmente aqueles fatos que são complementados por ilustrações, na esperança diária e renovada de que a massa de fatos possa preencher o vazio de um mundo que se calou, o vazio de uma alma que se calou. Leem seus jornais, e em seus corações está o terror que vem de acordar todas as manhãs para a solidão, pois a linguagem da antiga vida comunitária falhou para eles e a da nova é muito fraca para ser ouvida. Mantêm, de fato, uma pose de entendimento e clareza, criticando com vigor a situação política e social ou o funcionamento do sistema legal, e até mesmo trocam opiniões sobre esses assuntos durante o decorrer do dia — mas na realidade estão sem linguagem, permanecendo em silêncio entre o que foi e o que ainda não é; não dão crédito às palavras e exigem que sejam confirmadas por imagens, eles até mesmo deixaram de acreditar na adequação de suas próprias palavras, e assim, presos entre um fim e um começo, sabem apenas que a lógica dos fatos é implacável e que a Lei permanece intocável: não há alma, por mais degenerada, por mais vil, por mais filisteia e dedicada aos dogmas mais banais, que possa evitar esse conhecimento e esse terror — como uma criança surpreendida e sobrecarregada pela solidão, presa ao terror da criatura que começou a morrer, o homem deve buscar a passagem que por fim assegurará sua vida e sua segurança. Em lugar nenhum ele encontra ajuda. E é em vão que se esforça continuamente para encontrar um

refúgio em algum sistema parcial; em vão pode esperar ser protegido da incerteza em estruturas românticas antigas, ou esperar que em uma revolução parcial tudo o que lhe é conhecido e familiar ceda apenas com a maior lentidão, em uma espécie de transição indolor, para o que é inexoravelmente alienígena — não encontra ajuda, pois se vê ludibriado pelo falso brilho de uma vida comunal simulada, e o relacionamento mais profundo e secreto que está buscando se desfaz na mão que pensou agarrá-lo; e mesmo que, em sua decepção, refugiesse no sistema monetário-comercial, ainda assim não consegue escapar da decepção: até mesmo esse modo mais característico da existência burguesa, esse sistema parcial que é mais resistente do que todos os outros porque promete uma unidade inabalável no mundo, a unidade de que o homem precisa para se tranquilizar em sua incerteza — duas marcas sempre valem mais que uma marca, e uma soma de oito mil francos é composta de muitos francos e ainda assim é um todo, um *organon* racional em termos do qual o mundo pode ser calculado —, mesmo esse crescimento resistente e duradouro, no qual o burguês deseja tanto acreditar mesmo enquanto todas as moedas estão cambaleando, está começando a murchar; o irracional não pode ser mantido à distância em nenhum ponto, e nenhuma visão do mundo pode mais ser reduzida a uma soma em adição racional. E até mesmo Wilhelm Huguenau, agora um próspero homem de negócios elevado a honras municipais, um homem cuja primeira preocupação sobre tudo na vida geralmente era o preço e o lucro que poderia render, mesmo Wilhelm Huguenau, embora achasse bastante racional em tempos de insegurança financeira mostrar uma face mais suspeita para o mundo, até mesmo ele se via às vezes ironicamente ignorando algo, ou com um gesto amplo tentando dispensar algo que, estranhamente, ele não conseguia justificar de forma alguma; e então, perplexo de repente, perguntaria “O que é dinheiro?”, e às vezes até recusaria crédito a um cliente, depois de examiná-lo com um olhar afiado e desconfiado, simplesmente porque pegou antipatia pelo homem ou objetou a algo em sua expressão, um movimento sarcástico dos lábios, talvez — e se essa arbitrariedade lhe servia bem ou mal, afastava-se um potencialmente bom cliente para os braços de um rival ou se livrava de um mau cliente no momento certo, completamente à parte de todas as considerações práticas. Era um método abrupto, embora talvez lúcido, que resultava de uma espécie de curto-circuito. Era, em todo caso, incomum em transações comerciais, indubitavelmente irracional, e provavelmente em grande parte responsável pelo abismo que imperceptivelmente começou a se abrir entre Huguenau e seus concidadãos, como se ele estivesse isolado em uma zona morta de silêncio. Huguenau tinha apenas a vaga suspeita de sua existência, mas suas linhas se tornavam menos vagas e quase palpáveis assim que

se encontrava em qualquer reunião social, em um cinema, ou em uma cervejaria onde os jovens estavam dançando, ou em banquetes celebrando o aniversário do triunfo francês: em tais ocasiões, Huguenau, ele próprio um futuro provável burgomestre, sentaria entre as outras personalidades à mesa enfeitada de flores e observaria os dançarinos com um olhar sério e vazio por trás de seus óculos grossos, e embora ele não estivesse de modo algum na idade de renunciar à dança, ele mal podia acreditar em si mesmo quando sussurrava ao seu vizinho (como nunca deixava de fazer) que em tempos passados fora um dançarino habilidoso o suficiente. Pois, quer estivesse sentado em uma reunião patriótica ou passeando aos domingos com seu filho mais velho ao longo da Avenida Strassburg para assistir às corridas de bicicleta, ele se via irresistivelmente entrando em um estranho estado de inquietação, de modo que até começava a comparecer a encontros sociais apenas para se colocar à prova. Era uma inquietação em que as coisas se moviam imperceptivelmente de seus lugares e em que cada encontro social, embora devesse apresentar um aspecto integral, começava a se desintegrar em algo que era desconcertantemente multifacetado, algo que alguém, por meio de decorações, grinaldas e bandeiras, havia combinado em uma unidade artificial, contra seu próprio juízo. E se Huguenau não tivesse evitado tais pensamentos excêntricos, sem dúvida teria descoberto que não há uma única ideia, nem um único nome, que tenha uma unidade concreta correspondente. Sem dúvida, teria descoberto que a unidade de qualquer evento e a integridade do mundo são garantidas apenas por símbolos enigmáticos, embora visíveis, que são necessários porque sem eles o mundo visível se desintegraria em camadas de cinzas frias e transparentes — e assim Huguenau teria percebido a maldição do casual, do fortuito, que se espalha sobre as coisas e suas relações umas com as outras, tornando impossível pensar em qualquer arranjo que não fosse igualmente arbitrário e fortuito: não teriam os ciclistas de corrida que se dispersam aos quatro ventos se não fossem unidos por um uniforme comum e um distintivo de clube comum? Huguenau não formulava tal pergunta, pois ela ultrapassava o alcance daquilo que, com alguma razão, poderia ser chamado de sua teologia particular. No entanto, a pergunta não feita o irritava tanto quanto a invisibilidade de todas as instâncias das quais ele dependia, e essa irritação poderia se manifestar, por exemplo, em um tapa injustificado no ouvido de sua criança no caminho de volta para casa. Após aliviar seus sentimentos dessa maneira, porém, ele achava fácil voltar à realidade sóbria, confirmando assim o pensamento hegeliano: “A verdadeira liberdade de vontade é a harmonia entre o espírito teórico e o prático”. De bom humor, andava de volta para a cidade, passando pelas várias igrejas das quais as congregações acabavam de sair, cantarolando

alegremente enquanto caminhava e batia o ritmo com sua bengala, e sempre que encontrava um conhecido, ele o cumprimentava e dizia: “Saudações”.

Tudo depende, em última instância, da relação com a liberdade, e até mesmo a mais insignificante e estreita teologia, cuja abrangência se estende apenas o suficiente para tornar plausíveis as ações mais mesquinhas de um ego empírico, ou seja, até mesmo a teologia particular de um Huguenau, serve à liberdade, e considera a liberdade como o verdadeiro centro de suas deduções, seu verdadeiro centro místico (e isso era verdade para Huguenau pelo menos desde o dia em que desertou de sua trincheira no alvorecer cinzento, seguindo assim um curso de ação aparentemente irracional, mas na verdade altamente racional, em serviço da liberdade, de modo que tudo para o que se esforçara desde aquele dia e tudo para o que ainda se esforçaria em sua vida poderia ser considerado uma repetição de suas ações naquele primeiro dia festivo e solene). De fato, é quase como se a liberdade estivesse em uma categoria elevada por si só, pairando acima de tudo o que é racional e irracional, como um fim e um começo, se assemelhando ao Absoluto com o qual sua luz se mistura e ainda assim o supera, como se fosse um raio último e sereno brilhando além das cavernas de fogo dos céus abertos. O irracional nunca poderia se vincular ao racional, nem o racional se difundir na harmonia do sentimento vivo, se não fossem ambos participantes de um Ser supremo e majestoso, que é ao mesmo tempo a mais alta realidade e a mais profunda irrealidade: é apenas nesta conjunção de realidade e irrealidade que a totalidade do mundo e sua forma podem ser apreendidas. É a ideia de liberdade que justifica o contínuo renascimento da humanidade, pois ela nunca pode ser realizada na Terra, e o caminho que leva a ela deve ser sempre percorrido de novo. Oh, agonizante compulsão para a liberdade! Terrível e sempre renovada revolução do conhecimento, que justifica a insurreição do Absoluto contra o Absoluto, a insurreição da vida contra a razão — justificando a razão quando, aparentemente em conflito consigo mesma, ela libera o Absoluto do irracional contra o Absoluto do racional, justificando-a ao fornecer a garantia final de que as forças irracionais liberadas se combinarão de novo em um sistema de valores. Não há sistema de valores que não se subordine à liberdade. Mesmo o sistema mais reduzido está buscando a liberdade, mesmo a vítima excluída de toda solidão e desapego terreno, o homem que não alcança mais do que a liberdade para cometer um assassinato, a liberdade para entrar na prisão, ou no máximo a liberdade de um desertor, mesmo ele, o homem despojado de todos os valores, sobre quem todas as compulsões terrenas pressionam — não existe homem exposto ao sopro do Eterno que não veja a estrela da liberdade

surgindo na noite de sua solidão: cada homem deve realizar seu sonho, sagrado ou profano, e ele o faz para ter sua parcela de liberdade na escuridão e na monotonia de sua vida. E assim, Huguenau muitas vezes tinha a sensação de estar sentado em algum buraco ou caverna escura olhando para uma zona fria que se estendia como um cinto de solidão ao redor de sua posição, enquanto a vida fluía em imagens distantes sobre o firmamento sombrio, e então ele sentia um grande anseio de sair de sua prisão e compartilhar da liberdade e solidão lá fora, cuja existência ele intuía vagamente como se fosse uma visão soprada de algum lugar ou outro apenas para ele. Era como um conhecimento da mais profunda comunidade do espírito na qual aquela solidão mais profunda inevitavelmente se transformaria, mas nunca ultrapassava a convicção opaca de que lá fora seria de alguma forma possível compelir as pessoas a serem calorosas e amigáveis, a compeli-las com ameaças de assassinato ou violência, ou pelo menos com um tapa na cara, a aceitá-lo e ouvir sua verdade, que ele ainda era incapaz de articular. Pois mesmo que ele mal se distinguisse dos outros em suas ações e modo de vida, mesmo que corresse cada vez mais, sem dúvida, nos trilhos que lhe foram estabelecidos na juventude, e que nunca pensou em deixar de novo, mesmo que fosse uma vida totalmente carnal, sim, uma vida sólida que avançava em direção à morte, no entanto, em certo sentido, parecia mais elevada e arejada à medida que ele se sentia diariamente mais isolado e separado, enquanto deixava de sofrer com o isolamento: separado do mundo e ainda assim nele, via os homens se afastando de si para regiões cada vez mais remotas e desejadas, mas ele não fazia nenhum esforço para explorar aquele país distante. Ao se resignar assim, ele de novo mostrava sua completa semelhança com todos os outros mortais, pois cada homem sabe que a vida humana não se estende o suficiente para uma jornada até o fim do caminho que sobe como uma estrada espiral para alturas cada vez maiores, o caminho em que tudo o que ficou para trás surge de novo à frente em um nível mais elevado, apenas para desaparecer na névoa distante a cada novo passo dado: esse curso interminável do círculo fechado e do cumprimento, essa realidade lúcida em que as coisas se desintegram e se afastam para os polos e para os limites extremos do mundo, onde tudo o que foi separado se junta de novo, onde a distância é de novo anulada e o irracional assume sua forma visível, onde o medo não mais se transforma em desejo e o desejo não mais se transforma em medo, onde a liberdade do Eu é de novo recebida na liberdade platônica de Deus; esse curso interminável do círculo fechado e do cumprimento que só pode ser percorrido por aquele que realizou sua natureza — inacessível para qualquer um.

Inacessível para qualquer um! E mesmo que Huguenau tivesse

acabado em um sistema revolucionário em vez de em um comercial, ele ainda teria sido impedido de entrar no caminho da realização. Pois assassinato continua sendo assassinato, maldade continua sendo maldade, e o provincianismo de um sistema de valores cujo campo está restrito ao indivíduo e seus impulsos irracionais, esse último produto de toda desintegração de valores, continua sendo o ponto de degeneração absoluta — o ponto, por assim dizer, de um zero absoluto invariante que é comum a todas as escalas de valores e a todos os sistemas de valores sem referência à sua relativa mutualidade, e que deve ser comum a todos eles, já que nenhum sistema de valores pode ser concebido a menos que em sua ideia e natureza lógica ele observe a “condição de experiência possível”, o esboço empírico de uma estrutura lógica comum a todos os sistemas e de uma imutabilidade *a priori* que está ligada ao Logos. E quase parece ser um resultado da mesma necessidade lógica que a transição de qualquer sistema de valores para um novo deve passar por esse ponto zero de dissolução atômica, deve passar por uma geração destituída de qualquer conexão com o antigo ou o novo sistema, uma geração cujo desapego, cuja indiferença quase insana ao sofrimento dos outros, cuja despojada denudação de valores, proporciona uma justificação ética e assim uma justificação histórica para a rejeição implacável em tempos de revolução de tudo o que é humano. E talvez deva ser assim, já que apenas uma geração tão silenciosa e autocontida é capaz de suportar a visão do Absoluto e o brilho ascendente da liberdade, a luz que se irradia sobre as mais profundas trevas e apenas sobre as mais profundas trevas: o reflexo terrestre do Absoluto é como uma imagem em uma poça escura, e o eco terrestre de seu silêncio é o clangor de ferro do assassinato, que ainda envia vibrações mudas rolando como uma parede impenetrável de ensurdecedor silêncio entre homem e homem, de modo que nenhuma voz pode se elevar além dela ou através dela, e o homem deve tremer. Terrível reflexo, terrível eco da Razão abrindo caminho para o Absoluto! Sua impiedade encontra um equivalente terrestre em violência e força muda, e a imediatez racional de seu fim divino torna-se na Terra a imediatez do irracional que força os homens a uma obediência relutante, mas muda; sua cadeia interminável de inquéritos é reduzida na Terra ao único elo do irracional que não faz mais perguntas, mas apenas age, partindo para destruir uma comunidade de vida que deixou de justificar sua existência, uma comunidade dita sem força, mas cheia de má vontade, uma comunidade que se afoga em sangue e sufoca em seus próprios gases venenosos. Que morte solitária é o equivalente terreno do isolamento divino! O homem, exposto ao horror da razão desenfreada, ordenado a servi-la sem compreendê-la, preso nas teias de um processo que se desenvolve muito acima de sua cabeça, preso nas teias

de sua própria irracionalidade, o homem é como o selvagem que é enfeitiçado pela magia negra e não consegue ver a conexão entre meios e efeito, é como o louco que não consegue encontrar o caminho para fora do emaranhado de seu Irracional e Super-razional, é como o criminoso que não consegue encontrar o caminho para as realidades de valores da comunidade que deseja ingressar. Irrevogavelmente, o passado escapa dele; irrevogavelmente, o futuro foge dele — e o zumbido das máquinas não lhe dá indicação do caminho para seu objetivo que se ergue inatingível e informe na névoa do infinito, sustentando a tocha negra do Absoluto. Hora terrível de morte e de nascimento, hora terrível do Absoluto, sustentada por uma geração que se extinguiu, uma geração que nada sabe sobre o infinito para o qual é impelida por sua própria lógica — inexperientes, impotentes e insensíveis, os homens desta geração são entregues ao furacão gelado, eles devem esquecer para poder viver, e não sabem por que morrem. Seu caminho é o caminho de Assuero, seu dever é o dever de Assuero, sua liberdade é a liberdade da criatura perseguida e seu objetivo é o esquecimento. Geração perdida! Tão inexistente quanto o Mal em si, sem características e sem tradição no lodo do indiscriminado, condenada a se perder temporalmente, a não ter tradição em uma era que está fazendo história absoluta! Qualquer que seja a atitude do homem individual em relação ao curso da revolução, seja ele reacionário e se agarre a formas ultrapassadas, confundindo o estético com o ético como fazem todos os conservadores, ou se mantenha à parte na passividade do conhecimento egoísta, ou se entregue a seus impulsos irracionais e se dedique ao trabalho destrutivo da revolução: ele permanece eticamente destituído, um excluído de sua época, um excluído do tempo, mas em nenhum lugar e nunca o espírito da época é tão forte, tão verdadeiramente ético e histórico como naquela última e primeira explosão que é a revolução, esse ato de eliminação e renovação de si, a última e maior realização ética do antigo sistema em desintegração e a primeira realização do novo, o momento em que o tempo é anulado e a história é radicalmente formada no *pathos* do zero absoluto!

Grande é a angústia do homem que se torna consciente de sua solidão e busca escapar de sua própria memória. Ele está subjugado e excluído, lançado de volta à mais profunda angústia animal, à angústia da criatura que sofre violência e inflige violência, lançado de volta a uma solidão avassaladora onde sua fuga, desespero e entorpecimento podem se tornar tão grandes que ele não consegue deixar de pensar em infligir violência a si mesmo para escapar à lei imutável dos acontecimentos. E em seu medo da voz do julgamento que ameaça surgir das trevas, desperta dentro dele um anseio duplamente forte por um Líder que o leve suavemente pela mão,

coloque as coisas em ordem e mostre-lhe o caminho; um Líder que não segue os passos de ninguém e que o precederá no caminho não trilhado do círculo fechado, conduzindo-o a alcançar alturas cada vez maiores, a uma revelação cada vez mais brilhante; o Líder que reconstruirá a casa para que os mortos possam voltar à vida, e que ele próprio tenha ressuscitado dentre a multidão dos mortos; o Curador que, por meio de suas próprias ações, dará sentido aos eventos incompreensíveis da era, para que o Tempo possa começar de novo. Isso é seu anseio. No entanto, mesmo que o Líder viesse, o milagre esperado não aconteceria; sua vida seria uma vida comum na Terra; e assim como a fé se disfarçou de suposição provisória, e a suposição de que é verdade se disfarçou de fé em uma religião sempre racional, assim o Curador caminha na vestimenta mais improvável e pode até ser o transeunte casual que cruza a rua agora — pois onde quer que ele caminhe, seja no tumulto das ruas da cidade ou na luz dos campos ao entardecer, seu caminho é o caminho para Sião, e ainda assim o caminho que todos devemos tomar; sua jornada é uma busca pela passagem atravessável entre o mal do irracional e o mal do super-racional, e sua liberdade é a liberdade angustiante do dever, é sacrifício e expiação pelo passado; mesmo para ele, o caminho é o caminho da provação, determinado pela austeridade, e seu isolamento é o de uma criança perdida, é o do filho perdido cuja meta desaparece no inatingível desde que foi abandonado por seu pai. E apesar de tudo isso: a simples esperança de sabedoria de um Líder é sabedoria para nós, a mera divinação da graça é graça, e por mais vã que seja nossa esperança de que na vida visível de um Líder o Absoluto um dia se cumpra na Terra, ainda assim nosso objetivo permanece acessível, nossa esperança de que um Messias nos conduza a ele permanece inabalável, e o renascimento dos valores está fadado a se repetir. E cercados como podemos estar pelo crescente mutismo do abstrato, cada homem vítima da mais gélida necessidade, lançado ao nada, seu ego lançado aos ventos — é o sopro do Absoluto que varre o mundo, e de nossos pressentimentos e tentativas em busca da verdade surgirá a segurança dos dias de festa com a qual saberemos que cada homem tem a centelha divina em sua alma e que nossa unidade não pode ser perdida. Inalienável a fraternidade das humildes criaturas humanas, de cuja mais profunda angústia resplandece, inalienável e não perdida, a angústia de uma graça divina, a unidade de todos os homens, brilhando em todas as coisas, além de todo Espaço e Tempo. A unidade na qual toda luz tem sua fonte e da qual brota a cura de todas as coisas vivas — símbolo de um símbolo, imagem de uma imagem, emergindo do destino que se afunda nas trevas, brotando da loucura e da falta de sonhos como o presente da vida maternal arrancado do desconhecido e recuperado como herança, o protótipo

de toda imagética surgindo na insurreição do irracional, anulando o eu e transcendendo seus limites, anulando tempo e distância. No furacão gélido, na tempestade do colapso, todas as portas se abrem, os fundamentos de nossa prisão são abalados, e das mais profundas trevas do mundo, de nossas mais amargas e profundas trevas, vem o grito de socorro para o desamparado, ecoa a voz que une tudo o que foi com tudo o que está por vir, que une nossa solidão a todas as outras solidões, e não é a voz do medo e da condenação. Ela vacila no silêncio do Logos e ainda assim é sustentada por ele, elevada acima do clamor do inexistente. É a voz do homem e dos povos, a voz do conforto e da esperança e do amor imediato: “Não te faças mal, pois todos estamos aqui!”.

Fim de *Os sonâmbulos*.

Viena 1928–31

Comentários de Hermann Broch

O romance *Os sonâmbulos*⁵

Este romance pressupõe que a literatura deva abordar aqueles problemas humanos que, por um lado, são excluídos pela ciência por não serem totalmente suscetíveis a um tratamento racional e apenas subsistem em um panfletarismo filosófico e decadente, e, por outro lado, aqueles problemas cuja compreensão a ciência ainda não pôde captar em seu progresso gradual e exato. O estado da literatura entre o “não mais” e o “ainda não” da ciência tornou-a assim mais limitada, mas também mais segura, abrangendo toda a gama da experiência irracional, sobretudo naquela área limítrofe em que o irracional se manifesta como ação e se torna expressivo e representável. Daí decorre a tarefa específica de demonstrar como o onírico determina a ação e como os acontecimentos estão sempre propensos a serem reconvertidos em oníricos. Essa tarefa é legitimada pelo caráter literário, já que o método poético, ao contrário do método científico, não reside nas palavras realmente escritas, mas sim na criação de uma tensão entre palavras e linhas, numa tensão que constitui sua expressão real.

Os sonâmbulos mostra então que essa aplicação com o onírico não deve ser procurada onde se imagina a vida previamente como irreal, mas, pelo contrário: à medida que se desmantelam as antigas ficções culturais, o onírico se torna cada vez mais livre e, quanto mais evidentes são os acontecimentos reais, mais claramente e de forma mais desinibida se entrelaçam com o irracional.

Os sonâmbulos demonstra tal ponto em três etapas temporais e sociais, em 1888, 1903, 1918, ou seja, nos períodos em que ocorre a transição do final do romantismo do século XIX para o chamado realismo do período pós-guerra. É essencial notar que o problema dos três protagonistas — encontrar um sentido de vida para si —, que é tratado nas três partes, torna-se cada vez mais inconsciente à medida que aumenta a objetividade. No período romântico da primeira parte,

o problema é vagamente proposto pelo herói, Pasenow, e no espírito das *ficções predominantes*, ou seja, pretende resolver a religião, *erotismo* e uma atitude ética e estetizante perante a vida.

O herói da segunda parte, Esch, ocupa uma posição anárquica entre duas épocas. Exteriormente, ele já está comercializado e se aproximou do estilo de vida do realismo futuro, mas internamente ainda está apegado aos valores tradicionais. A questão do sentido da vida, que já não é mais percebido conscientemente, mas apenas murmura vagamente e obscuramente nele, ainda deve ser resolvido de acordo com os antigos esquemas. Como as formas religiosas estão presentes apenas de forma rudimentar, em parte embrutecidas, em parte afundadas em um misticismo estéril ou nas atividades do Exército de Salvação, o foco da solução se desloca para o erótico, resultando em uma resignação anárquica e mística. Na terceira parte, no entanto, volta a ficar claro: o herói, Huguenau, tem pouco a ver com a tradição de valores (expressa exteriormente pelo hiato de sua deserção do *front*), pois ele é tanto desprovido de religião quanto de erotismo. No entanto, ou talvez exatamente porque ele não se preocupa com o problema, nem conscientemente como Pasenow, nem vagamente como Esch, seu caminho leva à possibilidade de um sentido religioso para a vida, ou seja, ao afastamento platônico do real. Os destinos privados de Pasenow e Esch se realizam com a solução geral da terceira parte: para Pasenow, limitado em sua situação de dever, ambiente e família, numa espécie de compressão de todos esses elementos, enquanto para Esch, cuja solução de compromisso, com a idade, deve retroceder até a forma ainda mais inadequada de misticismo religioso, na realização de sua vaga e pressaga angústia, para ambos como expiação de suas dívidas espirituais. E faz-se necessário que o homem da nova forma de vida, ou seja, Huguenau, torne-se o vingador do antiquado e do mirrado.

Como símbolo de toda essa estrutura, revela-se a personagem de Bertrand, que deve ser considerado como o verdadeiro herói de todo o romance. Bertrand, precursor do desenvolvimento temporal, já havia realizado a lacuna (embora não em uma deserção, mas sim ao abandonar o serviço) em 1888. Sua vida exterior, portanto, é a de um homem moderno, um financista de grande porte. Sabe o que importa e busca soluções radicais. No entanto, ligado à sua época, não consegue escapar das tradicionais ficções de valores e, apesar de seus esforços contrários, permanece enredado no materialismo. A radicalização da ficção erótica, que o leva a aceitar até mesmo a homossexualidade, que os outros evitam e combatem, deve fracassar, conscientemente, mas de forma vergonhosa, assim como deve fracassar quando ele tenta materializar o desejo de viajar até o infinito. O que resta é a resignação — não menos delimitada pelo tempo — de um esteta, e a

coragem de suicidar-se. Portanto, em seu destino ele simboliza, em um nível mais elevado, os acontecimentos gerais do romance — ou seja, o fracasso dos antigos valores —, enquanto sua personagem simboliza, por outro lado e em termos formais, o crescimento do elemento sombrio e onírico, que permeia cada uma das três partes da narrativa de modo cada vez mais evidente. Na primeira parte, ele mesmo é parte da ação; na segunda, domina o desenrolar dos acontecimentos externos, mas só aparece em um sonho e desaparece com o suicídio, enquanto na terceira parte, embora não esteja mais presente na realidade, ainda exerce influência em todos os lugares, determinando a atitude de todas as personagens com as quais tivera contato.

O romance se esforça para expressar essa simetria coreográfica nos personagens secundários, bem como no enredo e nos estados de espírito como um todo. Sobretudo quanto ao estilo, que é determinado pelas três épocas. Além disso, surgiu a necessidade de construir cada uma das três partes como uma narrativa individual em separado — é claro que a representação naturalista, ou naturalista-psicológica, não deveria sofrer com esse arranjo arquitetônico, que é essencial para o método de expressão do inexprimível.

Problemática, conteúdo, método de *Os sonâmbulos*⁶

Problemática: condiciona-se pela convicção de que o âmbito autônomo e intocável do poético reside na camada mais profunda e irracional, na verdadeira região pânica da experiência, obscuros e oníricos acontecimentos, em que o ser humano é apenas guiado por afetos primordiais, atitudes infantis, memórias, desejos eróticos, de forma animal e atemporal. Nestas regiões, a expressão racional e científica falha, a palavra já não vale mais em seu significado próprio, apenas com seu caráter simbólico em constante mudança, e o objeto deve ser capturado na tensão entre as palavras e as linhas. Contudo, não menos essencial e igualmente onírica é a aspiração pelo despertar, o despertar cognitivo e compreensivo do sono, chamado, dependendo do vocabulário subjetivo, de “redenção”, de “salvação”, de “sentido da vida”, de “graça”. Épocas de forte vínculo religioso resolveram em grande parte a polaridade dionisíaca-apolínea moldando o onírico em certos valores. Retroativamente, a partir desses valores, surgiu a constituição do pecado (e dos conflitos trágicos do ser humano): o pecado do instintivo e não desperto, que não penetra nos valores, e o

pecado do racional, diabólico, que rejeita os valores ou deseja moldá-los de outra forma. Em termos gerais, esta é a problemática de todos os conflitos éticos com os quais a poesia já lidara, aceitando valores anteriores. Daí surge necessariamente um *novo problema*: para onde se direciona a nostalgia da ressurreição e da salvação, numa época de decadência e dissolução dos antigos valores? Pode um novo *ethos* emergir do sono e do sonho em meio à vida cotidiana mais vil?

Conteúdo: O problema é retrabalhado nas três partes do romance, “Pasenow ou O romantismo”, “Esch ou A anarquia”, “Huguenau ou O realismo”, em 1888, 1903 e 1918, respectivamente, épocas que representam, por certo, as últimas etapas dos antigos valores europeus. É principalmente mostrado aqui que a incorporação de elementos oníricos na vida se torna cada vez mais visível à medida que as antigas tradições de valores se tornam mais fracas. O romantismo “sonhador” dá menos espaço ao onírico do que uma época de caos de valores objetivos, na qual o onírico se torna indômito, tornando-se francamente objetivo. Além disso, mostra-se que não adianta aos humanos se apegarem às formas mirradas de valor: se Pasenow busca solução na religiosidade tradicional, e Esch se “salva” em um misticismo erótico, essas são soluções parciais que não trazem libertação do onírico, mas sim, ao contrário, arrastam o ético para a esfera do obscuro e do instintivo — o arquétipo da culpa trágica. O vingador de tal culpa surge, favorecido externamente pela crise de 1918, necessariamente no homem objetivo “desprovido de valores” (simbolizado por um tipo quase criminoso, que simplesmente vive seu sonho de infância na realidade de forma ingênua): Huguenau, para quem no epílogo é sugerida a possibilidade do retorno do *ethos*, voltado para a liberdade platônica, que é a única que realmente importa. Além desses três protagonistas está a figura de Bertrand, o protagonista passivo de todo o romance, tipo do “homem racional”, frequentemente o precursor do objetivo, não livre de valores, nem negador de valores, contraponto ético (e romântico) ao pecado do não despertado e que morre por causa do pecado dos racionais.

Método: A representação é determinada principalmente pela contínua liberação dos elementos oníricos e pelo soterramento das antigas concepções de valor. Isso será explicado apenas por um exemplo simplificado:

Parte I: Envolve formas românticas que atualmente parecem bastante simplificadas. É uma narrativa inofensiva demais com um ritmo uniforme e um colorido quase ininterruptamente naturalista.

Parte II: O estilo e o ritmo avançam explosivamente, mas são constantemente contidos de forma reflexiva (o que também enfatiza a estática arquitetônica da parte central em relação às duas partes extremas). Os personagens, às vezes, têm contornos nitidamente

delineados, em outras vezes, são obscurecidos; às vezes, esvanecem por completo no onírico e ficam à margem da realidade. A forma externa da narrativa naturalista é mantida, mas a intensidade interna reflete o aspecto anárquico.

Parte III: O caos é novamente acalmado, retornando ao estilo da Parte I, mas em uma nova forma “realista”; em certo sentido, na forma de uma reportagem. As sequências de associação são simplificadas. No entanto, a total derrocada das antigas concepções de valor permite a explosão da narrativa pura: a progressiva libertação do irracional, desprovido de suas fixações ideológicas, pode ser incorporada ao estilo, concedendo licença para a aplicação de todos os recursos artísticos, apesar da sobriedade do relato objetivo.

Essa adaptação da representação e do estilo ao conteúdo não se limita apenas às três partes como tais, mas procura penetrar em cada situação individual, buscando alcançar a unidade do todo através do método psicológico uniforme, da execução consistente das sequências de associação e símbolos, do meticuloso equilíbrio da estrutura geral, da recorrência regular das estruturas principais e dos motivos básicos em cada parte, e de certa densidade de ritmo e tempo. Pois só nessa unificação reflexiva, ação e estilo, pode-se aspirar ao sentido de uma criação artística, cumprindo a possibilidade de uma nova forma de romance. Até que ponto obteve êxito, fogue de meu controle e, creio eu, é de importância secundária em relação à reivindicação primordial de um livro narrativo: sua perturbadora e viva influência, que faz com que aquilo que não é passível de apreensão irrompa em poços sempre renovados.

Construção ética em *Os sonâmbulos*⁷

Os valores éticos têm um conteúdo relativo. O “divino” é considerado um valor absoluto na medida em que é uma forma, a forma da experiência mística. No entanto, suas realizações, as realizações da fé em formas de igrejas, cultos ou outros valores, são relativas, estando sujeitas à mudança do empírico e do temporal, ou seja, podem e devem desaparecer. Onde quer que uma realização surja com a pretensão de absolutez, o ético se transforma em dogmático-moral. O ser humano que se submete ao dogmático pode possuir todas as boas qualidades morais, mas se afastará cada vez mais de uma verdadeira libertação ética à medida que os valores sob os quais se

submeteu-se a tornarem-se mais dogmáticos e moribundos. Ou, visto de outra perspectiva: os valores éticos, à medida que se tornam mais dogmáticos e moralizados, convertem-se em estéticos: tudo o que é revolucionário é ético, mas em sua expressão é antiestético; tudo o que é conservador é moral-dogmático, mas estético. A “liberdade”, que é o cerne de todo o verdadeiro aspecto ético, não leva em consideração os valores tradicionais; o conceito de autonomia, no qual a liberdade encontra seu fundamento lógico, não tem relação com as atitudes morais: certamente, essa autonomia não é ainda a realização do último valor divino, mas é a única forma em que pode se realizar. (Tudo isso é amplamente preparado por Kant, é claro, também por Platão e Agostinho; porém, posso dispensar as citações.)

Em *Os sonâmbulos*: Pasenow e Esch, ambos tipos morais, embora sujeitos a diferentes dogmas, dogmas morais que estão desaparecendo nessa época de decadência de valores, convertendo-se em “Romantismo”, enquanto Bertrand é, pelo contrário, o homem especificamente estético. Conhece a deterioração dos valores éticos e tenta salvar sua vida de uma maneira puramente estética com uma ampla autonomia moral (não ética). Apenas Huguenau é alguém verdadeiramente “livre de valores” e, portanto, o filho próprio de sua época. Ele sozinho pode, portanto, persistir; reside sozinho na “autonomia deste tempo”, onde se expressa uma luta revolucionária pela liberdade. Ele é o revolucionário passivo, como toda a massa de revolucionários participa passivamente de cada revolução e ainda assim a faz. Sem dúvida, ele, apenas na forma de autônomo em termos éticos, mas totalmente amoral em outros aspectos, ainda não conquistou a liberdade da nova divindade, da nova crença; não almeja, nem espera, embora de vez em quando o surpreenda um vislumbre de uma futura possibilidade — assim como este tempo ainda não encontrou sua fé, e talvez não encontrará tão cedo, apenas intuindo aqui e ali. Mas é a forma de vida única, a “forma de liberdade”, em que pode surgir o novo conteúdo. Encontra-se no início do caminho (um caminho que Esch antecipou na Anarquia dos valores — no final da Parte II — após o encontro com Bertrand, embora sem ter a possibilidade de realmente percorrê-lo). De certa forma, Huguenau também se tornara o verdadeiro antagonista da Mãe Hentjen — daí também, além da motivação psicológica, a necessidade de sua copulação com ela — que, por sua vez, sempre foi “livre de valores” e autônoma desde o início, assim como o “feminino” ou a “natureza” em si sempre estão desprovidos de valores.

Sobre os fundamentos do romance

*Os sonâmbulos*⁸

Gostaria de iniciar abordando alguns dos conceitos fundamentais do romance, do qual pretendo ler algumas passagens. São excertos de um livro teórico que está no prelo. Os fundamentos sempre implicam um credo, uma convicção básica a partir da qual surge uma obra. Sem essa convicção, a obra estaria condenada desde o início a ser chunga. Naturalmente, não quer dizer que uma convicção pura proteja a obra de se tornar chunga.

Em outras palavras, trata-se da questão: sob quais condições um romance tem justificação para existir? A resposta mais óbvia seria: não tem justificação alguma.

Isso pode ser argumentado com várias razões. Por exemplo, que um período de extrema dificuldade econômica não possui órgão para a produção artística, e talvez nem devesse ter.

Ou, em uma frase de efeito: em tempos assim, não precisamos de palavras, mas de ações.

No entanto, muitas frases de efeito, por mais estúpidas que pareçam, frequentemente têm uma base real.

O que significa, então, “ações”? Sem dúvida algo extremamente imediato, uma virada imediata para o objeto, uma relação direta entre o sujeito e o objeto — em outras palavras, um contato direto entre o indivíduo e sua vida, resumindo, com o mundo.

Um exemplo: a Idade Média, como uma estrutura platônico-escolástica, considerava os fenômenos do mundo e até mesmo o ser humano como elementos no sistema teológico. A essência do Renascimento, assim como do protestantismo, pode ser vista na ruptura com essa visão de mundo de maneira, por assim dizer, indireta. O Renascimento, como o nascimento da ciência moderna, pôs, pela primeira vez desde a Antiguidade, o objeto natural de volta ao alcance imediato do ser humano. O protestantismo faz exatamente o mesmo com a experiência religiosa.

Seria se alongar demais entrar aqui em detalhes a respeito desse exemplo, que abre perspectivas bastante amplas. Porém, de certa forma, seria possível afirmar que atualmente apenas a semente do Renascimento está totalmente germinada. Apenas o trabalhador atual se lança por completo na vida. Não preciso florescer isso mais. Cada um de nós já experimentou isso na própria pele, ser este ser lançado na vida. O trabalhador atual é, em um sentido muito mais profundo, mais *mudo* do que, digamos, um monge trapista. Na realidade, sua linguagem é apenas comunicação; no sentido mais amplo, não passa de um sinal, sendo mera carta comercial. Ele fala das coisas apenas na medida em que é absolutamente necessário, mas não mais fala das coisas. E quando não está em seu local de trabalho, pratica esportes e

entra em uma relação direta e silenciosa com a natureza. Ou vai ao cinema. Ou ouve música no rádio. Nunca antes o mundo foi tão repleto de efeitos visuais e musicais como atualmente. Merece uma menção especial o papel da música no sistema de valores moderno. Resumindo: o ser humano contemporâneo é visual e auditivo, mas é radicalmente anti-intelectualizado.

Sim, mas e quanto à intelectualidade? Ora, naturalmente, não é diferente. O intelectual moderno é o cientista por excelência, isto é, o cientista natural. Não é necessário relatar os resultados de sua atividade. Todos sabem que a virada para o objeto enriqueceu o mundo científico de uma forma verdadeiramente insondável, pois possuímos um novo cosmos.

Mas também aqui, neste âmbito intelectual, o desprezo pela palavra é visível. A ciência tenta fazer com que sua linguagem, seus comunicados, sejam cada vez mais independentes da palavra, ou seja, ela procura um meio de comunicação absolutamente exato. E ela o encontrou. A saber, na matemática, naquela matemática que também teve sua origem no Renascimento. Kant previu esse desenvolvimento quando concedeu que as ciências fossem científicas apenas à medida que incluíssem as matemáticas, ou seja, pudessem ser expressas matematicamente. Do ponto de vista das palavras, as ciências também se tornaram mudas.

Portanto, nós, que ainda lutamos pela palavra, por uma expressão verbal, estamos em uma batalha perdida? Queremos expressar algo que não possui nenhum substrato expressável? O linguajar intelectual acerca das coisas se transformou em verborragia vazia?

É uma questão que não é muito fácil de responder. Se consideramos, por exemplo, o programa cultural russo, que só aceita as ciências reais e é profundamente anti-intelectual e antiplatônico, então não temos apenas uma ilustração do que já se disse, mas também uma possibilidade radical de resposta, e isto no sentido negativo. E se consideramos o estado atual da filosofia, ou pelo menos o ramo que atualmente alcançou uma espécie de posição dominante, a saber, o neopositivismo iniciado por Russel, então este nome mesmo já indica que as respostas estão indo em uma direção semelhante.

Não há fenômenos isolados no mundo. Mas é justamente ao considerar essa filosofia que fica claro que essa possibilidade de resposta não é suficiente. O que a nova filosofia deseja, sua elevação à ciência pura, seu afastamento do simples discurso a respeito das coisas, acaba por exigir sua matematização. Isso é agradável. E o ponto de partida já está presente, nomeadamente na lógica e em sua linguagem simbólica.

No entanto, ao mesmo tempo, evidencia-se um terrível empobrecimento da filosofia. Sem dúvida, a filosofia anterior não era

científica nesse sentido, senão não haveria tantas escolas de filosofia; certamente era em grande parte um ciclo no mesmo lugar, mas permanece sua grande herança que existe desde o seu início — ou, digamos, desde Platão. Os nomes que precisam ser guardados deste Platão nunca foram esquecidos. Ela continuamente manteve os olhos voltados para o problema ético e, de uma forma mais ampla, era sempre teologia.

•

A matematização da filosofia excluíra o vasto âmbito do místico-ético de sua problemática. Legitimamente excluído. E talvez deixado para mais tarde, até que os meios de expressão do racional estejam novamente avançados o suficiente para apreender o metafísico. É um mérito imenso do positivismo conhecer seus limites e conhecer aquilo que não pode alcançar. Tem consciência de sua enfermidade.

Mas a exclusão do irracional da ciência racional não pode matar o irracional. Ele está presente. E se faz ouvir sem parar. Talvez com mais veemência do que nunca. O que épocas anteriores à nossa tinham era um rigoroso sistema de valores racionais. Pois não se deve esquecer: *toda religião é racional* e nada condena o religioso tão profundamente quanto o obscurantismo místico.

O que estamos presenciando é o colapso dos grandes sistemas de valores racionais. E provavelmente a catástrofe humana que vivemos não é nada além desse colapso. Uma catástrofe do mutismo.

Estamos, para falar francamente, sem filosofia, e temos ainda menos teologia. Os meios racionais para sua reconstituição não existem, ou pelo menos ainda não existem.

Mas os problemas estão aí, inalterados e mais veementes do que nunca em seu mutismo. E se quisermos lidar com eles, só podemos tentar fazê-lo em seu próprio terreno, no terreno do irracional. E essa expressão irracional, esse conhecimento, oscilando entre a comunicabilidade e o silencioso, essa expressividade através de símbolos e do não-dito, sempre foi a artística, sempre foi a poética.

A poesia sempre foi uma inquietude pelo conhecimento, um avançar antes do racional, um preparar o caminho.

Ou, se preferir, a diversidade do acontecimento não pode ser esgotada racionalmente. O racional avança milimetricamente; deve pavimentar o mundo, por assim dizer, com átomos, mas o ser humano é inquieto. Tem apenas uma vida breve e clama pela totalidade.

A partir daqui, podemos buscar entender a tarefa da poesia no mundo atual. O que a filosofia buscava: representar o mundo e a partir dessa representação encontrar o caminho para a ética e para os valores. Essa tarefa da filosofia agora parece caber à poesia, sobretudo à poesia épica, ou, para falar bem francamente, assim como a partir

das cosmogonias poéticas antigas se desenvolveram a filosofia racional e as ciências, da mesma forma agora, devido a uma modéstia autoimposta do científico e a um fracasso do teológico, os componentes irracionais da vida estão sendo devolvidos à expressão irracional do poético.

Naturalmente, só se pode comprovar por evidências indiciárias aquilo que foi dito. Como parte desse tipo de prova, pode-se afirmar historicamente que a nova forma de romance precisava surgir justamente quando a visão de mundo teológica medieval entrou na fase final de seu processo de liquidação, ou seja, com o fim do Barroco e o final do século XVIII. Foi nesse período que se escreveu “Wilhelm Meister”, mostrando como Goethe estava à frente de sua época em muitos aspectos.

.

Outro exemplo desse tipo de evidência seria apontar o caráter multi-histórico de todas as filosofias. Assim como um reflexo em menor escala das grandes cosmogonias religiosas, das quais se pôde perceber a escolástica medieval como um exemplo temporalmente próximo, todas as filosofias posteriores tentaram incorporar em seus sistemas todo o conhecimento do mundo de maneira multi-histórica. Sim, essa característica fundamentalmente secundária da filosofia tornou-se o principal pilar com a decadência da filosofia. Chegou-se ao ponto em que, como em Wundt, entendia-se a filosofia simplesmente como a soma de todas as ciências.

Como já mencionado, a filosofia moderna, em grande parte, abandonara essas aspirações multi-históricas. Isso foi feito por um saudável domínio de si mesmo e na busca pela cientificidade matemática. No entanto, assim como a diversidade do mundo não pode ser eliminada, tal como o irracional no ser humano sempre se manifesta de alguma forma, da mesma forma o problema ético e o problema dos valores são tão urgentes como sempre foram, tampouco se pode suprimir o desejo do ser humano pelo da cosmovisão em sua totalidade. Portanto, pode-se considerar como componente da prova a ser conduzida o fato de que o romance moderno mostra tendências explicitamente multi-históricas e aspira à sucessão da filosofia também nesse aspecto. Dos romances multi-históricos, o *Ulisses* de Joyce e os grandes experimentos de Andre Gide na reformulação da arte do romance, e, por outros meios, Robert Musil, são exemplos notáveis, bem conhecidos por todos.

.

Naturalmente, esse multi-historicismo não se limita unicamente ao conteúdo factual. Também é um multi-historicismo de métodos, pois forma e conteúdo sempre compõem uma unidade. Mais uma vez, é

preciso mencionar Joyce e sua maneira soberana de lidar com todas as formas de representação, todos os estilos, todos os símbolos, toda essa diversidade de instrumentos com os quais o irracional da vida deve ser levantado e trazido à consciência. E é apenas esta irracionalidade que importa. É nessa elevação das camadas mais profundas de sentimentos e da vida que se pode encontrar o sinal que aponta para os novos valores, e é nestes que se pode encontrar a relação imediata com o objeto, que constitui a essência desta época.

.

Visto dessa perspectiva, o novo romance tem uma grande tarefa a cumprir no âmbito do conhecimento. A demonstração de que cada indivíduo pode contribuir apenas com uma pequena quantidade para essa grande tarefa é evidenciada por *Os sonâmbulos*.

A decadência dos valores e *Os sonâmbulos*⁹

"Não te aflijas, pois estamos todos aqui!". Com estas palavras paulinas, repletas de reconciliação e de suave esperança, termina "Huguenau", e com ela a grande trilogia *Os sonâmbulos*, de Broch: não é uma queda, mas sim um ponto de inflexão, é o destino alemão, é o destino do mundo.

No cerne deste último volume reside a "decadência dos valores", a representação histórica e epistemológica daquele processo de quatrocentos anos que, sob a liderança do racional, dissolveu a cosmovisão cristã-platônica da Europa medieval, um processo grandioso e terrível, que culminou na completa fragmentação dos valores, na libertação da razão acompanhada pelo surgimento de toda a irracionalidade, na autodestruição do mundo em sangue e miséria.

Os dois primeiros volumes mostram a fase final deste processo de declínio, mostram como o ser humano, antecipando e temendo o futuro, tenta mais uma vez encontrar sentido de vida e estabilidade dentro das antigas estruturas de valores, para que pudesse escapar daquilo que é iminente e inescapável: se em 1888, em "Pasenow", o confronto com as ficções do dever nacional e evangélico era o problema atual de uma classe de *junkers* consciente de sua própria tarefa conservadora, em 1903 tanto a tarefa quanto o ser humano que a desempenhava perderam o restante de perfil que ainda possuíam; restou das antigas estruturas de valores apenas o conceito vago de "decência" e — como o componente mais duradouro — a moral sexual

baseada na virgindade e no ciúme, ficções nas quais o funcionário Esch tenta se refugiar, já que sua consciência anárquica começa a perder todo o terreno debaixo dos pés.

Em “Huguenau”, o processo de decadência dos valores chegara ao fim, começara a reavaliação do mundo, começara “uma terrível revolução do conhecimento” simultaneamente com a revolução externa, o ser humano “sem valores” (no sentido antigo) e imoral entra em cena, torna-se o carrasco vingador do passado.

Enquanto “Pasenow” ainda mantém o estilo do antigo romance de família (embora dominado por uma abordagem completamente moderna), em “Esch” anuncia-se — em rigoroso paralelismo com o processo histórico de desintegração das formas de vida — a dissolução e a explosão da arte narrativa que culmina em uma surpreendente reviravolta em “Huguenau”. O enredo do romance, na verdade de vários romances em diferentes níveis de consciência e representação, gira em torno do “declínio dos valores”, que, ascendendo do puramente lírico ao puramente cognitivo em justo contraponto, não só incorporam os motivos dos dois volumes anteriores, mas também, entrelaçados, modificam o tema do homem isolado na decadência dos valores e atormentado pelo medo do mundo, para, por fim, em uma poderosa síntese, sugerir a intuição do *ethos* futuro.

Nessa combinação dos meios de representação cognitivos e puramente poéticos, *Os sonâmbulos* não apenas representa um novo tipo de romance, não apenas marca um ponto de inflexão no desenvolvimento da narrativa alemã, mas também, indo além disso, eleva-se a uma altura que faz com que seu autor seja um intérprete orientador desta época, tanto em seu conteúdo filosófico-histórico, quanto em sua visão poética, em sua precisão científica e profética.

A Editora Rhein assume toda a responsabilidade de colocar esta obra alemã, *Os sonâmbulos* de Hermann Broch, ao lado da monumentalidade de *Ulisses*, do grande revolucionário irlandês, Joyce.

Notas de fim

1 Na tradução de Matos Soares (Is 1, 3): “O boi conhece o seu possuidor, e o jumento o presépio do seu dono, mas Israel não conhece nada, o meu povo não tem inteligência” — NT. 2 Referência ao poema “Winter”, de Heinrich Heine (1797–1856): “O frio é capaz de arder/ como o fogo. A criança da/ põe-se a marchar e a correr/ na tormentosa nevada.// Ah, severa estação do ano!/ Nosso nariz enregela,/ e até concertos de piano/ rebentam nossas orelhas!// Como é melhor caminhar/ no vale em pleno calor,/ sozinho, com meu pesar,/ a escandir canções de amor” (tradução de Wagner Schadeck) — NT. 3 Referência ao poema “Leonor” (1773), de Gottfried August Bürger (1747–1794) — NT. 4 Para evitar o palavrão, Broch apenas alude ao célebre insulto suábico de “Götz von Berlichingen” de Goethe (Ato iii): “*Er aber, sag’s ihm, er kann mich im Arsch lecken!*” (Ora, quanto a ele, diga-lhe que pode lamber-me o cu!) — nt. 5 Este “Prospecto metodológico”, como é chamado na correspondência de Broch, foi remetido ao editor alemão. No final de 1929, o autor enviou-o como informação complementar à primeira versão da trilogia para a Editora S. Fischer, depois em abril de 1930 para a Editora Kiepenheuer em Berlim, e em julho de 1930 para a Editora Rhein em Munique. O original é um manuscrito de quatro páginas (YUL: Biblioteca da Universidade de Yale). Impresso pela primeira vez em: *Wirkendes Wort*, vol. 17, nº 1 (1967), p. 42–44. Também em: *Hermann Broch — Danie/Brody. Correspondência 1930–1951*, editado por Bertold Hack e Marietta Kleiß (Frankfurt am Main: Buchhändler-Vereinigung, 1971), pp. 37–40; *Materiais para “Os sonâmbulos” de Hermann Broch*, editado por Gisela Brude-Firnau (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1912), pp. 7–10. 6 Este comentário faz parte de uma carta de Broch endereçada a Georg Heinrich Meyer, da Editora Rhein, datada de 10 de abril de 1930. O original desta carta está arquivado no Arquivo de Literatura Alemã, Marbach (DLA), com uma cópia disponível em YUL. Primeira publicação em: *Hermann Broch, Cartas de 1929 a 1951*, editado por Robert Pick (Zurique: RheinVerlag, 1957), p. 17–20. Também disponível em: *H. Broch–D. Brody, Correspondência*, *ibid.*, p. 15–17; *Materiais sobre “Os sonâmbulos” de H. Broch*, *ibid.*, p. 12–15. 7 A “Construção ética” foi anexada por Broch como um documento separado à sua carta para a Rhein-Verlag datada de 19 de julho de 1930. O original, um manuscrito de duas páginas, está arquivado no DLA,

com uma cópia disponível em YUL. Primeira publicação em: *H. Broch, Cartas*, ibid., p. 25–26. Também em: *H. Broch–D. Brody, Correspondência*, ibid., p. 37–39; *Materiais sobre “Os sonâmbulos” de H. Broch*, ibid., p. 15–17. 8 Broch proferiu esta breve conferência em 6 de fevereiro de 1931, como introdução a uma leitura da sessão “Esch” de *Os sonâmbulos* no Centro de Educação de Adultos de Viena (16º distrito). O original sem título é um manuscrito datilografado inédito de seis páginas, com várias correções feitas à máquina e à mão (YUL). Broch enviou o comentário com uma carta datada de 7 de fevereiro de 1931 (arquivada na YUL) para o crítico literário e jornalista vienense Theo Feldmann, observando que planejava desenvolver os pensamentos esboçados ali em um livro teórico sobre James Joyce e o romance moderno. Portanto, a conferência pode ser considerada um primeiro esboço do ensaio “James Joyce e o presente” (Cf. Volume 9/1, páginas 63–94 desta edição). Além disso, é um estudo preliminar para o ensaio “O imediato na filosofia e na poesia” (Cf. Volume 10/1, páginas 167–190 desta edição). 9 Este comentário pessoal de Broch é um esboço para um prospecto editorial (texto de capa), que Broch anexou à sua carta de 17 de março de 1932 a Daniel Brody, diretor da Rhein-Verlag. Fortemente resumido, serviu de modelo para a capa do livro na edição do volume “Huguenau” da trilogia (Rhein-Verlag, Munique / Zurique 1932). O original é um manuscrito de duas páginas, YUL. Primeira publicação em: *H. Broch–D. Brody, Correspondência*, ibid., pp. 288–290. Também em: *Materiais para “Os sonâmbulos” de H. Broch*, ibid., pp. 17–18.

Table of contents

1. OS SONAMBULOS

Guide

1. Cover

1.	1
2.	2
3.	3
4.	4
5.	5
6.	6
7.	7
8.	8
9.	9
10.	10
11.	11
12.	12
13.	13
14.	14
15.	15
16.	16
17.	17
18.	18
19.	19
20.	20
21.	21
22.	22
23.	23
24.	24
25.	25
26.	26
27.	27
28.	28
29.	29
30.	30
31.	31
32.	32

33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)
38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)

77.	77
78.	78
79.	79
80.	80
81.	81
82.	82
83.	83
84.	84
85.	85
86.	86
87.	87
88.	88
89.	89
90.	90
91.	91
92.	92
93.	93
94.	94
95.	95
96.	96
97.	97
98.	98
99.	99
100.	100
101.	101
102.	102
103.	103
104.	104
105.	105
106.	106
107.	107
108.	108
109.	109
110.	110
111.	111
112.	112
113.	113
114.	114
115.	115
116.	116
117.	117
118.	118
119.	119
120.	120

121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)
126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)

165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)
170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)

209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)
214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)
240. [240](#)
241. [241](#)
242. [242](#)
243. [243](#)
244. [244](#)
245. [245](#)
246. [246](#)
247. [247](#)
248. [248](#)
249. [249](#)
250. [250](#)
251. [251](#)
252. [252](#)

253. [253](#)
254. [254](#)
255. [255](#)
256. [256](#)
257. [257](#)
258. [258](#)
259. [259](#)
260. [260](#)
261. [261](#)
262. [262](#)
263. [263](#)
264. [264](#)
265. [265](#)
266. [266](#)
267. [267](#)
268. [268](#)
269. [269](#)
270. [270](#)
271. [271](#)
272. [272](#)
273. [273](#)
274. [274](#)
275. [275](#)
276. [276](#)
277. [277](#)
278. [278](#)
279. [279](#)
280. [280](#)
281. [281](#)
282. [282](#)
283. [283](#)
284. [284](#)
285. [285](#)
286. [286](#)
287. [287](#)
288. [288](#)
289. [289](#)
290. [290](#)
291. [291](#)
292. [292](#)
293. [293](#)
294. [294](#)
295. [295](#)
296. [296](#)

297. [297](#)
298. [298](#)
299. [299](#)
300. [300](#)
301. [301](#)
302. [302](#)
303. [303](#)
304. [304](#)
305. [305](#)
306. [306](#)
307. [307](#)
308. [308](#)
309. [309](#)
310. [310](#)
311. [311](#)
312. [312](#)
313. [313](#)
314. [314](#)
315. [315](#)
316. [316](#)
317. [317](#)
318. [318](#)
319. [319](#)
320. [320](#)
321. [321](#)
322. [322](#)
323. [323](#)
324. [324](#)
325. [325](#)
326. [326](#)
327. [327](#)
328. [328](#)
329. [329](#)
330. [330](#)
331. [331](#)
332. [332](#)
333. [333](#)
334. [334](#)
335. [335](#)
336. [336](#)
337. [337](#)
338. [338](#)
339. [339](#)
340. [340](#)

341. [341](#)
342. [342](#)
343. [343](#)
344. [344](#)
345. [345](#)
346. [346](#)
347. [347](#)
348. [348](#)
349. [349](#)
350. [350](#)
351. [351](#)
352. [352](#)
353. [353](#)
354. [354](#)
355. [355](#)
356. [356](#)
357. [357](#)
358. [358](#)
359. [359](#)
360. [360](#)
361. [361](#)
362. [362](#)
363. [363](#)
364. [364](#)
365. [365](#)
366. [366](#)
367. [367](#)
368. [368](#)
369. [369](#)
370. [370](#)
371. [371](#)
372. [372](#)
373. [373](#)
374. [374](#)
375. [375](#)
376. [376](#)
377. [377](#)
378. [378](#)
379. [379](#)
380. [380](#)
381. [381](#)
382. [382](#)
383. [383](#)
384. [384](#)

385. [385](#)
386. [386](#)
387. [387](#)
388. [388](#)
389. [389](#)
390. [390](#)
391. [391](#)
392. [392](#)
393. [393](#)
394. [394](#)
395. [395](#)
396. [396](#)
397. [397](#)
398. [398](#)
399. [399](#)
400. [400](#)
401. [401](#)
402. [402](#)
403. [403](#)
404. [404](#)
405. [405](#)
406. [406](#)
407. [407](#)
408. [408](#)
409. [409](#)
410. [410](#)
411. [411](#)
412. [412](#)
413. [413](#)
414. [414](#)
415. [415](#)
416. [416](#)
417. [417](#)
418. [418](#)
419. [419](#)
420. [420](#)
421. [421](#)
422. [422](#)
423. [423](#)
424. [424](#)
425. [425](#)
426. [426](#)
427. [427](#)
428. [428](#)

429. [429](#)
430. [430](#)
431. [431](#)
432. [432](#)
433. [433](#)
434. [434](#)
435. [435](#)
436. [436](#)
437. [437](#)
438. [438](#)
439. [439](#)
440. [440](#)
441. [441](#)
442. [442](#)
443. [443](#)
444. [444](#)
445. [445](#)
446. [446](#)
447. [447](#)
448. [448](#)
449. [449](#)
450. [450](#)
451. [451](#)
452. [452](#)
453. [453](#)
454. [454](#)
455. [455](#)
456. [456](#)
457. [457](#)
458. [458](#)
459. [459](#)
460. [460](#)
461. [461](#)
462. [462](#)
463. [463](#)
464. [464](#)
465. [465](#)
466. [466](#)
467. [467](#)
468. [468](#)
469. [469](#)
470. [470](#)
471. [471](#)
472. [472](#)

473. [473](#)
474. [474](#)
475. [475](#)
476. [476](#)
477. [477](#)
478. [478](#)
479. [479](#)
480. [480](#)
481. [481](#)
482. [482](#)
483. [483](#)
484. [484](#)
485. [485](#)
486. [486](#)
487. [487](#)
488. [488](#)
489. [489](#)
490. [490](#)
491. [491](#)
492. [492](#)
493. [493](#)
494. [494](#)
495. [495](#)
496. [496](#)
497. [497](#)
498. [498](#)
499. [499](#)
500. [500](#)
501. [501](#)
502. [502](#)
503. [503](#)
504. [504](#)
505. [505](#)
506. [506](#)
507. [507](#)
508. [508](#)
509. [509](#)
510. [510](#)
511. [511](#)
512. [512](#)
513. [513](#)
514. [514](#)
515. [515](#)
516. [516](#)

517. [517](#)
518. [518](#)
519. [519](#)
520. [520](#)
521. [521](#)
522. [522](#)
523. [523](#)
524. [524](#)
525. [525](#)
526. [526](#)
527. [527](#)
528. [528](#)
529. [529](#)
530. [530](#)
531. [531](#)
532. [532](#)
533. [533](#)
534. [534](#)
535. [535](#)
536. [536](#)
537. [537](#)
538. [538](#)
539. [539](#)
540. [540](#)
541. [541](#)
542. [542](#)
543. [543](#)
544. [544](#)
545. [545](#)
546. [546](#)
547. [547](#)
548. [548](#)
549. [549](#)
550. [550](#)
551. [551](#)
552. [552](#)
553. [553](#)
554. [554](#)
555. [555](#)
556. [556](#)
557. [557](#)
558. [558](#)
559. [559](#)
560. [560](#)

561. [561](#)
562. [562](#)
563. [563](#)
564. [564](#)
565. [565](#)
566. [566](#)
567. [567](#)
568. [568](#)
569. [569](#)
570. [570](#)
571. [571](#)
572. [572](#)
573. [573](#)
574. [574](#)
575. [575](#)
576. [576](#)
577. [577](#)
578. [578](#)
579. [579](#)
580. [580](#)
581. [581](#)
582. [582](#)
583. [583](#)
584. [584](#)
585. [585](#)
586. [586](#)
587. [587](#)
588. [588](#)
589. [589](#)
590. [590](#)
591. [591](#)
592. [592](#)
593. [593](#)
594. [594](#)
595. [595](#)
596. [596](#)
597. [597](#)
598. [598](#)
599. [599](#)
600. [600](#)
601. [601](#)
602. [602](#)
603. [603](#)
604. [604](#)

605. [605](#)
606. [606](#)
607. [607](#)
608. [608](#)
609. [609](#)
610. [610](#)
611. [611](#)
612. [612](#)
613. [613](#)
614. [614](#)
615. [615](#)
616. [616](#)
617. [617](#)
618. [618](#)
619. [619](#)
620. [620](#)
621. [621](#)
622. [622](#)
623. [623](#)
624. [624](#)
625. [625](#)
626. [626](#)
627. [627](#)
628. [628](#)
629. [629](#)
630. [630](#)
631. [631](#)
632. [632](#)
633. [633](#)
634. [634](#)
635. [635](#)
636. [636](#)
637. [637](#)
638. [638](#)
639. [639](#)
640. [640](#)
641. [641](#)
642. [642](#)
643. [643](#)
644. [644](#)
645. [645](#)
646. [646](#)
647. [647](#)
648. [648](#)

649. [649](#)
650. [650](#)
651. [651](#)
652. [652](#)
653. [653](#)
654. [654](#)
655. [655](#)
656. [656](#)
657. [657](#)
658. [658](#)
659. [659](#)
660. [660](#)
661. [661](#)
662. [662](#)
663. [663](#)
664. [664](#)
665. [665](#)
666. [666](#)
667. [667](#)
668. [668](#)
669. [669](#)
670. [670](#)
671. [671](#)
672. [672](#)
673. [673](#)
674. [674](#)
675. [675](#)
676. [676](#)
677. [677](#)
678. [678](#)
679. [679](#)
680. [680](#)
681. [681](#)
682. [682](#)
683. [683](#)
684. [684](#)
685. [685](#)
686. [686](#)
687. [687](#)
688. [688](#)
689. [689](#)
690. [690](#)
691. [691](#)
692. [692](#)

693. [693](#)
694. [694](#)
695. [695](#)
696. [696](#)
697. [697](#)
698. [698](#)
699. [699](#)
700. [700](#)
701. [701](#)
702. [702](#)
703. [703](#)
704. [704](#)
705. [705](#)
706. [706](#)
707. [707](#)
708. [708](#)
709. [709](#)
710. [710](#)
711. [711](#)
712. [712](#)
713. [713](#)
714. [714](#)
715. [715](#)
716. [716](#)
717. [717](#)
718. [718](#)
719. [719](#)
720. [720](#)
721. [721](#)
722. [722](#)
723. [723](#)
724. [724](#)
725. [725](#)
726. [726](#)
727. [727](#)
728. [728](#)
729. [729](#)
730. [730](#)
731. [731](#)
732. [732](#)
733. [733](#)
734. [734](#)
735. [735](#)
736. [736](#)

737. [737](#)
738. [738](#)
739. [739](#)
740. [740](#)
741. [741](#)
742. [742](#)
743. [743](#)
744. [744](#)
745. [745](#)
746. [746](#)
747. [747](#)
748. [748](#)
749. [749](#)
750. [750](#)
751. [751](#)
752. [752](#)
753. [753](#)
754. [754](#)
755. [755](#)
756. [756](#)
757. [757](#)
758. [758](#)
759. [759](#)
760. [760](#)
761. [761](#)
762. [762](#)
763. [763](#)
764. [764](#)
765. [765](#)
766. [766](#)
767. [767](#)
768. [768](#)
769. [769](#)
770. [770](#)
771. [771](#)
772. [772](#)
773. [773](#)
774. [774](#)
775. [775](#)
776. [776](#)
777. [777](#)
778. [778](#)
779. [779](#)
780. [780](#)

781. [781](#)
782. [782](#)
783. [783](#)
784. [784](#)
785. [785](#)
786. [786](#)
787. [787](#)
788. [788](#)
789. [789](#)
790. [790](#)
791. [791](#)
792. [792](#)
793. [793](#)
794. [794](#)
795. [795](#)
796. [796](#)
797. [797](#)
798. [798](#)
799. [799](#)
800. [800](#)
801. [801](#)
802. [802](#)
803. [803](#)
804. [804](#)
805. [805](#)
806. [806](#)
807. [807](#)
808. [808](#)
809. [809](#)
810. [810](#)
811. [811](#)
812. [812](#)
813. [813](#)
814. [814](#)
815. [815](#)
816. [816](#)
817. [817](#)
818. [818](#)
819. [819](#)
820. [820](#)
821. [821](#)
822. [822](#)
823. [823](#)
824. [824](#)

825. [825](#)
826. [826](#)
827. [827](#)
828. [828](#)
829. [829](#)
830. [830](#)
831. [831](#)
832. [832](#)
833. [833](#)
834. [834](#)
835. [835](#)
836. [836](#)
837. [837](#)
838. [838](#)
839. [839](#)
840. [840](#)
841. [841](#)
842. [842](#)
843. [843](#)
844. [844](#)
845. [845](#)
846. [846](#)
847. [847](#)
848. [848](#)
849. [849](#)
850. [850](#)
851. [851](#)
852. [852](#)
853. [853](#)
854. [854](#)
855. [855](#)
856. [856](#)
857. [857](#)
858. [858](#)
859. [859](#)
860. [860](#)
861. [861](#)
862. [862](#)
863. [863](#)
864. [864](#)
865. [865](#)
866. [866](#)
867. [867](#)
868. [868](#)

869. [869](#)
870. [870](#)
871. [871](#)
872. [872](#)
873. [873](#)
874. [874](#)
875. [875](#)
876. [876](#)
877. [877](#)
878. [878](#)
879. [879](#)
880. [880](#)
881. [881](#)
882. [882](#)
883. [883](#)
884. [884](#)
885. [885](#)
886. [886](#)
887. [887](#)
888. [888](#)
889. [889](#)
890. [890](#)
891. [891](#)
892. [892](#)
893. [893](#)
894. [894](#)
895. [895](#)
896. [896](#)
897. [897](#)
898. [898](#)
899. [899](#)
900. [900](#)
901. [901](#)
902. [902](#)
903. [903](#)
904. [904](#)
905. [905](#)
906. [906](#)
907. [907](#)
908. [908](#)
909. [909](#)
910. [910](#)
911. [911](#)
912. [912](#)

913. [913](#)
914. [914](#)
915. [915](#)
916. [916](#)
917. [917](#)
918. [918](#)
919. [919](#)
920. [920](#)
921. [921](#)
922. [922](#)
923. [923](#)
924. [924](#)
925. [925](#)
926. [926](#)
927. [927](#)
928. [928](#)